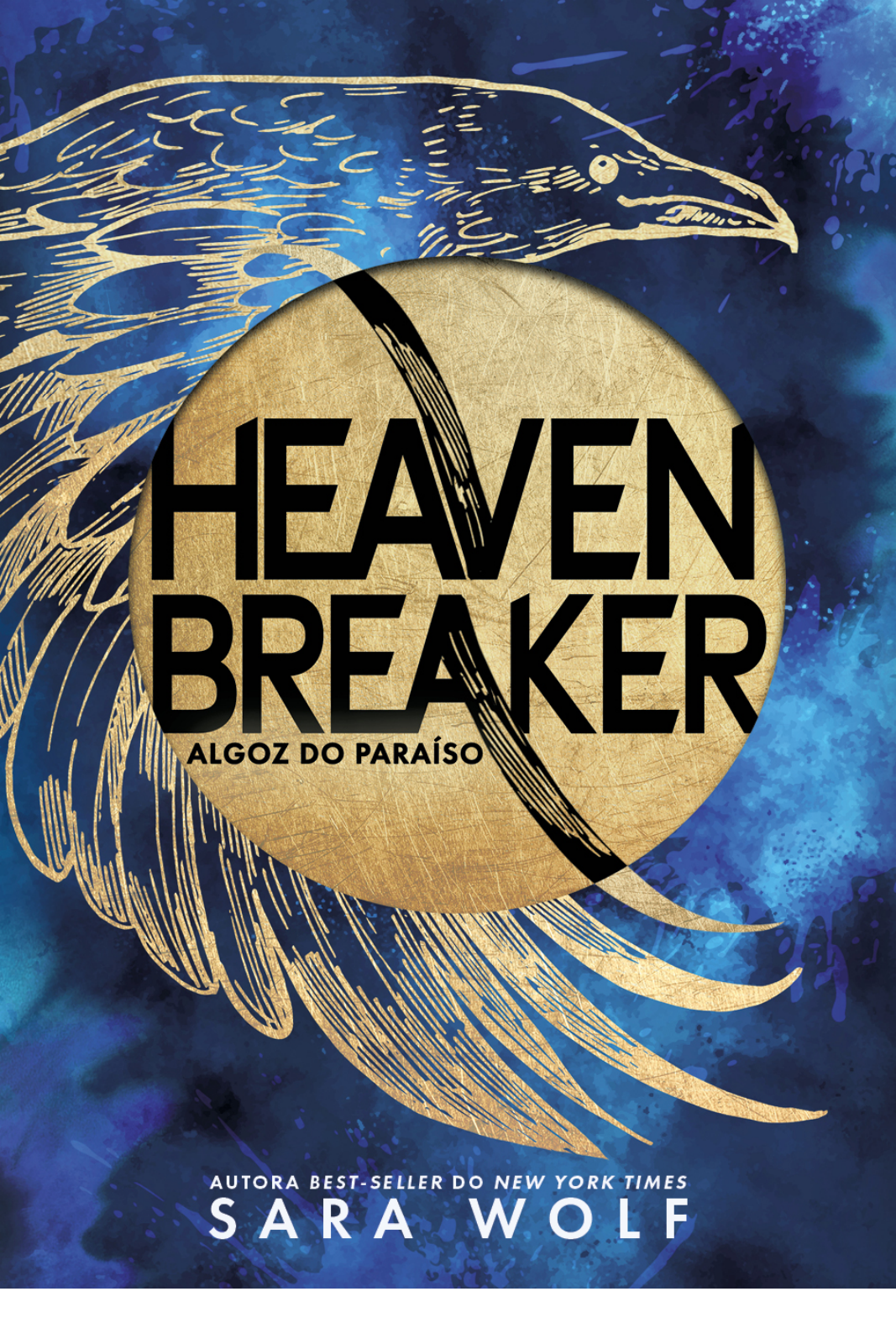




HEAVEN BREAKER

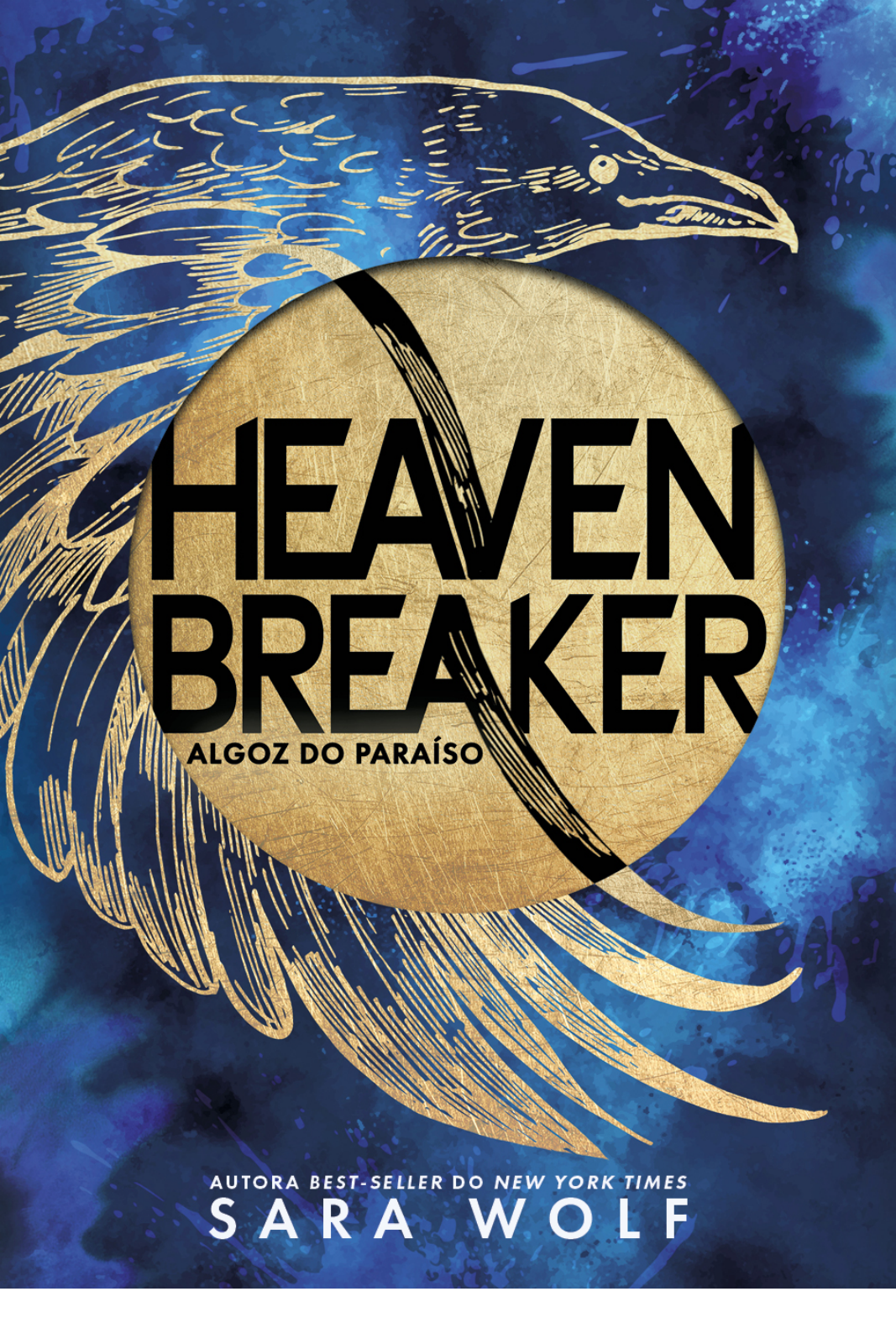
ALGOZ DO PARAÍSO

AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

SARA WOLF

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



HEAVEN BREAKER

ALGOZ DO PARAÍSO

AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

SARA WOLF

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM





HEAVEN BREAKER

ALGOZ DO PARAÍSO

S A R A W O L F

TRADUÇÃO
BÁRBARA WAIDA

PLATA
FORMA 21

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

PARTE I | O COELHO

0. Ignescio

1. Acies

2. Aureus

3. Bellicus

4. Caecus

–10. Aranea

5. Abyssus

6. Clarus

7. Vulpes

8. Novicius

–9. Vermis

9. Feritas

PARTE II | A TEIA DE ARANHA

10. Humo

11. Falcifer

12. Ovum

13. Oceanus

14. Purgo

15. Fulmen

16. Indico

–8. Exosso

17. Gravo

18. Quies

PARTE III | O CAVALO E O VEADO

19. Occipio

20. Lacero

21. Ambages

22. Nihil

23. Flos

24. Omnis

–7. Metus

25. Paciscor

26. Adustio

27. Lux

28. Quassatio

29. Relictus

30. Continuo

PARTE IV | O CORVO

31. Argentum

32. Capsus

33. Consummo

–6. Votum

34. Sepulcrum

35. Tempestas

36. Ulciscor

37. Vacuus

38. Praetexo

39. Spira

40. Trigeminus

PARTE V | A COBRA E O TIGRE

–5. Adsum

41. Saxum

42. Runco

43. Bellus

44. Clementia

45. Viridis

46. Decipio

47. Cicatrix

48. Eminus

49. Chorda

50. Glacio

–4. Agna

51. Gesto

52. Hospes

53. Cursor

54. Incorruptus

55. Finis

56. Jugiter

–3. Luctus

57. Aculeus

58. Mortifer

59. Hiems

60. Nescio

61. Omnino

62. Fortitudo

–2. Invenio

63. Perlustro

64. Quia

65. Servo

66. Sanitas

–1. Litatio

67. Trucido

68. Proelium

0. Caeruleus

69. Confractus

70. Stilla

71. Universus

72. Vorago

73. Aes

74. Animus

75. Apricus

76. Gladiator

77. Propago

Agradecimientos

Copyright © 2024 by Sara Wolf

First Published by Red Tower Books, an imprint of Entangled Publishing, LLC. Translation rights arranged by Alliance Rights Agency and Sandra Bruna Agencia Literaria, SL. All rights reserved. Publicado originalmente por Red Tower Books, um selo de Entangled Publishing, LLC. Direitos de tradução geridos por Alliance Rights Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL. Todos os direitos reservados.
© 2024 VR Editora S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da VR Editora

gerente editorial Tamires von Atzingen
editora Thaíse Costa Macêdo
editora-assistente Marina Constantino
assistente editorial Michelle Oshiro
preparação Raquel Nakasone
revisão Bárbara Prince e João Rodrigues
design de capa Elizabeth Turner Stokes
imagens de arte de capa e miolo aksol/Shutterstock; Warm_Tail/Shutterstock; OnlyFlags/Shutterstock; tohastock/Vecteezy; macrovector/Freepik; Elizabeth Turner Stokes
Design de miolo Heather Howland
adaptação de capa e miolo Pamella Destefi
diagramação Pamella Destefi
produção gráfica Alexandre Magno
produção do e-book Guilherme Francini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

~~(Câmara Brasileira do Livro - SP, Brasil)~~

Wolf, Sara

Heavenbreaker [livro eletrônico]: algoz do paraíso / Sara Wolf; tradução Bárbara Waida. — Cotia, SP: Plataforma21, 2024.

1. Pub.

Título original: Heavenbreaker

ISBN 078-65-88213-87-6

1. Ficção científica norte-americana I. Título

24-216970

CDD-813.0876

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção científica: Literatura norte-americana 813.0876

Eliane de Freitas Leite — Bibliotecária — CRB 8/8415

Todos os direitos desta edição reservados à

VR Editora S.A.

Via das Magnólias, 327 – Sala 01 | Jardim Colibri

CEP 06713-270 | Cotia | SP

Tel.: (+55 11) 4702-9148

plataforma21.com.br | plataforma21@vreditoras.com.br

Para Ruth. Fui eu que fiquei para trás com saudade de você.

Aviso de conteúdo:

Heavenbreaker é uma obra de ficção, mas trata de muitas questões reais e sensíveis, como luto e morte de familiares, violência, assassinato, suicídio, uso de drogas, envenenamento, representações de trauma religioso, trabalho sexual e discriminação de classe. Violência doméstica e abuso sexual são mencionados.

Se você, ou alguém que você conhece, está pensando em suicídio, saiba que não está sozinho. Peça ajuda. Você também pode encontrar informações nos sites www.cvv.org.br e www.setembroamarelo.com.

PARTE I

O COELHO

0. Ignesco

ignescō ~ere, *intr.*

1. começar a queimar; pegar fogo

No mesmo ano, na mesma estação espacial orbitando o gigante gasoso verde Esther, três crianças completam cinco anos.

Uma delas é uma menina de cabelo preto, saltando descalça por um duto de aço que libera fumaça de enxofre. Cruzes desgastadas suspensas por arame farpado e holotelas meio quebradas assistem de cima à sua jornada, enquanto anúncios de café e purificadores de ar piscam para ela como pais amorosos. Em uma mão, ela leva uma cesta de presentes que vasculhou para sua mãe – pão queimado e as partes das frutas que ninguém quer. Ela nunca conheceu o pai, mas sonha com ele.

A outra criança é um menino de cabelo platinado pequeno demais para sua idade. Seu casaco é bordado em prata e seus sapatos são novos e brilhantes, mas seu rosto está sujo com seus próprios excrementos e sangue seco. Ele chora e chora enquanto sua mãe o guia pelo cotovelo através dos corredores de mármore de sua mansão até a cabine de um monstro de metal vermelho. A porta se fecha atrás dele, e ele bate os punhos nela, implorando para sair. Ele sonha com liberdade, mas nunca a experimentou.

A última criança é uma menina com olhos azuis e profundos como um lago sombreado. Ela está confortável sob um cobertor de penas brancas, guinchando de alegria quando o pai aparece para lhe dar boa-noite. Sob a luz de uma holovela, ele lê para ela o conto da Guerra dos Cavaleiros na Terra antiga – que aconteceu há quatrocentos anos e deixou cinco bilhões de mortos – e, do lado de fora da janela, há apenas o espaço preto, estrelas prateadas e um grande planeta verde em cuja superfície uma tempestade de sílica branca rotaciona lentamente. A garota sonha

com grandes honras, e as terá.

Mas depois vai perder tudo.

Quinze anos depois

1. Acies

aciēs ~ēī, f.

1. uma ponta afiada

2. uma linha de batalha



Quando conheci meu pai, conversamos sobre rosas, a sensação teórica da chuva e o perfume de lilases que mamãe exalava enquanto penteava meu cabelo. Ah, e sobre o punhal nas costas dele. Falamos disso também.

Mas bem brevemente.

Agora ele está morto. E é provável que logo também estarei.

Inspiro e abro as torneiras folheadas a ouro da pia dele. Sob a água suave, esfrego as mãos e vejo seu sangue rodeando o ralo. Pedacinho por pedacinho, removo-o de baixo das minhas unhas.

As luzes do banheiro do escritório dele são suaves e estáveis. Totalmente diferentes das lâmpadas fluorescentes que piscam sem parar do meu apartamento na Ala Baixa. Na luz forte, posso ver cada costura solta na minha túnica remendada sob o disfarce da jaqueta de zelador, cada rasgo antigo que mamãe consertou com fibras de plástico no lugar de linha.

Estremeço diante do rosto que me olha de volta no espelho. Parece o de papai. O mesmo cabelo preto, embora o dele estivesse ficando grisalho. As mesmas maçãs do rosto angulosas.

E nós dois temos os mesmos pequenos olhos azuis que parecem mortos por dentro.

Não. Não “temos”. Ele tinha.

Uma batida à porta do escritório faz minha alma sair do corpo, e uma voz sedosa chama do outro lado:

– Duque Hauteclare?

Meu coração para por um instante. O criado de papai.

Por um momento, minhas entranhas se retorcem, minha respiração fica ofegante. É agora?

É agora que eu morro? Quando ele entrar e notar o sangue acumulado no tapete e sacar uma pistola de luz sólida? Quando ele chamar os guardas e eles me evacuarem para o espaço para que eu me junte ao cadáver de papai? Ou vou poder esperar em uma cela antes de receber a pretensa justiça deles – uma morte excruciante ao ser queimada num duto de plasma?

Eu, Synali Emilia Woster, matei meu pai, um duque da reluzente corte do Novo-Rei Ressimus III. Depois de tantos meses de planejamento, espera, observação... Está feito. Tudo o que resta agora é fugir para os becos da Ala Baixa.

A voz do criado tem um tom inocente.

– Seu corcel o aguarda no hangar seis, Vossa Graça. O alerta de vinte minutos foi emitido, então, por favor, envie o ginete escolhido em breve.

Passos no corredor de mármore indicam a partida do criado – pequenos milagres –, mas minhas entranhas ainda se reviram. Ele não é o único lá fora esperando por mim. Os guardas, as câmeras... Planejei minuto a minuto minha rota de entrada no salão de torneios, mas, com a vingança ardendo no sangue, a rota de saída sempre foi apenas uma ideia vaga.

Só agora percebo a fria e derradeira verdade: não há saída.

Olho para o elegante elmo de montaria branco no balcão de mármore, um leão dourado com asas adornando o visor. O leão alado é o emblema da nobre Casa Hauteclare – *minha* Casa, uma Casa da qual eu não sabia fazer parte até seis meses atrás.

Meu pai, o Duque Hauteclare, governava como um déspota, como todas as nobres Casas são governadas – com acordos obscuros e redes de

comércio de drogas e proteção a traficantes de armas. Eu cresci assistindo às nobres Casas pilhando e destruindo a Ala Baixa, lenta e insidiosamente, e, depois, de uma só vez, quando o honorável duque mandou um assassino para matar mamãe e a mim.

Eu sobrevivi. Ela não.

Meu olhar recai sobre as manchas de sangue no tapete do escritório, viscosas e escuras. Passos vermelhos, marcas vermelhas de algo sendo arrastado. Eu me viro com os ombros tremendo. O espaço persiste fora da janela do escritório, mais escuro que nunca. Nossa Estação é uma das sete construídas durante a Guerra dos Cavaleiros – um arco gigante protegendo os resquícios da humanidade depois que o inimigo destruiu a superfície da Terra com suas chamas de laser. Os cavaleiros enfim venceram, mas, no seu último ataque, o inimigo arremessou as sete estações através do universo usando algum poder misterioso – e nós permanecemos aqui, sozinhos, orbitando o gigante gasoso verde Esther e tentando desesperadamente terraformá-lo e fazer contato com as outras estações.

Fico olhando para Esther até meus olhos lacrimejarem. Não sei o que fazer agora. Minha vida desde que mamãe morreu tem sido bem definida: comer, dormir, me preparar – uma lista de passos que segui até o fim. Toco meu pulso direito e o retângulo de luz azul implantada brilha sob minha pele, projetando meu vis no ar numa perfeita holografia flutuante. Seleciono o *timer* e o ajuste para sessenta segundos. Um minuto de fraqueza. Isso é tudo que vou me permitir.

Aperto o pingente de cruz de mamãe em volta do meu pescoço até senti-lo se enterrar em minha palma.

“Tudo bem chorar, coração.”

Deixo as lágrimas lavarem os respingos do sangue dele do meu rosto. Seu sangue arruinou tudo.

Ele a matou e tentou me matar. Meu pai, minha família, o homem que nunca conheci, o homem com quem sonhava quando criança, o homem bom e forte que mamãe sempre disse que ele era... Por quê? Não – eu sei por quê. Troquei meu corpo e minha alma nesses últimos seis meses para descobrir por quê.

Os soluços abafados impactam meu peito como uma dor meio

engolida, como fúria, como desespero. Tudo se levanta novamente em uma onda terrível conforme os dígitos azuis do vis fazem contagem regressiva no ar: *Cinco. Quatro. Três. Dois.*

Um.

Minhas lágrimas desaceleraram e então param. Não acabou. Eu matei papai, mas ele não se foi de verdade. Destruí seu corpo, mas não seu mundo. Meu mundo era mamãe, mas o mundo dele era sua reputação, seus créditos, seu poder e seu orgulho. Ele a matou por poder. Por sua *Casa*. Assim, enquanto a Casa Hauteclare estiver de pé, ele ainda vive.

Não posso dissolver uma nobre Casa; ninguém a não ser o próprio rei pode fazer isso. Mas *posso* lhe trazer desonra.

Não há escapatória, porém ainda posso morrer nos meus próprios termos.

De repente, um rugido baixo atravessa as paredes do escritório: a multidão da arena. Estão aguardando do lado de fora pelo maior espetáculo de todos – um torneio de montaria. Apenas nobres puro-sangue têm permissão para montar em tais torneios, mas vou ignorar isso. Sou a vergonha sobre a qual sussurram na corte do Novo-Rei, metade sangue nobre de papai e metade sangue plebeu de mamãe – sou a filha bastarda.

E se sou a razão da morte de mamãe, então serei a razão pela qual a Casa Hauteclare vai encontrar o mesmo destino.

Eu nunca montei. Os corcéis – os mechas gigantes montados pela nobreza nos torneios – não são para plebeus; eles eram máquinas mortíferas desenvolvidas para os cavaleiros durante a Guerra.

Os nobres devem treinar desde a infância para montar um corcel, ou morrerão sobre a sela.

Engulo uma pontada de medo. Como quase todo mundo na Ala Baixa, passei a infância assistindo aos torneios dos nobres no meu vis. Sei como eles são pelo lado de fora, e somente pelo lado de fora. Os nobres participam e os nobres assistem. Bastardos não montam. Seria uma desgraça imperdoável para qualquer Casa deixar uma bastarda como eu montar.

O traje de montaria sobressalente no armário do meu pai brilha, branco com bordas douradas. Ele montava pela Casa Hauteclare até que

a idade o forçou a parar, e não deixo de ver a ironia disso; agora seu velho traje permitirá que eu desonre a Casa dele de uma vez por todas. Não vou morrer em silêncio. Minha morte será um esplendor de vingança.

O conjunto maciço é feito de um material brilhante parecido com couro e tem o dobro do meu tamanho, mas, quando o coloco sobre a cabeça e pressiono os punhos dourados, ele se ajusta ao meu corpo com um único silvo conforme se acomoda à minha carne esfomeada.

Visto o elmo pomposo na cabeça e, no reflexo do armário, o visor opaco consome quem eu era e me transforma no que devo me tornar.

Vou esconder as manchas de sangue da família como papai fez – coberta de branco e dourado.

2. Aureus

aureus ~a ~um, a.

1. coberto de ouro, dourado



Refação meus passos conforme atravesso o salão de torneios em direção ao hangar seis. Tenho de andar depressa – perdi minutos preciosos enfiando o corpo de papai na câmara de vácuo. O corredor cavernoso e frio se descortina em mármore e aço. A Estação é grande o bastante para abrigar três alas – a Ala Baixa, a Ala Média e a Ala Nobre –, mas o salão de torneios é maior que qualquer edifício, exceto pelo palácio do rei. Como a montaria é

o único esporte aprovado tanto pelo rei como pela igreja, o salão de torneios é um polo de entretenimento e lazer – um dos poucos lugares onde plebeus são bem-vindos para gastar seus créditos e encher as arquibancadas.

Aumento a velocidade quando viro à esquerda em direção ao hangar seis, seguindo as luminárias cor de laranja talhadas no formato de anjos. Como deve ser fácil a vida dos nobres se eles podem perder tempo embelezando as luzes. Eles têm comida em abundância e remédios suficientes para curar qualquer resfriado que possam pegar, enquanto a varíola não para de exterminar o resto de nós. As marcas nas minhas próprias bochechas ardem – eu peguei a doença há muito tempo e quase

não sobrevivi. O rosto do meu pai, por outro lado, era assustadoramente liso. Nobres nunca precisam sobreviver. Eles decidem quem sobrevive.

Um duque detém a posição mais alta dentro de uma Casa. Ele supervisiona um punhado de lordes, e esse punhado de lordes supervisiona os muitos barões que nos mantêm na pobreza, à mercê da aristocracia e da sua miríade de amigos em todos os lugares. Eles decidem quem vive, quem obtém as rações de proteína e quem morre.

Mas, desta vez, fui eu que decidi. De agora em diante, sou a única que pode decidir quando e onde vou morrer.

E vai ser dentro de um corcel.

Levanto o olhar para os imponentes estandartes das nobres Casas enfileirados no salão de torneios: o dragão roxo e dourado da Casa do rei – a Casa Ressimus – é o mais proeminente de todos. Fãs não são permitidos perto dos hangares, mas um grupo conseguiu entrar mesmo assim e espera a passagem dos seus ginetes favoritos com flores de estufa e livros de autógrafos – papel verdadeiro e precioso; fanatismo verdadeiro e barato.

– Quem é aquela? – sussurra uma garota, com os olhos em mim.

– A ginete da Hauteclare – afirma um homem ao lado dela. – A única Casa que usa um branco tão brilhante assim é a Hauteclare.

– Mas... uma garota? Pensei que o Duque Hauteclare montasse o corcel deles.

O homem balança a cabeça em negativa.

– Lady Mirelle Ashadi-Hauteclare monta para eles agora. O duque se aposentou há três anos. Seu ferimento na cabeça na última Copa Supernova...

Eu os dessintonizo com a mesma facilidade com que diminuo a nitidez de um vis. Usei o vis no pulso moribundo dele para mandar uma mensagem para a tal “Lady Mirelle” dizendo que a justa do torneio atrasaria meia hora. Ela será o menor dos meus problemas.

A montaria é uma profissão para nobres puros e tem uma academia inteira dedicada a ela. Os próprios corcéis são máquinas altamente complexas e aperfeiçoadas – um movimento errado significa o fim. Apesar de assistir ao esporte, com certeza vou fazer muitos movimentos errados que culminarão na minha própria morte hoje.

Ainda assim, a corte não vai saber que sou uma bastarda até abrirem a cabine do corcel e tirarem o elmo do meu cadáver. As marcas de varíola nas minhas bochechas provarão que sou uma plebeia sem créditos para consertá-las, e o teste de DNA provará que sou ainda pior – a bastarda da Casa Hauteclare. Será a primeira e única Casa na história a manchar o sagrado mundo da montaria.

Um arrepio atravessa minha espinha. Essa morte vai doer mais que a queimadura no duto de plasma da justiça, mas vai doer mais neles que em mim.

Um ginete alto com ombros largos chama a minha atenção conforme se aproxima de mim. Ele usa um traje de montaria vermelho tão carmesim que até machuca os olhos. *Sangue no tapete de papai; sangue no pescoço de mamãe.* O selo de um falcão marrom grita no elmo ornamentado do ginete, mas ignoro a que Casa ele pertence – há cinquenta e uma Casas na corte do rei, e só os nobres se incomodam em memorizar os selos das suas dezenas de companheiros cuzões.

Levanto o queixo. No passado, talvez eu tivesse medo da simples altura desse ginete se agigantando sobre mim, do modo como seu traje justo destaca cada músculo duramente conquistado do seu corpo impressionante. Talvez ficasse desconfortável com a leveza com que ele anda pelo chão de mármore – como fogo líquido. *Uma coisa tão grande não deveria se mover de maneira tão graciosa.* Mas tudo o que sinto agora é o fim me puxando tão inexoravelmente como um gerador de gravidade.

Nós nos aproximamos, e o ombro do Ginete Vermelho colide contra o meu. *De propósito.* Eu cambaleio, mas ele nem sequer levanta o visor para pedir desculpas. Uma voz profunda ressoa dos alto-falantes do elmo:

– Está bêbada, Mirelle? Jeito interessante de começar a temporada. Devo lhe enviar uma garrafa de um bom uísque da Terra? Vamos brindar depois que eu a derrotar em uma única rodada.

Fico em silêncio. Ele me rodeia como um cão faminto.

– Hum... você parece mais magra. Tem economizado nos legumes?

Minha voz vai me denunciar, mas, se eu não demonstrar nenhuma reação, vai ser ainda mais suspeito. O Ginete Vermelho estende a mão

para mim, e eu levanto a minha para interceptá-lo imediatamente. Nossas palmas se encostam e congelam, e a adrenalina surge quente no meu estômago. Ele inclina o elmo, o olho do selo de falcão me encarando com hostilidade.

– Bravinha hoje, hein? Ainda temos quinze minutos até o lançamento. Será que deveríamos continuar isso no vestiário, só eu e você?

Ele tenta entrelaçar os dedos nos meus, mas, embora seja mais alto e mais forte, meu tempo no bordel coletando informações sobre meu pai me ensinou muito bem a arte da chave de braço.

Torço o cotovelo dele para trás. Seu gemido de dor ressoa enquanto aproveito o impulso para a frente e o derrubo no chão, prendendo-o embaixo de mim. Meu peito se agita quando olho para seu visor preto sem vida, meu elmo dourado e branco refletido de volta para mim.

O único indício de humanidade no Ginete Vermelho é o modo como seu peito largo afunda a cada respiração curta. Meus pulsos não são mais que ossos comparados com os dele. Ele é tão ridiculamente massivo que sair dessa imobilização deveria ser brincadeira de criança, mas, por alguma razão inescrutável, ele fica embaixo de mim por muito mais tempo que o necessário. Uma respiração. Três.

O calor do seu torso queima a parte interna das minhas coxas. Um calor se move na minha lombar... seus dedos tentando recuperar a vantagem. Eu os agarro e torço, levando seu braço ao chão acima da cabeça. Nossos elmos de repente estão excessivamente próximos, visor preto com visor preto. A sensação de um elástico se esticando demais comprime meu peito.

Ele cede primeiro. Levanta o visor só um pouquinho, e a luz sólida, preta e brilhante se dissolve para revelar olhos castanhos, cor de madeira vermelha – como o pingente de mamãe, quente e avermelhado e complexo –, com cílios escuros.

– Se você me queria assim... – Ele ri suavemente. – Era só pedir.

Ele é o nobre típico – indulgente, arrogante, ignorante. O protetor de virilha faz pouco para esconder sua excitação, mas essa excitação faz um excelente trabalho ao distraí-lo da impostora sentada em cima dele. Minha careta enojada por trás do visor é a primeira expressão que faço

para outro ser humano em... semanas? Meses?

Os fãs do torneio nos cercam para gravar tudo em seus vis, os pulsos explodindo com o brilho azul de uma dezena de holotelas projetadas.

– Confronto corporal entre ginetes antes de uma justa é falta! – grita alguém.

– Será que chamamos um juiz? – pergunta outro.

Juiz. É menos uma palavra e mais uma facada no meu cérebro, um aviso – *autoridade é a única coisa que pode impedir você agora.* Eu me levanto e me afasto dele rapidamente.

– Não – diz o Ginete Vermelho bruscamente enquanto se coloca em pé novamente. – Não chamem o juiz... é minha culpa. Eu estava basicamente pedindo por uma surra.

– Mas ela torceu seu...

– Todos vocês viram – ele interrompe o fã estridente, sustentando o meu olhar, me avaliando. Ele continua sem desviar os olhos. – Tentei tomar liberdades sem pedir a permissão da moça antes. Eu consideraria sua reação justificada.

Ele aperta o botão na lateral do visor e esconde os olhos atrás da escuridão novamente, mas, como todo nobre que jura lealdade ao Rei Ressimus, há um halo de luz negra pintado em sua testa. Sob esse fraco brilho azul, consigo delinear seus lábios se curvando num sorriso afetuoso – uma afeição dirigida à verdadeira ginete da Hauteclare, Mirelle.

Sigo pelo corredor; o Ginete Vermelho se afoga em seus próprios fãs enquanto sua risada profunda arranha meus ouvidos.

Finalmente, o hangar seis fica visível. O estandarte com o leão alado da Hauteclare ondula no alto em branco e dourado. Uma fileira de membros da equipe Hauteclare em uniformes brancos e brilhantes se curva conforme eu me aproximo. O chefe da equipe retira os óculos, seu rosto é liso. Ele deveria ter muitas cicatrizes pela constante exposição ao maçarico de laser, mas acho que os nobres pagam para que até os membros de sua equipe permaneçam “bonitos”.

– Bem na hora. – Ele sorri. – O Míssil Fantasma está em boa forma hoje, madame. Decon está pronto e esperando pela senhora.

Assinto com a cabeça, as mãos tremendo conforme passo pelo chefe

da equipe. Preciso entrar nesse corcel Míssil Fantasma o mais rápido possível – a mensagem que enviei do pulso de papai não vai manter Mirelle afastada por muito tempo. Por sorte, ela deve ter um porte parecido com o meu; do contrário, a esta altura eu já teria sido descoberta.

Meus olhos encontram a porta branca do hangar do corcel. Há alguma coisa entalhada nela, um relevo suave e majestoso – uma história, mas não a de sempre, a de anjos e demônios contada pela igreja. Esta é sobre um homem montando um cavalo. Sua lança projetada para a frente mira o que parecem mil cobras ondulantes. Estreito os olhos – não são cobras, mas *tentáculos*, unidos por uma massa central labiríntica, cada um com uma fileira de dentes na parte de baixo.

O inimigo.

Não restou nenhuma imagem real deles – os ministros do rei insistem que a Guerra destruiu todas as bases de dados, e os padres os ecoam dizendo que o trabalho do mal geralmente é difícil de ver. O inimigo retorcido contra o qual São Jorj cavalga, representado na porta do hangar, não tem um formato específico e apresenta menos características particulares que a típica metáfora exagerada da igreja. Sempre tive dúvidas se esta seria a real forma do inimigo; a história raramente é precisa, e é escrita somente pelos vencedores.

– São Jorj está com boa aparência hoje, não está, madame? – pergunta o chefe da equipe. Quando fico em silêncio, ele pressiona: – Ele sempre me conforta. Me lembra da Guerra: todos aqueles corajosos corcéis e cavaleiros perdidos para o inimigo. Me lembra do grande sacrifício por trás da montaria e... bem. Só fico honrado de fazer parte disso tudo, madame.

É claro que fica. Os nobres distribuem de bom grado as migalhas de suas mesas para nos manter gratos.

Faço um aceno com a cabeça, e o chefe da equipe aperta um botão na parede de mármore sintético. A porta do hangar desliza devagar para cima, e eu entro na luz brilhante sozinha, os tentáculos em relevo se agitando enquanto a porta se fecha atrás de mim. Não há mais nenhuma guerra. O inimigo se foi. Nós ganhamos. Agora lutamos uns contra os outros.

Eu não sou nenhum cavaleiro.
Mas hoje vou morrer como um.

3. Bellicus

bellicus ~a ~um, a.

1. de ou concernente à guerra

2. beligerante



O hangar seis é muito frio.

A Estação como um todo nunca deixa de estar fria. O espaço nos envolve totalmente – um grande suprimento de frio. É o calor que importa. Calor é sobrevivência.

Uma vez por ano, os nobres cortam o aquecimento da Ala Baixa para “preservar a energia da Estação”. Eles têm até o descaramento de chamar isso de feriado – Folia de Inverno. A neblina se acumula nas ruas e o ácido sulfúrico que vaza dos dutos se cristaliza em lanças neon. As pessoas congelam até a morte em suas camas, e os nobres ainda insistem que deveríamos celebrar a data.

Todo o ódio em meu coração se tornou uma única lâmina me esfaqueando para que eu siga em frente.

A neblina no hangar seis é ainda mais densa que na Folia de Inverno. Mal consigo enxergar. Como vou encontrar o caminho para a sela do corcel desse jeito?

– Descontaminação começando em cinco, quatro, três, dois...

Uma voz mecânica e calma ressoa, e eu me encolho diante do laser azul que é lançado em mim de repente. Ele forma uma teia por todo o meu corpo, uma rede de raios investigando cada ângulo – algum tipo de

sistema de identificação. Devo ter passado, porque o elmo alado e o traje branco se fundem abruptamente sob o meu queixo. Há um silvo ardente conforme meus ouvidos estalam e se ajustam, e, com um barulho abafado pelo elmo, a neblina grossa do hangar é sugada para longe, deixando para trás apenas as paredes lisas de mármore branco e dourado.

– Descontaminação completa. Por favor, prossiga para a sela.

A voz é fria na mesma medida do medo reprimido que me faz arder. O espaço não perdoa, nem dentro de um corcel. Alguns ginetes acabam morrendo, mas as mortes são poucas e espaçadas. Durante a temporada de torneios, os noticiários falam bastante de ginetes que quebram membros ou perdem a função cerebral – mas eu *preciso* morrer neste corcel. Não quero só um ferimento – quero a morte real e definitiva. Não existe outra opção; minha morte deve ferir a Casa Hauteclare como minha vida não pôde fazer.

Pelo canto do visor, detecto um movimento deslizante – uma porta se abrindo na parede de mármore. A única saída.

Aprendi que, quando algo ameaça te morder, você deve morder de volta, ou a coisa vai te devorar inteiro.

Sigo em frente, ignorando meu coração disparado.

A próxima sala é quase idêntica; a única diferença é o círculo no chão, grande o bastante para abrigar três pessoas com conforto e feito inteiramente de vidro preto, cercado na base por um anel brilhante de esmeralda. Todo corcel tem uma sela – o assento do qual o ginete pode controlar o corcel. Só pode ser isso.

Entro e espero, tremendo. Depois de um instante, o anel verde se eleva com um ruído, fino e translúcido e pintando o mundo de esmeralda conforme se fecha ao meu redor num tubo de luz sólida. De repente, alguma coisa se espatifa no vidro preto ao lado do meu pé – uma massa amorfa de um azul-violeta pálido – e depois outra e mais outra. Pego uma na mão; parece o gel médico barato que se encontra em qualquer kit de primeiros socorros.

A princípio, penso que é algo com base de óleo, por causa do brilho nas cores do arco-íris, mas... esse brilho vem de milhares de estranhas e

cintilantes espirais se movendo lentamente lá dentro. Eu me abaixo para sentir o cheiro. É amargo, com toques cítricos. Que diabos...

Um clique ecoa acima da minha cabeça.

Olho para cima a tempo de ver o teto se abrindo e liberando uma onda de gel sobre mim. Eu me espremo na parede de luz sólida, mas não há para onde fugir – o gel continua entrando, enchendo o tubo até minha cintura, meus ombros. Se chegar nas saídas de ar do meu elmo, vou sufocar. Mas não – se todo ginete sufocasse na sela, não haveria torneios.

As espirais prateadas e cintilantes se contorcem no gel. Parecem pequenas minhocas, ou girinos, ou células, lutando para sobreviver. Será que são nanomáquinas? É possível; os nobres tendem a guardar as melhores tecnologias para si mesmos, e os corcéis são apenas para nobres.

Embora o estranho gel preencha o tubo até o meu pescoço, não sinto nenhuma pressão no corpo; na verdade, me sinto *mais leve*, como se a substância estivesse me apoiando, e não pesando sobre mim. O gel atinge meu visor, e, num piscar de olhos, estou submersa. Coragem não é algo que você faz, é algo que você enfrenta, e eu enfrento a situação até que o gel entra nas saídas de ar do meu elmo. A sensação no meu nariz e nos meus olhos é fria como veludo. Prendo a respiração, mas não sobrou ar nenhum, e eu arquejo, sugando o gel para dentro dos pulmões enquanto debato os braços contra as paredes do tubo. Ele inunda minha boca com um gosto cítrico e amargo e se dissolve instantaneamente na minha língua, e então engulo oxigênio, como se fosse ar. Assim que percebo que *consigo* respirar nesta coisa, o pânico profundo em meu peito se atenua, e fico imóvel. Ainda viva.

Ainda vou conseguir minha vingança.

Então um choque abafado percorre o chão. O gel prateado bloqueia tudo, mas as vibrações que chacoalham meus ossos me dizem que estou indo para baixo, até parar no lugar com um clique ressonante.

Então o raio desce.

A eletricidade atravessa o meu corpo, queimando *dolorosamente* a minha calma – não consigo me mover, meus lábios são repuxados sobre os dentes, minhas pálpebras congelam abertas. Enquanto respiro em

espasmos, vejo as espirais prateadas no gel aumentarem o brilho e comecem a girar mais rápido que nunca, cataventos, redemoinhos – e, quando a dor desaparece de repente, é substituída pela sensação de *saber*. Eu *sei* que não estou sozinha.

Algo está aqui, bem ao meu lado, pairando por toda a minha volta. É como aquela certeza de haver alguém parado atrás de você num sonho. É a ferroada quente de olhos fixos na sua nuca, o calor de um corpo invisível se aproximando. Alguém enorme, maior até que o Ginete Vermelho. Alguém além de mim.

E então a coisa se move.

Antes que o terror se apodere de mim, ela se aproxima com gentileza; um toque cuidadoso, leve como uma pena, algo que posso sentir na mente, mas não posso ver – uma dor de cabeça reversa, um dedo pressionando a parte de dentro do meu crânio. Parece curiosidade, mas não é minha; a inclinação de cabeça inquisitiva de um cachorro. É como um convite, uma mão invisível tentando me alcançar.

Esta é a linha. Esta é a curva sinuosa do destino que me impede de ver adiante. Esta é a morte.

“Você deve esperar até que Deus os puna, Synali.”

Não, mamãe. Eu não vou esperar.

Respondo ao toque.

Em um instante, meu corpo fica febril e gelado, suado, depois pegajoso, e eu cresço. Sinto-me maior, expandida, como se meus membros tivessem se esticado e ficado muito mais longos do que realmente são. Meu peito é a única coisa que ainda parece normal, preenchido pela minha pulsação pesada. Não sei que diabos está acontecendo; tudo o que sei é que esta é a sela. Tudo o que sei é que a coisa aqui comigo é enorme, e eu sou pequena. Somos diferentes, mas o gel sem pressão e a eletricidade nos... *conectaram* de alguma forma, nos colocaram no pensamento uma da outra.

– Aperto de mão completo. – A voz mecânica e fria reverbera no meu elmo. – Prepare-se para destacamento imediato em *sete, seis, cinco, quatro, três...*

Esta sensação... é o corcel? Parece uma pessoa. Minha mente se volta instantaneamente para a IA verdadeira, do tipo que foi banido há cem

anos após sua rebelião. A IA falsa é usada para tudo na Estação, de sub-rotinas de limpeza a máquinas cirúrgicas, mas a IA verdadeira é ilegal. Nem mesmo os nobres são insensatos o bastante para colocar IA verdadeira nos seus corcéis – eles querem coisas que possam controlar, e a IA verdadeira que nossos ancestrais fizeram não pode mais ser controlada. É por isso que o monarca que veio antes do Rei Ressimus ordenou que fosse destruída.

– O que quer que você seja – murmurei –, só peço que me mate.

– ... *dois, um*.

O chão sob nossos pés se abre com um clique, e nós caímos.

Meus órgãos se amontoam na minha garganta feito um punho me socando por dentro, mas a ausência de peso assume o controle rapidamente, tudo se prendendo em nada, e então estamos flutuando em gravidade zero. Ou os geradores de gravidade da Estação inteira falharam, ou estamos no...

As espirais prateadas no gel se dissolvem lentamente no meu visor, permitindo que eu enxergue novamente: a visão da escuridão límpida salpicada com trilhões e mais trilhões de estrelas minúsculas, frias e agudas.

... espaço.

Sem som, sem ar, sem vida – o espaço se abre à minha frente como uma terrível flor negra, o centro de suas pétalas é o sol branco brilhando à distância. Acidentes passam diante dos meus olhos – rupturas no casco na Ala Baixa; corpos sugados para o espaço voltando congelados, mumificados e com cada cavidade implodida; o gelo arrancando a pele ainda quente de papai no exato momento em que o descartei.

Nenhum gelo na minha pele. Ainda respirando. Só posso estar dentro do corcel de papai.

A sensação de estar grande, os membros mais longos, mas o peito ainda quente... Faz sentido de uma maneira distorcida e confusa. Já vi isso no vis – nobres *montando* corcéis enormes, do tamanho de prédios, seguindo até o espaço para seus torneios arrogantes. As histórias são claras: há quatrocentos anos, os cavaleiros da Guerra foram para o espaço nos seus corcéis gigantes para defender a Terra contra o inimigo. Mas ver e ler não é como fazer. Fazer é assombroso. Fazer é

aterrorizante.

Estou montando.

Bem, fluando, pelo menos. Olho para baixo e vejo membros finos de metal branco imaculado – pernas – e mãos da mesma cor com os dedos dourados. É como olhar para o meu próprio corpo, mas enorme e brilhante demais.

Dizem que Deus fez o homem à Sua imagem e semelhança, mas então o homem também fez o corcel à dele.

Um corcel é um humano artificial gigante vestindo uma armadura. Ele fica na vertical sobre pernas e pés enormes, com um torso de formato semelhante ao de uma abelha que se expande para o largo peito e os braços e, por fim, uma cabeça com elmo, geralmente sem olhos, orelhas ou boca visíveis – no espaço, orifícios são uma fraqueza estrutural. Saídas de plasma pontuam os pés, os tornozelos, o torso e as costas. Cada extremidade de metal de um corcel é lixada até ficar perfeitamente lisa – é estiloso, mas desnecessário, considerando que a aerodinâmica é inútil no vácuo; quando os nobres querem algo bonito, fazem com que seja bonito, custe o que custar.

Estou me movendo lentamente no espaço quando uma tela holográfica ganha vida diante de mim e fica lá pendurada entre as estrelas em alta definição, mostrando dois homens em gibões luxuosos e fones de ouvido. Estão sentados em frente às arquibancadas lotadas com uma plateia efervescente. Eu os reconheço: são os comentaristas do torneio designados pela corte.

– Bem-vindos, todos e cada um de vocês, à semifinal da Centésima Quadragésima Oitava Copa Cassiopeia!

O rugido ribombante da multidão quase os engole completamente, mas tudo isso abandona meus ouvidos quando meus olhos encontram a Estação. É a primeira vez na vida que vejo minha casa pelo lado de fora. Conheço o seu formato – um anel de metal com fileiras de escudos projetados em formato de colmeia nos tons do óleo cor de arco-íris, um pináculo o atravessando como um halo perfurado, e as muitas estradas de luz sólida conectando os dois como raios laranja-brilhantes em uma roda, os bondes arrastando suas barrigas para lá e para cá.

O gigante gasoso que a Estação orbita, Esther, flutua inchado e verde

por trás dela. Dezenas de subestações circulam seu corpo massivo – algumas acopladas a suas muitas luas, outras flutuando livres, mas todas menores, todas lentamente terraformando sua superfície, como têm feito desde o fim da Guerra há quatrocentos anos, quando as sete estações foram expulsas da órbita da Terra em direção a sistemas solares distantes no ataque final do inimigo.

Ele está lá fora em algum lugar. Papai.

Meus olhos vasculham os arredores da Estação, em seu centro está o pináculo onde os nobres vivem, e, ao redor, os milhares de painéis solares direcionados tanto a Esther – os *terrenos* – como às estrelas – os *siderais*. Não há sinal do cadáver, nenhum cabelo grisalho, nenhum punho de babados, nenhuma capa branca. Não vejo nenhum indício do corpo de papai, mas eu apertei o botão da câmara de vácuo, assisti enquanto a evidência do meu assassinato deslizava para o nada... então cadê ele? A gravidade de Esther não o puxaria para baixo tão rápido.

Outra holotela bloqueia minha vista – o rosto do comentarista está excessivamente feliz.

– Temos uma justa fantástica para vocês hoje, pessoal! A célebre Casa Hauteclare finalmente enfrenta a indômita Casa Velrayd, duas famílias conhecidas por seu orgulho e sua destreza nas arenas! Quem vai prevalecer? Quem vai decair? Só os céus sabem!

Tento me livrar da holotela com um gesto, mas ela não some como a tela de um vis. Outra voz entra no meu elmo com um chiado baixo – o Ginete Vermelho.

– Me perdoe o modo de falar, mas *que porra de merda você está fazendo*, Mirelle? Agora não é a hora dos amadores, vá para a sua plataforma.

Um ponto carmesim atravessa o espaço, vindo em minha direção. Eu já vi corcéis no vis, em cartazes e nas mãos de crianças como miniaturas, mas não como este: enorme e emoldurado pelo cobertor frio do espaço e pelo brilho verde de Esther. É grande demais, real demais, e se aproxima rápido demais. *Nada tão grande deveria se mover de maneira tão graciosa.*

A pintura do corcel do Ginete Vermelho é como sangue seco – carmesim esfumaçado até virar um marrom profundo – e seu

comprimento é aproximadamente o mesmo de um bonde inteiro. Seu elmo tem uma protrusão na boca como um bico que sobe para a testa e então desce pelo crânio, como se fosse a crista de um pássaro, e seus calcanhares têm o mesmo formato de penas. Por um segundo, me pergunto onde está a sela dele: no peito ou na cabeça? Onde ficamos posicionados como ginetes nessas marionetes colossais? Olho para baixo, para o peito branco do meu corcel titânico. Devo estar em algum lugar do torso – a *sensação* é central.

O Ginete Vermelho voa para perto de mim, e eu assisto, momentaneamente mesmerizada, enquanto o plasma carmesim que o corcel produz persiste atrás dele feito fitas gêmeas flamejantes, e então o espaço as dissolve, as devora. Calor é sobrevivência, mas só agora percebi como é lindo também.

Tarde demais.

Sua voz áspera no comunicador é insistente.

– Sua propulsão inicial deu problema ou algo do tipo? Aqui, deixa eu te ajudar.

Não preciso da sua maldita ajuda, nobre.

Nenhum botão na sela, nenhuma alavanca – só meu próprio corpo flutuando no gel que agora se tornou transparente como vidro. Qualquer que seja o controle que o Ginete Vermelho usa para mover seu corcel, não o vejo. Meu corcel está inerte – não consigo nem me soltar quando o Ginete Vermelho enlaça meu braço de metal com o dele. A sensação dele tocando meu cotovelo me faz dar um pulo – a pressão de pele contra pele misturada com *tire a porra da sua mão de mim*. A resposta é exatamente como o toque na vida real. Eu lhe mostro o dedo mentalmente, e a surpresa me atravessa quando os dedos dourados da mão livre do meu corcel reproduzem meus pensamentos perfeitamente. O mesmo dedo do meio – exatamente o mesmo movimento do pulso.

O Ginete Vermelho ri.

– Você quer tanto assim me dar um gelo? Vá em frente. Não vai me impedir de ajudar um colega ginete. Sabe o cavalheirismo? Aquela coisa que você ama tanto?

Presto pouca atenção a suas palavras – estou ocupada demais experimentando fechar o punho. Meus olhos se arregalam quando o

punho do corcel branco e dourado se fecha também. Não há atraso: é como ver meu reflexo se mexendo no espelho. Não estou apenas dentro do corcel – *sou* o corcel.

Lentamente, o Ginete Vermelho me reboca até a arena: uma extensão do que pareceria espaço vazio, não fossem as placas hexagonais flutuando em lados opostos, delimitando-a. Só posso estimar a distância entre as duas placas – cinquenta parses, talvez mais. Exatamente no meio da arena há o inconfundível brilho azul de um gerador de gravidade, flutuando como uma estrela no espaço preto, mas este é muito mais brilhante que aqueles nas paredes da Estação. Deve ser um gerador de curto alcance, do tipo usado na Guerra para lançar tanto naves como corcéis com seu efeito estilingue.

Quando chegamos a uma das placas, o Ginete Vermelho pressiona meu corpo flutuante nela, e as pontas de seus dedos no meu peito acionam pensamentos venenosos instantâneos – *não tente me controlar, seu merdinha privilegiado*. Com um tranco violento, o magnetismo é ativado e prende minha espinha à plataforma. Mantenho a cabeça para a frente, me recusando a olhar para ele.

– Bem – ele começa jovialmente –, vou indo. Boa sorte e pela glória do rei e tudo mais.

Seu corcel faz uma pequena saudação – dedos vermelhos na testa vermelha – e então se vira, os jatos nas suas costas e nos pés queimando em carmesim enquanto ele se propulsiona de volta, passando pelo ponto central do gerador de gravidade até a placa hexagonal na outra extremidade da arena. Ele se move com facilidade – obviamente treinado pela academia. Ele escolheu a academia. Crianças nobres como ele podiam decidir seu próprio destino confortavelmente enquanto o resto de nós sobrevive em empregos perigosos e exaustivos: servidão, metalurgia, mineração nas subestações... coisas que quebram, matam, mutilam. Plebeus são descartáveis, afinal – o bordel me ensinou isso. Papai me ensinou isso. Ele tratou mamãe como algo a ser usado e depois jogado fora.

Minha raiva está no auge, um fogo que não pode ser contido, um fogo que *não vou* conter, que queima e queima e *queima*, e, estranhamente, sinto a coisa aqui comigo começar a queimar também, a raiva fluindo

como lava ao meu redor.

Minha mãe morreu, e eu matei meu pai. Estou sozinha nesta vida. Sei disso.

Mas, pela primeira vez em seis meses, há um mínimo alívio da pressão, um alívio em saber que algo neste universo – *qualquer coisa* – queima como eu.

Vou me afundar no fogo, e as chamas vão deixar cicatrizes em cada Hauteclare nesta Estação miserável.

4. Caecus

caecus ~a ~um, a.

1. (literal e figurado) cego

2. desprovido de luz



Não se faz uma mesura no espaço para demonstrar respeito após uma justa. Tira-se o elmo.

Se de alguma maneira eu sobreviver a esta justa contra o Ginete Vermelho, vou remover meu elmo na sela. Vou ser presa e interrogada e, então, executada. Os guardas acabarão encontrando o corpo do Duque Hauteclare orbitando a Estação. A Casa Hauteclare alegará que é mentira, mas o resultado do teste de DNA no meu cadáver provará que é verdade – o Duque Farris von Hauteclare gerou uma bastarda fora do matrimônio, e ela o matou, depois *montou* seu *corcel* em um *torneio*. Não em um duelo nem em uma classificatória, mas em um *torneio* – o mais sagrado campo de testes, o lugar onde os nobres podem mostrar a toda a Estação que são irretocáveis em sua honra, sua força e sua moral. Que são os governantes por um motivo.

É nos torneios que os nobres acreditam que a nobreza é mais sagrada, com exceção apenas dos quartos onde seus puros-sangues são gerados.

A única coisa que os nobres valorizam mais que suas competições de montaria é seu sangue.

Esse é o motivo pelo qual papai contratou um assassino para matar

mamãe e a mim. Levei meses para cavar e subornar e trepar meu caminho até a verdade, mas enfim ela veio à tona, como a merda sempre vem. O Duque Hauteclare nos matou porque planejava concorrer ao assento vago no conselho do rei. Um bastardo é a única verdadeira desgraça do nobre – se seus rivais descobrissem a minha existência, teriam me usado para arruinar suas grandes aspirações políticas.

Mamãe e eu fomos os cordeiros sacrificados no altar da sede de poder de papai.

Eu me sinto como um cordeiro pronto para o sacrifício presa por energia magnética a esta plataforma, um altar hexagonal me mantendo imóvel para o golpe final. Ela gira lentamente no espaço e eu giro com ela; as estrelas ficam de ponta-cabeça e depois voltam ao normal. O Ginete Vermelho acena para mim da plataforma oposta – com sorte, ele será punido por cruzar lanças com uma bastarda imunda como eu. Tudo o que posso fazer é esperar. O espaço realmente se estende *infinitamente*, preto e nu, mas não vou permitir que o medo imenso dele se instale.

O cheiro do gel com espirais prateadas da sela é vagamente cítrico. Ele me lembra dos bolos de mamãe – limão artificial e baunilha sintética, coisas tão raras que só podíamos comprá-las uma vez por ano, no meu aniversário. Ela amava fazer bolos – não importava o quanto se sentisse mal. Se eu trouxesse um pacote de farinha empelotada para casa depois de vasculhar os fossos, ela sempre encontrava energia para levantar e fazer alguma coisa. Nosso forno assobiava e tremia, e o cheiro de bolo assando preenchia nosso pequeno apartamento, expulsando momentaneamente a fumaça de enxofre e os gritos do bonde.

Engulo o nó duro na minha garganta. Eu tinha esquecido. No meio de tanto sangue e morte e conspiração... tinha esquecido que hoje é meu aniversário.

A voz de um comentarista penetra meus pensamentos.

– No canto vermelho, temos a ilustre Casa Hauteclare e seu magnífico corcel, o Míssil Fantasma! Vamos dar uma salva calorosa de palmas para a infinitamente corajosa e naturalmente graciosa ginete do Míssil Fantasma, Mirelle Ashadi-Hauteclare!

Os aplausos da multidão fazem meu elmo estremecer.

– Lady Mirelle tem vitórias demais para contar, Gress – acrescenta o segundo comentarista.

– De fato, Bero – concorda o primeiro comentarista. – Vamos ver se ela consegue faturar mais uma hoje. Se vocês voltarem sua atenção para o canto azul, temos a implacável Casa Velrayd e seu corcel, o Berrador Solar! O ginete do Berrador Solar é ninguém menos que o primeiro, o único, o menino prodígio com as maiores notas na história da academia, Rax Istra-Velrayd!

O aplauso é dez vezes mais alto para o Ginete Vermelho. Rax. É um nome horrível – parece uma barra de proteína seca na língua.

– A especialidade de Rax é o *timing* decisivo – pondera o segundo comentarista. – Mas Mirelle tem um ataque mais poderoso. As coisas podem ficar feias, Gress.

– Com certeza, Bero, mas, no mundo da montaria, “feias” é só um sinônimo para “animadas”. Ginetes, preparem suas plataformas!

A plataforma de repente gira para me deixar de cabeça para cima e depois trava no lugar. Pisco para afastar a tontura – há uma linha reta e clara entre mim e o gerador de gravidade, entre mim e Rax no lado oposto; a plataforma dele também está travada na mesma posição. Algo duro começa a se materializar na minha mão, pedaço por pedaço, rastejando para fora do metal da palma do corcel – branco, longo, terminando numa afiada ponta dourada. Sei o que é antes mesmo que adquira sua forma final: uma lança. A enorme arma que todo corcel tem dentro de si – uma lança feita para matar o inimigo tantos anos atrás, mas agora usada apenas para o esporte.

– Que comece a contagem regressiva para a primeira rodada, em nome de Deus, do rei e da Estação! – grita um comentarista.

– *Em nome de Deus, do rei e da Estação!* – a plateia ecoa titanicamente.

A realidade me atinge com suas vozes retumbantes – sei que os dois corcéis são puxados na direção um do outro pelo gerador de gravidade, e sei que é uma linha reta a intensos parses por minuto, um passando pelo outro a uma distância mínima. No momento da passagem, tentamos atingir o outro com nossas lanças: elmo, couraça, ombreiras, manoplas, grevas, coxote... seis lugares para atingir, mas só o elmo é

considerado vitória automática. Qualquer outro lugar confere um ponto. Como sei de *tudo isso*? Eu não sei. Nunca me importei com a contagem de pontos deste jogo. Essas informações apenas saíram de mim. Quem...?

A coisa que está aqui comigo sabe. Ela me diz avidamente em fluxos de certeza sem palavras; ela sabe que nós vamos atacar. Sabe que os dois gigantes corcéis humanoides então vão se separar através do espaço. Sabe que o gerador de gravidade nos fará dar a volta e nos puxará de novo como num circuito, um símbolo do infinito, por mais duas rodadas. Vence quem tiver mais pontos ao fim da terceira rodada. Se um ginete for deslocado da sela, ele perde. Se atingir o elmo do oponente, ele vence. Só a lança pode tocar o oponente – qualquer outra coisa é considerada uma falta.

Ela sabe de tudo isso porque está presa aqui há eras. *Presa?* É uma máquina... mas não tenho tempo de pensar nisso, porque a plataforma de repente anula o magnetismo e me joga no espaço aberto em direção ao gerador de gravidade, cujo núcleo está girando mais rápido do que nunca. O brilho azul se intensifica – não o bastante para prejudicar a visão, mas o suficiente para me guiar até o final. Eu deveria estar com medo, mas com

o fim tão perto, com mamãe tão perto... Faz seis meses que a vi pela última vez. Não vai demorar muito agora.

Eu não sei montar. Não sei como ganhar.

Mas sei bem como segurar uma arma.

A lança não é um punhal – é maior. Mais pesada. Tenho dificuldade em segurá-la com firmeza, o braço se esforçando sob o peso, embora minha mão humana na sela segure o nada. Eu a *sinto*; assim como Rax e seu toque no meu cotovelo, a haste da lança é real e dura na minha palma, mesmo que ela só exista fora de mim no espaço.

Engulo em seco. Empurro o medo de volta. *Mais rápido*, penso. *Quero acabar com ele mais rápido.*

Quero vê-la mais rápido.

Plasma dourado de repente sai pelando das saídas de ar nas minhas costas, nas minhas pernas, me empurrando para fora da plataforma conforme o gerador me puxa. A velocidade dá um tranco nas minhas

entranhas, meu coração vai parar na garganta, e as estrelas começam a se borrar e virar fitas; a Estação derrete numa poça de arco-íris cinzenta, a superfície verde e tempestuosa de Esther vira uma coisa só, e tudo que posso ver é o corcel vermelho que se aproxima horripilantemente rápido, enquanto minha lança branca e dourada segue adiante como uma presa brilhante na escuridão. A lança vermelha de Rax se reduz a um ponto perto demais no meu campo de visão, seu corcel se move em pequenas frações, mudando de posição; ele está de alguma forma resistindo à força G massiva que espreme a vida para fora do meu corpo...

Nós *colidimos*.

Rápido demais para respirar. Rápido demais para se esquivar. Em um milissegundo, tudo passa de uma vez pela minha mente: metal, luz, fogo, dor.

E então preto.



A próxima coisa que sinto é a escuridão. A morte, talvez.

O fim é macio e envolto em um apito ritmado. Não consigo me mexer. Meu corpo – se é que ainda tenho um – parece pesado, a cabeça mais pesada ainda. Vozes distantes ecoam nos meus ouvidos.

- ... tempo de recuperação?
- ... meses, no máximo. O tratamento por nanomáquinas foi muito...
- E o... resultado do DNA para...
- ... como você pediu, senhor.

Algo macio aterrisa na minha testa, então uma das vozes se aproxima do meu ouvido, calma como água parada.

- Vejo você do outro lado, valente.

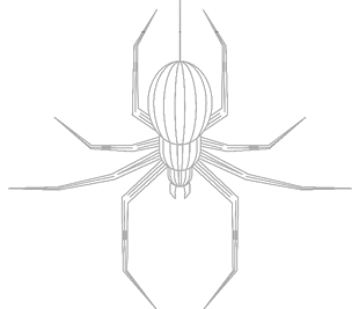
Não sou valente. Apenas enfrento.

Minha boca não se mexe, minha garganta não faz barulho – sou uma prisioneira no meu próprio corpo. Escuto o ruído de passos, o clique de algo se fechando, então a escuridão me chama novamente.

– 10. Aranea

arānea ~ae, f.

1. uma aranha



Catorze anos antes, na mesma estação espacial, uma quarta criança faz cinco anos.

É uma criança esquecida, descartada na soleira de uma porta de madrugada. Seu cabelo são fios de ouro. Seus olhos são da cor do gelo, e eles se concentram no manequim de estopa à sua frente, o calor de um punhal projetado apertado em seu pequeno punho. A luz sólida alaranjada lateja e jorra do cabo, pronta para atacar. Seu instrutor – o único pai-mãe-família que o menino já conheceu – acena com a cabeça para o manequim.

– Mate.

E matar ele vai. De novo e de novo. Cada vez, ele recebe um “bom trabalho”. Cada vez, um sorriso.

O menino sonha com família e, embora ele tenha uma, em catorze anos vai matar uma mulher de cabelo preto e olhos bondosos na frente da filha, e vai ser o fim desse sonho.

E o começo de um novo.

5. Abyssus

abyssus ~ī, f.

1. (*Tardio*) um abismo



Minha pele acorda antes de mim – cobertores macios, travesseiros fofos, o ar de uma sala circulando gentilmente. Posso *sentir*. Posso *pensar*. Posso ouvir o bipe estável.

Estou viva.

Eu me sento tão rápido que o acesso intravenoso escapa do meu pulso, e fico olhando sem expressão para o sangue que se espalha pela minha pele. Minha mão corre para a cruz de madeira vermelha de mamãe em volta do meu pescoço – primeiro, alívio; depois, pavor.

– Não – sussurro. – Não, não, *não*.

Tem algo errado. Por que não estou morta? Montei um corcel e colidi e... O apito flutua desenfreadamente quando arranco os eletrodos do corpo. Tudo é branco e tem cheiro estéril: um hospital, mas não qualquer hospital – um daqueles chiques no pináculo nobre. Eles me enrolaram em uma camisola branca e me enfiaram nesse casulo de quarto para quê? Para que eu *me recupere*? Não há nada a ser recuperado. Será que arruinei a Casa Hauteclare? Eles testaram meu DNA? Não consigo lembrar, e não lembrar é ainda pior do que estar viva.

Passo as pernas pela borda da cama, e elas cedem – não vou conseguir ir longe. Sem dúvida há guardas na porta, mas minha vida não é deles para que decidam por mim. Preciso morrer. Não há objetos afiados, nem mesmo um espelho para ser quebrado.

Então vejo a janela.

Cambaleio até lá, e meus dedos congelam no parapeito – não sabia que a luz do sol poderia ser tão agradável. No espaço aberto, ela queima, e na Ala Baixa, ela não existe, abafada pela fumaça e pelas sombras maciças das igrejas rivais e das holotelas sempre alertas. Mas aqui ela é *gentil*, como um abraço – como se mamãe estivesse de volta.

“Ah, coração. Espero que um dia você veja o nascer do sol.”

Ouçoo vozes reais fora do quarto.

– Ela acordou!

Lanço meu corpo sobre o parapeito, e o injusto esplendor do pináculo nobre me atinge em sua totalidade – calçadas limpas, arbustos verdes e flores de todas as cores, luz do sol capturada e redirecionada e libertada, edifícios uniformemente espaçados no lugar dos casebres amontoados. É assim que as pessoas deveriam viver... é assim que mamãe e eu *deveríamos* ter vivido. Gritos ricocheteiam atrás de mim.

– Segurem-na!

– Peguem o tranq... *agora*!

Mãos me puxam e me arrancam do parapeito, mas eu me contorço, arranho, rasgando tudo que consigo alcançar: pele limpa, tecido limpo, me soltem, me deixem ver o nascer do sol, *vocês não têm o direito de me mostrar compaixão, não vou ser mantida aqui como um dos seus bichinhos...*

– Afastem-se!

Sinto uma perfuração na coxa, e então algo como mel quente se espalha pelas minhas veias. Eles deitam meu corpo pesado de volta na cama e saem. Tento cerrar o punho, mas nada acontece – apenas pisco, apenas respiro. Eles podem parar o meu corpo, mas não podem parar minha mente; a última coisa de que me lembro é o corcel vermelho vindo na minha direção. Eu desmaiei? Se eu estava inconsciente e mantive meu elmo... Se as câmeras não viram meu rosto... Se eu tivesse arruinado a Casa Hauteclaire, estaria morta neste momento. Queimada

sob um duto de plasma.

O mundo gira sem sair do lugar, cada centímetro de mim em queda livre rumo às trevas. Presa nesta cama de hospital, só tenho duas certezas.

Uma: não consegui arruinar a Casa Hauteclare.

E duas: não vou cometer o mesmo erro duas vezes.



6. Clarus

clārus ~a ~um, a.

1. claro, luminoso

2. renomado, famoso

Rax Istra-Velrayd encara sua xícara de chá, o líquido âmbar tremendo a cada passo exaltado de sua mãe no chão de mármore.

– *Como você não sabia que era uma impostora?* – rosna ela, contorcendo as mãos finíssimas em volta da própria xícara. – Nós arriscamos tanto para treinar você, e para quê? Para você jogar tudo fora lutando com uma ratinha plebeia que invadiu e roubou um corcel? Você deveria saber. Deveria ter parado a justa antes que ela começasse!

Diante da lareira, o holograma projetado do vis dela grita a seguinte manchete, escrita em azul translúcido: PLEBEIA TOMA O MÍSSIL FANTASMA DA CASA HAUTECLARE E O MONTA CONTRA A CASA VELRAYD. Rax lança um olhar para o pai, encostado imóvel na parede. A prateleira com os muitos troféus de montaria de Rax brilha ironicamente ao lado do pai – ouro e prata até o teto. Como sempre, o pai não parece querer dizer nada. Rax deve recolher os cacos sozinho.

– Não há nada de errado, mãe. O CCC anulou a partida. Nós não perdemos e...

– *Poderíamos ter perdido.* – Ela lhe lança um olhar brusco, sua voz é fria. – Você não entende. Nunca entende. Você monta, mas nunca *pensa*.

Ontem estivemos a um fio de cabelo de perder cada gota de honra da nossa família.

– Ela enganou todo mundo, mãe – diz Rax. – *Mirelle* não tinha ideia...

A violência sempre vem de repente. Um borrão branco se choca contra seu rosto, então ele sente a sensação terrível da porcelana cortando sua mandíbula quando a xícara se quebra nele. Doeria mais se fosse a primeira vez. Rax não se lembra de qual vez é essa – a milésima, talvez. A décima milésima. Ele sente o sangue escorrendo gentilmente pelo seu queixo e o observa pingando na mesa.

– Isso não se trata dos Hauteclare! – sibila a mãe. – O Duque Velrayd está fazendo *perguntas*. Não podemos deixar que ele nos questione, nós somos confiáveis. Somos o baronato Velrayd agora, e vamos permanecer assim custe o que custar. Você não vai estragar isso.

As brasas da lareira piscam fracamente refletidas no rosto dela – sombrio, sem arrependimentos. Seu guarda-costas se mexe no canto, aguardando com os dedos cheios de expectativa no bastão. Quando Rax era mais novo, a mãe era suficiente para mantê-lo na linha, mas, conforme ele foi crescendo, ela começou a convocar ajuda – percebendo que talvez fosse inadequado para uma baronesa disciplinar o filho ela mesma.

Rax sabe que suas próximas palavras são sinônimo de dor. Seu corpo se retorce com os ferimentos-fantasma. Ainda assim, não consegue evitar a risada suave que sai dos seus lábios.

– Eu montaria contra cem plebeus se isso me livrasse de você.

7. Vulpes

vulpēs ~is, f.

1. uma raposa

2. (figurado) astúcia, esperteza



Marcas de contagem são a melhor maneira de se lembrar do tempo – entalhadas na parede do seu apartamento, se necessário. Uma linha para cada dia, quando cada dia parece durar a mesma eternidade. Uma linha significava a vez que você limpou o sangue do seu lábio aberto e se levantou novamente. Uma linha significava que você comeu para se manter viva. Uma linha significava que você trepou com um homem rico três vezes mais velho que você para conseguir informações que ninguém mais queria te dar sobre o assassino da sua mãe.

Para cada dia no hospital, gravei uma linha de neon no meu cérebro.

Três marcas. Três dias. De seis em seis horas, as enfermeiras verificavam minhas contenções. A cada quatro, colocavam uma nova bolsa no meu acesso – um tranq mais fraco que o mel quente, mas ainda forte o bastante para manter meus membros pesados no lugar. No meu sono febril à base de tranquilizante, a noite em que mamãe morreu é reproduzida como uma gravação corrompida pelo tempo, voltando e passando de novo e voltando de novo – o capuz vazio do assassino se move na direção dela como um predador faminto todo de preto, e ela cai de joelhos, o rosto embaçado e as palavras misturadas num bolo sem

sentido. Ela implorou. Eu lembro, mas não quero lembrar. Quero impedir o assassino, mas nunca consigo. Ele é escuridão, espaço gelado, o demônio, e quando me encara com olhos de um assustador azul-gelo, a cicatriz que ele me rendeu na clavícula começa a doer horivelmente.

Estou chorando antes mesmo de acordar.

Choro sem me mexer, até que meu travesseiro e meu cabelo e minhas orelhas estejam cheios de sal feito a mulher que olhou para trás no livro de Deus. Eu era fraca ao lado de mamãe – feliz e ingênua e mole demais para fazer alguma coisa –, e isso a matou. Fui fraca. *Minha fraqueza a matou.*

Quatro marcas. Cinco.

No sexto dia, chega um homem. Não é enfermeiro nem médico, mas alguém de fora. Ele tem cheiro de naftalina – tecido velho e pó e escuridão secreta. Ele anda com compostura pelo piso com seu tabardo e seus culotes de seda simples, e uma bengala feita de maneira elaborada com safira e prata. Ele poderia ser aquele tio frouxo que todo mundo tem: de meia-idade, estatura mediana, pele lisa e um emaranhado de cabelo castanho-claro – um homem sem nenhuma rigidez. Nobre, mas sem o halo de luz negra pintado na testa. Estranho... Achei que todos eles usassem aquele símbolo de lealdade ao rei.

Ele se senta em uma poltrona ao lado da minha cama, os lábios finos se repuxando num sorriso.

– Obrigado por me esperar, Synali. – Sua voz suave é idêntica à da pessoa que me chamou de “valente”. – Deve ter sido terrivelmente difícil para você.

Eu me empertigo mais; nada de bom vem de uma de pessoa que sabe seu nome sem nem precisar perguntar primeiro.

– Peço desculpas – diz ele. – Me disseram que o efeito do tranquilizante deve passar em breve e você poderá falar. Consegue pelo menos piscar?

Consigo. Seu sorriso se alarga, revelando dentes artificialmente brancos.

– Vamos combinar uma piscada para sim e duas para não. Assim nossa conversa não será tão unilateral. De acordo?

Ele entrelaça os dedos sobre o joelho. São os anéis caros em seus

dedos que me fazem perceber: me mantiveram viva para que pudesse conhecer este homem. *Ele* é o motivo pelo qual o hospital não me entregou para o duto de plasma. E isso faz dele meu inimigo. No entanto, quem quer que seja, ele claramente tem poder – e o poder sempre se revela útil.

Ele repete com paciência:

– De acordo, Synali?

Pisco uma vez.

– Maravilha. Permita-me ser direto: você assassinou o Duque Farris von Hauteclare com o próprio punhal cerimonial dele. Você se arrepende disso?

Pisco duas vezes. Espero raiva ou nojo, mas seu sorriso é gentil.

– Entendo. Bom sinal. – Ele inspeciona a cabeça de prata da bengala.

– Depois do seu parricídio, você desovou o corpo do duque na câmara de vácuo do escritório dele, roubou seu traje de ginete, então montou o corcel da Casa Hauteclare em um torneio contra a Casa Velrayd. E não era qualquer torneio, mas a semifinal da Copa Cassiopeia. Os nobres ficaram absolutamente *furiosos*.

Um brilho de satisfação passa pelos seus pequenos olhos cinzentos. Abro a boca e crocito algo impossível de entender, mas ele o interpreta rapidamente.

– Ah, você foi esmagada pelo ginete da Casa Velrayd. Como não foi treinada para resistir à força G, você foi jogada para fora da sela no impacto, e como não foi capaz de acionar o amortecedor do elmo, seu crânio se fraturou nas entranhas de metal do corcel. Os médicos disseram que é um milagre de Deus você ter sobrevivido, mesmo com o tratamento com nanomáquinas que solicitei.

Milagres para *mim*? Nanomáquinas para *mim*? Para quê? Sou uma assassina, uma bastarda – não tenho valor nenhum para ninguém.

O homem se recosta novamente na poltrona de couro.

– Tudo que acabei de relatar a você ocorreu há *dois meses*.

Fico sem ar. Estou nesta cama há dois meses? Não – *não*, foram seis dias! Eu contei. Mantive um registro.

– Você recuperou a consciência há uma semana. – Ele responde aos meus pensamentos turbulentos com frieza. – Há dois meses, solicitei seu

tratamento com nanomáquinas. Até consegui manter seu assassinato em segredo: para o resto da Estação, o duque morreu de causas naturais; infarto, creio eu. Não me lembro exatamente do que fiz os investigadores escreverem quando recuperaram o corpo dele.

Meu gemido se torna uma única pergunta hesitante.

– Por... Por quê?

– Tenho um favor para pedir em retribuição.

– Não vou... dormir com você, seu nobre de merda. Apenas me mate.

O rosto do homem relaxa, então ele ri. Todas as suas linhas de expressão suaves e suas rugas finas ficam visíveis, iluminadas de pura diversão – a emoção mais concentrada que vi nele até agora.

– Esse tipo de favor não me interessa. – Ele se acalma o suficiente para falar: – Nem estou interessado em matá-la.

– Eu quero morrer...

– Sei exatamente o que você quer – interrompe ele. – Uma pessoa não assassina o pai e depois se aventura a montar num torneio sem nenhuma experiência se pretende seguir em frente rumo a uma vida feliz. Se quisesse sobreviver, essa pessoa tentaria escapar após realizar o ato, contudo você não fez isso. Você estava disposta a morrer. Queria ferir a Casa Hauteclare, mesmo que isso causasse a sua morte.

Pela maneira como ele fala... sua origem nobre é incontestável. Seus olhos encontram os meus sem nenhuma compaixão. Onde antes havia jovialidade agora há apenas dureza. Ele sabe quem sou. O que eu estava tentando fazer. Ser tão obviamente conhecida faz minhas entranhas se revirarem.

– Quem é... você? – consigo dizer, a garganta queimando.

– Pode me chamar de Dravik. Gostaria que você e eu trabalhássemos juntos.

– Por que eu deveria aceitar?

– Porque sozinha você não conseguirá a destruição da Casa Hauteclare.

Um rosnado sobe até minha boca dormiente, mas ele continua:

– Por favor, não me entenda mal. A filha bastarda de um duque montando, e ainda por cima a sua assassina... a corte do Novo-Rei ficaria furiosa com a Casa Hauteclare. Seu plano teria sido muito bem-

sucedido, mas não completamente. Seria uma chuva passageira, rendendo talvez dois meses de rumores sobre a filha bastarda, e a Hauteclare pagaria as pessoas certas para enterrar tudo. Penso em um método mais permanente.

Eu me desencosto dos travesseiros.

– P-Permanente?

Ele sabe que me ganhou, porque seu sorriso desta vez é paciente.

– A corte do Novo-Rei consiste em cinquenta e uma Casas. Elas se combinaram e se dividiram ao longo dos séculos, mas nenhuma delas foi dissolvida. *Nunca*. O rei não permite, veja bem: elas são a fonte do poder dele. Elas o orbitam como planetas, provendo a ele como ele provém a elas.

– Sei disso tudo... – Minha voz falha.

– Você já ouviu falar da Copa Supernova, suponho. – A dele, não.

Pisco uma vez. A Copa Supernova é o torneio de todos os torneios na Estação, e acontece uma vez a cada década. Por mais ignorante que eu seja a respeito de montaria, sei que a Casa que vence a Copa Supernova recebe um enorme apreço por parte do rei, e o apreço dele significa poder, dinheiro, influência – tudo aquilo pelo qual os nobres conspiram e se apunham nas costas sem parar é entregue de bandeja a quem quer que vença a Copa Supernova. A Casa Hauteclare – com meu pai como ginete – ganhou na década passada, e eu cresci com o seu estandarte fixado em cada ala e com as suas mal disfarçadas extorsões e pilhagens em cada esquina. As Casas poderosas participam para consolidar sua supremacia pelos dez anos seguintes, as Casas mais fracas participam para reverter seu destino, mas *todo mundo* participa.

Este tal de Dravik não pode estar...

– Eu gostaria que você montasse pela minha Casa na Copa Supernova, Synali. E, em troca, vou dissolver a Casa Hauteclare.

Meu coração vai parar na boca.

– P-Para sempre?

– Eles serão esquecidos. Seus feitos, sua história, suas honrarias, tudo será apagado.

Ele está louco. Uma iniciante não consegue ganhar uma copa como essa. Ninguém pode dissolver uma Casa a não ser o rei. Os olhos de

Dravik não vacila quando ele me estende a mão. Se estiver mentindo, é uma mentira espetacularmente cara – as contas do hospital, encobrir o assassinato de papai por mim. Ele correu um risco enorme me mantendo viva. Se estiver falando a verdade...

– Você não pode dissolver uma Casa – insisto.

– Um plano está em ação – ele diz isso como se fosse uma explicação: uma verdade fiável.

– Não me dê esperanças, Sir Dravik – crocito. – Não quero ter esperança, quero morrer. Quero descansar e ver minha mãe de novo.

Estranhamente, seu olhar desmorona de maneira dolorosa, como se ele estivesse vendo alguém que conhece bem. A ideia absurda de a Casa Hauteclare sendo varrida da Estação para sempre se pendura na minha mente como um fruto dourado. Hesito, encarando sua mão estendida. Nos últimos seis meses, a sensação da pele de outra pessoa não significou nada além de dor. Levanto os olhos para ele.

– Pode me prometer descanso?

A máquina apita mais devagar enquanto meu coração implora pela resposta.

– Quando tudo acabar – diz ele –, dou minha palavra que lhe darei o descanso.

Uma verdade fiável.

Estendo a mão, apertando minha palma calejada na sua pele macia.

8. Novicius

novīcius ~a ~um, a.

1. novo, recente



○ pináculo nobre gira lentamente no centro do anel da Estação, se aproximando da janela da aerocarruagem de Dravik. O zumbido baixo do motor nos isola do alvoroço de uma centena de outras aerocarruagens que deslizam pela fita laranja da estrada de luz sólida, com os assentos dos pilotos vazios, já que são guiadas por programação.

– Nunca tinha andado de aerocarruagem – digo. – Sempre fui mais do tipo bonde público.

– Sua vida de agora em diante terá muitas primeiras vezes, imagino. – Dravik ri, acomodado no canto à minha frente com a bengala no colo.

Ele não possui o halo de luz negra para identificá-lo como nobre por baixo da franja cor de rato, no entanto tem uma aerocarruagem particular – e uma bem cara, se os detalhes internos de lírios azul-bebê com prata incrustada forem algum indicativo. O brial de linho fino e tenro que ele me deu para usar na saída do hospital desliza na minha pele – é confortável demais, comparado às minhas túnicas de estopa. O xale de lã é amplo, sem buracos de traça. As botas de couro macio servem bem *demais* – muito diferente das sandálias trançadas em plástico a que estou acostumada.

– Vejo um grande problema neste seu plano – falo. – Não tenho

treinamento de ginete.

– Isso será remediado – concorda Dravik de supetão.

– Vai me mandar para a academia de ginetes e me colocar nas aulas junto com as crianças?

– Não é necessário. Sou um ex-ginete. A Copa Supernova é em dois meses, tempo mais que suficiente para ensinar o que sei a você.

Minhas sobranceiras se arqueiam. Então ele é nobre. Ou... *era*?

– Foi assim que você se machucou? Montando?

– Não. – Ele bate os dedos no joelho direito. – Isso foi mais... pessoal. Você, contudo, não tem nenhuma lesão, e, se for bem treinada, vai permanecer assim.

– Você fala como se eu fosse um animal – rosno.

O sorriso dele é perfeitamente calmo.

– Não se tornaria um animal para conseguir sua vingança?

Dou uma bufada e me recosto no assento com os braços cruzados sobre o peito. Ele faz o treinamento de ginete parecer fácil, mas acabo de dormir por dois meses – meu corpo está fraco. Mesmo que milagrosamente conseguisse absorver os meandros da montaria, enfrentar nobres que praticam o esporte há anos, se não décadas, é uma batalha perdida. Eles têm técnica. Experiência. Eu não tenho nada. Dravik poderia escolher qualquer ginete nobre e habilidoso, formado na academia, para montar por ele, então...

– Por que eu? – pergunto.

Dravik dá um tapa na lateral da perna.

– Eu não posso montar, e você não pode ter a esperança de destruir uma Casa sozinha. Cada um de nós tem o que o outro deseja.

– Não foi isso que eu perguntei.

– Seu aperto de mão mental na sela do Míssil Fantasma correu muito bem; você tem um talento natural. Os ginetes geralmente sofrem sangramentos nasais ou desmaios na primeira vez.

– Você poderia pedir isso a qualquer calouro da academia. É porque estou desesperada e sou mais fácil de manipular?

– Não.

– É porque odeio os nobres?

– Não.

– Então *por quê*?

O ruído baixo do motor. O tilintar das borlas cravejadas de safira pendendo do teto da aerocarruagem. A luz do sol incide nas gemas, refratando o arco-íris sobre o homem suave enquanto ele me dá um sorriso ainda mais suave, o tipo de sorriso que é uma não resposta – uma resposta que ele não pode ou não quer dar –, e percebo então que seria uma tola se confiasse nele. A coisa toda fede a manipulação e controle. Eu me levanto. Detectando meu movimento, a carruagem reduz a velocidade automaticamente.

– Abra a porta – exijo.

– Synali... – começa Dravik.

– Eu mandei abrir a maldita porta!

Ele não faz nenhum movimento na direção do pulso. Os controles da carruagem devem estar conectados única e exclusivamente ao seu vis, mas tudo nesta Estação tem uma redundância emergencial – até os transportes dos nobres. Encontro o botão aninhado embaixo da maçaneta, e ergo um único dedo para alcançá-lo...

– Você acha mesmo que seu pai matou sua mãe por conta própria?

A voz de Dravik congela minha mão no lugar.

– Sete – diz ele. – Sete outros membros da Casa Hauteclare votaram para abatê-la. Cada um deles coagiu seu pai ou o ajudou a encontrar, rastrear e matar sua mãe. Foi um trabalho em equipe. Como sempre são os negócios dos nobres.

Meus ouvidos começam a zumbir, minha boca fica seca como se eu tivesse engolido areia. A família o ajudou. O punhal que atravessou a garganta de mamãe tocou outras palmas além da do assassino. Seguro o pingente de cruz dela. Forte. *Mais forte*. As aerocarruagens lá fora passam por nós em luzes brilhantes. Uma eternidade transcorre antes que eu encontre a voz.

– Esses sete... Tem certeza de que estavam envolvidos?

– Sem dúvida – assevera Dravik. – Verifiquei cada um cuidadosamente durante os dois meses que você passou em recuperação. Vou fornecer as provas da culpa deles, se você assim desejar.

Por um momento, quase *desejo* poder duvidar desse estranho. Desejo que ele esteja errado, mas lá no fundo sei que não está – é claro que

todos eles nos queriam mortas. Eles são uma Casa. Estão *juntos*. A honra de *todos eles* estava em risco, não só a de papai.

Colapso em meu assento, e a carruagem volta a se mover. Pela primeira vez, Dravik não sorri.

– Eu esperava que pudéssemos aguardar até estarmos em casa para discutir as condições do nosso contrato, mas... para cada rodada da Copa Supernova que você ganhar, ofereço matar um desses sete nobres. Caso você *ganhe* a Copa Supernova, vou apagar a própria Casa Hauteclare.

De repente, em todo o entorno da impossível fruta dourada brotam outras frutas menores e mais próximas.

– Como você vai...

– Conexões. Pessoas, lugares, coisas, nenhum dos quais deve ser preocupação sua. Sua única preocupação deve ser montar. – Ele vê a incerteza em mim. – Acha que não sou capaz de me livrar deles?

Fico encarando as minhas palmas.

– Acho que você é capaz da sua parte, mas quanto à minha... não sei. Seu rosto se abre em um sorriso novamente.

– Nunca pensei que veria o dia em que alguém com sangue Hauteclare escolheria a humildade. Valente, você drogou um zelador, entrou escondida no salão de torneios fortemente protegido, enganou um ginete, sequestrou um corcel e apunhalou um duque até a morte. Sei de senhores do crime no subanel que fizeram muito menos.

– Montar é diferente.

Ele olha melancolicamente pela janela.

– Suponho que sim.

Nossa carruagem entra em um túnel preto e emerge no banho prateado do luar artificial, que se estende a cada edifício luxuoso e rua de pedra. Sempre vi o pináculo nobre de longe como uma miniatura odiosa, uma casa de bonecas prepotente, mas agora as fontes despejam água em elaboradas espirais antigravidade acima da minha cabeça, que se cruzam e se enfiam entre os prédios até que o céu esteja todo trançado. Nobres caminham nas calçadas em espartilhos cravejados de âmbar e sombrinhas holográficas e elaboradas máscaras de madeira. Pequenas criaturas distorcidas repousam em seus braços – macacos,

cachorros, todos eles modificados além do reconhecimento. Música abafada ricocheteia de quartetos com instrumentos de madeira branca de verdade em esquinas alternadas, e bobos da corte em chapéus neon e trajes iridescentes de borboleta voam e rodopiam entre o público esparsos.

Sem mendigos, sem ratos-toupeiras-pelados ou cachorros magros comendo lixo, sem mariposas esfarrapadas se asfixiando em luzes neon. Sem sangue nas ruas. Sem sujeira, sem dutos arrotando enxofre amarelo. Tudo é arejado, perfumado, resplandecente com holografias e madeira preciosa e música, e a água – *água limpa*, pela qual as pessoas morriam na Ala Baixa, pela qual se esfaqueavam – aqui foi transformada em *arte*, para que seus animaizinhos de estimação possam correr por ela e eles possam rir com essa visão.

Minha fúria dispara além de si mesma e despenca em náusea.

– Fascinante, não é? – pergunta Dravik, as luzes dançando em seus olhos enquanto ele estende uma sacola de plástico para mim.

Eu a agarro. Alguém lá fora ri. Um grupo começa a tocar. A música alegre tenta sufocar o som do meu vômito, mas não consegue.



No tempo que leva para a náusea sumir, nossa aerocarruagem entra em uma rua mais calma, longe da música, dos dançarinos e da multidão perfumada. Subimos uma colina exuberante com gramado verde e árvores brancas (*árvores de verdade, como havia na Terra*), as elegantes residências de mármore dos nobres salpicando a encosta. A carruagem para diante de um grande portão de metal, que se abre para fora imediatamente, feito uma boca de ferro preto.

– Chegamos – anuncia Dravik desnecessariamente.

A aerocarruagem desliza por um caminho esculpido na colina através de um jardim. Diferentemente da vegetação verdejante das outras mansões, a desta é desbotada, malcuidada, a grama está amarelada e as árvores de madeira branca parecem famintas. Mesmo assim... é mais

espaço vazio do que eu imaginava possível dentro da Estação. Mesmo assim, são árvores de verdade – folhas e raízes se retorcem de modo muito similar aos tentáculos do inimigo na porta do hangar. A mansão de vidro e mármore no topo da colina poderia facilmente abrigar cinquenta famílias da Ala Baixa.

Seguro meu vômito ensacado com mais força – eu sabia que as nobres Casas viviam confortavelmente, mas ver tudo isso de perto queima muito mais, de modo muito mais real. Enfim, a mansão nos envolve em uma praça bem-cuidada de cascalho branco, cercada de estátuas de mármore de santos e pecadores. São Petyr está pendurado em sua cruz invertida em absoluta humilhação, um lembrete de como eu cheguei baixo.

Permiti que minha vida caísse novamente nas mãos de um nobre.

– Bem-vinda ao meu lar, Synali. – Dravik faz um floreio com a bengala. – E seu também, é claro, pelo tempo que durar a nossa aliança. Vamos?

Ele me insta a entrar, e demoro dois passos além da porta para sentir o cheiro do pó – uma camada grossa sobre cada sofá felpudo, cada quadro pré-Guerra. O pó cobre até o chão de mármore, que tem caminhos delimitados onde o tráfego é mais intenso. Sombras estrangulam os cômodos, e apenas algumas luzes fracas piscam das próprias entranhas da mansão. Este é o cheiro de Dravik – traças e tempo e aquela escuridão inquieta. Meus olhos vagam ao redor, procurando guardas de prontidão, mas, se ele quisesse me entregar, suponho que não teria se dado ao trabalho de me arrastar até o pináculo nobre para fazê-lo.

– Espero que me perdoe pela bagunça. – Dravik me alcança. – Não passo muito tempo aqui, se posso evitar.

– Por quê?

Ele faz uma pausa. Então diz:

– Memórias.

Não sei por que ele quer que eu monte na Copa Supernova ou por que me escolheu particularmente. Não sei nem se posso confiar nele. Mas memórias e uma dor que mantém a pessoa longe delas – isso é algo que conheço bem.

Um latido ressoa de repente, metálico e simulado, e observo uma coisa brilhante avançar depressa pelo corredor em nossa direção – um robô do tamanho aproximado de um cão de médio porte. É feito de ouro liso, mas uma pata e algumas seções do torso foram substituídas por partes enferrujadas e desconjuntadas, enfeitadas com holoadesivos há muito desbotados e arte em laser infantil. Suas orelhas colidem contra a cabeça quando ele para diante dos pés de Dravik, abanando o rabo enferrujado em frenesi.

– Ah. – Dravik olha para baixo, seu sorriso infimamente mais amargo.
– Então ele te manteve vivo todo esse tempo, foi?

O cão-robô late e rodeia os sapatos de Dravik. Ele é estranho, mas menos intimidador que os animais de origem consanguínea que assombram os ombros nobres – e muito menos intimidador que o homem ao meu lado. Ofereço a mão a ele lentamente, que olha para mim com olhos de safira polida, cheirando minha palma com desconfiança.

– Olá – sussurro. – Sou Synali.

O cachorro rosna, repuxando o metal para mostrar dentes de madreperla.

– Quietos – diz Dravik, com desdém, depois olha para mim. – Não ligue para ele. É uma relíquia de uma era passada, nada mais.

– Meu senhor?

Eu me assusto quando um espectro branco emerge da escuridão: um velho, seu rosto é mais pálido que papel velino, e seu cabelo cinza, uma nuvem de eletricidade voando em todas as direções. É tão esquelético que parece que foi comido de dentro para fora – só sobrando pele e osso. Em flagrante contraste com o cabelo caótico, seus culotes e sua túnica são meticulosamente bem-cuidadas, e sua postura, imaculada.

– Você voltou, mestre Dravik – crocita ele, com um sorriso. Juro que vejo Dravik se encolher ao ouvir o título.

– De fato, Quilliam. O quarto de hóspedes está pronto?

– Sim. – Quilliam vira seu sorriso frágil para mim. – E tem tudo de que uma jovem senhorita precisa. Ah, estou tão animado que a Ponta do Luar esteja mais uma vez recebendo convidados...

– E o bunker? – pergunta Dravik.

– Eu mesmo recalibrei o sistema, meu senhor. Havia uma quantidade considerável de teias de aranha, e o visitante parecia mais faminto que o normal...

– Muito bem. – Dravik tira a sacola de vômito abruptamente da minha mão. – Jogue isso fora, por favor, depois prepare um chá leve. Synali e eu o tomaremos no meu escritório.

– Como quiser.

Ele faz uma medida e se arrasta para dentro do labirinto mal iluminado de cômodos, e Dravik vira sem dizer palavra na direção oposta, batendo a bengala enquanto sinaliza para que eu o siga. O cão-robô trota rapidamente em seu encalço – por mais que ele o odeie, o cachorro parece muito leal ao dono.

– Você costuma receber visitantes famintos no seu bunker cheio de teias de aranha? – pergunto, absorvendo cada um dos luxuosos e antigos quadros pelos quais passamos: é arte da Terra. Essa tal “Ponta do Luar” é tão vazia, empoeirada e imóvel que parece mais uma tumba que uma mansão.

– Não. – Dravik ri. – Geralmente, tenho modos melhores.

– Então por que...

– Você teve um dia muito longo, Synali – interrompe ele, com suavidade. – Ou melhor dizendo, dois meses muito longos. Vamos elaborar um contrato e descansar o resto da noite. Há muito trabalho a ser feito pela manhã.

Ele está claramente evitando o assunto. Eu o sigo até um cômodo – não de mármore, mas de *madeira*. Minha boca quase se abre. Todo metal é sintetizável, dependendo de quais elementos as subestações extraem de Esther, mas não se podem sintetizar árvores – elas precisam de *solo e espaço e tempo* para crescer. Para os nobres, a madeira branca e o âmbar que ela dá são mais preciosos que ouro. O escritório de Dravik é inteiro de madeira *pré-Guerra*, madeira antiga produzida na Terra – avermelhada e opulenta. É mais quente que o fogo, mais viva que o metal, mais elegante que o mármore, com espirais se contorcendo pela superfície como fumaça de café num mar de brasa. É a mesma madeira do pingente de mamãe. Ela o amava, o acariciava como os padres acariciam seus rosários de pedras preciosas até elas ficarem lisas.

Meu dedão passeia pela cruz no meu pescoço, traçando suas gravações.

– Por favor. – Dravik aponta para uma poltrona bem em frente a uma escrivaninha de madeira branca. – Sente-se.

Eu faço isso – não há pó nos braços da poltrona. Este deve ser o cômodo que ele mais usa. Uma coleção de borboletas está pendurada na parede feito lindos doces dispostos em fileiras organizadas, e livros de papel verdadeiro se acumulam nas prateleiras em toda a sua cara e antiquada glória. O cão-robô se deita num tapete sofisticado, e o brilho dos olhos de safira diminui com a aproximação do descanso. Antes que eu tenha a chance de me ajeitar, Dravik fala:

– Seu pai mandou matar sua mãe.

O calor do cômodo esmorece. Tento dizer algo, mas as palavras se grudam como gelo engolido. É uma frase simples. Deveria ser simples de ouvir, de processar e deixar de lado – é a verdade –, mas os cães da memória puxam suas coleiras diante dela... *O sangue se acumulando no chão de latão, seu cheiro salgado, o cabelo preto de mamãe encharcado dele...*

– Seu pai matou sua mãe, não matou?

– *Pare de repetir isso* – digo em voz baixa.

O cachorro levanta a cabeça ao ouvir meu tom e rosna de novo, mas a voz de Dravik fica severa.

– Chega, seu tonto. Desculpe, Synali, esqueci o quanto as feridas duram quando estão frescas.

“Esqueci.” Ele está sugerindo que sabe como é perder a mãe? Fico encarando-o – nenhum sinal de desonestidade, nenhum passar de língua nos lábios ou desvio dos olhos. Nobres menos poderosos frequentavam o bordel da Madame Beldeaux – tipos mercadores que mal tinham relação com o mais inferior dos barões –, mas, quanto maior o seu posto, mais difíceis se tornavam de ler. A corte do Novo-Rei treina todos, quer eles queiram, quer não, e treinou Dravik muito, *muito* bem; não consigo lê-lo nem um pouquinho.

Ele empurra um pedaço de papel velino em branco para mim com seus dedos cheios de anéis. Sem assinaturas no vis, sem telas – contratos físicos, reais, impossíveis de hackear e mais difíceis de rastrear.

– Diga seus termos – fala ele. – Cada um ficará com uma cópia

assinada pela outra pessoa. Se qualquer um de nós quebrar o contrato, podemos levar nossa cópia à polícia e denunciar o outro de traição. Sua traição seria matar um membro da nobreza.

– E a sua?

– Tentar destruir uma Casa, algo que só é permitido ao rei. “*Assumir as responsabilidades da coroa sem a permissão do trono*”, creio que seja o termo.

Solto um bufo de desdém.

– Com ou sem contrato, a polícia nunca prende pessoas como você. Você tem amigos em lugares importantes.

– Os “lugares importantes” me baniram há muito tempo.

Mentiras de novo. Ou seria verdade? É enlouquecedor não conseguir saber – quando se trata dele, é como encarar uma parede de olhos cinzentos. Pego uma pena a laser do tinteiro, fazendo a ponta pairar sobre o papel.

– Eu posso não ganhar. Nada. Eu poderia chegar na primeira justa e morrer.

– Você não vai.

– Como pode ter tanta certeza?

– Antes de morrer, minha mãe me contou histórias sobre a Guerra dos Cavaleiros.

A mansão quieta pulsa silêncio. O olhar de Dravik passa pelo meu ombro e se dirige até a porta, e eu olho para trás, mas não há ninguém ali. O rosto dele diz que *há*.

– Os cavaleiros da Guerra eram os melhores ginetes que já existiram. *Lendários*. Mesmo em seus corcéis rudimentares, eles conseguiram feitos incomparáveis de desenvoltura e destreza no campo de batalha. Sua maestria não pode ser igualada hoje por nenhum ginete moderno, ou é o que dizem. Sabe por quê?

Franzo a testa para a lareira fria.

– Porque eles estavam desesperados para sobreviver. Para matar o inimigo.

Sua boca se enrugou num sorriso.

– Foi o que eu pensei também. Mas mamãe diz outra coisa.

– “*Diz*”? Você acabou de falar que sua mãe morreu.

– Morreu. Há catorze anos.

– Você queria usar o tempo passado, então.

Ele desvia o olhar da porta.

– Não, não queria. Minha mãe ainda me diz muitas coisas.

Minha saliva escoia em um silvo:

– Você é *louco*.

– E você é uma assassina. – Dravik sorri ainda mais. – Mas nada disso é nossa culpa. Nossos pais nos deixaram assim, não é?

Ele é louco, mas não está errado. Papai é o motivo de eu estar aqui. Já usei homens cruéis a meu favor. Já usei homens egoístas a meu favor. Mas vai ser a primeira vez que vou usar um maluco.

Cerro o punho ao redor da pena. Minha mão desenha cada letra dolorosa: *SYNALI EMILIA WOSTER*. Faz sentido que a garantia da morte da Casa Hauteclare seja assinada com o sobrenome de mamãe, mas a sensação torturante de ter entregado minha vida para um nobre persiste. Dravik assina o contrato como *Dravik vel Lithroi*. O sobrenome parece vagamente familiar... mas, enquanto penso, sou surpreendida pelo barulho repentino de um carrinho de chá entrando no cômodo. O fantasmático Quilliam vem até o meu lado segurando um prato, no qual há um pequeno bolo coberto de glacê e flores de açúcar. Seus olhos velhos e úmidos brilham com a chama de uma única vela tremulando no topo.

Eu me viro para Dravik.

– Isso...

– Tive bastante tempo para ler seu arquivo – diz ele. – Fiquei triste ao saber que o dia da sua morte também seria o dia do seu nascimento.

Não consigo me mover. Não consigo fazer nada além de inspirar o aroma de bolo, de cera, de memórias.

– Não preciso da sua piedade.

– Piedade não, tradição. Nesta casa, aniversários são celebrados. – Ele levanta o olhar para um quadro de dois veados brincando. – Sempre foram.

Quilliam acena entusiasticamente com a cabeça para que eu pegue um garfo.

– Com dois meses de atraso, mas... feliz aniversário, srta. Synali.

Espero que esteja do seu agrado.

Seguro as pontas de prata com força. Após um momento de silêncio, Dravik se levanta.

– Acho que Quilliam e eu vamos nos recolher por hoje. Você vai encontrar seu quarto no fim deste corredor, ao lado da estátua de centauro. A biochave foi enviada para o seu vis. O café da manhã é às sete. Vemos você amanhã, então.

Dravik acena com a cabeça e Quilliam faz uma mesura antes de saírem em passos de bengala e passos arrastados, o cão-robô os seguindo de perto. Fico olhando para a vela que derrete sozinha. Ninguém em sã consciência deixaria uma estranha sem supervisão no seu escritório particular. Ou ele tem um sistema de monitoramento ou... confia em mim.

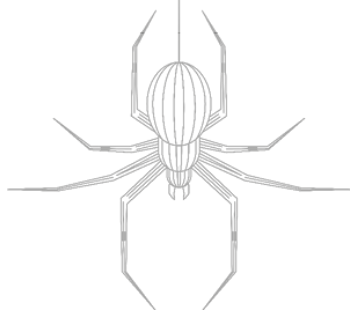
Ridículo. Esse gesto de bondade é um truque. Quantos plebeus eu já vi se renderem ao suborno, a demonstrações vazias? Mamãe acreditou nas promessas de papai de que cuidaria dela. *Eu sei tudo isso*, e ainda assim estendo a mão para o bolo, como alguém tentando alcançar o coração no peito de outra pessoa, e pego um pedaço. E mais outro. Eu o espremo entre os dedos. É aerado e delicado e refinado – nobre até o caroço. Eu o destruo. Como tão rápido que mordo a língua. Um barulho sai de mim que não é nem choro, nem riso, e o gosto é de sangue e merengue e da percepção de que não posso vê-la até que tudo esteja acabado. Até que os sete assassinos de mamãe na Casa Hauteclare tenham pagado, vou continuar viva. Vou ser treinada como um animal.

E vou devorar todos eles.

–9. Vermis

vermis ~is, m.

1. um verme



No seu décimo terceiro aniversário, o menino descartado com cabelo de fios de ouro recebeu um nome dado pelo seu pai – Rain.

Era uma palavra com uma sonoridade estranha, então o garoto perguntou o que significava, e o pai respondeu:

– Significa chuva: uma coisa que cai, mas nunca se quebra.

Era o nome secreto deles – as crianças na guilda de assassinos chamada Mão da Aranha eram chamadas por cores e números ou, se fossem particularmente próximas uma da outra, por “irmã” e “irmão”. Para os irmãos e os instrutores da guilda de assassinos, ele era Violeta-Cinco, mas, para o pai – nos momentos furtivos em que se encontravam para treinar mais –, ele era Rain.

Era estranho que Rain recebesse qualquer treinamento a mais; seus irmãos e suas irmãs podiam dormir às dez. Ele questionou o pai sobre isso uma noite, e o velho abaixou o punhal que estava polindo.

– Os arcontes têm altas expectativas em relação a você.

Os arcontes? Os nove indivíduos que determinavam cada passo da Mão da Aranha?

– Por quê? Não fiz nada de especial. Verde-Sete completou muito

mais contratos este ano, e Vermelho-Doze apagou um barão semana passada...

Um lampejo de dedos velhos, e o punhal cortou o ar próximo à orelha de Rain até o ponto central do alvo de estopa localizado dez metros atrás dele. O pai olhou para ele com a boca franzida e severa.

– O valor de um assassino não é medido em quantidade nem em qualidade, mas em potencial.

Rain só começou a entender o que o pai quis dizer dois anos depois. Os poucos contratos que ele tinha vinham esporadicamente e eram bem... específicos. Suas mortes pareciam estar servindo a uma nobre Casa em particular. Não estava claro qual Casa, mas devia ser poderosa – do tipo que poderia manter um assassino da Mão da Aranha em plantão permanente.

No começo, ele tinha inveja dos irmãos e das irmãs – dos seus constantes contratos e vitórias e histórias de caça –, até que começaram os funerais. Verde-Sete foi crivado de buracos pela pistola de luz sólida de sua presa. Vermelho-Doze calculou mal as rotinas de manutenção e foi eliminada para o espaço enquanto se escondia nas paredes de um compactador de entulho. Cada mês trazia um novo acidente, uma nova morte. Cada mês trazia uma aranha mais jovem para ocupar a vaga, assim como Rain e seus irmãos tinham ocupado a de alguém havia tanto tempo.

Ele tinha dezessete anos quando o mais jovem deles, Amarelo-Oito, morreu. O sangue formava uma faixa no corredor do bunker, ainda molhado de quando os tecelões o trouxeram na maca. Era estranho de ver – o sangue não era de uma presa, mas de um dos seus. Rain o encarou por muitos e longos minutos, observando seu reflexo no sangue molhado, até que um tecelão o expulsou dali.

Sua irmã Violeta-Dois encontrou Rain no refeitório, sentado sozinho a uma mesa. Ela o tocou no ombro com um olhar embaçado.

Temendo não ser capaz de se controlar na frente dela, ele tentou se levantar, mas ela colocou um copo de cerveja e uma porção das vitaminas diárias deles diante de Rain. Os olhos dela dispararam para os instrutores comendo e os tecelões posicionados ao longo das paredes, e ele entendeu que ela queria lhe dizer algo – uma aranha entendia a

outra –, mas os adultos odiavam quando eles especulavam, e não ajudava que todo mundo na Teia soubesse ler lábios.

Devagar, ele engoliu as pílulas e tomou um gole de cerveja, e Violeta-Dois não falou até que o último instrutor no refeitório desviasse o olhar deles. Então ela murmurou para sua própria cerveja:

– Tudo mudou.

– Mudou como?

Ela limpou a espuma dos lábios.

– Amarelo-Oito morreu cumprindo um contrato estranho. Não são mais só os nobres matando uns aos outros. Não são nem mercadores rivais ou interesses institucionais. Eles começaram a fazer contratos contra plebeus, plebeus bem armados.

– Quão bem armados?

Violeta-Dois balançou a cabeça, o que significava *muito*. Ela tomou outro gole lento.

– Você e as outras aranhas de Casas são os únicos que ainda fazem trabalhos entre nobres. O resto de nós está sendo mandado para as subestações para derrubar... a resistência. Essa é a única maneira de descrever.

– Quem são as presas?

– Membros de sindicato, filósofos, gangues do subanel, cultos e ateus e médicos do mercado clandestino: qualquer um fora do controle do rei e da igreja. Vermelho-Dez e eu trocamos informações; todos eles têm relação com um grupo que se denomina “Polaris”. Verde-Um acha que não vai demorar para que os vejamos na Estação em si, primeiro no subanel, depois na Ala Baixa.

Rain mordeu o lábio. Verde-Um era o melhor deles – o mais velho, o mais sábio. Se ele falou, é porque aconteceria. Mas a confusão ainda o torturava.

– Por que agora?

– Não tenho certeza. Verde-Um diz que estão bem organizados demais. Que devem estar recebendo ajuda de alguém.

Alguém com dinheiro, ela quis dizer. Não, mais que isso – influência e educação também. Alguém... *nobre*.

– Qual Casa? – perguntou ele.

Violeta-Dois balançou a cabeça de novo, mas desta vez foi um movimento devagar, amedrontado e incerto.

9. Feritas

feritās ~ātis, f.

1. (sobre animais) selvageria
2. (sobre homens) brutalidade



Olho pela janela em minha nova cama. *Um quarto inteiro para mim.* O nascer do sol sobre a mansão de Dravik é artificial – rosa, dourado e verde projetados no horizonte raso do pináculo nobre –, mas ainda assim é lindo. Entendo agora por que mamãe queria que eu o visse.

Abro meu vis e programo o *timer* para um minuto. Passo os braços ao meu redor, sentindo a memória fantasmagórica de um abraço. Aperto, então aperto mais forte. Ela nunca terá a chance de ver isso – papai garantiu que não.

Ele tentou garantir que eu nunca visse isso também.

Dez. Nove. Oito...

Será que ele me odiava tanto assim?

Sete. Seis. Cinco...

A cicatriz na minha clavícula lateja. Não.

Quatro. Três. Dois...

Se nos odiasse, se nos amasse... se sentisse qualquer coisa por nós, teria vindo e nos matado ele mesmo.

Um.

Lágrimas enxugadas. Pés no chão de mármore gelado.

Os corredores da mansão estão silenciosos e vazios, a poeira rodopia no sol pálido. Nada se move além de mim. Nada respira, embora os grandiosos retratos familiares e as estátuas e a mobília luxuosa ostentem uma bela vida. O silêncio é imenso e inquietante quando levanto o olhar para o retrato de um menino de olhos verdes que sorri fracamente para o nada ao redor dele, nada além de ossos. A Ponta do Luar não é uma tumba – é uma carcaça, cujas entranhas foram devoradas há tempos por uma fera muito maior. Meus passos congelam quando um aroma repentino chega pelo corredor: o de algo assando no forno. As cozinhas devem ficar perto daqui. Se fechar os olhos, posso quase sentir o gosto – pão e risadas e carinho.

Não até que tudo esteja acabado.

Minhas exigências contratuais são as seguintes: um – dentro de vinte e quatro horas após minha vitória em uma justa, um dos sete vai morrer, e Dravik vai me mandar por vis as provas do envolvimento desse nobre no assassinato de mamãe. Dois – ele nunca me pedirá para fazer nada além de montar. E três – quando a Copa Supernova terminar, ele vai garantir a minha morte indolor.

Dravik só tem uma exigência: quando me perguntarem quem sou, devo dizer meu nome inteiro: Synali von Hauteclare.

Porque *este* é meu nome agora.

O vis de Dravik projeta minha certidão de nascimento na mesa polida do café da manhã. *SYNALI EMILIA WOSTER* foi substituído por *SYNALI VON HAUTECLARE*. O nome do meu pai e o meu estão agora *conectados*. Como se fosse um cacoete incontrolável, jogo o copo d'água mais próximo na holografia, criando uma chuva de pixels azuis. Dravik nem levanta os olhos dos ovos com torrada, seu cabelo arenoso cuidadosamente penteado e seu plastrão de um branco imaculado. A água empoça no centro da mesa enquanto me sento à sua frente.

– Como você conseguiu que o escrivão das linhagens fizesse essa alteração? – pergunto.

– Como você conseguiu matar seu pai? – retruca Dravik, com frieza, e a resposta permanece nos meus lábios: ameaças e chantagens, sangue e feridas e drogas, *qualquer coisa*. Eu me calava se fosse preciso.

Implorava se fosse preciso. Apanhava e batia e assistia à violência de fora do meu próprio corpo olhando para a cama lá embaixo. Mas não digo nada disso. Dravik sorri largamente por cima da xícara de chá. – Hummm. Suponho que todos nós tenhamos nosso jeito de conseguir resultados, não é?

Através das grandes janelas da sala do café da manhã, vejo aquele jardim moribundo de grama amarela e árvores brancas e doentes. O cheiro de café fresco no ar me deixa tonta. Quilliam entra na sala e limpa a água da mesa, devagar. Para que se dar ao trabalho de trocar meu nome para Hauteclare? O nome Lithroi seria muito mais simples, chamaria muito menos atenção. A menos que...

– Você quer que a corte saiba que uma bastarda está montando para você – digo.

Dravik ignora sumariamente minha conjectura.

– A julgar pela aparência do bolo esta manhã, você mais atacou do que o comeu. Vai precisar de energia para o treinamento, tente comer seu café da manhã.

– Os nobres por acaso vão deixar uma bastarda como eu montar? – pressiono.

– Eles não poderão opinar. Você gostou de Rax?

– *Se gostei?*

– Vi um pequeno vídeo do seu confronto antes da justa dois meses atrás. Sorte que você estava de capacete, ou ele poderia ter se tornado um problema. Ainda pode.

Solto um som de escárnio.

– Duvido. Ele pareceu tão inteligente quanto um saco de rebarbas de metal.

– Não é necessário ser sempre inteligente para atingir a vitória, Synali. Só é necessário atacar quando o oponente comete um erro. E ele decerto pareceu tirar você do sério.

Não gosto do que ele está insinuando.

– Posso me controlar.

Dravik murmura em concordância. O cão-robô está aos seus pés. Dirijo um sorriso hesitante para ele, que apoia a cabeça nas patas e me ignora. Com a mesa seca novamente, Quilliam entrega meu café da

manhã, um prato com uma pilha alta de ovos e carne, embora eu esteja menos preocupada com esse conteúdo e mais com as fungadas constantes do homem.

– Quilliam está doente? – pergunto.

– Acho que é alergia.

– Deve ser desse pó. É muita coisa para um velho limpar. – Tenho uma revelação. Dravik não fez aquele bolo, foi Quilliam. – Eu poderia ajudá-lo.

Dravik sorri levemente.

– Se sobrar energia após um dia inteiro de treinamento, fique à vontade.

Franzo a testa e empurro os ovos no meu prato. O cachorro inclina a cabeça para mim. *Ah, então agora mereço sua atenção?* Quando Dravik se levanta para pegar mais chá no samovar, jogo uma porção de ovo no chão. O cachorro se aproxima imediatamente, farejando a poeira ao lado da comida antes de inalá-la de uma só vez.

– Você consegue sentir o gosto? – Diante do meu sussurro, o cachorro começa a rosnar, mas depois de outra porção de ovo balançando no ar, ele volta a inclinar a cabeça com curiosidade. Dou uma risadinha desdenhosa. – Você é tão volúvel.

Dravik retorna e o cachorro desliza mais uma vez para baixo da sua cadeira.

– Quilliam ficará responsável pela sua dieta nos próximos dois meses. Nossa prioridade é ganhar a massa muscular mínima exigida para operar um corcel com o máximo de velocidade e segurança possível.

Rax me vem à mente, com toda a sua vaidade esculpida em mármore. O modo como seu corpo ficou sob o meu, cheio de expectativa, tenso e incandescente... Meus lábios se contorcem.

– Tenho certeza de que montar não depende só de criar músculos.

– Não – concorda Dravik. – Mas você já demonstrou compatibilidade mental com os corcéis. É todo o resto que me preocupa. Vamos começar?

Engulo o que sobrou da comida – carne fresca retirada de um animal de verdade, do tipo que eu queria comprar para mamãe quando ela parou de se levantar da cama. Carne que pensei que a tornaria forte de

novo. Eu a engulo na velocidade da luz, me recusando a sentir seu gosto. Empurro-a para baixo com água – nada de chá, nada de açúcar, nada de creme, nada de deleites.

Não estou aqui para me deleitar.

Estou aqui para ganhar a Copa Supernova.



Uma porta fria de aço e uma biotrava de última geração guardam a entrada para o bunker da mansão. A longa jornada pelo lance sombrio de escadas é interrompida apenas pelas fungadas de Quilliam, pelas batidas da bengala de Dravik e pelo barulho metálico das patas do cão-robô. Enterrado mais profundamente do que posso calcular está um cômodo sem chão – é uma grande fenda cortada apenas por uma passarela com corrimão.

– Bem-vinda ao bunker. – Dravik faz um movimento para as paredes de aço nuas.

Não há nenhum “visitante” faminto ali, como Quilliam mencionou, mas há um corcel: um gigante deplorável com quarenta vezes o meu tamanho pendurado na parede pelos braços. Pedacos da sua armadura descolorida caíram, revelando as fibras mecânicas logo abaixo, como pedacos de músculo enferrujados. O corcel de Rax não se parecia em nada com este – um modelo antigo, totalmente devastado pelo tempo.

Eu me viro para Dravik.

– Sou uma piada para você? *Esse* é o meu corcel? Essa pilha de sucata deveria estar no museu da Guerra!

Ele se apoia casualmente no corrimão.

– Ah, você tem o olho afiado. Este é um dos corcéis protótipo A originais, a terceira leva que a humanidade criou na sua tentativa de vencer a Guerra.

– Você quer que eu monte um negócio de *quatrocentos anos de idade*? Não vou conseguir ganhar nada nessa porra enferrujada! Vou ser morta no primeiro...

– São trezentos e sessenta e dois anos, na verdade – corrige ele, brandindo a bengala para cima e para baixo do chassi quebrado do corcel, como um professor. – Todos os componentes dele ainda estão intactos. Pode não ser tão robusto quanto os modelos modernos, mas com certeza é mais rápido. E, se me permite ser honesto, muito mais charmoso.

Fecho o punho no plastrão de Dravik sem nem perceber. O cão-robô começa a latir freneticamente, eriçando os invisíveis pelos de metal conforme bate os dentes de pérola na minha canela. Uma perda de tempo – isso é tudo que esse nobre sempre foi. Eu nos inclino contra o corrimão. O chão do bunker nos aguarda boquiaberto cem metros abaixo, ou até mais, as monolíticas patas pendentes do corcel desaparecendo na escuridão.

– Devo nos empurrar por cima do beiral? – silvo em sua cara. – Terminar tudo agora como sem dúvida vai terminar depois, com ambos mortos? Seria mais rápido que esta farsa na qual você me obrigou a entrar.

Sinto uma pontada aguda no calcanhar através da bota, mas me recuso a soltar, me recuso a tirar os olhos do nobre que deixei me enganar. O cachorro tenta rasgar meu tendão, perfurando minhas novas botas de couro, e Dravik diz uma única palavra com muita clareza:

– *Astrix*.

Os dentes no meu calcanhar se soltam imediatamente, e ouço o zumbido inconfundível de uma bateria solar sendo desligada. Por que desligar o cão-robô com um comando? Vou jogar nós dois por cima do beiral. Dravik deveria revidar. O corpo macio por baixo do seu gibão bordado deveria se contorcer e se apoiar e *tentar*, mas ele nem chega a resistir. Ele é um junco calmo em uma tempestade; o sorriso afável em seu rosto me faz afundar ainda mais.

– Você parece bastante acostumada à violência – diz ele.

– Você esperava algo diferente quando tirou das ruas uma garota inútil da Ala Baixa?

A voz dele endurece.

– Você não é nada inútil.

– Por favor – implora Quilliam do console na outra ponta da

passarela. – Por favor, senhorita, não vamos brigar...

– Silêncio! – lato por cima do ombro. – Você não entende? – pergunto a Dravik. – Os *corcéis* dos nobres são absurdamente melhores que esse e vão acabar comigo num piscar de olhos. Tudo isso foi para nada!

Dravik ri suavemente.

– E parece que você também se desespera rápido.

Aperto os dentes. O que é que o rabo privilegiado dele sabe sobre desespero? Ele me deu esperança só para depois a roubar implacavelmente com este ferro-velho de corcel. De longe, Quilliam murmura algo ininteligível.

– Ele tem razão – admite Dravik.

– Sobre o quê? – Eu nos empurro tão longe sobre o beiral que o corrimão range.

Não há uma única gota de suor brilhando nele, nem uma única tremida nos olhos. Ele é impenetrável, e eu desprezo isso. Estando tão perto, vejo pela primeira vez – formatos de pixel desbotados entalhados nas bordas dos seus olhos cinzentos quando ele os levanta para o corcel. Cicatrizes de uma cirurgia nas íris. Cara. Dolorosa. Nobres leais a fazem para “representar” melhor sua Casa e as cores do seu selo. Ele alterou a cor dos olhos – de outra coisa para cinza.

– Nós ganhamos a Guerra com eles, não ganhamos?

Fico paralisada, depois viro os olhos lentamente para o corcel.

Esta é a história contada pelos padres: Satanás enviou o inimigo para nos destruir.

Esta é a história contada pela História: não sabemos por que o inimigo atacou, apenas que o fez. Deslocando-se pelos oceanos abundantes – a coisa mais perto da gravidade zero do espaço a que estavam acostumados –, eles eliminaram três quartos da população humana em apenas duas décadas. Mas então fizemos as sete estações – grandes arcas de metal protegidas por escudos de luz sólida em formato de colmeia que flutuavam muito acima do chão arrasado. E então fizemos os *corcéis* humanoides. As estações nos salvaram, nos preservaram, mas foram os *corcéis* que viraram a maré da Guerra para nós, que nos renderam a vitória. O inimigo foi destruído por milhares de *corcéis* exatamente como este, e por seus corajosos ginetes que mataram

e morreram – os cavaleiros da Guerra.

Esta é a história da Terra antiga: um dia, houve muitas guerras. Mas, quando o inimigo veio, havia apenas uma. Um dia, algum cavaleiro montou este corcel.

Esta é a história que conto a mim mesma: um dia, este corcel usou o sangue do inimigo como pintura de guerra.

Mãos cinza penduradas, longas pernas fraturadas e retorcidas na articulação do quadril. Um elmo em forma de crescente pende inutilmente sobre a couraça gasta. Ele parece errado, quebrado, vazio. Das profundezas das brechas em sua armadura, o metal captura meu reflexo abatido: vazio, quebrado, errado. Dois iguais. Sete iguais devem pagar pelo que fizeram. Não é tempo de bondade.

Tiro as mãos de Dravik.

– Onde está a equipe técnica, então? Com certeza isso não é o melhor que seus engenheiros puderam fazer.

O nobre ajeita o plastrão.

– Eles estarão aqui pela manhã, mas precisam que você carimbe o corcel antes que possam trabalhar nele.

– *Carimbe.*

– Suba na sela pelo menos uma vez – esclarece ele. – Seu aperto de mão neural será estabelecido, e o sistema do corcel será reiniciado, o que não é feito há trezentos e sessenta e dois anos.

– Onde foi que você achou um negócio tão velho?

Ele me dá aquele sorriso de novo, sem oferecer nenhuma resposta.

– Como eu disse, sua única preocupação é montar.

Quilliam aperta um botão no console, e o corcel pendurado dá um berro estremecedor, partindo a couraça em metades rangentes e revelando uma escuridão total do lado de dentro. Uma prancha sai da passarela e com alguns poucos cliques metálicos se acopla à borda do peito aberto do corcel. Algo nas suas profundezas chilreia, o som de um milhão de volts abafados em outro cômodo. Da cavidade escura do seu peito, surge uma luz – um jato muito familiar de gel roxo-azulado com vagarosas espirais prateadas, contido em um cilindro do tamanho de um caixão feito para três pessoas.

A sela.

Dravik faz uma medida irritantemente extravagante.

– Pode ir na frente, Synali. Isto é, se ainda quiser honrar nosso contrato.

O corcel é imenso. Eu sou pequena. É velho, mas eu sou jovem. Sou iniciante, e os outros ginetes não serão. Dou um passo hesitante na prancha, depois outro – a cada lado, o abismo do bunker; à minha frente, luz roxo-azulada; atrás de mim, nada além de dor. Eu já deveria ter aprendido a não ter esperança. Mas agora, emoldurada por essa estranha luz, suas sombras se esforçam para entrar em mim. Ele me deu um corcel. Nós *poderíamos*. Eu *poderia*. Juntos, nós podemos extirpar a Casa Hauteclare.

Viro para trás e encaro Dravik.

– Não haverá nenhuma honra nisso.

Seu sorriso se alarga.

– Eu sei, valente. Mas isso é metade da diversão.

As portas da couraça se fecham atrás de mim com um barulho ensurdecedor.

PARTE II

A teia de aranha

10. Humo

humō ~āre ~āuī ~ātum, *tr.*

1. enterrar



Estou sozinha. Está escuro, como no espaço. Pânico. *Não entre em pânico* – aperte o pingente de mamãe e siga em frente.

As entranhas do corcel têm um cheiro pungente, de ácido de bateria, óleo mineral e aquele leve aroma cítrico. A cabine é maior que pensei – do tamanho do meu apartamento de lata, talvez. Não há nada como as características superfícies lisas de mármore do Míssil Fantasma; neste corcel, há saliências de metal por toda parte, grosseiras e inacabadas, cobertas de ferrugem, parecendo mofo vermelho e seco. É tão empoeirado como a Ponta do Luar, mas mais apodrecido, abandonado – algo que ainda está no processo de morrer, em vez de ser um esqueleto embranquecido e sem esperança.

A sela espera no centro da cabine, pulsando gentilmente. É um farol nu de azul-violeta e espirais prateadas flutuando languidamente, e não há nenhuma barreira projetada o encapsulando. Estranho... mas este é um modelo velho – talvez a luz sólida ainda não tivesse sido inventada. Com cautela, estendo um dedo e toco a superfície. A ondulação do gel não me surpreende, mas cada espiral prateada se condensando instantaneamente na ponta do meu dedo, sim.

– Como se espera que eu entre? – murmuro.

– Você precisa empurrar. – Dou um pulo quando a resposta de Dravik chega pelo comunicador da cabine. – A superfície do *fluido nervoso* cede quando se aplica força suficiente.

– Fluido nervoso? É esse o nome mesmo?

Ele não responde. Empurro a mão inteira em direção à sela. Onde quer que eu toque, as espirais gravitam como uma nuvem de moscas seguindo um cheiro. De repente, tem alguma coisa aqui. *Que me observa*. É mais forte que no primeiro corcel, tão forte que consigo sentir seu olhar fixo na minha nuca, mesmo sem ser eletrocutada dentro do gel. A cabine parece pequena demais. O ar parece pesado, é difícil respirar, como se a coisa estivesse *diretamente em cima de mim*.

– Eu... – Engulo em seco. – Não preciso de um traje de ginete?

– Trajes de ginete são para exposição prolongada; você só vai reiniciá-lo.

Exposição prolongada. Exposição *a quê?*

Sem a queimadura do assassinato de papai em minhas veias, tenho margem para hesitar... mas o que é a hesitação senão a desculpa do covarde? Empurro o gel com toda a minha força e ele cede em um arquejo fluido, puxando meu corpo para dentro com uma gravidade viscosa e inescapável. Meu coração bate na garganta, uma pressão sem som se amontoa nos meus ouvidos e minha pele, e a coisa de repente está *bem aqui*. Ela passou flutuando por cima de mim antes, mas agora está com as mãos em volta do meu pescoço. Minha respiração fica curta, o gel é como oxigênio invisível na minha boca e no meu nariz, e estou assustada demais para virar a cabeça – tudo o que vejo são as espirais prateadas deslizando por mim, se aglomerando em cada centímetro da minha pele exposta. Por que este corcel é tão *diferente*? Ou será que esta é só a sensação sem estar de traje?

– Vou soltar a corrente de reiniciação pelo fluido nervoso agora. – A voz de Dravik no comunicador sai abafada. – Talvez você sinta uma breve dor.

Não é dor; é uma invasão – como água entrando pelo canal errado no meu nariz, só que sinto no meu *cérebro*. Como um *déjà vu* imposto de fora para dentro, a coisa que me observa *entra* em mim. Ela não me

sonda gentilmente como o Míssil Fantasma. Não é uma mão aberta e estendida – é o preenchimento de um espaço vazio. É o punhal penetrando minha clavícula, o vácuo do espaço implodindo a cavidade torácica de papai quando me livrei dele, o pesadelo constante da morte de mamãe. São os homens no bordel sem cuidado, sem misericórdia (**pare**), e eu me sinto rígida, as pálpebras abrindo e fechando descontroladas, e começo a ver coisas. Luz branca. Raios. Eles cortam a escuridão do espaço feito balas radiantes – parando apenas quando atingem os escudos projetados em colmeia. Uma centena de corcéis prateados voam no meu campo de visão, ziguezagueando pelo espaço como vespas elegantes, sem deixar nenhuma trilha de plasma – versões novas e brilhantes do corcel antigo do bunker.

E então eles se viram para mim.

Uma centena de agulhas gigantes se viram e miram na minha exata direção. Caçadores procurando uma presa.

Eles vão me atacar.

Um instinto profundo me atinge como uma facada – sei que aqueles corcéis estão vindo me matar tão prontamente como o assassino o fez. O lampejo de um punhal. O lampejo de lanças. Eles vão acabar com a minha existência. Eu me viro, caio, giro em gravidade zero, as estrelas embaçando. Pior que o medo de morrer é o medo agudo e incessante de estar completamente *sozinha*. Sei disso. Não sei por quê, nem como, mas sei que todos os meus amigos estão mortos.

Sou a última que sobrou.

– ... está completa. Está me ouvindo, Synali? A reiniciação está completa. Pode sair da sela agora.

A voz de Dravik é a faca que corta o cordão – as imagens e o medo desaparecem, e meu corpo se derrete para fora das mãos do... que quer que fosse aquilo. Eu me arranco da sela, ofegante. Esta coisa é um corcel? Não. É um demônio – um demônio se intrometendo e se enfiando no meu cérebro. Eu vi alguma coisa lá... e ela *me* viu. Sem minha permissão.

Bato na couraça do corcel e ela se abre, mas não rápido o bastante. Disparo pela plataforma na direção de Dravik.

– Por que ele fez aquilo? É assim que todo corcel reinicia?

Ele não pergunta o que quero dizer com “aquilo” – o que significa que sabe exatamente do que estou falando.

– Não – diz ele, apenas.

– Então por que você me forçou a entrar naquela merda?

– *Algoz do Paraíso* – fala Dravik, sem emoção. – Chame o corcel pelo nome dele.

– Não me importo com o nome dele – retruco.

– Não estou pedindo que se importe. Estou pedindo que lute. E todo guerreiro deve saber o nome de sua espada. Algoz do Paraíso.

As fungadas de Quilliam são a única coisa quebrando o silêncio furioso; suas mãos murchas levam um lenço ao nariz. Dravik de repente sinaliza para que o criado o siga pelas escadas para fora do bunker. Quilliam hesita, mas o cachorro segue, balançando o rabo freneticamente.

– Aonde você acha que vai? – grito atrás dele. – Dravik! *Dravik*, você me deve respostas!

– “Respostas” não foram estipuladas no seu contrato, Synali – me lembra sua voz distante.

Minha visão fica vermelha – não, carmesim nível Rax. Quilliam cambaleia até mim com um rolo de gaze nas mãos enquanto se ajoelha e estende o braço para o meu calcanhar mordido pelo cachorro.

– Por favor, senhorita. Precisamos enfaixar seu ferimento antes que fique infectado...

– Não toque em mim! – Eu o afasto com um movimento. Quilliam não desiste, ainda tentando alcançar minha perna. – *EU DISSE PARA NÃO ME TOCAR, PORRA!*

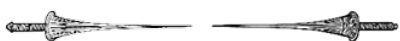
Meu chute acerta sua mão, e ele recua, me dando espaço para sair andando furiosa pela passarela. Pelo canto do olho, vejo-o embalar a mão disforme e, com uma trepidação lenta, se arrastar para fora do bunker. *Bom. É isso que ganha por tentar me tocar. Por fazer um bolo para uma garota cruel como eu.*

Eu me viro e chuto o corrimão várias vezes, com força suficiente para fazer meus ossos vibrarem de dor. Maldito seja aquele nobre, e maldita seja aquela porra de contrato! Preciso desta máquina. Se puder montá-la, terei um poder que até os nobres vão precisar respeitar. *Então tudo*

bem. Se ele quer jogar estritamente pelas regras, posso fazer isso. Posso me controlar. Dravik tem razão – eu não preciso me importar com ele, mas ao menos vou usar seu nome, nem que seja para que a Casa Hauteclare saiba quem a derrubou.

– *Algoz do Paraíso.*

É só metal e fios e tecnologia do início da Guerra. É só uma máquina feita para matar um inimigo que já se foi há muito tempo. Mas, por um momento, através das rachaduras na couraça, a cela prateada parece ganhar brilho ao som da minha voz.



Demorei oito dias para parar de encarar a mancha de sangue com o formato de mamãe no chão do apartamento.

Doze dias para voltar a comer alimentos sólidos. Quinze para melhorar o suficiente da ferida na clavícula e me mover, e trinta dias para fazer um plano. Cinquenta e dois perseguindo um faxineiro que trabalhava no salão de torneios, sessenta para conseguir um emprego entregando fórmula de leite para o tal faxineiro. Setenta e oito dias para estudar o mapa do salão de torneios e as patrulhas dos guardas. Cento e trinta e dois dias para convencer a Madame Beldeaux a me pagar em tranquilizantes em vez de créditos. Cento e setenta e cinco dias para adulterar a fórmula de leite do faxineiro, transferir sua permissão para o meu vis e entrar no salão de torneios como se não houvesse nada de errado, quando tudo estava errado.

Demorei cento e setenta e cinco dias para fracassar em arruinar meu pai.

Demoro cinquenta e um dias para aprender a montar o corcel quebrado e estranho de Dravik.

A parte mais difícil não é o treinamento físico das primeiras três semanas. Não são as horas levantando pesos até o mundo girar e eu vomitar, nem inalar vitaminas com nomes que não sou capaz de pronunciar, nem as manhãs frias correndo na esteira até parecer que

minhas canelas vão se romper.

É o *descanso*. Não vejo sentido nisso. Depois de me fazer passar pelo inferno físico com um sorriso perfeito, Dravik tranca digitalmente todas as salas de treinamento na mansão para que eu não possa usar nenhum equipamento durante as pausas. Cada hora é uma hora pela qual os outros ginetes da Copa Supernova já passaram um milhão de vezes. Não consigo suportar. Se não posso me mover, treinar, focar em algo – nem que seja a dor –, as memórias rastejam para fora das minhas fissuras.

O cão-robô me encontra observando um antigo quadro de uma linda mulher andando na Terra, em um lugar com mais árvores do que céu. Consigo discernir os minúsculos *pings* metálicos de suas patas seguindo até o outro lado da Ponta do Luar agora, mas minha mente está inundada pelo sangue e pelos meus próprios erros. Por que sobrevivi e mamãe não? O assassino atacou nós duas – tenho a cicatriz para provar. Não me lembro do ataque. Eu me lembro de gritar, chorar, ser esfaqueada, ver aquele capuz preto e aqueles olhos de gelo, mas nada além disso. A próxima coisa de que me lembro é a mancha do sangue de mamãe no chão, uma bandagem ao redor da minha clavícula, e meu vis dizendo que se tinham passado oito dias.

Quem colocou a bandagem em mim? Por que me lembro tão bem do *depois*, mas não do *durante*? Trauma, provavelmente. Sou esperta o bastante para entender isso, mas não gosto da ideia do trauma escondendo de mim as minhas próprias memórias. Não gosto de nada que não possa controlar. Tento me acalmar, tento alcançar esse período na minha mente, mas... não há nada.

Ouçõ um ganido, e sinto o nariz frio do cachorro empurrando meu tornozelo. Olho para baixo – a bandagem que enrolei no calcanhar após sua mordida está aparecendo pelo sapato, toda esgarçada e suja de sangue depois de tanto exercício. Os olhos de safira do cachorro me encaram sem piscar, luzes fracas cintilando nas profundezas azuis, como se seus neurônios estivessem disparando.

– Não se preocupe. – Sorrio. – Não foi culpa sua. Você só estava protegendo ele, não é? Eu era do mesmo jeito com minha mãe.

Logo fico sem quadros para ver. Rolar o *feed* do vis só ocupa parte do tempo. Os fãs efervescentes dos torneios mantêm bases de dados sobre

todos os ginetes – do passado e do presente. Memorizo o maior número possível de rostos de ginetes, estudo os vídeos de suas justas. Eles fazem a coisa toda parecer fácil. Não entendo como os lendários cavaleiros podem ter sido melhores – os corcéis atuais são o epítome da tecnologia custeada por nobres, e tivemos quatrocentos anos para aperfeiçoar a arte da montaria em si.

Os nomes se confundem, mas os mais frequentes significam ginetes fortes. Pesquiso o nome de papai.

– Vis – sussurro. – Censure as fotos.

O rosto jovem de papai na holotela desaparece sob um bloco escuro.

Aparentemente, ele foi um dos cinco melhores ginetes de sua era. Montou o Míssil Fantasma em incontáveis vitórias, e então conseguiu suas duas maiores conquistas: ganhar as Copas Supernova de 3422 e 3432. Será por isso que Dravik acha que posso montar por sua Casa – porque meu pai era bom? Esse pensamento faz meu estômago se revirar.

Troco rapidamente para a ginete atual da Casa Hauteclare e perco o ar. A garota mais bonita que já vi me encara na tela; seu cabelo é uma lustrosa cachoeira castanha e seus olhos dourados são como o sol, marcados apenas ligeiramente pelas cicatrizes da cirurgia. Mirelle Ashadi-Hauteclare. Ela não se parece nada comigo; seu pescoço é gracioso e seu rosto é um oval suave e simétrico com uma pele perfeita, seu nariz é uma linha imperiosa que desce até os lábios de botão de rosa. Não é de se estranhar que Rax tenha dado em cima de mim quando fingi ser ela – é linda. Tem minha idade, mas é uma nobre sangue-puro. Não sei nosso grau de parentesco; uma prima, talvez, ou posso ser até tia dela. Parece que ela é boa em montar o Míssil Fantasma – boa o bastante para se formar na academia um ano adiantada e para que as pessoas estrategicamente evitem enfrentá-la.

Não importa o nosso parentesco, não importa o quanto ela é linda... ela é o inimigo.

Finalmente, clico em Rax Istra-Velrayd.

É difícil fugir dele na base de dados – ele é mencionado uma dezena de vezes. Por mais que eu odeie isso, seu impacto no mundo da montaria parece impossível de ignorar; ele foi considerado uma criança-prodígio

na academia, montando na sua primeira qualificatória quando tinha nove anos. A idade média para a primeira qualificatória de um ginete é *dezesseis*. Aos doze, ganhou o primeiro torneio de fato no corcel carmesim da Casa Velrayd, o Berrador Solar, e não parou desde então. Aos quinze, enfrentou papai – bicampeão da Copa Supernova – em uma *rodada amigável de treinamento*, e a partida foi declarada um empate.

Ele é uma ameaça.

E é insuportavelmente bonito.

Eu me recuso a encarar sua foto de frente, mas meus olhos capturam vislumbres de cabelo platinado, sobranceiras arqueadas e escuras, lábios grossos e olhos de madeira vermelha brilhando maliciosamente com alguma piada particular e permanente, e antes que os cabelos na minha nuca quente possam se arrepiar por completo, fecho meu vis com tudo.

Não preciso saber a aparência dele para vencê-lo.

Pulo para fora da cama – chega de esperar. Se as salas estão trancadas, vou correr nos corredores.

Isso funciona até que o ar que meus pulmões se esforçam para expulsar começa a ficar com gosto de menta. A vertigem é instantânea, meus membros amolecem e minhas pálpebras tremulam... e então estou voltando à consciência, grogue e de lado – com a cabeça em uma almofada que alguém colocou entre mim e o chão frio de mármore. O cão-robô me observa de longe, imóvel, como se estivesse... de guarda?

Verifico o vis – passaram-se três horas. *Três horas*? Ainda sinto gosto de menta na boca, e meu corpo dói como se eu tivesse dormido de mau jeito. Meu primeiro pensamento é *Dravik*. Eu me esforço para me levantar e cambaleio até a academia; ele está esperando por mim, seguindo nossa programação normal, passando um pano em um equipamento de aço. Ao me ver, sorri com alegria.

– Ah, você acordou. Pensei que o gás sonífero te faria dormir por mais tempo.

– Gás? – falo entredente. – Você me apagou com um gás?

– Contra minha vontade, entende? Você é um investimento. Sem o descanso adequado, corre o risco de se machucar, e qualquer lesão vai atrasar meu *cronograma* significativamente.

Minha visão fica vermelha novamente, e resisto ao impulso de

derrubar um suporte cheio de pesos.

– Seu cronograma? Eu podia ter rachado a cabeça no maldito chão!

– E, no entanto, parece que isso não aconteceu. – Dravik bate as mãos uma vez em uma clara tentativa de mudar de assunto. – Os músculos da coxa são responsáveis pela maior parte do equilíbrio dentro da sela. Vamos começar com uma série de vinte agachamentos e continuar a partir daí.

Quero discutir, gritar, destruir *alguma coisa* para fazer com que me leve a sério, mas a tela com o calendário brilha, enorme e azul: temos seis semanas até a Copa Supernova. Posso me controlar. Não há tempo para a raiva, apenas para a execução.

– Você não vai usar o gás em mim de novo – digo.

– Podemos rever isso. Se você cumprir as regras de descanso.

Colo o dedo em seu rosto plácido.

– Se eu fizer algo que comprometa “o cronograma”, você me fala. Me manda um vis, como uma pessoa normal. Chega de força bruta.

Sua sobancelha pálida se arqueia.

– Você vai continuar a treinar com força bruta?

Fico quieta.

– Passei nove anos refletindo sobre cada passo deste processo, Synali, quase metade da sua vida. Você não precisa confiar em mim como pessoa, mas imploro que confie no plano. Se eu digo para descansar, você deve descansar.

– É inútil – retruco.

– Sua saúde e seu bem-estar podem ser inúteis para você – diz ele –, mas são muito valiosos para mim. *Você* tem valor para mim.

Algo profundo no meu peito parece rachar. Os olhos de Dravik se suavizam de novo.

– Você realmente ouviria se eu lhe informasse minhas preocupações pelo vis?

– Eu... – Engulo em seco. – Não. Mas posso tentar.

Ele me entrega um peso com um sorriso.

– Vamos tentar juntos, então.

Executo minhas séries. Para cada movimento que Dravik considera “bem-sucedido”, ele bate a bengala de prata no chão, e a marcação é

como ponteiros de um relógio insuportável. O suor escorre de cada centímetro do meu rosto. Esta não é nossa primeira sessão, mas é a primeira vez que ele tenta me corrigir fisicamente. Eu me assusto quando sinto sua mão se fechar sobre o meu braço para me guiar, e o medo do bordel se acende como fogo alimentado por óleo. Faço um movimento violento para me soltar, segurando o peso apertado no punho feito uma arma.

– *Nem tente.*

É a primeira vez que vejo surpresa em seu rosto.

– Eu nunca seria capaz, Synali.

– É o que eles sempre dizem.

A sala ferve em poeira silenciosa e grama embranquecida acenando do lado de fora das janelas. Quando Dravik sorri de novo, é uma coisa triste, uma lâmina de aço escuro cuja ponta não está direcionada para mim.

– Suponho que sim. Me desculpe.

11. Falcifer

falcifer ~era ~erum, a.

1. portador de uma foice

Naquela noite, Dravik vel Lithroi encontra sua ginete perto das cozinhas. Seu criado, Quilliam, está fazendo a massa para os quitutes matinais com uma mão enfaixada, e o cheiro é agradável – manteiga, açúcar e fermento. Synali está apoiada na parede logo após a luz emoldurada pelo batente da porta, dormindo profundamente – sem dúvida, exausta do treinamento. Pó e sujeira se espalham pelo seu rosto, e há um pano imundo apertado na sua mão. Um canto do chão está mais limpo do que esteve em anos.

Dravik observa a garota – seu peito magro subindo e descendo – e reflete sobre a natureza dos predadores e a natureza daqueles que sobrevivem a eles. Acima de tudo, reflete sobre a natureza dos que foram deixados vivos e como é alto o chamado do fim. O desejo dela pelo fim será sua maior força e sua maior fraqueza. Os cavaleiros da Guerra eram iguais; não era o seu desejo de vencer ou triunfar que lhes conferia suas extraordinárias habilidades de montaria. A mãe dissera a ele exatamente o oposto: era sua aceitação do fim, aceitação total, que lhes concedia sua incompreensível força. Em qualquer outra época, aquilo teria sido chamado de seita mortífera, mas na Guerra da Terra antiga, foi chamado de *a maior honra de um cavaleiro*.

Que sorte a dele encontrar Synali.

Que azar o de Synali ser encontrada.

Devagar e em silêncio, ele coloca o casaco sobre o corpo trêmulo dela e retorna para a escuridão da Ponta do Luar.

12. Ovum

ōvum ~ī, n.

1. um ovo



A maior parte do meu treinamento com Dravik eu aprendo com o corpo. Mas há duas coisas que aprendo com a mente.

Uma: a gravidade é mais forte que eu. Não posso lutar contra ela, só me mover com ela.

Duas: o ovo não pode se quebrar. ***O ovo não pode se quebrar***, ou vou fracassar.

De novo.

E estou cansada do fracasso.

– Espere. – A voz de Dravik no meu elmo mal se sobrepõe ao sangue correndo nos meus ouvidos. Meus olhos embaçam e os dígitos holográficos do console se esticam conforme o Algoz do Paraíso rasga o espaço a vinte e dois parses por minuto. vinte e três. vinte e quatro. – Mais dez segundos.

As estrelas distantes estremecem. Eu me agarro com a minha vida à fina tensão superficial da sela conforme ela empina, prestes a me expulsar. Na minha mão, cujos nós dos dedos estão brancos, estou segurando um ovo. Tensiono as coxas para evitar que minha pressão sanguínea despenque e eu desmaie, mas a força G continua brincando de compactador de lixo com os meus órgãos. Sinto a cabeça pesada,

como se fosse se soltar do pescoço a qualquer momento. Todo instinto em mim grita para que eu me segure e me equilibre, mas o ovo vai quebrar. *Não posso*. O ovo deve sobreviver à montaria, ou não vou poder passar para a próxima fase do meu treinamento. Tem sido uma semana e meia de constantes fracassos, de pensamentos desvairados e dentes cerrados, e, embora Dravik não diga diretamente, sei que estamos bem atrasados no cronograma.

Meu corpo é só dor e suor por baixo do traje de treinamento cinza e acolchoado – novos e antigos ferimentos pintam um mapa do meu treinamento em velocidades mais baixas. Não sei quantas vezes fui lançada para fora da sela e jogada contra a dura cavidade torácica de metal do corcel; parei de contar na décima sétima. Na vigésima, comecei a entender que não

posso resistir. Não dá para ir contra a corrente imparável da gravidade, mas posso **entrar** nela, como um pêndulo balançando, perfeitamente centralizado. Não dá para me manter firme, tampouco me render completamente... Esse é o único jeito de não ser jogada. É algo que se faz, não se descreve; uma fatia incrivelmente fina do equilíbrio perfeito. Os dez segundos parecem dez lentas horas. Cada milissegundo de velocidade nauseante e hiperfoco testa a minha força de vontade, e me agarro à única coisa que posso: a dor.

– Pronto! – late Dravik.

Penso na palavra *desacelere*, e o corcel reduz a velocidade imediatamente, os jatos de plasma azul-claro diminuem de intensidade e um alívio abençoado toma meu corpo conforme a força G vai amenizando até zerar. Por um instante, o Algodão do Paraíso e eu simplesmente flutuamos no espaço, com a Estação maciça e a grande orbe verde que é o planeta Esther como únicas companhias. Mesmo agora que está funcional, o Algodão do Paraíso é mais estranho que o Míssil Fantasma: mais pesado de movimentar, mais difícil de controlar, e ainda assim mais... *curioso*. O Míssil Fantasma sabia coisas – o Algodão do Paraíso, não. A sensação na sela é a de encarar um abismo, uma voraz folha em branco sempre assistindo, ouvindo, esperando. Eu me recuso a dar a ele mais que o necessário para mantê-lo em movimento; a invasão mental ainda é muito recente.

– Como está o ovo, Synali? – ecoa a voz nítida de Dravik.

Forço minha saída da sela gelatinosa, as botas batendo no chão de metal. Por toda a cabine do corcel se espalham cascas de ovo e gemas secas de todos os meus fracassos. Os engenheiros do Algoz do Paraíso claramente não recebem o suficiente – eles remendaram os buracos na armadura externa, mas deixaram todas as rebarbas e a ferrugem do lado de dentro.

Solto a trava do elmo e o retiro com a mão livre.

– Quebrado, provavelmente.

– Faça o favor de verificar.

Ele tem sido paciente. Esta é a pior parte – ele ser tão paciente. Seria mais fácil odiar o nobre se ele fosse do tipo que perde as estribeiras, mas ele manteve a compostura a cada passo do caminho, a cada inspeção da minha cabeça arrebentada, a cada chilique que eu dei saindo do Algoz do Paraíso, chutando qualquer parte da armadura com cheiro de ozônio que conseguisse alcançar. Quando caí no choro após oito dias seguidos de tentativas, ele se afastou pacientemente e voltou pacientemente.

– *Já recuperei o controle.*

– *Obviamente. – Seu sorriso foi indulgente demais.*

Abro os dedos devagar, as marcas de unha na minha palma estão sangrando, mas a casca do ovo manchada de vermelho está... *lisa*. Inteira. Nem há uma única rachadura.

Eu me apoio em uma parede de aço para me equilibrar.

– Eu... consegui. Não acredito.

– Eu acredito – diz Dravik. – Guie o corcel para fora do campo, descanse por uma hora, e encontro você na academia para o treino de calistenia.

Avançamos para a próxima etapa. *Finalmente.*

Jogo o ovo na parede, enfim livre dele, e penetro na sela novamente com os pulsos primeiro, as espirais prateadas no fluido nervoso me recebendo avidamente de volta, se contorcendo nas costuras do meu traje de treinamento acinzentado. A arena de treinamento está vazia exceto por mim, em seu espaço preto e silencioso envolto por anéis neon de luz sólida vermelha. Aperto os olhos – algo se move ao longe. Algo vermelho abandona sua camuflagem na luz sólida e começa a se

aproximar.

Vejo um elmo enfeitado com penas.

Meu estômago dá uma cambalhota.

– *Dravik?* – Ativo o comunicador desesperadamente. – *Dravik?* Pensei que você tinha dito que eu estaria sozinha nesta arena.

Não há resposta dele, mas vejo um tal de *BERRADOR SOLAR* no meu visor.

– Rejeitar – murmuro. Nada acontece. – Rejeitar, *rejeitar!* Me escute e rejeite essa merda, seu...

– Olá. – A voz e a imagem de Rax chegam bem nítidas: seu visor está desativado, mas seu traje carmesim justo de ginete e seu elmo cobrem todo o resto. Tenho um vislumbre dos seus olhos de madeira vermelha se enrugando antes de enfocar seu ombro direito.

– Não reconheci o selo do seu corcel, é novo?

O modelo do Algoz do Paraíso é claramente velho feito o diabo. Ele está sendo excessivamente simpático e me encurralando em um canto inescapável com essa conversa, e parece forçado. Burocrático. O Berrador Solar flutua entre mim e a saída da arena.

Minhas primeiras palavras para ele são cheias de tensão.

– Há quanto tempo está me assistindo?

Ele ri, e o som é um estrondo rouco.

– Acabei de chegar, na verdade. Deixei de ir ao casamento de um amigo. Maldade, eu sei, mas nós não escolhemos quando a sede de montar aparece. – Ele faz uma pausa. – Treinando para o grande dia?

Sim.

– Não.

Ele estala a língua, lamentando.

– Que pena. Você tem umas manobras legais, me lembra da academia. Talvez veja você na próxima década, certo, Instrutora?

Arrogante. Ele pode não falar de modo elegante como outros nobres, mas de cada palavra sua escorre a mesma arrogância – como se presumisse que todo ginete sabe quem ele é, como ele é bom. A postura do Berrador Solar é exatamente a dele: lânguida, tranquila, confiante.

Minha boca se move quando não deveria.

– Você vai me ver antes disso.

Ele solta aquela risada que faz minha espinha formigar.

– Isso é um desafio? Poderíamos fazer isso aqui e agora, se você quiser.

Ele se desloca ao redor da arena de treinamento, o gerador de gravidade brilhando fracamente e os hexágonos de cada lado sombreados pelas duas enormes estruturas esqueléticas dos manequins de corcel automáticos. Não estou em condições de lutar com ele. Estou encharcada de suor, cansada. Uma voz no fundo da minha mente, lembrando Dravik, me diz para ignorá-lo. Rax Istra-Velrayd não está no cronograma.

Mas meu corpo não se importa; apenas *queima*.

– Ganha quem causar mais danos no manequim – digo. – Sem lança.

Desta vez, sua risada é incrédula.

– Você quer fazer um concurso de *socos*?

– É demais para você?

Ele espera um momento. Por detrás do visor, meu olhar encontra o dele, que é curioso, como alguém tentando resolver um enigma. E então seus olhos sorriem.

– Não. Vou ficar com o terreno. Dar a você a ligeira vantagem gravitacional.

– Que bondade a sua – falo, com desdém.

Nós nos propelimos em direções opostas, ele para o lado terreno – a plataforma mais próxima do planeta gigante Esther – e eu para o lado sideral, mais próximo do espaço aberto. Cada osso no meu corpo dói, mas é tarde demais para recuar agora. Não vou deixar nenhum nobre se safar com a ideia de que é melhor que eu – nem mesmo uma pseudolenda como ele. Quando toco no meu vis para ativar o manequim do meu lado para Rax, ele fala:

– Posso perguntar seu nome?

– Não. – Clico em ACEITAR e voo suavemente para longe da plataforma. – O manequim está pronto quando você estiver.

– Direto ao ponto. Gosto disso em um ginete.

– O que você gosta tem muito pouco em comum com o que eu me importo.

Ele ri.

– Ai. Sem papas na língua.

Levanto o queixo.

– Você vai montar ou não?

O Berrador Solar faz uma mesura irônica para mim. O feed holográfico de Rax no meu visor é cortado para a descida, e seus jatos de plasma vermelho explodem quentes e brilhantes, esperando, queimando o metal da plataforma. Levanto meu vis para gravar. Não pisque. *Observe*. Absorva tudo – cada rotação do tornozelo, como é sua postura inicial. *Use-o. Consuma-o*. Vou comer quaisquer migalhas que ele me der, se for suficientemente tolo, e vou me tornar mais forte por causa delas.

E então acontece.

– *comer*

A palavra é fraca, mas clara. Olho para o meu vis – tem alguém ainda conectado no comunicador? Dravik? Não, essa voz é jovem demais para ser dele.

– Olá? – Minha voz ecoa na cabine vazia.

O som de algo se rasgando, característico do plasma contra o metal, me faz levantar o olhar – os jatos incolores do manequim mais próximo se acendem e o jogam para a frente no exato instante em que Rax lança o Berrador Solar. Seus membros tremem com rigidez conforme ele se joga na direção do elegante corcel carmesim. *Foco*.

O peito é a maior parte – a mais fácil de atingir. Meus olhos se esforçam para não deixar o Berrador Solar se tornar um borrão vermelho – Rax se inclina para trás, não para a frente como Dravik me ensinou. *Por quê? Será porque não está segurando o peso da lança, ou...* O manequim trêmulo e o corcel avançam na direção um do outro, o brilho azul do gerador de gravidade tornando quase impossível enxergá-los. Ali – Rax recua o braço esquerdo logo antes do impacto e se impulsiona para a frente com ele, enviando uma chuva de faíscas e metal barato por toda parte. As cruéis garras pontudas da mão do Berrador Solar agarram a cabeça do manequim, e por um segundo ele tenta se soltar, queimando os jatos brancos, então Rax esmigalha a cabeça em suas mãos como se fosse uma casca de ovo.

Ele acertou a cabeça se movendo a vinte e seis parses por minuto –

um alvo minúsculo e surreal; um alvo difícil de acertar mesmo *com* uma lança. O manequim sem cabeça, agora livre de seu opressor, completa o arco do circuito e desaba com o peito na plataforma. Ele quica e então para, devastado. O circuito traz o Berrador Solar em um arco na minha direção, e posso praticamente sentir o cheiro da autossatisfação na voz de Rax quando ele reconecta os comunicadores.

– E aí? – pergunta ele, inclinando o elmo. – Como me saí, Instrutora?

Meus ouvidos estão zumbindo e transformam seu insulto mal disfarçado num borrão. Nunca vi nenhum vídeo na base de dados parecido com isso. Ele não apenas destruiu o manequim – ele o destruiu com *precisão*. Ele recuou para que o momento do seu braço se movendo para a frente no último segundo pudesse ser precisamente controlado e propelido, como o tiro de uma pistola de luz sólida. Atingir a cabeça em um torneio é uma vitória automática. Ele escolheu acertar a cabeça para me mandar um recado. Manter a postura de resistência durante todo o caminho da arena deve ter sido incrivelmente cansativo, mas ele não está nem ofegante.

Minha cabeça está rodando enquanto me propulsiono na direção da minha plataforma e depois travo no meu lugar. Como posso vencer isso? Não posso.

Estudar as estatísticas na base de dados e ler a lista quilométrica de conquistas dele... É aterrorizante quando posso ver por mim mesma, não por meio de vídeos antigos no meu vis. *Como posso fazer melhor que isso?*

Não posso. Não importa o quanto eu queime de desejo... simplesmente não posso.

Mas isso nunca me impediu antes.

– Acho que isso significa que está pronta – diz Rax enquanto retorna voando para sua plataforma e o manequim novo ali. – Certo, então, manequim preparado. Faça o seu melhor, Instrutora.

Meus lábios se curvam diante do seu tom condescendente. Penso *avançar*, e os jatos azul-claros nas costas e nos tornozelos do Algoz do Paraíso ganham vida. Posso senti-los – o calor suave na minha pele nos mesmos exatos pontos, no ferimento ainda em processo de cura causado pelo cachorro. Quando montei o Míssil Fantasma, não encontrei

nenhum botão ou alavanca porque não havia nenhum; ginetes não usam botões para movimentar um corcel. Usam a mente. A corrente elétrica que corre pela sela de alguma maneira conecta minha mente ao mecanismo do corcel, mas apenas pensar *avançar* não faz o corcel se mover – também deve haver intenção na palavra. É preciso visualizar exatamente como se quer o movimento.

Se o ginete estiver distraído, nada acontece. Se estiver incerto ou for impreciso, o resultado vai ser desengonçado ou lento demais. É um eco de telecinesia, das intensas tentativas de mover uma xícara usando o poder da mente quando se é criança, só que desta vez é verdade, e a xícara deve ser entendida até a última pastilha de cerâmica. Você precisa saber, e depois tocar aquela intenção com muita nitidez, como um sino na sua mente.

Mais, penso. O metal nas saídas de plasma do Algoz do Paraíso guincha quando ele explode com mais força no espaço gelado. Desde a minha desastrosa primeira justa há dois meses e meio, nunca mais voei em linha reta – Dravik me coloca em literais curvas de aprendizado. O manequim no lado oposto da arena espera, agachado rigidamente no hexágono. O peito seria fácil. A cabeça seria difícil. *Como posso vencê-lo? Como destruir o manequim da maneira mais eficiente?*

– Synali? Ainda está montando?

A voz de Dravik. *Merda* – ele se reconectou.

Prendo os braços nas laterais e me inclino adiante para a descida, e a comunicação é cortada automaticamente. **Avançar**, penso. A velocidade pressiona o traje no meu corpo, minhas pálpebras nos glóbulos oculares. Seguir reto é mais rápido, mais intenso. A cicatriz na minha clavícula dói por baixo da pele encharcada de suor. Rax disputou com papai e sobreviveu. Foi empate. Mas eu perdi – perdi tudo. Mamãe. Minha vida.

Sou mais forte agora.

Preciso mostrar a eles que sou mais forte.

A luz azul do gerador de gravidade brilha como um sol em miniatura, mais e mais forte, e a pele do meu rosto se solta do crânio. Mal consigo me manter respirando, que dirá me inclinar para trás e me preparar para atacar. *Como ele resiste a esta força?* O manequim estremece na minha direção, uma labareda branca mal se mantendo inteira, e por um

segundo ela se torna vermelha. *Berrador Solar*. De repente, esta é a justa de dois meses atrás e estou girando em direção à morte... mas não há lança. Desta vez, não vou desmaiar. Estou pronta.

Estou muito para a esquerda. *Direita*, penso. Eu me inclino, e o Algoz do Paraíso se inclina. Não conheço a precisão, mas conheço a destruição.

Destruir.

Através do fluxo de sangue nos meus ouvidos, escuto a palavra ecoada de volta para mim num tom baixo e fraco.

– *destruir*

Ambos os braços se estendem.

Nós colidimos.

Eu o agarro. Peito com peito, costelas espetando e pulmões queimando e meus dedos se enterrando nos ombros desgastados do manequim enquanto ele se força sobre mim. O coice tenta me derrubar da sela, mas faço força e contraio tudo – abdômen, coxas, dentes. Consigo uma boa pegada. Eu poderia fazê-lo em pedaços.

– *em pedaços*

O que sobrou de mim invade meus braços, e eu puxo. A velocidade sem intenção do manequim me atinge como uma serra no torso, e o gel da sela absorve meu grito quando dou um último puxão. O chassi do manequim racha no meio, o ardente plasma branco emoldura seu horrível rosto sem expressão quando começa a sangrar um óleo preto. Sinto as gotas molhadas no meu rosto, orbes perfeitos de respingos girando pelo espaço.

Mais forte.

A coisa aqui comigo *se aproxima* de repente, como se estivesse tentando ajudar, uma mão reforçando a minha. A rachadura no chassi do manequim se torna uma fenda, uma ravina, fios e engrenagens pulando para fora e girando para longe como tendões e tecidos, e por um momento lindo e terrível, me sinto bem. *Satisfeita*. Apunhalar papai não me deu nenhuma satisfação, mas isto... esta coisa gigante rasgada em pedaços pelas minhas mãos pequenas...

Quando o plasma branco finalmente se apaga, sei que está morto.

Com o peito arfando, eu me desacoplo do corpo bissectado. Tem algo errado com meu braço direito – *uma dor aguda* –, mas a pura adrenalina

estremece pelo meu corpo como fogo e néctar. Levanto a cabeça para Rax, o Berrador Solar flutuando flacidamente a apenas alguns parses de distância. Meu comunicador crepita com as ligações ignoradas de Dravik e meu sorriso exausto.

– Como me saí, Instrutor?

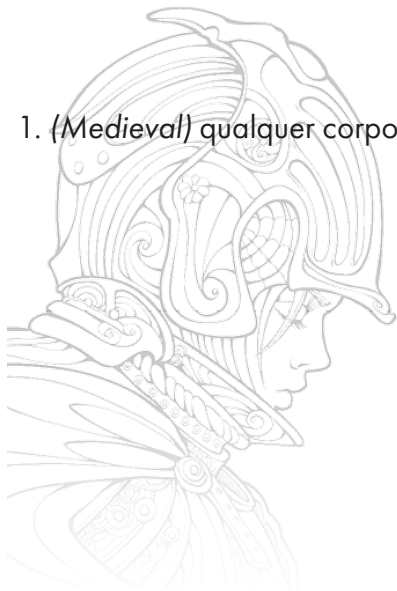
Meus ouvidos ficam surdos, afogando a resposta de Rax, e sinto meus olhos se revirarem.

Escuridão.

13. Oceanus

ōceanus ~ī, m.

1. (*Medieval*) qualquer corpo grande de água, incluindo canal ou rio



Acordo quando estou sendo carregada de volta para a Ponta do Luar, sentindo os braços de Dravik sob mim e seus passos irregulares sem a bengala. Passamos por um retrato que nunca tinha visto – uma bela mulher com cabelo claro de palha de milho e olhos cinza, como os de Dravik. Seu vestido é prateado e azul-claro, e o sorriso em seus lábios é comedido. Paciente.

Assim como o de Dravik.

Eu o ouço gemer logo antes de cair na escuridão de novo.

– Ela ainda está leve demais. Será que está comendo?

Quando acordo pela segunda vez, Dravik não está contente. Ele está sentado em sua poltrona à minha cabeceira, com o rosto tranquilo, mas a maneira rápida que seu dedão se move pela empunhadura da bengala diz tudo – é como um gato bravo chicoteando o rabo.

– Foi só um treino extra – insisto, ainda grogue.

Ele corta cada palavra bruscamente.

– Estou mais preocupado com o fato de você ter montado até o ponto de desmaiar. Ainda pior, fez tudo isso na frente de Sir Istra-Velrayd.

Tento me sentar apoiada nos travesseiros, e meu braço direito grita de

dor na articulação com o ombro.

– Apreendi com ele.

– Ele aprendeu com você também – disse Dravik severamente. – Isso não pode acontecer. Você é minha arma secreta.

– Então você deveria ter trancado melhor a arena de treinamento.

– Fiz tudo o mais furtivamente possível. Quando o viu, você deveria ter ido embora.

Encaro os lençóis furiosamente. Ele contorce os lábios finos.

– Sir Istra-Velrayd não é só seu inimigo, Synali, ele é o inimigo. Vai ser seu maior desafio na Copa Supernova, sem exceção.

– Percebi.

– É, suponho que sim. – Ele suspira. – Agora, o efeito dos seus analgésicos vai passar em uma hora. Até lá, você vai comer e descansar. Seu corpo precisa se recuperar; sua mente talvez precise descansar ainda mais.

Dou uma bufada.

– É um jogo perigoso o seu, Dravik, falar de maneira paternalista com a parricida.

Dravik me encara, e eu o encaro de volta. A tensão no ar é cortada por um barulho metálico – Quilliam entrando com o carrinho de comida. Ele funga e sorri fracamente para mim.

– É tão bom vê-la acordada, senhorita.

O cão-robô o segue, e depois de um momento de deliberação nos olhos de safira, ele pula na cama e se enrola nos meus pés. Observo a mão enfaixada de Quilliam colocando mingau e frutas em uma tigela de prata. Machucar um velho indefeso – não sou melhor que papai.

Rax me atçou até eu agir. Eu disse a Dravik que podia me controlar, mas... A vergonha sobe até minhas bochechas. Meus olhos se apegam aleatoriamente a coisas no quarto – uma cômoda, o cachorro, a silhueta fraca de uma mulher flutuando atrás das cortinas da janela no canto. Pisco. Não é uma mulher – apenas uma cortina esvoaçando na brisa simulada.

Olho para Dravik.

– Por que meu braço ainda dói tanto?

Ele se levanta e se aproxima da cabeceira.

– Está deslocado.

Observo enquanto ele apoia a bengala na parede de mármore e estica a mão na direção da minha.

– Eu disse para não me tocar.

– Preciso fazer isso, Synali.

– Para colocá-lo no lugar?

Ele olha para Quilliam, e o criado dá um passo para trás sem dizer nada. Dravik segura minha mão e, grogue como estou, não consigo resistir. A sensação de pele na pele é como mil agulhas pinicando.

– Não – diz ele simplesmente, e apoia a outra mão no meu ombro.

Minha visão fica *branca*. Ele faz *alguma coisa*, e a dor penetra até mesmo o tranq, uma linha quente de agonia fatiando meu antebraço. Olho para baixo e fico boquiaberta – há um machucado maciço vermelho-azulado se erguendo na minha pele, algo duro cutucando na direção errada por baixo dele. A expressão de Dravik é neutra e indiferente quando ele fala:

– Para quebrá-lo.



Por uma semana depois disso, penso que Dravik quebrou meu braço como uma punição: punição por perder o controle, por não descansar, por fazer contato com Rax quando não deveria. A mão direita é minha mão dominante – tudo que eu podia fazer antes se desintegra depois disso. Ir ao banheiro se torna mais complicado. Tomar banho se torna mais difícil. Derramo e derrubo e quebro várias xícaras e pratos. O simples ato de comer com uma colher é incrivelmente frustrante com a mão esquerda, e Dravik me observando com expectativa faz tudo ficar pior. Ele é igual aos nobres do bordel, igual a papai – quebrando coisas porque alguém os desagradou. Só porque pode.

– O que foi? É bagunça demais para você? – Explodo por causa dos olhares dele no café da manhã, sentindo cada centímetro da minha pele quente e meu coração batendo num ritmo furioso no peito. – Você fez

essa porra comigo.

Dravik volta a prestar atenção no jornal.

– Você viu a programação de hoje?

Esmurro a mão boa na mesa e me levanto.

– Você é um merdinha sádico como eles. Nunca deveria ter confiado em você!

– Se eu fosse você, teria mais cuidado com isso – diz ele em voz baixa, acenando para minha mão. – Considerando que é a última que você tem.

Aperto tanto o garfo que ele amassa os ossos dos meus dedos, mas em algum lugar entre a raiva incandescente e a vergonha, eu me detenho. Isso não foi preocupação, foi uma ameaça; ele poderia quebrar meu outro braço com a mesma facilidade se eu o desagradar de novo.

Eu me sinto uma criança: sem controle, insegura. Cometi o erro de confiar nele uma vez que fosse. Ele não é meu amigo – é meu sócio. Estamos nos usando. Ele é minha melhor chance de destruir a Casa Hauteclare. É sempre comedido, paciente, calculista, e eu estou... *me desmanchando*.

Onde está a garota fria que fazia o que fosse preciso?

Com o braço machucado, o único serviço de limpeza que consigo fazer na mansão é tirar pó dos móveis, e não sou tão rápida para me esconder quando alguém se aproxima. Quilliam me pega a primeira vez na ala leste da biblioteca – cercada de livros de papel de verdade e do aroma de tempo. Escondo o espanador atrás das costas, mas é tarde demais – seu sorriso enrugando até suas fartas sobrancelhas brancas.

– Você não é obrigada por contrato a me ajudar nas tarefas, senhorita.

Dou uma bufada.

– Eu sei.

Seu sorriso se alarga, então ele cambaleia para longe em silêncio.

Pouco a pouco, meu comer bagunçado se torna mais hábil. Desenvolvo maneiras de contornar minha própria inexperiência com a mão esquerda, os dedos em posições estranhas, músculos diferentes se contraindo. A montaria é uma lástima – incapaz de mover um braço, meu equilíbrio na sela é completamente alterado. As espirais prateadas congregam em volta do meu gesso como se estivessem curiosas com o meu ferimento.

– Estou bem – lato para elas. – Pestinhas.

Como o nobre sádico que é, Dravik me faz praticar com a lança pela primeira vez com a mão esquerda – a *arma* se materializa como uma extensão prateada da palma do Algoz do Paraíso quando penso arma. A faca nas costas de papai, na minha clavícula. A faca atravessando a garganta de mamãe.

– Você vai tentar acertar o manequim parado do outro lado da plataforma – diz Dravik pelo comunicador.

– Será que vou? – digo a mim mesma depois de fechar a comunicação. Responder para ele não parece mais seguro.

Encaro o manequim novo de longe, seu rosto sem expressão e gelado, seus braços rígidos segurando um enorme alvo piscante de luz sólida contra o peito. Aperto a lança, meus dedos esquerdos parecendo grossos e estranhos. Eu me encosto na plataforma enquanto o magnetismo mantém o Algoz do Paraíso e a mim no lugar. A parede da cabine me chama atenção – está mais limpa. A equipe que nunca conheci deve ter recebido o salário ontem à noite.

– Ao meu sinal – anuncia Dravik. – Três, dois, um...

Avançar.

Os jatos do Algoz do Paraíso ganham vida, e nós nos lançamos da plataforma mais rápido que nunca – com mais suavidade, mais facilidade, mas é difícil manter o curso. Não posso dobrar o braço direito para resistir à força G, e é como se a gravidade *soubesse* disso, puxando meu lado direito com bastante força e fazendo o Algoz do Paraíso oscilar no eixo. Sinto que eu poderia capotar a qualquer momento – virar de cabeça para baixo, perder o controle e girar impotente para o espaço aberto até meus jatos se realinharem. Uma coisa atirada no espaço não encontra resistência; ela apenas continua *indo*.

O terror me faz suar e arfar com a ideia de colidir com uma subestação ou ser puxada para dentro da órbita de Esther e queimar até virar cinzas. Esta arena é para ginetes de verdade; as barreiras de segurança só pegam o que estiver praticamente paralelo com a arena. *Rax*, penso. *Como ele*. Como nos vídeos de papai, nos vídeos de Mirelle Ashadi-Hauteclare. Como os melhores dos melhores, devo permanecer impassível no centro do caos e do controle. Sou eu quem executa cada

movimento do corcel.

Mas, desta vez, o corcel executa um movimento por mim.

Sinto algo entrar no lugar com um clique dentro de mim – *nos meus ossos* – e, como em um sonho provocado por um tranquilizante ou uma mão controlando um fantoche, minha coluna se realinha em uma inclinação para trás. Não como Rax, não tão forte e intencional, mas é o suficiente para que fique mais fácil de manusear a lança. Meu lado direito não se arrasta tanto nesta posição. O Míssil Fantasma nunca se mexeu por mim... mas não fiquei nele muito tempo. Isso é normal, com certeza, não importa o quanto pareça anormal.

O manequim está mais perto. Mais perto, *mais perto*, o alvo de luz sólida é como um farol laranja brilhante tentando engolir o universo. Meus olhos se esforçam para enxergar contra a luz, minha desastrada mão esquerda aperta a lança, e eu recuo contra a gravidade impossível. Miro. Compenso o peso da ponta com o peso da haste. Equilíbrio imperfeito. Sem chance. Sem chance de eu ser capaz – com a mão direita talvez, *talvez*, mas isso...

O impacto vai acontecer num piscar de olhos. Menos.

Dou um impulso

Como em todos os momentos tensos da minha vida, o tempo se estica naquele último segundo, e vejo a lança acertar – arranhar, na verdade, a borda externa do alvo. Pixels laranja se espalham no espaço feito água quebrada. O Algoz do Paraíso passa pelo manequim, voando para o lado oposto da arena.

Consegui.

– Consegui! – grito, o impulso permitindo que apenas metade dos sons saia.

Algo como orgulho se infla em meu peito... e eu escorrego. Caio da linha tênue entre foco e dispersão, e a postura na qual o Algoz do Paraíso me colocou entra em colapso. O som horrendo de metal gemendo e jatos explodindo ecoa na cabine.

Consigo dizer uma palavra antes de capotar:

– Merda.

O mundo explode em caos; cima vira baixo, estrelas e escuridão formam um redemoinho, lampejos de vermelho, laranja e verde se

misturam em uma espiral nauseante conforme meus órgãos despencam e caem e despencam de novo, e me lembro vagamente da reiniciação, quando a coisa na sela entrou em mim – girando sem direção, propelida para a frente infinitamente. *Jatos, jatos*, mas não consigo me agarrar em uma palavra por muito tempo, pois meu cérebro sufoca em seu próprio peso. Ondas de inconsciência e consciência me atingem juntas, e em um momento de lucidez me lembro da lição de Dravik: “*A capotagem é a coisa mais perigosa, porque poucos ginetes conseguem recuperar o controle. Um ginete é só um humano, e o espaço não é bondoso com a nossa espécie*”.

Por que ele me enviou aqui fora com o braço quebrado se sabia dos perigos? Ele quer que eu morra? Talvez. Talvez me odeie. Eu o odeio também. Não importa o quanto é paciente – ele me machucou.

– Syn...

O comunicador apita fracamente no meu ouvido.

– *synali*

Meu nome é claro na segunda vez – é aquela voz fraca e suave, nítida como se falasse em uma sala completamente silenciosa. Eu apago. Volto. Apago de novo. O espaço está em toda parte, e se estende para sempre, e estou perdida nele, o pânico como gelo paralisando meu coração. Não consigo me agarrar a um pensamento coerente, muito menos a um pensamento de montaria.

E então... *luz*.

Uma luz bronze e brilhante enche meus olhos trêmulos... Trilhas de plasma. *De quem?* Sinto um braço tentando me alcançar, errando, tentando de novo, e então meu cérebro se arrasta contra o meu crânio quando o momento desacelera, depois para. O emblema nobre de um veado bronze se solidifica no meu campo de visão, impresso em goma-laca verde-azulada. Uma voz sem fôlego reverbera no meu comunicador.

– Olá? Tudo bem aí dentro?

Pisco até as estrelas se estabilizarem. *Sinto* que o Algoz do Paraíso está de cabeça para cima, sinto uma pressão grande no peito, como se alguém me segurasse contra o próprio peito. Outro corcel me segura firme – a armadura é elegante e azul-esverdeada; o elmo é esguio, mas a

decoração de bronze escovado em formato de chifre que sai das laterais é bem mais impressionante. A náusea torna impossível falar quando o holograma do ginete em um traje azul-esverdeado se conecta ao meu comunicador.

– Foi uma capotagem bastante impressionante. – A voz ri. É um homem mais velho, mais velho que Dravik e também mais caloroso. – Vamos levar você de volta à arena, certo?

– Quem... – Engulo. – Quem é você?

– Sevrith. – A voz de Dravik se reconecta. – Tenha a bondade de tirar as mãos da minha protegida.

– Com prazer, velho amigo. – O ginete chamado Sevrith ri novamente. – Assim que me disser por que enviou uma ginete inexperiente para a arena de treinamento.

Há um silêncio. Como Dravik conhece este homem? E por que ele estava tão perto da arena de treinamento no seu corcel? Não vi nenhum outro hangar aberto na plataforma de lançamento – então ele estava montando por aí no espaço aberto? Ginetes não devem montar se não estiverem em treinamento ou em uma justa.

– Traga-a para a plataforma de lançamento, Sevrith – insiste Dravik, então corta a comunicação.

Sevrith vira o elmo do corcel para me olhar apropriadamente.

– Sinto muito por ele, garota. Ele não mudou muito, continua mal-humorado e cheio de segredos. Sempre falando sobre seus sonhos e planos.

Esses dois *definitivamente* se conhecem. Meu estômago ainda se contorce, e estou com muito medo de abrir a boca e acabar vomitando. Estou enjoada demais para me soltar dos braços dele. Os jatos de Sevrith se acendem, e voltamos em direção ao anel de luz vermelha que é a arena.

– Dravik está treinando você para ser a ginete dele? Estranho. Pensei que ele tinha deixado a vida de nobre para trás há muito tempo.

Sevrith fala de maneira informal para um nobre – como Rax. Dravik *deixou* a vida de nobre para trás? Isso sequer é possível? *Por quê?* É uma vida cheia de privilégios e conforto.

Sevrith faz uma pausa.

– O treinamento de mão recessiva é sempre difícil. Pelo que vi, você se saiu muito bem.

Franzo a testa.

– *Treinamento de mão recessiva?* O que significa isso?

– Bem... você sabe. Todos os ginetes são ambidestros; é difícil trocar a mão da lança de outro jeito.

Sinto um terror persistente no fundo do cérebro me atravessando até atingir o gesso no meu braço.

Sevrith ri e recita:

– *Não se avança sem trocar a lança!* Estou surpreso que ele ainda esteja fazendo você treinar a esquerda. Acho que você não foi muito bem na aula de ambi na academia, então? Entendo: aqueles gessos falsos que colocam no braço bom da pessoa ficam bem irritantes depois do quarto ano.

Todos os vídeos que estudei passam na minha cabeça de uma vez; *todos eles trocam a lança de mão*. Cada um dos ginetes trocou de mão quando o gerador de gravidade os puxou para o circuito em formato de infinito da segunda e da terceira rodadas. É preciso trocar a lança de mão quando se circula na direção contrária, senão acertar o inimigo se torna quase impossível.

Estava bem na minha cara esse tempo todo. *Todo ginete é ambidestro*. Há uma “aula” para isso, que dura anos. Foi por isso que Dravik quebrou meu braço. Não para ser cruel, não para me machucar: para me ajudar. Para me treinar como um ginete de verdade – um cavaleiro de verdade capaz de vencer –, mas mais rápido. As colheradas de sopa desastradas, os objetos derrubados, a coisa toda.

Isso vai me ajudar a aprender mais rápido.

Dravik espera por nós no fim do túnel da plataforma de lançamento, com a bengala brilhando prateada e os olhos envoltos em sombras. Sevrith caminha atrás de mim ainda usando o elmo, mas eu tiro o meu e acelero o passo na direção de Dravik até estar praticamente correndo. Ele avança a passos lentos de bengala ao nosso encontro. Paro bem na frente dele. Seu rosto é inescrutável. O Algoz do Paraíso faz sombra em nós, deitado no enorme tubo transparente de vácuo do lado de fora das paredes do túnel.

– Desculpa – digo abruptamente.

– Tudo bem – ele responde de imediato. – Está tudo bem. Contanto que você esteja... – Ele engole em seco, então se vira de costas conforme Sevrith se aproxima. – É melhor irmos.

Pela primeira vez, sigo-o sem hesitação.

– Não sei o que está fazendo, Drav, mas deixe a garota fora disso – grita Sevrith para nós lá de trás, na voz nítida de alguém sem visor.

Para variar, Dravik responde em vez de ignorar, e é assim que sei que eles devem ter sido bons amigos.

– Sua preocupação foi registrada, Sev.

Nossos passos ecoam. Os frios corredores de aço da arena de treinamento se transformam em um saguão digno dos nobres – com chão de mármore branco e fontes gravitacionais e exuberantes plantas em vasos. O atendente atrás do balcão faz uma mesura para nós conforme saímos pelas portas deslizantes. Aguardamos a aerocarruagem no ponto de parada da estrada, vendo a Estação girar à distância além da parede transparente do tubo. Os muitos raios laranja das estradas de luz sólida acorrentam a Estação ao seu anel externo como uma fera.

– Você se saiu muito bem – diz Dravik, com suavidade. – É difícil acertar um alvo na primeira...

– Por que não me contou por que era preciso quebrar meu braço?

O brilho laranja da luz sólida ilumina seu rosto pálido por baixo.

– Acho que, no fim, talvez seja melhor se você me considerar um vilão.

Observamos as estrelas girando através do espaço-tempo. Ambos perdemos nossas mães. Ele não é como eles. Eu não sou como eles. O que quer que aconteça em seguida, devemos andar na mesma direção – até o dia em que ele me der descanso.

Olho para Dravik e sorrio.

– Acho que vamos ser vilões juntos, então.

14. Purgo

purgō ~āre ~āuī ~ātum, *tr.*

1. limpar

2. purgar



Um mês depois

Seguro um elaborado pingente de diamante no punho e estudo a pele. Estou coberta de tendões mais fortes e veias e cicatrizes. Minhas unhas não têm mais estrias – recebi nutrientes e descanso. Sinto o braço direito mais livre sem o gesso, mas as cicatrizes de nanomáquinas ainda são nítidas e vermelhas e pequenas como grãos de arroz. Meu bíceps parece mais forte; os músculos se contraem quando levanto o pingente e o passo com força na parede de mármore. Não são marcas de tempo desta vez.

São alvos.

O pó branco flerta com a bainha do meu vestido de seda azul, o cão-robô morde inutilmente as partículas. Estico o braço e acaricio sua cabeça.

– Não desperdice sua energia, pequeno.

O cachorro late com alegria e abana o rabo.

Quando termino o entalhe, me afasto e olho para os sete círculos

riscados na parede de mármore do meu quarto – um para cada justa que devo vencer na Copa Supernova. Um para cada membro de uma família que nunca conheci e que precisa morrer.

Deus fez o universo em sete dias, e vou desfazê-lo em sete pessoas.

As fungadas se aproximando pelo corredor sempre entregam Quilliam antes que ele bata à minha porta.

– Senhorita? Meu senhor quer saber se você está pronta.

Termino de fechar o corpete e ergo o olhar.

– Estou pronta há muito tempo, Quilliam.

A Copa Supernova só acontece uma vez a cada década, e é um *evento*.

O Novo-Rei Ressimus oferece um grande banquete uma semana antes do início da Copa para dar as boas-vindas a todas as Casas qualificantes e seus ginetes, e nenhum participante fica de fora. Olho pela janela da aero-

carruagem a estrada cortando o ar em vermelhão, mansões nobres passando abaixo de nós em vidro e mármore. O palácio real fica bem no topo do pináculo nobre, uma enorme mansão de madeira branca em um disco verde e plano, com cachoeiras saindo pela borda e envolvendo o topo do pináculo numa neblina permanente. Dezenas de aerocarruagens em cores vivas sobrevoam a mansão, orbitando-a como um sistema solar em miniatura enquanto esperam permissão para pousar.

– Algum dos sete Hauteclare já viu meu rosto? – pergunto a Dravik.

Ele está sentado à minha frente em um sofisticado gibão prateado.

– Duvido muito. A menos que tenha mostrado seu rosto a Rax e ele tenha deixado escapar uma descrição sua para alguém.

– Como se eu fosse mostrar alguma coisa além da porta para ele – falo, com desdém.

O sorriso de Dravik mal repuxa os cantos de seus lábios.

– Uma boa atitude para manter.

A carruagem enfim aterrissa e abre as portas para o som agradável de risos. Eu saio, e imediatamente recebo olhares direcionados para o meu vestido azul-prateado. Sussurros circulam, quase mais altos que os jatos na plataforma de pouso. Uma saudade inútil do cão-robô me invade – sinto falta dos seus olhos de safira que não julgam, do seu latidinho quando ele tenta me proteger dos perigos das partículas de poeira e das

sombras. Aperto o pingente de mamãe com força.

Dravik se vira para mim e oferece seu braço de seda azul. As borlas de prata das suas dragonas capturam a luz do sol enquanto ele sorri.

– Sei que o toque é difícil para você, mas talvez só desta vez? Como uma demonstração de solidariedade.

Olho de soslaio para os nobres que perambulam ao nosso redor após saírem de suas próprias carruagens. Ricos. Poderosos. Perigosos. Eles estreitam os olhos para o prateado e o azul-bebê de nossos trajes como se fossem uma sujeira inesperada, uma imundície. Há algo diferente na Casa Lithroi, e os nobres parecem saber disso. Ele e eu somos poucos, e eles são muitos.

Estendo a mão e a apoio no braço dele.

Caminhamos pela grama mais verde que já vi, macia como algodão e tremulando no vento fabricado. É como um sonho que eu tinha quando era uma garotinha, depois de ler sobre a abundância da Terra pela primeira vez: cercas vivas bem-cuidadas, fileiras de terra rica transbordando de flores exuberantes e legumes frescos e até mesmo uma gigante árvore crepitante de *madeira vermelha*. Sua casca é áspera e seu tronco tem a espessura de dez homens, e ela me dá arrepios na espinha – a Terra um dia já teve milhões destas. A Terra era grande e verdejante o bastante para que milhões delas vivessem livremente. É embaixo desta grande árvore vermelha que o banquete acontece, mesas impecáveis formando um arco-íris conforme os nobres congregam pelas cores das Casas. Cintilantes pedras preciosas, renda holográfica em cores vivas e penas em chapéus, líquidos borbulhantes em taças – tudo é resplandecente, mas a única coisa que vejo é o brilho de dentes.

– Ahá, Drav!

Dravik para e eu paro, e nos viramos para a voz. Sevrith. Ele é uma presença impressionante fora do traje de ginete, com seus músculos rijos marcando a túnica cor de celadonita com bordas de bronze. Eu estava certa: ele é uns dez anos mais velho que Dravik, talvez quinze. O tempo fez estragos com os pés de galinha ao redor dos seus olhos escuros e da sua boca aveludada, e seu cabelo preto está puxado para trás em um régio meio rabo de cavalo.

– Sevrith. – Dravik faz uma medida, e eu o imito.

Por algum motivo, um nítido pânico atravessa o rosto de Sevrith, mas então ele se derrete numa medida maior que a nossa. Quando se levanta, ele dirige um sorriso intensamente branco para mim.

– Então... você é a garota? É bom finalmente conhecê-la cara a cara.

Já conheço o rosto dele – eu o tenho estudado na base de dados. Sevrith cul Freynille tem seu mérito como ginete, mas é mais famoso por ter sido um galã uns vinte anos antes. Quando era mais nova, eu o via nas holotelas quebradas da Ala Baixa em propagandas de café, de contraceptivos. Sempre piscando.

– Synali – digo. Sinto os olhos de Dravik em mim enquanto ele espera pelo resto do meu nome, como determinado no contrato. – Synali von Hauteclare.

Os olhos de Sevrith se iluminam conforme ele os direciona para os meus.

– Isso explica o gelo. E por que Dravik escolheu. Deve ser a filha de Farris.

– O que você quer, Sev? – interrompe Dravik friamente.

Sevrith balança a cabeça.

– O que foi? Está bravo por eu ter ficado mais esperto? Você está enfiando um vespeiro em outro trazendo-a aqui.

– Pretende me impedir? – pergunto.

O homem mais velho parece surpreso por eu ter falado. Seu sorriso é caloroso – como o de Quilliam.

– Não. Gosto de entretenimento durante a refeição. Deus sabe que esses banquetes pré-Copa têm sido chatos há muito tempo.

Não consigo me obrigar a olhar feio para ele – a lembrança da capotagem e de sua ajuda ainda está muito fresca após um mês e pouco. Ele apenas sorri para mim, a festa no jardim pulsando ao nosso redor, e então algo se move no seu rosto... embaixo do nariz. Um sangramento? Não – o líquido não é escuro o bastante para ser sangue. *O que...*

– Sev. – Dravik pigarreia e gesticula para o próprio nariz. Sevrith se assusta, cobrindo o rosto com a mão e se curvando rapidamente.

– Com licença. Boa sorte na Copa, garota. Estou ansioso para ver o que pode fazer quando não está capotando.

Seus olhos escuros dão uma piscadela antes de ele sair, caminhando

rápido pela grama.

– Está tudo bem com ele? – pergunto a Dravik.

– É problema dele. A preocupação com o destino de um nobre não combina com você, Synali.

Ele está certo. Cada nobre aqui é um potencial aliado da Casa Hauteclare – e um potencial inimigo meu.

– Ele vai participar da Copa Supernova este ano?

Dravik assente com a cabeça.

– Sevrith é o ginete mais velho do circuito competitivo. Vocês podem muito bem cair na mesma chave. Com sorte, você terá adquirido experiência suficiente até lá para vencê-lo.

A dúvida tenta cavar seu caminho até o meu cérebro, mas a afasto. Fiz de tudo para ganhar. Vou fazer *de tudo* para ganhar.

Dravik me leva até uma mesa isolada enfeitada com um estandarte azul-claro. Os criados o retiram quando nos sentamos, e o coelho prateado bordado no meio de um salto desliza rapidamente para longe. As nobres damas têm uma maneira especial de mover a saia para se sentarem, mas não me dou ao trabalho – não quando o branco e dourado da Hauteclare me encara do canto oposto do jardim. Sete deles estão sentados à sua mesa tranquila em seda e joias, sorrindo um para o outro apesar de terem roubado a vida de mamãe com uma crueldade fria e exigente... só porque era do seu interesse. Porque poderiam pagar por mais joias.

Controle-se. Corpo cuidadosamente tensionado, como aprendi no corcel. *Tenha foco.*

– Estamos atraindo atenção – digo, baixinho.

Dravik ri.

– Isso já era esperado. A Casa Lithroi é uma espécie de relíquia esquecida. Não ligue para eles.

Olho em volta. Uma mesa em verde e preto, uma mesa em cinza e laranja, uma mesa em vermelho e marrom... a Casa Velrayd. *Rax*. Ainda não vi seu rosto propriamente. Procuro entre os Velrayd sentados, um por um – ele era alto, mas muitos àquela mesa são altos. Congelo quando o nojo toma conta de mim; por que o estou procurando? Ele é um obstáculo que devo superar – nada mais.

Não posso evitar notar uma garota de aparência doce entre os muitos que nos olham – seu cabelo é vermelho-vivo, e suas roupas, verde-folha com listras pretas. Suas sardas se franzem quando ela sorri para mim – um tipo curioso de sorriso. Tem alguém curioso com a minha presença, em vez de furioso ou impassível... Ela me lembra Jeria – uma semiamiga que fiz no bordel, a única que me perguntava se estava tudo bem no fim do dia. O sorriso da garota não dura muito, uma vez que uma mulher ao lado dela a acerta com o leque de seda e ela se volta para a frente novamente.

– São os Solunde – Dravik responde à pergunta que não fiz. – A garota é a ginete deles, Yatrice.

– Ela tem a minha idade – digo fracamente.

– Ela está sorrindo agora, mas os Solunde são os maiores aliados dos Hauteclare. Quando nos virem como ameaça, Yatrice não hesitará em acabar com você.

Respiro fundo e me concentro no rei. Ele está sentado na cabeceira do banquete, com um enorme manto dourado e violeta se acumulando em volta do trono. Ametistas estão penduradas em seu pescoço, e uma coroa elaborada com contas de âmbar repousa em sua cabeça. Sua barba branca está trançada com contas de madeira vermelha, e seus olhos são de um verde mais profundo que o jardim verdejante. Guardas armados até os dentes formam um crescente ao redor da plataforma elevada do rei. O bobo da corte anda para lá e para cá em pernas de pau projetadas em neon, descartando-as de vez em quando para descer e contar uma piadinha suja nos seus ouvidos, mas o Novo-Rei Ressimus III não sorri.

Papai queria tanto ficar ao lado dele que estava disposto a matar por isso. Minha existência matou mamãe, mas a existência do rei também a matou.

– Eu me pergunto *quem* é aquele – pergunta Dravik, fingindo inocência.

Dou um bufo de desdém.

– *Sua Majestade Exaltada.*

– Ah, sim. Embora... eu tenha o chamado de outra coisa um dia.

Arqueio as sobrancelhas.

– E que coisa era essa?

Neste momento, os olhos verdes do rei encontram nossa mesa, e Dravik retorna o olhar de uma maneira que nunca o vi fazer – completamente neutro. Nem uma única migalha de emoção permanece no seu rosto. Nenhuma placidez ou calma.

Apenas... *vazio*. O vazio como uma *arma*.

Em retrospecto, eu deveria ter percebido. Deveria ter percebido no momento em que Dravik me levou para sua mansão, no momento em que vi suas cicatrizes de cirurgia nas íris – o retrato do garoto de olhos verdes –, no momento em que ele manipulou os guardas a meu favor. Deveria ter percebido um milhão de momentos antes, mas a peça só se encaixa quando a expressão tranquila de Dravik desaparece do seu rosto, substituída por aquela lâmina de vazio.

– Pai.

Minha cabeça parece enferrujada quando a viro para olhá-lo.

Para olhar para um príncipe.



15. Fulmen

fulmen ~inis, *n.*

1. relâmpago

— **E**la é uma graça. — Yavn von Velrayd dá uma cotovelada no primo e aponta para a mesa distante em azul-claro e prateado.

Rax Istra-Velrayd está cansado demais para incentivar os flertes do primo — não dormiu esta semana. Os pesadelos têm sido ruins recentemente. Eles o acompanham desde que tinha uns dez anos, acordando-o em horas aleatórias com seu caos violento e superespecífico, só que nos últimos tempos eles pioraram muito. Mesmo assim, ele estica o pescoço para enxergar acima da multidão da corte, curioso. Num instante, seu coração está batendo e, no seguinte, para. A garota no vestido azul e prata faz o mundo desbotar, faz os rostos de todos ao seu redor se tornarem um borrão. O primo dele é um tolo — *uma graça* não é suficiente para descrevê-la; seu cabelo preto tem um corte reto abaixo das orelhas, não há halo nas sobrancelhas marcadas, e seus olhos são mais azuis que o céu falso do pináculo nobre, do jeito que o céu devia ser quando era *real*. Mas o que realmente o faz perder o fôlego é a maneira como ela se porta: completamente focada e tensa como um arco em riste, como algo selvagem, feral.

Não, ele se corrige severamente, como algo que está caçando.

Yavn serve mais vinho para si.

– São marcas de varíola nas bochechas dela. Sabia que quarenta por cento das crianças plebeias morrem dessa doença? Acho que ela foi uma das sortudas.

Rax finalmente olha para ele.

– Você simplesmente sabe isso de cor?

O primo dá de ombros.

– O que posso dizer? Sou do tipo que se importa com o próximo.

As marcas de varíola salpicam as bochechas dela aqui e ali, mas é o pedaço circular de pele na sua clavícula que chama mais a atenção de Rax – mais clara, há muito curada, mas não muito antiga.

Rax sabe muito sobre cicatrizes. Sabe sobre sua coloração, sua formação, sua cura, a aparência delas em cada estágio, e, mais do que tudo, sabe como removê-las. A cicatriz na clavícula dela é de luz sólida – cauterizada, vigorosa, angular como uma lâmina. Ela usa as cores de uma nobre Casa como o restante deles, mas não foi a uma clínica remover essas cicatrizes? Ela nem as esconde com maquiagem ou com o vestido – o decote mergulha baixo entre seus ombros. É a única aqui que não foi alisada, a única que não olha para alguém ao seu redor, mas para a frente. Estranha. *Assustadora*. Talvez seja por isso que a sensação de olhar para ela é como a de ser eletrocutado, como a sela realizando um aperto de mão forte demais.

– Que Casa...

– Lithroi – responde Yavn suavemente. – Acho. Eu me lembro de papai falando sobre o prateado deles: é inconfundível pela maneira como brilha.

Prateado brilhante. O corcel prateado, a voz da garota nele, suas mãos rasgando o manequim como se ela fosse um buraco negro impiedoso ou alguma fera raivosa... Ele não conseguiu esquecer aquele dia nem por um segundo. O som da sua voz áspera e triunfante o provocando tem assombrado cada montaria sua desde então e cada banho seu depois.

É ela.

O modo como ela deu tudo de si em uma investida sem nenhuma preocupação com a própria segurança, como se estivesse morrendo, como se *quisesse* morrer... Não era natural. Ia contra tudo o que a

academia ensinava, todas as regras que ele seguia na sela. Ela montava *errado*, mas, de alguma maneira, pareceu estranhamente *certo*, como uma música arranjada de uma forma que ele nunca havia considerado. O ginete nele começa a gritar de vontade de enfrentá-la. Implorando. *Só uma vez*. A chance de ver mais dela, as coisas novas e estranhas que ela faria com ele, por quanto tempo ele conseguiria brincar antes que ela se quebrasse, ou o quebrasse, ou ambos se quebrassem juntos...

Ela olha na direção dele, cortando a multidão com seus olhos gelados, mas não o nota. Cada célula em Rax fica em alerta quando seu olhar se aproxima e desmonta como uma onda quando se afasta. Ele se recupera com um esforço descomunal.

– Ela não, Yavn. Nem nos seus sonhos mais loucos.

– Mas nos seus, obviamente – argumenta Yavn, sorrindo. – Ei, com alguma sorte, ela vai ser uma ginete.

Rax bufa, as palavras que passam pela sua cabeça vacilantes demais para deixarem sua boca.

É esse o meu medo.

16. Indico

indicō ~āre ~āuī ~ātum, *tr.*

1. tornar conhecido, expor



— **V**ocê é o príncipe.

— O antigo príncipe – Dravik me corrige, gentilmente. – Minha mãe era a Rainha Astrix vel Lithroi.

Astrix. O comando para desligar o cão-robô... e o nome de sua mãe.

Meu cérebro trabalha num estado de torpor; rumores da morte da rainha circularam na Ala Baixa quando eu era criança. Lembro-me vagamente de alguns fragmentos – amigos de mamãe chegando para sussurrar sobre uma rainha que *perdeu sua nobreza e foi executada por traição*. Ela nunca teve um funeral público. A escola ficou fechada aquele dia. Os vizinhos culpavam a morte dela pelo preço alto do pão. Nunca ouvi o que aconteceu com o príncipe, mas sabia que ele existia; era como uma estrela distante.

– Eu não sabia que príncipes podiam perder o título – consigo falar, enfim.

– Não podem, a menos que abram mão dele voluntariamente.

Foi isso que Sevrith quis dizer quando falou que Dravik *deixou a vida de nobre*. Fico olhando para sua silhueta suave, seu nariz gentil, as cicatrizes em forma de pixel da cirurgia para esconder seus olhos verdes.

– Fiz muitas cirurgias – murmura Dravik. – Para garantir que não me pareço em nada com ele. Poderíamos fazer o mesmo com você, se quiser.

Olho meu reflexo no chá que foi servido. Lábios finos, sobrancelhas finas – de papai. Meu rosto sempre foi mais dele que de mamãe. A ideia de arrancá-lo de vez de dentro de mim é tentadora. Os espelhos não iriam mais machucar tanto. Eu poderia me olhar com orgulho se me parecesse mais com mamãe.

Desvio o olhar para a mesa branca e dourada da Hauteclare. Eles tentaram me matar para esconder seu “erro.” Pigarreio.

– Não. Quero que todos saibam de onde eu vim.

O sorriso de Dravik é tenso, mas verdadeiro. Ele disse que seu pai matou sua mãe. O rei matou a Rainha Astrix? Não – ela foi executada... mas imagino que o rei poderia muito bem ordenar a execução de qualquer um. A nova rainha e a princesa herdeira não estão presentes no banquete, mas sei que a rainha é um tipo frágil – sempre enclausurada por causa da saúde – e que a princesa ainda é muito jovem.

E então compreendo.

Dravik quer se vingar do rei. *Como* exatamente, *quando* exatamente... nada disso está claro, mas está claro *o que* eu sou: o peão – a peça mais fraca deste jogo, a peça mais subestimada, a peça que surpreende a todos. Tem um jogo acontecendo entre o rei e seu filho, e eu vim parar bem no meio dele.

Mas, contanto que nós ganhemos e eles percam, vou cumprir meu papel.

Fico observando a multidão, reconhecendo muitos ginetes que estudei no vis. Por trás de cada rosto há uma pilha de estatísticas, manobras favoritas, idades e alturas e pesos e nomes de corcéis. Devo derrotar ao menos sete deles – sete para punir os sete que mataram mamãe. Fortuitamente, sete é o número de justas que preciso ganhar para chegar às quartas de final – para ter ao menos uma *chance* de ganhar tudo e dissolver a Casa Hauteclare para sempre.

De repente, um pódio projetado emerge da grama em frente à plataforma do rei e continua subindo – virando uma coluna para que

algo seja mostrado ali em cima.

– É tradição que cada ginete participante faça um discurso no banquete pré-Copa – esclarece Dravik.

Assisto em silêncio. Uma garota nobre sobe no pódio projetado e avisa a todos que vai ganhar. Ela não sabe que plebeus têm suas gargantas cortadas em becos escuros pelos parques créditos que ganham apostando em gente como ela. Um garoto nobre agradece à mãe por lhe dar à luz, independentemente do resultado da Copa Supernova, mas não sabe que uma plebeia poderia manter um filho vivo por mais um mês com um único botão de ouro do seu gibão. Tenho apenas um pensamento enquanto os ouço: o lobo só entende como o veado sofre quando o tigre aparece.

Mirelle Ashadi-Hauteclare finalmente sobe no pódio projetado.

Em pessoa, ela é mais intensa, com seu vestido branco e dourado brilhante e imaculado. Seu longo cabelo castanho é exuberante, e sua postura emana uma elegância praticada. Ela tem a atitude de papai, seu ar arrogante. É como se ele estivesse *vivo* nela.

– Mirelle Ashadi-Hauteclare... – começa Dravik.

– Sei quem ela é.

– Uma ginete muito boa, e muito inteligente – continua ele. – Bastante orgulhosa, mas suponho que isso seja óbvio: todos os Hauteclare são orgulhosos. Ela favorece as táticas dos cavaleiros, honra e verdade e etc.; vê-se isso em suas justas. Na minha opinião imparcial, ela não é nada senão uma força dedicada e determinada.

– E eu? – pergunto. – O que sou na sua opinião imparcial, Vossa Alteza?

O sorriso dele se repuxa para um lado.

– Você é... *não convencional*.

– Você com certeza sabe inspirar confiança.

Dravik ri suavemente.

– A maior força do seu inimigo será sempre a sua fraqueza também. O casco da tartaruga é a força dela, no entanto a torna lenta. A força do falcão é sua velocidade, mas ele voa rápido demais e não consegue ver o que está ao seu lado. Lady Mirelle é dedicada, o que significa que ela não muda com tanta facilidade.

Ela é inflexível, ele quer dizer. É uma coisa útil de saber na arena, mas ainda há dezenas de ginetes entre nós.

Inúmeros canais de imprensa usam o vis para gravar os discursos. Os ginetes dão sorrisos mais brilhantes e declarações mais efusivas e levantam ainda mais o queixo – cirurgia, treinamento midiático, todos eles bonequinhos atléticos enfileirados em uma prateleira para serem cobiçados, e eu sou o mais novo modelo. Minha cabeça começa a girar; se eu tiver azar, a chave vai me colocar com Mirelle na primeira rodada. Ou pior...

O mestre de cerimônias apresenta o ginete seguinte ao som de aplausos estrondosos e cornetas sintéticas.

– Por favor, deem as boas-vindas a Sir Rax Istra-Velrayd!

Alguém à mesa Velrayd se levanta: é alto, tem o cabelo platinado penteado para trás, algumas mechas soltas sobre as sobrancelhas escuras e olhos de madeira vermelha. Ainda não consigo me forçar a olhar para o seu rosto por muito tempo, mas seus ombros largos permanecem os mesmos. Ele anda exatamente como eu me lembro – com tranquilidade, devagar, como se tivesse todo o tempo do mundo. Ele se curva para o rei e sobe no pódio neon, a projeção se elevando estavelmente sob suas botas carmesim. Ele usa um gibão também carmesim, uma gola alta forrada de pele cor de umbra, e ostenta um sorriso para completar tudo – livre, leve, *irritante*.

– Devo me curvar ao rei também? – pergunto a Dravik.

Ele solta um murmúrio preguiçoso, ponderando.

– Só se quiser. A Casa Lithroi conquistou esse direito, acho.

Rax Istra-Velrayd faz um sinal para silenciar os aplausos, mas a corte o ignora, jubilosa com a mera visão dele. Ele toca o vis para projetar sua voz – brilho azul na seda vermelha. Ele pigarreia.

– Obrigado. Mas, por favor, se continuarem, ainda estaremos aqui quando a terraformação acabar.

A multidão desata a rir de sua piada patética, e ele espera até que fiquem em silêncio, olhando na minha direção. Encaro apenas o halo de luz negra pintado em sua testa orgulhosa e penso: *Quando nos encontrarmos de novo na arena, é aí que vou enfiar minha lança.*

– Ele é um dos ginetes mais talentosos que tivemos em um século. –

Dravik mexe o chá. – Um formidável talento natural, pois nasceu com ele, dizem alguns, mas eu suspeito que a verdade seja menos romântica que isso.

– Menos romântica como?

– Os pais dele antigamente habitavam os galhos mais baixos da Casa Velrayd. Dizem os boatos que eles o colocaram na sela a partir dos cinco anos em uma tentativa de elevar seu status por meio dos torneios. É muito malvisto fazer uma criança montar antes de entrar na academia, mas não é ilegal. De qualquer forma, parece ter funcionado; o título de barão foi concedido ao pai dele pelo Duque Velrayd quando Rax tinha doze anos, pouco depois de ele ganhar a Copa Icarus.

Não me espanta. A ideia de uma criança de cinco anos na sela... *Eu* fiquei apavorada. Nem posso imaginar o medo que ele sentiu.

Não imagine, não sinta pena. Ele é o inimigo.

– *Sangue fraco* – diz Dravik. – Significa “sanguessuga”, “aproveitador”. É como os nobres chamam as pessoas como Rax pelas costas. Está muito longe da linhagem sanguínea familiar e tem pouca esperança de herdar alguma coisa importante.

– O oposto de você, então – murmuro.

Sua risada fica mais encorpada por causa do mel no chá.

– Falou a única filha de um duque poderoso. Você e eu sabemos que um bastardo é muito pior que um sangue fraco.

– Por que Rax é tão popular se o consideram um sangue fraco?

– Ele é simplesmente excelente na montaria. É simpático, carismático, bem-humorado, quando a maioria dos nobres não sabe a diferença entre uma piada e um sistema solar distante. Além disso, ele também é bonito.

Curvo os lábios.

– E qual é a fraqueza *dele*, então?

Dravik o observa por sobre a borda da xícara.

– Ainda não tenho certeza.

Rax termina seu discurso e sai do pódio em meio a um dilúvio de aplausos. Até o rei está aplaudindo, enquanto seu bobo dá pequenas cambalhotas de alegria. A animação continua até que o mestre de cerimônias anuncia a Casa Lithroi. O jardim mergulha em olhares confusos, e murmúrios sufocam o ar.

– Ah. – O sorriso luminoso de Dravik desafia a expressão inflexível do rei. – Acredito que seja sua vez, Synali. Diga o que quiser.

– *Qualquer coisa?* Até a verdade?

– Especialmente a verdade.

Eu me levanto e sigo até o pódio caminhando pelas fileiras de mesas infestadas de nobres. Rax e eu vamos nos cruzar no corredor gramado. Cinco semanas foi tempo suficiente para eu esquecer como ele era intimidante – a tela do vis o fazia parecer menor que o andaime gigante de ossos e músculos se aproximando de mim agora. Mantenho o olhar no trono do rei. Ficamos lado a lado, e noto uma ondulação no ar se movendo à frente dele que só eu pareço sentir. No sol redirecionado, seu cabelo brilha platinado e suas íris escuras de madeira vermelha captam flocos de ouro – uma calidez inútil. Estamos de novo perto demais, rápido demais. Por que isso está me deixando nervosa? Ele é só um nobre qualquer.

Pelo canto do olho, vejo Rax abrir um sorriso.

– Vejo você na arena, hein?

Minha resposta é instantânea.

– Não por muito tempo, imagino.

Passamos um pelo outro e a seda vermelha e a seda azul se distanciam, e então os olhos verdes do rei estão em mim.

Eu não faço nenhuma reverência.

Murmúrios ressoam. O bobo da corte finge desmaiar e cair das pernas de pau, com os bracinhos por cima do pequeno peito. Os guardas se mexem em suas cotas de malha de luz sólida, mas o rei apenas aguarda, com o olhar fixo no meu vestido – nas cores azul e prateada. Subo no pódio, que se ergue com um zumbido de neon. A Casa Hauteclare observa, Mirelle sentada entre eles. Todos observam: os nobres, os padres, os canais de imprensa, Rax e Sevrith e Dravik. Os sete que a mataram. Em algum lugar da Estação, será que seu fantoche assassino também me observa?

Aciono meu vis. Tive tempo para praticar o que vem a seguir.

– Meu nome é Synali von Hauteclare. O nome da minha mãe era Gabriyll Jean Woster. Ela foi assassinada há dez meses por sete pessoas presentes neste banquete.

Estou em um lugar alto demais para ouvir a reação, mas vejo tudo – pessoas imóveis, mãos sobre bocas. Com esses dois nomes, eles ficam sabendo que sou uma bastarda, e quem é meu pai. A corte inteira dispara os olhos para a mesa em branco e dourado, uns para os outros, para o Rei Ressimus. Puxo o decote do vestido para baixo, revelando meu espartilho e sutiã de renda, mas não me importo – vou expor a carne até que queime.

– Esta cicatriz é a prova: os sete assassinaram minha mãe e tentaram me assassinar.

A multidão abaixo se contorce e se remexe, olhando para os guardas, se levantando e sacudindo os punhos para mim. Mirelle não se move. A Casa Hauteclare não se move, nem Dravik. Consigo decifrá-lo melhor agora, nem que seja em pequenas porções fraturadas; seus olhos se enrugam quase... *com orgulho*. Sevrith ri e balança a cabeça. Rax não desviou os olhos de mim nenhuma vez.

Vou dar a eles o aviso que papai nunca nos deu.

– Vocês sete têm até a primeira rodada da Copa Supernova para entrar em contato com algum grande veículo de imprensa. Vocês deverão fazer uma declaração pública no vis admitindo seus crimes em detalhes. Se não fizerem isso, suas vidas serão tomadas.

Finalmente, a multidão *explode*.

A indignação geral racha o pacífico jardim. Os guardas enfim decidem que basta e miras a laser pinicam minha pele, mas vim aqui esperando resistência – Dravik me trouxe aqui esperando resistência. Ele nunca me pediu para evitar problemas, me disse para falar a verdade. Por um único segundo, o medo ruge nos meus ouvidos; se atirarem em mim agora, acabou. Tudo pelo que trabalhei. Tudo que sofri.

Meus olhos se desviam para o ex-príncipe – *you não me traria aqui só para morrer, traria?*

Uma gota de suor abre caminho pela têmpora macia de Dravik. Ele não é um homem que sua, chora ou cospe. Ele é contido, e mesmo assim, seus lábios balbuciam uma palavra familiar para mim há muito tempo, gravada nos meus ouvidos pelo zumbido do treinamento incansável...

– *Espere*.

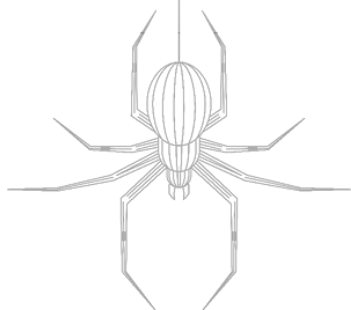
O verdadeiro significado das palavras era uma coisa que me escapava antes dele, antes de montar o Algoz do Paraíso. Esperar significa ser paciente – ficar parado quando tudo que se quer é correr. Aguentar até que seja tarde demais.

Espera, mesmo que o universo esteja tentando rasgar você ao meio.

–8. Exosso

exossō ~āre ~āuī ~ātum, *tr.*

1. desossar



Através da cacofonia de danças e risadas inebriadas, uma holotela pisca acima do sofá. O homem drogado que a assistia ronca alto; o rosto de uma garota de cabelo preto e curto e determinados olhos de gelo encara a casa de pó.

Rain para abruptamente. As luzes da casa piscam, embora os clientes inebriados mal se mexam em resposta. O homem meio baixo de vestes que o leva para se encontrar com o proprietário para também, suas sobrancelhas se arqueando.

– Algum problema, senhor? A luz só piscou, isso é comum por aqui.

Rain não consegue parar de encarar os olhos de gelo da garota. O homem de vestes ri.

– Você a conhece? Estaria interessado em um encontro? – O vis então pisca e a câmera se afasta para mostrar o banquete do rei, e o homem suspira. – Ah, ela é nobre. Lamento, senhor, mas devo retirar a oferta.

Rain olha para seu reflexo em um espelho de bronze e puxa o capuz para esconder mais o rosto. Em algum momento entre degolar aquela mãe e levantar o punhal para esfaquear a filha, ele olhou a garota nos olhos. Ela tinha os olhos dele, *exatamente*, sem cicatrizes de cirurgia, e

por um instante ele sentiu como se estivesse frente a frente com outra Aranha na Teia, outra das suas irmãs e irmãos. Seu instinto superou toda a lógica; será que *poderiam* ser parentes? A Teia o havia criado com lealdade à sua família, àqueles que estavam ligados a ele nesta vida, e ele os amava mais que qualquer coisa. A ideia de uma família de sangue sempre assombrou seus sonhos, e ali estava ela – ou uma raridade genética encontrada em uma coincidência suprema, ou uma parte querida sua sobre a qual se perguntou por tanto tempo.

De alguma maneira, ela tinha chegado à corte do Novo-Rei. Rain era assassino de uma nobre Casa, e ela devia saber que eles tentaram matá-la – então por que voltar à toca do leão? Por que não simplesmente fugir ou se esconder? Ela ia competir na Copa Supernova como ginete para uma nobre Casa, mas com que propósito? Ele não pôde evitar a preocupação que o consumiu de repente. Montar era perigoso, mas o mundo da nobreza era ainda mais...

Rain levanta os olhos para o homem e balança a cabeça.

– Vamos continuar.

O homem o leva através do cômodo de corpos lânguidos e almofadas fofas, parando finalmente para bater a uma bela porta de madeira. Há uma pausa, e ele pula nos calcanhares em antecipação.

– O chefe está satisfeito que esteja disposto a aceitar sua proposta, senhor. Fomos forçados a contratar o tipo comum de serviços de silenciamento permanente, por assim dizer. Faz muitos meses desde que tivemos um homem com tal... *habilidade* em nosso quadro.

Uma voz reverbera do outro lado da porta.

– Entrem.

O homem guia Rain para dentro do escritório luxuoso – tapetes finos e prateleiras de madeira e grandes pedaços verdes e cristalinos de pó subterrâneo estão espalhados pela mesa de metal. O chefe está atrás dela, um homem de maneiras rudes e sorriso de mercenário, e seus seguranças estão sentados às suas costas: dois na parede, dois na porta, as espadas e pistolas de luz sólida fazendo volume sob suas túnicas. Eles tomaram as armas de Rain na entrada e, no entanto, lhe estão fornecendo tantas bem aqui.

– Mão da Aranha, até que enfim. – O proprietário faz um gesto para

que Rain se sente. – Por favor, fique à vontade.

E Rain ficou – várias vezes, e com muitas manchas de sangue diferentes, até que o fino tapete na soleira da porta ficasse encharcado de vermelho.

17. Gravo

gravō ~āre ~āuī ~ātum, *tr.*

1. presar, sobrecarregar

2. oprimir ou dominar



— **E***sperem.*

A voz do Rei Ressiminus abocanha a garganta da corte, e os sons de ultraje morrem na hora. Os guardas baixam as armas, dissipando o mar de miras a laser vermelhas na minha pele conforme o rei se levanta do trono parecendo um pilar de seda dourada e roxa com uma expressão severa.

— O Grande Tratado de Guerra de 3067 diz o seguinte. — Sua voz é firme. — *“A vingança pessoal de um ginete é ratificada pelo código de honra dos cavaleiros, conhecido como cavalheirismo, e não será impedida nem punida enquanto estiverem montando.”*

Não conheço tratados nem códigos, mas reconheço uma ameaça quando ouço uma: *enquanto estiverem montando.*

A pergunta *Você vai montar?* paira no ar, no olhar esmeralda do homem que governa a Estação, cuja família sempre governou a Estação. Levanto o queixo.

— Vou montar na Copa Supernova pela Casa Lithroi.

Outra rachadura atravessa a corte. A mesa dos Lithroi é a única absolutamente imóvel, e Dravik, o único sorrindo. Ele conhecia esse

tratado. É claro que conhecia – ele nunca me colocaria numa situação que não pudéssemos usar a nosso favor.

Sair do pódio é ainda mais assustador do que ir até ele – o caminho de volta até a mesa de Dravik de repente está ladeado por milhares de olhos em chamas. Consigo chegar lá sem que ninguém me agarre – a nobreza tem sua “criação” e seus “bons modos”, e pela primeira vez fico feliz que seja assim. Eles não podem arrancar minha cabeça. Só podem *aparentar querer* arrancar minha cabeça.

Dravik sorri quando me sento.

– Você se saiu bem.

– Fiz o que você queria que eu fizesse – rebato.

– E não foi isso que eu disse? – Seu sorriso se retorce, e seus olhos observam por cima do meu ombro. – Ah, parece que você chamou a atenção até da igreja.

Disparo os olhos na mesma direção dos dele – uma mulher de véu com cabelo preto até o chão sussurra para três padres em vestes brancas e vermelhas. O vestido dela é rosa-claro com uma neblina de renda creme que desce pelo seu corpo com leveza. A mulher é sutil ao olhar na nossa direção através dos cílios longos, mas os padres, não.

– Talize san Michel – diz Dravik. – É uma boa ginete, e uma empresária ainda melhor. Ela é muito devota, e desenvolve drogas para uso recreacional da nobreza na clandestinidade.

Dou uma bufada.

– Hipócrita.

– Eu diria que esse é exatamente o objetivo da igreja, Synali: ser hipócrita significa talvez um dia ser salvo.

– A igreja vai ser um problema?

O sorriso dele se alarga.

– Só se nossos inimigos conseguirem fazer tantos amigos entre os clérigos quanto eu fiz.

Os criados então aparecem com as bandejas de comida. Sinto dezenas de olhos em mim enquanto me sirvo de peixe assado, javali ao conhaque e tortinhas de frutas claramente feitas para impressionar. Não consigo sentir o gosto de nada. Cada cereja cristalizada e cada floco de ouro são um lembrete de todos os famintos que conheci na Ala Baixa. A

adrenalina de todos me observando neste jardim está me deixando enjoada.

– Dravik, onde fica o...

Ele aponta para um labirinto de cercas vivas em miniatura.

– Tome cuidado. Os guardas não conseguem ver tudo, e agora você tem um alvo nas costas.

– Obrigada pelo lembrete – digo ironicamente. – Acredite se quiser, mas agora meu enjoo *piorou*.

Dravik sorri para a xícara de chá. Percorro o caminho sinuoso do labirinto de cerca viva e consigo destrancar o banheiro de luz sólida. A tênue luz laranja obscurece o mundo lá fora e bloqueia todo o som. Há duas cabines banhadas a ouro lado a lado, e deixo escapar um suspiro de alívio quando percebo que ambas estão vazias. A água gelada no meu rosto não consegue desacelerar minha pulsação. Puxo o pingente de mamãe para fora e o esfrego desesperadamente com o dedão.

– Não vire uma covarde agora – sussurro para o espelho, para o reflexo da cicatriz no meu peito.

Sete círculos. Sete justas. Consigo fazer isso. Eles podem me intimidar o quanto quiserem, isso não mudará seu destino.

Saio do banheiro e congelo.

Ali na frente, na grama comprida e exuberante, há duas marcas. Pegadas. É como se alguém tivesse ficado descalço, observando o banheiro por um longo período – a grama está afundada e escura. Mas não há pegadas de alguém chegando nem saindo dali. Nenhum sinal de vida. Meu corpo fica gelado.

– *synali*

É aquela voz suave e fraca – a que ouço na sela. Eu a ouço agora bem fundo dos ouvidos, como se viesse de dentro de mim. Como se fosse um pensamento. Um pensamento na sela de *avançar*, ou *mais*, ou *virar*.

– Olá? – tento.

As pegadas se levantam, como se alguém invisível se movesse, e a grama se dobra em novas pegadas conforme elas se dirigem à sebe. No mesmo instante, três rapazes em gibões laranja com bordas cinza contornam a sebe, vindo na minha direção.

Meu coração pula para a garganta e depois se acalma. São pessoas *de*

verdade. Não fantasmas ou alucinações. Quase fico grata pela sua presença repentina. Se Dravik estivesse comigo, me diria quem são, mas meus melhores palpites são: um, nobres, e dois, estão aqui para me machucar, se seus sorrisos enquanto gingam até aqui forem um indicativo. O do meio é obviamente o líder – um espécime gigante de nobre com mãos parecidas com pás e cabelo que lembra o centro de uma holovela.

– Oho, o que temos aqui, rapazes? – O do meio cai na gargalhada.

Eu me mantenho firme – correr é inútil contra valentões. Eles me cercam rapidamente, não me deixando nenhuma escapatória.

– Meu nome é Synali von Hauteclare. – Enuncio as palavras muito claramente. – E o de vocês?

O do meio dá uma risada de escárnio.

– Não é assim que funciona, bastardinha. Você não tem o privilégio de saber o meu nome.

– Faça ela lambar suas botas, Olic. – O nobre da esquerda dá uma risadinha.

Uma gargalhada escapa de mim diante da infantilidade deles. Os três ficam paralisados, e o do meio abandona a pose.

– O que é tão engraçado, bastarda?

– Já lambi botas antes, sabe. Não é tão ruim assim. – Seus cúmplices franzem a testa, e eu sorrio ainda mais. – Isso é tudo que você trouxe? Estou acostumada com muito mais homens me batendo ao mesmo tempo. Muito mais maldosos também.

Um puxão forte no meu colarinho me leva na direção de Olic e para cima; meus pés ficam balançando e meu sorriso some. Ele tem pelo menos um metro e noventa e cinco, talvez dois metros, e cada um dos seus músculos fica evidente. *Um gine*. Pensei que fossem todos nobres mimados sem nenhum treinamento de verdade, não sabia... Não consigo respirar. Se eu fosse mais alta, poderia acertar seus olhos, mas ele me mantém tão afastada que nem consigo chutar...

Ouç o inconfundível som de uma pistola de luz sólida sendo destravada e engatilhada, e uma voz fria emana de algum lugar atrás de Olic.

– Coloque-a no chão.

Ele curva os lábios.

– *Mirelle.*

Engulo em seco – Mirelle? Ashadi-Hauteclare? *Me salvando?*

– Ah? Eu não sabia que tínhamos intimidade suficiente para primeiros nomes, Olric. Achei que, depois da derrota que sofreu na Qualificatória Crisântemo, você seria mais esperto que isso.

Suas palavras são geladas. Uma gota de suor se condensa na testa enorme de Olric quando ele pergunta:

– Como você entrou com essa arma?

– Ah, Olric. Sempre precisando que as coisas sejam desenhadas para você. De quem você acha que é a família que treina os guardas? Quatro deles estão esperando por você logo ali.

Seus dois cúmplices gritam de repente e correm para a cerca viva. Meu colarinho quase atravessa minha nuca, e, quando já estou começando a ver estrelas, Olric me solta. Minhas botas atingem a grama de novo, e massageio o pescoço enquanto o observo entrar devagar no labirinto. Sua circunferência quase o

faz entalar nas cercas vivas. E então... estamos sozinhas. Mirelle Ashadi-Hauteclare está na minha frente. Como Rax, ela é ainda mais *ela mesma* de perto, feito a estátua pristina de uma santa. Ela enfia a pistola de luz sólida em um coldre em seus impecáveis culotes brancos e fixa os olhos dourados em mim.

– Então...

– E-Então? – *crocito.* – Por que g-guardar? A-Atire em mim agora. Vou destruir a Casa Hauteclare.

O barulho que ela faz não é nem uma risada, nem uma bufada, mas algo mais frio. Mais desdenhoso. Como os barulhos que papai fazia. Ela se parece tanto com papai que meu corpo treme só de estar perto dela – o mesmo nariz, a mesma... *aura*. Ela joga sua cascata de cabelo sedoso para trás.

– Você não entende nada mesmo, impostora.

– Então me explique.

– Nobres não anunciam quando vão matar uns aos outros – diz ela, devagar, como se eu fosse uma criancinha. – Eles planejam o assassinato e não contam para ninguém. Seu showzinho hoje foi um blefe óbvio. A

única coisa que conseguiu foi envergonhar a si mesma e à sua Casa moribunda.

– Então por que acabou de me salvar? – exige. – Por que não deixou que batessem em mim?

– Porque sim – fala ela simplesmente. – Os Westriani são uns brutos descontrolados. E um cavaleiro não fica parado assistindo ao sofrimento dos indefesos.

É minha vez de rir.

– Você acha que sou indefesa? E você um cavaleiro?

Seus olhos dourados endurecem.

– Sou mais cavaleiro que você, mentirosa.

Eu a encaro, e ela me encara de volta. Somos uma inimiga da outra, e temos uma o sangue da outra. Passo por ela e me dirijo ao labirinto, parando em frente à sebe.

– O que quer que pense de mim, não sou mentirosa. Meu pai *era* Farris von Hauteclare. Vou destruir nossa Casa, e nossa família morrerá.

Desta vez, ela sorri – afiada e coberta de cristais.

– Vamos nos encontrar na arena, então, e decidir isso entre nós.



Após o banquete, a corte inteira faz fila para se despedir do rei.

Dravik desapareceu misteriosamente, me deixando como a única Lithroi nas duas longas filas de nobres a postos na grama. Eles se curvam e fazem medidas conforme o rei passa, arrastando sua capa violeta, e então ele para... diante de mim. O Novo-Rei Ressiminus faz uma pausa bem na minha frente com a desculpa de esperar seu bobo. Ele mantém a expressão impassível voltada para a frente, como um homem acostumado a olhar por cima da multidão.

– Você tem certeza de que vai competir? – diz o Rei Ressiminus.

Na sela do Algoz do Paraíso, aprendi que as palavras têm muito mais significados abaixo da superfície, e as dele estão carregadas: *Você tem certeza de que quer matar sete membros da minha corte?*

– Sim – respondo. Há um silêncio, exceto pelos guizos do bobo da corte se aproximando. – O senhor poderia me impedir.

– Não. – Ele expira suavemente. – Se você é quem diz ser, então eles devem lidar com você, não eu.

– Mas... vou matá-los – insisto. – Eles são da sua corte, e o senhor...

Sua idade se revela quando ele finalmente baixa o olhar para mim, mostrando todas as rugas e manchas que sua maquiagem real mal esconde.

– Não vou impedir você, Synali von Hauteclare.

Minha garganta seca.

– *Por quê?*

– Porque muito tempo atrás, ele também me deu um aviso. E eu não ouvi.

O bobo nos alcança, e então o rei prossegue. Sobe em sua grande aerocarruagem violeta adornada com um dragão rugindo, com as garras douradas curvadas sobre as saídas de ar, e vai embora.

Ele também me deu um aviso.

Ele reaparece ao meu lado quando os nobres finalmente se dispersam. *Ele* entra na aerocarruagem prateada da Lithroi quando ela desce até a zona de pouso para nos levar de volta à Ponta do Luar. *Ele* não fala nada até que o palácio seja uma coisa encolhida na janela traseira.

– Você fez bem ao dar um gelo em Rax. E ouvi que Lady Mirelle livrou você dos Westriani.

Eu o ignoro.

– Onde você estava enquanto nos despedíamos do rei? Você me deixou sozinha.

Dravik sorri.

– Eu sabia que você conseguiria lidar com isso.

– Ele falou comigo. Disse que não vai me impedir.

– O tratado que ele citou hoje foi um elaborado pós-Guerra, mas também há tratados pré-Guerra. O rei não pode impedir um bastardo de montar. Se tentasse, estaria questionando o tratado pré-Guerra e, portanto, questionando todos os outros tratados pré-Guerra, incluindo o que certifica o direito dos Ressimus de governar. Isso abriria as portas para uma guerra civil. E ele sabia disso.

– Então usamos sua maior força contra ele: a corte.

Os olhos de Dravik brilham – é aquela expressão orgulhosa de novo.

– De fato. A humanidade não podia ser exigente na Guerra a respeito de quem montava e quem não; se um ginete deseja montar e tem acesso a um corcel, não pode ser legalmente impedido de entrar na arena, não importa a sua linhagem ou o seu status.

– Mas nenhum plebeu ou bastardo montou após a Guerra – argumento. – Ou o vis anunciaria isso.

– Naturalmente. Os nobres asseguram que a indústria de fabricação de corcéis seja altamente regulada a favor deles, e todos os tratados pré-Guerra são mantidos a sete chaves. Os plebeus nem sabem que montar é uma opção. Os bastardos talvez saibam, mas são assassinados antes que possam tentar. Alguns são exilados e enviados às subestações para fazer trabalho pesado até que seus espíritos ou eles mesmos padeçam. De ferimentos, claro, sem envolver nenhuma jogada suja.

Seu sorriso não vacila. Olho para sua bengala, para as safiras brilhando de modo diferente contra seu joelho lesionado.

– Isso ainda não explica por que o rei ignorou minhas ameaças de morte – insisto.

– Sem nenhum inimigo para enfrentar, um exército geralmente se volta contra si mesmo. A corte não é exceção. Para manter a paz entre as várias Casas no pós-Guerra, foram concedidos privilégios especiais aos ginetes; enquanto um ginete participa de um torneio, qualquer “discordância” que ele tenha com outra Casa é permitida. É um duelo com outro nome: se uma Casa não é forte o bastante para enfrentar a outra na arena e derrotá-la, é considerada fraca e, portanto, deve merecer qualquer destino que recaia sobre si.

– E daí?

– Daí que o rei não pode fazer nada com você, nem a corte. Isso não significa que não vão tentar, mas é por isso que estou aqui.

– Posso me proteger sozinha – falo bruscamente.

Ele sorri.

– Eu sei. Tem feito isso há um bom tempo.

Meu peito se aperta de um modo estranho por baixo da cicatriz. Dravik continua:

– Todas as Casas vão esperar a Casa Hauteclare confirmar ou refutar seu sangue bastardo. Se confirmarem, o rei poderia retirar seus privilégios ou, melhor ainda, anular seu status como Casa, apagando sua nobreza e os banindo para sempre.

Para sempre. As palavras saem de sua boca com o gosto de esperança da fruta dourada, esperança de verdade.

– O rei odeia plebeus assassinos e insignificantes tanto assim?

– Não, mas se a verdade vier a público, o assassinato do Duque Hauteclare será visto como um fracasso por parte da Casa Hauteclare; vão pensar que eles não conseguiram controlar seus segredos, ou seus bastardos e, portanto, sofreram as consequências. Mais uma vez, a Casa seria vista como fraca, inapta. E a fraqueza é a única coisa que não é permitida na corte do Novo-Rei.

– Então eles seriam perdoados por me matar, mas não por me deixar viver.

Seu sorriso fica mais caloroso.

– Precisamente.

A aerocarruagem passa por uma fonte bastante extravagante, que faz brilhar um arco-íris no luar simulado que emana do holograma redondo e pálido bem alto no pináculo nobre. Sinto-me enjoada – a torta, o ácido e o passado ardente sobem como uma espuma de lava. Empurre para baixo. Siga em frente. Este banquete não passou de uma fachada para a coisa em si – uma cortina bonita para o banho de sangue iminente. Eles me conheceram,

e eu os conheci. Eles sabem mais que eu. Ganharam mais que eu. Quantas rodadas vou conseguir ganhar antes da inevitável derrota? Tenho perdido o sono pensando nessa pergunta – duas? Três? Quero que todas as sete pessoas morram. Quero todas as sete vitórias. Quero ganhar a Copa Supernova e destruir a Casa Hauteclare para sempre, mas se eu perder uma vez sequer, isso não vai acontecer.

– Mesmo que eu fracasse, vai cumprir sua parte no contrato? – pergunto ao príncipe. – Vai me conceder o descanso?

– Você não vai fracassar, Synali.

– Mesmo que eu fracasse, vai me conceder o descanso? – repito, com mais firmeza.

Os olhos cinza de Dravik capturam a luz da lua e se derretem.

– Sim.

A aerocarruagem nos deposita de volta na mansão Lithroi, e, no momento em que entro, o cão-robô corre até nós, abanando o rabo. Dravik o ignora, mas eu me abaixo.

– Olá, pequeno.

Seus olhos de safira brilham para mim com uma felicidade simulada. Eu me levanto e corro até a porta do bunker, descartando meu vestido pomposo e os laçarotes no caminho. Ver Mirelle e Rax de perto me convenceu – preciso treinar o máximo possível antes que a Copa comece.

O ar frio da Ponta do Luar parece menos estranho na minha pele ultimamente, como se eu tivesse me acostumado com sua imobilidade mórbida. Meus pés descalços dão passos abafados no mármore abaixo de zero. Quilliam faz uma mesura quando eu passo, estalando o corpo esquelético e voltando os olhos respeitosamente para o chão. Meu traje de treinamento aguarda em um gancho próximo, cinza e sem vida, moldado no meu formato, com quase três meses de suor e sangue acumulados. Dou um toque nos punhos do traje e o material parecido com couro adere à minha pele nua instantaneamente, sendo selado ao longo da espinha com um silvo seco.

Quando me viro, Dravik está esperando na porta do bunker, com o cachorro nos calcanhares.

– Ele tem nome? – pergunto, acenando para o robô.

– Não. – A palavra soa dura.

As pérolas, as safiras, a arte a laser infantil: agora vejo que é claramente o cachorro de um príncipe, algo do seu passado que ele não quer encarar, mas que não consegue deixar para trás.

– O nome da sua mãe é o comando para desligar – pressiono.

– É claro. Ela o fez. E também fez o Algoz do Paraíso.

Fico paralisada.

– Ela *fez* o Algoz do Paraíso?

– “Fez” não é a palavra certa. “Concebeu” talvez seja melhor.

– “Concebeu”? Do que você está falando?

Dravik ri de leve e inspeciona a bengala, e sei que não vou conseguir

tirar mais nada dele. Ainda assim, é impressionante – eu não fazia ideia de que a antiga rainha era tão boa em robótica. Ajusto os punhos do traje.

– Por que o rei a matou?

Seu rosto se tensiona por um instante.

– Ela tentou mudar as coisas. Ele lhe deu uma escolha: execução pública ou suicídio privado. Ela escolheu o segundo.

– É por esse motivo que está fazendo tudo isso? – pergunto. – Vingança?

Pensei nisso muitas vezes antes – o que um homem como ele teria a ganhar com a vitória na Copa Supernova? Será que ele quer provar algo para o pai ao ganhar a maior copa da Estação com uma bastarda? Ou tem algo mais?

O sorriso de Dravik retorna.

– Quero ver se conseguimos nos livrar de todos os fantasmas que vieram antes e todos os fantasmas que virão depois.

Dou uma bufada.

– Não dá para impedir a morte.

– Não – concorda ele, com uma risada. – Mas podemos fazê-la pensar duas vezes.

O príncipe então olha para o corredor com carinho, como se alguém que ele ama estivesse na faixa de luar simulado. Ele faz isso às vezes – em momentos silenciosos, olha para o nada. Mas desta vez é diferente. Desta vez, o nariz dourado e desbotado do cachorro aponta na mesma direção, para o mesmo quadrado de luar, com as orelhas levantadas e o rabo abanando, como se cumprimentasse alguém.

Como se não estivéssemos sozinhos.

Meu sangue corre tão gelado como fez no labirinto de cerca viva. Dravik simplesmente alarga o sorriso.

– Boa sorte no seu treinamento, Synali.

18. Quies

quiēs ~ētis, *f.*

1. repouso; o descanso do sono

Nas profundezas do pináculo nobre da Estação, escondido bem fundo no oceano artificial, um garoto assiste ao coração do mundo se mover.

Ele não tem mais que treze anos, com pernas finas, cabelo castanho e um rosto macio. Os jatos da sua cadeira aérea permitem que se movimente, e ele os vira agora para fazer um círculo lento ao redor da base do tubo imenso cheio de um gel claro roxo-azulado e milhões de espirais prateadas ondulando gentilmente. Seus guardas se movem com ele, com armaduras tilintando e dedos de prontidão em espadas projetadas, perturbando os muitos cientistas curvados sobre monitores no perímetro do cômodo. O tubo domina o centro da sala; as espirais prateadas lá dentro piscam e se entrelaçam por três, quatro, cinco andares, o tubo se esticando em direção ao aparentemente infinito teto escuro do laboratório submarino.

Alguma coisa *se mexe* na escuridão infinita, circulando o tubo lá no alto, e o garoto a observa.

– Senhor. – Um cientista num jaleco imaculado se aproxima nervosamente, os visores de luz sólida dos guardas focados em cada movimento seu. – N-Não fui informado da sua visita. Posso ajudá-lo em alguma coisa?

Os olhos verde-jade do menino se estreitam imperceptivelmente no escuro.

– Isso não deveria estar do lado de fora.

O cientista olha na mesma direção do garoto. Ali, pairando fora do tubo e bem acima deles, no grande teto abobadado, há algo fibroso e translúcido. Ele flutua como se soprado por uma brisa, fazendo uma

espiral lenta em volta do tubo e arrastando atrás de si os longos tentáculos relaxados. O cientista se curva apressadamente.

– Sim, senhor. Estamos aumentando a demanda de alimentos neste instante. Com sorte, isso resolverá o problema.

O garoto inclina lentamente a cabeça para o cientista.

– *Sorte?*

– O que quero dizer é que... um aumento temporário na alimentação resolve o problema, senhor. Costumava demorar anos entre as manifestações, mas apenas nos últimos quatro meses tivemos três. Alguns de nós pensam que poderia ser um estressor externo, mas na minha opinião é mais provável que seja uma questão de entropia; até os sóis morrem. Esse núcleo pode produzir uma quantidade limitada de energia antes que as fibrilas ancestrais se distendam...

O garoto lança o olhar para um guarda, e o gigante pesado se move num piscar de olhos, prendendo o cientista no seu próprio maquinário com uma espada projetada laranja zumbindo em sua garganta.

– Senhor! Por favor! – choraminga o homem. – Sua Majestade está ciente disso, e eu...

– Aqueles que arranjam desculpas não são dignos de invocar o rei – diz o garoto suavemente. O guarda leva a espada tão perto da garganta do cientista que a gola do seu jaleco enegrece e se transforma em cinzas.

– Vocês vão encontrar uma solução permanente.

– S-Sim – diz o cientista, ofegante. – Faremos nosso melhor.

Com todos os olhos da sala no garoto, a coisa delgada pairando lá em cima de repente se curva sobre si mesma e mostra princípios de dentes em seus muitos braços – uma planta carnívora florescendo.

– Receio que tenha me entendido mal. – O menino eleva sua cadeira aérea até o nível dos olhos adultos do cientista, e as milhões de espirais prateadas se elevam ao longo do tubo com ele, seguindo-o. – Vocês vão encontrar uma solução permanente, ou você e todo mundo nesta sala acabará alimentando o núcleo.

O cientista pode apenas assentir freneticamente com a cabeça, suor se formando sobre o seu lábio conforme o calor da espada projetada se tatua em seu pescoço feito o fantasma da morte. O garoto acena, o guarda o solta, e ouve-se o silvo suave de jatos e a batida dura de botas

enquanto eles vão embora.

PARTE III

O CAVALO E O VEADO

19. Occipio

occipiō ~ipere ~ēpī ~eptum, *intr.*

1. começar, iniciar, principiar



A água no meu copo é doce e límpida e trepidante.

Não sei dizer se as ondulações se devem ao meu estado de nervos ou ao estrondo abafado da multidão lá fora na arena esperando o início da primeira rodada da Copa Supernova. O cheiro de maquiagem permanece no camarim como pólen dissecado. Meus olhos estão coçando, com uma camada pesada de rímel preto, e incontáveis telas de vis piscam na minha direção, gravando.

– Pelo menos as luzes do salão de torneios não foram afetadas pelos apagões – diz o entrevistador alegremente para mim. – Isso é bom, não é?

Eu o encaro, sem palavras. Ambos sabemos, pelas marcas de varíola no meu rosto, que sou da Ala Baixa, onde blecautes e apagões são tão naturais quanto a respiração. Ele está escolhendo ser obtuso. Seu olhar para no selo do coelho prateado impresso no elmo azul-claro ao meu lado. O animal fica correndo sem parar, sem ir a lugar nenhum.

– Sabe, na Terra eles costumavam acreditar que um coelho vivia na lua – continua o entrevistador.

Minhas palavras saem devagar:

– Eles acreditavam em muitas coisas. Por exemplo, que o inimigo não

podia ser real.

Ele se mexe desconfortavelmente na cadeira e olha para os cinegrafistas pairando ali, uma sala cheia de residentes da Ala Média – com unhas limpas, rostos limpos, dentes mais brancos. Cachorros bem-cuidados. Viro o copo – água de verdade. Não aquela coisa cheia de parasitas da bomba comunitária. Não aquela cerveja ocre e brilhante feita com mijo, na falta de grãos. Algumas gotas desta água limpa teriam curado mamãe. Eu tinha tanta certeza disso naquela época.

Eu me levanto e planto no rosto um daqueles sorrisos inescrutáveis de Dravik.

– Com licença, senhores. Preciso seguir para a minha primeira justa.

Todo fim na minha vida foi cravado com um punhal. Um punhal alojado nas costas de papai. Um arrastado pela garganta de mamãe. Um enfiado na minha clavícula. A última vez que atravesssei este salão de torneios, tinha sangue nas mãos e uma adrenalina tóxica em cada tendão. Eu era mais fraca então – tinha menos controle. Menos músculos, mais ossos. Agora, cada um dos meus dedos é afiado o bastante para cortar.

Agora, eu me tornei o punhal.

O salão de torneios é todo mármore silencioso e anjos ainda mais silenciosos entalhados nas luminárias; isso não mudou. Faz só quatro meses, mas parece um século. Não me lembro mais das últimas palavras de papai, nem das de mamãe. O que lembro são nomes e números e classificações. Livros pré-Guerra e hologramas pós-Guerra espalhados pela minha mesa de madeira branca. Holovelas queimando noite adentro.

Algoz do Paraíso é um corcel classe Fragata A3.

O da minha oponente é um corcel classe Navio de Guerra A453-171.

O selo dela paira sobre o respectivo hangar, um cavalo preto de seis patas em um campo verde. Casa Solunde – da garota ruiva que sorriu para mim no banquete. Um enxame de pessoas se concentra à porta da sua câmara de descontaminação, aguardando-a com flores e livros de autógrafos. Por um momento, juro que vejo uma onda de cabelo loiro platinado despontando da multidão, que logo desaparece. *Inútil*. Não há tempo para pensar em um trampolim como ele.

O estandarte com o coelho azul e prateado ondula sobre o meu hangar conforme me aproximo pelo lado oposto do salão – minha alcova está desprovida de vida. Bem, não totalmente desprovida, tenho um fã. Dravik me espera com um sorriso e o vis levantado.

– Sua oponente é Yatrice del Solunde, filha do Lorde Jonin del Solunde. Sua especialidade é...

– ... ataque de curta distância, então devo tomar muito cuidado para que ela não entre na minha zona de impacto. Ela costuma entrar melhor na segunda rodada. – Dravik me lança um raro olhar de surpresa. – Tenho estudado a base de dados dos fãs de torneios.

– Dá para ver. – Ele se recupera. – Tenha em mente que eles são críticos, não ginetes. Assim, tendem a deixar passar verdades importantes.

Olho em volta.

– Cadê minha equipe técnica?

– Já vieram e foram embora. Seu corcel está pronto e aguardando.

– É estranho que eu nunca os tenha visto nesses dois meses – falo, devagar. – Nem aqui, nem no bunker.

Dravik apenas sorri pacientemente.

– Eles são muito eficientes no que fazem. Você viu Sir Istra-Velrayd no caminho até aqui? Ele estava na multidão de Solunde.

– Então *era* ele – murmuro.

– Acho que ele acredita que um chapéu pode esconder sua altura ridícula.

– Como eu disse, ele não é muito inteligente.

– Mas *é* dedicado.

Franzo a testa.

– Ele não será um problema, Dravik. Isso eu garanto.

O príncipe não faz nenhum ruído para indicar se acredita ou não. Um longo silêncio ecoa entre nós.

– Algum deles...? – pergunto, já sabendo a resposta.

Usei cada momento livre entre os treinamentos encharcados de suor para assistir aos noticiários em busca dos rostos arrependidos dos Hauteclare admitindo sua culpa. Ele balança a cabeça. *Ninguém*. Minha risada é um escárnio, o som é excessivamente agudo.

– Você esperava que fosse diferente – afirma Dravik.

– Você não?

O sorrisinho do príncipe retorna.

– Ah, Synali, receio que este corpo tenha esquecido completamente como produzir esperança.

O pingente de mamãe pesa no meu pescoço por baixo do traje. Se acontecer alguma coisa...

Solto a corrente e a estendo para ele.

– Guarde isto para mim. – Odeio que meus dedos estejam tremendo.

O príncipe estica o braço devagar e guarda o colar no bolso do gibão. – Se eu morrer, coloque-o na urna da minha mãe. Cemitério-Delta-6. Fileira 38.

– Synali...

– Vai fazer isso, velho? – insisto, com firmeza.

Aquele silêncio se prolonga novamente. O sinal de quinze minutos atravessa o salão de torneios, e ele assente com a cabeça.

– Sabe, o traje fica bem melhor em você do que um dia ficou em mim.

Sua bengala bate ritmicamente conforme ele se afasta. Sem promessas, apenas confiança. Está convencido de que consigo fazer isso. Ele vê coisas que não estão ali. É louco. Mas, pela primeira vez, também quero acreditar na sua loucura.

Eu me viro para a porta do hangar. O inimigo de tentáculos retorcidos e o valente São Jorj em baixo-relevo no mármore sintético me encaram, e eu os encaro de volta.

O que quer que aconteça daqui para a frente...

– *avançar.*

20. Lacero

lacerō ~āre ~āuī ~ātum, tr.

1. rasgar, lacerar



A garota de cinco anos – enfiada confortavelmente na sua cama de penas e espiando por cima das cobertas com seus grandes olhos azuis – fez a pergunta mais importante.

– Alguém já viu o inimigo, papai?

O pai alisou o cobertor sobre os pezinhos e sorriu, seus olhos escuros cheios de rugas e bondade.

– As últimas pessoas que o viram morreram há muito tempo, querida.

A garota, tendo aprendido sobre a morte logo na semana anterior com uma carpa particularmente infeliz, assentiu com uma expressão solene. O pai fechou o livro que liam na hora de dormir e diminuiu a holovela, que virou uma mera faísca.

– Mas ainda temos imagens dele. Sabe as portas do hangar no salão de torneios e as grandes portas do palácio do rei?

A menina acenou que sim, lembrando-se de mármore e entalhes e um homem com uma lança em um cavalo.

– Um monte de cobras assustadoras. O cavaleiro Jorj.

– Ele é um santo, Mirelle.

– Ah. É diferente de um cavaleiro?

– Só um pouquinho. – O pai sorriu para as paredes do quarto da filha

cobertas de desenhos em papel de corcéis e seus ginetes feitos de palitinhos em poses valentes. – Um santo é como... como um cavaleiro de Deus.

– Ahhh. Certo. – A garota pensou a respeito, depois fez um biquinho. – Deus precisa de proteção?

– Às vezes.

– Contra o quê?

Dessa vez, foi o pai que pensou em silêncio nas portas de mármore e em todos os seus entalhes. Pensou nas fábricas de corcelaria, no gel prateado das selas e no estranho corcel dourado do rei – o Mensageiro do Inferno. Ele era lançado muito raramente, apenas contra aqueles que o rei considerava os mais fortes entre os nobres ginetes, mas seu ginete mudou ao longo dos anos – eram sempre crianças talentosas pouco mais velhas que sua filha.

O pai não pensava toda hora nessas coisas; só que desde que se casara com uma Hauteclare era assombrado por mais perguntas sobre montaria do que respostas. Ele era praticamente um garoto antes do casamento, assistindo a cada torneio com olhos cheios de admiração e um coração alegre. Mas sua filha queria respostas agora, o sangue dela profundamente enterrado em uma família de prestígio que tinha conhecimento sobre o segredo das coisas, sobre as engrenagens abaixo da superfície de colmeia da Estação, e ele se lembrou vivamente do que ouviu da mãe no dia em que ficou noivo.

“Quanto maior a altura, Grigor, maior a queda. Não se quebre por conta deles.”

O pai olhou a filha nos olhos e soube que quebraria qualquer parte de si por ela. Todas as partes. Faria qualquer coisa para mantê-la segura – qualquer coisa para manter a reputação, a segurança e a força da Casa onde ela vivia.

E então ele parou de pensar e começou a esquecer.

– É hora de dormir, Mirelle.



Quinze anos depois, em um quarto muito mudado, Mirelle Ashadi-Hauteclare acordou.

As imagens de cavaleiros e corcéis desapareceram, substituídas por inúmeras medalhas e troféus. Livros enchiam as prateleiras – livros intermináveis com capas opacas sobre combates, sobre a Guerra e sobre táticas de montaria. Só um livro permanecia brilhante: um livro infantil fino e surrado meio saindo para fora bem no fim da prateleira, com um cavaleiro e um corcel brilhante pintados lindamente na capa.

Mirelle rolou da cama e se alongou, a cascata de cabelo liso descendo pelas costas. Ela o penteou para o lado – uma coisa chata, mas necessária – e

tocou o sino para chamar as criadas. Em um redemoinho de escovas e pós e perfumes, elas a vestiram – de gibão marfim e saias verde-claras bordadas em ouro. Quando uma das criadas pegou seu cabelo de um jeito estranho, Mirelle ergueu uma sobrancelha.

– O que está fazendo?

A criada soltou a mecha retorcida e cravou os olhos no chão.

– Sinto muito, madame. Só pensei... Tenho estudado as modas mais recentes, e pensei que poderia combinar...

– Talvez as coisas fossem feitas de modo diferente na Casa inferior onde trabalhou antes daqui – falou Mirelle secamente. – Mas a Casa Hauteclare não se curva aos caprichos da moda. O cabelo de uma dama deve ser trançado pela manhã, e isso é tudo.

A criada fez uma medida profunda, e o cabelo de Mirelle foi sumariamente trançado com fios da grama mais verde e calêndulas recém-colhidas do jardim da mansão. Ela ficou encarando o vis enquanto as criadas trabalhavam, esperando uma única mensagem que fosse. Quando nenhuma veio, ela bufou e se levantou em um pulo.

– Basta. Preciso de comida.

As criadas se dispersaram enquanto ela se apressava pelo corredor até o salão de café da manhã. A mãe e a avó estavam sentadas à mesa diante de pratos de ovos de codorna delicadamente fritos e salmão escalfado – imagens espelhadas uma da outra em suas roupas bufantes e joias. O cheiro de manteiga com limão era tentador, mas ela não pôde deixar de notar o silêncio glacial que se fez no momento em que entrou.

O estômago de Mirelle se contorceu de preocupação, mas ela se recusou a deixar isso transparecer – não seria apropriado para uma Hauteclaire.

– Mãe. – Ela fez uma medida. – Avó. Dormiram bem?

– Bastante. – A avó bebericou o chá. Para uma mulher de cabelo tão prateado, ela tinha uma postura de poder digna de rainha.

– Mãe?

– Muito bem, sim. – Ela dispensou a filha com um aceno.

O silêncio se estendeu. Nenhuma das mulheres perguntou a Mirelle sobre sua noite, ou insistiu que ela comesse ou disse mais nada, na verdade, mas aquilo era comum. Mirelle se sentou e, enquanto o criado se aproximava rapidamente com seu prato, ela considerou que as duas estavam em silêncio pela razão óbvia – a garota Lithroi do banquete.

– Eles a prenderão, certamente – tentou Mirelle entre garfadas de ovo. A mesa não disse nada. Então ela pressionou: – O rei nunca permitirá tal imprudência...

– Faça silêncio, Mirelle. – A mãe a cortou feito titânio e sal.

Mirelle lutou contra o rubor de vergonha que subia – ela detestava saber que a mãe ainda a considerava uma criança incapaz de contribuir para as questões políticas da Casa. Aos dezenove anos, não era tola como aos dezoito, recém-graduada da academia e cheia de bravata. Além de todos os cursos de montaria, ela tinha feito questão de estudar as leis e as jurisdições até tarde da noite, queimando as holovelas do seu dormitório até a aurora, e essa ameaça direta contra sua Casa certamente merecia ser chamada de calúnia, difamação...

– Qual era o nome do garoto... aquele com quem você tem conversado? – inquiriu sua avó. – O Velrayd.

Eles tinham feito muito mais que apenas *conversar*, mas Mirelle não ousava dizer aquilo antes da missa, e certamente não na frente das duas mulheres mais velhas – a última coisa de que precisava em um domingo era a casa inteira a arrastando até a clínica para se assegurarem de que não estava grávida. Ela fez o possível para não disparar um olhar para o vis ainda vazio em seu pulso. Ele não lhe mandava mensagens havia quatro dias – desde o banquete.

– Rax Istra-Velrayd.

– Ah, sim. Ele conquistou uma bela reputação nas arenas. Uma pena

que tenha o sangue fraco, ou prontamente o consideráramos para você.

– Não é uma conquista insignificante se graduar na academia tão novo quanto ele – argumentou a mãe, sem discutir, adicionando uma pilha de açúcar à sua usual terceira xícara de chá. – Eu esperava que Mirelle também se formasse muito mais cedo, mas...

As palavras não ditas eram vinagre, e Mirelle, uma ferida aberta. É claro que não era suficiente se formar um ano adiantada e como a primeira da turma – perfeição em uma estrada já perfeita não cria novos caminhos. A família não esperava perfeição; esperava o exemplar, o revolucionário, e ela fracassara nisso. Rax, contudo, não fracassara.

– Ouvi dizer que ele está cotado para ganhar a Copa Supernova – disse a avó. – Se ele ganhar, sugiro que consideremos arranjar um casamento entre Mirelle e um dos primos dele de estirpe superior. Faria bem para a imagem da nossa Casa nos unirmos ao vencedor.

Mirelle torceu o guardanapo em seu colo. Os primos não eram *ele*.

– Naturalmente, eles aceitariam – falou a mãe.

A avó riu baixinho, uma coisa rara.

– Ficaria ansiosa para conhecer a Casa que *não* aceitaria uma proposta de casamento nossa, Ravenna.

A risada se transformou rapidamente em tosse, e Mirelle e a mãe se inclinaram para a frente.

– Você está bem, avó? O hospital...

– Ah, para o inferno com o hospital. – A mulher se endireitou, o lenço salpicado de vermelho. – Já passo tempo demais lá. Como devo me manter em dia com os assuntos da Casa enquanto duque-regente interina sem permanecer na Casa em si?

Mirelle sabia ler nas entrelinhas das palavras da avó; “assuntos da Casa” significavam as consequências das ameaças que a pária da Lithroi fez, com aquele rosto nojento marcado pela varíola e aquela arrogância desenfreada. Mirelle podia vê-la agora, o desafio questionador em seus olhos de gelo (“*você se considera um cavaleiro?*”), sua coluna ereta no pódio – a morte do duque por infarto fulminante há quatro meses não era suficiente? Eles mal tinham saído do luto... Que direito ela tinha de aborrecer toda a família? E por nada – por *mentiras*!

A Casa Hauteclare nunca faria algo tão desonroso quanto assassinar

uma plebeia indefesa – era inimaginável.

– Avó, você deve me deixar ajudar como puder – disse Mirelle. – Considere-me à sua disposição em absolutamente qualquer momento.

– Ah, cale-se. – A avó acenou a mão. – Uma dama não deve falar em absolutos, faz com que pareça desesperada.

– Mas...

– Eu vou tomar conta da aventureira – interrompeu a avó. – Você se preocupará em montar o Míssil Fantasma, conquistar a glória para nós na Copa Supernova e com a questão do seu casamento, nada mais. É isso que o seu tio ia querer de você, e é a melhor maneira de honrar a memória dele.

Mirelle olhou para a mãe, que não disse nada. O segundo prato chegou – aspargos e presunto fino – e, em meio ao tilintar de garfos e à luz solar silenciosa, Mirelle se lembrou do que tinha ouvido no banquete antes de intervir contra os Westriani: a traidora disse que estava “acostumada com muito mais homens” batendo nela. A mente de Mirelle imaginou como a vida da traidora devia ter sido diferente – diferente de maneiras que Mirelle não podia nem conceber. Isso lhe deu coragem para fazer a pergunta mais importante.

– Ela realmente é uma de nós?

A avó e a mãe reprimiram os olhares uma para a outra, tremulando guardanapos e expressões vazias sob o rouge cuidadosamente aplicado. Mirelle esperou entre cacos de vidro até que o mordomo as interrompeu, fazendo uma mesura para a avó.

– O ginete do rei está aqui para vê-la, Vossa Graça.

As três mulheres Hauteclare se levantaram abruptamente, e a boca da avó se tensionou de modo quase imperceptível.

– Deixe-o entrar, Charlez.

Visitas do ginete do rei eram equivalentes a uma visita de Sua Majestade em pessoa, e ele só vinha para tratar dos assuntos mais sérios. O coração de Mirelle ficou mais leve; certamente era Sua Majestade vindo prometer auxílio para jogar a garota Lithroi sob os dutos do executor.

O barulho das botas precedeu o ginete do rei e quatro dos seus seguranças particulares – guardas que os próprios Hauteclare treinaram

nas suas escolas privadas e forneceram para Sua Majestade. Mirelle reconheceu alguns deles das visitas ao campo de treinamento que fizera com o pai. A soleira da porta se obscureceu com suas armaduras polidas – o dragão dourado em alto relevo e as ametistas roxas e os cabos das espadas projetadas frios em seus cintos – e então eles se espalharam pelo salão de café da manhã.

Por fim, um garoto atravessou a soleira.

Sua cadeira aérea planou quase sem fazer barulho sobre os tapetes grossos, parando em frente à mesa de jantar. Mirelle manteve os olhos focados e arregalados para dar uma boa olhada na única pessoa com permissão para montar o lendário corcel do rei – o Mensageiro do Inferno. O rei escolhia um novo ginete para ele a cada poucos anos, mas aquele menino permanecera como seu ginete por mais tempo que qualquer outro. Ele não devia ter mais que treze anos, com pernas finas e um rosto que lembrava um cordeiro recém-nascido. Ele parecia um daqueles quadros pré-Guerra pendurados acima dela na parede – com seus suaves cachos castanhos e suaves olhos verdes e bochechas ainda mais suaves, um querubim, o escolhido tanto de Deus como do rei.

Sem dar nem sequer um aceno para elas – uma duquesa e duas damas da honorável Casa Hauteclare –, o garoto olhou diretamente para Mirelle. Ele também parecia suave, mas algo em seu olhar firme a fez perder o fôlego.

– É você? – perguntou ele, a voz pouco além de um murmúrio. A mãe se moveu para falar, mas o garoto levantou uma mão. – Você não. Ela.

A mãe e a avó olharam bruscamente para Mirelle, que engoliu em seco, surpresa com a atenção.

– *Eu?*

– Você monta.

Ela se empertigou.

– Sim. Eu monto.

– Era você?

Mirelle procurou algo para dizer, algo para entender. O que ele estava querendo dizer? Por que estava tratando todos com tanto desdém, exceto ela? Sim, ele era o ginete do rei, mas estava sendo incrivelmente desrespeitoso ao ignorar...

Ela se assustou quando ele de repente manobrou a cadeira aérea ao redor da mesa de jantar, passando pela avó e pela mãe, as saídas de ar silvando cada vez mais perto e morrendo quando ele parou bem na frente dela. Seus olhos brilhavam com a cor da jade polida – os olhos do rei. Os ginetes anteriores do Mensageiro do Inferno também eram jovens, mas nenhum tinha os olhos do rei. A primeira rainha se fora e a segunda estava enclausurada por conta da saúde ruim. Certamente ele não era um...

– É você que está fazendo aquilo? – perguntou ele sem piscar, e ela sentiu que a resposta que ele procurava não estava em sua língua, mas em seu rosto, na sua própria alma concedida por Deus.

Ela sentiu como se a sela se arrastasse sobre ela em incrementos vagarosos e aveludados, conhecimento e certeza, e endureceu.

– Perdoe-me, senhor, mas não sei do que está falando.

Ele inclinou a cabeça como um pássaro levemente curioso.

– Você sabe *o que significa montar*?

A pergunta atravessou o peito dela como um foguete, mais rápido que qualquer jato de plasma. Que **pergunta**. Mas a resposta se anunciou tão clara e verdadeiramente quanto a luz do sol, e Mirelle levantou o queixo.

– Montar significa uma honra, senhor.

De repente – como o pôr do sol simulado escorrendo sob a verdadeira noite eterna – o brilho nos olhos do garoto se apagou.

Mirelle foi tomada por uma decepção gritante consigo mesma – disse a coisa errada? Ele virou a cadeira aérea e saiu do mesmo jeito que entrou – em silêncio, misteriosamente. Seus guardas foram embora com ele, e, quando o som das últimas botas desapareceu, a mãe se virou para olhar para ela.

– Minha nossa, do que se tratou tudo aquilo?

A avó se virou para o mordomo.

– Charlez, o que você ouviu?

Charlez fez uma mesura.

– Com todo o respeito, madames, ouvi falar que o ginete do rei passou os últimos dois dias visitando cada nobre Casa. Está pedindo para ver seus ginetes para lhes perguntar a mesma coisa: “O que significa

montar?”

– Pergunta estranha – ponderou a mãe.

– Esqueçam. – A avó balançou a cabeça. – Temos muito mais a considerar do que as palavras de um menino que mal saiu do berço.

– Avó! – protestou Mirelle. – Ele é o ginete do Mensageiro do Inferno, o melhor corcel da Estação, o mais forte entre nós...

– Eu me preocuparia mais com os muitos ginetes que você deve derrotar na Copa Supernova para trazer a glória que nos é devida, senhorita.

Mirelle abaixou a cabeça (“Sim, avó”), mas a pergunta incendiária do garoto continuou no seu peito como um lobo irrefreável comendo tendões por muitos dias.

Você sabe o que significa montar?

21. Ambages

ambāgēs ~um, f. pl.

1. discurso obscuro ou evasivo; circunlóquio

2. confusão, incerteza



Isto é o que eles dizem nos treinamentos de evacuação: o espaço não pode machucá-lo, a menos que você permita.

Isto é o que digo a mim mesma, flutuando dentro do Algoz do Paraíso no espaço aberto sem as barreiras de treinamento para me proteger: o espaço é um dragão gelado e vai comer tudo no final, quer você permita ou não.

A arena da Copa Supernova é mais longe que a da Copa Cassiopeia, e é muito mais impressionante, aninhada em uma esfera gigantesca de luz sólida branca que forma uma rede. Grandes faixas projetadas de neon para cada aerocarruagem imaginável e filtros de ar e empresas de vinho quente cercam o perímetro. A propaganda da igreja é bem menos colorida, mas tão vistosa quanto: uma cruz de LED maciça suspensa no centro da esfera rendada. Pelo menos a arena por dentro parece igual – duas lâminas de metal hexagonais amplamente espaçadas e flutuando de cada lado do brilhante núcleo azul de um gerador de gravidade. Um hexágono na face sideral, outro na terrena. Lado vermelho, lado azul.

Flutuo até lá.

A rede de luz branca se abre conforme o Algoz do Paraíso se

aproxima – em um pequeno círculo preto, como um furo em um ovo – e nos deixa entrar na arena. É isso. Agora é de verdade. Minhas palmas estão escorregadias sob o material justo do traje de ginete. A arena real no espaço aberto é muito maior que a de treinamento. Centenas de drones orbitam junto à parede, piscando seus olhos de câmera conforme filmam cada ângulo para projetar o holograma para a plateia no salão de torneios. Eles se separam para a nossa passagem com toda a vivacidade instintiva de moscas em pleno voo, e posso sentir o desgosto palpável do Algoz do Paraíso em relação a elas – *rápidas demais, numerosas demais*. Para mim, são incômodos irrelevantes, mas, para o corcel, são um velho lembrete de algo terrível, uma memória ameaçadora logo abaixo da superfície. Máquinas não têm memória, muito menos *emoções* ligadas à memória. E no entanto... Senti o Míssil Fantasma queimar com uma raiva abafada vários meses antes. Vi uma lembrança que não era minha quando reiniciei o Algoz do Paraíso... uma memória amedrontada de algo como a guerra.

A holotela dos comentaristas aparece de repente no meu campo de visão.

– Senhoras e senhores, tenho o orgulho de lhes dar a maior das boas-vindas à primeiríssima rodada da Vigésima Segunda Copa Supernova!

– Estivemos todos esperando por esta, não é, Bero?

– Estivemos mesmo, Gress! Esses dez anos demoraram para passar! Cada nobre Casa está trazendo seu melhor ginete na sua melhor fase, a nata da nata, por assim dizer, e estamos animados para ver quem vai ganhar, quem vai perder, e quem, Deus nos livre, vai se machucar!

A multidão explode no meu elmo, mas tudo o que ouço é minha própria respiração.

– ... quem você acha que vai ganhar esta, Bero?

Manobro o Algoz do Paraíso para trás até encostar no hexágono sideral, e os ímãs nos prendem no lugar.

Eu vou ganhar esta.

– No lado vermelho, temos a misteriosa Casa Lithroi! Raramente vemos esta Casa inscrever um ginete, muito menos na Copa Supernova. De acordo com os registros, a última vez que eles montaram foi há dezoito anos, no ilustre corcel Mensageiro do Inferno! Parece que seu

novo corcel, o Algoz do Paraíso, será pilotado por uma tal Synali von Hauteclare, uma verdadeira desconhecida na cena.

– De fato, Bero. Pessoalmente, sempre fico feliz em ver sangue novo no circuito. Vamos apenas esperar que ela mantenha a maioria desse sangue dentro de si! Boa sorte para ela, e uma jornada segura para casa.

As câmeras se voltam para nós.

O Algoz do Paraíso parece tão diferente emoldurado pelo pano de fundo do espaço cintilante. Em duas semanas de treinamento, a equipe preencheu suas rachaduras; em quatro semanas, eles poliram sua armadura opaca até obterem um prateado brilhante. Em sete semanas, pintaram detalhes azul-claros nas canelas, nos braços e nas costas. Ele tem o torso parecido com o de uma abelha, pernas finas e joelhos dobrados para cima feito um coelho. Os ombros se abrem para trás em dois ganchos aerodinâmicos em forma de lua crescente, ecoando a forma do elmo, a superfície lisa abaixo é quebrada apenas por uma marca irregular no metal da mandíbula na forma de um dente de tubarão.

– E no canto azul... – grita o comentarista Gress. – Temos o pivô moral da Casa Solunde, uma ginete famosa por seus ataques de força bruta e domínio autêntico do encontro corpo a corpo, apesar da pouca idade: Yatrice del Solunde, em seu corcel Caçador do Vazio!

Vejo minha oponente encostada no lado terreno. Seu corcel parece pequeno daqui, mas as câmeras revelam sua real magnitude: tem três vezes o tamanho do Berrador Solar de Rax. O Caçador do Vazio não foi feito à imagem de um homem, mas de um *titã*, com uma couraça que lembra uma fortaleza polida em verde, com listras de um preto profundo. Seu elmo se projeta como o focinho de um cavalo de guerra, e as extensões quadradas nos joelhos e cotovelos só aumentam seu volume. E seu impacto. Se aquela coisa avançasse com a cabeça sobre nós em uma aceleração de vários parses por minuto, seríamos obliterados... mas ela não vai fazer isso. Apenas sua lança vai.

– Parece que a Casa Lithroi teve um pouco de azar, Bero. Um corcel da antiga classe Fragata como aquele contra um muito mais novo Navio de Guerra... Estremeço só de pensar no resultado!

– Odeio dizer, Gress, mas esta justa está prometendo ser bem sangrenta.

O Míssil Fantasma sabia. Sabia todas as regras, já o Algoz do Paraíso só conhece o treinamento. Minha cabeça está a mil, e o Algoz do Paraíso assiste a tudo pela nossa porta mental compartilhada: *elmo, couraça, ombreiras, manoplas, grevas, coxote. Só a lança pode tocar o oponente; qualquer outra coisa é considerada uma falta. Três rodadas. Sem intervalos, a menos que o juiz solicite a restauração das posições iniciais. Atingir o elmo é vitória automática. Sair da sela é derrota automática.*

– Ginetes, preparem suas plataformas.

A plataforma gira, e nós giramos com ela. O nervosismo me atinge como uma febre. Me abocanha como um animal – um tigre, um lobo, algo perigoso há muito extinto. Estou treinada. Estou pronta.

A lança prateada se materializa pouco a pouco na minha mão direita. É pesada, mas é um peso que agora consigo carregar. Uma comunicação privada aparece no meu visor, mostrando o gel dentro de uma sela e um justíssimo traje verde listrado em preto. Yatrice.

Seu elmo exhibe orgulhosamente o selo do cavalo de seis patas, e, através do visor desativado, seus olhos não sorriem mais para mim como fizeram no banquete.

– Lady Synali von Hauteclare – anuncia ela. – Meu nome é Yatrice del Solunde. Eu a saúdo de ginete para ginete. Não a conheço e, portanto, não tenho nada contra você. Mas a Casa Hauteclare é uma boa amiga da Casa Solunde; não posso permitir que manche seu decente nome com ameaças infundadas e violência. Nesta arena, eu protegerei a honra deles.

O halo de luz negra pintado na testa de Yatrice brilha com força. Dravik estava certo: eu sou, e sempre fui, o inimigo. Eles sempre tentaram, e sempre tentarão, se livrar de mim. Proteger uns aos outros é um ato de honra – disso eu tenho certeza. Ela acha que está fazendo a coisa certa.

– Lady Yatrice – falo, devagar. – Não haverá honra nenhuma em nada disso.

– Que comece a contagem regressiva para a primeira rodada! – grita Bero entre nós. – *Em nome de Deus, do rei e da Estação!*

Todas as holotelas somem de vista. A rede de luz branca ao redor da arena desaparece. O Caçador do Vazio levanta sua lança totalmente

preta.

Minha respiração está calma. O Algoz do Paraíso treme com empolgação abaixo de mim, ao meu redor. O rugido da multidão ecoa no meu elmo feito centenas de milhares de sinos se dobrando pelo início do fim ...

– Em nome de Deus, do rei e da Estação!

Logo antes do impacto entre os dois corcéis, há um barulho.

Eu desmaiei cedo demais para notá-lo na justa com Rax tantos meses atrás, mas agora um gemido ecoa na cabine por uma fração de segundo logo antes do choque entre nossas lanças, assim que emparelhamos, e no exato instante em que isso acontece, há uma explosão de luz – uma luz *branca branca branca* que enche a cabine, e a sensação é... familiar.

Eu pisco, atordoada. O Algoz do Paraíso nunca gemeu assim, nunca gerou luz contra o manequim de treinamento. Será que há algo errado com ele?

Não, o Caçador do Vazio gemeu também – e também gerou luz. Eu *acho*. É tudo rápido demais para ter certeza: o gerador de gravidade nos puxando uma contra a outra, a explosão branca, o som como música tocada ao contrário (*o som não é possível no espaço, não há ar, está vindo de dentro do corcel*), e a lança preta do Caçador do Vazio se aproxima veloz, se estreitando até virar um ponto.

Contraio tudo e paio na linha tênue entre o controle e o descontrole.

Impacto.

A lança de Yatrice me atinge bem no meio das costelas, *agonia*, e meus pulmões puxam uma lufada de ar por conta própria. Couraça atingida? Costelas fraturadas? É um ferimento de sela temporário, mas a sensação é tão real... Não consigo respirar o suficiente para pensar ou gritar, mas pelo menos ainda estou *consciente*.

A gravidade diminui conforme nossos corcéis se separam e deslizam para o espaço, para além das plataformas, antes que o inevitável gerador nos arraste de novo uma para a outra. Cada respiração dói feito fogo queimando por dentro, e engulo a necessidade do meu corpo de entrar em pânico. É tudo tão diferente do manequim de treinamento – é pior. Tudo dói muito mais, parece muito mais real e nítido.

“*Esta parte da rodada é chamada de subida*”, diria Dravik.

Seria quase pacífica se eu não estivesse sendo sufocada pela minha própria caixa torácica.

O Algoz do Paraíso desliza para a escuridão aberta, e por um momento não há oponente, nem Estação, nem Esther. Apenas... *nada*. Nada exceto a dor e meus próprios pensamentos. Yatrice me acertou, mas também a acertei; eu senti – só não sei onde.

A tela de status ganha vida no meu visor com o placar: *Vermelho, 1. Azul, 1.*

Então não atingi o elmo, mas *consegui* acertá-la. Seus golpes são pesados e ela é muito boa de mira, mas claro que seria. Esta é a Copa Supernova.

A curva da subida termina, e eu inclino o Algoz do Paraíso para trás, os jatos do lado esquerdo queimando brilhantes. As estrelas somem, o brilho azul do gerador de gravidade atraindo meu olhar para o titã verde e preto à espreita além dele.

“Lembre-se sempre disto, Synali: depois de toda subida vem a descida.”

Passo a lança para a outra mão, assim como no treinamento. Seguro firme com a mão esquerda, agora mais experiente. Com a agudez de uma lâmina, penso nos jatos em seu máximo – *avance. forte.*

Se Yatrice é pesada, serei leve. Se ela é boa, serei melhor. A subida e a descida são um símbolo do infinito percorrido infinitamente na arena, por quatrocentos anos a esta altura. Bem no meio dele está a única pausa – o único ponto de encontro entre as duas, aquele momento singular de fricção.

“Ginetes não são ginetes só por serem nobres, Synali. Qualquer um pode descer. Qualquer um pode subir. Mas apenas ginetes conseguem colidir.”

Yatrice se aproxima mais, ainda mais rápido, com os jatos verdes ardendo, todo o peso do verde Esther se somando por trás da silhueta monolítica do Caçador do Vazio. Minha lança é maciça demais, pesando nas minhas costelas quebradas como uma serra. Com um grito, estendo a outra mão para segurar a lança também. Usar as duas mãos não é correto, mas diminui a pressão da minha dor, e posso pensar de novo. O Algoz do Paraíso quase se ajoelha diante do peso desigual, mas faço os jatos queimarem o máximo que sou capaz. Meus pensamentos estão

frenéticos; se formos atingidos *em qualquer lugar* nesta posição, a tensão desequilibrada vai me expulsar da sela instantaneamente. Fracasso imediato.

Precisamos nos esquivar.

Não é ilegal se esquivar, mas é difícil. Determinar em qual direção vai a lança do oponente e em qual ângulo – exercer força suficiente para resistir ao puxão do gerador de gravidade... Mal consegui me esquivar do manequim de treinamento. A explosão de luz entre os corcéis – se acontecer de novo – apenas tornará ainda mais difícil ver alguma coisa. Mas não tenho escolha. Já passei do ponto terminal, e a velocidade é *nauseante*. Plasma verde ofusca a distância que diminui rapidamente, o elmo do Caçador do Vazio está na minha frente, e no instante em que ouço aquele gemido melódico, sombrio, invertido...

– *rolar*

Eu solto. *Tudo*.

O Algoz do Paraíso se ajoelha. A lança prateada nos puxa para baixo com ela, e rolamos violentamente, a zona de impacto rodando em uma fração de segundo. Yatrice não consegue se ajustar, não tão rápido. Nós giramos fora de controle, todos os meus órgãos se enfiando no meu nariz, a explosão de luz, e então uma sensação de algo se rasgando na minha perna.

Ela acerta.

Ela conseguiu se ajustar! O pânico queima minha garganta enquanto tento me endireitar com os jatos, mas minha perna esquerda não se ativa, não importa o quanto eu pense nitidamente *avançar*. Não consigo mais senti-la, e isso é pior que a dor. Olho para baixo na sela; minha perna ainda está lá, mas não responde nem a uma simples contração do dedão. Algo deve ter se soltado do lado de fora.

Um brilho prateado no espaço chama minha atenção – *ali!* Yatrice arrancou nossa perna inteira, e meu cérebro animal grita que ela poderia estar perdida para sempre, e nós *giramos*, giramos, giramos. A tela de status se atualiza no meio da rotação: *Vermelho, 1. Azul, 2*. Se eu não a atingir nesta rodada, acabou. Mas *como?* Com uma perna só, não vou ter o impulso total dos jatos, não vou ter equilíbrio, não vou ter força para estocar, não vou ter **nada**...

Não vou chegar aos acréscimos. Preciso atingir seu elmo.

Vasculho o espaço com os olhos, capturando novamente aquele vislumbre da perna prateada. A subida nos aproxima dela, e nós trepidamos em rotações lentas – cima vira baixo, baixo vira cima, tudo fica preto salpicado de estrelas borradas conforme nossos jatos assimétricos explodem. Estendo o braço, tento pegar a perna e erro, esticando a mão de metal azul freneticamente. Já posso sentir o gerador de gravidade tentando me puxar de volta para a arena – depois de toda subida vem a descida, não consigo alcançá-la, e a perna gira mais para longe no vazio, perdida para sempre...

– *nossa perna*

Aquela voz aguda e suave ecoa nos meus ouvidos com a clareza de um sino, e desta vez ela traz consigo um sentido. Significado. Não é só a perna *dele*, e não é só a *minha* – *é a nossa*. Não consigo sentir *minha* perna, mas, se me concentrar, consigo sentir a *nossa*.

retornar.

Nada. Fecho o punho em volta do pensamento, da perna rodopiante, enfiando cada dedo no significado daquela palavra – dias de chuva ácida e portas de latão rangendo, o cheiro de bolo e mamãe sorrindo quando eu...

RETORNAR.

De longe, uma nova estrela toma forma – um ponto de plasma branco-azulado queimando na escuridão. A perna. Ela acelera até nós, uma flecha em direção a um alvo, uma criança se unindo à mãe, e de repente *sei*. É uma chance mínima. A ideia de um tolo. Os vídeos dos bancos de dados de cada ginete passam diante dos meus olhos – normais, eficazes, perfeitos. Isto não é nada como aquilo. Mas preciso tentar.

Preciso *ganhar*.

Minha mão se estende e pega a perna voadora. Os jatos quentes fazem com que me atinja com força, um impulso contrário suficiente para me fazer parar de girar. Estável. Tonta. Já vomitei inúmeras vezes dentro do elmo, e solto-o da boca com cuidado para que não respingue e me cegue. Recuo a perna restante do corcel para cima e a forço para o lado na altura do joelho, quebrando-a. Há um barulho de algo se

soltando, um golpe sonoro de dor.

Finalmente, *graças aos céus*, temos jatos estáveis, propulsão estável ao longo do coxote. Não seremos tão rápidos, mas isso nos manterá equilibrados o suficiente para mirar. Estou pingando de suor, ofegante feito um animal encurralado enquanto a dor na costela queima meus pulmões como ferro em brasa. Enfio a haste da lança no soquete da perna, metal prendendo no metal. A subida não é pacífica; cada segundo dela é uma tortura fodida e permanente nas minhas pernas, na minha boca, o cheiro azedo e doentio no meu elmo, e então...

A descida.

Seguro a lança embaixo do braço, tentando disfarçar a perna-alavanca atrás de mim – ela só deve vê-la quando for tarde demais. O Caçador do Vazio se propele para a frente, e eu me inclino na sua direção. O impulso, a velocidade, a força da gravidade fazendo minha pele se soltar dos ossos, o vômito na frente do elmo deslizando para trás, o traje lutando para me manter íntegra e aquela voz suave me avisando que algo está errado:

– dor errado dor errado dor errado

As estrelas se transformam em fitas de luz. O Caçador do Vazio emerge. *Mais perto. Mais perto. Espere pela luz. Pelo gemido.*

KrrrkRRRRR...

Aí está.

avançar.

Yatrice del Solunde não percebe o que está acontecendo até que seja tarde demais. A lança do Algoz do Paraíso explode na direção dela de um ângulo mais baixo – não é minha mão que a segura ou meu braço que dá a estocada, mas os jatos de plasma da perna solta que o propelem. Nossa perna a segura e a lança para a frente e para cima com toda a potência que ainda resta nos jatos. Não deveria funcionar. Não vai funcionar. A cruz branca brilha acima de nós, suspensa, e eu uso o nome Dele só desta vez...

Por favor, Deus.

Uma lança preta desliza por cima de um ombro prateado.

Uma lança prateada perfura um elmo verde.

Passamos queimando uma pela outra, então desaceleramos até parar

no espaço. Com uma pontada de dor, removo meu elmo para as câmeras embutidas nas paredes da cabine, olhos de luz vermelha piscando de todas as direções. Removo-o para o rei, o corpo inteiro encharcado de suor e sofrimento. Há vômito encrustado no meu pescoço. Minha maquiagem está derretendo. Não consigo sentir minha perna. Eu me comprometi a não dar nada aos nobres – nem felicidade, nem tristeza, nenhuma outra emoção (*eles não merecem isso de nós*) –, mas um canto do meu lábio ainda se contorce.

Vitória. A Copa Supernova tem os melhores ginetes de toda a Estação. E eu venci uma delas.

Nunca houve esperança.

Mas agora o fogo dela ganha vida no meu peito, repugnante.

22. Nihil

nihil, *n. indecl.*

1. nada; coisa nenhuma



Um homem espera por mim fora do vestiário do salão de torneios. Correção – um *garoto* de cabelo platinado e sorriso presunçoso, que não consigo encarar.

– Parabéns pela vitória. – A voz de Rax Istra-Velrayd é ribombante. – Aquela manobra no final foi bastante extraordinária.

Cuzão condescendente.

Passo por ele com as costelas latejando, um sorrisinho de escárnio nos lábios, o cabelo molhado do banho pós-justa e a perna esquerda ainda adormecida. Vou voltar a senti-la em algum momento, pois é só um ferimento de corcel, mas não consigo evitar que Rax me alcance em dois galopes fáceis.

– É sério. Se eu perdesse uma perna na primeira justa oficial da vida, ficaria muito mais desesperado que você...

– Que bom que não sou você, então – interrompo-o.

A dor grita, mas não vou permitir que alcance minha voz. Sem fraquezas, especialmente na frente dele. Ele *dá risada* – dá risada, um som de fumaça e caramelo – e se coloca diretamente no meu caminho, andando sem esforço para trás conforme me movimento para a frente.

– Eles nos juntaram, sabe – insiste ele. – Para as conferências triunvirais.

Eu o ignoro, olhando por cima do seu ombro e desejando que ele tropece em alguma rachadura no mármore.

– Elas são, tipo, salinhas onde três ginetes se reúnem e comentam as últimas justas com a imprensa. Devem ter pensado que nós seríamos uma boa combinação, já que somos os três mais jovens da Copa.

Afundo ligeiramente:

– *Três?*

– É. – Ele sorri. – Você, eu e Mirelle.

A ideia de estar sentada à mesma mesa que Mirelle me causa arrepios na pele. De repente, Rax para de andar, e como estou distraída demais acabo me chocando contra o peito dele e, na fadiga pós-justa, não consigo me estabilizar. Eu me inclino para trás, mas ele pega meu braço e me puxa *para* si. Seu calor vaza pelo gibão para dentro da minha túnica de seda fina e, como num reflexo, projeto a cabeça para cima para olhá-lo nos olhos...

É a primeira vez que olho diretamente para o rosto de Rax, e é como se estivesse flutuando no espaço. Sem peso, suspensa no tempo. Ele é lindo – dizer que não seria uma mentira. A linha formada por seu nariz orgulhoso e suas sobrancelhas finas lembra uma árvore: inquebrável, perfeitamente arqueada, em contraste ideal com a suavidade da sua boca. Os olhos realmente são de madeira vermelha, de um marrom tão claro que parece queimar, emoldurados por cílios que causariam inveja a um cervo.

Nenhum de nós respira. Odeio seu olhar. Todas as partes que odeio em

mim – toda a suavidade que perdi, toda a ingenuidade que sacrifiquei em nome da vingança – parecem expostas de uma vez sob seus olhos.

Desvencilho-me com um chiado.

– Não toque em mim.

O rosto surpreso de Rax se derrete em um sorriso de incredulidade.

– Puta merda, era mesmo você, não era? Na arena de treinamento aquele dia. Tivemos uma pequena competição, e você destruiu o manequim.

Por que ele parece tão genuinamente feliz em me ver? Estou interpretando mal. Ele está tentando me desarmar, fingindo entusiasmo para me fazer relaxar, assim poderá se safar com qualquer coisa. Um sentimento de total certeza se agarra às minhas entranhas: quanto mais eu falar com ele, quanto mais tempo passar perto dele, mais perigo corro. Não *sei* por que nem como, mas *sei* disso, como sei que havia algo ali na sela comigo.

Passo por ele com um esbarrão e continuo pelo corredor.

– Espere, Hauteclare! Calma aí!

Ele corre na minha frente e me estende um delicado lenço de renda bordado com florezinhas. Lenços são coisas íntimas para os nobres. Sei que ele e Mirelle dormiram juntos pela maneira como me tratou há quatro meses quando usei o traje dela. Ele quer faturar outra Hauteclare, é isso?

– Nunca vou dormir com você, Rax Istra-Velrayd. Desperdice seu tempo com outra coisa.

A gigante estrutura que ele é fica paralisada. Desvio e sigo pelo corredor. Ecos crepitam pelo mármore, então ouço um clique de latão quando ele gira sobre as botas.

– Não é um... É uma *tradição*. Ginetes costumam usar um lenço sob o traje, sobre o coração. Dizem que isso mantém a pessoa em segurança.

– E dizem que você é um dos melhores – disparo por sobre o ombro. – Mas tudo o que vejo é um tolo.

Os anjos entalhados assistem do teto enquanto eu me afasto com raiva. Rax não tenta me seguir desta vez.

Parece que o tolo consegue aprender, afinal.



Um buquê de rosas brancas espera por mim no meu quarto na Ponta do Luar. A flor favorita de papai. As rosas sobre as quais falamos quando o conheci. A raiva se infla em meu peito, mas eu a forço para dentro; a Casa Hauteclare me quer com raiva. A raiva é fácil de explorar. O cão-

robô não parou de rosnar para o buquê desde que entrei, mantendo uma postura rígida e atenta, como se estivesse tentando... me dar um aviso?

Então Dravik bate à minha porta – dois toques suaves.

– Entre – digo, e toco meu vis para destrancar a biotrava.

Ele abre a porta, ouço a bengala batendo no mármore.

– Creio que as flores sejam um presente da Casa Hauteclare pela vitória em sua primeira justa. – Dravik pega uma rosa, inspecionando-a de perto. – Você sabia? As pessoas se comunicavam enviando flores antes da Guerra. Rosas brancas eram símbolo de pureza, como a pureza que a Casa Hauteclare mantém em sua linhagem. Eles querem lembrar você do seu lugar como bastarda. Uma dúzia de flores era o número perfeito para demonstrar afeição, mas eles enviaram duas dúzias. Isso tem um significado.

– E qual seria?

Sem vacilar, o príncipe quebra a haste coberta com pó de ouro da rosa escolhida por ele, e uma gota de sangue se espalha quando os espinhos resistem.

– *“Estou sempre pensando em você.”*

– É uma mensagem – declaro.

– É uma ameaça.

Nenhum deles veio a público confessar o que fez, mas *agora* que ganhei minha primeira justa... agora querem conversar. Usando os dentes.

Era inútil esperar que se arrependessem, não era?

– Está sentindo este cheiro? – pergunta Dravik. Meu nariz mal funciona em meio à minha infelicidade: sinto cheiro de maçã azeda. – Veneno de Fairfax. Produz um cheiro frutado em contato com a hemoglobina do sangue.

Olho para o sangue no dedo dele, e meu estômago se revira.

– Os espinhos estão envenenados? Você...

– Não tema por mim. Fui inoculado com doses dos venenos mais usados na corte desde que nasci. Fairfax é, quase no sentido literal, brincadeira de criança. – Ele ri da própria piada, e logo seu sorriso esmaece. – Contudo, mataria você em questão de minutos. Era o plano deles, suponho, apesar da execução um pouco desajeitada. Era mais um

aviso que uma tentativa real de tirar a sua vida.

Fico em silêncio. Quilliam funga das sombras além da soleira da porta.

– Meu senhor, sugiro que nos livremos delas antes que possam ferir a jovem senhorita.

O príncipe assente, e Quilliam acende a lareira com galhos secos de madeira branca do jardim. Dravik se vira, me oferecendo uma luva grossa de jardinagem.

– Vamos?

Juntos, jogamos as rosas brancas no fogo uma a uma. Quando acabamos, Dravik estende a mão, revelando o pingente de madeira vermelha de mamãe em sua palma macia.

– Você precisa saber, Synali, que nada do que aconteceu foi culpa sua.

Pego a corrente e a prendo no pescoço.

– Também não fiz nada para impedir.

– Senhorita – começa Quilliam, com a voz falhando –, você era jovem demais para...

– Jovem demais para fazer alguma coisa – concluo. – Mas velha o bastante para ser assassinada.

As pétalas se retorcem e enegrecem no nosso silêncio.

Meu pesadelo nesta noite é como uma malha obscura – o capuz escuro do assassino na soleira da porta, o punhal projetado em suas mãos, olhos azuis como os meus... *Por que esse azul?* Quem é ele? O que eu podia ter feito para impedi-lo? Por que eu sobrevivi, mas mamãe não?

Acordo com um sobressalto, suando frio e encarando o dossel de babados até que a realidade das três da manhã se solidifica ao meu redor. O vis é a distração perfeita, me engasgando com dezenas de artigos sobre a minha vitória “não ortodoxa”. Especialistas com títulos que soam profissionais analisam cada movimento meu; programas de entrevistas debatem a legalidade do meu golpe final, embora ele tenha sido declarado válido pelo juiz havia muito tempo. Mirelle Ashadi-Hauteclare é a convidada de um desses programas, com sua cachoeira de cabelo castanho e voz suave e seu gibão de renda como marfim. Ela é o branco para o meu preto, como num tabuleiro de xadrez, e eles fizeram o primeiro movimento. A voz dela é forte, confiante.

– Eu simplesmente acho estranho que todo mundo só fale da terceira rodada. É a notável falta de experiência nas outras duas que me chama mais a atenção.

– Está dizendo que ela não tem habilidade, madame? – pergunta o apresentador.

Mirelle sorri, mas o sorriso não alcança os olhos.

– Estou dizendo que qualquer outro ginete é melhor que ela. Nós treinamos sem descanso por anos, dedicamos à montaria nossos corações e nossos corpos e nossas próprias almas concedidas por Deus. A Copa Supernova é o lugar da perfeição. Não é o lugar de uma novata que ainda não se provou.

A plateia aplaude. Tudo que ela diz faz total sentido. Detesto isso.

– Têm circulado rumores sobre ginetes se ameaçando neste torneio – insiste o apresentador. – Gostaria de fazer algum comentário a respeito disso?

– Com a natureza da competitividade humana, algum atrito é inevitável. Ainda assim, posso atestar que as nobres Casas sempre pensam primeiro na justiça e na honra. Se não fosse assim, torneios grandiosos como a Copa Supernova nem sequer existiriam.

Engulo um riso de escárnio. A cicatriz no meu peito “*atesta*” a “*justiça*” das nobres Casas.

– Tem algo a dizer para a novata Synali, então?

– Sim. Estou ansiosa pelo nosso encontro, de uma Hauteclare para outra. – Seu sorriso fala tudo que ela não fala: os cantos rígidos dos seus lábios são como letras, e os cílios tremulantes, como a pontuação. Mirelle Ashadi-

-Hauteclare está esperando para me enfrentar desde o dia que montei seu corcel. Ela é minha família. Está *esperando por mim*.

Ela ganhou sua primeira justa hoje, e Rax ganhou a dele.

Rax.

Não está certo lembrar, na escuridão das três da manhã, do seu calor no meu corpo. A maneira como olho para seu sorriso vencedor no vis parece veneno entrando na minha corrente sanguínea. Ele é eles. Eu sou nós. Não posso pensar nele desse jeito – nem agora, nem *nunca*. Conheço a luxúria e sei as coisas que ela faz com as pessoas. Ela me fez,

e no bordel ela me refez. A luxúria é como uma faca, e a cada segundo que penso em Rax com meus dedos perambulantes, é como se ele a brandisse contra mim com a minha permissão. Para qualquer outra garota, ele é creme doce e mel. Para mim, é simplesmente um impedimento, uma impossibilidade. Um de nós tem que aniquilar o outro.

Meus olhos se dirigem aos sete círculos de mármore que entalhei na parede.

Saio da cama e caminho pela mansão silenciosa pré-aurora com o traje de ginete colocado às pressas. Existo apenas para um propósito agora: montar. Vencer. Morrer quando tudo estiver acabado, e descansar.

“Estou dizendo que qualquer outro ginete é melhor que ela.”

A porta de correr do bunker se abre. O fluido nervoso do Algoz do Paraíso nunca precisa preencher a sela – ela está sempre preenchida, sem necessidade de descontaminação, sem eletricidade para nos conectar.

“Era mesmo você, não era? Na arena de treinamento aquele dia.”

Quando deslizo para dentro da sela, o silêncio do gel e as espirais prateadas parecem fazer o mundo lá fora desaparecer. Meu corcel – o corcel de Astrix – me recebe como um cão entediado, alvoroçado, animado e irrefreável na nossa porta mental compartilhada.

– synali

Algoz do Paraíso, penso de volta.

– montar de novo? rápido?

Sim. Até o fim.

23. Flos

flos ~ōris, *m.*

1. uma flor

2. (*figurado*) o melhor de algo



O camarim de Rax Istra-Velrayd está abarrotado de flores.

Vasos de seus admiradores entulham cada mesa, cada superfície possível, explodindo em cores. Seu maquiador precisa se espremer ao lado da cadeira, segurando o pincel em um ângulo estranho sobre o seu rosto. Ele permite que lhe entreguem flores, mas tem a regra de nunca ler os cartões que chegam com elas – sabendo muito bem que a afeição dos fãs só dura enquanto ele for o vencedor, e sabendo mais ainda que está sozinho no campo. Quando ele entra no Berrador Solar, o resto do universo desaparece; a cabine é seu santuário, com suas paredes de aço de fama e habilidade. O maquiador toca sua mandíbula, e ele suprime um movimento de retração – mesmo depois da cirurgia, os lugares que a mãe quebrou com uma estatueta de cristal ainda doem de vez em quando.

– Talvez devesse descansar mais, senhor – diz o maquiador. – É difícil cobrir suas olheiras.

Rax sorri.

– Confio nas suas habilidades.

– Você provavelmente vai dormir melhor agora que seu bichinho de estimação passou pela primeira rodada – diz uma voz.

Rax revira os olhos para Yavn von Velrayd, seu primo, sentado em uma poltrona, meio engolido por hortênsias.

– Ela não é meu bichinho de estimação.

– Então é o quê? Porque, segundo os boatos, ela é uma bastarda. Não se mexe com o nome Hauteclare, a menos que A, queira morrer, ou B, você seja realmente um deles. – Yavn ri e levanta os olhos do vis para ele. – Por que essa cara infeliz? Ela rejeitou você?

Rax franze a testa para o espelho, e o maquiador tenta suavizar a expressão com um pouco de base.

– Rá! Ela conseguiu! Meu pobre primo playboy, cercado por fãs agitadas, sendo rejeitado por uma garota... nunca pensei que esse dia fosse chegar. – Yavn ri daquele seu jeito presunçoso e irritante e expulsa o maquiador antes de se inclinar para Rax. – Esqueça a garota. Venha à minha festa na sexta-feira.

As festas de Yavn são secretas e acontecem na casa de veraneio dos Velrayd à beira do mar artificial na parte mais baixa do pináculo – festas com acadêmicos desgarrados e poetas e hereges excomungados pela igreja, festas sobre as quais ninguém comenta depois. Festas que Rax está convencido de que Yavn oferece apenas para irritar os anciãos da Casa. Ele tem certeza de que Yavn só se safa de punições porque é um raro gênio quando se trata de gerenciar os assuntos da Casa.

– Não quero ir às suas festas para velhacos, Yavn. – Rax suspira. – Tudo o que fazem é falar sobre caras mortos da Terra.

– *Filósofos* – corrige Yavn. – Aposto que ela iria, a Synali. Talvez eu a convide. Ela parece muito mais inteligente que você. Mais sensível aos infortúnios das pessoas comuns.

Rax leva o dedão à mandíbula – a cicatriz agora está invisível, mas a lembrança do ferimento continua fresca na memória dos dois.

– Meio que tenho meus próprios infortúnios com que me preocupar.

Yavn o encara, sentindo os anos daquela informação com força e honestidade.

– Você deveria morar comigo.

– E deixar minha mãe vir toda sexta-feira para estragar seu tapete com as minhas entranhas? Acho que não. Não importa aonde eu vá, Yavn. A Estação é pequena. A família sempre me encontra.

Devagar, Yavn assente com a cabeça e baixa o olhar novamente para o jornal.

O nome de Synali dito em voz alta é uma lâmina na pele de Rax. Ele não consegue esquecer a maneira como os olhos dela queimaram de ódio quando ela subiu no pódio do banquete e denunciou a Casa Hauteclare, e assistir à primeira justa dela foi surreal. Uma pessoa com treinamento acadêmico não monta daquele jeito, como se um incêndio a consumisse de dentro para fora. Sem lenço, sem manobras defensivas – sem nenhum tipo de proteção.

A porta do camarim de Rax se abre de repente, mas ele está sempre pronto. Ele ergue a cabeça com um sorriso.

– Sinto muito, não dou autógrafos antes de uma justa. Dá azar, e eu sou do – seus olhos se arregalam para o jovem na cadeira aérea – *tipo supersticioso*.

Quatro guardas assumem posição no camarim já lotado, as espadas frias projetadas nos quadris empurrando as pétalas do caminho com brutalidade. As armaduras são douradas e roxas, as cores do rei, e completamente sérias, e Rax nunca viu o primo se mexer tão rápido quanto agora, fechando o vis e escapulindo pela porta. Rax fica confuso por um segundo, mas apenas um segundo; ele não é Mirelle, esquadrinhando o arquivo cada vez que é atualizado com a menor das informações sobre os ginetes rivais – mas o estudou o bastante. O rosto angelical, os olhos verdes, a postura rígida que todos os ginetes têm por sofrerem impacto atrás de impacto...

Ele se levanta rapidamente, fazendo uma medida.

– Você deve ser o ginete do rei. Prazer em conhecê-lo, senhor.

– É você? – pergunta o garoto em voz baixa, ignorando totalmente o decoro.

Rax engole em seco e sorri.

– Sinto muito, senhor, eu fiz algo de errado?

Ele não consegue pensar em nada. Não quer lembrar-se daquilo que lhe causa mais culpa: o sonho, aquela coisa fragmentada que o acorda à noite, furioso e cheio até a boca de momentos nítidos que nunca viveu – vender pão a estranhos nas ainda mais estranhas ruas da Ala Baixa, fazer amor com pessoas que nunca conheceu. É real demais para ser um

sonho. Os ginetes mais velhos sussurram que isso é como o prenúncio do fim para um ginete. Ele não pode encará-lo. Não *vai* encará-lo, nem mesmo para o ginete do rei.

Os jatos da cadeira aérea ardem no piso do camarim, deixando marcas vermelhas incandescentes em seu rastro, enquanto a cerâmica esfria e a voz do garoto esfria ainda mais.

– É você que está fazendo aquilo?

É assustador o modo como o ginete do rei parece não precisar piscar. Rax dá uma risada nervosa.

– Vou precisar de um pouco mais que isso para prosseguir, senhor.

– Você sabe o que significa montar? – pergunta ele.

A pergunta não é uma pergunta. É uma espada projetada, e Rax é uma folha de papel sendo rasgada. Montar mudou sua existência para sempre. Montar é sua infância, seu terror, seu único meio de escapar, sua única proteção contra um mundo que quer machucá-lo e controlá-lo até o último fio de cabelo. Finalmente, ele consegue dizer por entre os dentes:

– Montar é minha vida, senhor.

A curiosidade voraz no rosto do menino de repente desvanece – *resposta errada* – e ele olha para Rax como se soubesse, como se soubesse *mesmo* da escuridão da cabine trancada onde Rax cresceu, dos gritos que ele emitia até que sua garganta sangrasse e da fome e de como seus pais lhe deram cicatrizes e as removeram, só que este garoto ainda não tinha nascido, e ainda assim **sabe** quando sorri levemente – como um deus pesaroso – e diz:

– Disso, Sir Istra-Velrayd, eu não tenho dúvida.

24. Omnis

omnis ~is ~e ~a, a.

1. todos



Uma vez li que o hexágono é uma das formas mais fortes da natureza – como nossos escudos projetados. Como um favo de mel. Sabe-se que uma colmeia mata sua rainha se não gostar dela, mas nossa colmeia é uma Estação isolada no vácuo do espaço por centenas de milhões de anos-luz em cada direção. E nossa rainha é um rei.

Os imperativos da Estação são, e sempre foram, estes:

1. Terraformar Esther e assentar uma colônia estável.
2. Com os recursos de Esther, criar um método para se comunicar com as outras seis Estações espalhadas pelo universo.
3. Reunir todos e voltar para a Terra juntos.

É para atingir esses objetivos que o Rei Ressimus governa. É para isso que existe o seu conselho, do qual papai se esforçou tanto para fazer parte – para determinar, regular e guiar a humanidade em direção à reunificação. É por isso que os plebeus trabalham e os nobres entretêm. É por isso que os torneios existem – para distrair. É por isso que as rações de proteína existem – para alimentar. É por isso que não importa quantas pessoas morram coletando oxigênio, não importa quão escassa se torne a água filtrada, não importa quantas desculpas o conselho dê

para explicar por que a terraformação está atrasada e atrasada e atrasada mais uma vez, nós seguimos em frente.

Estamos sozinhos. Os imperativos são nossa única esperança, o único objetivo. Está implícito em cada artigo no vis, em cada janela sideral mostrando o espaço vazio se abrindo ao nosso redor: ou conseguimos a terraformação ou pereceremos.

Fazemos nosso melhor para nos esquecer disso. Torneios, bebida, drogas, casas noturnas. *Bordéis*. Nos meses após a morte de mamãe, mantive os ouvidos abertos no bordel o tempo todo, pescando qualquer migalha de informação que conseguia sobre os rumores mais selvagens: a reclusa e adoentada Rainha Galbrinth na verdade está morta; os cientistas do rei usam meninos de rua para alimentar um monstro mantido sob o pináculo nobre; a subestação de refinamento de esgoto Teta-7, com todo o seu gás metano, poderia ser inteiramente reaproveitada como uma bomba poderosa o bastante para abrir um buraco em Esther; o príncipe herdeiro exilado ainda está vivo em algum lugar.

O último, pelo menos, sei que é verdade.

Dravik espalha mel na torrada, ignorando o cão-robô que implora por migalhas.

– Vai sair uma notícia hoje. Para você.

Mastigo os ovos sem dizer nada, meus antebraços com hematomas novos do treinamento matutino.

– É preciso lidar primeiro com os créditos deles, entende? – diz ele. – A Casa Hauteclare fornece quase todo o orçamento para manter e treinar a guarda privada do rei. Isso lhes garante muitos favores. – Ele limpa os lábios com um guardanapo e se levanta. – A academia será inteiramente sua hoje.

– Como assim, agora vai me abandonar?

– Se a justa de ontem for indício de alguma coisa, você já me ultrapassou. O que aprender agora será no campo.

Não vou deixá-lo se safar dessa tão facilmente.

– Você já montou o Algoz do Paraíso?

– Não. Na minha época, montei um Contratorpedeiro classe A4 por um breve período. Mensageiro do Inferno, creio que fosse o nome. – Ele

olha por cima do meu ombro.

– O que aconteceu com ele?

– Nada. Pertence ao rei. O Mensageiro do Inferno é seu principal corcel, como era do rei anterior e do rei antes deste. É o único corcel considerado herança de uma linhagem, símbolo do direito dos Ressimus de governar tanto quanto a coroa de âmbar.

– Então o Mensageiro do Inferno teria sido seu um dia.

Seu sorriso vacila, mas não se apaga.

– Em um universo *diferente*, suponho que sim.

Observo seu rosto com atenção – é isso que ele quer? O Mensageiro do Inferno? O trono? Ele quer que eu mine a fé da nobreza no rei ao vencer a Copa Supernova como uma bastarda, para que possa se mostrar como a solução? É isso que sou para ele, uma desculpa para começar uma guerra civil?

Quilliam está polindo a prataria vagarosamente em um canto da sala, fungando e contando as passadas de pano em um murmúrio baixo.

– Setenta e um, setenta e dois, setenta e oito...

– O Algoz do Paraíso é diferente dos outros corcéis – digo.

– Naturalmente. Um modelo A3 não é...

– Quero dizer diferente. Ele fala comigo.

– Todos os corcéis têm programas de respostas hápticas muito avançados, Synali.

– Um programa não mostra lembranças da Guerra dos Cavaleiros ao reiniciar.

Um instante de silêncio se passa. Quilliam esfrega o nariz com um lenço antes de voltar alegremente a contar:

– Oitenta e quatro, oitenta e sete, oitenta e nove...

Encaro Dravik.

– Usar IA verdadeira é ilegal em toda a Estação, mesmo para a realeza como você.

Ele sabe. Eu sei. Os resquícios da subestação Gama-1 – espalhados ao redor dos resquícios da quarta lua de Esther, Ruth, como uma névoa fina de titânio congelado e vidro – sabem ainda mais. Décadas atrás, uma IA verdadeira tomou o controle da Gama-1 e a fez colidir com Ruth, causando uma explosão maciça e uma onda de detritos derretidos

que quase destruiu a Estação. Quase destruímos os imperativos uma vez com a IA verdadeira uma vez, e ninguém quer correr esse risco novamente... com exceção de um príncipe disposto a fazer absolutamente qualquer coisa para se vingar do pai.

A única explicação para o fato de eu ouvir vozes na sela é uma IA. Com uma IA verdadeira instalada no Algoz do Paraíso, Dravik poderia tornar o corcel mais forte, mas também poderia voltá-lo contra mim.

– Preciso estar em total controle de *alguma coisa* neste plano – falo. – Ou nossa parceria será uma ditadura.

O príncipe não pisca diante da acusação. Nós nos encaramos, esperando algum sinal invisível, esperando um de nós desviar o olhar.

– Cem! – comemora Quilliam, colocando a colher de prata de lado e pegando um novo utensílio. – Um, dois, três, cinco...

Não é o sinal correto. Mas é o suficiente. O príncipe faz uma pequena mesura.

– Se me der licença, Synali, tenho negócios a tratar. Certifique-se de comer sua cota.

Minha cadeira arranha o chão quando me levanto, pretendendo ir atrás dele, mas neste exato momento meu vis apita no meu pulso, enquanto o vis de Quilliam apita em uníssono. Assistimos ao plantão de notícias emergenciais em holografia azul: URGENTE – TREZE MOTORES DE LÍTIO DAS EMPRESAS GENTECH EXPLODEM NAS SUBESTAÇÕES TETA-4, GAMA-4, ÚPSILON-6, ÔMEGA-3; UMA BAIXA ENTRE OS NOBRES.

Uma baixa entre os nobres.

Eu não sabia o real significado das palavras até conhecer Dravik.

Meu coração bate freneticamente – toda a fadiga de repente se esvai, todos os ferimentos de repente se tornam suportáveis. Corro para o quarto, com o cão-robô logo atrás. Vasculho as gavetas do cômodo para encontrar o pingente de diamante e o empunho como a lâmina de uma arma.

O REI RESSINIMUS CONVOCA UMA REUNIÃO EMERGENCIAL DO CONSELHO DIANTE DA PREOCUPAÇÃO COM MOTORES DE LÍTIO. AS EXPLOSÕES DA GENTECH FORÇAM UM RECALL EM NÍVEL ANELAR E LEVANTAM QUESTIONAMENTOS SOBRE OS

OBSTÁCULOS DO PROGRESSO DA TERRAFORMAÇÃO.

Eles não revelam o nome do falecido. Mas Dravik, sim.

Seu nome era Balmoran Aglis-Hauteclare – meu tio por casamento. Ele tinha dois filhos gêmeos pequenos – meus primos. Há dez meses, quando sua esposa estava grávida, ele deu a papai créditos não rastreáveis para contratar o assassino. Dravik fornece a evidência física: registros de mensagens encriptadas entre os dois se estendendo longamente nas minhas íris.

BALMORAN: *Farris, use a lógica – se a cadela e sua cria uivarem uma vez que seja, você afundará todos nós com você.*

Finalmente, finalmente, *finalmente...*

A GENTECH NEGA AS ACUSAÇÕES DE SABOTAGEM POLÍTICA E CORTA OS VÍNCULOS COM UMA NOBRE CASA NÃO REVELADA.

Vou até a parede, risco o primeiro dos sete círculos tão fundo quanto meus músculos permitem e, quando termino, colapso no chão. Dravik conseguiu. *Ele realmente conseguiu.* Ele cumpriu sua parte no acordo como ninguém nunca fez. Meu cérebro imediatamente engole o júbilo e regurgita cautela – *ainda não sei seu verdadeiro objetivo.* Se ele colocou uma IA verdadeira no Algoz do Paraíso, eu preciso saber.

Espero até que Dravik deixe a mansão na aerocarruagem da Lithroi e começo o incêndio na cozinha – cebolinhas deixadas na boca do fogão. O cheiro é acre, mas cumpre seu papel: ouço o alerta do cão-robô, um apito agudo saindo da boca, e Quilliam se apressa pelo corredor com a velocidade máxima permitida por sua postura curvada, fungando e fungando com o cheiro da fumaça. Pego algumas colheres e facas de prata que ele estava polindo e saio pela porta da frente.

O bonde da hermética Ala Nobre tem poucos passageiros. As pessoas me olham de relance, mas eu me afasto de qualquer holotela reprisando as justas da Copa Supernova, e elas logo perdem o interesse. Minha vida mudou bastante, mas o bonde da Ala Baixa permanece o mesmo. É infantil, de certo modo, sentir conforto no cheiro de corpos sujos, na visão das poças amarelas de enxofre e na espuma metalúrgica que remenda as rachaduras nas paredes como um fungo rosado e volumoso. A Ala Baixa é *abundante* de vida: a Praça do Jardim, ironicamente nomeada, não tem uma única coisa verde para ser vista, mas está lotada

de ambulantes gritando, padres pregando e batedores de carteira perambulando – e trabalhadores cansados tentando evitar os três a caminho de casa.

Ondas de ratos-toupeiras-pelados correm à minha frente enquanto atravesso um beco, trepando pilhas e pilhas de lixo enferrujado com seus corpos nus e olhos cegos seguindo cheiros e vibrações. Gatos magros espreitam as holotelas acima, esperando o momento certo de atacar sua presa perturbada, emitindo um brilho esverdeado nos pelos sob os raios de esterilização UV que vazam entre os prédios. O distrito da luz vermelha se abre do outro lado do beco, lotado de bugues a jato e aerocarruagens cinza que prestam serviço de táxi, em meio a placas piscantes de LED que berram os nomes e os preços dos estabelecimentos.

Jurei para mim mesma que nunca mais voltaria. No entanto, aqui estou.

Meus pés seguem um caminho gravado na memória e forjado pela raiva, por tudo que borbulhava violentamente em mim depois que mamãe morreu. Ainda borbulha, saciado minimamente pela minha primeira vitória e pela primeira morte. E então a placa de neon do BELDEAUX se destaca das outras com esforço – com suas cortinas verdes e uma vívida holotela mostrando uma natureza-morta nada sutil (pêssegos molhados de orvalho em uma cesta) – e perco toda a sensibilidade das mãos. Fico ofegante. Estou surpresa por ver Yarnald ainda cuidando da porta e, pela maneira como ele levanta a sobrancelha, percebo que também está surpreso em me ver.

– Bel não está contente – diz ele simplesmente. – Odeia quando as pessoas passam quatro meses sumidas.

– Eu sei. Trouxe presentes.

Yarnald balança a cabeça (*vai ser seu funeral*) e abre a porta para mim. O perfume me atinge primeiro – aquele cheiro doce e doentio de glicínias cobrindo o velho carpete. Nada mudou. As mesmas cortinas grossas de veludo verde bloqueiam a visão da rua, as mesmas holovelas queimam impiedosamente brancas contra a madeira falsa com acabamento em pátina, e a mesma garota está sentada à mesa de vidro da recepção. Ela sorri para mim do mesmo jeito.

– Synali! – Ela contorna a mesa. – Pelos santos, isso é fio de ouro de verdade? Quem lhe deu essas roupas chiques? Você sumiu por tanto tempo que pensamos que tivesse sido devorada pelo monstro embaixo do mar! Willemmina tem falado todo esse tempo que você fugiu com o criado de algum barão, mas Helyn a viu na Copa Supernova, e nós... Eu deveria fazer alguma reverência? Você é uma lady?

É melhor não falar muito. Mantê-los fora disso.

– Preciso ver a madame, Gwenna.

Ela faz um biquinho exagerado.

– Sempre calada e direto ao ponto. Você não sabe se divertir, né?

Gwenna parece inofensiva, mas é o coração do Beldeaux. Ela sabe mais sobre todos do que sobre si mesma, mas agora percebo que é este o objetivo da fofoca – se preocupar com os outros até se perder dos seus próprios assuntos.

Sigo-a pelos familiares corredores, assustada com sombras antigas e com a ideia de encontrar clientes antigos, mas não há ninguém por perto. Estão ocupados. Cada porta com isolamento acústico é uma cicatriz invisível mais funda que a do meu peito. Eu nunca sabia que tipo de dia eu teria do outro lado da porta. A madame avisava as garotas de antemão, mas, por algum motivo, sentia uma alegria especial ao me ver entrando às cegas. Em retrospecto, acho que eu a lembrava de si mesma – determinada, teimosa. Ela gostava do medo no meu rosto, da ideia da minha teimosia finalmente sendo domada.

Então, quando entro no escritório dela desta vez, faço questão de não transparecer medo nenhum.

A Madame Beldeaux não ergue os olhos de sua papelada, arranhando a pena de luz sólida sem parar. Seu escritório é simples, com uma janela redonda que dá para a rua. Seu vício não é ouro nem pedras preciosas – é papel. Sempre foi papel: a sensação de arranhá-lo, a textura. O cofre à prova de projeções em sua parede guarda apenas finas folhas brancas de papel de verdade. Pigarreio. Ela alisa o pergaminho com a mão e levanta brevemente os olhos cinza por trás dos óculos ainda mais cinza.

– Ah, Synali. Estava me perguntando quando se arrastaria de volta para cá. Ele se cansou de você, não foi?

Tenho o instinto de me encolher, mas me acomodo na cadeira à sua

frente, do outro lado da mesa.

– Foi. Então eu o matei.

A pena para de arranhar. O olhar da Madame se demora na palavra que acabou de escrever: *obstinado*. Finalmente, ela estala a língua e continua arranhando.

– É por isso que eu não podia te dar nenhum dos clientes decentes. Garotas como você nunca controlam o temperamento. Vocês afastam as pessoas.

O Algoz do Paraíso usa as palavras como uma criança; já a Madame Beldeaux as usa como farpas. Eu estava entorpecida demais para senti-las um ano antes, mas as sinto agora, e elas lembram o gel da sela: frias e penetrantes e se alojam na minha traqueia. Ela dá outra olhada para cima, desinteressada.

– De onde vieram esses músculos? Ninguém vai se deitar com você se estiver parecendo um homem.

– Quero ver Jeria.

A pena se move mais rápido, e a tinta preta brilha sob a holovela quando ela dá uma bufada.

– Não.

Eu me levanto, e para minha surpresa ela dá a menor das encolhidas na cadeira. Suas palavras-farpas se evaporam – todas elas, as velhas e as novas, as sentidas e as não sentidas – e algo em mim infla. Apesar de tudo que ela me fez passar, não consigo me forçar a odiá-la. Ela me deu o que pedi quando ninguém mais fez isso – uma maneira de me aproximar da nobreza. Ela me deu um caminho para seguir quando todos destruíram o meu. Com uma certa morosidade, esvazio os bolsos na mesa em uma cacofonia – cada utensílio brilha.

– Prata – digo. – Suficiente para pagar pelo menos uma hora do tempo de Jeria.

– Isto é... – Beldeaux alcança um garfo, correndo os dedos pelos dentes em êxtase. – Isso não é sintético. Isso é prata *da Terra antiga*. Onde conseguiu?

Fico em silêncio, observando-a fazer os cálculos por trás dos óculos – quanto papel isso poderia comprar, de que tipo, de que qualidade. Provavelmente ela nunca foi paga assim, nunca de maneira grandiosa e

com itens da nobreza de verdade, e pela primeira vez estou do outro lado, e o poder é inebriante e vil e tem gosto de eletricidade. Ela levanta os olhos para mim, desacreditando ou começando a acreditar, não tenho certeza, mas sua confusão é evidente: sou uma bastarda que a corte não tocou, uma bastarda que os desafia e ainda está viva. Não sou uma impostora, uma puxa-saco, uma cópia barata. É só neste exato momento que realmente enxergo que não há como escapar do meu próprio sangue.

Por mais que eles odeiem isso, por mais que eu odeie, *sou* um deles.

– Meu nome é Synali von Hauteclare, e vou ver Jeria agora.



Beldeaux me acompanha pessoalmente até lá entre passos rígidos e silêncio. Jeria é a única pessoa que conheço cuja inteligência chega perto da de Dravik – se alguém pode me ajudar a invadir os sistemas dele, é ela. Com base no caminho pelo qual Beldeaux me conduz, sei que atualmente ela está na suíte da cobertura. Quando chegamos, a porta é uma piada da mansão de um nobre, coberta com uma holografia para imitar madeira vermelha. A luz chia sob os nós dos dedos de Beldeaux quando ela bate, deixando buracos através dos quais se vê o acrílico branco.

– Ela terá um cliente em breve – diz Beldeaux, virando-se para mim. – Então sugiro que seja rápida.

Arqueio uma sobrancelha.

– E eu sugiro que o distraia pelo tempo que for necessário. Ou não vai querer minha prataria?

Com uma curva azeda nos lábios, ela destranca a porta, que empurro e fecho na cara dela com um sorriso. É uma coisa frágil que se desmancha quando me viro, o vórtice aromático de perfume, látex, silicone e suor invadindo minha memória. Pode ser a “suíte” da cobertura, mas o carpete tem o mesmo vertiginoso padrão amarelado no qual me obriguei a me concentrar vezes demais.

– Synali! – Levanto os olhos para a voz: Jeria está sentada na cama de dossel, mas pula assim que me vê, fazendo os guizos do seu chapéu de bobo da corte tinirem. A túnica, os sapatos, a calça justa, é tudo uma cópia perfeita do bobo da corte do rei, feita com material mais barato. Seu rosto está pintado como o do bobo: pó esbranquiçado e nariz e bochechas rosados. Nós nos vimos em todo tipo vestimentas estranhas, mas esta é de longe a mais esquisita. Porém, de alguma maneira, nela parece funcionar, e seu rosto em formato de coração sorri para mim. – Não sabia que você tinha voltado!

– Não voltei – consigo dizer.

– Ah. – Jeria franze o cenho, afastando tufo de cabelo castanho da testa. Ela me vê a encarando e dá risada. – Devo contar piadas muito ruins e ser “punida” por isso. É bom rever você.

Minha boca briga com a verdade.

– É bom rever você também.

– Sei que você não gosta de ser tocada. – Ela sorri. – Do contrário eu a abraçaria. Nada realmente mudou desde que você se foi, exceto que Willemina está mais insuportável a cada dia, mas isso é normal. – Jeria volta a se sentar na cama, então bate as mãos juntas. – Ah, e finalmente consegui aquele apartamento para a minha irmã na Ala Média!

Bato palmas de leve.

– Você passou um tempão economizando para isso.

– É. Ela é tão inteligente, ganhou uma *bolsa de estudos* na escola de corcelaria Freynille! Consegue acreditar? Uma bolsa de estudos! – Jeria rapidamente percebe: – Mas você não está aqui para bater papo, né?

Não demoro muito para explicar – eliminar o contexto que é difícil. Onde estive, o que tenho feito, como estou agora... Não quero lhe contar. No fundo, Dravik e eu estamos desafiando o rei. Quanto mais informações alguém tiver, mais estará em perigo.

Jeria faz uma pausa quando termino.

– Então você precisa de uma maneira de invadir o vis de alguém, basicamente.

– Basicamente.

– Certo. Bem, não é como, tipo, cem anos atrás. As IAs verdadeiras são bem escassas hoje em dia, depois do expurgo. As IAs falsas não:

controlam um monte de coisas de manutenção na Estação.

– E daí? – instigo.

– E daí que esse cara pode estar usando uma IA falsa ou uma série de IAs falsas para fazer você pensar que está usando uma IA verdadeira. Ou poderia estar usando uma IA verdadeira *de verdade*, não sei. O que sei é que todas as IAs deixam artefatos no vis do programador. Coisas que ela mastiga e cospe. Eu poderia criar um módulo que vasculhasse o vis dele em busca de artefatos mais complexos, mas isso só funcionaria se você conseguisse entrar no vis, para começo de conversa.

– Vis pessoais estão ligados a bioassinaturas.

– Isso. Invadir um demoraria meses. – Ela reflete por um momento, então levanta a cabeça para me olhar, os guizos do chapéu tinindo com força. – Esse ricaço tem algum sistema na casa dele? Não de ar, calor ou gravidade, mas, tipo, sistemas secundários.

Recordo das saídas de gás sonífero que nunca achei, da maneira como Dravik trancou remotamente todo o equipamento de ginástica da mansão. Quando digo isso a Jeria, seus olhos brilham, e ela começa a digitar loucamente no seu teclado holográfico.

– Perfeito. Posso fazer algo que seja injetado em seu vis quando ele interagir com os sistemas da casa – diz ela, passando os olhos pela tela rapidamente. – Eles geralmente são bem menos seguros. Mesmo que ele tenha criado sua própria linguagem de programação, provavelmente não se deu ao trabalho de alterar o comando inicial. Ele valida você e, bum, você está dentro.

Dou uma bufada.

– Me lembre de novo por que você está aqui e não trabalhando na guarda do rei?

– Ah, hackear é fácil. – Ela faz um movimento indicando a roupa de bobo da corte. – Este é o verdadeiro desafio.

Sinto uma pontada de inveja – inveja por este lugar não passar de um desafio para ela. Para mim, era um lugar sombrio. Eu estava sofrendo. Só agora percebo que a mesma experiência pode ser absorvida de maneira totalmente diferente por pessoas diferentes. Não há necessidade de inveja ou qualquer outro sentimento – este lugar não faz mais parte do meu mundo. Não é mais minha única arma.

– Vou enviar o módulo para você assim que possível – diz Jeria, quebrando o silêncio.

– Obrigada. – Sigo para a porta e pauso na soleira. – Tome cuidado.

– É você que precisa tomar cuidado, Synali. Pessoas assim... fazem coisas ruins.

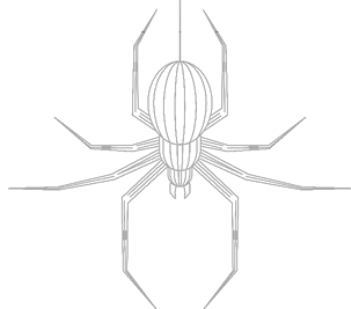
Pessoas assim. Pessoas como eu. Nobres. Coloco o máximo de gentileza no sorriso que abro por sobre o ombro.

– Eu sei.

–7. Metus

metus ~ūs, *m.*

1. medo, horror



Quando ele completa dezenove anos, as coisas que Rain mata não são mais feitas de estopa. Não há plateia. Há gorgolejos surpresos, às vezes um arquejo, mas, na maioria das vezes, apenas silêncios aturdidos. Ele poderia mirar na virilha – a artéria femoral esvaziaria o corpo mais rápido que qualquer outra –, mas aí eles fariam barulho, por isso a garganta sempre seria seu território. A pele da garganta e as veias sob ela eram mais familiares para ele que o gosto do pão, que a sensação de lençóis de algodão – eram mais lar que seu próprio lar.

Ele rasga a garganta de um mercador – a esposa dorme drogada na cama ao lado do cadáver vermelho – e faz o caminho de volta para casa. Regra número quatro da Teia de Aranha: confraternizar em público é sempre um risco. Assim, quando Rain vê Verde-Um parado sob um poste de luz nas ruas lavadas com desinfetante na madrugada da Ala Média, ele se aproxima com cautela. Drones de vigilância estão zumbindo por toda parte, pairando em luzes roxas piscantes sobre o trilho do bonde e zigzagueando entre os crucifixos holográficos nos campanários das igrejas. É só uma questão de tempo até que um deles faça uma das rotineiras varreduras de pedestres e os pegue na câmera.

Rain para bem na frente do poste, jamais olhando para a figura encapuzada encostada no mastro.

– A capa faz você parecer mais suspeito – diz ele pausadamente.

Verde-Um não perde tempo.

– Violeta-Dois morreu.

O sangue de Rain congela. *Ela* não. Ela era a última delas, a mais bondosa deles. Era a família de Rain – em noites longas e carinhosas, eles haviam falado sobre deixar a Teia e começar uma família. Ele tinha se preparado para esta possibilidade, como qualquer Aranha, mas...

– Como?

– Emboscada – cospe Verde-Um. – Os arcontes a usaram para expor uma rede de informantes. Eles a sacrificaram.

– Rede de informantes de quem?

– Faz diferença? – Verde-Um espirra lava. – Ela está morta.

Rain cerra os punhos, as luvas de couro fazendo barulho. Então eles são os únicos que sobraram do seu círculo de infância. Sua *família*. Os outros se foram, só restaram eles.

Verde-Um dá um suspiro repentino.

– Tem um nobre, alto escalão. Está tramando alguma coisa.

– Alguma coisa? – pressiona Rain.

– Rebelião.

– Contra o rei?

– Contra tudo.

– O que quer dizer com “tudo”? – Rain espera, mas como não há resposta, pressiona Verde-Um: – Não vou permitir que a morte de Violeta-

-Dois seja à toa, Verde. O que você precisa que eu faça?

Verde-Um finalmente o encara com olhos duros de âmbar. O poste de luz acima deles dá um chiado baixo e depois se apaga. As sombras os consomem, escondendo-os dos olhos roxos à espreita dos drones.

– Pare de tomar as pílulas diárias.

– Irmão, tem a crise de abstinência, e os tecelões vão...

– É como eles nos rastreiam, com nanomáquinas no trato digestivo. Eles as adicionam a doses baixas de pó para que continuemos tomando.

Rain suspeitava do rastreamento, pela maneira como cada contato

sabia da sua chegada antes que ele entrasse pela porta, mas com *pó*? Eles estavam consumindo *pó* desde que eram crianças? Ele não quer acreditar, mas as crises de abstinência que não poupavam ninguém, o modo como nenhum deles parecia capaz de recusar as pílulas por muito tempo... Verde-Um não recua.

– A cada poucas décadas, um nobre lê os velhos filósofos da Terra e decide se aventurar em jogos de virtude. De *mudança*. A Mão da Aranha é a primeira linha de defesa do rei. Os aliados do rei nos lançam no problema, esperando que o consertemos sem alarde. Os arcontes nos substituem por crianças. A Teia gira mais rápido. Mais pessoas morrem. Mais são substituídas. Quanto mais tempo dura a resistência, mais a Teia sofre. Você precisa se infiltrar no Polaris, na rebelião. Encontre o nobre que a lidera e mate-o.

– Mas... não é isso que os arcontes estão tentando fazer? Se seguirmos as ordens deles...

– Eles estão sendo ludibriados – diz Verde-Um. – Deliberadamente enganados por esse nobre. Para onde quer que nos mandem, não vai adiantar nada. Precisamos operar por conta própria, atacar para matar.

– Não posso deixar a Teia.

– Pode. Você é o único que pode fazer isso.

Rain balança a cabeça.

– Não sou...

– Chega de modéstia, irmão. Você é o melhor.

Outro poste de luz chia, e um apagão atravessa a Ala Média feito uma onda tremeluzente. Prédios altos e cilíndricos piscam um padrão de luz e sombra, comunicando algo e ao mesmo tempo nada.

Rain reencontra a voz devagar:

– E se esse nobre realmente for bem-sucedido em mudar as coisas? O sofrimento não seria por uma boa causa?

Verde-Um solta uma bufada de desdém.

– Você e Violeta-Dois... idealistas até o fim.

– Verde...

– Eles vão usar armas. Vão usar espadas. Vão invadir. Vão construir naves de batalha improvisadas em suas subestações. Mas, no fim, o rei sempre vai ganhar. Ele sempre ganhou.

Rain segue o olhar de Verde-Um até a holotela piscante da Copa Supernova e vê os maciços corcéis humanoides voando, e suas enormes lanças de repente parecem reluzir mais nitidamente. Então entende tudo, como uma criança entendendo como se lê pela primeira vez e vendo um novo mundo se abrindo diante de si: o rei tem os guardas e as guildas de assassinos, mas disfarça seu real poder com entretenimento. Um corcel pode sobrepujar qualquer nave de guerra, qualquer artilharia. Os corcéis são mais rápidos e mais fortes e são montados por nobres leais a ele.

O rei *vai* sempre ganhar.

Verde-Um abre o vis de repente na foto de uma jovem aranha comendo à mesa do refeitório, sorrindo com os irmãos e as irmãs, tão novos quanto ele.

– Os tecelões lhe deram o nome de Violeta-Dois.

O estômago de Rain se contorce – seus nomes são reciclados. Seus lugares, tomados. Sua família é destrinchada e usada como carapaça por estranhos. Mesmo com a cabeça girando, ele ouve a ondulação no ar e se vira por instinto, a faca projetada atirada como um cometa vermelho. Ela atinge a asa do drone de vigilância pairando nos arbustos próximos, e o drone despenca violentamente no chão a menos de vinte passos de distância antes de explodir em chamas.

Os assassinos compartilham um momento de silêncio antes que as sirenes comecem, antes que tenham de se separar mais uma vez.

– Somos aranhas, irmão – diz Verde-Um. – Nós fazemos a Teia. E devemos protegê-la.

Rain não é o melhor, mas é bom – bom o bastante para esconder as pílulas nas amígdalas e pescá-las de volta depois, para aguentar as dores de cabeça aniquilantes e o suor através da armadura em silêncio. Ele pensa em Violeta-Dois e em todos os outros de sua família, já mortos, e encontra forças para seguir em frente. Pensa na garota que parece ser sua única família – Synali, montando na Copa Supernova. Ele se preocupa: será que está tudo bem com ela? Ela vai sobreviver? Ela está entranhada nesses jogos dos nobres como ele?

Ele cumpre seus contratos nas semanas que se seguem com horas de sobra, horas que passa nos recônditos mais escuros das docas da Ala

Baixa, cheias de alto-falantes e do rangido de ferrugem e do zumbido das saídas de plasma das naves de carga, de modo que mal consegue ouvir seus pensamentos. Felizmente, não precisa ouvi-los para encontrar o Polaris, só precisa *ver* – seguir as fibras de plástico vermelho-vivo penduradas em vigas e telhados ondulados. Eles fizeram pistas fáceis de encontrar, mas difíceis de seguir: as fitas vermelhas não levam a um único edifício, mas a uma série de túneis de manutenção emergencial – o Subanel onde não deveria *haver* Subanel. O Subanel sempre tem o mesmo cheiro (gasolina vencida) e a mesma aparência labiríntica no design da Terra antiga, com rotatórias para velhos veículos com rodas e fossos que descem para lugar nenhum. Como um rato em um labirinto, ele corre, mapeando o local conforme avança, as crises de abstinência do pó esmagando seu cérebro entre as orelhas o tempo todo.

O Polaris está bem escondido, mas seus membros ainda são humanos, e ele segue as mínimas mechas de cabelo longo demais para ser de algum animal, contornos quase indistintos de pegadas empoeiradas guiando-o pelos túneis certos. Conforme vira mais uma esquina de concreto sem luz, cambaleando e suando, ele percebe que sua abstinência serve um duplo propósito – impedir que a Teia o rastreie e disfarçar seu corpo esculpido como o de um plebeu sem treinamento, bruto, exausto, para que a rebelião não desconfie de sua origem. A admiração de Rain cresce: Verde-Um pensou em tudo até os mínimos detalhes.

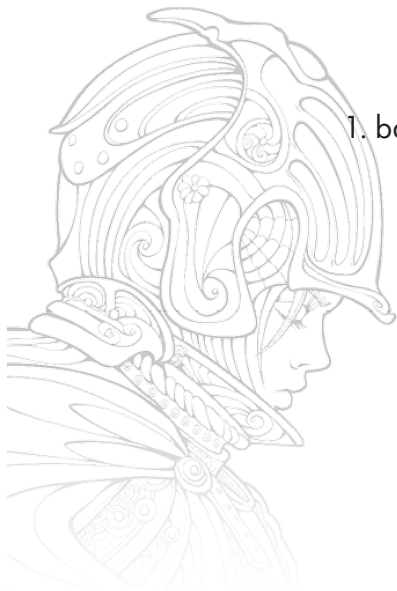
Enfim Rain chega lá – um túnel escuro e banal, até que as miras a laser se multiplicam no seu peito vindas de trás das barricadas. Membros do Polaris. *Dezenas* deles. Com o vis, ele projeta a isca que Verde-Um lhe forneceu, as letras grandes e azuis rabiscadas nos rostos duros e cheios de cicatrizes atrás de cada mira telescópica:

PERMISSÃO DE SEGURANÇA NÍVEL ALFA:
NAVE DE CARGA H.R.M.S. RESISTÊNCIA.

25. Paciscor

paciscor ~iscī ~tus, tr., intr.

1. barganhar ou fazer um acordo; combinar



Rax vence sua segunda justa na manhã seguinte. 3-0.

Mirelle vence a dela ao meio-dia. 3-0.

Na aerocarruagem a caminho da minha segunda justa, passamos pela mansão Hauteclare – um monólito de mármore, aço e grama intensamente verde e alta, com árvores brancas orgulhosas e bem alimentadas. Leões alados de mármore guardam as portas, e fico olhando para eles. De repente, parece real – *tudo*.

– Tem algo incomodando você, Synali? – pergunta Dravik.

– Não. – Faço uma pausa. – Sim.

– Quer dividir com a classe ou devo começar a chamar nome por nome?

– O que Astrix fez para merecer a execução?

Por uma fração de segundo, a expressão inescrutável de Dravik vacila, mas ele se restabelece depressa.

– Meu pai é um homem instável. Ele simplesmente descarta as pessoas quando elas o desafiam. Ele descartou minha mãe como se ela fosse uma propriedade, e a corte se voltou contra ela. Eles a destituíram de cada um dos seus títulos e honrarias, e depois a enviaram para a

morte.

Eu o encaro de volta.

– Eles podem fazer isso? Destronar uma *rainha*?

– Podem fazer o que quiserem, Synali, contanto que o rei permita.

A aerocarruagem então chega ao salão de torneios, que se avulta sobre nós em vigas de aço polido e uma bagunça de chamativos LEDs de todas as cores sobre seu domo de cristal. A multidão se espreme às centenas, aos *milhares*, para ver um torneio. Para *me* ver. Dravik sai da carruagem, ficando na longa sombra da cruz sobre as portas. Ele tira os dedos da bengala, mas hesita porque sabe que sempre é difícil para mim, talvez saiba como é viver fugindo das sombras. Então abre a mão para me ajudar a descer. Ele *poderia*. Poderia ter me matado muitas vezes antes, mas se preocupa mais comigo que qualquer outra pessoa desde que mamãe morreu.

O sorriso do príncipe se alarga.

– Vamos mostrar para eles que não podem mais fazer o que quiserem?

O pingente de cruz esbarra na cicatriz na minha clavícula. Estendo a mão para segurar a dele, e desta vez o zumbido sob a minha pele não é tão alto.



Faltando vinte minutos para minha segunda justa, estou no mirante do salão de torneios olhando para o espaço. Esther parece maior hoje, uma tempestade branca de sílica espiralando por sua face verde. Em algum lugar lá fora está a Terra. Em algum lugar, há outras seis Estações cheias de seres humanos espalhadas pela galáxia. A Guerra foi o começo da vida no espaço para a humanidade e o fim dela: o alfa e o ômega. Toda vida começou no espaço, e vai terminar nele também, um dia.

– Lindo, não é?

Reconheceria aquela voz em qualquer lugar – Sevrith. Ele está à minha esquerda, usando seu traje de ginete azul-esverdeado, cintilante e com detalhes em bronze.

É meu próximo oponente.

Quando não respondo, ele passa a mão pelo cabelo preto arrumado com cuidado, observando pensativamente o universo.

– Parece um pouco com o mar. Já viu o mar abaixo do pináculo nobre?

– Ouvi falar dos monstros – digo.

Ele dá um sorrisinho e se dobra ao meio para se inclinar para fora do corrimão.

– Poderia ser verdade. É bem fundo.

– Monstros não existem – insisto. – Só seres humanos.

– Ah, é? – Ele arqueia uma sobrancelha para mim. – Então como você chamaria o inimigo?

– Eles eram alienígenas para nós. E nós éramos alienígenas para eles.

Sevrith ri e, antes que eu consiga me esquivar, sua mão grande bagunça meu cabelo.

– Por baixo de todas essas caretas, você na verdade é bem sentimental, não é?

Faço uma careta para as estrelas enquanto arrumo o cabelo. Sevrith só ri novamente, mas para quando seus olhos pousam em Esther.

– Quando eu era criança, costumava fingir que as estrelas lá fora eram buracos, como se estivéssemos presos dentro de algum tipo de caixa enorme e escura. Como quando você aprisiona um grilo e faz furos na caixa para ele respirar.

– Não temos grilos na Ala Baixa.

– Que pena, as crianças nobres os mantêm em caixas. Eles fazem sons bonitos. – Sinto, mais do que vejo, seu olhar se voltar para mim. – E você? O que acha do espaço?

– Tenho medo dele.

– Por quê?

Porque o universo inteiro é cheio de nada. Porque não há nada mais para mim. Vou morrer quando tudo isso acabar. Dravik não pode me poupar. Ele não vai. Mas se poupasse... Aonde eu vou quando tudo acabar? Aonde *poderia* ir? Onde uma garota desvirtuada como eu se encaixa no universo? Todas as outras pessoas estão cheias, completas.

Ninguém quer a escuridão – querem as estrelas.

Seguro o corrimão.

– Tenho medo de que seja um dragão gelado.

Ele dá risada.

– E o que esse dragão gelado quer, você acha? Tesouros? Princesas?

– Comer todos nós.

Sevrith finalmente para de tagarelar. Segura o elmo embaixo do braço – cor de celadonita, combinando com o traje, com chifres de veado em bronze subindo de cada lado. Finalmente, ele ri de novo.

– Sabe, você é jovem e bonita demais para falar com tanta dureza.

– E você é velho demais para me achar bonita – disparo.

– Rá! Mais feroz que um gato de rua! Não me surpreende que Yatrice tenha perdido.

– Yatrice perdeu porque eu era melhor que ela.

Sua risada desta vez dói, e ele alegremente oferece um lenço bastante familiar em sua mão ampla.

– Rax me pediu para lhe dar isso antes da nossa justa.

Faço um gesto dispensando-o.

– É uma clara tentativa de me levar para a cama. Não tenho interesse.

– É isso que você acha?

– É isso que eu *sei*, velho.

De repente, ele deslaca o traje – o assobio pneumático me assusta – apenas o suficiente para enfiar a mão no peito cabeludo e puxar um lenço branco quase idêntico, embora o dele seja bem mais antigo e esteja todo puído, com buracos e costuras desgastadas.

– Eu também tenho um, querida. Não é um presente para levá-la para a cama, é uma proteção normal.

– Contra o quê? Suor?

– As espirais.

Faço uma pausa.

– Está falando daquelas no fluido nervoso? Mas...

– Apesar das garantias dadas pela academia – ele me interrompe, com suavidade – e dos segredos que os corceleiros escondem de nós, todo ginete sabe que deve usar um lenço sobre o coração. Dizemos isso um para o outro. Nós nos mantemos em segurança. Este é o código entre os

ginetes, e tem sido assim desde a Guerra. Rax tentou lhe dizer, e você o ignorou. Então coube a mim.

– Não preciso de um pedaço de...

– Um dia, gata de rua, as espirais pegarão você. Elas pegam todos nós, no fim. O traje facilita as coisas para elas. Mas um pedaço de tecido sobre o coração é suficiente para atrasá-las, para lembrá-la de que você é só você.

Ficamos nos olhando sem dizer nada. Ele parece lúcido, mas soa como Dravik. Eu soube que o Algoz do Paraíso era perigoso no momento em que ele reiniciou e invadiu minha mente feito uma criança atacando um pote de doces, mas... e se aquelas espirais forem nanomáquinas com IA verdadeira dentro delas? Os nobres não colocariam IA verdadeira em *todos* os seus corcéis, colocariam?

Claro que colocariam – se isso significasse uma vantagem contra outra Casa, fariam isso em um piscar de olhos. Para o inferno com as regras da Estação. Então a coisa se tornaria uma corrida armamentista que forçaria todos a fazer o mesmo, com ou sem o conhecimento do rei.

Mas a IA verdadeira é apenas uma IA – um cérebro programado que recebeu um corpo mecânico. Não pode “pegar” ninguém, e um lenço não nos protegeria contra isso nem se ela pudesse.

Sevrith levanta o lenço um pouco mais.

– Rax só está preocupado com você. Todos estamos.

Preocupados? Não – eles estão preocupados que uma bastarda sem treinamento acadêmico os vença e os envergonhe. Minha mão hesita. A voz de Sevrith é paciente, e seu sorriso se ilumina do mesmo jeito que o de Dravik se obscurece: de uma vez.

– Synali, nos encontraremos no campo como iguais, ou não nos encontraremos.

Ouçó as palavras dele, e então as ouço, compreendendo o significado por baixo delas – para ele, esse trapo é algum tipo de proteção, e ele não vai enfrentar alguém que a recuse. Para Yatrice, montar significava defender alguém. Para mim, significa vencer. Para Sevrith, significa equilíbrio – um impacto justo.

Devagar, pego o lenço, o girassol bordado nele é áspero nos meus dedos, e Sevrith solta a piscadela da minha infância.

– Obrigado, criança.



26. Adustio

adustiō ~ōnis, *f.*

1. o ato de queimar

2. insolação

○ camarote nobre do salão de torneios paira alto acima das arquibancadas da arena, com fileiras de cadeiras de veludo e servos carregando bandejas de champanhe e frutas frescas. Rax Istra-Velrayd está sentado em um dos cantos, com um brocado carmesim no peito largo e uma pele cor de umbra nos punhos, piscando de cansaço. O sonho não o poupou na noite passada, mostrando crianças de cabelo dourado brincando na fonte de um parque na Ala Média. Ele o ignorou como sempre, chamou-o de imaginação hiperativa, mas sua aerocarruagem passou pelo mesmo parque de manhã – pela mesma fonte –, e ele nunca tinha estado lá nem uma vez na vida.

Ele o ignorou, como aprendera a fazer ao longo dos anos; devia tê-lo visto antes, e sua mente juntou tudo no sonho. Seus pais nunca o deixaram ir à Ala Média ou à Ala Baixa, mas ele já tinha estado lá, é claro, em escapadas noturnas com Yavn e seus outros amigos ansiosos para se divertirem, usando trapos e bebendo cerveja de trigo quando o conhaque da Terra antiga e as trepadas nas mesas de madeira vermelha se tornaram entediantes. Algazarras bêbadas são a única explicação para que ele soubesse onde fica a padaria ao lado da igreja na rua Laurel, e quanta farinha ela recebe por semana, e como fazer suas famosas

tranças de canela – mão esquerda sobre a direita, mão direita sob a esquerda, sobe passando por dentro. Deve ser assim que ele sabe que, para fazer o parto de um bebê, é preciso manter uma pressão estável no umbigo da mãe e contar – *um dois três, empurre, um dois três, empurre* – e como ele sabe que as paredes pintadas de rosa nos apartamentos do distrito dos matadouros são tão finas que dá para ouvir os vizinhos sussurrando sobre se juntar ao “Polaris”

Rax ri nas mãos e esfrega o rosto com vigor. O sonho só piorou desde que a Copa começou, e piora toda vez que ele pensa em Synali, em como ela monta sem nenhuma proteção, então ele entregou o lenço para Sevrith e rezou para um deus que há muito o abandonou na escuridão da cabine do Berrador Solar.

Por favor, Senhor. Permita que ela o aceite. Proteja-a como ninguém me protegeu.

Os nobres ao redor de Rax comem com delicadeza e falam com delicadeza e assistem à justa com delicadeza, mas, quando o homem Lithroi entra, todos se calam. Rax se recosta na cadeira e observa a coisa se desenrolar; ele não sabe toda a história entre o príncipe exilado e o rei – começou antes que ele nascesse –, mas ela ecoa aqui e agora. O homem Lithroi, ordinário em sua palidez e seu gibão cinza, caminha com passos lentos até o assento do rei enquanto as batidas de sua extraordinária bengala de prata e safira ribombam no silêncio. Os guardas se tensionam com suas espadas projetadas, mas, com um gesto da mão manchada do rei, eles relaxam. O homem Lithroi encara o rei sentado, mas Sua Majestade olha apenas para a frente – para Synali von Hauteclare.

E então o Novo-Rei fala, sua voz autoritária baixa o bastante para que apenas o homem Lithroi e Rax, esticando as orelhas, o escutem.

– Você não vai vencer, Draviticus. Nem mesmo com alguém como ela.

Rax sente o ar se afiar, vidro invisível sob os pés, e o homem Lithroi dá um sorriso tão largo que o lembra de uma raposa faminta.

– Não é com a minha vitória que estou preocupado, Vossa Majestade, mas com a sua derrota.

27. Lux

lux lūcis, f.

1. luz

2. dia, luz do dia



A espinha do Algoz do Paraíso está pressionada contra o metal frio da plataforma terrena, a mais próxima de Esther. Rotaciono meu pulso direito, soltando os nós – o metal prateado e azul me imita. A ideia de uma IA verdadeira em cada corcel permanece na minha cabeça. Ela fez tanto estrago com acesso a apenas uma subestação – não posso imaginar o que poderia fazer com acesso a centenas de máquinas de guerra. Os nobres estão jogando um jogo perigoso com a vida de todos, tudo pela glória de sua “honra”. *Nojento*.

Os comentadores despedaçam meus pensamentos, e a tela do meu elmo ganha vida com seus gibões de veludo e headsets projetados.

– No canto azul, temos a garota indestrutível que prefere destruir a si mesma, Synali von Hauteclare, montando seu corcel, o Algoz do Paraíso, pela Casa Lithroi! Gress, acho que é seguro dizer que a última justa de Synali nos fez borrar os culotes de surpresa.

– Isso é verdade, Bero, minha esposa não fala de outra coisa nos últimos dias. Vamos esperar que ela faça algo igualmente interessante desta vez, pelo bem do meu casamento!

A risada da multidão ressoa nos meus ouvidos; eles não fizeram piadas sobre Rax ou Yatrice. Que riam, então – vai encobrir o som dos

meus passos.

– No canto vermelho está o general da agilidade, o mestre da velocidade, mais rápido nas respostas e no coração das mulheres nobres que qualquer ginete da história, Sevrith cul Freynille e seu corcel, o Profeta Imortal, montando pela Casa Freynille!

Aplausos desenfreados explodem.

– Como uma Casa corceleira, a Casa Freynille é conhecida por seus equipamentos de alta qualidade, mas o Profeta Imortal está um passo além dos outros. Recém-saído da linha de protótipos há apenas três meses, dizem que o A453-181 é capaz de acelerações bem acima dos vinte e seis parses por minuto! E nas mãos de Sevrith... bem! Acho que é quase certo que a novata vai ter um prato cheio desta vez.

Uma holotela aparece e ofusca os comentadores – é Sevrith, os chifres de bronze que decoram seu elmo furando o negrume do espaço.

– Você está usando o lenço, certo? – ele me pergunta. O fraco brilho branco de seu halo irradia de dentro do visor.

Assinto com a cabeça.

– Desta vez.

– *Sempre* – insiste ele. – E tudo que eu lhe disse? Você tem que o usar sempre, para o seu próprio bem.

– O seu erro é achar que o meu próprio bem me interessa, velho. Não sou uma *criança* – rosno. – Não preciso que se preocupe comigo.

– Parece que ele manteve você no escuro. – Sevrith suspira. – Então cabe a mim ensiná-la.

Ele encerra a comunicação. Engulo a raiva e preparo meus jatos. Só porque me salvou uma vez, ele pensa que sou fraca, mas vou lhe mostrar como está errado.

O Profeta Imortal é uma Fragata – uma miudeza elegante de corcel, exatamente do nosso tamanho. Mesmo tamanho, mesmo peso.

– *igual*

O Algoz do Paraíso toca os sinos do pensamento para mim.

– *impacto igual*

Sendo ou não uma IA verdadeira, ele não está errado – com pesos tão similares, nosso impacto será determinado por quem se move mais rápido. Apesar de estar na mesma classe de peso, o Profeta Imortal é

quatrocentos anos mais sofisticado. Não se parece em nada conosco: seu peito é orgulhoso; suas pernas, bem mais grossas e com uma rachadura na ponta como cascos. O elmo é a parte principal – duas impressionantes galhadas de bronze escovado saltando da testa e subindo em tridentes grandiosos. Seria um alvo fácil, se atingir a decoração valesse, mas não vale. Ele é todo pintado de celadonita, parecendo cerâmica esmaltada, arte com carne por dentro.

A plataforma gira. Uma lança prateada aparece na minha mão, e outra cor de bronze surge na dele.

– *Em nome de Deus, do rei e da Estação!*

– *avançar*

Coelho e veado correm atravessando o nada, mas o veado é *muito, muito mais rápido* – Sevrith atinge a velocidade máxima em um piscar de olhos. O brilho azul do gerador de gravidade *já* se reflete em sua armadura. Meu coração vai parar na boca enquanto faço cálculos frenéticos com base em vídeos indistintos da base de dados do meu cérebro; ele vai alcançar o término – o ponto central – muito antes que nós, e nos atingir faltando ainda um quarto do nosso percurso. Distância é velocidade e, na arena, velocidade é poder. Quanto maior a distância percorrida por um corcel antes do impacto, mais forte o golpe, e, quanto mais forte o golpe, maiores as chances de derrubar o oponente da sela e vencer instantaneamente.

Yatrice era lenta, mas Sevrith não conhece o maldito significado dessa palavra.

Saio voando pela arena na mesma velocidade de sempre: sou rápida, mas não como ele. Ele não me dá tempo de pensar – preciso focar outra coisa que não a velocidade, e minha mente encolhe até o tamanho de um alfinete. Alguma coisa, *qualquer coisa, depressa, é culpa minha, não sou rápida o suficiente, boa o suficiente...*

– *não entre em pânico*

O Algoz do Paraíso fala, mas faz mais do que dizer – ele *sente*. Ele joga a sensação de *não entre em pânico* em mim como um tranquilizante gélido, e isso limpa minha mente o bastante para que eu veja apenas duas opções: aumentar a potência dos jatos até o máximo absoluto, numa tentativa descontrolada de me igualar a Sevrith, ou continuar

devargar e tentar me esquivar. Seu movimento de ataque é amplo – pelo menos isso eu sei dos vídeos.

– *amplo* – pondera o Algoz do Paraíso.

Dravik disse uma coisa certa: a força do inimigo também será sua fraqueza.

Então vamos ser um alvo estreito, penso.

Um sentimento quente de triunfo se acende em nossa comunicação mental, e por um segundo nossos pensamentos parecem menos como sinos tocando um para o outro e mais como um quebra-cabeça, quando duas peças se encaixam.

– *avançar*

A descida puxa a pele do meu rosto, puxa o Algoz do Paraíso para mais perto, e eu o sinto mais próximo, mais pesado. Sevrith mira a lança de bronze bem no meu elmo, como uma agulha no meu olho. O brilho azul do gerador de gravidade apaga toda a cor de Sevrith conforme nos aproximamos dele e ele se aproxima de nós. Ouço o gemido fraco dos dois corcéis aumentar, como se a proximidade entre eles causasse o som. Fui desleixada com Yatrice, mas agora sei que *timing* é tudo. Se eu deixar esta manobra se estender por um segundo a mais, vou capotar.

Parar.

Cada um dos meus jatos morre com esse pensamento. Meu arquejo, indo na direção errada, desce pela minha traqueia quando a velocidade redirecionada rasga o meu corpo – não sobra ar para pensar. Nenhuma forma, nenhum detalhe, somente cores borradas conforme giramos, somente o meu corpo esmagando a si mesmo, o estômago se revirando. *Respire*. Preciso respirar ou vou desmaiar, mas *não consigo*; meus pulmões estão pesados demais...

Ali – por um momento no meio do caos, meus olhos encontram com esforço o que estou procurando. Espaço preto.

– *avançar*

Os jatos do Algoz do Paraíso explodem, meus pulmões se enchem e nossa coluna se alinha em paralelo com o gerador – nosso rosto agora está virado para dentro. Estamos de lado, *um alvo estreito*. A lança de bronze de Sevrith aparece no nosso campo de visão e a coisa desliza pouco além do nosso nariz em câmera lenta, assustadora. O gemido

agudo entre os corcéis ressoa com uma explosão brilhante de luz branca. Não sinto nenhuma dor aguda – nos desviamos do golpe, mas a força G libera nossos pulmões tarde demais. Meu coração não consegue bater mais forte que isso: sem fluxo sanguíneo, a garganta se fecha, os olhos se reviram para dentro do crânio.

– *dói*

E então, de uma só vez, não dói mais.

28. Quassatio

quassātiō ~ōnis, *f.*

1. o ato de sacudir



Uma mulher oscila diante de mim.

Ela não é uma lembrança, nem um pesadelo. Não é mamãe: seu cabelo é de um castanho muito claro; seus olhos são muito pálidos, quase brancos – não, são *prateados*. Suas íris são vivas, emanando prata líquida. A escuridão sobre seus ombros se estende para sempre como o espaço, mas não há estrelas. Seu sorriso paciente para de oscilar, se cristaliza por um momento, e eu reconheceria aquele sorriso em qualquer lugar – Dravik. Aqueles retratos. *A mãe dele*.

A Rainha Astrix se inclina mais perto, sussurrando de modo suave e cuidadoso no meu ouvido.

– *you know what it means to mount?*

Então algo se eleva e me arrasta para baixo.

Como se estivesse rompendo a superfície da água de ponta-cabeça, meus pés são puxados através de uma camada de alguma coisa, e eu flutuo sem medo no espaço cheio de estrelas – não sinto nada daquele terror usual, apenas conforto e certeza, e é assim que sei que esta não é minha memória nem meus sentimentos. São de outra pessoa. Assisto a tudo como a um vídeo, e a sensação é a de que estou sonhando. Um sol

branco-dourado, muito menor que aquele gigante que Esther orbita, brilha sua luz nas coisas distantes de metal – corcéis prateados ziguezagueando entre as estrelas antes de se posicionarem em um padrão rígido: são A3s. Milhares de Algozes do Paraíso aguardam e se movem e se rearranjam em movimentos vertiginosos para criar formações rigorosas.

A Guerra de novo. A Guerra *de novo*, mas não vejo o inimigo em parte alguma – nenhum tentáculo em forma de serpente, nenhuma presa, apenas corcéis. Há medo, mas ele não me esmaga como na lembrança da reiniciação, porque nesta não estou sozinha. Há outro... há *alguém* aqui comigo, e sei que somos os únicos restantes – apenas dois de nós enfrentando um exército inteiro.

Atrás da formação de corcéis está um planeta envolto em lindos azuis e verdes e brancos delgados. O eu da lembrança sabe o seu nome como uma canção, e a Synali que observa sabe o seu nome como uma lição: Terra. Sinto de leve o lenço sob o meu traje roçar a cicatriz na clavícula, e isso me arranca da lembrança – me lembra de que sou real em outro lugar –, e minha cabeça começa a girar.

Quem que se lembra da Terra ainda está vivo?

Tudo se estilhaça com esse pensamento, o sol branco se fragmenta e os Algozes do Paraíso prateados se desintegram em preto, e eu emergo da memória arfando, com os ouvidos zumbindo, a cabeça latejando.

Onde estou?

Na realidade, acho. Fluido nervoso, traje justo, a sela ao meu redor, o Algoz do Paraíso comigo. Ele me transmite um pensamento infeliz.

– *saudade*

Saudade de quem?, respondo, com ferocidade. *A lembrança era sua?*

Silêncio.

Não há tempo a perder – preciso voltar a atenção para o que está à minha frente. Eu apaguei, mas por quanto tempo? A subida nos leva cada vez mais longe no espaço... Apaguei por trinta segundos, mesmo que tenha parecido uma eternidade. A tela de status pisca: *Vermelho, 0. Azul, 0.* Sevrith me errou, e eu o errei. Vi a Rainha Astrix – uma mulher morta – e depois... Eu me lembrei da Terra? O Algoz do Paraíso lutou na Guerra, viu a Terra, mas máquinas não têm memória. As câmeras-

drones clicam e se ajustam ao nosso redor, e de repente entendo com uma clareza fria: *pequenas demais, rápidas demais, numerosas demais*. É por isso que o Algoz do Paraíso se sente desconfortável perto das câmeras – elas se movem como todos aqueles A3s se moviam. Mas por que um corcel teria medo de outro...

A holotela felizmente aparece, mostrando um Sevrith descontente.

– Pare de se contorcer, criança. Não está impressionando ninguém.

– Você parece impressionado – respondo alegremente.

Ele bufa.

– Dravik deveria ter falado. Ele tinha o dever de lhe dizer o que significa montar, mas agora cabe a mim mostrar a você.

Congelo, a pergunta de Astrix ecoando: *você sabe o que significa montar?* Eu não sei. Mas sei o que significa vencer.

A subida termina, e aumento a potência dos jatos para o máximo – *avancar* –, o plasma branco-azulado queimando trilhas atrás de mim. A comunicação é cortada automaticamente para a descida, e troco a lança de mão. Há mais pressão para acertar na segunda rodada, se nenhum de nós marcou pontos na primeira. Ele vai tentar um golpe, mas vai tentar se esquivar do meu. Yatrice evitou meu golpe girando as ombreiras, sua parte mais larga, e o Profeta Imortal de Sevrith é proporcionalmente ainda mais largo nessa região. Ele deve saber que é ali que vou golpear. Então vai se esquivar, e estarei pronta quando fizer isso.

O gemido entre os corcéis reverbera nos meus ossos. A armadura azul-esverdeada de Sevrith cintila da cor da Terra. Uma luz branca faísca entre nós, uma centelha, uma ignição, e, quanto mais aproximamos nossos corcéis, mais alto e mais brilhante se torna o mundo. Dou uma piscada no último segundo. Tenho um pensamento de última hora.

Os corcéis A3 naquela lembrança da Guerra... Estavam perto um do outro, mas nunca se acenderam assim. Nunca fizeram um barulho como este.

Impacto.

Uma dor aguda atinge meu ombro, minha ombreira esquerda se estilhaça e os cacos de armadura prateada rodopiam no espaço. Meus olhos disparam freneticamente para a tela de status: *Vermelho, 1. Azul, 0*. Mas eu estrava *pronta!* Estava pronta para a esquiva dele, mas... ele

não se esquivou. Ele nem se moveu. Eu o atingi onde ele nunca planejou estar, para começo de conversa, e errei por causa disso.

Esta é a subida final. A descida final. A holotela aparece de novo.

– Quando eles estiverem mortos, o que você vai fazer? – pergunta Sevrith.

Ele está tão imóvel que é como se a transmissão estivesse atrasada, os chifres de bronze no seu elmo de celadonita estão abaixados. Engulo o nó na garganta.

– Vou morrer também.

Sua voz se suaviza.

– Se todos os seus inimigos sumissem, Synali, o que você faria?

Ele está pintando para mim um mundo no qual eu não morro – no qual o descanso me escapa. Se a Casa Hauteclare sumisse... eu não teria razão para montar. Não teria razão para seguir em frente. Estaria viva e, o que é pior, sem propósito algum. Eu me segurei na beira do abismo todo esse tempo, mas, sem inimigos, meus dedos enfraqueceriam. Um medo diferente de qualquer outro que já senti enfia os dentes afiados no meu coração, sem pingente para acalmá-lo. A lembrança ressurgue – o capuz do assassino, sua lâmina, o sangue, a garganta dela...

– Tudo o que importa é seguir em frente – digo por entre os dentes. – O passado não pode ser desfeito.

– Isso não significa que ele não tenha feito algo com você.

O silêncio é como uma calamidade.

– *dói* – ressoa o Algoz do Paraíso.

A máquina diz o que não posso, o que não vou dizer, o que me recuso a dizer. Tenho minhas lembranças. O passado não é dor – não o tempo todo. Tem o cheiro de bolo e a cor das flores também. O futuro não é inútil.

Só tenho medo de viver.

Sevrith levanta a lança, em uma imagem espelhada perfeita de mim, equilibrada, e fala:

– Está pronta para aprender sua lição, criança?

Levanto o elmo.

– Já aprendi, velho.

29. Relictus

relictus ~a ~um, a.

1. abandonado, esquecido



A descida.

Nossas duas lanças ardem em luz feito cometas – uma de prata, uma de bronze. Sevrith sabe o que vai acontecer, mas não se ajusta. Nem me acerta... *de propósito*. O golpe limpo da sua lança de bronze logo acima do meu ombro é muito bem pensado, preciso e estável para ser qualquer outra coisa que não proposital. Minha lança engancha na greva direita dele e estilhaça a celadonita, torcendo sua canela, mas ainda a mantendo intacta.

Vermelho, 1. Azul, 1.

Equilíbrio. Ele me deu esse ponto. Está forçando os acréscimos; quando dois corcéis terminam a terceira rodada com pontuação igual, as rodadas continuam até que um ganhe um ponto a mais que o outro. Coelho e veado disputam uma corrida sem fim. Quarta rodada. Quinta rodada. Suor escorre pelo meu nariz. Tenho sangue seco nos lábios roídos. O Algoz do Paraíso é apenas uma máquina – uma máquina com lembranças, sentimentos, palavras. Uma máquina com uma rainha morta dentro. Uma máquina que se lembra da Terra. *Não pense nisso. Siga em frente.*

A experiência de Sevrith o trai – ele espera que eu fique tentando

ganhar o ponto, mas sei que, no momento em que fizer isso, acabou para mim. Se eu jogar minha lança em qualquer direção, ele vai atacar, e será o meu fim. Ele pode ser mais rápido e mais experiente, mas também é mais velho que eu. Ele baixa a lança na oitava rodada. Estou ofegante, insuportavelmente molhada de suor por baixo do traje de ginete. Tremendo. *Com medo*. O medo me agarra – meu corpo vai ceder, enfraquecer, e meu corpo é tudo que me restou. Tudo que já tive.

– Pronto para desistir, já? – falo no comunicador, arfando.

Os ombros de Sevrith estremece com um suspiro.

– Você é jovem demais... para sentir tanto desespero.

Ele é mesmo um típico nobre – usa as palavras como distrações, palavras como demônios conjurados para me arranhar e me fazer duvidar de mim mesma. Papai fez a mesma coisa, tentando me aplacar com palavras.

“Eu a amava, Synali.”

Você não sabe o significado dessa maldita palavra.

As espirais prateadas se reúnem na minha boca e mordiscam o sangue craquelado nos meus lábios, minha voz craquelada.

– Sou mais forte que o desespero.

– Ninguém é mais forte que o desespero. É uma caixa escura... com buracos para respirar. Você está certa de temê-la. Estamos *todos* presos nela. – Ele me olha intensamente. – Estamos todos presos nela. E alguém precisa ensinar isso a você.

A oitava descida nos chama. Se eu perder agora, acabou. Acabou a vingança. Acabou a punição dos Hauteclare. Não quero abandonar a esperança, não agora que senti seu gostinho. O Profeta Imortal se move como arte, como cerâmica. O Algoz do Paraíso se move como um sorriso afiado, como o medo. Eu me preparo com calma. O brilho azul do gerador de gravidade envolve ambos os corcéis ao mesmo tempo. Ele está cansado – preciso tentar. Algo na diagonal, minha lança na sua couraça, a lança dele caída e aberta para me atingir de volta a tempo. Ele é meu, ele é meu,
ele é...

Uma ponta afiada pressiona o meu queixo.

A luz. O gemido.

Ela desliza para dentro, perfurando minha mandíbula e o meu cérebro, e eu *sinto* – uma veia de gelo atravessando meu crânio.

Um golpe no elmo.

Perco o fôlego.

O Algoz do Paraíso morre instantaneamente, nossa conexão é interrompida. As espirais prateadas esvanecem no meio do giro. A sela perde toda a luz, toda a cor, e a vasta visão do espaço pisca como uma miragem, substituída pelas entranhas frias de metal do corcel. Flutuo sozinha na carcaça do Algoz do Paraíso sem sentir dor. A sela está completamente desligada – não consigo sentir nada além da minha pulsação entorpecida e da viscosidade do fluido nervoso esfriando rapidamente. Ele ganhou. Eu *perdi*.

Acabou a esperança.

Os comunicadores explodem com o rugido da multidão no meu elmo. Os comentaristas estão em êxtase.

– E é o fim desta justa, Gress! Em uma guerra de desgaste intenso, a Casa Freynille enfim conquista a vitória sobre a Casa Lithroi!

Sevrith liga sua holotela e tira o elmo. Seu belo rosto está molhado de suor, os olhos escuros voltados para baixo.

– Perdoe-me, Synali. Mas alguém precisa ensinar você.

Devagar, entorpecida, observo enquanto ele mais uma vez deslacha seu traje e retira o lenço usado com um sorriso exausto. Uma bandeira branca.

– O que... – crocito. – O que está fazendo?

Algo se move em seus olhos. Meu cérebro está dormente, mas minha visão está clara: há algo *prateado* nos olhos dele, se aglomerando, se expandindo como mercúrio, brilhando feito estrelas. Como a Rainha Astrix. Como água na borda de uma xícara, a liquidez prateada *se acumula* e se acumula e se acumula em seus olhos. Então ele pisca.

– Garanta que vai viver, criança.

Uma única lágrima transborda na sua bochecha.

Ele imediatamente despenca para a frente, se retorcendo como papel no fogo, açúcar sob chá quente – sem forma, sem ossos, completamente imóvel na tela. Só entendo o que aconteceu quando o rugido de júbilo da multidão se transforma em um murmúrio consternado, quando

pequenos corcéis brancos com sirenes vermelhas piscantes entram voando na arena e cercam o Profeta Imortal – ele está *machucado*.

Ele se machucou.

– Parece que Sevrith cul Freynille se sobrecarregou, Bero!

– Uma *sobrecarga* é uma infelicidade terrível, Gress.

– Isso é verdade. Os médicos estão em cena, mas a decisão final é do juiz. Uma sobrecarga depois de golpear o elmo... O resultado é incerto. Tudo pode acontecer!

Sobrecarga? Eles querem dizer dano cerebral, certo? Mas como? Ele não colidiu de maneira errada; seus movimentos foram perfeitos; não há a menor chance de ter batido a cabeça com força suficiente para... Meu estômago é chumbo e fogo e descrença. Suas lágrimas prateadas são exatamente da mesma cor do fluido nervoso. Das *espirais*. A cor assenta a verdade com fivelas de ferro: tudo que Sevrith disse antes da justa... As espirais o dominaram. Não – ele *deixou* que o dominassem; ele estava perfeitamente bem, *ele ganhou*, e aí...

Meus olhos estudam freneticamente o corpo imóvel de Sevrith quando a cabine do Profeta Imortal se abre e as mãos hábeis dos médicos o retiram com cuidado da sela como se fosse a peça quebrada de um equipamento a ser removida e substituída. Como se fosse rotineiro. Como se já tivessem feito isso centenas de vezes.

– Temos a decisão do juiz! A sobrecarga de Sevrith cul Freynille dá a Synali von Hauteclare vitória automática!

Os olhos sem vida de Sevrith escorrem prateado em seu traje.

O veado se empalou com os próprios chifres para permitir que o coelho cruzasse a linha de chegada primeiro.

30. Continuo

continuo ~āre ~āuī ~ātum, tr.

1. juntar, conectar

2. continuar, persistir

Havia um tabuleiro de xadrez na mansão Lithroi.

Ele ficava em uma pequena mesa de madeira branca perto da lareira na sala de estar principal. Synali o observava enquanto colocava dolorosamente o traje de ginete para o segundo dia de treinamento. Ela não tinha certeza do que as peças significavam. Elas pareciam complicadas e importantes – com exceção das pecinhas feias na frente –, mas ela nunca aprendera a jogar xadrez. Costumava ver um punhado de velhos jogando no beco dos ambulantes a caminho da igreja, as costas curvadas sobre os tabuleiros de lata e braços cibernéticos meio enferrujados movendo as peças em contemplação silenciosa. Mas como todas as coisas boas na Ala Baixa, aquilo não durou. Os guardas expulsaram todo mundo sob a desculpa de uma “batida de pó”, e ela nunca mais os viu.

O tabuleiro de Dravik não era de latão – era de prata. Prata e lápis-lazúli.

– O branco faz o primeiro movimento – disse Dravik, chegando por trás dela.

Ela pulou, espalhando as peças no chão. Ele apoiou um joelho no chão, o joelho ruim, e começou a recolher a bagunça. Ela também se ajoelhou, colocando cada peça de volta no tabuleiro. Sua mão congelou em cima de uma das peças simples.

– Por que esta aqui parece tão mundana?

– Ela na verdade é bem poderosa.

– Como pode ser poderosa quando há tantas dela? Tem apenas uma

rainha de cada lado. Dois cavalos.

– Cavaleiros – corrigiu ele. – Os cavalos representam cavaleiros. E seria bom você demonstrar mais respeito com o peão.

Ela deu uma bufada de desdém.

– Me dê um bom motivo, então.

Ele ajeitou cuidadosamente as peças que ela colocara no tabuleiro, duas fileiras de cada lado encarando o adversário em formação rígida. Seu dedo se demorou no último peão preto enquanto ele olhava para ela com aqueles olhos misteriosos de aço.

– O peão é a única peça que se recusa a andar para trás.

PARTE IV

O CORVO

31. Argentum

argentum ~ī, n.

1. prata

2. uma coisa de prata



Chamo Sevrith da pior coisa que um nobre pode ser chamado – eu mesma.

– *Bastardo*.

Ele não se mexe na cama do hospital, o cabelo escuro espalhado no travesseiro. Não está morto – a pulsação no monitor atesta isso –, mas não consegue respirar sem ajuda de um aparelho. O silvo estável de cada inspiração e expiração preenche o quarto vazio.

– Por que desistir da vitória por mim? Você estava bem, e de repente... – rosno. – Você nem me *conhece*.

Silêncio total. Agarro o lençol, cerrando os punhos. Eu teria perdido se ele não tivesse se colocado nesta cama. Ele fez isso consigo mesmo. Deixou as espirais entrarem ao remover o lenço, e elas saíram pelos seus olhos. Mas *por quê?* Por que ceder a vitória daquele jeito? É *inimaginável*.

Ele me salvou. Duas vezes.

Passo os dedos adormecidos pela tela no pé da sua cama – pelas imagens escuras como raios X. É um cérebro – o de Sevrith –, mas algo nele parece anormal. A camada arco-íris mostra pontos vermelhos e

laranja ao longo do tecido, um tipo de mapa de calor, mas há pontos totalmente pretos sem cor nenhuma, centenas deles – alguns pequenos, outros grandes. O que esses pontos significam?

A porta de correr do quarto de hospital se abre com um ruído gentil, e derrubo o prontuário. Atrás de mim ouço passos, sinto o cheiro de flores, e noto uma voz grossa, meio surpresa.

– H-Hauteclare?

Rax. Meu corpo enrijece e se empertiga, hiperconsciente de cada movimento dele. Eu me recuso a lhe dar mais que um olhar de relance, mas, sem a usual maquiagem de ginete para as câmeras, percebo olheiras de exaustão. Ele não dorme bem em sua cama nobre de penas? *Que tragédia.*

Eu me endireito e aponto para Sevrith.

– Eu vi algo prateado sair dos olhos dele.

Rax coloca um vaso de girassóis na mesa de cabeceira e franze a testa.

– O Lithroi da bengala não comentou sobre isso com você?

– Ninguém me contou nada, então agora sou obrigada a perguntar para alguém como você – disparo, como um cachorro mostrando os dentes para esconder a língua macia. Ele não tem dentes para mostrar, ou, se tem, ele os mantém bem escondidos sob uma camada de seriedade suave.

– Chama-se sobrecarga.

– Sei como se chama, mas *o que é*?

– Certo, você... provavelmente nunca nem os viu, né? Já que não foi para a academia. – Ele abre o vis, percorre uma lista de vídeos e finalmente abre um, projetando-o em tamanho maior para que eu possa ver. É apenas escuridão. Espaço vazio.

– Não é nada – falo, sem expressão.

– Na verdade, é um vídeo de um material restrito para ginetes, mas foi uma boa tentativa.

– Muito engraçado, seu...

– Olhe mais de perto – interrompe ele.

Faço uma careta e me inclino mais, até que o holograma esteja zumbindo a centímetros do meu rosto, até que eu possa praticamente sentir o cheiro da sua pele quente através do plasma difuso: ervas

limpas. São os mesmos quatro segundos granulosos reproduzidos de novo e de novo – espaço preto, estrelas brilhantes e nada mais. Então alguma coisa *se move*. Algo enorme e claro e com uma aparência vítrea ondula em um pedaço do espaço, com tentáculos grossos e serrilhados, a mais leve das luzes arco-íris brilhando em cada um deles. O mesmo emaranhado indecifrável das portas de São Jorj. Eu me afasto abruptamente com a garganta seca.

– O que...

– Este é o inimigo. – Rax dá de ombros. – Ou o único vislumbre que a academia nos dá dele, de qualquer forma.

– Como... – Engulo em seco. – Como o inimigo se relaciona com a condição de Sevrith?

– Bem, hã, nós extraímos o fluido nervoso deles quando os matamos na época da Guerra e descobrimos como ele funcionava. Nós o usamos para fazer os corcéis. Esse fluido permite a fusão de coisas completamente diferentes: metal com eletricidade, luz com matéria, humano com máquina. Foi assim que obtivemos a luz sólida e as selas. Ele conecta nossa mente ao metal dos corcéis.

Enfio os dentes com força no mundo para impedi-lo de girar.

– Você está me dizendo que... o gel dentro da sela...

– É derivado do fluido nervoso do inimigo, sim.

– Isso não é perigoso? Ter uma parte do inimigo simplesmente...

– Não, eles estão mortos. Só tiramos as partes úteis dos seus cadáveres. Como se fosse pele ou carne, sabe?

Eu não sei. Nunca ouvi falar disso nem nos rumores mais selvagens do Beldeaux. Seria o caos se os plebeus sequer desconfiassem disso. O inimigo é o demônio. O inimigo é o que nos matou, nos forçou a sair da Terra em direção ao espaço, nos forçou a viver na Estação, nos forçou a uma vida de solidão e dificuldades. A ideia de ter uma única parte do inimigo dentro do Algoz do Paraíso, dentro de todos os corcéis... Eu *toquei* naquele gel. Eu o engoli por acidente. Suei nele, sangrei nele...

Meus joelhos cedem. A mão de Rax dispara instantaneamente e segura meu cotovelo, e, como há quatro meses, meu corpo traidor libera uma descarga de eletricidade, fazendo cada pelo se arrepiar ao seu toque.

– Ei, você está bem? Talvez seja melhor se sentar. Uma justa de oito rodadas com certeza acaba com a pessoa.

– *Pare de me tocar.* – Arranco o cotovelo da mão dele.

Passa-se um longo momento enquanto olho furiosamente para o pé da cama de Sevrith e Rax fita a minha bochecha... e então ele sorri.

– Você realmente odeia olhar na minha cara, hein?

O lenço que ele me deu queima no bolso. *Pare de tremer.* Um resquício, um eco, é tudo que esse medo é. *Foco.* Não posso deixar que ele me veja fraca.

– Por que os lenços afastam as espirais?

Ele dá de ombros.

– Sev costumava dizer que eles serviam apenas para dar boa sorte, mas... ouvi outros ginetes falando que eles interrompem o fluxo sináptico do traje. O traje precisa de contato total com a pele para que a conexão entre o ginete e o corcel realmente aconteça, mas o lenço interrompe isso. Mantém o ginete consciente de si.

Desta vez, suas palavras fazem sentido. Quando apaguei e vi aquela lembrança, a sensação do lenço no meu corpo me impediu de ficar completamente imersa. Eu conseguia pensar por mim mesma, em vez de apenas flutuar impotente na memória, como fiz durante a reiniciação do Algoz do Paraíso.

Rax cruza os braços por cima do peitoral considerável.

– Lenços mantêm o acúmulo baixo. Bem, tanto quanto possível, pelo menos.

– Acúmulo de *quê*?

– O Lithroi realmente não falou nada? – Ele dá um estalo reprovador com a língua. – O fluido nervoso é, hã, um pouco esquisito. Ele se acumula pouco a pouco no seu corpo cada vez que você monta, até atingir um nível crítico. E aí... bem. Você fica sobrecarregado, como aconteceu com Sev. Costumava ser bem pior, mas os trajes são melhores agora. Quer dizer... até que os trajes *ficassem* melhores, os ginetes tiveram que inventar suas próprias soluções, sabe? Daí eles descobriram a coisa do lenço.

Olho para o corpo imóvel de Sevrith. Será que ele sabia, quando se aproximou de mim no corrimão do mirante, que estava tão perto da

sobrecarga? Que aquela poderia ser sua última justa?

– Alguns ginetes resistem ao acúmulo melhor que outros. – Rax suspira. – Mas mesmo com os lenços, e não importa o quanto você seja naturalmente resistente, ele pega todo mundo no fim. A menos que o sujeito desista de vez da montaria.

– Todo mundo? Todos os ginetes ficam sobrecarregados?

Ele assente com a expressão mais solene que já vi em seu rosto zombeteiro.

– A menos que o sujeito desista...

– Nunca vou desistir. – Minhas palavras saem como um reflexo, como um gatilho sendo puxado. Rax me observa por um momento, enquanto o staccato estável dos batimentos de Sevrith costura o tempo entre nós.

– Ele vai acordar um dia?

Rax enfia as mãos nos bolsos.

– Não. É um coma. Há uma ala especial para eles. As famílias os mantêm lá até que seus corpos desistam e eles morram de verdade.

Ele diz isso com naturalidade, como se tivesse aceitado esse fato há muito tempo. Dravik não me contou nada disso... mas ambos sabemos que não vou montar tanto – no máximo até a rodada final da Copa Supernova. O acúmulo que eu tenho na sela sem dúvida é insignificante, comparado com anos e anos de montaria. Mas alguém como Rax... Seus pais o colocaram no corcel quando criança para obter status na Casa Velrayd. Eles *sabiam* que a sobrecarga seria o seu destino. Papai sacrificou mamãe e a mim, mas os pais de Rax o sacrificaram juntos. Novamente, a compaixão começa a surgir. Novamente, eu a esmago.

– Você logo vai acabar como Sevrith, então – digo. – Já que monta há tanto tempo.

Cada músculo sob o seu gibão vermelho parece se retesar, demonstrando força, mas sua risada soa frágil.

– Espero que não.

Sua risada some quando ouvimos passos no corredor lá fora e um emaranhado de tecido caro e uma urgência sussurrada. Duas vozes conversando.

– ... certeza, doutor? A esposa dele tem ansiado tanto por um filho, e eu por um neto.

– Eu lhe asseguro, Duquesa Freynille, seu filho permanece totalmente viável. As enfermeiras cuidarão dele, e, se a esposa solicitar, ele estará aqui à disposição dela.

Duquesa Freynille – a mãe de Sevrith? E o que quer dizer “viável”? Meus olhos disparam para Rax, solicitando a tradução da língua nobre para a plebeia, mas seu rosto não revela nada. Ele simplesmente estende a mão e toca a cabeceira de Sevrith uma última vez.

– Sinto muito, Sev. – Sua voz falha.

– Vocês eram... – Engulo a pergunta.

– Sim. – Rax sorri. – Sev me ensinou muito.

A verdade se escancara.

– Ele... ele também me ensinou algumas coisas.

Hesitante, levanto os olhos para o rosto de Rax e perco o fôlego. Ele parece tão horripelantemente triste, com seus olhos de madeira vermelha opacos e sua boca em uma linha silenciosa cheia de arrependimento. Sua expressão cansada lembra a minha nos dias seguintes à morte de mamãe.

Rax se vira e sai do quarto, e eu o sigo, sem saber o que dizer e sabendo que não há nada que eu *possa dizer*. É inútil confortá-lo – ele é o inimigo.

Caminhamos distantes um do outro pelo corredor de mármore branco, as luzes do hospital deixando tudo pálido. Uma dupla passa – um médico de jaleco branco e uma senhora vestida de bronze e gemas de celadonita. Seu cabelo é como um travesseiro alto e seus olhos são escuros. À minha frente, Rax faz uma mesura rígida para ela.

– Duquesa Freynille.

– Rax! – Seu sorriso alegre me arrepia a espinha. Por que ela está sorrindo quando seu filho está em um coma irreversível? – É tão bom vê-lo. Parabéns pela vitória.

Eu meio que espero que Rax se deleite com a atenção, mas ele apenas acena e faz outra mesura rija.

– Tenha um bom dia, Vossa Graça.

A dupla continua caminhando. Eles me ignoram, mas eu paro e os observo ir. A duquesa segue tagarelando.

– ... o Duque Freynille e eu escolhemos “*Barquois*”, se for menino.

“*Telvira*”, se for menina, em homenagem à irmã do meu pai, sabe.

A mãe de Sevrith está *sorrindo* enquanto o filho dela está deitado em uma cama, em coma. Está falando sobre o futuro filho dele sendo que ele nunca mais vai acordar. Eles os mantêm em uma ala especial até que morram. *Eles os mantêm em uma ala especial até que morram.*

Palavras, e as palavras por baixo.

Mal chego no banheiro a tempo.



A aerocarruagem de volta para a Ponta do Luar parece uma casca frágil que pode se quebrar a qualquer momento, me derrubando no abismo claro e infinito do campo magnético abaixo. Aperto o assento, tentando me segurar em algo enquanto minhas tripas flutuam. Os nobres vão usar Sevrith. Vão usar todos os ginetes sobrecarregados – cruzá-los como cachorros. Como animais de estimação. Permiti que o bordel me usasse para conseguir as informações que queria, mas Sevrith não pode permitir nada. Seu cérebro está morto. E eles não se importam.

A mensagem no meu vis é a única coisa me impedindo de perder o controle – é Jeria. Finalmente.

JERIA: *Vi sua justa! Sua vitória foi incrível!*

SYNALI: *Eu perdi, tecnicamente.*

JERIA: *Bem, você parecia incrível fazendo isso!*

A vitória me parece oca, doentia – não se parece em nada com minha vitória contra Yatrice. *Desonrosa*. Baixo o anexo que Jeria me manda. Suas instruções são claras: chegar perto de uma das máquinas de exercícios e enviar uma solicitação para conectar meu vis a ela. O módulo dela cuidará do resto.

JERIA: *Da próxima vez que ele logar nos sistemas da mansão, você vai receber uma notificação. O módulo vai vasculhar tudo e enviar para mim qualquer coisa suspeita.*

SYNALI: *E o que eu faço nesse meio-tempo?*

JERIA: *Nada em particular. Você vai ter acesso remoto ao vis dele a partir do seu, mas apenas por 120 segundos após o contato inicial. Dê uma olhada se quiser – só não tente entrar em nenhum campo que exija senha, ou vai expulsar nós duas. Boa sorte!*

Dois minutos. É pouco tempo, mas vou aceitar qualquer vislumbre dos segredos de Dravik que puder conseguir.

Espero na cadeira dele, sentindo a lareira fria e o cão-robô deitado aos meus pés ainda mais frios. O luar simulado brilha alto, transformando o mármore em um nácar fantasmagórico. O cachorro parece sentir meu nervosismo, e seu salto no meu colo me assusta. Ele nunca se aproximou tanto. Fico congelada até que ele se ajeita, com o queixo nas patas, e, hesitante, coloco uma mão na sua cabeça. Ele pode até ser de metal, mas acariciá-lo me conforta mesmo assim.

– O que acha de ter um nome? – pergunto. – Algo como... Luna?

O cão abana o rabo contra minha túnica em uma concordância não verbal. O relógio de coluna holográfico bate onze horas, meia-noite, uma da manhã, e, quando Luna pula do meu colo com as orelhas em pé, sei que ele finalmente chegou. As batidas de sua bengala ficam mais altas, passando pela sala de estar.

– Você não me contou – digo.

A bengala para, e a voz de Dravik arranha o veludo da noite.

– O quê, valente? Da sobrecarga? Com certeza um efeito de tão longo prazo não lhe diz respeito.

Fico olhando para uma mancha distante na mesa de jantar causada pela limpeza de Quilliam, quando não consegui manter a comida no estômago pensando em Sevrith. Em mim. Entrei no bordel da Madame Beldeaux sabendo mais ou menos o que fariam comigo, mas Sevrith removeu aquele lenço sabendo muito bem.

– Eles usam os ginetes sobrecarregados – falo. – Como gado.

– Achei que você compreendia, Synali: para eles, o sangue deve permanecer puro, mas acima de tudo deve continuar.

Ele não parece surpreso – como se soubesse que a morte de Sevrith era inevitável. *Todos* eles sabem. Cada nobre sabe como os ginetes terminam, mas, mesmo assim, ainda os enviam para as justas. É loucura. É doentio. *Não* – é a ideia deles de honra. Dravik remove pó de enxofre

dos punhos da camisa – ele esteve na Ala Baixa.

– Sevrith se sacrificou por você, e agora você se sente culpada.

– Ele era seu *amigo* – retruco.

– Eu renunciei a todos os amigos quando deixei a família real. Sevrith entendia isso.

É injusta a facilidade com que o príncipe consegue me decifrar – ainda mais após os dois meses de treinamento –, mas, da próxima vez que ele logar nos sistemas da mansão, também vou ser capaz de decifrá-lo. Ele se aproxima da lareira, com Luna grudado em seus sapatos abanando o rabo e arregalando os grandes olhos de safira.

– Você pode matar Sevrith no hospital? – pergunto. – Terminar tudo para ele?

– Eu poderia – diz ele com leveza. – Mas não vou.

Enterro as unhas na poltrona.

– Por quê?

– Porque acredito que ele não esteja tão condenado como pensamos.

– Ele está em um *coma permanente*. Todos os ginetes sobrecarregados estão.

O relógio de coluna holográfico segue tiquetaqueando. O sorriso de Dravik esculpe sombras.

– Isso é o que dizem.

O que ele quer dizer? Ele soa como Sevrith, dizendo palavras que não fazem nenhum sentido. Como Astrix. Seu retrato de criança do outro lado do corredor tem olhos verdes e cabelo acobreado, mas agora ele tem a aparência da minha alucinação na sela. Ele *se fez* parecido com ela – cabelo claro de trigo. Embora os olhos dela fossem sobrenaturalmente prateados (*por quê?*), eles podem um dia ter sido cinza, como os olhos pós-cirurgia dele.

– O que está tentando fazer, Dravik?

Luna levanta as orelhas de ouro para o príncipe. Tudo isso – esse “jogo” dele, o peão que eu sou, a Copa Supernova, o rei, o tabuleiro de xadrez sobre o qual todos estamos –, o que exatamente ele está tentando fazer? *Esta é sua última chance de me contar, antes que eu tenha que descobrir tudo hackeando você.*

O príncipe olha para algo ao seu lado – para aquele alguém invisível

que não está lá, alguém que sempre faz seus olhos se enrugarem calorosamente.

– Começar tudo de novo, suponho.

Não há nada lá – sei disso. Mas, quando ele vai embora e eu me levanto da poltrona, um brilho capta meu olhar.

É só o luar. Só as doentias árvores brancas e suas sombras entrando pela janela. Não é o cabelo castanho-claro flutuando. Não é a barra de um vestido azul e prateado desaparecendo.

Não é Luna abanando o rabo alegremente como se cumprimentasse alguém.

32. Capsus

capsus ~ī, m.

1. espaço confinado para animais

No coração do mundo, um homem traz uma oferenda.

Ele empurra um carrinho, sacudindo seu jaleco branco com o movimento. Seus olhos sobem examinando o núcleo, os muitos milhões de fibrilas prateadas suspensos no gel azul-violeta e, acima de tudo, os finos tentáculos da coisa flutuando lá em cima. Ele sabe que é um aviso – uma tentativa de fuga. É uma reversão da ordem natural das coisas; o estado de menor resistência. Ele sabe: o que é feito sempre se desfaz.

Essa é uma lei que nem o rei, nem seu ginete, nem seu conselho com seus muitos tratados podem mudar. O universo é assim, e só porque domaram pequenas partes dele não significa que ficará dormente para sempre – a realidade é mais antiga, mais extensa e mais corajosa do que a humanidade jamais será.

Ele sabe que não é justo nem injusto que esteja pagando pelos pecados de pessoas mortas há muito tempo. Simplesmente é assim.

Ele sabe que, no passado distante, a antiga Terra cometeu seu primeiro erro. E último.

E agora ele está cometendo o dele.

Uma a uma, ele descarrega as oferendas do carrinho. A cada vez, um cérebro – perfeitamente congelado, perfeitamente suspenso em um recipiente de luz sólida com formol – sai das suas mãos enluvadas, atravessando o filme denso do núcleo massivo e afundando no gel. A cada vez, as fibrilas prateadas estremecem como se o sentissem, então se movem como relâmpagos em sua descida – um rebanho de vorazes carniceros. Mal consegue ver o tecido em meio ao enxame prateado, até que ele quase desaparece: o tronco cerebral flutua fino e usado, o miolo

de uma maçã roído ao máximo.

Ele sabe que não são as calorias lipídicas ou o tecido que elas tanto desejam, mas aquilo que está entremeado por dentro – a coisa que, apesar dos quatrocentos anos de ciência, ainda não tem um nome de verdade. Ele sabe que estão sempre famintas por ela. Sabe que elas a absorvem e tentam se reconstruir a partir dela, mas as muitas máquinas humanas conectadas ao núcleo redirecionam cada gota daquela energia regenerativa para a Estação. Ou ao menos era assim. Ele sabe que, como em toda evolução, as fibrilas encontraram formas de contornar as máquinas, a lenta goteira de rebeldia que se tornou um rio ao longo das décadas agora ameaçando engolir tudo. Ele sabe que elas são o demônio, mas acha que Deus talvez se alimente da mesma coisa que elas – da mente, do coração, da alma. Ele sabe que a coisa tentaculada flutuando apaticamente bem acima da sua cabeça vai desvanecer. Quando o carrinho esvazia, ela desvanece.

Mas ele sabe, acima de tudo, que ela vai voltar.

33. Consummo

consummō ~āre ~āuī ~ātum, *tr.*

1. somar

2. terminar



Quando acordo, o segundo leão está morto.

Seu nome era Palissa Trask-Hauteclare, minha tia de sangue. Olhos azuis, cabelo grisalho, nariz escultural. *Respeitável*. Ela fazia muita caridade na Ala Baixa: tinha programas para nos alimentar, nos vestir – até ganhou uma medalha do rei por isso. Fiquei uma dezena de vezes na fila da sopa dela, que usei para me manter viva depois que mamãe morreu. Palissa me ajudou a sobreviver – ela ajudava muita gente na Ala Baixa a sobreviver.

Ela usou suas conexões na Ala Baixa para descobrir onde mamãe e eu morávamos. Suas mensagens encriptadas para papai queimaram meus olhos.

PALISSA: *Não se preocupe, Farris. Vou encontrar a mulher e sua cria – conheço todas as tocas encardidas onde a gente dessa laia se esconde.*

Não há notícias sobre sua morte – nenhuma explosão de geradores em subestações, nenhum tirano corporativo alegando fraude. Dravik simplesmente envia o registro entre ela e papai e uma foto – o cabelo grisalho transbordando de uma cabeça decapitada, os membros colocados um ao lado do outro em uma mesa de metal fosco: Palissa

Trask-Hauteclare em seis elegantes pedaços. Sem sangue, apenas carne, como em um açougue. Sua mensagem chega imediatamente na sequência.

DRAVIK: *Peço desculpas, Synali. Meu colaborador se esqueceu de tirar uma foto antes do estágio de descarte. Não vai acontecer de novo.*

A garganta cortada de Palissa pode estar rosa-acinzentada e sem sangue, mas ainda é oca, ainda é humana por dentro. Algo no meu cérebro se soltou ao ser sacudido por Sevrith. Pelo *Algoz do Paraíso*. Respire. Você *queria* esta prova. Você queria isso. Repita com força, repita a verdade: Palissa Trask-Hauteclare matou sua mãe e tentou matar você. Ela faria tudo de novo. Pegue o colar de diamante no armário, enterre-o na parede de mármore. Sobraram cinco círculos.

“Se todos os seus inimigos sumissem, Synali, o que você faria?”

A princípio, acho que Jeria fracassou. Seu módulo não funciona. Dravik saiu, e fico olhando furiosamente para o seu assento vazio na mesa de café da manhã enquanto Quilliam retira um lenço do nariz que parece fungar eternamente e sorri.

– O meu senhor é uma pessoa muito ocupada, como foi a mãe dele. Estava sempre mexendo em uma ou outra máquina.

Arqueio uma sobrancelha.

– Você conheceu a Rainha Astrix?

– Eu servi a mansão Lithroi a vida inteira. Tive a sorte de poder vê-la crescer e se tornar uma grande mulher. E aí...

Eu me inclino na cadeira.

– E aí?

Ele balança a cabeça.

– S-sinto muito, senhorita. Receio que minha memória não seja mais o que costumava ser.

– Ela morreu, certo? Suicídio.

Quilliam pisca os olhos marejados.

– Suicídio? Ah, não, a srta. Astrix nunca faria algo do tipo.

– Então ela foi executada publicamente?

– Não, ela escolheu a sobrecarga.

Meu garfo atravessa diretamente a fatia de presunto e arranha o prato.

– Ela era uma ginete?

O sorriso de Quilliam retorna enquanto ele me serve mais suco de romã.

– Ah, sim, e era muito boa. Ganhou muito respeito tanto dos seus pares quanto dos plebeus por sua coragem no campo e sua destreza com as máquinas fora dele. Ela consertava o próprio corcel junto com os melhores engenheiros.

– Qual corcel ela montava?

O criado ajeita os punhos da camisa com dedos nodosos.

– Sinto muito, senhorita, mas ela montou vários. Só consigo me lembrar daquele após o casamento com o Príncipe Yarrow... perdão, Sua Majestade. Ele se chamava Mensageiro do Inferno.

É o mesmo que Dravik disse que montou – o corcel dos Ressimus, o símbolo do seu direito de governar. Embora ele seja herdado pela linhagem real, as informações sobre ele na base de dados são escassas – só foi montado um punhado de vezes em torneios importantes, e muito raramente na Copa Supernova.

Levanto os olhos para o vis na sala de estar exibindo o resultado da terceira justa de Rax. Seu rosto está suado e orgulhoso quando ele tira o elmo para o rei. É mais fácil olhar para ele na tela – meu corpo não reage com tanta ferocidade. É mais seguro. Controlado.

A única coisa que sei sobre o Mensageiro do Inferno é que ele é um A4 – a geração que seguiu a do Algoz do Paraíso. Um corcel de Guerra. Por que o rei iria querer um corcel velho da Guerra quando poderia escolher qualquer uma das elegantes maravilhas modernas? Engulo o suco, tentando formular um pensamento, e finalmente uma pergunta sai junto com um temor gélido dos meus lábios:

– Em qual corcel Astrix sobrecarregou, Quilliam?

Ele sorri com tristeza.

– Ora, no seu, senhorita. No Algoz do Paraíso.

Os lamentos queixosos de Quilliam (“*Senhorita, por favor, sua comida!*”) me seguem até eu chegar no vestíbulo para colocar um casaco e sair esmagando o cascalho e logo entrar na aerocarruagem ociosa. Será que a sela *preserva* aqueles que sobrecarregam nela? Foi por isso que vi Astrix quando apaguei? Ou o Algoz do Paraíso... Eu não tenho

respostas, mas outro ginete pode ter.

A multidão fora do salão de torneios está frenética. Mal consigo atravessá-la, sentindo cotovelos nas minhas costelas e ouvindo gritos ensurdecedores, até que alguém me reconhece – “*SYNALI! SYNALI! SYNALI ESTÁ AQUI!*” – e enfia um livro de autógrafos no meu caminho. Então a multidão se abre, formando um corredor perfeito dividido entre olhares fixos e urros de incentivo, e avanço rumo às profundezas do salão, passando pela segurança e pelas biotravas que se abrem para o meu vis registrado, chegando no vestiário cheio de vapor. É um lugar lindo para lavar as manchas escuras da honra. Há anjos esculpidos nas torneiras de prata, válvulas de pérola em forma de asas e água jorrando de suas bocas cantantes. A umidade pinica meu rosto enquanto procuro entre as cabines. Ele acabou de ganhar a justa. 3-0. De novo. Ele precisa lavar o sangue e a maquiagem e o suor antes de cumprimentar o enxame de repórteres e fãs do lado de fora – todos nós precisamos.

O cheiro de sabonete atinge meu nariz: chá adoçado com mel, árvores frescas – aromas que eu não conhecia antes da morte de mamãe. É agradável. E eu detesto isso. Sigo o cheiro até ver costas largas brilhando no vapor, formadas por músculos e ossos e uma coluna esculpida na neblina, o cabelo platinado longo e molhado pendurado até a nuca. Estico o dedo.

– Você.

– *Putá mer...* – Cada músculo nas costas de Rax se contrai quando ele desliga a água abruptamente e se vira, seu rosto leonino pingando frenesi e pânico e água. – *O que você está fa...* Como...

Ele abaixa o olhar para si mesmo. Eu, não.

– Tenho perguntas. E você vai respondê-las.

– Você não pode simplesmente... – Ele pisca para afastar a água, tateando em busca da toalha franzida na parede da cabine e a enrolando na cintura. – Isso não é exatamente *educado*, sabe.

– Não me importo com educação. Seu corcel fala com você?

Rax gagueja.

– Isso é... Você está... Essa é realmente a sua pergunta? Você invadiu o vestiário enquanto estou pelado para me perguntar...

– Responda.

Sua risada nervosa ressoa no mármore.

– Quer dizer, ele faz um barulho alto quando as juntas enferrujam que parece um “*socorro*”...

– Ele consegue aprender palavras novas?

O sorriso de Rax some.

– Isso não é uma piada.

– Eu pareço uma piada para você?

– Não... Não foi isso...

– Quando você apaga na sela, vê *coisas*?

– Que coisas, exatamente?

– As memórias de outra pessoa.

Silêncio. Ele muda de posição no chão molhado.

– Talvez seja melhor você não perguntar isso a mais ninguém, certo? Faz parecer que você enlouqueceu.

– Responda ou pare de desperdiçar meu tempo.

– Caso tenha se esquecido, Hauteclare, foi *você* que invadiu o vestiário exigindo o *meu* tempo.

Eu o olho com raiva. Ele me encara de volta desafiadoramente, com suas sobrancelhas pretas e olhos de madeira vermelha. O vapor se acumula na minha garganta, por baixo da minha camiseta, entre os meus seios – grudento, doentio, sufocante. O cheiro do sabonete está em toda parte, o cheiro *dele* está em toda parte, e algo em mim não para de tentar alcançá-lo com garras e dentes e língua contorcida. *Algo faminto*. Perigoso. Por que diabos vim até aqui? Poderia ter perguntado a qualquer um, menos a ele... Não. Não estou exatamente falando com nenhum dos outros ginetes.

– É um não, então – consigo dizer. – Sobre as palavras do seu corcel.

– Definitivamente não. Há uma conexão entre o metal e a mente do ginete, mas isso é para a resposta háptica. Na sela, você deve se preocupar com duas coisas: sobrecarga e seu oponente. Só isso. Nada de memórias. Nada de palavras. Nada de nada.

– Você nunca sentiu alguma coisa lá dentro com você? Na sela?

– Bem, sim. Mas é o programa espelhando sua resposta sináptica... ou algo do tipo. Nunca prestei atenção nas aulas de corcelaria, mas tirei

nota máxima em todas as minhas práticas. Sem querer me gabar.

Meu olhar se estreita, e sinto o orvalho nos meus cílios. Ele não está mentindo.

Não preciso nem tentar penetrar a mente dele: Rax demonstra suas emoções com uma franqueza nojenta – nunca precisou se esconder, nunca precisou fugir. Propagandas, programas de entrevistas, holofotes: ele foi amado, não caçado. Vejo lembranças. Ele, não. Meu corcel fala comigo. O dele, não. Não sei de nada, mas sei que aquela coisa na minha sela não é só um programa de resposta – é algo mais avançado. Algo que *se lembra*. Se ele não ouve seu corcel falar, talvez não haja IA verdadeira em todos os corcéis. Será que Astrix modificou o Algoz do Paraíso? Será que foi ela que colocou IA verdadeira nele, não Dravik?

Meu vis de repente recebe uma mensagem, e o apito ecoa no mármore. Olho para baixo – finalmente, é o módulo de Jeria. Dravik voltou e acessou os sistemas. Cento e vinte segundos é tudo que tenho, mas posso escolher disparar a armadilha quando quiser. Eu me viro para sair.

– Nós poderíamos... – Rax se interrompe. – Você quer treinar comigo algum dia?

– Treinar com outro participante é proibido depois do início da Copa – recito.

Escuto o sorriso dele.

– É. Mas eu não me importaria de quebrar as regras por você.

Aprendi tanto apenas o observando destruir o manequim. Um treino de verdade com ele seria de valor *incalculável*. Sinto a tentação, então compreendo: ele não tem nada a perder. Já está destinado a vencer esse torneio. Alguém com o talento dele... Tenho certeza de que, mesmo que ele fosse pego comigo, encontrariam alguma lacuna para permitir que ele competisse. Mas os nobres estão aguardando ansiosamente pela menor desculpa para me eliminar da Copa. Só de sugerir um combate significa que ele é ignorante ou está tentando me expulsar de propósito.

– Não tenho interesse em passar um minuto a mais que o necessário com você.

– Porque você me odeia – afirma Rax.

– Você acha que meu ódio faz de você especial? – Solto uma risada

ridícula e amarga. – Você foi direto comigo quando nenhum outro nobre foi, então vou devolver o favor só desta vez.

Olho por cima do ombro com gelo e sal, sangue e gargantas, fogo e verdade.

– *Odeio todos vocês.*



Mirelle Ashadi-Hauteclare está em outro programa de entrevistas, logo após o show de uma corista. Ela é muito mais bonita que a estrela, com seu cabelo castanho alisado e um elegante vestido de ouro puro fechado no pescoço.

– A Copa Supernova não é um parquinho: Sevrith cul Freynille era um ótimo ginete, mas seu auge já tinha passado havia muito tempo. Seu corcel de ponta lhe ganhou tempo, ou, melhor dizendo, lhe emprestou tempo. O tempo também não está do lado de Synali. É só uma questão de dias até que ela seja derrubada da sela.

Papai a escolheu para montar pela família – ela é seu último vestígio, uma ponta solta com os olhos e o orgulho dele, e mais uma vez ela me faz queimar a arena de treinamento noite adentro.

– *synali sozinha. synali muito triste.*

Afasto as palavras do Algoz do Paraíso da cabeça. Ele está ficando melhor nas falas, formulando frases mais compridas, mas não importa. Por mais avançada que seja sua programação, por mais palavras que sua matriz produza... nada disso importa. É *meu* corcel, *minha* espada. Serei mais forte que ele, que Sevrith, que Mirelle e Rax – que cada nobre dessa maldita Copa Supernova. A mente é minha, o corpo é meu, e vou usá-los até que virem cinzas.

Vou usar tudo o que me resta para fazê-los pagar.

Meu peito está ofegante no hangar, minha respiração é quente. Tudo no treinamento pareceu mais difícil esta noite. Os engenheiros perfeitamente furtivos de Dravik estão negligenciando a manutenção, está claro – a sela estava fria e meus movimentos, mais rígidos, como se

as juntas do corcel estivessem enferrujando de novo. O metal geme quando o Algoz do Paraíso entra no maciço tubo de vácuo que dá no bunker de Dravik, passando pela janela em um borrão prateado e azul. Prateado e azul como a barra de um vestido. Será que Astrix está naquele hospital com eles, com Sevrith? Ou o corpo dela já...

Ela está em coma ou morta, mas eu a vi. Ela falou comigo.

Meus joelhos exaustos cedem. Olho para o meu reflexo distorcido no chão – *tão fraca que não consegue nem ficar de pé sozinha* – e me arrasto até me sentar apoiada na parede. Não quero pensar no que encontrei no vis de Dravik; cliquei em tudo que podia ver – pasta atrás de pasta, arquivos compartilhados, qualquer coisa estranha. Sua caixa de entrada estava fora de alcance – exigia senha –, mas o resto do seu vis estava suspeitamente limpo.

Então encontrei uma pasta nomeada Progresso, enterrada entre terabytes de registros de antigos jogos de xadrez. Dentro dela havia imagens do mesmo tipo que vi no prontuário de Sevrith: estranhos mapas de calor com marcações laranja e amarelas espalhadas sobre o cérebro de alguém. Cortes verticais. Cortes laterais. Não havia nem de longe tantos pontos pretos, mas notei que as imagens formavam uma sequência. A primeira era de três meses atrás – datada do dia exato em que acordei no hospital. A mais recente era de três dias atrás.

Todas elas tinham um nome no canto superior direito: WOSTER, SYNALI E.

A primeira imagem do cérebro era de uma cor sólida. Mas os buracos começaram a aparecer no final do primeiro mês, pequenos pontos se alargando ao longo das semanas – escuros e persistentes – até a imagem mais recente. Vi uma dúzia de buracos do tamanho de cubos de açúcar manchando todo o meu cérebro.

Um apito no vis estilhaça piedosamente meus pensamentos: NOVA MENSAGEM DE: **DESCONHECIDO**. Clico nela com dedos trêmulos.

RAX: *Assim é mais fácil que invadir meu banho. Além disso, você não precisa olhar para a minha cara. Todo mundo ganha.*

Persistente ele, não? Claramente acha que sou fraca – fácil de derrotar no campo e de levar para a cama. Ir para a cama dele só uma vez... Chuto o pensamento para longe, enojada. O suor escorre devagar pelo

meu peito, por cima da cicatriz, descendo pela minha barriga. **Bloqueie-o.** Meus dedos desviam do botão de bloquear para a caixa de resposta, e o corretor automático tenta três vezes me deixar mais educada do que quero ser.

SYNALI: *Vá se foder*

RAX: *Devo ir fazer isso em qual direção? Na sua?*

Engulo uma bufada de desdém. Suave. Experiente. Inútil. O fim se aproxima, um fim que só eu posso ver – cinco círculos restantes entalhados no mármore. Ignore-o.

SYNALI: *O que você quer*

RAX: *Um oi seria um bom começo.*

Pense. Seja direta.

SYNALI: *Não tenho utilidade para você*

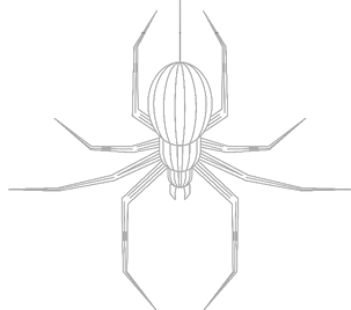
RAX: *Estou contando com isso, Hauteclare.*

–6. Votum

vōtum ~ī, *n.*

1. voto, promessa, dedicação

2. esperança, desejo



A igreja não perdoa. Mas permite que Rain esqueça por um tempo. Esta igreja na Ala Baixa é construída com lascas de madeira branca barata e sem tratamento – serragem e mofo e um brilho apagado de ouro oxidado cobrem tudo. Ele reza no altar pelas vidas que tomou: cada contrato da Mão da Aranha, cada tripulante do *H.R.M.S. Resistência* morto para que o Polaris pudesse invadir e tomar a nave.

Foi a única maneira de aceitarem-no em suas fileiras, o maior gesto de boa-fé que poderia realizar. Eles não tinham líder, apenas líderes – capatazes em subestações, testemunhas das condições fatigantes, enfermeiros e professores cansados da corrupção desenfreada. Eles tinham os mais diferentes antecedentes e treinamentos e pareciam dividir igualmente o peso da liderança. Nenhum chefão, nenhuma menção a algum nobre, mas Rain sabia – quando tudo mais falhava – como rastrear o dinheiro. A maioria dos seus suprimentos não era roubada, mas fabricada do zero de maneira limpa. Ele encontrou os registros das remessas com a ajuda de Verde-Um; as caixas vinham de umas poucas subsidiárias, todas parte da mesma empresa guarda-chuva chamada Idaxvale. Agora era só uma questão de descobrir qual nobre Casa era dona da Idaxvale e quais métodos fariam com que falassem.

Rain não precisava rezar quando seus irmãos e suas irmãs ainda estavam vivos – simplesmente ver seus rostos após um longo dia era sua absolvição. Mas eles se foram. Seu pai, seus irmãos e suas irmãs... toda a sua família se foi, exceto Verde-Um. E...

Fora das portas da igreja, uma holotela exhibe a Copa Supernova, o Algoz do Paraíso e a garota dentro dele rasgando o espaço; uma garota que ele *sente* como sua família.

Uma mulher mais velha reza ao lado de Rain, com a neta ao lado dela e um trabalhador das docas de meia-idade, sujo de óleo, depois delas. Por este breve momento, ele é um deles – os inocentes, as moscas, as presas – e é uma entrega agridoce embaçada pelo pó em seu nariz e pelas cores fortes com as quais ele contorna o mundo. No momento em que o Polaris o aceitou, ele voltou ao doce alívio do pó verde que eles ofereciam. Todo dia, ele luta contra o nervosismo da paranoia infundada trazida pelo pó, mas não há como ignorar os sinais verdadeiros. Ele os causou muitas vezes antes: primeiro os sussurros, depois os olhares, por último a ilusão de paz. A Teia está furiosa com sua saída. Ele tem apenas algumas semanas antes que os reclusos o encontrem – assassinos de assassinos, os melhores dos melhores.

No máximo, tem quatro semanas de vida. No mínimo, duas.

Uma condensação amarela escorre dos beirais decrepitos da igreja e forma uma poça nos degraus de aço gastos. A idosa assiste à neta brincando nas poças enquanto espera o bonde. Rain vê sem ver, como a Teia o ensinou – ela o encara.

– Seus olhos, querido – a senhora finalmente crocita, espiando seu capuz. – Muito bonitos. Parecem os daquela ginete.

Ela. Synali von Hauteclare. Rain já tinha visto o luto, mas nunca como o dela – o luto leva um tempo, mas ele quebrou a mente daquela garota instantaneamente, como se a mãe fosse a única coisa mantendo-a viva. Ele se lembra das cestas, dos cobertores gastos, dos cacos de vidro pendurados na janelinha decadente. Era um apartamento carinhosamente refeito com o amor da filha pela mãe.

Ele não sabe quem lhe deu aqueles olhos – o pai nunca falou sobre eles antes de morrer. Poucos de seus irmãos na Teia tinham olhos de cores vibrantes como as escolhidas pelos nobres, e, quando eles eram

pequenos, sussurravam para ele sob as cobertas:

– *Talvez você seja especial.*

– *Ou talvez você seja um bastardo. Nobres amam seus olhos de cores singulares e odeiam bastardos.*

– *Nobres odeiam todo mundo além deles, idiota.*

Um drone de vigilância passa zumbindo acima e corta a sua lembrança dolorosa pelo cordão umbilical.

– Ela é muito forte – insiste a idosa. – Uma bastarda, segundo os boatos. Plebeia, como o resto de nós. Mas está montando nos torneios, não está? É a primeira a fazer isso.

A mão de Rain dispara para o cinto; se deixar esta velha viva, terá uma semana a menos de vida, mas mesmo assim... ele relaxa. Os reclusos não são como ele – não matam testemunhas civis a menos que elas estejam defendendo o alvo.

– Quando vierem – diz Rain, com suavidade –, a senhora deve contar a eles tudo sobre mim sem hesitar.

A idosa levanta os olhos preocupados para ele, como se seus anos lhe tivessem dado compreensão.

– Você vai ficar bem?

A frase lhe soa como família. Como cuidado. Ela não vê, mas por baixo do capuz ele sorri pela primeira vez em meses – um sorriso pequeno, fraco, perdido e reencontrado.

– Quem sabe um dia.

34. Sepulcrum

sepulcrum ~ī, n.

1. túmulo, sepultura



Jeria me manda uma mensagem pela manhã. Está rodando um programa de pesquisa e descritografia nos dados que o módulo coletou do vis de

Dravik. Deve terminar em dois dias. Eu não lhe contei sobre as imagens de cérebros que encontrei. Não sei o que significam, mas sei que eram minhas. Esfrego a cicatriz na clavícula com o corpo tenso e dolorido conforme me dirijo à mesa do café da manhã. Dravik está sentado, bebendo uma xícara de chá e lendo o jornal. Ele me cumprimenta calorosamente.

– Bom dia, Synali.

Tiro a mão agora curada de Quilliam do caminho e sirvo meu próprio chá.

– Você não me falou que sua mãe sobrecarregou no Algoz do Paraíso.

Os olhos de Dravik disparam para Quilliam, que se encolhe contra a parede como se quisesse desaparecer. O príncipe se recupera com um sorriso mais apagado.

– Espero que isso não faça você desistir de montar.

– Ela ainda está viva? Naquela ala hospitalar com Sevrith?

Sua mão trêmula coloca apressadamente a xícara de volta no pires.

– Sim.

– Você disse que eles não estão tão condenados quanto pensamos. – Pressiono a rachadura na armadura dele. – Então você acha que eles vão acordar? É por isso que está fazendo tudo isso, para salvá-la...?

– Por acaso você não fuçou nas minhas coisas ontem, fuçou? – A interrupção do príncipe queima como gelo. Ele sabe que eu sei que ele já sabe a resposta.

– O que você está fazendo com o meu cérebro? – disparo de volta. – O prontuário de Sevrith...

– Não é o que eu estou fazendo com você – retruca ele instantaneamente. – Mas o que você está fazendo consigo mesma ao continuar montando.

Um buraco no meu estômago se contrai.

– Quanto mais montamos, mais o fluido nervoso se acumula, foi o que Rax disse...

– Rax? – Dravik dá uma risada mordaz. – Por que motivo está passando seu tempo livre com o inimigo, Synali?

– Ele foi o único até agora que me deu respostas.

– Ah, sim, muitas respostas. Na forma de morte. Você acha que os Hauteclare não vão perceber vocês zanzando por aí e tirar vantagem disso? Seria simples suborná-lo para envenenar você, ou dar ele algo que mataria você sem o conhecimento dele.

– Já falei que sei me cuidar... – solto por entre os dentes.

É a primeira vez que o ouço rosnar – um rosnado mais profundo, mais forte e mais assustador do que o meu poderia ser um dia.

– *E eu não posso protegê-la se você entregar sua fraqueza a eles de bandeja.*

As luzes da mansão escolhem bem este momento para piscar e apagar. Quilliam funga baixinho com o lenço no nariz e se espreme ainda mais na parede. Luna fica andando nervosamente entre mim e Dravik.

– Ele não é minha fraqueza – consigo dizer. – É uma ferramenta.

– Eu dei a você todas as ferramentas de que precisa.

– Mas nenhum manual de instruções.

A raiva nos olhos de Dravik se encerra atrás de alguma porta de ferro.

– Você não vai ver o rapaz Velrayd nunca mais.

– Você não é meu pai – lato de volta.

Eu me preparo para vê-lo cruzando a mesa e me batendo no rosto.
Faça isso. Faça como todos os outros.

Depois de um longo momento, o príncipe apenas se levanta.

– Você está certa. Não sou seu pai. – Meu triunfo se acende e se apaga no mesmo instante. Ele parece tão mais velho, mais grisalho, mais cansado quando coloca o casaco. – Se eu lhe der respostas, vai se abster de vê-lo novamente?

Meu aceno de cabeça é instantâneo, impensado.

Ele me leva até a aerocarruagem, e eu o sigo com passos arrastados – ainda estou preparada para vê-lo perder o controle. Nós nos sentamos de frente um para o outro em um silêncio desconfortável, Dravik olhando para a bengala e eu olhando para o meu vis, para as notícias rolando devagar: NAVE DE CARGA H.R.M.S. RESISTÊNCIA PERMANECE DESAPARECIDA. Logo, o cheiro se torna cinzas. A vista se torna uma torre preta se assomando entre o pináculo nobre e o anel plebeu. Eu a observo pela janela da aerocarruagem enquanto circulamos acima dela.

– Por que estamos em uma torre-cemitério?

– Há respostas aqui. Seu próximo oponente é da Casa Westriani, você se lembra deles do banquete. Eles comandam o sistema de torres-cemitério da Estação inteira.

– E estou aqui para tomar um agradável chá com eles, suponho.

Um sorriso triste repuxa os lábios do príncipe.

– Sua raiva é extremamente mal dirigida, mas seu senso de humor está sempre intacto.

Não consigo evitar uma risada suave, e a tensão sobre nós parece se dissipar um pouco. Nossa carruagem pousa não na plataforma polida da recepção, mas na base da torre, atrás da elevação de aço de um bunker de manutenção. Dravik mexe no vis, mas não faz menção de sair.

– Meu colaborador estará aqui em breve para nos acompanhar até lá dentro.

O mesmo colaborador que cortou Palissa Trask-Hauteclare? Não – alguém diferente cada vez seria a maneira mais limpa de fazer as coisas,

e se tem uma coisa que Dravik é, essa coisa é limpo. Nós esperamos. Eu penso. E então penso em voz alta.

– A Rainha Astrix... você a vê, não vê? É com ela que você fala. Para quem você olha.

Ele fica em silêncio enquanto a aerocarruagem zumba abaixo de nós e a torre-cemitério cospe fumaça acima. Ele permanece inescrutável e então, de repente, se revela: seus ombros se afundam.

– Não sei o que vejo. Sou louco, lembra?

– Mas...

– Por favor, Synali, pare de perguntar sobre ela. Dói. Com certeza você entende.

Claro que entendo. Só pensei... Ele é *mais velho*. Ele está tão distante do evento... Achei que o tempo o teria curado – *tive esperança*. De que o tempo me curaria. Mas uma garota que vai morrer depois de vencer a Copa Supernova não tem tempo para se curar, tem? Ela vai morrer com as feridas ainda abertas.

Uma mulher baixa de túnica e touca de trabalho emerge do bunker, dando um sorrisinho forçado para o príncipe e nenhum para mim. Ele sai da carruagem com movimentos precisos, e eu o sigo. A mulher faz uma reverência.

– Devemos nos apressar, senhor. O último carregamento está para sair.

Dravik assente.

– Mostre o caminho.

Nós a seguimos para dentro; paredes velhas de aço, luzes brancas que lembram uma clínica, cheiro de ferrugem. A mulher nos guia rapidamente por corredores longos e sinuosos, e não deixo de notar a distinta falta de segurança – não há guardas nem drones com câmeras. Será sempre assim? Ou isso é só para nós? Passamos por um padre completamente ornamentado, segurando um cetro projetado emitindo uma luz laranja. Ele faz uma reverência para nós, tocando a testa. A mulher faz uma reverência em resposta. Dravik sorri. Eu observo. O que quer que seja este lugar, ele claramente é sancionado pela igreja.

Então entramos na sala que o padre acabou de deixar.

É menos uma sala e mais uma caverna absurdamente gelada.

Ventiladores fazem um barulho constante e pilhas de contêineres de metal do tamanho de um carro do bonde ocupam o espaço que vai do chão ao teto – a caverna está abarrotada. Caminhos estreitos se contorcem entre os contêineres, pessoas em jalecos médicos com pranchetas holográficas circulam sem parar. Elas murmuram, conversam umas com as outras, abrem e fecham os contêineres para verificar seu interior. Um raio de luz entra em um contêiner e ilumina uma pele – comprida, congelada, brilhante. *Membros*.

Meus pés ficam imóveis.

– As coisas parecem agitadas esta semana – diz o príncipe amigavelmente.

A mulher dá um sorriso de resignação.

– Sim. A violência do torneio é sempre uma tribulação sazonal para nós. Você pode imaginar como as coisas pioram durante a Copa Supernova: sífilis, intoxicação alcoólica, overdoses de pó, feridas de brigas... Parece que os moradores da Ala Baixa sucumbem aos vícios facilmente.

Meu sangue ferve pela maneira como ela fala. Dou um passo à frente – o braço surpreendentemente forte de Dravik dispara, bloqueando-me na altura do peito.

– Eles já foram marcados para o transporte? – pergunta ele, com um sorriso tão largo que seus olhos viram fendas.

– Estamos marcando os últimos lotes, sim – a mulher olha para mim com desconfiança –, depois estarão prontos para o envio.

Minha cabeça está girando – deve haver *milhares* de corpos aqui. Milhares, todos da Ala Baixa, todos sendo enviados para algum outro lugar. Não vão ser queimados como deveriam, em sinal de respeito como acreditamos que se faz. Outro contêiner se abre – torsos com cabeças faltando *cabeças faltando cabeças faltando*. Não consigo mais respirar. As urnas nas torres-cemitério, as urnas que as pessoas visitam para ver seus entes queridos... A mulher aponta para um contêiner sendo preso por projeção a um drone, exibindo selos de duas Casas lado a lado em cores vivas e arrogantes. Um é laranja e cinza-escuro – um corvo com duas cabeças – e o outro é inequivocamente um dragão roxo e dourado. Westriani e... Ressiminus.

Dravik mantém os olhos na mulher.

– Estou certo em supor que estes contêineres são para o jardim do rei?

– Sim. Enviamos para os jardins de várias outras Casas durante a semana, mas sábado é a remessa do rei. – Ela faz uma pausa criteriosa. – Eles foram *higienizados*, é claro.

– É claro – concorda Dravik, com uma risadinha.

Enterro os dedos na manga de Dravik. Os gramados verdes de todas as mansões nobres que vi, as lindas flores, as árvores brancas e altas que achei maravilhosas – a grama no banquete sob meus próprios pés. Por baixo dos pés privilegiados deles há *peessoas*. Eles não as queimam. Eles as *usam*. A urna de mamãe... Mamãe está...

– Ei! Quem deixou esses ratos entrarem? – A voz penetra o recinto como uma trombeta orgulhosa quando um homem familiar aparece: ele tem um halo de luz negra na testa e cabelo como fogo, e minhas entranhas ficam *em chamas*. Olric. Ele não mudou nada desde o banquete, quando quase me estrangulou. Sua mandíbula ainda é como uma rocha, e seus músculos de ginete estão mais evidentes no macacão ornamentado.

– Lamento terrivelmente, Sir Olric. – Dravik faz uma mesura para ele. – Mas minha ginete aqui estava ansiosa para encontrá-lo de novo antes da sua justa amanhã.

Eu sou a desculpa. As sobranceiras de fogo de Olric se estreitam para mim; meus olhos de gelo se estreitam para ele.

– E qual o motivo dessa ansiedade? – pergunta ele com sua voz metálica.

– Hum, não sei – cerro os dentes –, mas a vitória não é tão doce se não vejo a cara do perdedor antes.

Noto um espasmo na mandíbula dele, como se ele fosse dar uma mordida por instinto. Cada gota de intuição dentro de mim grita para que eu mantenha os olhos nele a todo custo – se eu desviar o olhar, ele vai atacar. A família dele faz isso: orchestra a coisa toda. A família dele deu o corpo da minha mãe para os nobres usarem como adubo.

A risada de Olric não chega até os olhos quando ele aponta o dedão para os contêineres.

– Vitória? Uma bastarda como você não vence. Você fracassa. Sangra. Apodrece. Quando eu a matar amanhã em nossa justa, talvez eu calcule mal e bata forte demais, é para cá que vou mandar você. Enfiar minha lança na sua cabeça e sua cabeça em um belo contêiner.

A mulher ao lado dele parece nervosa. Minhas unhas no braço de Dravik quase perfuram o tecido. O sorriso imóvel do príncipe de repente se alarga ainda mais.

– Parece que já estamos abusando da sua hospitalidade, Sir Olric. Não vamos mais impor nossa presença, tenha um bom dia.

Olric se mexe mais rápido que nós, disparando a mão feito um torno de tungstênio no meu antebraço. Sua palma está pelando, e meu corpo esfria novamente como no banquete, minha garganta dói; *ele poderia me esmagar*, quebrar meu braço com a mesma facilidade com que eu respiro, assim como tentou esmagar minha traqueia. Os dedos de Dravik apertam a bengala imperceptivelmente, mas Olric me puxa *para a frente* e não tenho escolha.

Para a frente.

Tropeço, dura e implacável, sentindo uma coisa familiar em relação aos homens; posso sentir o cheiro dos cadáveres nele. Fique parada, não se esquive – nenhum deles merece seu medo. Olric destampa uma caneta de luz negra e risca meu braço: uma assinatura. Um estigma. Uma *marca* em uma peça de carne. Seu sorriso é todo mandíbula, todo dentes.

– Meu autógrafo. Esqueci de te dar da última vez.

Só então ele permite que eu me afaste. A mão repentina de Dravik nas minhas costas me guia. O corredor ecoa meus passos entorpecidos conforme a porta da caverna de cadáveres se fecha atrás de nós. Esfrego a tinta de luz negra freneticamente com a outra manga, mas ela não sai.

– As urnas nos cemitérios... – disparo.

– Cheias de cinzas de animais – responde o príncipe, com gentileza.

Eu estava certa, mas é uma sensação oca.

– Quantas pessoas sabem disso?

– Só algumas: os líderes da Casa Westriani; seus empregados, mantidos em coleiras; os jardineiros-chefes de cada Casa; os arcebispos da igreja. E meu pai, claro.

O pai dele, o rei. A grama amarelada, as árvores mirradas da Ponta do Luar para as quais olho todo dia ao acordar... Ele recusa o adubo. É por isso que seu jardim está morrendo.

– As fazendas da Ala Média, os parques...

– A Ala Média é autossuficiente. Esses contêineres são apenas para os jardins dos nobres.

Inspiro carvão, expiro fogo.

– Eles não tinham cabeça.

Dravik sorri sem alegria.

– Curioso, não é? Esses são os únicos contêineres que nunca consegui rastrear. Eles são muito meticulosos e apagam os registros de transferência dessa parte do corpo em particular.

– O que fazem com elas?

– Meu melhor palpite é que as levam para algum lugar debaixo do *oceano artificial*.

– Por quê?

O príncipe abre a porta para a luz pálida do sol e o cheiro acre de coisa queimada se arrasta para dentro. Aqueles ridículos rumores que ouvi no Beldeaux sobre o rei alimentar um monstro embaixo do pináculo nobre com meninos de rua voltam como uma enxurrada – não pode ser. Na parte mais baixa do pináculo nobre está...

O oceano artificial.

Mas o que tem embaixo dele? Não deveria ter nada – só peixes exóticos e coisas do tipo. Por que eles iriam querer as cabeças? Por causa dos crânios? Dos *cérebros*? Os buracos no meu cérebro, no de Sevrith, no de todos os ginetes... O silêncio rodopia e uiva ao meu redor até o príncipe quebrá-lo.

– Espero que isso seja um lembrete, Synali.

Um lembrete – os nobres nos matam. Um lembrete – eles usam nossos corpos como gado, como adubo, como combustível. Um lembrete – os nobres são nobres, e nós somos outra coisa. Há uma nova fogueira lambendo meu peito, e as chamas em velhas marcas de queimadura reacendem a cinza ainda mais velha.

– Lembrete anotado, Vossa Alteza.



Rax me manda uma mensagem. Não a abro.

O autógrafo de Olric não pode ser lavado. Mas pode ser raspado até sair.

Os gemidos de Luna ecoam no banheiro de mármore. Passo gaze ao redor do sangramento e pego o cão-robô no colo. É a primeira vez que ele me deixa fazer isso, e eu o levo para a cama e adormeço com ele nos meus braços machucados, sentindo o metal se aquecendo levemente em contato com meu corpo.

A voz aguda e suave do Algoz do Paraíso ecoa na minha mente, cantarolando uma música que conheço – uma canção de ninar que mamãe costumava cantar. Ela a inventou. É uma canção que o corcel não poderia saber, a não ser que tenha sido ela algum dia, ou eu... ou que também tenha visto as minhas memórias.

O medo tenta me controlar, mas a melodia me devolve a pureza.

35. Tempestas

tempestās ~ātis, f.

1. porção, ponto ou intervalo de tempo

2. tempestade



Estou parada do lado de fora de uma torre-cemitério da Ala Baixa vendo ninguém queimar.

Minha respiração é branca no silvo ritmado do dióxido de carbono inapropriadamente ventilado – não estamos bem na época da Folia de Inverno, mas estamos perto. Sinto o eterno cheiro de lixo podre no ar. A condensação amarela se agarra nos edifícios, nas calçadas, em cada fenda entre os dois como crostas duras e calcificadas. Aqui me sinto em casa – entre a podridão e manchas de tabaco e cacos de vidro.

Eles nos mantêm como animais e nos usam como animais.

A torre-cemitério repousa desgastada do outro lado da rua ao lado das placas de neon: lojas de penhores, apotecários, barbearias do tipo mais carnicheiro – todas pairando, esperando, implorando coloridas por migalhas. Mais acima, há incontáveis propagandas holográficas giratórias de aerocarruagens e chás e sistemas de purificação de água, luxos a que ninguém que vive aqui jamais poderá ter acesso. A Copa Supernova é exibida sem parar – a primeira justa de Sevrith ainda está passando. Ele pisca para mim.

Eles não vão deixá-lo descansar.

Fico parada na frente da torre-cemitério assistindo às pessoas que entram e saem em trapos, aos prantos, de luto. Elas não sabem que pranteiam ossos vazios; não sabem que os nobres tiraram até mesmo essa dignidade de nós. Onde foi parar o corpo de mamãe? Será que agora é uma flor no jardim de algum nobre? Eles falam amorosamente com ela, a regam e a colhem e a arranjam de maneira cuidadosa em um vaso?

Onde foi parar a cabeça da minha mãe?

Cerro os punhos para impedi-los de tremer. Olric é meu próximo oponente. Ele me odeia mais que Yatrice. E é menos educado. Só consigo pensar na base de dados, no registro de quantos ginetes foram mortos por outros durante alguma justa. É raro, mas acontece. E é considerado “lícito”

Um bebê chora em algum lugar e o bonde passa gritando pelos trilhos distantes que se entrelaçam acima, bloqueando toda a luz solar artificial. Vejo um drone de oração ao longe em uma igreja dilapidada, o brilho distante de uma holotela exibindo imagens das últimas justas da Copa Supernova. A terceira de Mirelle. Ela venceu, claro, com movimentos graciosos como uma dança.

Uma senhora espera ao meu lado, sentada em um tapete gasto com jarros de ratos-toupeiras-pelados fritos expostos à sua frente, à venda. Seus dentes amarelos denunciam o consumo de cerveja ocre feita com seu próprio mijo – que geralmente é mais segura que a água bombeada. Talvez ela me conheça, talvez não, mas não diz nada, nem eu. Ficamos assistindo à torre-cemitério soprar fumaça.

A velha crocita ao meu lado:

– E então, moça? Vai entrar?

Não resta nada na urna de mamãe, mas restam cinco círculos no mármore. Deslizo meu vis sobre o da mulher e transfiro créditos suficientes para comprar todos os ratos fritos e garantir sua sobrevivência por mais um mês, então lhe dou as costas.

– Ainda não.

Meu vis apita: Jeria. Abro a mensagem instantaneamente, embrenhando-me mais no beco para ler com privacidade.

JERIA: *Ei, Synali! Estou com seus resultados, mas eles são meio*

estranhos.

SYNALI: *Como assim?*

JERIA: *Bem, nunca vi uma IA verdadeira, mas sei o tamanho que ela deve ter, e a assinatura de rede dessa IA é cinco vezes maior. Então... ela é REALMENTE avançada. Levaria uma vida inteira para fazer algo assim. Quem a criou era muito bom. Digo “era” porque a pessoa deve estar muito velha agora. Ou morta.*

Eu estava certa. Dravik está usando IA verdadeira, mas ela é mais velha que ele. Astrix deve tê-la criado. A voz da senhora ecoa na rua:

– Rato-toupeira quente e saboroso!

Meus dedos se movem num borrão.

SYNALI: *Onde ela está localizada?*

JERIA: *Esta é a parte estranha: sua unidade de processamento não está em nenhum dos sistemas da mansão, mas ela definitivamente se integrou a eles. Está agindo como uma barreira – um monte de firewalls incrivelmente complexos. Exceto que... não está tentando manter nada do lado de fora. Parece que está tentando manter alguma coisa lá dentro. Absorvendo e embaralhando os sinais de saída.*

SYNALI: *Está tentando manter o que lá dentro?*

JERIA: *Não sei. Uma assinatura não diz nada específico. Acho que a maior parte do tráfego é dedicada a alguma coisa embaixo da mansão. Um corcel, talvez.*

SYNALI: *Então é isso. TEM uma IA verdadeira dentro do corcel*

JERIA: *Não, desculpa, é difícil de explicar; ela está interagindo com os sistemas do corcel de modo remoto, mas não está fisicamente localizada no corcel. Está em alguma coisa menor, uma coisa móvel. Um drone, talvez? Você viu algum por perto?*

Retraço meus passos para a estação de bonde, a cabeça fervendo com as possibilidades. Será que Dravik a esconderia no vis de Quilliam como uma maneira de desviar a atenção? Não – Jeria teria me dito se estivesse em outro vis. Não vi nenhum drone no terreno – nem de limpeza ou de caça. Uma coisa móvel, uma coisa menor que o Algoz do Paraíso...

Meus pés param nos degraus que levam às maciças portas flanqueadas da Ponta do Luar. Dou uma bufada tão silenciosa que mal a sinto sair – como não enxerguei antes? Cruzo a soleira, e uma coisinha de ouro vem

me receber, como sempre, abanando o rabo e brilhando os olhos de safira e sapateando as patas enferrujadas no chão de mármore com animação. Velho, estimado, um presente para um príncipe – uma IA verdadeira dada a Dravik por sua mãe. Literalmente um cão de guarda, guardando sua segunda melhor criação.

Eu me ajoelho e acaricio a cabeça de Luna.

– Olá, pequeno.



Dravik está com o vis aberto quando me aproximo dele no salão de torneios. Os anjos entalhados no teto observam meus movimentos enquanto a pequena multidão se reúne nas alcovas segurando seus livros de autógrafos. O rosto do príncipe é plácido.

– Seu oponente é...

– Eu sei – interrompo.

Ele ajusta o plastrão.

– Tem certeza de que não precisa dos meus conselhos?

– Eu me recuso a confiar nos conselhos de alguém que não me conta toda a verdade.

Ele suspira.

– Synali...

– Tem uma IA verdadeira naquele cachorro. Foi sua mãe que fez.

Ele fica em silêncio. Eu, não.

– É por isso que o Algoz do Paraíso fala comigo. É por isso que vejo as lembranças dos outros quando apago na sela. E o Algoz do Paraíso vê as minhas. A IA está afetando nós dois. Você *sabia*. Você sabia que isso aconteceria, e nunca me contou.

Suas palavras são cuidadosas:

– Saber disso teria ajudado você a vencer?

Dou uma risada amarga.

– Teria feito eu confiar em você uma vez na vida.

Então uma garota sai de uma alcova, hesitante, com o livro de

autógrafos em mãos e os olhos brilhando para mim, mas um homem ao seu lado a puxa de volta. Alguém na pequena multidão está usando um vestido de babados azul e prateado, eu pisco, e ela já virou uma esquina. A IA verdadeira não explica por que eu comecei a ver a silhueta de Astrix na vida real, seus pés invisíveis na grama, ou por que o príncipe também a vê – nossas mentes não são máquinas. Mas ambas as nossas mentes estiveram em uma sela antes.

– O que a IA faz além de me causar alucinações? – exijo saber. – Ela torna o Algoz do Paraíso mais rápido que os outros? Mais forte? Deve ter algum benefício, se você a deixa rodando sem controle desse jeito.

– Você parece quase ofendida – diz Dravik calmamente. – Como se achasse a ideia repugnante. Vencer não é a coisa mais importante, Synali? Ou está atraída pela ideia do que eles chamam de “honra”?

Dou uma bufada de desdém.

– Eu não me importo...

– Claramente se importa. Se eu disser que a IA não faz nada para melhorar o desempenho do Algoz do Paraíso, você não vai acreditar, mesmo depois de eu lhe ter dado respostas.

– Você fica me dando respostas para perguntas que não faço e ignorando as que eu faço.

O silêncio dele é resposta suficiente. Falta de confiança suficiente. Eu sabia: ele quer poder acima de tudo, como os outros. Ele finge estar do meu lado, mas quer me manter no escuro para me manipular. Isto é tudo que sempre fui para ele – não uma igual, mas um fantoche.

Continuo caminhando para o hangar.

– Ele costumava ser chamado de dragão.

Minhas botas congelam no mármore, e eu olho por cima do ombro. Dravik observa as portas do hangar com o relevo de São Jorj.

– São Jorj e o dragão – pressiona o príncipe. – Essa era a história pré-Guerra. Mas daí a Guerra acabou, e os reis começaram seu domínio, e a linhagem Ressimus adotou o dragão como símbolo. A igreja mudou a história para eles: de “*dragão*” para “*serpente*”. Para o inimigo. Um sol se torna uma supernova, e uma supernova se torna um buraco negro.

Estreito os olhos. Ele é enigmático, mas agora já aprendi – ele nunca é enigmático de um jeito inútil. Ele diz palavras por baixo das palavras, e

eu me esforço para ouvi-las.

– Há coisas neste universo que não morrem, Synali; só mudam de nome.



– Estamos aqui novamente, Gress, em outra fantástica justa preparada para os nossos espectadores!

– Fantástica é um sério eufemismo, Bero. Por conta da infelicidade de outro ginete, a inexperiente Synali von Hauteclare continua na Copa Supernova! Hoje ela enfrenta ninguém menos que o herdeiro da Casa Westriani, Sir Olric von Westriani! Será que ele vai queimar Synali ou ela vai montar o fogo até obter mais uma vitória não convencional? Fiquem ligados na primeira rodada, amigos!

A sela parece diferente hoje, mais dura. Menos como gel, mais como plástico. Eu não cedi ao Algoz do Paraíso – não dividi com ele nenhum pensamento a não ser os latidos dos movimentos durante o treinamento. Nenhuma brandura desde Sevrith, desde a lembrança que enfiaram em mim, desde que descobri que seu fluido é parte do inimigo. Mesmo assim, ele me procura, tocando seus sinos distantes e mal audíveis, quase doentios.

– *to...*

Corto a palavra com fronteiras de ferro, mas o Algoz do Paraíso não recua. Como a fome, o corcel continua pesando em mim – uma pressão leve no perímetro da minha mente, nos meus ouvidos. Sinto a necessidade de desentupi-los, mas não consigo nem virar a cabeça, nem flexionar a mandíbula – nenhum movimento físico que faço alivia a pressão. O chão do hangar se abre, e nós caímos no espaço; o fluido nervoso está gelado e grudento ao meu redor. As espirais prateadas se movem preguiçosamente, tendo dificuldade para se fundirem à vista transparente como fazem normalmente.

– *alguma coisa está errada.*

Sinto nossa sensação combinada, mas eu me separo dela rapidamente.

Uso os jatos para chegar até a plataforma sideral, me acoplo e espero meu oponente aparecer. Ele aparece com seu corcel laranja cortando o preto do universo como uma chama vermelha e quente. Os detalhes do corcel de Olric são da cor das cinzas, das cinzas negadas – um esquema de cores que é uma piada doentia e distorcida para um ladrão de tumbas...

Respire. O peão só se move para a frente.

O corcel de Olric é da classe Contratorpedeiro – o que lhe falta em velocidade é compensado em potência e manobrabilidade das juntas. Ele é feito de cilindros: membros redondos e retos que desafiam todas as dinâmicas do vácuo; o peito é um barril mais grosso que o Algoz do Paraíso dobrado ao meio com o selo do corvo cinza de duas cabeças sobreposto. Seu elmo cilíndrico lembra um tubarão-martelo e, ao contrário da maioria, o corcel dele tem um olho – uma única fenda pequena do lado direito parecendo uma íris lustrosa. Ele aguarda na sua plataforma. Há um borrão quando ele experimenta rotacionar suas mãos cinzentas em velocidades estonteantes, sem esforço algum. Fecho a mão, estralando cada dedo em uma resposta lenta.

– No lado azul temos uma verdadeira explosão de homem, um ginete que pulsa potência, presença e prestígio! Conhecido em toda a Estação por sua personalidade franca, ele fará de tudo para vencer! Façam barulho para o ilustre Olric von Westriani da Casa Westriani e seu corcel, o Dançarino das Chamas!

O grito da multidão ressoa no meu elmo. O Dançarino das Chamas faz uma leve mesura para as câmeras-drones, lutando contra a plataforma magnética, mas determinado mesmo assim.

– Do lado vermelho está uma nova adição na lista deste ano, ela que surpreendeu todos com seus métodos e suas manobras incomuns! Uma ginete imprevisível, sem limites e ousada, que sacudiu a chave A da Copa Supernova com suas vitórias nada ortodoxas. Vamos dar uma salva de palmas para Synali von Hauteclare da Casa Lithroi, montando o Algoz do Paraíso!

O público solta seu rugido, ansioso como sempre para me ver falhar – para me ver ser devorada. A lança prateada se materializa na minha mão, e uma lança cinza como um canhão aparece na mão do Dançarino

das Chamas.

Os comentaristas cacarejam:

– Que comece a contagem regressiva para a primeira rodada, em nome de Deus, do rei e da Estação!

Tenho certeza, sem sombra de dúvida, de que Olric von Westriani grita junto com a multidão.

– *Em nome de Deus, do rei e da Estação!*

Eles gritam para um deus que nos abandonou. Para um rei que usa nossos mortos ao seu bel-prazer. E para uma Estação que se conserva entretida.

36. Ulciscor

ulciscor ~ciscī ~tus, *tr.*

1. vingar-se

2. exigir retribuição



Meu coração bate junto com a contagem regressiva. *Três, dois, um...*

A plataforma nos libera.

avançar.

Os jatos nas minhas costas pipocam. Eles já se recusaram a funcionar e já se ativaram em um piscar de olhos, mas nunca pela metade, nunca fazendo o arquejo incerto de agora – cuspidando e rosnando enquanto a maldita pressão do Algoz do Paraíso implora ao meu redor por algo sem nome...

– *por favor por favor **por favor**.*

avançar.

Forço o pensamento, pressiono-o com força feito as borboletas na espuma no escritório de Dravik. Algo reage em mim – um tendão estala da maneira errada –, mas consigo fazer os jatos ganharem vida, e começamos a nos mover depressa, queimando através do espaço, e isso é tudo de o que preciso. Só preciso da vitória.

Lança na mão. Meus dedos vacilam, gotas de suor já estão se formando. Por que ela está tão *pesada*?

Olríc não é Sevritth – ele só ganha ímpeto de fato quando se aproxima do gerador de gravidade. Se eu tirar os olhos dele por um segundo sequer, ele vai me abocanhar – a boca de um predador e a lança cinza na sua mão são como um dente afiado prestes a acabar com tudo. A força G me puxa pedaço por pedaço, a boca se projetando, os lábios se projetando, a náusea. Engula. Prepare-se com calma. Meus dedos não param de escorregar na lança, o dragão gélido do espaço tenta arrancar minha única arma. Duas mãos. Aposto tudo. *tudo o que importa é a vitória.*

O metal laranja de Olric esfria no brilho azul do gerador de gravidade perto o bastante para que eu ouça seu plasma vermelho estalando, e logo antes do impacto, ele *despenca*. Desliga todos os jatos. O impulso do gerador o carrega para a frente... e isso é tudo que eu vejo.

O resto, eu sinto.

O gemido entre os dois corcéis abafa meu grito, a explosão de luz é indistinguível das estrelas brancas estourando violentamente nos meus olhos. Meu peito afunda – *ele me atingiu, atingiu meu peito* –, e a dor se espalha por todo lugar, por cada fenda. Não consigo inspirar. *Tente de novo*. Dou um suspiro seco, alguma coisa piedosamente se desgruda, e meus pulmões inflam como sacos de papel molhados, e parece que estou respirando gelo líquido. A subida é suave, o placar brilha no meu visor: *Vermelho, 0. Azul, 1.*

– ... uma manobra sem precedentes, o juiz considerou o ataque de Olric lícito! Vamos ver o replay, amigos!

Eu me obrigo a olhar para a tela em meio à agonia: eu, o Algoz do Paraíso – ele, o Dançarino das Chamas. Nós dois nos movemos em câmara lenta na direção um do outro. Ele escorrega a lança cinza pelos dedos, agarrando a ponta fina em vez da haste. Todo o impulso que ele ganhou na descida se transfere para a ponta cega da lança e atinge o meu centro, e a couraça prateada do Algoz do Paraíso se amassa como se fosse papel-

-alumínio. Uma cicatriz escura se abre no lado esquerdo. Olho para cima. Ali, na minha visão da eternidade, um garfo de metal se projeta – o prateado permanente ilumina o espaço escuro, poeira e lascas de metal são puxadas para o nada; uma rachadura na gaiola de vidro da

minha cabine.

Olríc rompeu meu casco. Pânico. *Não entre em pânico*. A manobra que aquilo exigiu, os cálculos – ele é mais habilidoso que qualquer um que eu tenha enfrentado até agora. Sevrith poderia tê-lo derrotado, mas eu?

– ... repito, amigos, o juiz considerou a manobra de Olric von Westriani totalmente lícita! Synali von Hauteclare foi atingida pela lança dele e somente pela lança! Segundo todas as regras, é um ponto perfeitamente legítimo!

Outra holotela aparece: um elmo laranja.

– Olhe para você! – grita Olric. – Uma rodada, e você não é nada! Está morta, bastarda. Você *realmente achou* que podia fingir ser uma de nós. – Ele se engasga ao inspirar. – Você... você não consegue nem me evitar. Não consegue nem acertar as manobras. Você não é *nada*!

Olríc corta a comunicação no meio da sua própria risada. Ele farejou o sangue na água.

Devagar, em meio a rangidos, passo a lança para a outra mão, e cada dedo é como ferrugem. O sistema de alarme do Algoz do Paraíso anuncia em uma voz fria:

– *Alerta: detectado rompimento no casco. Pressurização crítica. Níveis de oxigênio caindo. Manutenção imediata recomendada. Alerta: detectado rompimento no casco. Pressurização crítica. Níveis de oxigênio...*

Pense. Os trajes de ginete têm uma reserva de oxigênio, mas não são feitos para resistir ao vácuo; foram desenvolvidos para a sela, não para o espaço. Não sei quanto tempo tenho, mas não é muito. A voz de Rax soa na minha cabeça: “*Na sela, você deve se preocupar com duas coisas: sobrecarga e seu oponente. Só isso*”. Por que pensar nele agora? Vou morrer aqui, e tudo o que consigo é lamentar nunca ter tido a chance de enfrentá-lo. De falar mais com ele.

Inútil.

De repente, a subida se torna a descida – é rápido demais, não estou preparada. Tudo treme: as costelas de metal do Algoz do Paraíso, o fluido nervoso, meu corpo no traje. A fissura do casco aumenta aos poucos com a velocidade, e o espaço se abre cada vez mais.

Olríc está se movendo com uma postura mais estreita – mirando no torso e nos braços. Cada centímetro de mobilidade do Algoz do Paraíso é um esforço, todo o meu peso nos puxa em movimentos que antes eu teria feito com um pensamento leve como uma pluma. É como gritar através do concreto para alguém do outro lado, berrando com todos os meus decibéis: *esquerda. direita. ajustar mão. lança para cima.*

– *por favor, por favor por favor por favor...*

Impacto.

A luz entre os corcéis explode enquanto eles gritam. Meu braço esquerdo absorve o impacto, meus ossos zunem até que algo arrebenta. *De novo.* Por um momento suspenso, farpas prateadas cintilam na luz branca; a haste da minha lança está completamente destruída, mas a ponta laranja da lança de Olric se quebra e sai voando. Consegui bloquear seu golpe.

Nos separamos para a subida, mas não consigo sentir meu braço esquerdo. Levanto os olhos para a tela de status: *Vermelho, 0. Azul, 1.* Não fiz pontos, mas pelo menos o impedi de me abrir ainda mais.

A holotela de Olric aparece.

– Você simplesmente não sabe quando se render! Estou tentando lhe fazer um favor, sua escória... Não está cansada de não ser nada?

– *Alerta detectado: rompimento no casco. Pressurização crítica. Níveis de oxigênio caindo. Manutenção imediata recomendada...*

O frio do espaço me invade com toda a força – minha respiração embaça totalmente o elmo. Não consigo enxergar, a arena é obscurecida por borrões brancos e transparentes quando a respiração no visor congela e derrete. O fluido nervoso está tão rígido que espeta, as espirais prateadas mal se mexendo agora. A voz inflamatória de Olric penetra a névoa de dor.

– Sou a culminação de quatrocentos anos de linhagem sanguínea ininterrupta! Você não é nada comparada a mim, seu sangue não é nada, não tem nenhuma honra! ***Não tem nenhum valor!*** – Ele gargalha. – Não... retiro o que disse. Seu cadáver pelo menos tem valor, e vou garantir que seja bem usado.

Não me sobra ar para falar, mas tenho ar o bastante para levantar o dedo do meio para o comunicador.

Ele revira os olhos, que ficam inteiramente brancos.

– Sua vadia do cara...

Tenho ar suficiente para interromper a comunicação. Não consigo olhar para baixo, com os ossos no meu peito apontando na direção errada, a lança em pedaços nas minhas mãos. Ferimentos de verdade. Cacos de verdade. Tento ordenar que se unam.

de novo.

Minha tentativa se mostra inútil, vazia – nada se mexe, nada se junta. O Algoz do Paraíso está frio demais... eu o afastei mais do que deveria. A subida não dura muito. Não posso fazer nada sem uma arma, mas preciso mirar no elmo dele desta vez. Os acréscimos não são uma opção. Mirelle tinha razão – o tempo não está do meu lado; a fissura no casco vai me matar antes que Olric o faça.

– *Níveis de oxigênio críticos...*

Atinjo o ponto mais alto da subida, flutuando por um único momento pacífico, encarando o espaço. Um som terrível de algo arranhando surge nos alto-falantes do elmo – a pressão dentro da cabine finalmente está equalizando. Assisto horrorizada enquanto o prateado do metal quebrado além da minha sela range, se dobra e se abre de uma vez.

O dragão me come.

Quando uma pressão encontra o vácuo, o vácuo sempre ganha.

Cada órgão do meu corpo se choca no meu nariz conforme o vácuo me puxa da cabine *junto com* a sela na direção do metal serrilhado da brecha. *Dentes*. A sela é felizmente pequena o bastante para que eu passe raspando. *Faíscas, metal, faíscas*. Tudo é um borrão. Não sei dizer se a escuridão que vejo é o espaço ou um desmaio – está tão frio, o calor da sela se dissolve no espaço como espirais de umidade instantaneamente congelada, cada cristal prendendo dezenas das espirais prateadas no lugar.

A voz no meu elmo é automática.

– *Detectada flutuação livre. Sistemas de suporte de vida ativos. Vinte e cinco minutos restantes de oxigênio.*

A velocidade nunca diminui, não há nada para desacelerá-la – não há atmosfera nem gravidade artificial. A Estação vai ficando cada vez menor. Sou um míssil sibilante de fluido nervoso me afastando da arena

e do imóvel Algoz do Paraíso. *Pense, Synali*. Estremeço, sentindo a realidade fria em toda parte, o silêncio em toda parte.

algoz do paraíso?

O corcel não pode mais me ouvir – está longe demais. Tirar seu oponente da sela é vitória automática, mas ainda estou dentro da sela, então tecnicamente ainda estou no páreo. *Acho*. O preto dança nos cantos dos meus olhos – vou desmaiar. Vou perder de novo, se é que já não perdi. Cinco círculos não riscados e toda essa dor para nada.

O Algoz do Paraíso está em silêncio, e gritar seu nome mentalmente é como tentar mover um fantoche morto. *algoz do paraíso? estou aqui!*
ALGOZ DO PARAÍSO!

Sempre fui um fantoche. Um fantoche operado pelo desconfiado Dravik. Membros mortos. Urna vazia. Centenas de milhares de urnas vazias. *eles usaram todos nós*.

Minha raiva transborda para o fluido nervoso gelado, e começo a senti-lo se aquecer, as espirais se contraindo e contorcendo. Não vou permitir que essa dor seja para nada. **Não vou permitir que essa dor seja para nada.**

não está cansada de não ser nada?

A arena está tão longe – com o brilho azul do gerador de gravidade no meio, e o Dançarino das Chamas de Olric, um ponto laranja brilhante em um dos lados. O Algoz do Paraíso cintila prateado; tão pequeno, tão parado, tão morto.

venha.

As espirais prateadas ao meu redor se sacodem, espasmódicas. O Algoz do Paraíso permanece imóvel.

venha.

Nada. Meus pensamentos queimam meus pulmões, minha mente.

NÓS NÃO VAMOS SER NADA.

Ao longe, o prateado estremece. Muito baixinho, ouço fragmentos de uma palavra que não é minha.

– nós.

nós, repito mais forte. Outro tremor. Um brilho azul-claro se acende no Algoz do Paraíso, e ele voa até mim em meio a espasmos horríveis.

Eu o *atraio* à força com meu próprio cabo de aço de raiva, como se

conjurasse uma faixa de ódio, e ele segue a sensação através do espaço em uma velocidade abrasante. Mal posso ouvir seus sentimentos, sua voz, mas, quanto mais ele se aproxima, mais suave é o voo.

– *me odeia?*

você, não, corrijo. eles.

– *por que me afastou?*

As palavras do Algoz do Paraíso são muito mais simples que os sentimentos de tristeza desesperada por trás delas, e então percebo: eu posso deixá-lo triste.

Enquanto o corcel dispara na minha direção, com o peito-cabine machucado, aberto e vazio, me dou conta de que o manter distante o *entristeceu*. Como se fosse uma *pessoa*. O que quer que a IA verdadeira em Luna está fazendo com o Algoz do Paraíso, ainda é uma IA verdadeira – uma consciência feita por Astrix, viva e real – e, ao tratá-la como uma máquina, desconsiderando seus sentimentos e suas lembranças, eu a estou machucando. Como papai me machucou.

sinto muito, algoz do paraíso.

O significado de “sentir muito” me preenche, minhas memórias emergindo tão frescas como se tivessem acontecido ontem – sinto muito por não ter conseguido proteger mamãe, *sinto* algo sombrio e terrível: um pedido de desculpas que despedaça meu coração e depois brinca com os pedaços. Sem precisar de reiniciação ou desmaio, uma lembrança do Algoz do Paraíso pisca por trás das minhas pálpebras: dois velhos corcéis da Guerra – um A3 prateado e um A4 dourado – flutuando lado a lado em um campo de asteroides, machucados e acabados, mas dando as mãos. *Os últimos de nós*.

– *sinto muito também* – ecoa ele.

Como peças de um quebra-cabeça se encaixando, como uma mão deslizando em uma luva, o Algoz do Paraíso alinha a fenda em seu peito e engole a sela comigo junto. Desta vez, sei que devo ativar meu amortecedor de cabeça. A sela absorve a maior parte do impacto contra a parede da cabine do corcel, mas meus dentes ainda chacoalham no crânio. Imediatamente sinto uma conexão com ele novamente, e coloco minha – *nossa* – mão sobre a fissura. Com toda a nossa força de vontade, pressiono as bordas do metal juntas, tentando desesperadamente fechar

a fissura o bastante para impedir que a sela caia de novo para fora. Meu elmo capta as vozes dos comentaristas.

– ... manobra, Synali von Hauteclare conseguiu direcionar seu corcel para recapturá-la! Os médicos suspenderam o pedido dos corcéis de recuperação! O que dizem os juízes, Gress?

– Isso é inédito, Bero, mas estou recebendo... sim, a Regra de Wilstread de 3266 não se aplica aqui! A distância de noventa e oito pases que ela flutuou ficou abaixo do limite aceitável de cem! Repito, Synali von Hauteclare ainda está tecnicamente no páreo por apenas dois pases!

A esperança é uma distração. A execução é tudo que importa.

Onde quer que você esteja, Sevrith, vou fazer valer a pena.

Olríc já está à minha frente na descida, mas sou mais rápida que ele. Posso compensar a distância contra um Contratorpedeiro – tenho certeza disso agora. Volto voando ao arco invisível de gravidade da subida, deslizando para a corrente em que os destroços da nossa lança prateada flutuam. Agarro a ponta da lança em uma mão, segurando com a outra a haste quebrada com uma lasca afiada na ponta. Um punhal. Familiar. A descida me puxa para Olric, para o impacto, para o inferno. A explosão de luz, o gemido. Solto a ponta inútil da lança no espaço e recuo a haste. Vou ser atingida. Vai haver dor.

Mas é isso que significa montar, Astrix.

apunhalar.

Ele é mais forte, mas mais lento. Empurro a haste-punhal no olho solitário do seu elmo, e a lança cinza dele invade a fissura semifechada do Algoz do Paraíso tarde demais, ficando maior que o universo. Surgem faíscas incandescentes e o grito de metal no metal conforme ela se aproxima de mim – uma caixa escura aberta novamente.

Medo de novo, mas não dura.

Escuridão.

37. Vacuus

vacuus ~a ~um, a.

1. vazio, vago



Nenhum corpo na sala ousa respirar. As cortinas de renda dourada flutuam delicadamente na brisa, mas fora isso o Imperador da Aurora, a mansão Hauteclare, está mortalmente silencioso. Cada olho da família está grudado no vis, no corcel humanoide prateado e azul flutuando imóvel no espaço.

A lança escura de Olric von Westriani empala o Algoz do Paraíso sem vacilar. Os olhos de Mirelle se fundem ao holograma. É isso? Isso é tudo o que foi necessário para acabar com o incômodo que tem matado a família dela a cada uma das vitórias da impostora – a lança de um tolo estrondoso como Westriani? Depois da impressionante recuperação de distância que a traidora obteve, ela simplesmente morre na lança dele?

A pequena Maria, de sete anos, sacudindo seu laço dourado no cabelo enquanto balança os sapatos polidos no sofá, é a primeira a falar.

– Uau, isso foi tão legal. Ela morreu?

A avó acaricia a cabeça da menina com um murmúrio:

– Vamos torcer.

A mãe se recosta nas almofadas do sofá, virando o resto da bebida e fazendo um gesto para que o criado lhe traga outra. A decepção se

espalha como gelo pelas veias de Mirelle e a surpreende. Ela deveria estar *feliz* por Synali morrer. A impostora assassina matou a tia Palissa e o tio Balmoran. Mirelle não nutria amor nenhum por eles – a fraca Palissa sempre sorria para o seu pai e o desonrado Balmoran batia na esposa a portas fechadas –, mas a perda deles fez o luto ondular pela família como um todo.

O pai sorri para ela do outro lado da sala com dois outros homens, e Mirelle sorri de volta sem entusiasmo. Ela tem certeza de que o pai está feliz por a garota estar morta – ele tem encarado longas noites no escritório para recuperar a confiança do rei e os clientes que perderam na explosão da Gentech. Ele não falou disso com Mirelle, mas ela entendeu quando eles tiveram que abdicar da mansão de veraneio à beira do oceano artificial no nível do Porão: tinha alguma coisa errada com o dinheiro deles. Tinha alguma coisa errada com a morte do tio Farris.

– Charlez! – grita o primo Raoulle para o mordomo, com um sorriso largo no rosto cativante. – Precisamos celebrar! Merecemos uma rodada do vinho bom, acho.

A sala de estar se acende em conversas alegres, ainda assim algo no fundo de Mirelle se apegava à maneira como a traidora se movia no campo – destreinada, inexperiente, mas cheia de potencial não desenvolvido. Enganar Mirelle e roubar o Míssil Fantasma de baixo do seu nariz e montá-lo contra Rax... coisas vis e erradas, mas que exigem a vontade de aço de um cavaleiro. Quase todos os ginetes que decantam do corcel vacilam e precisam ser resgatados por drones – pois sua conexão com o corcel é fraca demais para ser recuperada –, e os ginetes que decantam mais que dez parses são considerados causas perdidas em definitivo. Mas a traidora se recuperou.

Mirelle teria gostado muito de se colocar à prova contra aquele eco de cavaleiro.

Este é o sentimento que a consome agora: pesar.

Pelo canto dos olhos, Mirelle vê a tia Gizelle se levantar – a viúva do tio Balmoran, grávida dele de novo, a barriga começando a aparecer. A princípio, Mirelle pensa que ela está se levantando para ver os gêmeos no berçário; nascidos com constituição fraca, eles precisam ficar

trancados em câmaras de oxigênio durante o dia para poderem respirar. Mas Gizelle não vai para a direita, na direção do berçário. Ela vai para a esquerda.

Mirelle escapa enquanto o vinho é servido e segue a tia pelos corredores de mármore a uma certa distância. A mulher entra na capela da família. *Deus?* Por quê? Mirelle fica parada um tempo na soleira do cômodo de madeira vermelha brilhando com vitrais e flores frescas, então hesitantemente se junta a Gizelle, que tem as mãos juntas no banco. A tia olha para cima.

– Ah, Mirelle. Eu só estava rezando.

– Por quem?

– Pela garota. – Gizelle sorri para a cruz acima. – Ela era mais corajosa que eu. Não pude salvar os gêmeos de Balmoran, e agora eles sofrem pela minha covardia.

O coração de Mirelle dói.

– Tia...

Gizelle toca a barriga com lágrimas em seus olhos lavanda.

– Aquela garota... Sei que ela matou Palissa, mas salvou este bebê de Balmoran. E quero que Ele saiba disso.

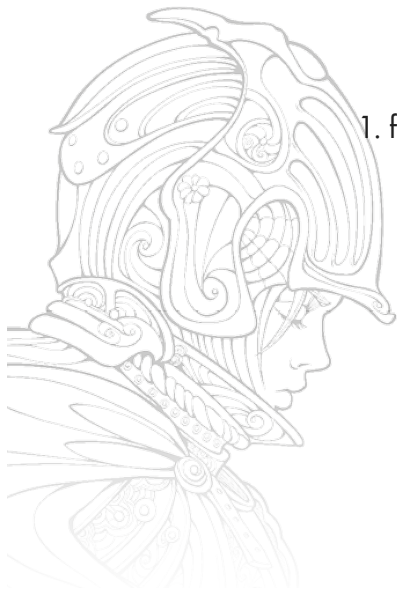
Mirelle abraça a tia em prantos. Deus conhece todos os corações, dizem os padres, e, naquele momento iluminado pelo sol, Mirelle sente algo assustador surgir no seu.

Dúvida.

38. Praetexo

praetexō ~ere ~uī ~tum, *tr.*

1. franjar, embainhar (como na tecelagem)



Acordo para luzes brancas, nanomáquinas se contorcendo por todo o meu corpo, frias e metálicas, parecidas com sanguessugas, vermes me comendo cedo demais. Estou em um hospital de novo — sei pelo cheiro de água sanitária e pelo apito dos meus próprios batimentos contra o silêncio. Meus olhos turvos captam uma confusão de cores, jacintos azuis e margaridas brancas em um vaso na minha mesa de cabeceira — flores iguais às que dei para mamãe no seu aniversário. Pisco novamente. Alguém está sentado à janela clara do hospital em uma cadeira aérea, os jatos zumbindo e a mantendo no ar. É um menino, não uma alucinação: é jovem, tem pernas finas, cabelo castanho macio e um sorriso como o dos anjos entalhados — está observando, ouvindo, sem demonstrar raiva nem alegria.

— Encontrei você — diz ele, com gentileza. — É você que está fazendo aquilo, não é? Confundindo-os.

Abro a boca para responder, mas tudo rodopia e seu rosto sorridente se derrete no borrão branco do teto. A realidade retorna junto com a dor: a cabeça latejando, o peito chiando e uma fadiga que atinge até os ossos.

— ...nali. Acorde.

Minha visão oscila até se estabilizar na água — estou de volta ao meu quarto, com cinco círculos não cruzados na minha parede e Luna, um borrão dourado ao pé da cama. Minha mão dispara instantaneamente para a clavícula — a cruz de mamãe ainda está aqui. Dravik está sentado ao lado da minha cama com as mãos cruzadas sobre a bengala e os olhos cinzentos em chamas.

— O que você fez com o Algoz do Paraíso? — pressiona ele. Preocupado com o corcel, não comigo.

Dou risada, sentindo os pulmões ainda mornos demais para conseguir sustentar o som por muito tempo.

— Fiz uma grande bagunça, não foi? Mas tenho certeza de que seus engenheiros experientes podem consertá-lo.

Sem dizer nada, ele projeta o vis para mostrar um replay: o Algoz do Paraíso encurvado com uma gigantesca lança cinza atravessando seu peito, a pontinha saindo pelo meu ombro, e meu visor quebrado, escancarado. Meus olhos frios e sem vida encaram o nada. Há sangue *por toda parte*. À nossa frente, o Dançarino das Chamas está intacto, mas imóvel, com uma única estaca prateada projetada para fora da fenda do seu olho.

— ... e os juízes decidiram, amigos! O golpe de Synali no elmo aconteceu milissegundos antes do golpe de Olric na couraça! Synali von Hauteclare é a campeã desta justa! Repito: se ela sobreviver aos ferimentos, Synali von Hauteclare avança para a...

O alívio me invade, doce e dolorido.

— Venci. Isso é tudo que imp...

— O que importa é montar. — O corte do príncipe é tão gelado que *queima*. — Você foi desleixada, e quase perdeu por isso.

— Vou montar o maldito Algoz do Paraíso como bem entender, Vossa Alteza.

— Não vai, Vossa Graça.

Atiramos nossos títulos como se fossem insultos. Ele hesita apenas por um momento antes de trocar a imagem do vis para um cérebro sobreposto com laranja e amarelo, mas é a falta de cor que se destaca mais — buracos cinza e vazios, do tamanho de lacres de cera, pontuam

toda a superfície. É como olhar para um queijo, para metal perfurado pela ferrugem, e meus olhos encontram o nome no canto superior direito:

LITHROI, DRAVITICUS A.

Draviticus... *Dravik*. Subo os olhos devagar por ele e, quando encontro o olhar do príncipe, tudo que sobrou em mim é um nervosismo gelado.

— Você quer que eu confie em você — diz ele. — Apresento a você minha fraqueza. Se eu montar mais uma vez, se for exposto a mais uma gota de uma sela, vou seguir o mesmo caminho de Sevrith.

Engulo em seco.

— O que são esses buracos?

— Não são buracos. São bolsões.

— Bolsões de quê?

Ele se levanta abruptamente, a bengala brilhando na luz solar. Mas não vou desistir.

— Por que não me diz? Do que você tem tanto medo?

As árvores murchas estendem as garras para as janelas com a brisa artificial, os dedos galhosos arranhando a tensão de vidro entre o bastardo de um rei e a bastarda de um duque. Ele vira a cabeça por cima do ombro.

— Tenho medo de ter medo por você.

— Não tenha. Você não é minha família.

A risada dele ricocheteia.

— Você não sabe o que é família. Nenhum de nós dois sabe. Mas ultimamente me sinto mais grato por isso, porque é justamente o que fez com que nós, os vilões, nos uníssemos.

Solto uma bufada sem nenhuma convicção desta vez, se dissolvendo em um sorriso. O príncipe sorri de volta, casual e irônico, e se dirige para a porta. Todas as mesas do meu quarto estão vazias — sem margaridas nem jacintos. Aquelas flores que vi... eram exatamente as mesmas. Juntei créditos por meses para comprar aquelas flores para o aniversário de mamãe e as apresentei com orgulho, exultante por ter levado alguma coisa nova para ela, em vez da sucata enferrujada de sempre. Quem quer que as enviou devia saber o que significavam para

mim, só que nunca contei para ninguém. Aquelas flores em particular sempre ficaram apenas na minha memória, enterradas bem fundo.

Finalmente encontro minha voz:

— Dravik, as margaridas brancas e os jacintos azuis no hospital... eram reais?

Ele faz uma pausa com a mão no batente da porta.

— Alguém as entregou. Tinha guardas posicionados do lado de fora, câmeras, e mesmo assim quem quer que seja entrou sem ser detectado.

— Você sabe quem foi?

É claro que ele sabe; ele conhece tudo e todos — ele é o tabuleiro de xadrez e o jogador que movimenta o peão. Ninguém passa despercebido. Ainda assim, a boca dele forma uma linha séria.

— Não. Mas estou ansioso para conhecer a pessoa.



O terceiro círculo morre enquanto estou me recuperando.

NOVA MENSAGEM DE: **DRAVIK.**

Seu nome era Raoulle von Hauteclare; tinha vinte e cinco anos e era um homem da ciência, trabalhando em um laboratório corporativo que desenvolve antígenos para a varíola que varre as crianças da Ala Média e da Ala Baixa. Ele convenceu o Duque Hauteclare em festas, degustações de vinho. Usou a lógica. *A razão.* Suas mensagens encorajadoras retumbam nos meus olhos.

RAOULLE: *Ninguém nem saberia que ela morreu, tio. Há tantos exatamente como ela.*

RAOULLE: *Suas chances na Ala Baixa também não são exatamente promissoras.*

RAOULLE: *O universo é uma coisa caótica, tio, e a evolução não é bondosa. Ela não mede quem vai e quem fica. Somos todos iguais para ela.*

Seus argumentos são lógicos, e sua morte também é.

Um repórter de postura solene está na pista laranja de luz sólida da

rodovia.

— ... nas primeiras horas da manhã, um acidente trágico na rodovia sete ocorreu entre duas aerocarruagens, uma delas de um nobre. Estou aqui na cena, e vocês podem ver os vestígios da carnificina ao nosso redor...

Uma roda branca quebrada. Pedacos brilhantes de laca dourada. Um borrão de alguma coisa escura, longa e irregular, na rodovia: sangue.

— ... ninguém foi acusado, já que a causa foi um infeliz acidente de programação. O resultado foi a morte de um jovem nobre que, em respeito ao falecido, não será nomeado...

Eles têm tanto respeito pelos seus mortos e nenhum pelos nossos.

Pulo da cama para a parede com o pingente de diamante em mãos. Com toda a força que meus ferimentos ainda frescos e em carne viva me permitem, desenho um traço no terceiro círculo. Faltam quatro. Tudo o que posso fazer é me curar e esperar e pensar. *“Encontrei você. É você que está fazendo aquilo, não é? Confundindo-os.”*

Quem *era* aquele menino na cadeira aérea? Quem exatamente estou confundindo?

Olric destruiu os músculos e os tendões do meu ombro até o cotovelo — como Dravik adora me lembrar, quinze centímetros mais para baixo teria sido meu coração. A cicatriz agora se estende pela minha omoplata. Novas cicatrizes, nova determinação. Dormir, comer, assistir ao vis, ignorar as constantes mensagens de Rax, ele só quer dormir com você e seu corpo quer a mesma coisa: quer ver se com ele seria diferente, mas não posso confiar no que meu corpo quer. Seria uma fraqueza, comprometeria tudo o que Dravik e eu conquistamos até aqui. E aonde isso me levaria, de qualquer forma? A nada além do fim.

Seria inútil ter esperança.

Quilliam está sempre comigo — pairando, administrando, com suas fungadas que não melhoram, apesar de termos limpado a Ponta do Luar quase inteira juntos.

— Você vai ter que encontrar outra pessoa para ajudá-lo — digo um dia, espremendo um trapo com meu braço bom. — Quando eu for embora.

O cabelo cinza e elétrico de Quilliam se inclina sobre as prateleiras

enquanto ele tira o pó.

— Sim, senhorita.

— Estou falando sério, Quilliam. Você e Dravik não podem continuar vivendo desse jeito. Ele precisa de pessoas. Você precisa de pessoas.

A voz do criado se suaviza:

— De fato, senhorita.



39. Spira

spīra ~ae, f.

1. espiral, bobina

RAX: *Está viva, Hauteclare?*

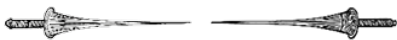
RAX: *Hauteclare? Oi?*

RAX: *Você apanhou pra cacete. Provavelmente quebrou umas costelas, no mínimo*

RAX: *Olríc do caralho... ele sempre foi um merdinha arrogante. Sinto muito, Hauteclare. Ginetes não deveriam ser tão ruins quanto ele.*

RAX: *Ok, então, o vis diz que você sobreviveu. O que é bom. Não dá para montar muito quando se está morto.*

RAX: *Me faça um favor e tome cuidado lá fora, certo?*



Rax Istra-Velrayd vira preguiçosamente a taça de vinho nos dedos, a luz baixa do escritório de madeira vermelha refletindo no líquido claro e brilhando no rosto amedrontado de Olric von Westriani. Rax tem certeza de que o pai de Earika de Trentoch não vai se importar se eles

usarem o escritório dele para esta pequena reunião, especialmente enquanto a muito mais destrutiva festa de aniversário de vinte e um anos da filha dele prossegue alvoroçada lá fora em meio ao alaúde abafado e aos gritos. De repente, Rax levanta os olhos da taça de vinho e dá um sorriso amistoso para Olric.

— Você entende, Westriani?

Olric consegue expelir as palavras por entre os dentes.

— Você não pode. Você não iria...

— Por que não? — Rax ri. — Você sabe quem eu sou. Sabe o que consigo fazer. Parece meio divertido. Ninguém tenta a manobra Vitruvius há um tempo.

— Porque ela estripa...

— “*Estripar*” é um pouco dramático. — Rax ri de novo. — É uma chance de sobrevivência de cinquenta por cento da parte que a recebe. As manobras antigas eram tão estranhas, não eram? Eu realmente *deveria* testá-la contra alguém, só para mantê-la viva nas bases de dados. Não na Copa Supernova, obviamente, mas em outro torneio.

Olric engole em seco. Rax dá um gole no vinho e estala os lábios, satisfeito. À meia-luz da holovela, seus olhos de madeira vermelha brilham sangrentos.

— E sabe... acho que eu a guardaria até enfrentar você. Você parece um cara forte. Aposto que sobreviveria.

— O q-que você quer, Velrayd?

É satisfatório, ouvir o tremor na voz de Olric depois de todas as horas que Rax passou nos últimos dias encarando a última imagem que vira de Synali — olhos frios e sem vida, coberta pelo próprio sangue, empalada no ombro pela lança gigantesca daquele merda. Rax se levanta e caminha até o rapaz maior, entregando-lhe a taça de vinho. Olric a pega e o tremor em seus dedos maciços fica óbvio. Rax coloca uma mão amigável em seu ombro.

— Você vai se aposentar da montaria, Westriani, ou eu mesmo vou aposentá-lo.

40. Trigeminus

trigeminus ~a ~um, a.

1. (*literal*) três nascidos em um parto



A conferência triunviral acontece assim que consigo ficar de pé com o apoio de muletas projetadas.

Nós três não olhamos um para o outro.

Perfume de jasmim exala à minha esquerda, onde Mirelle está sentada, e o aroma herbal de Rax vem da minha direita. Nossa maquiagem hoje é mais pesada até que a maquiagem do torneio. As luzes piscantes das câmeras de vis explodem feito os relâmpagos nas tempestades de Esther — brancas, desorientadoras, como a luz do impacto entre corcéis. Meu corpo está hiperconsciente de cada movimento — das unhas de Mirelle sendo inspecionadas, do peito de Rax subindo e descendo quando ele respira. A sala está agitada ao nosso redor, com repórteres e guardas disputando posições. A pequena multidão da equipe do estúdio atrás deles preenche as lacunas, tagarelando sem parar, e nós três compartilhamos um silêncio mortal.

— Então — começa Rax, com a voz leve —, alguém fez algo divertido no fim de semana?

Mirelle dá uma bufada.

— Sua eloquência será sua ruína.

— A maioria das pessoas diz que minha ruína será minha beleza

devastadora. — Ele se vira para mim. — Quer dar sua opinião, Hauteclare?

— Eu não me rebaixaria dividindo-a com você — murmuro.

— Inteligente — Mirelle concorda friamente. — E ainda assim não é inteligente o bastante para perceber que a Casa Hauteclare nunca se rebaixaria a ponto de matar plebeus.

Dou um sorriso digno de Dravik, olhando para a frente.

— Eu disse a mesma coisa para o cadáver da minha mãe quando ela estava apodrecendo no chão, Lady Mirelle.

Há um instante desconfortável. Rax se mexe na cadeira. Mirelle cruza os braços sobre seu casaco de montaria imaculadamente branco.

— Toda acusação que você faz é infundada e sem provas, assassina.

— *Eu* sou a prova. Passei seis meses em um bordel encontrando provas. A Casa Hauteclare tem um assassino particular na guilda Mão da Aranha. Ele mata apenas para vocês. Ele matou minha mãe e tentou me matar.

— Então por que você ainda está aqui, incomodando todo mundo?

— Mir — começa Rax —, pare...

— Não comece a falar comigo agora — corta Mirelle, gélida.

Percebo algo tenso entre eles, rangendo feito um osso logo antes de se quebrar. O apresentador aparece com um sorriso, ignorando o clima.

— Estamos prontos, senhor e madames?

Rax suspira.

— Nos dê cinco...

— Estamos prontos. — Mirelle levanta o queixo. — Pode começar a filmar.

O apresentador olha para mim. Aceno a cabeça, e com isso ele liga as câmeras e faz um sinal com a mão. A sala fica em silêncio, e uma centena de luzes vermelhas ganha vida, piscando no canto de cada tela de vis para indicar a gravação; uma centena de olhos esperam, e mais milhões esperam atrás deles.

— Bem-vindos mais uma vez à conferência triunfante da Copa Supernova! Sou seu apresentador, Terren Helgrade, e hoje...

Os holofotes de repente piscam e se apagam, lançando a sala inteira em escuridão e murmúrios. A voz do moderador penetra tudo:

— *Peço desculpas, senhor e madames. Está tudo bem, é só ativar os geradores! Alguém? Liguem os geradores!*

— Você está bem, Hauteclare? — pergunta Rax. — Não tem medo do escuro, tem?

Não dignifico sua tentativa de me insultar. Fixo os olhos no troféu da Copa Supernova à nossa frente — uma grande espiral de metal branco e dourado. É estranho pensar que o dia que eu segurar este troféu será o dia que vou morrer. Enfim, terei descanso.

Os holofotes voltam a funcionar. O moderador está levemente ofegante, mas ansioso para continuar.

— Vamos começar de novo. Três, dois... Bem-vindos à conferência triunviral da Copa Supernova! Sou seu apresentador, Terren Helgrade, e hoje temos o extremo prazer de receber os três competidores mais jovens da Copa fora da família real: Sir Rax Istra-Velrayd, Lady Mirelle Ashadi-

-Hauteclare e Lady Synali von Hauteclare!

A plateia dá uma educada salva de palmas que dura alguns segundos. Alguém na multidão projeta seu vis para dizer CASE-SE COMIGO, RAX, mas a segurança abruptamente força a pessoa a desligá-lo.

— Sir Rax, você dominou suas últimas três justas sem ser atingido nem uma vez sequer. Você é o óbvio favorito. O que está achando da competição este ano? O padrão continua alto?

Não deixo de notar a maneira como os olhos do moderador se desviam para mim na última pergunta.

— O padrão até aumentou, Helgrade. — Rax ri. Uma admiração relutante me domina: cada fiapo de desconforto de repente sumiu da sua voz. Ele consegue esconder coisas, afinal. — São as justas mais difíceis que já enfrentei na vida. Todo mundo treinou muito, e estou orgulhoso de todos nós. Mirelle em particular tem feito uma grande temporada.

— É verdade, obrigada por notar — observa ela, então continua: — Acredito que Synali von Hauteclare mereça um reconhecimento especial por seus esforços. Afinal, é seu primeiro torneio oficial.

Esforços. Reprimos o impulso de fazer uma careta de escárnio e a dúvida rastejante diante da possibilidade de ela estar certa — é apenas esforço, nenhuma habilidade real. As câmeras passam para mim, e eu

me concentro além delas, na multidão sombreada.

— Obrigada, Lady Mirelle — digo. — Eu não poderia pedir um elogio maior de um dos meus pares.

Um dos meus pares — a implicação é que ela e eu somos iguais. Seu nervosismo só é visível no seu joelho: unhas douradas tamborilam em um ritmo irritadiço.

— Não tem de quê — responde ela, com um sorriso perfeitamente alinhado. — E desejo de verdade uma recuperação rápida dos seus ferimentos recorrentes.

Inteligente. Cruel. Rax preenche o silêncio de modo ameno:

— Acho que é seguro dizer que estamos todos ansiosos para nos encontrar no campo.

— De fato. — O moderador sorri. — Agora, que coisa terrível a sobrecarga de Sevrith cul Freynille. Você foi a última a enfrentá-lo, Lady Hauteclare. Tem algo a dizer?

Cerro os dentes. Muitas palavras, muitos sentimentos. Abro a boca, mas alguém brilha suavemente na plateia — cabelo claro, vestido azul e olhos queimando como dois pontos prateados. Minha mandíbula relaxa.

— Lady Hauteclare? Está tudo bem?

Astrix está mais vívida que nunca; sua silhueta não é mais embaçada nem está tremulando ou parecendo apenas uma impressão. Posso ver cada detalhe em seu rosto — bochechas redondas, ombros suaves, sorriso paciente. Exatamente como no retrato. *Por quê?*

— Com licença, Lady Hau...

— Sevrith era meu amigo — interrompe Rax. — E era como um mentor para nós, ginetes mais novos. Sentiremos muito sua falta, não é, Mirelle?

Na plateia, ao lado de Astrix, há um homem de cabelo escuro. Olhos prateados. Ele pisca para mim silenciosamente.

— Claro. — Mirelle se empertiga. — Ele era um poço de experiência e conhecimento sobre montaria, e o perdemos cedo demais.

Por que Sevrith também? Dravik só vê a mãe, mas eu vejo dois. Estou pior. Estou *pior* de alguma maneira, mas só monto há alguns meses. Cada palavra do apresentador se torna vaga.

— O que acha dos outros jovens competidores, Lady Ashadi-

Hauteclare?

Mirelle sorri.

— Rax, é claro, é meu maior adversário.

— E você considera Lady Hauteclare uma adversária?

— Synali monta como os antigos soldados da Guerra, com medo de seus corcéis. Suas manobras contra Olric gritam medo, e isso se manifestou claramente em seus movimentos. Com o tempo, ela pode se tornar uma ginete de verdade, mais corajosa. Mas, no momento, não é digna de ser enfrentada.

A plateia dá risadinhas, Rax se mexe na cadeira, mas só tenho olhos para Sevrith, para a maneira como ele parece real, exibindo até os pés de galinha ao redor dos olhos.

O apresentador chega mais perto.

— Tem uma réplica para isso, Lady Hauteclare?

Pisco, e os quatro olhos prateados vão embora. Minha cabeça se vira lentamente para o apresentador, para o microfone, para as centenas de câmeras.

— Só os tolos acreditam na medida de outra pessoa para o seu valor.

Os murmúrios da plateia aumentam, e a princípio penso que é por conta do meu comentário, mas a expressão no rosto do apresentador diz outra coisa. Ao meu lado, Mirelle se afasta prudentemente e Rax se levanta de repente, tirando alguma coisa do bolso. Ergo os olhos para a tela de monitoramento, focada no meu rosto — a maquiagem mate cobre minhas marcas de varíola, mas não o fio prateado que escorre do meu nariz, e então tudo despenca: não são buracos. São bolsões. Cheios de fluido nervoso.

Há um momento de hesitação, que é quebrado pelo frenesi.

— Ela está sobrecarregando?

— Alguém chame um médico, rápido!

Rax se inclina com o lenço em mãos, tocando suavemente meu lábio.

— Ah, merda, tem muito — murmura ele. — Desliguem as câmeras.

— O apresentador está paralisado de choque, e o rosto de Rax se contorce quando ele grita: — Desligue as malditas câmeras, Terren.

AGORA!

Mirelle se levanta e olha para Rax.

— Leve-a para os bastidores. Rápido.

Mal o sinto me puxando da cadeira. Ele passa meu braço ao redor do pescoço e me leva para os bastidores, e seu peso é a única coisa me impedindo de cair. Sinto-me longe de mim mesma — como se estivesse novamente olhando de cima a lembrança de alguém. As câmeras são um borrão conforme passamos, luzes vermelhas, telas azuis, o rangido do mecanismo hidráulico sintético da porta e finalmente o silêncio escuro e bolorento do corredor.

Meus olhos desfocados se voltam para o teto — estou condenada. Fui longe demais. Mas sempre soube disso. Será que o coma é como o descanso? Como a morte? Vou conseguir encontrar mamãe lá?

Então ouço uma voz muito fraca:

— ... para mim. Olhe para mim, Hauteclare, *por favor*.

Meus olhos voltam a focar: um rosto como o de um leão, com um nariz e queixo orgulhosos e ângulos agudos nos ossos. Lindo. Não — é proximidade demais, toques demais. Eu me afasto das mãos dele, mas ele não para de me encarar e falar com uma voz áspera nas bordas.

— Qual é o seu *nome completo*?

— Synali.

— Nome completo.

— Synali Emilia Woster. — Pausa. Pense. — Synali von Hauteclare.

— Em que ano estamos?

— 3442.

A cacofonia abafada no estúdio se inclina pesadamente contra o silêncio. Rax estende a mão para o meu rosto, mas eu recuo, e ele oferece o lenço no lugar.

— Ainda tem um pouco embaixo do seu nariz.

Limpando com a manga — a seda azul sai molhada de prateado e gruda nos pelinhos pretos.

— Fluido nervoso. Eu estava certa.

— Você usou o lenço que Sev lhe deu na justa contra Olric, certo? — pressiona Rax.

— Não é da sua conta.

É claro que usei, mas ele não precisa saber de nada a meu respeito — muito menos dos meus hábitos de montaria. Concentro-me na fileira de

janelas do cômodo comprido, e a vista da Ala Média se agita silenciosa lá fora.

— Tudo bem, eu entendo: você é uma mulher ocupada. Não precisa responder às minhas mensagens ou me dizer o que está acontecendo, mas preciso saber que você vai ficar bem quando sair daqui.

— Já disse — encontro a energia para rosnar. — Não vou dormir com você. Pode parar de fingir que se importa.

Suas sobrancelhas se franzem.

— Você acha que é fingimento?

— Sempre é. — Limpo mais prateado de baixo do nariz. — Homens nobres como você tiram vantagem e depois fingem se importar só para aliviar a consciência. Tão previsível. Você só é mais apressadinho que a maioria.

— Eu não... Não quero *tirar vantagem* de você, Hauteclare. Só quero saber que está bem. Ginetes cuidam uns dos outros.

— Sou sua inimiga.

— Não, você é minha oponente. Tem uma diferença.

Tem mesmo? Meus olhos sobem para o seu rosto, mas só consigo encarar seus olhos de madeira vermelha por alguns segundos antes que as piruetas do meu estômago se tornem insuportáveis.

Então ele sorri, e é como ver o sol nascer.

— Agora sim. Você parece um pouco melhor.

O formigamento da voz dele desce pela minha espinha, carregando uma faísca breve de esperança delirante de que não estamos fadados a ser apenas inimigos... mas tudo congela no momento em que ouço o clique de saltos anunciando a realidade. Mirelle.

— Ela está sobrecarregando ou não? — Sua voz ecoa. Ela joga minhas muletas projetadas no chão à minha frente, e Rax se endireita.

— Ela ainda sabe o próprio nome e o ano, então...

Mirelle abre um sorriso que lembra um punhal conforme se aproxima.

— Você está bem, então.

— Isso já aconteceu com vocês? — pergunto.

Ela levanta um dos ombros.

— Comigo nunca. É um problema de ginetes mais velhos. Aconteceu com Rax algumas vezes, não é?

O torpor começa a passar, e me sinto mais eu mesma a cada palavra, e é o bastante para eu odiar a maneira piedosa como Rax murmura:

— Nem de longe foi tão ruim assim...

— Bem. — Mirelle se vira para mim. — Você deve ter pouca resistência inerente contra o fluido nervoso. Sugiro que pare de montar, senão vai acabar como Sir Freynille.

— Você gostaria disso, não é? — retruco.

Seu sorriso se alarga.

— Disso o quê? Você parando de montar? Ou seguindo os passos de Freynille? Ambos resolveriam o problema de a minha família estar sendo assassinada...

— Chega, Mir — interrompe Rax. — Você deveria descansar, Hauteclare. Nós dois podemos terminar a conferência sozinhos.

Dói saber que ele pensa que não sou tão forte quanto eles. E sou. Preciso ser. Levanto as muletas e me dirijo às portas que levam de volta à sala da conferência... e então acontece.

Uma ondulação.

A princípio, penso que são meus braços cedendo, tremendo nas muletas, e logo acontece em toda parte. O estúdio inteiro treme, as luzes chacoalhando seus delicados ossos de vidro contra as estruturas de metal e os fios se soltando dos painéis no teto. E a coisa não está parando.

— Hauteclare...

O chamado de Rax é interrompido, e as holovelas enfileiradas na parede estremecem furiosamente, caixas de equipamentos se viram e derramam seu conteúdo no chão. Olho para trás e vejo Mirelle desviar de uma; seu sorriso é uma severa máscara de preocupação e sua mão agarra firmemente um corrimão. O olhar de Rax está em mim quando as vibrações se tornam mais fortes, mais rápidas. Não é força G, mas algo *pior*, algo instantâneo e furioso, e não importa o quanto eu segure firme, as muletas escorregam por baixo de mim, pó de mármore cai do teto, gritos ecoam por trás das portas do estúdio e Rax grita meu nome, até que finalmente chega — uma onda de choque rasgando o mundo, as janelas se estilhaçando para dentro...

Viro-me de costas, pronta para sentir o vidro me penetrando... mas não há nada.

A explosão passa, e o tremor para tão de repente quanto começou. Aquele cheiro de ervas frescas. A pressão quente contra o meu corpo. Abro os olhos e vejo Rax me apertando contra o peito, o sangue serpenteando do seu escalpo e escorrendo das bochechas. Ele sorri para mim com os dentes manchados de sangue.

— Caiu algum em você?

— Rax! — Mirelle cambaleia para perto, agitando as mãos freneticamente. — Suas costas...

— Vou ficar bem, Mir. É só vidro.

— *Bem?* — grita Mirelle. — Fique aqui, vou encontrar um kit médico.

Ela sai correndo desenfreadamente pelo corredor arruinado. O ar fica mais frio conforme a Ala Média adentra o recinto — trazendo o som de buzinas de aerocarruagem e gritos de vendedores —, e não consigo me mexer. O calor dele me queima por dentro, a sensação dos seus braços ao meu redor e das suas costelas nas minhas... Desvencilho-me do enlace de Rax e dou a volta até ficar atrás dele, só para engolir um palavrão: seu gibão está destroçado, escuro de sangue e reluzindo com os inúmeros cacos de vidro do tamanho de dedos presos às costas. Sangue pinga no chão. Os sapatos de Mirelle deixaram pegadas sangrentas para trás.

— Por que... — Ajudo-o a se sentar em uma caixa próxima do melhor jeito que consigo. — Por que você faria isso?

— Já falei. — Rax arqueja quando se senta. — Preciso garantir que você fique bem.

— Você... — Eu me engasgo. — *Por quê?*

— Porque sim — insiste ele, mais suave. — Você é uma graça.

— Cale a boca.

Ele ri, respirando com dificuldade, e sua alegria se apaga.

— Porque quando comecei a montar... não tinha ninguém ao meu lado. Quero garantir que você... tenha alguém.

Meu estômago se revira.

— Não posso ter ninguém.

A madeira vermelha dos seus olhos se enrugam.

— Eu não vou... não vou incomodar você. Só se precisar de alguma coisa ou se estiver com medo... Não sei como ajudá-la, nem sei se

consigo. Mas quero.

Embaixo do pingente de cruz, meu coração parece explodir em câmera lenta, e depois para.

Já *fui beijada* antes, mas nunca beijei ninguém. Nunca escolhi me inclinar e tomar os lábios de alguém nos meus, segurar com mãos gentis um rosto do qual tive medo e no qual pensei tanto. *Gentis*. Nada que envolva toque já foi gentil para mim, só que agora ele está se aproximando, e é como seda na minha boca; ele investiga, curioso, fazendo um carinho leve na minha nuca, e por uma fração de segundo, e pela primeira vez desde que mamãe morreu, me sinto apenas... *eu mesma*.

Sinto tudo dentro de mim estremecer e chacoalhar e implorar por mais, mas ele não avança: se move exatamente na mesma intensidade e na mesma velocidade que eu. Cada célula no meu cérebro sabe que isso é errado, e cada célula no meu corpo não se importa; ele tem gosto de sangue e pele, e meus dedos agarram seu colarinho, e *eu vou morrer...*

É inútil. Não posso gostar disso. Não posso querer mais. Ele é um nobre. Sou uma bastarda. Só pode haver vitória, não... o que quer que seja isso.

O que quer que seja isso desacelera e então para quando eu recuo. Olhar para o rosto dele é ainda mais difícil agora, então encaro seu peito enquanto ele retumba com sua risada de xarope escuro.

— Está tentando me assustar, Hauteclare? Porque vou te dizer... *não* funcionou.

A clavícula dele está exposta. Sua pele é lisa. É a visão daquela pele lisa, quando a minha ostenta uma cicatriz, que enfia a estaca gelada da realidade de novo em mim.

— Não pode haver uma segunda vez — digo, com cautela. Não vejo a leve encolhida no seu rosto, mas a vejo em seu corpo.

— Certo. Tudo bem.

O vis de repente começa a gritar entre nós, e nossos pulsos berram alertas ensurdecedores em uníssono conforme a transmissão de emergência é exibida.

NAVE DE CARGA DESAPARECIDA H.R.M.S. RESISTÊNCIA COLIDE COM SUBESTAÇÃO TETA-7. DANOS À ESTAÇÃO INSIGNIFICANTES —

TODOS OS SISTEMAS VITAIS SEGUEM INTACTOS. SETOR D DA ALA BAIXA, SETORES C, H, L DA ALA MÉDIA EXPERIMENTAM PEQUENAS INSTABILIDADES GRAVITACIONAIS: LOCALIZE O ABRIGO MAIS PRÓXIMO E PERMANEÇA LÁ ATÉ RECEBER NOVAS INSTRUÇÕES. ESTA MENSAGEM SERÁ REPETIDA. NAVE DE CARGA DESAPARECIDA...

Projeto minha tela para que ambos possamos ver. Todas as emissoras de notícias mostram destroços de fogo e metal contra o espaço, e meu estômago afunda — consigo distinguir a proa de uma nave rodopiando no nada, a doca de uma subestação tão destroçada que quase não é possível reconhecê-la. Quantas pessoas estavam a bordo? Quantas trabalhavam na subestação?

— Ah, aí está você. — Levanto os olhos para Dravik parado à porta hidráulica do estúdio frenético, com a bengala brilhando safiras e seus olhos cintilando entre mim e Rax com uma expressão tão gelada que machuca. — Obrigado, Sir Istra-Velrayd, por salvar minha protegida. Eu assumo daqui.

Rax baixa a cabeça sangrenta como se estivesse se preparando para brigar. Como Dravik sabe que Rax me salvou do vidro? Ele colocou alguém para me seguir? Não — estávamos apenas Mirelle, Rax e eu. O timing da coisa toda, o fato de ele estar no estúdio o tempo todo quando uma emergência ocorreu ...

— Você... — Aponto para a destruição da subestação no vis. — Você fez isso?

Sua expressão se suaviza quando ele acena a cabeça para Rax.

— *Você* fez isso?

— Achei! — A voz de Mirelle atravessa o corredor enquanto ela corre ofegante com um kit médico nas mãos. Ela fica imóvel ao ver Dravik, e ainda mais imóvel ao ver sua bengala prateada e azul, sua meia medida e seu olhar penetrante. — Vossa Alteza.

— Lady Mirelle. — Dravik sorri para ela. — Por favor, tome conta de Sir Istra-Velrayd. Synali e eu o deixaremos em suas mãos. — Ele se vira para mim. — Não deixaremos?

Palavras por baixo de palavras: vou deixar Rax para trás deste momento em diante. O que quer que tenha acontecido neste corredor

foi uma fantasia — um sonho para ser armazenado, uma lembrança que não é minha. Dravik é meu sócio. A Casa Lithroi é o motivo pelo qual estou aqui e pelo qual vou vencer. A realidade é que mamãe está morta. Faltam quatro círculos para morrer. A realidade é uma nave invadindo uma subestação, trazendo muito mais morte. Um movimento no tabuleiro de xadrez.

Pego as muletas sem dizer nada e vou embora com o príncipe.

O peão se move para a frente.

PARTE V

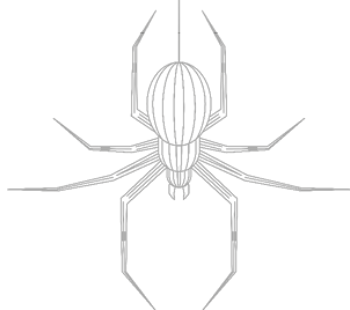
A cobra e o tigre

–5. Adsum

adsum ~esse ~fui, *intr.*

1. estar presente

2. chegar



Vestido em trapos, Rain reza em uma igreja quase vazia da Ala Média.

Seu corpo ágil está ajoelhado no altar de madeira branca, e ele reza: pelo que está para acontecer e pelo que já aconteceu. O tremor em suas mãos está ruim hoje — ele não consome pó há dois dias, e está com mais medo da aproximação da crise de abstinência que daquilo que ela lhe causa. Sua ideia era que o pó fosse uma gambiarra, uma forma de o Polaris sentir como se o tivesse nas mãos de alguma maneira, mas acabou se tornando muito mais que isso — não um jeito de esquecer, mas um jeito de lembrar: seus irmãos e suas irmãs, Violeta-Dois e o pai, os dias melhores quando ele era ignorante e estava cercado por bela ignorância. Ele é uma sombra perseguindo sombras.

Rain se levanta e vai até o confessionário. Ele passa por baixo da cortina fedendo a traça, pela tela de ripas envolvendo em manchas de luz e sombra a figura de vestes do outro lado.

— Padre, eu não mereço perdão — diz ele.

A figura se mexe.

— Nenhum de nós merece, meu filho.

As palavras certas. Há um longo silêncio; os ouvidos de Rain procuram qualquer som além do confessionário, qualquer um que esteja entreouvindo. Quando julga seguro, coloca a mão na tela.

— O que posso fazer como expiação, padre?

— Em cinco dias, você vai visitar um jovem nobre. Ele é o proprietário registrado da Idaxvale Inc. Escrevi o nome dele neste papel. Tome, e vá em paz.

Rain pega o papel enrolado entre as ripas da tela. A figura em vestes se levanta e deixa a cabine — não é Verde-Um, é um de seus informantes, mas mesmo assim ver alguém tão próximo da última família que lhe resta acalma seu coração. Rain não está totalmente sozinho.

O suave e esfumaçado pôr do sol ilumina o mundo fora das portas da igreja. Ele sai do confessionário e se aproxima do padre de verdade em um momento estático.

— Padre, tenho uma pergunta.

O padre sorri.

— Todos nós temos, meu jovem. Faça a sua.

— Às vezes, você se pergunta do que é feita a alma?

— Quando eu tinha a sua idade, achava que a alma poderia ser feita de memória.

As luzes da igreja piscam brevemente, e Rain olha para cima — é a quinta vez hoje, e eles estão na Ala Média.

O padre prossegue:

— Se uma pessoa esquece as lembranças, não esquece também seu “eu”? O que crescemos vendo, sentindo, o que nos lembramos de nossa infância, das pessoas que encontramos e deixamos e amamos... não é isso que faz de alguém “alguém”? A vida, e, portanto, a memória, não é o presente de Deus para nós? As lembranças podem ser chamadas de “alma”, então?

Rain fica pensando enquanto abre o papel brevemente e lê o nome nele. ~~YAVN VON VELRAYD~~. Ele o aproxima de uma holovela com os dedos tremendo, e só quando as chamas queimam o bilhete, transformando-o em cinzas, ele pergunta:

— Se eu neguei a muitas pessoas a graça de Deus, padre, isso faz de

mim o diabo?

— Não, meu filho. O diabo não é humano: ele pode agir por meio de nós, mas nunca poderá ser nós.

Os sinos acima dele tocam sete vezes, e, quando o silêncio retorna, Rain insiste:

— Às vezes você se pergunta, padre, se o diabo também tem lembranças?

41. Saxum

saxum ~ī, n.



1. pedra; fragmento grande e irregular de rocha

Rax Istra-Velrayd odeia as festas de seus pais mais que tudo.

É a maneira como as pessoas o cercam no salão de baile — circulando, observando, elogiando, como se ele fosse uma peça de carne a ser dividida em pedaços limpos e leiloadada para quem fizer o maior lance. “Minha nossa, que bíceps grandes ele tem!” “Esse aí tem um corpo muito proporcional.”

Mas as coisas que dizem na sua cara são bem piores; tias cheias de luxúria ficam sorrindo para ele, e tios velhos e intrometidos, tramando entre taças de vinho, em tentativas delirantes de sutileza. “Diga-me, Sir Rax, montar é tão estimulante quanto dizem?” “Queria tanto que alguém como você fosse meu genro.” “Que tragédia... Nossa Casa não é abençoada com os genes de um bom ginete há mais de meio século.”

Como ainda consegue enfrentá-los depois de tantos anos sem que seu sorriso vacile, ele não tem ideia. Provavelmente é a prática — seu corpo já formou trilhas a serem percorridas quando a mente dele se recusa a fazer o mesmo. Tudo o que ele sabe é que o vinho é seu melhor amigo e as varandas são sua melhor escapatória. De uma dessas varandas, ele observa uma barcaça da igreja flutuando entre os topos das mansões

vizinhas, deixando atrás de si um rastro de incenso doce demais e os cânticos fracos de preces.

Pela quinta vez hoje, ele checa o vis. Nenhuma mensagem. Bem, há mensagens — da mãe, do pai, de Mirelle, dez propagandas e quatro programas de entrevistas e o chefe da equipe do Berrador Solar, mas nenhuma mensagem *dela*.

Ele prometeu que não a incomodaria, mas a lembrança daquele beijo não para de incomodá-lo. Cada vez que ele examina mentalmente aqueles momentos, encontra algo novo para atormentá-lo — a sensação da sua boca, a sensação dos seus cabelos nos dedos dele, a temperatura exata da sua pele. Beijá-la foi como beijar pela primeira vez: excitante e desorientador, igual à maneira como ela montava. Ele tem certeza agora — o que quer que ela seja no fundo, ele quer encarar. Acalentar. Ver crescer.

Não pode haver uma segunda vez. Ele sabe disso. É uma linha tênue, ele está bem ciente disso — já viu muitos homens nobres pervertidos assediarem moças a ponto de ser criminoso —, mas está preocupado: montar em apenas três justas e ter um sangramento não é normal. Se a *resistência* dela ao fluido nervoso for mesmo tão baixa, Lithroi não pode continuar forçando-a a montar, ou ela vai...

— Você pensa muito alto.

Ele levanta os olhos para a voz — Mirelle. Ela se apoia no corrimão ao lado dele, e os dois observam a barcaça da igreja flutuando no horizonte raso e arqueado do pináculo nobre seguindo pelo horizonte amplo da Ala Média. Os danos causados pela Resistência e pela Teta-7 permanecem — andaimes de luz sólida espalham-se por vários setores, grossos como teias laranjas —, mas ainda são considerados mínimos em comparação com o que aconteceu no Subanel. Não que alguém importante esteja preocupado: o Subanel é para os esquecidos e os condenados. Eles lidam com suas próprias perdas e reconstroem tudo sozinhos.

— Como estão suas costas? — pergunta Mirelle.

— Melhores. — Ele sorri. — Obrigado pelos primeiros socorros.

O silêncio é quase terapêutico em contraste com a tagarelice da festa atrás deles, mas Mirelle não é do tipo que fica quieta quando tem

alguma coisa em mente.

— Ela fez a escolha dela, Rax. Todos nós fizemos no momento em que entramos na academia.

— Ela não foi para a academia.

— Mas escolheu mesmo assim. — Mirelle suspira. — A família não está feliz por ela ter sobrevivido.

— É claro que não. Ela tem andado...

— Não é ela. Não diretamente. Ela monta e vence, sim, mas não é ela que os mata. É outra pessoa. O ex-príncipe, minha avó acha. Aquele que a patrocina.

— Ele é mesmo o príncipe? Ninguém fala dele, e normalmente as pessoas — ele baixa a cabeça — *nunca* calam a porra da boca.

— Também não quero falar dele.

— Você não se importa se a porra do *príncipe herdeiro* retornar?

— Ele não pode retornar. Temos uma princesa herdeira agora. Legalmente ele é um bastardo, e bastardos não sobem ao topo, eles caem e desaparecem.

Dormir juntos quatro meses antes é apenas o estágio mais recente do relacionamento deles — Rax a conhece a vida inteira, desde o primeiríssimo dia na academia, quando eles formaram uma fila usando seus pequenos uniformes e juraram lealdade ao rei pela primeira vez, com punhos gorduchos e bochechas ainda mais gorduchas. Ela nunca admitiria os próprios sentimentos negativos em voz alta; a negatividade está abaixo de uma Hauteclare. Ainda assim, fica claro que ela não está mais falando do príncipe bastardo. Ele observa o brilho esverdeado de Esther acima e além do escudo de colmeia da Estação.

— E se a sua Casa realmente tiver feito aquilo? Matado a mãe dela, como ela disse no banquete?

— Bobagem — escarnece Mirelle. — Bastardos não são problema dos Hauteclare.

Ele lhe lança um olhar do tipo *fala sério*, e ela cerra a mandíbula.

— Não somos as outras casas. Somos os Hauteclare, descendentes dos primeiros cavaleiros. A honra é nosso mérito, como o comércio é o seu. Matar plebeus indefesos simplesmente não faz parte das nossas crenças. Além disso, não é preciso matar as pessoas para se livrar delas. Meu pai

diz que temos outros usos para elas.

— E você acredita piamente nele?

Ela pisca.

— Por que não acreditaria?

— Eu só não tenho o hábito de confiar nos adultos. Mas faça como preferir.

— Também somos adultos agora, sabe.

— Por pouco. — Ele aponta sem entusiasmo para a festa. — E eles já estão babando para nos arranjar casamentos.

Ela faz uma careta.

— É nosso dever, Rax. Casar, dar continuidade à Casa, isso cabe a nós. É o motivo pelo qual nascemos, pelo qual nossos pais nasceram antes de nós, e os pais deles, antes deles. Não é uma opção, é uma *obrigação*.

Rax olha com raiva para a taça de vinho, vazia demais para o seu gosto. Ele *sabe* — sempre soube. Era inevitável, mas ele costumava conseguir se afastar um pouco: uma garota, um centímetro mais longe. Uma noite nas casas noturnas, mais um centímetro. De repente, embaixo da varanda, uma figura obscura se move pelos arbustos. Mirelle estreita os olhos, mas Rax coloca as mãos em volta da boca e grita sussurrando da melhor maneira que consegue:

— Saindo escondido de novo, Yavn?

A figura obscura se vira; os olhos de obsidiana do primo se enrugam para ele.

— Não se você continuar falando alto. Vejo você na minha casa mais tarde?

Rax ergue os dedos, e Yavn desaparece no jardim, os uniformes brancos e dourados dos guardas novos cintilando no perímetro do Fervor do Peregrino. Rax não gosta da ideia de tentar escapar da mansão mais tarde.

— Você não deveria encorajá-lo. — Mirelle solta uma bufada. — Especialmente não depois da *Resistência*.

— Ah, por favor, Mir. Yavn não é um rebelde.

— Não, ele apenas endossa as crenças deles sempre que pode, em todos os jantares.

— Querer que os plebeus tenham vidas melhores não é rebelião. É fazer a coisa certa. A coisa cavalheiresca. — Diante do silêncio dela, ele vira o elmo da conversa na direção oposta: — Estava pensando...

— Deus nos livre.

— ... que a Hauteclare veio me ver depois de uma das minhas justas. Ela disse que o corcel dela tem... *falado* com ela. Que, quando apaga na sela, ela vê lembranças. De outras pessoas.

— Corcéis não falam. — Mirelle revira os olhos. — Nem têm lembranças. Talvez ela esteja enlouquecendo, o que explicaria todos os assassinatos.

— Mir, pense um pouco — insiste ele. — Você já ouviu falar de alguém que teve um sangramento depois da terceira justa? Ninguém tem uma resistência *tão* baixa ao fluido nervoso.

— Ela pode ter treinado antes da Copa.

— Nós dois sabemos que os treinamentos não causam acúmulo. Apenas impactos de verdade.

Ela faz uma careta para a taça de champanhe.

— O que está tentando me dizer?

— E se não for alguma coisa errada com *ela* — começa ele —, mas alguma coisa errada com o *corcel* dela? Você vive verificando o arquivo, não pode pesquisar sobre o Algoz do Paraíso?

— É engraçado que você ache que ainda não fiz isso. Está tudo indisponível.

— Indisponível como? Indisponível tipo alguém apagou tudo, ou indisponível tipo censurado pelo tribunal, ou...

— Indisponível como o *Mensageiro do Inferno*.

Como o Mensageiro do Inferno? Por que as informações do corcel do Lithroi seriam tratadas como as informações do corcel do rei? Seria porque Lithroi é um ex-príncipe, ou... Nessa hora, um vestido vermelho atravessa a varanda, e Rax pragueja e se empertiga. Sua mãe. Ela se aproxima e faz uma medida perfeita para Mirelle, balançando o ninho loiro de suas tranças e abrindo um sorriso caloroso.

— Aí está você, Rax. Estava com medo de precisar caçá-lo como a polícia caçou aqueles rebeldes horríveis. Lady Mirelle, que prazer ter uma convidada tão ilustre quanto você na nossa pequena reunião.

A medida que Mirelle devolve é mais rígida.

— Lady Konstance. A senhora é muito modesta, esta é uma festa grandiosa.

— De novo, muito obrigada por emprestar os guardas da sua família para o Fervor do Peregrino. Isso acalma meu coração. — Ela olha para Rax. — Espero que nosso filho não a esteja ofendendo demasiadamente. Ele tem essa tendência.

— Pelo contrário, estávamos tendo uma conversa esclarecedora sobre... — O olhar dela captura a barça da igreja à distância. — O Senhor. Não é?

Rax assente com a cabeça.

— Deus, os santos, os suspeitos de sempre.

O sorriso da mãe abandona seus olhos.

— Tome cuidado com seus modos irreverentes na frente da nossa convidada.

Ele consegue esboçar um sorriso.

— Estou fazendo o meu melhor, mãe. Por quê? Não é bom o bastante para você?

Os olhos verdes dela escurecem, e ela estende a mão para ele com ar de alguém que venceu.

— Pode nos dar licença, Lady Mirelle? Devo apresentar meu filho para a Casa Trentoch e a Casa Michel, que têm diversas jovens expressando interesse nele.

A mandíbula de Rax estremece. “Interesse” é só outra palavra para o jogo do casamento. Mirelle olha para ele, então para a mãe dele, então para dentro de si. Ela hesita. Ele a encara fixamente. *Me tire dessa. Invente alguma desculpa. Você é uma Hauteclare — ela vai escutar você.*

— A menos que... — A voz da mãe de Rax vai diminuindo, um pensamento se formando em seus lábios sorridentes. — A menos que também esteja interessada nele, Lady Mirelle?

É um jogo que a mãe dele tem jogado desde que ele nasceu, mas a expressão no rosto de Mirelle é qualquer coisa menos um jogo — com pálpebras de ouro e lábios de aço-carbono. A música da festa mingua conforme o peito de Rax afunda até as botas. *Me diga que você não caiu nessa, Mir. Você também não.*

Você também não.

42. Runco

runcō ~āre ~āuī ~ātum, *tr.*

1. arrancar, remover

Yavn von Velrayd se mantém à sombra de uma parede de pedra, contornando o jardim com movimentos treinados e uma mente em frenesi que não parou de gritar desde o incidente com a *Resistência: eles sabem*. Todo mundo na festa sabia que ele fizera parte — estava convencido disso.

O homem tinha prometido, mas não era para ser assim — morte e destruição. Sempre fora com festas e conversas e teorias sobre como mudar as coisas e por quais meios: políticas, lobby, greves. Yavn era o tecelão, não o fio; ele nunca quis ver sangue, muito menos ser o motivo dele. Ele precisa sair de cena. Precisa contar a Rax, envolvê-lo oficialmente — o Duque Velrayd o perdoará se Rax pedir; ele vai dar ouvidos ao melhor ginete que a Casa já viu.

Yavn von Velrayd está convencido de que pode sair da propriedade sem ser notado.

Ainda assim, um guarda em branco e dourado o segue pelas sombras, e seus olhos são de um azul-gelo penetrante.

43. Bellus

bellus ~a ~um, a.

1. agradável, charmoso



Estou olhando para a minha gema de ovo; o recipiente prateado que a contém é a antítese do seu centro dourado.

O ataque da *Resistência* matou cento e treze pessoas. Não os nobres que mataram minha mãe — apenas *pessoas* normais; trabalhadores da Teta-7 com vidas e passados e futuros. Foram cento e cinquenta e cinco pessoas, se contarmos os rebeldes que pilotaram a *Resistência* para dentro da Teta-7. É assim que o vis os chama — rebeldes contra o rei, contra a Estação, colocando todos nós e os imperativos em risco. Os rebeldes mataram aquelas pessoas e a si mesmos, mas sei que não é bem assim. Dravik orquestrou tudo de alguma maneira. Isso não é uma vingança contra a Casa Hauteclare; é ele sacrificando mais de cem pessoas em nome de seu plano incognoscível. Se ele quer o trono, está matando os *próprios súditos* para consegui-lo... e sou a ginete dele. Somos os vilões, mas se isso significa que a Casa Hauteclare vai ser obliterada...

As mãos retorcidas de Quilliam me entregam um prato de frango com espinafre murcho, e ele sorri.

— O ovo ou a galinha, senhorita? — pergunta ele. Eu o encaro sem

expressão, e ele tosse brevemente. — Peço desculpas. É uma coisa tola que se dizia na Terra antiga.

— O que significa?

— É uma pergunta existencial: quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?

— O ovo — respondo.

— Ah. — Ele sorri. — Mas então quem botou o ovo, senhorita?

Nesse momento, Dravik entra na sala, vestido com uma túnica lavanda e seu usual sorriso gratuito.

— Bom dia. Parece que você recebeu um convite. — Ele coloca um envelope ao lado do meu prato. Eu o ignoro. Ignoro meu ovo e o frango até que Dravik nota. — Algum problema, Synali?

Sim.

— Não. — Pego o envelope. — De quem é?

— Da sua próxima oponente.

O envelope é pomposo como as escrituras, vinhas e romãs em tinta de ouro puro. O lacre de cera com uma serpente sob uma cruz sagrada já foi quebrado. Olho para Dravik, que está atacando o café da manhã e sacodindo o garfo jovialmente para mim.

— Ah, não ligue para isso. Inspeção para identificar veneno.

A carta é só um pouco mais simples que o envelope. O papel creme é mais caro que qualquer coisa que já usei para escrever na vida. Tendo a preferir paredes, coisas mais permanentes. Minha oponente prefere tinta em espirais sofisticadas e amplas:

Synali von Hauteclaire,

Pela graça de Deus, a hora do nosso encontro se aproxima. É com Seus ensinamentos de humildade que desejo cumprimentá-la informalmente antes do nosso conflito. Se estiver de acordo, por favor, me encontre na Atteint às dez horas desta noite.

Sua irmã na fé, Talize san Michel

— Bem pomposa, imagino — diz Dravik em tom leve, passando manteiga em uma torrada. — Toda a Casa Michel tende a ser.

— O que é “Atteint”?

— Uma casa noturna. Bastante exclusiva. — Ele levanta o olhar. — Você não vai aceitar este convite, claro. É uma armadilha bem óbvia.

— Você me ensinou que vencer requer se aventurar no território inimigo de vez em quando.

— Não. Há variáveis demais. Talize san Michel poderia fazer qualquer coisa com você em um encontro desses. Não vamos dar essa oportunidade a ela.

— A força dela é sua pomposidade — digo, contornando as palavras *Sua irmã na fé*. — E Deus. Nós a usamos contra ela.

O príncipe enrijece na cadeira.

— A Casa Michel não deve ser subestimada, Synali. Eles são uma família antiga de cavaleiros com o mesmo nível de poder e influência da Casa Hauteclare.

— Toda a corte removeu o título de rainha de Astrix. Meus inimigos são os Hauteclare, já os seus são todos eles, não é?

As mãos murchas de Quilliam servem a Dravik uma xícara que o príncipe não pega; seu olhar cinza permanece diretamente em mim. Dravik tem duas fraquezas: sua mãe e seu próprio cérebro. Vejo o lábio do príncipe se retorcer como se fosse sorrir, mas logo passa.

— Você não pode usar minhas próprias táticas contra mim.

— Posso tentar — digo. — Talvez eu deixe de lado as que levam à morte de cem pessoas.

— Você achou que ser vilão significava pregar a paz, Synali? — Seu rosto suave se torna severo quando ele se levanta. — Eu crio oportunidades. Dou às pessoas os meios, e elas usam esses meios com as próprias mãos, assim como dei a você os seus com o Algoz do Paraíso.

— Então você é o diabo.

Os olhos dele se fixam no pingente de cruz no meu pescoço, e então ele segue pelo corredor.

— Você ficará aqui esta noite. Quilliam, prepare a aerocarruagem

para mim. Ficarei fora até amanhã de manhã.

— Sim, meu senhor.

Aperto a faca até sentir dor, até não aguentar mais, e disparo atrás dele. Chego à porta da frente quando a silhueta de Dravik ainda está oscilando nos degraus. Um calor insuportável de repente atinge meu rosto, e recuo bem a tempo de ver uma chapa de luz sólida laranja isolando o vão da porta com um zumbido.

— Merda — sibilo. — Uma cerca.

É menor que a cerca que eles têm no zoológico da Ala Média — só fica visível quando alguém se aproxima. Pego um vaso próximo vazio e o pressiono contra a parede vibrante — a borda de vidro fica incandescente e a tinta começa a formar bolhas explosivas. É de verdade, então. Vasculho a mansão, testando todas as fechaduras, mas elas são fechadas com biotravas, até mesmo a da porta da cozinha. Meus olhos captam uma janela e, milagrosamente, ela se abre. Primeiro, passo a perna por ela e depois ouço o silvo — minha bota soltando fumaça onde a ponta de couro encostou na luz sólida repentinamente visível. Outra janela. Outra barreira laranja. Ele trancou a porra da mansão inteira.

Quilliam chega cambaleando com um pano de limpeza e sorri para mim.

— Alguma coisa errada, senhorita?

— Tirando o fato de Dravik ter me trancafiado como um animal no zoológico? — digo, com ironia. — Nadinha.

O rosto velho de Quilliam fica pensativo.

— Peço desculpas, senhorita. O meu senhor só está preocupado com a sua segurança.

— E sendo dolorosamente melodramático.

Digito furiosamente no vis. Não posso ficar esperando para ser resgatada pela invasão de Jeria ao sistema: sábados são sempre cheios no bordel, e o convite de Talize é para as dez da noite. Ou seja, só tenho oito horas para encontrar uma saída. Fico andando para lá e para cá no corredor, com Luna me acompanhando. Isso não tem mais a ver com a casa noturna, nem mesmo com Talize. O príncipe está indo longe demais, se importando demais. Nunca vou ter um pai de novo, mas ele

está se esforçando para isso. Entendo que não posso ter certas coisas, mas *não vou* abrir mão da minha liberdade.

Meus olhos pousam em Luna, e então na porta de aço inox do bunker. Se tudo está trancado com biotravas...

Sua maior força será usada contra ele.

— Está pensando em treinar, senhorita? — pergunta Quilliam.

Dou de ombros.

— Não tem muito mais para fazer neste lugar.

Quilliam sorri com pesar, e espero até que sua vagarosa limpeza do pó vire a esquina antes de me dirigir até o bunker. A biotrava me registra como sempre e, com uma onda de alívio, passo pela porta. Luna desce as escadas comigo, abanando o rabo conforme me aproximo do console do Algoz do Paraíso e abro a cabine em seu peito.

— Espere aqui — digo ao cachorro. Ele dá um ganido, como se soubesse aonde estou indo, comunicando palavras embaixo de palavras de uma maneira diferente, e eu acaricio sua cabeça de modo suave. — Vou ficar bem.

Ele espera obedientemente na passarela, e entro decidida na escuridão do Algoz do Paraíso. A IA verdadeira de Luna está conectada a todos os sistemas da mansão... mas também está conectada ao Algoz do Paraíso. Um Algoz do Paraíso atualmente ferido, a fissura dentada da nossa justa com Olric ainda escancarada na couraça. Quando diabos Dravik vai chamar a equipe para consertá-lo?

Minhas mãos tremem enquanto pressiono a solidez do gel da sela, a luz roxo-azulada banhando meu rosto e as espirais prateadas se espreguiçando como se acordassem de um sonho acolhedor. Não posso ter medo.

O sangramento prateado no meu nariz... o rosto sem vida de Sevrith na cabine... Expulso o medo. Não existe nada além dos quatro círculos restantes. Não sou nada além da montaria. O fluido nervoso cede, e escorrego para dentro.

Algoz do Paraíso.

Sinto-o se mexer na porta da nossa conexão mental. Observando. Esperando.

— *olá.*

preciso da sua ajuda.

— ajuda?

É uma chance mínima — não entendo a IA nem como ela funciona. Tudo que sei é que a IA verdadeira de Luna é inteligente; ela avalia possibilidades mais rápido que nós. Mais rápido que Dravik, espero.

você pode entrar na mansão?

— mansão? — ecoa ele, a confusão rodopiando entre nós.

Fecho os olhos e visualizo a Ponta do Luar — minha cama, a lareira, o escritório de Dravik com madeira vermelha e borboletas fixadas, a cozinha com cheiro de bolo, os corredores escuros e labirínticos com seus retratos sinistros observando cada passo ali dentro. Algo como um lar.

lar.

O Algoz do Paraíso me mostra uma coisa em resposta: uma lembrança do espaço. Não é uma escuridão vazia, mas um espaço cheio de luz violeta, gás e estrelas reunidos ao redor de um núcleo quente e branco, e percebo vagamente que é uma nebulosa. É isso que o Algoz do Paraíso considera lar?

— ir dentro? — pergunta ele.

dentro, concordo.

Tudo se entorpece, e eu me movimento. Ou nós nos movimentamos. Nos movemos juntos sem sair do lugar, em uma sensação hiper-realista de despencar assim que se adormece, mas seguindo uma vívida linha verde. Corremos pelo cômodo cavernoso do bunker, subindo as escadas e passando pela cozinha, e mais centenas de linhas aparecem — veias verdes no teto, nas paredes, nós verdes e teias entrando no telhado e no chão, e percebo o que são: os sistemas da mansão. A mansão é um borrão escuro ao redor da luz verde, mas foco o vislumbre dos quadros. Das camas. Das janelas. Dos lençóis macios e da tinta repousando na tela de maneira áspera e fibrosa e, por último, o mais difícil: do vidro frio e transparente.

atravessar.

O Algoz do Paraíso tenta. Meu estômago dá um solavanco quando ele se lança para a frente, a pele queimando com a chapa quente de luz laranja que aparece na frente do vidro.

— *não consigo* — diz o Algoz do Paraíso, com pesar.

você consegue. confio em você.

— *confia?*

Hesito. Nunca confiei de verdade, não é? Eu o joguei para lá e para cá na justa contra Olric sem nenhuma consideração pelos seus sentimentos. Quem foi a última pessoa em quem confiei?

amigo, digo, e penso em Jeria, nas noites que ela bateu à minha porta e perguntou se eu estava bem mesmo quando eu a afastava. Rax e Mirelle aparecem, proibidos e impossíveis — os dois me ajudando na sala da conferência. Não são amigos, mas... *gratidão*. Até Dravik aparece nas minhas lembranças — o Dravik que me treinou, não o que agora evita todas as minhas perguntas.

Desta vez, escancaro minhas lembranças de propósito, e o Algoz do Paraíso assiste. Absorve. O sentimento então muda — solidão. Há uma solidão profunda e sombria se estendendo eternamente na sela, mas alguma coisa cintila no fundo: a palavra *amigo*. A ideia-sugestão-núcleo dela, o significado puro que seguro com todos os dedos começa a brilhar, e o corcel badala com alegria:

— *atravessar com amigo!*

Nós nos movemos juntos de novo, girando nossa cabeça — ou onde quer que seja o lócus dos nossos sentidos — pela mansão. Um dos muitos nós verdes no teto fica laranja, e sinto o Algoz do Paraíso alcançá-lo — uma mão sem uma mão — e esmagá-lo. A coisa resiste, piscando rápida e vivamente, e então se estilhaça em mil pedaços de luz laranja. Saio do corcel e corro pela passarela, enquanto Luna espera balançando o rabo de felicidade do outro lado. Eu me curvo para acariciá-lo.

— Viu? Não foi tão ruim, foi?

Ele late, o som metálico reverbera no bunker cavernoso, mas seus olhos de safira não estão em mim. Estão fixos atrás de mim. No Algoz do Paraíso.

Viro-me e vejo: a fissura na cabine se foi.

A couraça do Algoz do Paraíso... está lisa de novo. Não soldada, mas lisa como se o rasgo nunca tivesse existido em primeiro lugar. Curada. Minha mente gira: eu só estive lá dentro por alguns minutos no máximo,

e a mansão inteira está trancada — nenhuma equipe poderia ter vindo ou consertado o corcel tão rápido. Luna? Não... Luna é um cão-sentinela. Posso não saber muito sobre IAs, mas sei que ela não conserta coisas desse jeito. Isso é...

Impossível.

Será que estou tendo alucinações de novo? Talvez, ou talvez não. O Algoz do Paraíso é diferente — ele fala comigo. Ele pode se consertar, então isso explicaria por que nunca vi a equipe e por que Dravik é tão reservado em relação a ela. *Como? Por quê?* Durante todo o tempo que estudei as bases de dados, nunca ouvi falar de um corcel consertando a si mesmo. Cada corcel exige uma equipe de pelo menos doze pessoas, engenheiros e programadores e físicos e técnicos em acrílico...

Foco. Haverá bastante tempo para pensar nisso depois, mas só tenho algumas horas para bolar um plano para a armadilha de Talize.



Casas noturnas não são só para nobres.

Há muitas na Ala Baixa e mais ainda na Ala Média, e todas tocam música eletrônica de alaúde nos alto-falantes alto o bastante para sacudir bairros inteiros — só os nobres podem pagar por isolamento acústico decente. Estou em frente a um imaculado edifício de mármore branco, ouvindo uma batida abafada que ressoa por baixo dos meus sapatos de ponta prateada; esperei até o pôr do sol para colocar roupas melhores e escapar, assim não alertaria Quilliam, que sem dúvida alertaria Dravik. *ATTEINT* está grafado em água antigravidade como uma placa sobre a entrada do lugar — uma placa que é um escárnio quando há pessoas implorando por água quilômetros abaixo de onde estou. Seguro o pingente de cruz de mamãe pendurado abaixo do plastrão que combina com meu gibão prateado.

Adiante.

A entrada rapidamente dá lugar a um longo corredor de escuridão — escuridão grossa e quente, propícia para criar plantas, crianças ou mofo.

Florestas. A Terra já foi assim um dia, e a casa noturna mira em uma nostalgia perdida que nunca conheceremos de novo: folhas de palmeira, plantas-jarro cheias de ácido, orquídeas perfumadas modificadas para brilhar em todas as cores no escuro. Agora sei que as plantas se alimentam de cadáveres.

Adiante.

A atmosfera exala vida com o zunido de insetos invisíveis, pequenos animais fazendo barulho de pigarro e pulando de modo errático. Sapos, acho, mas não aquelas coisas verdes e sem graça dos livros; estes brilham em cores neon e grudam em todas as superfícies. Os nobres infestam as paredes em apertadas jaquetas e espartilhos de couro. Anquinhas e capas holográficas brilham com borboletas em voo, ondas do mar, flores. Eles usam máscaras de bobo da corte e de donzela e de médico da peste feitas de madeira branca polida, e me observam.

Bem, alguns me observam. A maioria está... *aproveitando*. São os corpos contorcidos característicos de qualquer bordel, com seus olhos leitosos e embotados de quem inalou pó — contorcidos exatamente do mesmo jeito que na Ala Baixa, mas com cirurgia e roupas de marca, em vez de trapos e da peste. Os seguranças são menos seguranças e mais guardas de folga mal disfarçados em suas roupas civis. A música fica mais alta quanto mais perto eu chego das entranhas da casa noturna, e os guardas se mexem quando me aproximo, bloqueando a porta que leva mais para dentro.

— Mexam-se — ordeno.

A batida explode na escuridão, incansável. As armas e os punhais de luz sólida embainhados cintilam para mim, olhos reluzem para mim, então um deles cutuca o outro. Eles se afastam.

A casa noturna é uma caverna de vidro preta que parece ter saído diretamente da imitação de floresta; tem três andares, três escadarias brilhantes. No meio, há um palco onde, de uma árvore de metal, brotam bandolins e flautas e tambores, o DJ em suas raízes de LED fazendo cada instrumento tocar habilmente. Luzes estroboscópicas pulsam em todas as cores, refletindo o brilho em vinhas de jasmim e bananeiras. Animais que não consigo nomear se empoleiram nos ombros dos nobres — macacos dourados com escamas, papagaios da cor de balas. E a

multidão. Deus, *a multidão*.

Nunca vi a plateia na arena, só a ouvi, e ela me vê apenas como um holograma projetado diretamente no centro. Vou até o hangar Lithroi e monto, tomo banho depois que a justa acaba e empurro os repórteres no caminho de volta até Dravik. Mas aqui há uma multidão de verdade, real e viva e se ondulando em todas as direções da pista de dança ao som da música arranhada.

Ziguezagueio pela multidão e subo as escadas do segundo andar para ficar em um lugar mais estratégico. Talize não ditou um ponto de encontro específico, mas pelo menos conheço sua aparência. Apoio-me no corrimão projetado e olho para o lado, e minha mão recua quando um pequeno sapo neon pula na barra.

— Ah, não. — Um nobre perto de mim ri, emitindo um som anasalado através da sua máscara de médico da peste. — É bem melhor quando você os esmaga.

Antes que eu possa piscar, ele bate no corrimão com a mão espalmada. Os frágeis ossos se quebram; as entranhas neon se derramam. *Uma coisa viva*. Assisto horrorizada enquanto ele ri, esfrega uma mão na outra e espalha as entranhas brilhantes até a ponta de cada dedo. Sem pensar, projeto o punho e quebro o nariz da fina máscara de madeira — farpas emanam nos nós dos meus dedos, sangue pinga dos seus lábios expostos. Uma nova onda de horror começa quando ele ri de novo, e seus amigos riem atrás dele. Eles o pegam quando ele cambaleia para trás e sorri para mim como se eu não pudesse atingi-lo, e o horror se transforma em raiva quando começo a avançar...

— Ei, ei, ei! — A mão de alguém segura meu ombro, e sua voz vibra com a música. — Calma aí.

Afasto a mão e me viro só para dar de cara com Rax Istra-Velrayd com um gibão marrom e uma capa de pelo vermelho, assomando sobre mim feito um jato de sangue acima da multidão. Suas sobrancelhas sobem até atingirem seu cabelo platinado cuidadosamente bagunçado.

— Hauteclare? O que você está...

Aponto o dedo para a mancha do sapo.

— Por que eles fizeram isso?

Os olhos dele vacilam, e o neon capta a madeira vermelha deles.

— Drogas, os sapos estão cheios delas. Se eles tocarem sua pele exposta, um pouco vai entrar em você.

A mancha neon faz meu estômago se contorcer — é uma coisa viva, *usada*. Olho com raiva para a máscara quebrada, mas o homem já se foi, e espio os olhos de Rax: não há leite de pó nele, se é que a droga dentro dos sapos *é* pó. Ele parece estável sobre os pés, mas as aparências enganam.

— Eu não uso essa merda, se é isso que está se perguntando — ele fala. — Montar fica mais difícil.

— Então o que exatamente você está fazendo aqui? Além de se colocar no meu caminho?

— Socar pessoas indiscriminadamente não vai ajudar você a fazer amigos.

Minha resposta é venenosa:

— Eu não quero amigos.

Seu corpo massivo é uma câmara de eco do nosso beijo, seu pescoço e seu cabelo e seus olhos preenchem as lacunas que meu cérebro deseja há muito tempo. Depois daquele dia, ele deve me achar mais fraca e mais frágil que nunca — vacilante também, cheia de luxúria, incapaz de me controlar.

— Ok, nada de amigos. — Rax despenteia o cabelo, os bíceps forçando a manga do gibão. — Que tal companheiros de copo?

Meu vis de repente vibra o alarme das dez horas, e meus olhos disparam para o nível superior. Viro-me para sair.

— Indo embora tão cedo? — diz uma nova voz.

Minhas botas congelam. Eu me viro de volta. A cachoeira de cabelos castanhos de Mirelle brilha quase tanto quanto seu vestido dourado com estampa de cobra. Seus olhos dourados com sombra dourada me fuzilam de volta. Ela para ao lado de Rax, de braços cruzados e um ombro caído de

maneira casual, embora seu rosto demonstre qualquer coisa menos casualidade. Há farpas congeladas entre nós — um tipo de perigo diferente do representado por Olric.

E então tudo se derrete.

— Você deveria tomar um drinque com a gente — diz ela.

A gente. Ele está com ela.

Tudo se encaixa na minha cabeça: eles não apenas dormiram juntos — *estão* juntos. Parados ali, um ao lado do outro em toda a sua realeza. Faz todo o sentido. Beije um homem prometido a outra. Ainda assim, a tentação do diabo permanece.

seria bom tomar um drinque com alguém da minha idade.

O Algoz do Paraíso está solitário. Percebo então, neste lugar barulhento, que eu também estou.

— Você não quer tomar um drinque comigo — digo. — Sou a bastarda que está assassinando sua família.

Mirelle eleva um ombro.

— Você não vai assassinar mais ninguém, nós triplicamos a segurança. Além disso, eu particularmente não gostava de Raoulle ou Palissa, eram dois hipócritas covardes e famintos por poder. E nem me fale de Balmoran: ele batia na esposa. É um milagre que os gêmeos tenham sequer nascido.

Enrijeço a mandíbula. Seria uma armadilha dentro de uma armadilha?

— Você é uma assassina, não há discussão quanto a isso. Mas antes você é uma ginete, e na Guerra era tradição brindar quando três ginetes se encontravam. Venha. — Seu vestido dourado desliza atrás dela conforme ela caminha até o bar.

Dou uma olhada de relance para Rax, mas ele só sorri, resignado, e a segue, murmurando no meu ouvido ao passar por mim:

— Ela é obcecada por essa coisa de cavaleiros, vive lendo livros velhos sobre a Guerra. Só aceite.

Ele está perto demais — sinto sabonete de ervas leves e vejo as sombras suaves em seu pescoço. Afasto-me. Mantenho-me dois passos atrás dele enquanto ele se aproxima da mesinha que Mirelle escolheu. Esperamos. Desvio os olhos — olho para qualquer lugar menos para ele, e depois bem para ele, *acidentalmente*, mas ele apenas sorri. Meu cérebro grita em protesto quando Mirelle retorna e desliza o shot neon para mim; poderia estar envenenado. Ela poderia estar fervendo de ódio por baixo da fachada gelada — tentando me matar como todos os outros. Rax me vê hesitar.

— O que foi? Não gosta de shots de gel? Entendo, a textura é meio como comer um peixe enquanto ele se debate ou algo assim...

Mirelle é mais esperta. Ela dá uma bufada, trocando rapidamente os shots ao redor da mesa para que cada um fique com o do outro, fazendo as unhas douradas cintilarem.

— Aí está. Satisfeita?

Nem de longe. Mas Rax preenche o silêncio entre nós enquanto levanta o copo:

— E aí, vamos brindar a quê? Amizade? Honra eterna? Espera, já sei, vamos com alguma coisa mais realista, como...

— Você calando a boca por dois segundos — ironiza Mirelle.

— Eu calando a boca por dois segundos — ecoa ele, o sorriso brilhando como o sol, então ele franze a testa para ela. — Ah, fala sério, você sabe que isso nunca vai acontecer.

Minha risada explode naturalmente. Rax sorri para mim, e sinto fogo escorrendo pela coluna. *Merda.*

Mirelle levanta o copo, com os olhos diretamente nos meus.

— Ao vencedor — diz ela.

É um brinde simples — sem emoções, apenas fatos: todos nós somos ginetes. Todos estamos competindo na Copa Supernova, mas apenas um de nós vai vencer. O sorriso de Rax desaparece, ele segura o corpo ainda mais alto em uma concordância não verbal. É estranho me sentar à mesa com pessoas que também são jovens — fazer uma coisa não para avançar, mas só porque *eu quero*.

— Ao vencedor — digo.

Brindamos e depois viramos a bebida. O gel desce queimando, frutado e abrasador, e me engasgo um pouco. Rax bate nas minhas costas, o que não ajuda em nada.

— É a primeira vez que você bebe?

O fogo na minha garganta esfria quando Mirelle solta uma risada de desdém.

— Você matou pessoas antes mesmo de beber? Que maneira distorcida de viver.

— Ei, Mir, n-não...

— Ela está certa — interrompo os gaguejos de Rax.

O que pensei que ia acontecer ali, amizade? Eu me levanto e me viro, mas a voz de Mirelle atravessa o cômodo. Atravessa os baixos e os bandolins que preenchem meus ouvidos — os gritos animados da multidão, os copos tilintando, tudo desaparece ao seu tom gelado de veludo.

— Tinha sangue no traje que você roubou. O sangue do tio Farris. Disseram que os testes comprovaram o parentesco com você.

Olho por cima do ombro. O olhar de Rax dispara de mim para ela e de volta. Mirelle está parada como uma faixa de ouro, esperando, o mundo todo aguardando sua próxima frase.

— Você matou seu próprio pai, bastarda. Você o destruiu.

não. a casa dele ainda está de pé. metade dos assassinos dela ainda está viva. vocês ainda estão intactos.

Meus dedos coçam por algo em que me segurar: o corrimão, a mancha neon. *eu seria uma mancha neon se eles tivessem conseguido o que queriam.* Os olhos de Rax se endurecem devagar, e isso faz algo dentro de mim entrar em pânico. Agora ele sabe. Não há honra em nada disso — nenhuma esperança em nenhum deles.

Abro um sorriso digno de Dravik.

— Não. Ainda não.

44. Clementia

clēmēntia ~ae, f.

1. misericórdia

2. brandura



No terceiro andar da casa noturna Atteint, há uma área VIP.

É uma caixa de vidro no meio de uma multidão bêbada, cercada por galhos maciços de madeira branca trançados e curvados um sobre o outro. Um ninho. A madeira bloqueia as paredes de vidro, mas dois olhos em uma silhueta familiar nas sombras me seguem lá de dentro, escuros e cristalinos e refletivos como obsidiana.

aí está você.

Caminho na direção deles, e de repente a silhueta desaparece. Uma lacuna aparece na caixa, no formato de uma porta aberta. Os nobres apoiados na parede simplesmente observam, suas máscaras de médico da peste parecendo bicos, como pássaros carniceiros esperando os restos depois do fim de uma luta.

adiante.

Entro e a porta se fecha atrás de mim. No escuro, um único halo de luz negra brilha branco-azulado. As luzes aumentam de intensidade — uma luz rosa ilumina um sofá de couro e a mulher sentada nele. O cabelo preto como nanquim desce até sua cintura, o vestido branco piscando com babados holográficos. Um véu branco esconde seu rosto,

seu sorriso rosado mal é visível — ela tem a mesma aparência que tinha no banquete.

— Saudações, Synali von Hauteclare. Pela graça Dele, sou Lady Talize san Michel.

É a voz nobre mais suave que já ouvi além da de Dravik; os outros gritam e se explicam, mas a dela é pouco mais forte que um sussurro. Meus olhos examinam o cômodo — não há nenhuma segurança. Nada além de nós duas, uma cela de pureza estranhamente estéril no olho de uma tempestade de avareza.

— Onde estão meus modos? — Talize estende a mão graciosa sem nenhuma joia. — Por favor, sente-se.

Com cautela, sento-me na poltrona à sua frente.

— Gostaria de beber um chá?

— Não.

O selo de cruz e cobra da Casa Michel — o mesmo do lacre de cera do convite — está gravado no bule de chá na bandeja ao lado dela. Ela se serve uma xícara com gestos perfeitos, e é então que noto a cruz de madeira vermelha no seu pescoço... exatamente igual à minha.

— O que você quer? — exijo.

— Simplesmente queria encontrá-la antes de amanhã, Synali, como ouvi que você encontrou Olric.

— Então acabamos por aqui.

O sorriso dela se alarga.

— Se você quiser. No entanto, você veio até aqui, e com uma roupa tão bonita, seria um desperdício se não ficasse mais que alguns minutos.

É uma armadilha. Mas, se eu a superar sozinha, Dravik não terá escolha a não ser respeitar minhas habilidades daqui em diante. Ele terá de confiar mais em mim.

— Você é a dona deste desperdício de espaço, suponho — digo.

— Eu não chamaria tais lugares de “desperdício”

— Do que você chamaria, então?

— Locais de provação. — O sorriso rosado de Talize se enrugando por trás do véu. — Ou melhor, uma prova do amor de Deus pelas ovelhas perdidas. Drogas e hedonismo e prazeres carnavais... Eles se permitem tudo isso aqui, e eu os acolho como o Senhor me acolhe em seus braços.

Meus olhos desviam para a cruz de madeira vermelha em seu peito. Ela me corta imediatamente.

— Todos nós nascemos do pecado, Synali. Sem pecado, não pode haver absolvição. Essa é uma verdade universal que Deus entrelaçou na existência: sem frio, não pode haver calor. Sem peso, não pode haver leveza. A ciência sabe disso, mas a fé sabia antes.

Talize san Michel fala mais baixo que os outros, mas ama o som da própria voz assim como qualquer um deles.

— Uma pessoa deve pecar para entender a verdadeira luz de Deus. Para experimentar a força total da Sua misericórdia amorosa e do Seu perdão arrebatador, uma pessoa deve primeiro errar. É assim que nos aproximamos Dele em nossas vidas limitadas de seres pecaminosos da carne.

A música abafada lá fora afoga minha bufada de desdém.

— Parece uma desculpa para fazer coisas terríveis sempre que quiser. Vislumbro uma centelha em seu olhar.

— E o que você está fazendo não é terrível?

Uma centelha reluz no meu olhar quando o dirijo a ela.

— Você usa o nome Hauteclare, e mesmo assim ameaçou matá-los no banquete. Diversos deles *morreram* desde então, em acidentes estranhos e misteriosos. Você continua vencendo, e sua família continua perecendo. — O sorriso rosado dela é uma pétala se retorcendo em cinzas. — Você está pecando *terrivelmente*, ovelhinha.

Não conheço a igreja — mamãe conhecia. Não conheço o livro — mamãe conhecia. Mas conheço pessoas como Talize. Flageladores se chicoteando para se sentirem melhor. Usando sangue como salvação, como se a dor fosse uma atração turística ou alguma bebida cara para ser saboreada, em vez de um fato inescapável da vida para tantos. Ela bebe a minha avidamente enquanto seus olhos repousam no pingente de mamãe.

— Você reza, ovelhinha?

— Não é da sua conta, porra.

— Ah... então é um sim.

Talize se levanta do sofá e se aproxima da poltrona. Seu perfume é de madressilva, e meu sangue se contrai, pronto para qualquer coisa —

facada, golpe, soco... mas ela simplesmente afasta meu cabelo preto do rosto de maneira gentil.

— Posso ver: você está sofrendo. Está congelada no tempo, vivendo em dor, e só Deus pode libertar você. Ele perdoa, Synali. *Tudo*. Você só precisa buscar o perdão.

Meu rosto está petrificado. Seus olhos pretos me encaram, assustadores por trás do véu, enquanto seus dedos gelados traçam a pele exposta dos meus punhos socadores de máscaras.

— Você não precisaria mais matar. Não precisaria mais sofrer. O ódio no seu coração não é você, foi plantado aí pelo Lithroi. Não é tarde demais para abandonar a serpente e abraçar-Lo.

Morreram cento e cinquenta e cinco pessoas por causa dele. Mais sete por minha causa. Pensar nisto por um único momento — uma vida diferente, uma vida de paz... beber com pessoas da minha idade, responder às mensagens de um rapaz. Um homem de olhos prateados e um rosto lindo aparece de repente no sofá ao lado de Talize. “*Se todos os seus inimigos sumissem, Synali, o que você faria?*”

Não há paz para mim, Sevrith. Eu escolhi meu destino.

Os nobres escolheram o destino dela, e nunca vou perdoá-los por isso.

Há um borrão de movimento quando algo pequeno e preto-vinílico salta de dentro da manga de Talize para a minha mão com pés enredados e grudentos. Pulo da cadeira em pânico, e Talize pega rapidamente o sapo do chão e o segura com carinho.

— Ah, sinto muito. Parece que meu amigo estava mais ansioso para conhecê-la do que eu antecipei.

— Você... — rosno. — Aquela coisa...

— “*Sombra noturna*” — corrige ela, com frieza. — Talvez a criatura mais potente que já criei no meu tempo livre. Me disseram que um único toque dele é suficiente para intoxicar uma dúzia de homens adultos. Eu tomei o antídoto no meu chá, mas você, bem...

Sob o halo, o sorriso dela é perfeitamente apaziguador. *medo*. Meu sangue corre quente, frio, quente, frio de novo. Algo como estática invade meus pulmões — é pesado, craquelado, e de repente minha respiração e minhas piscadas parecem muito lentas. A voz de Talize ecoa de lado na minha cabeça.

— Está se sentindo bem, Synali von Hauteclare? Ah, espero que você consiga montar amanhã, do contrário me entregará a vitória por omissão.

A armadilha se fecha ao meu redor.

Sinto a boca seca, tontura, meu crânio derretendo no pescoço. Meus joelhos cedem enquanto sigo em direção à porta: só madeira, tudo igual, a porta se foi — *ali, uma costura* — e eu puxo, me puxo pelo corrimão até o andar de baixo, cambaleando, desabando, e é tão engraçado que eu tenha caído nessa. *Gargalho*. Gargalho histericamente — eu estava pronta e esperando, vestida para matar, para brigar, mas caí de cabeça na armadilha, distraída pela ideia de perdão, de um futuro melhor. De algum futuro.

Os médicos da peste me observam, esperando que eu pare de descer, esperando que eu caia, mas Jeria me disse uma vez que uma queda só é uma queda se você não volta a se levantar. Luzes estroboscópicas machucam meus olhos, e a batida da música é um tambor implorando que eu me mova com ele, que eu dance ao som do seu amor. Desço outra escada aos tropeços e mergulho no mar de rostos. Corpos se esbarram por toda a minha volta, todos eles com olhos de joias e sorrisos de cristal e halos, todos sorrindo para mim e eu sorrindo de volta e *estou sentindo*.

Não estou mais sozinha.

Uma centena de amigos me cerca. Eles se movem comigo e me tocam e me chamam; estão aqui, bem ao meu lado. *Estou segura*. Sinto dedos quentes por baixo da minha roupa, lábios quentes nos meus, o gosto de sangue como sal e mel, e no fundo do meu coração — na coisa murcha e meio viva trazida pelo mar até o nada —, sei que nunca mais ficarei sozinha. Nunca mais sofrerei sozinha em um apartamento vazio, em uma cama vazia, na piscina vazia do sangue de mamãe. Choro e sorrio e choro de novo, lágrimas quentes escorrendo pelo meu rosto. Estico os braços para alcançar todo mundo — *mais, mais perto, por favor, juntos* — e então alguma coisa dura me puxa de volta: uma mão mais forte que eu. As luzes e cores maravilhosas se embaralham, esmaecem, e meus amigos ficam cada vez mais longe.

— *Não!* Não estou sozinha! Me ***larga!***

Ataco, mordendo o calor — sinto músculos rijos e o gosto de sal-mel do sangue de novo e ouço alguém xingando, mas a mão se recusa a me soltar. Um corredor comprido ondeia em neon, um borrão vermelho me abriga contra a parede. Seu cabelo platinado brilha nas luzes estroboscópicas. Eu o conheço. Preciso lhe dizer.

— Ele prometeu. Depois que acabar. Então não adianta nada.

— Do que você está falando?

— Lithroi. O homem-coelho. Ele vai me matar como eu pedi. — Dou risada. — Quero descansar. Mas às vezes olho para Luna, e o nascer do sol, e você... e aí não quero.

Ele segura meu rosto nas mãos.

— Olhe para mim, Hauteclare. Respire fundo.

Inspiro. Ele também inspira, nossos peitos se tocam, e relâmpagos me percorrem e de repente quero devorá-lo até os ossos, descascá-lo e comê-lo, entrar nele e viver onde é quente e gentil e vivo. Quero ser ele — *melhor*. Quero ser ele — *amado*. De repente, alguém me arrasta pelo pulso para longe dele, e o ar frio do lado de fora mordisca. As pedras molhadas abocanham meu corpo quando eu colapso.

Uma voz mais fria ecoa:

— Pelo amor de Deus, Rax, ela só está drogada, deixe que os guardas lidem com ela.

Um borrão vermelho se assoma.

— O que aconteceu com aquela coisa de “*honra entre ginetes*”, hein?

Um borrão dourado mais longe dá uma bufada.

— Há honra entre ginetes, mas não entre parricidas.

— Ela é sua *família*, Mir.

— Ela está matando a família dela, *Rax*.

Desejo o vermelho como o fogo deseja madeira (*ele seria diferente, ele seria gentil, ele seria bom*). E mesmo que o dourado me odeie, eu também a desejo: ela é forte, direta, uma irmã (*alguém com quem treinar, alguém com quem adormecer*). Eu me sento e tento alcançar o vermelho com dedos trêmulos.

— Você é lindo.

Os olhos de madeira vermelha piscam. Eu me aproximo. Sinto o cheiro de pele-sabonete-suor, e encontro a fraqueza na trama dele, os

músculos do seu estômago de veludo, e meu toque se prolonga.

— Quero ficar com você.

Um estrondo.

— V-você não pode.

— *Por favor*, só uma vez.

— Ah, finalmente! — dispara o dourado. — Essa é a dela, coloque-a lá dentro e vamos embora. Já estamos atrasados.

Ouçõ o silvo das saídas de vapor da aerocarruagem na pedra fria. O delicioso calor me levanta e me coloca em algum lugar frio de novo, abandonando-me. Meus dedos agarram sua seda marrom, mas tornos de ferro me removem, e seu sussurro queima no meu ouvido feito xarope escuro e doce que desce pelando.

— Sinto muito.

Colapso com a cara em uma almofada fria, vendo o azul-claro e prateado ondular. O solavanco da carruagem me leva não importa para onde — para o inferno, para onde vão os pecadores. Para algum lugar escuro e vazio. Para o dragão gelado.

sozinha.

Na minha visão dançante, Astrix está sentada na carruagem ao meu lado, sorrindo para mim com seus olhos prateados e suas pupilas que não piscam, impiedosas, enquanto acaricia meu cabelo e diz palavras por baixo de palavras...

nunca sozinha.

45. Viridis

viridis ~is ~e, α.

1. verde

2. jovem, enérgico; vigoroso

O ginete do rei retorna ao coração do mundo.

Mas eles também retornaram.

Seus tentáculos ondulam lá em cima enquanto eles circulam lentamente o núcleo maciço de fluido nervoso. São três desta vez. Os cientistas os chamam de extrusos. Ele não sabe como chamá-los, só sabe o que sente em relação a eles: raiva. Indignação. Medo. O garoto se interrompe: por que deveria ter medo? Seu pai lhe deu o universo, e o garoto o moldará de acordo com suas ordens, assim como ordena agora em pensamento sem palavras:

retornar.

O silêncio pulsa na sala do núcleo. As saídas de plasma da cadeira aérea do garoto sussurram *fracasso*. Ele encara sem piscar os tentáculos fantasmagóricos dançando no teto escuro e ordena novamente.

RETORNAR.

Os extrusos não reagem, mas o núcleo, sim. As fibrilas prateadas dentro dele sobem furiosamente pelo tubo monolítico e se chocam contra ele, apontando em ângulos retos prateados feito lanças, feitos dentes, tentando chegar até os extrusos lá fora ao seu comando.

Os extrusos o estão *desafiando*.

Isso já aconteceu antes — simplesmente nunca tinha acontecido com ele. O ginete do rei sempre é um dos muitos bastardos do rei — o Mensageiro do Inferno não aceita nada além de sangue Ressiminus. Eles mantêm o núcleo sob controle usando o Mensageiro do Inferno ou são descartados, e muitos vieram antes dele. O garoto tem lembranças

profundas de ser descartado: o enxofre frio das ruas, o ruído molhado dos ossos de rato-toupeira nos dentes quando nada mais podia ser encontrado, os olhares vazios das centenas de milhares de pessoas passando por ele encolhido em sua caixa de latão ondulado como se ele fosse invisível. *Lixo*. Sua mãe tentou tolamente escapar, tentou mantê-lo afastado de seu destino, e ele foi tratado como lixo por causa disso.

Não. Ele se recusa a ser descartado de novo.

Os cientistas estavam errados: o fracasso rápido do núcleo não se deve à entropia ou a uma escassez do combustível fornecido. Deve-se a um ginete.

Primeiro, ele pensou que fosse um dos estabelecidos e experientes, mas rapidamente percebeu que nenhum deles representava ameaça. Nenhum deles sabia a resposta para a pergunta da antiga rainha — uma pergunta que quase rachou o mundo há vinte anos e o racharia de novo agora com a mesma facilidade. Nenhum deles sabia como ir fundo o bastante para encontrá-la. Eram incapazes disso, preocupados sempre com a própria sobrevivência. Eles *resistiam e resistiam e resistiam*. Não era um ginete estabelecido. Era alguém novo, alguém que se recusava a resistir.

E ele a encontrou deitada naquela cama de hospital.

O garoto estende a mão e toca o coração do mundo, e as fibrilas prateadas tentam tocá-lo de volta.

por que ela? o que ela dá a vocês que eu não dei?

O silvo de uma espada projetada se desligando chega aos seus ouvidos, e a voz baixa do segurança ressoa ao seu lado:

— Precisa de mais alguma coisa, senhor?

O garoto vira a cadeira aérea, as saídas de plasma sibilando no piso e nos corpos imóveis. A sala do núcleo está pintada de imobilidade, com corpos curvados sobre seus consoles e segurando as próprias pistolas de luz sólida mal escondidas, com feridas sem sangue de espada projetada manchando os jalecos brancos em emaranhados de carne, bocas e olhos abertos em caretas.

— As cabeças vão no núcleo. Limpem o resto, depois tragam os titulares.

O segurança se curva.

— Como quiser, senhor.

46. Decipio

dēcipiō ~ipere ~ēpī ~eptum, *tr.*

1. enganar, iludir

2. privar de uma vantagem esperada



Agarrando-me ao meu corpo pesado, cambaleio pelo caminho de entrada da Ponta do Luar. Minhas pernas tremem, meus pensamentos vibram um contra o outro. Tudo o que importa é sobreviver. Não. **Vencer.**

Dou um passo de cada vez. Ouço latidos frenéticos, batidas ocas no mármore, os dedos sem anéis de alguém se esticando para a cruz no meu peito. Faço força, mas minhas pernas falham. Alguém fedendo a traças me pega e me carrega.

— Eu falei para você não ir, valente.

Minha cama. Um sonho, mas minha própria lembrança desta vez — o escritório de papai em madeira e ouro e mármore. São seus últimos momentos. O punhal cerimonial que peguei na escrivaninha dele repousa na minha mão. Seu rosto é mais nítido do que deveria ser em uma memória — é como a realidade, como ódio antigo inflando. Olhos azuis-azuis, traje azul-azul. Rugas ao redor das sobrancelhas, da boca... uma vida vivida como mamãe não pode mais. O nariz dele, meu nariz. Os ombros dele, os meus. Ele me deu seu corpo.

Mas também me deu sua crueldade.

Papai está imóvel e em silêncio, as mãos para trás. Ele vira as costas para sua única filha, olhando para fora da janela enorme, para o espaço. Para o nada. Seus lábios — *meus lábios* — se movem no reflexo da janela preta, e sua voz oscila.

— Eu a amava, Synali.

Ele não tem o direito de dizer meu nome. Não tem o direito de falar em “amor”

Ele deveria me amar, me proteger.

Fúria e desespero e injustiça se unem como fogo. Ele acabou com meu mundo pela sua reputação, pela “honra”, por um lugar ao lado de um velho moribundo — ele decidiu que o poder era mais importante que eu. Meus pés se movem para a frente. Minha mão desce. Meu punhal brilha, e então fica vermelho.

Sussurro em seu ouvido:

— Diga isso a ela você mesmo.

47. Cicatrix

cicātrix ~īcis, f.



1. marca de um ferimento antigo; cicatriz, incisão

Rax Istra-Velrayd olha para as árvores murchas que escondem as janelas da mansão Lithroi. Sua aerocarruagem carmesim está zumbindo atrás dele, e seu estômago vazio ronca; ele não conseguiu comer nada na mesa de discussão do casamento com todos aqueles Hauteclare olhando para ele. A mãe riu docemente enquanto apertava o joelho dele embaixo da mesa, e o pai fez promessas e mais promessas, mas ele não deu a mínima. Só conseguia pensar em um par de olhos azul-celeste se suavizando pela primeira vez.

Sorrindo pela primeira vez.

Ele não consegue tirar aquilo da cabeça — não sabia que Synali *conseguia* sorrir. A maneira como as bochechas dela se iluminaram, como os lábios dela se moveram... lábios manchados de sangue, devorados por cuzões aspiradores de pó na multidão da casa noturna. Lábios que morderam o antebraço dele. Ele esfrega o curativo com cuidado — seria fácil dizer que era uma ferida de treinamento se não tivesse parado de se machucar nos treinos aos dez anos. Seus pais tinham desconfiado, mas Mirelle mentiu por ele, e eles engoliam tudo que saía de sua boca puro-sangue.

As palavras de Mirelle na aerocarruagem depois das discussões sobre o casamento ecoam na mente dele.

“Se gosta tanto dela, durma com ela e acabe com isso.”

“Na verdade, não é tão simples assim”, dissera ele.

“Tem que ser.” Ela inspecionara as unhas brevemente. *“Ela não é sã, Rax. É tão instável e perigosa quanto uma estrela prestes a morrer, todo mundo vê isso. Então vá em frente, divirta-se. E, quando acabar, se afaste e me deixe acabar com ela na arena.”*

Rax deveria se preocupar com qualquer outra coisa: com o fato de não conseguir contato com Yavn há quatro dias, com o fato de seus pais o leiloarem para a Casa Hauteclare e seu casamento com Mirelle ser daqui a seis meses. Ele simplesmente não conseguia entender... O ex-príncipe não a mataria, certo? Ela é a ginete dele. Não pode estar em perigo, certo?

As palavras dela pareceram tão desesperançosas, tão minúsculas e solitárias. Sempre na defensiva e espinhosa, ela nunca diria aquelas coisas sóbria; claramente havia sido drogada. Estava tão sentimental, tão diferente, tão direta e real quanto seu beijo fora tímido e assustado. As mãos dela se moveram pelas suas roupas com tanta coragem — *as mãos dela nas suas roupas*, puxando as costuras com um desejo na voz que deixou rígido cada músculo em seu corpo.

“Por favor, só uma vez.”

— Posso ajudá-lo, Sir Istra-Velrayd?

Ele se assusta — o príncipe está na porta da frente com um pequeno cão-sentinela dourado mostrando o focinho entre as pernas dele. O homem é mais baixo que Rax e muito mais magro que alguém que já foi o futuro rei deveria ser, e ele não usa o halo de luz negra. Seu cabelo castanho é ralo, preso em um discreto rabo de cavalo curto, e ele mantém um sorriso inócuo no rosto comprido e calmo. Ele é o mentor de Synali — não seu pai, porque, de acordo com Mirelle, ela assassinou o próprio pai. Rax não ficou chocado com isso, apenas triste, porque a ideia também já fora íntima para ele. Nos seus dias mais jovens e mais sombrios preso no Berrador Solar, ele também pensou em assassinar os pais pelo que estavam fazendo com ele.

Se tivesse agarrado a oportunidade, ele seria Synali.

— É, me desculpe. Só queria saber se... Se está tudo bem com Synali. Eu a vi na Atteint e a coloquei na carruagem, mas ela não parecia bem...

O sorriso do príncipe se alarga.

— Ah. Foi você que mandou as flores para o hospital, então.

— Flores? Não, eu... Quer dizer, tentei visitá-la, mas eles tornaram o quarto dela privado. Ou acho que... *você* tornou o quarto dela privado.

— De fato fiz isso.

Anos pisando em ovos ao redor das políticas da corte permitem que Rax perceba a amargura no sorriso do homem, mesmo que ele não transpareça nada. As safiras na bengala dele observam Rax feito uma dúzia de

olhos azuis — agudos e hostis. Ainda assim, sua mente se agarra à voz de Synali. Se o Lithroi a está machucando, forçando-a a montar assim como a mãe de Rax o forçou... A mordida no braço dele lateja enquanto ele dá um passo à frente, e o cão-sentinela começa a rosnar baixinho.

— Só quero vê-la, Vossa Alteza. Garantir que ela esteja bem.

— Receio que isso não seja possível, Sir Istra-Velrayd.

Rax força o caminho em direção à porta, e chega perto demais para ainda ser considerado educado.

— Um minuto. Isso é tudo que peço.

É tão rápido que a princípio ele não sente — *tão rápido que o lembra do impacto* —, e então vem aquela abertura quente, o característico fluxo derretido pela sua bochecha. Sangue. O príncipe Lithroi segura o fulgor de uma espada projetada abaixo do queixo de Rax, e seu contido e abrasador calor laranja e a empunhadura de safira brilham enquanto ele dá um sorriso cintilante.

— Acho que você já está indo embora, Sir Istra-Velrayd.

48. Eminus

ēminus, adv.

1. (relativo à luta) a grande distância

2. a distância



Hoje, há pessoas suficientes do lado de fora do meu hangar para que me concedam um único guarda. Uma fraca comemoração começa quando me aproximo. Há curativos nos meus arranhões, os hematomas da noite passada foram escondidos sob a maquiagem. Sem shot de gel queimando na minha garganta, sem aquela nauseante droga de sapo nas veias, minha mente está clara e focada.

Dravik está diante da pequena multidão com um sorriso gratuito no rosto.

— Você parece bem.

Estou sem paciência para os joguinhos mentais dele.

— Você mandou a carruagem me buscar ontem à noite.

— Sim, você estava bem baqueada. Se eu fosse alguém experiente, chamaria aquilo de overdose destinada a incapacitá-la por vários dias.

— Como você sabia onde eu estava?

— Não precisava ser exatamente um corceleiro para saber aonde você foi, Synali.

Estreito os olhos.

— Mas você sabia o momento. *Exato*.

— Claro. O monitor biométrico que coloquei no seu pingente me alertou da sua pulsação rápida, muito além do saudável. Eu sabia que algo tinha acontecido e mandei a carruagem até você.

Seguro a madeira vermelha no meu peito, e meu estômago se revira. Ele deve tê-lo alterado quando lhe dei para guardá-lo durante as justas.

— Você me rastreou como um cachorro.

— Como uma garota que se recusa a ouvir aqueles interessados na sua segurança — diz Dravik, com frieza. — Você tem muita sorte por eu ter monitorado as ações de Talize antes disso, ou nunca teria conseguido lhe dar o antídoto a tempo de você vir a esta justa.

Ele não tinha como saber que eu entraria na carruagem. Eu poderia ter simplesmente sofrido uma overdose na pista de dança. A menos que... a menos que ele tivesse *certeza* de que eu havia encontrado alguém que me ajudaria — a menos que tivesse me ouvido falando com eles. Rax. Mirelle. Ele os viu me ajudando na conferência.

— Você também colocou microfone nele — rosno.

O sorriso de Dravik se alarga.

— Não vou perder você.

— Não sou sua, Vossa Alteza.

— Estou curioso, como você fez? — ele pergunta abruptamente. — Para remover as travas. Usou o módulo da sua amiga de novo?

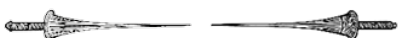
— Está fingindo não saber para me induzir a confirmar suas aproximações para você.

— Eu ensinei você bem demais. — O príncipe baixa os olhos para a bengala e ri suavemente. — Depois de Olric, fiquei preocupado, mas... parece que o Algoz do Paraíso está progredindo muito mais rápido que pensei. Você está se saindo *esplendidamente*, Synali.

— O que exatamente estou fazendo “esplendidamente”, Dravik? Montando seu corcel? Ajudando você a começar uma guerra civil?

Desta vez, seu sorriso brilha como o de um pai. Com orgulho.

— Crescendo.



A justa é nas sombras hoje.

O sol por trás de Esther forma um halo, fazendo a Estação brilhar como um broche cinza em seu peito. Os detritos da colisão entre a Teta-7 e a *Resistência* permanecem ao longe, enquanto as equipes de remoção pulam entre os pedaços de plataformas de carregamento e espirais de metal meio derretido, e as correntes projetadas que as ligam à nave de coleta reluzem feito cordões umbilicais laranja-neon. O orbe branco da arena da Copa Supernova abre sua rede, e o Algoz do Paraíso e eu a atravessamos.

Talize já está lá.

Ela flutua sob a cruz suspensa de LED como um feto, com as mãos de seu corcel dobradas uma na outra em oração. Não há nenhum ângulo ou ponta no corcel dela — pernas e braços são gradualmente espiralados e o torso tem formato de S. A cabeça é lisa e sem detalhes, com exceção dos dois recortes fantasmagóricos parecidos com pontas de dedos onde os olhos estariam, como uma noiva de véu. A coisa toda é pintada de creme, com rosa-claro nas juntas. O rosa mais profundo de todos está na couraça, marcando a forma do selo: a cruz e a cobra.

Cobra e coelho estão sempre em conflito.

Nós nos aproximamos e Talize se desenrola enquanto uma holotela aparece no meu elmo. Seu elmo de ginete rosa-claro brilha, refletindo fracamente o halo em sua expressão satisfeita através do visor.

— Ah, Synali. Quer se juntar a mim? Estava dizendo algumas palavras ao nosso Senhor antes da justa.

O Algoz do Paraíso faz um movimento em direção ao convite.

— *amigo*.

Recuo. *nós dois somos amigos. mais ninguém.*

O Algoz do Paraíso faz o equivalente emocional a uma cambalhota diante da palavra *nós* — uma coisa alegre. Concentro-me no lenço na minha pele. Traço uma linha. Não uma linha grossa, como na justa contra Olric, mas mais leve, algo como um aceno de cabeça, um reconhecimento na beira de uma piscina e nada mais.

Meu silêncio estendido faz Talize se endireitar, posicionando as mãos delicadas ao lado do corpo enquanto pergunta:

— Você sabe pelo que eu estava rezando, Synali?

Eu me propulsiono até a plataforma terrena. Os ímãs que nos puxam tensionam, vigorosos.

— Espero que por misericórdia — digo.

Fecho a comunicação, mas ela volta rugindo com a multidão e os gritos dos comentaristas.

— ... trazendo para vocês a justa que marca o meio da competição na chave A da Copa Supernova! As coisas estão começando a ficar feias, amigos. Não antes de ficarem lindas, claro! Hoje a competidora sideral dispensa apresentações: campeã incontestável do concurso de beleza da Nova-Corte há quatro anos e contando, por favor, deem as boas-vindas à sedutora e glamorosa Talize san Michel da Casa Michel, e seu corcel, o Devorador de Pecados!

A multidão explode sua aprovação ribombante nos meus ouvidos.

— Lady Talize é uma verdadeira peso-pesado entre os ginetes da classe Cruzador, Gress. Ela tem um olho para a precisão que raramente vemos no campo.

— Ou seria um olho para a fraqueza, Bero?

— Ótimo ponto, Gress. Ela é uma ginete que observa seu oponente com cautela, identifica seus pontos fracos, e ataca para matar. Estou muito animado para ver o que ela vai fazer hoje contra nossa próxima competidora, uma verdadeira explosão imprevisível e ainda menos prudente! Ela chegou até aqui por pura audácia, se pendurando em precipícios que outros ginetes considerariam impossíveis! Ninguém pode duvidar da sua determinação. Por favor, deem as boas-vindas a Synali von Hauteclare e seu corcel, o Algoz do Paraíso!

Cerro os punhos. Cada palavra da descrição dele grita “desesperada” sem que ele precise dizer a palavra nenhuma vez.

— Ginetes, preparem suas plataformas para a primeira rodada!

Em um piscar de olhos, Talize se vira e vai até sua plataforma, deixando trilhas de plasma rosa em seu encalço. Ela é rápida. Mas já vi alguém mais rápido antes.

— Que comece a contagem regressiva para o começo da primeira rodada! Em nome de Deus, do rei e da Estação!

O rugido da multidão ecoa essas palavras. O Devorador de Pecados levanta a lança rosa. A holotela de Talize aparece de novo.

— Não há nenhum valor em sofrer sem libertação, Synali. Eu tentei lhe dar a libertação ontem à noite, mas você recusou.

— *Três, dois, um...*

— Eu a ofereço de novo, ovelhinha.

É uma ameaça. O silêncio é repentino quando toda a comunicação é cortada para a descida. Uma respiração. Um momento.

avançar.

O rugido instantâneo dos jatos do Algoz do Paraíso em potência total inunda meus ouvidos. O corcel está em mim, mas não pesa — está comigo, mas não me sufoca nem vai longe demais. Ele paira na distância exata, centímetros acima da minha cabeça, tensionado e pronto. Na arena, Talize se mantém mais afastada que qualquer um que já enfrentei. É como se estivesse orbitando outro planeta, outro gerador de gravidade, outro lugar completamente diferente. Ela está me evitando. Não — me *conduzindo*, como uma toureira balançando uma bandeira refinada de seda.

Mas agora o animal já aprendeu sobre armadilhas.

O azul do gerador de gravidade nos consome. Ela está mais longe, mas somos mais rápidos. Encolho nossos ombros, inclino-me bem para a esquerda e travo nessa posição. As forças G me descolam de mim mesma, mas não podem mais me descolar do Algoz do Paraíso. A lança de Talize se projeta para a frente, com todo o seu poder de Cruzador focado em combater o puxão da gravidade com o braço enquanto angula a lança para dentro.

Só tenho tempo de piscar antes de ouvir o grito:

— *AMIGO*

Meus ouvidos ressoam, a urgência bruta se choca contra o meu cérebro — é a primeira vez que ouço o Algoz do Paraíso *gritar*. Sentir prazer. A ideia de amigo está de repente por toda parte na sela (*Rax Mirelle Jeria felicidade gratidão segurança parece comigo igual a mim*) e consome tudo, e o Algoz do Paraíso amolece — ele se abre para o Devorador de Pecados. Não quer lutar. Quer beber, rir, tocar alguma coisa parecida com ele, e isso é culpa minha. Ensinei a uma IA verdadeira uma coisa real demais, e ela está enlouquecendo, e minha correção frenética é uma sirene de congelar o sangue, um sino tocado

com o maior martelo que tenho.

NÃO AMIGO.

Arranco com toda a minha força.

Impacto.

As estrelas giram, a lança creme e rosa do Devorador de Pecados me erra por pouco. A subida nos leva embora, o impulso me sacode cruelmente na sela. Acerto a mim mesma, e o traje de ginete range contra o gel enquanto ele infla. A tensão superficial é a única coisa me mantendo lá dentro, e uma única palavra conserva meu cérebro oscilante nos trilhos: *jatos jatos jatos*. Aciono cada jato em sucessão rápida e neutralizo nossa velocidade descontrolada. *Vermelho, 0. Azul, 0.* A comunicação se abre.

— Eu lhe dei uma chance de aceitar a graça Dele — diz Talize. — Com o pequeno Sombra Noturna e o antídoto no chá, que você rejeitou. Assim como nosso Pai nos alerta por meio de nossa boa consciência, eu também lhe dei uma saída, e você desprezou minha caridade sem hesitar.

O Devorador de Pecados levanta a lança.

— Toda a luta que você tem feito por Sir Lithroi e cada morte que ele tem causado por você... — Talize suspira. — O Senhor perdoará isso, Synali. Posso ouvir o amor Dele por você agora mesmo, pedindo que você O aceite. Ele levaria embora seu sofrimento e me usaria como Seu instrumento para fazer isso... você só precisa ficar parada, só precisa ouvir seu coração, abrir mão do grave pecado da ira a que se agarra com tanto carinho e aceitar o perdão divino. Sua mãe não gostaria que você vivesse na luz Dele?

Aperto a lança prateada com mais força. A voz de Talize vira um sussurro.

— Você não quer viver com *gentileza*, ovelhinha?

— Gentileza? — rosno. — Vocês nos deixaram viver com gentileza, nobre? Mataram minha mãe com gentileza? Eles a usaram e a descartaram e depois a mataram na minha frente como se ela não fosse nada, e seu rei e seu deus permitiram que isso acontecesse.

O Algoz do Paraíso se eriça conforme a minha raiva enche a sela — não é abrasante como foi com Olric, mas um fogo estável. Ele me

mostra uma lembrança de novo: os corcéis A3 e A4 dando as mãos, mas desta vez cobertos de ferrugem. Corcéis mais novos e mais modernos chegam e separam os dois, forçando-os a soltar as mãos. O A4 dourado flutua para longe da visão do A3, e sinto uma onda de raiva pura, que não vem de mim, em relação aos corcéis mais novos por separá-los.

não amigo, afirma o Algoz do Paraíso.

Então a descida vem. Talize san Michel tenta se manter afastada mais uma vez, mas não tenho mais paciência para os seus joguinhos. Vou mais para dentro e me catapulto diagonalmente pela arena antes do término. A colisão não é ilegal, desde que a lança atinja o alvo primeiro.

Se ela quer beber dor, vou afogá-la.

Nós nos aproximamos rapidamente, e ela titubeia quando percebe o que estou fazendo — o Devorador de Pecados faz um movimento para trás, mas não se afasta. As forças G são potentes demais: ela não consegue mais escapar. Só pode lutar, e sabe disso. Sua lança rosa se move para me confundir, camuflando a direção de onde ela vem — como uma agulha no tecido, ela se posiciona tão rápido que mal consigo acompanhar: para cima, mais para a esquerda, por baixo. O Algoz do Paraíso quer ficar perto do Devorador de Pecados, quer dar as mãos para um corcel de novo, e as vontades dele e as minhas começam a se misturar, Rax e Mirelle e brindes com shots de gel e o peito dele no meu, e aí compreendo tudo de uma vez — *inimigo/amigo, fogo/combustível*. Entropia. Energia. Palavras têm mais significados sob a superfície. Sou uma ginete na Copa Supernova. Estou despencando em uma labareda escura de ingloria, e preciso de combustível para continuar queimando. Inimigos, amigos, amor e ódio — vou experimentar tudo e queimar mais forte por isso.

Antes de morrer, eu vou viver.

curvar-se, instruo. *cumprimentar apropriadamente nosso não amigo*.

O Algoz do Paraíso abaixa a cabeça avidamente, e a lança de Talize desliza bem no meio da curva vazia do nosso elmo de lua crescente. O gemido, a luz, o impulso.

Impacto.

Nós nos compactamos. Metal esmaga metal, corcel triturando corcel — vidro e engrenagens e cabos explodem, e rodopiamos como dois

pássaros mergulhando para a morte. As forças G brincam com minhas vértebras, torcendo-me em uma direção até que consigo acionar um único jato e parar nosso impulso no giro mortal. Flutuamos logo em seguida. O Algoz do Paraíso soa fraco, machucado, mas feliz.

— *perto do amigo.*

Minhas entranhas parecem retorcidas — tudo dói. Talize e eu somos uma tragédia creme e azul, esmagadas por um gigante, dois bonecos de metal dividindo o mesmo lado direito distorcido. A multidão ruge.

Minha lança prateada atravessa a testa rosada dela, e eu rosno para seu elmo fraturado:

— *Vá para o inferno.*

49. Chorda

chorda ~ae, f.

1. corda de um instrumento musical

2. intestino (como comida)



Pela primeira vez na vida, Mirelle Ashadi-Hauteclare assiste a um torneio com pavor.

O vis ilumina a sala de estar de azul. O Algoz do Paraíso vence. Os Lithroi *vencem*. Ela olha para a avó sentada no divã, com a velha coluna reta e o rosto enrugado assustadoramente neutro. Mirelle sabe — quanto mais neutra a expressão da avó, mais preocupada ela está, mesmo que agora ela não seja nada além de uma tela em branco. As duas sabem, e esse conhecimento ecoa entre os tinidos da bandeja de chá sendo trazida pelas criadas e o rangido de gelar os ossos das paredes de madeira branca: alguém nesta Casa agora vai morrer.

Finalmente, a avó sorri para ela.

— Por que essa cara de preocupação? Venha, tome um chá comigo.

— Mas...

— Eu tomei precauções. — A avó serve uma xícara calmamente. — Talvez não estivéssemos preparados no início, mas agora estamos, e o peso combinado da família Hauteclare não é algo que possa ser penetrado tão facilmente.

Mirelle olha para a cota de malha de luz sólida dos guardas parados

do lado de fora da sala e não pode evitar se afundar de novo nas almofadas. É verdade: o Imperador da Aurora é menos uma mansão e mais uma fortaleza agora. As janelas do jardim estão obscurecidas pelos guardas patrulhando e rendendo um ao outro em intervalos regulares, enquanto seus cães-sentinela, prateados e robóticos, vasculham os arredores em busca de assinaturas de calor e perturbações eletrônicas.

Eles estão seguros. É claro que estão. O sorriso da avó se suaviza e ela acena para Mirelle.

— Venha. Tome chá, e me deixe trançar seu cabelo. Está tão comprido.

Os dedos nodosos da avó percorrem seu cabelo com gentileza e uma rara ternura. A avó a amava mais quando ela era pequena, ou é o que Mirelle achava, mas a maneira como seus dedos se movem agora a lembram que o amor não desaparece, apenas assume diferentes faces ao longo dos anos.

Quando ela sai da sala horas depois, sentindo as tranças nos ombros e dando pulinhos entre os passos, é o amor que a faz parar ao ouvir as vozes das criadas em algum lugar além de uma curva.

— ... imaginar? Uma bastarda, montando por uma nobre Casa! Uma plebeia como você ou eu. Sem academia, sem dinheiro, sem título... É inimaginável.

— Mas não desagradável. — Outra criada dá risadinhas. — Ela é *incrível*.

Mirelle dá uma leve bufada — incrível? Passável, no máximo. Mas mesmo ela precisa admitir que a traidora está melhorando notavelmente a cada justa.

— Eles estão simplesmente deixando que ela monte! Ninguém a impede, nem mesmo o rei.

Uma terceira criada fala em voz mais baixa:

— Tenho um irmão na Ala Baixa, e ele diz que isso significa que o controle da corte sobre as coisas está ficando mais fraco.

— Estão mais paranoicos também — murmura a primeira criada. — Se todos esses guardas de modos atrozes por toda parte forem indício.

— Paranoicos? Você viu o que aconteceu com a Teta-7? Aqueles rebeldes poderiam entrar com outro cargueiro nas Alas a qualquer

momento.

— Cale-se, Yunice! O irmão de Erabeth estava na Teta-7.

— Ah. Desculpe, Erabeth.

— Não era na Teta-7.

O silêncio se prolonga até virar uma linha finíssima. E então:

— Você quer dizer... que ele estava na outra?

É o amor que faz Mirelle memorizar cada uma daquelas vozes, e é o amor que faz com que denuncie cada criada como traidora para a guarda do rei na manhã seguinte.

50. Glacio

glaciō ~āre ~āuī ~ātum, *tr.*

1. congelar



Flores esperam por mim no vestiário — pequenas flores brancas aninhadas entre grandes flores vermelhas e agrupadas em um vaso delicado, que foi colocado cuidadosamente no banco. Seria da Casa Hauteclare de novo? Não — o vaso se parece mais com as flores do hospital. Pesquiso as flores no vis: mosquitinhos significam pureza; poinsettias, sucesso. Será que é do garoto na cadeira aérea? Por que ele desejaria meu sucesso? Até onde sei, Dravik e eu somos os únicos que queremos o nosso sucesso. Não toco nelas, só para o caso de estarem envenenadas como as rosas.

Ligo o chuveiro e tiro o traje de ginete. Da cabine enfumaçada, observo as flores ficando cheias de orvalho — será que há alguma câmara no vaso? Tudo é possível depois de Talize e suas drogas: afinal, ainda restam quatro espadas tentando me atacar.

Correção: *três*.

— ...clare?

Congelo e desligo a água, apurando os ouvidos.

— Hauteclare?

Coloco um dos robes de seda pura que a arena me forneceu e sigo na

direção da voz. Até que encontro a fonte — seu peitoral largo — e ela me encontra. Seus olhos de madeira vermelha se arregalam imediatamente, desviando-se da transparência do robe contra o meu corpo.

— *Merda* — sibila Rax. — Não se aproxime de mim desse jeito furtivo.

Arqueio as sobrancelhas.

— Acho que era você que estava sendo furtivo.

Ele limpa a garganta, com o olhar fixo firmemente acima da minha cabeça.

— Você está bem? Depois de ontem à noite, quero dizer. Você pareceu bem fodida.

Não ligue para isso. Agora eu sei — *amigo/inimigo. Fogo/combustível*. Vou viver antes de morrer. Só posso conseguir uma coisa de Rax Istra-Velrayd nesta vida, e não é preocupação ou cuidado genuínos. No máximo, uma noite fugaz. Eu o ignoro.

— O que eu poderia ter feito melhor? Na justa com Talize? Ela se afastou bastante do centro.

Seus lábios grossos endurecem.

— Você está bem ou não?

Observo uma gota de suor escorrer pelo seu pescoço até entrar no seu gibão aberto.

— Mudei de ideia, Velrayd. Tenho um uso para você, e é a montaria. Todo o resto é inútil.

— Você gosta mesmo dessa palavra, hein? *Inútil*. — Ficamos em silêncio enquanto o vapor ondula ao nosso redor. Ele tem um corte na maçã do rosto alta, dá para ver através do curativo fino. O curativo do braço é bem mais grosso: primeiro, foi o vidro nas costas, e agora uma mordida. Não fiz nada além de machucá-lo, e o tolo ainda me procura.

— Pessoas não são inúteis.

— Não todas — retruco. — Mas você com certeza é.

Não consigo encará-lo, mas o vejo se encolher, e uma parte de mim gosta de causar qualquer efeito sobre ele. Rax não desvia os olhos do teto, e sinto um desejo de testá-lo. Eu caminho até ficar perto demais dele — até meu corpo molhado no robe fino estar a meros centímetros

dos seus botões e bordados dourados, minha cicatriz emaranhada agudamente branca contra o tecido vermelho dele. A vergonha me abandonou há muito tempo — este corpo pertence a uma garota morta.

— Hauteclare, você disse que não poderia acontecer uma segunda vez — me lembra ele, com a voz rouca.

— *Isto* nunca aconteceu nem uma vez — falo melodicamente, dedilhando a sua cintura. — O que eu poderia ter feito melhor contra Talize?

Um tendão se flexiona na mandíbula dele. Meu efeito sobre ele fica claro abaixo dos meus dedos: o V tensionado do seu abdômen indica uma óbvia elevação nos culotes dele.

— Vamos, Velrayd. — Eu me inclino para mais perto. — Me diga o que significa montar. Me diga como você faz.

Em um piscar de olhos, ele agarra minhas mãos errantes pelos pulsos, prendendo-as acima da cabeça na parede atrás de mim. Não é nada rude ou cruel, só inevitável — uma consequência da minha própria ação. Ouso olhar para o seu rosto, para as suas sobranceiras duramente marcadas e a madeira vermelha dos seus olhos preenchida não de luz, mas de sombra.

— Não brinque comigo, Hauteclare. O que quer que me dê, vou devolver.

— Não estou dando nada a você. Estou deixando que pegue.

— Não é assim que funciona.

Inclino a cabeça.

— Não é?

Ele solta o ar devagar.

— Vou deixar uma coisa bem clara: desde o dia em que nos encontramos na arena de treinamento, quero enfrentá-la. — Ele se inclina sobre a curva do meu pescoço, e ao sentir sua respiração sob a minha orelha, uma excitação me percorre feito uma língua de fogo. — Mas o problema com meu rabo teimoso é que sou primeiro um ginete, depois um ser humano. O sexo torna mais fácil montar contra alguém, e não quero que seja fácil contra você. Então não vamos fazer isso. Não até eu enfrentá-la na arena. Você precisa ficar viva até lá, me prometa.

— Não posso.

Como brasa, ele beija meu pescoço devagar, centímetro por centímetro.

— Tem certeza?

Suas mãos deslizam entre as minhas coxas, e prendo a respiração no momento em que seus dedos tocam todos os lugares mais macios e selvagens do meu corpo.

— N-não posso prometer nada.

Ele ri, o som profundo e próximo fazendo minha mente derreter.

— Que pena. Você parece bem determinada a ganhar a Copa inteira.

— P-por que é uma pena?

— Porque sim. Você vai ter que ganhar de mim.

— Eu vou.

— Não, não vai.

Dá para engolir a piedade dele, mas não o pouco-caso — não depois de tudo que sofri. Desvencilho-me dele e me afasto. Seu sorriso se retorce nos cantos.

— Não estou sendo crítico por diversão, estou falando a verdade. Você é boa, Hauteclare. Inovadora, até. Mas você não é eu. Só existe um Rax Istra-Velrayd, e você está olhando para ele.

— Estou olhando para um tolo...

— Você é desleixada em suas descidas. — Sua voz de cascalho fica cortante. — Você se segura no impacto, procurando aberturas de última hora, o que significa que nunca experimenta a inércia total. Não sabe manter as forças G nos membros, então coloca tudo nos ombros. Seus jatos do lado esquerdo precisam compensar a falta de força nos golpes, então sua guarda pode ser facilmente ultrapassada de qualquer ângulo baixo na direita.

Cada osso leonino em seu rosto parece diferente, sério, e cada palavra me espeta feito uma estaca na garganta. Cada palavra é uma fraqueza que eu não conhecia, e de repente estou nua em mais de uma maneira. A água faz barulho ao gotejar. Um santo esculpido no teto de mármore nos observa silenciosamente com o corpo crivado de flechas.

— Tem sido divertido — diz Rax. — Mas, quando chegar a hora, você vai perder de novo.

A ginete em mim se eriça diante do ginete nele. Cada pelo no meu

corpo se levanta, entendendo que ele sabe montar, sabe o que significa montar. Ele me ofereceu a verdade. Então eu a devolvo.

— Não sou a mesma garota que você derrotou antes.

— Não — concorda ele, virando-se de costas. — Mas também não é a garota que vai me derrotar.

Não se trata de orgulho, apenas vitórias.

Nem de sentimentos, apenas fatos.

Fato: quando as espadas ainda eram feitas de metal, uma pedra de amolar era usada para mantê-las afiadas. Era uma pedra porosa e comum em todos os outros sentidos, contra a qual o ferro e o aço encontravam seus fios mais mortais.

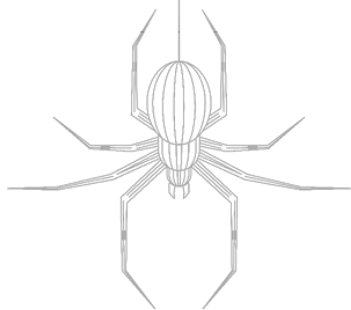
Fato: meus três oponentes seguintes serão pedras de amolar.

Fato: vou mostrar a Rax Istra-Velrayd uma garota forjada como uma espada, como uma lança, como um punhal.

–4. Agna

agna ~ae, f.

1. ovelha nova



○ segredo da tortura era não dizer nada.

Rain aprendera isso com Verde-Um. Não pedir nada e simplesmente infligir dor atrás de dor era muito mais aterrorizante que gritar na cara da presa. Em silêncio, uma mente poderia se desfazer bem melhor do que qualquer palavra dita. Então Rain ficou encostado na parede de um antigo túnel enterrado na Ala Baixa, assistindo ao nobre colocar os pulmões para fora quando Verde-Um enfiou mais um pedaço de metal ondulado por baixo de mais uma unha, enquanto seu grito atingia rochas, nervos, o soprano.

Yavn von Velrayd se contorcia na cadeira a que estava amarrado enquanto seu berro abafado pela mordaca reverberava pelo cimento para a escuridão dos dois lados. O sangue escorria da cadeira, encharcando a poeira embaixo dele. Pichações feitas com tinta de luz negra refletiam um brilho irregular e branco-azulado nas paredes curvas, e uma única lâmpada de LED piscava acima — uma coisa rara no Subanel.

Verde-Um havia escolhido uma área afastada do território do Polaris por segurança, mas Rain não conseguia se livrar da sensação de que alguém ouviria o barulho e viria olhar. Outra lasca de metal, outro

berro. Rain se encolheu.

Verde-Um levantou os olhos para ele, limpando o sangue na ponta dos dedos com um lenço antes de se aproximar para sussurrar:

— Você está pálido, irmão.

Rain balançou a cabeça.

— Não estou acostumado a mantê-los vivos tanto tempo. A morte é rápida. Isto... não.

— É necessário. — Verde-Um colocou uma mão no seu ombro. — Você fez bem em trazê-lo para mim.

Rain se encolheu de novo ao som emitido por Yavn — um apelo gorgolejante molhado de lágrimas enquanto sangue jorrava de todos os orifícios. O efeito do pó estava passando, e Rain estava notando coisas demais de modo abrupto demais. Yavn parecia apenas alguns anos mais velho que ele próprio; seu gibão vermelho de nobre estava rasgado em pedaços depois das investidas de Verde-Um com o arame farpado, seus olhos escuros eram espelhos de agonia.

Verde-Um esticou a mão para outra lasca, e Rain começou:

— Se ele fosse mesmo o líder do Polaris, teria se permitido ser pego tão facilmente?

— Ele não é o líder, irmão, é a isca. Cada rastro de papel leva a ele, o que significa que foi armação de alguém. — Verde-Um se virou para Yavn com uma risada. — Não é isso, nobre? Você foi traído. Que triste.

O assassino esticou o braço para a mão de Yavn, e o garoto nobre puxou e empurrou freneticamente em qualquer direção contrária à da lasca de metal. Rain limpou a garganta.

— Se ele é a isca, então estamos fazendo exatamente o jogo do líder, não? Ele *quer* que desperdicemos nosso tempo capturando-o. Torturando-o.

Verde-Um fez uma pausa, e Rain sentiu o ar no túnel antigo ficar ainda mais parado.

— Não vamos discutir isso agora, irmão.

Então Rain viu, enquanto seu irmão enfiava mais uma lasca de metal no nobre — aquilo não era um meio para um fim. Era crueldade sem motivo. O leve sorriso no rosto de Verde-Um ao ouvir o grito através da mordaca lhe disse tudo: aquilo era vingança. Toda a família deles tinha

morrido por causa desses nobres brincando de mudança, e ele estava descontando em Yavn. Rain se aproximou e segurou o pulso do irmão.

— Chega, Verde-Um. Ele é fraco. Apenas pergunte a ele.

Verde-Um ficou imóvel. Era a primeira vez que Rain discordava dele. Rain temia o que viria depois, mas, para seu alívio, o irmão finalmente cedeu.

— Sim. Suponho que seja mesmo. — Ele esticou o braço e arrancou a mordaça. — Quem pediu a você que abrisse as empresas-fantasma para o Polaris, nobre?

Yavn ofegava de modo espasmódico, com sangue nos dentes.

— Eu... não sei. A pessoa usava intermediários.

— E os registros de mensagens? — Verde-Um passou o dedo distraidamente por outra lasca de metal. — São biorregistros. Qual era o endereço?

— Hospital. Hospital nobre. As mensagens vinham sempre de um vis na ala dos ginetes.

Rain franziu a testa.

— De algum enfermeiro? Ou médico?

— De um dos ginetes em coma — corrigiu Verde-Um. — O vis fica ativo enquanto o coração estiver batendo. Algum membro de uma Casa poderia solicitar acesso ao corpo e usá-lo.

— Então é só encontrarmos o ginete cujas visitas da família coincidem com as datas e os horários em que Yavn recebeu as mensagens, e descobriremos qual deve ser a Casa do líder.

Verde-Um ficou em silêncio por um momento, e então, mais rápido do que Rain conseguiria piscar, enfiou a próxima lasca de metal no dedo de Yavn. Sem a mordaça, o grito do nobre perfurou a escuridão, e Rain tampou as orelhas com as mãos.

— VERDE!

— Ele está escondendo alguma coisa. — Verde-Um se aproximou, observando Yavn se contorcer de perto. Depois de um momento, arrancou a lasca. — Conte logo o que é ou ela vai voltar para dentro.

Rain observou o rosto molhado de saliva de Yavn se contorcer, resistir, e então colapsar.

— O... o-oceano...

Verde-Um chegou ainda mais perto até seus narizes se tocarem, e Rain se convenceu de que o irmão arrancaria o rosto do nobre apenas com os dentes.

— Fale mais alto.

— O oceano. — Yavn falou com esforço. — Abaixo... do pináculo nobre.

— O que tem ele? Seja mais específico — disse Rain, tentando ganhar tempo suficiente para o nobre respirar.

— Às vezes... brilha uma luz branca. Eu a vejo... em horas estranhas da madrugada. Abaixo da superfície. Não é o luar. É muito baixa. Outros também a viram.

— *Outros* — disse Verde-Um devagar. — Está falando do líder.

Yavn assentiu com a cabeça.

— Disse que era o início... e o fim.

Verde-Um se afastou do refém e caminhou até Rain.

— Vou verificar o hospital. Quando soubermos qual é a Casa, você vai até o oceano visitar a mansão deles. Procure qualquer conexão com o Polaris.

— Como você sabe...

— *Pense*, irmão: horas estranhas da madrugada. Nobres menores sem propriedade não são permitidos na beira-mar depois do anoitecer; quem quer que seja tem uma mansão lá. — Verde-Um não lhe deu nem um segundo para se sentir tolo, apenas lhe deu tapinhas no ombro. — Você cuida dessa bagunça. Certifique-se de usar o sistema de ventilação sudeste para o corpo, o norte anda quente demais.

O olhar de Rain desviou para Yavn por cima do ombro de Verde-Um, e ele viu terror puro nos olhos do nobre. Dez minutos antes ele já tinha ouvido demais para ser deixado vivo, imagine agora.

— Lembre-se, Rain: os caprichos deles tomaram nossa família de nós e, se não fizermos nada, eles tomarão tudo mais uma vez.

O código da Teia era fortemente tecido entre Rain e seu irmão, e Verde-Um tinha total confiança nele; a armadura preta se derreteu em sombra preta conforme ele se afastava pelo túnel. Rain esperou e esperou, sabendo que Verde-Um também estava esperando. Observando. Desembainhou o punhal projetado e se aproximou de

Yavn, que se contorceu uma última vez, desesperado e cansado.

— *Por favor, não, por favor, não vou contar para ninguém, eu juro.* Vou trabalhar para vocês, me tornar seu espião... Eu lhe dou qualquer coisa, só me deixe ir! — Rain não desacelerou, e Yavn implorou até o fim. — *POR FAVOR!*

O assassino avançou, e houve um jato de sangue rapidamente cauterizado, um cheiro de hemoglobina chamuscada e um uivo de agonia. Yavn ficou imóvel. A voz do assassino, rouca do berro que dera menos de um segundo antes, ainda ressoava áspera no seu ouvido:

— Curve-se para a frente.

O nobre imediatamente ficou mole contra o seu peito. Rain puxou a lâmina de luz sólida do próprio bíceps, revelando o músculo estraçalhado e enegrecido até a borda interna do cotovelo — o movimento era suficientemente parecido com uma punhalada. Rain jogou a cadeira para o lado e chutou o “cadáver” com violência. Verde-
Um queria que ele odiasse, então ele odiaria.

Desamarrou o ofegante Yavn e arrastou o garoto até os trilhos. Rain ficou impressionado: mesmo quando as costas de Yavn raspavam no metal enferrujado, ele não fez um movimento sequer. Finalmente, fizeram uma curva, e Rain o empurrou contra uma parede, sussurrando:

— Não faça barulho. Ele ainda está escutando.

Yavn assentiu freneticamente. Rain podia ver a pergunta em seus olhos com tanta clareza quanto se estivesse escrita (*por que me poupar?*), e murmurou algo que o pai lhe dissera um dia:

— A aranha é um animal paciente, até que sua teia seja destruída.

51. Gesto

gestō ~āre ~āuī ~ātum, tr.

1. suportar, usar, carregar



O quarto círculo era minha avó.

Bellesera von Hauteclare era uma mulher de aparência imaculada, com um cabelo de prata pura. Uma matriarca com a criação e a educação dos mais destacados nobres. Completou setenta e oito este ano — combatendo a recidiva de um câncer uterino com os melhores médicos e remédios conhecidos pela raça humana. Ela foi a primeira para quem papai contou sobre mim. Entre os dois havia um longo histórico de mensagens, escritas de manhã cedo no hospital.

BELLESERA: *Não vou deixar esta Estação até que a Casa esteja segura, Farris. Vou me agarrar com unhas e dentes se for preciso, até o exato momento em que tudo seja corrigido.*

Dravik me envia fotos do quarto de madeira vermelha dela. Bellesera está dormindo em uma cama de cetim dourado; seu cabelo é uma cortina fantasmagórica nas fronhas bordadas, e suas mãos enrugadas estão espalmadas sobre a coberta. Uma delas se estende frouxamente para um frasco de remédio.

BELLESERA: *Eu lhe disse logo no começo que seu gosto por excessos seria sua ruína. Eu lhe disse de novo e de novo, mas você nunca me ouviu — nem uma vez —, e acabou se arruinando. Arruinando TODOS nós. Dizer*

que seu pai estaria decepcionado seria o eufemismo do milênio.

Comprimidos verdes formam um rio no lençol de cetim.

BELLESERA: *Você vai se livrar das duas imediatamente, como deveria ter feito assim que a coisa nasceu. Você vai restabelecer a honra desta Casa ou eu farei isso por você, e com bem menos reservas.*

Fico olhando o vis por mais tempo do que deveria: a imagem do seu rosto morto, seus olhos cegamente fixados no dossel da cama — duas estacas de gelo azul procurando Deus. Já vi outras pessoas com suas avós em meio a cozidos no fogão, abraços calorosos. Se eu fosse Mirelle, ela teria sorrido para mim... talvez me abraçado. O cursor do meu vis pisca sobre a palavra “*coisa*”. Luna lambe minha mão congelada.

A linha tênue entre amor e ódio é feita de sangue. E ao sangue retornará.



O pesadelo me acorda de novo, com capuz e punhal. Aciono o vis e digito:

MENSAGEIRO DO INFERNO

As informações que consigo encontrar são escassas e basicamente uma paráfrase do que Dravik me disse. O Mensageiro do Inferno é o corcel do rei. É montado apenas por membros da Casa Ressimus e pelos escolhidos pela Casa Ressimus.

Então vejo uma foto.

O corcel de ouro polido brilha como um sol. O elmo foi alterado para imitar a boca de um dragão, as mãos e os pés são cheios de gravações simulando escamas e um rabo se arrasta atrás dele feito um estandarte de ouro puro. Está diferente, mais brilhante, mas não há dúvida: é o A4 dourado que vejo nas lembranças do Algoz do Paraíso. Uma busca me diz que não sobrou mais nenhum modelo A4 — o corcel do rei é o único.

O Algoz do Paraíso é o A3 e o Mensageiro do Inferno é o A4, e eles ficaram juntos em algum lugar no espaço por muito tempo. Até que

alguém os encontrou e os separou.

Confusa, dirijo-me à cozinha com Luna nos calcanhares, mas não chego muito longe; meus pés congelam no mármore bem em frente a uma poça vermelho-viva. Dravik está no meio do corredor, sua túnica de dormir bege encharcada de sangue. Uma forma escura e humana repousa a seus pés, imóvel. O príncipe olha por sobre o ombro e me lança um sorriso salpicado de sangue.

— Ah, Synali. Não consegue dormir? — Ele segura sua espada projetada a partir da empunhadura da bengala enquanto flocos escuros se enrugam na lâmina laranja-neon. Ela fica zumbindo baixinho até que o príncipe a desativa. — Devo preparar uma xícara de chá para nós?

Como não consigo responder, Luna faz isso por mim latindo com animação. Devagar, vou até o balcão da cozinha e me sento. Dravik prende a bengala e se ocupa com a chaleira, e, quando ele se vira com duas xícaras fumegantes nas mãos ensanguentadas, pego a minha depressa.

Dravik sorri.

— Não se preocupe. O sangue é do invasor, um assassino da espécie da Mão da Aranha.

Minha cadeira se arrasta no chão quando pulo em pé e me aproximo do corpo: não pode ser ele. Tem a mesma constituição, a mesma altura, a *mesma armadura* — uma armadura flexível, com escamas de cobra, que brigou e fracassou contra a espada projetada. Suas entranhas rosacinzentadas se derramam no berço de sua posição fetal.

— Não é o mesmo que a Casa Hauteclare enviou para matar sua mãe — assegura-me Dravik entre goles de chá. — Mas é um dos seus comparsas.

Com dedos trêmulos, arranco o capuz encharcado de sangue — é um garoto mais jovem até do que eu. Tem no máximo dezoito anos, sua barba ruiva mal cresceu. Um plebeu, sem dúvida, forçado a esta vida como uma maneira de sobreviver — um peão que não faz parte nem do seu próprio jogo, e ainda assim... Não tenho ilusões sobre a minha destreza em combate fora de um corcel: se Dravik não o tivesse matado, eu seria um cadáver na minha cama.

— Eles preferem recrutá-los bem jovens — murmura o príncipe. —

Desse jeito, é mais fácil gravar os métodos de controle nos seus cérebros.

Volto a me sentar, enrijecida.

— Os Hauteclare então tentando me matar de novo?

— É pouco provável. Eles têm o próprio assassino dentro da Mão da Aranha, designado para fazer o trabalho da Casa por eles, mas ele está fora do radar. Parece que sumiu misteriosamente depois que a notícia da sua sobrevivência se espalhou. O mais provável é que isto — ele faz um gesto vago para o corpo — seja algum aliado dos Hauteclare que fez um contrato totalmente novo pela sua vida, querendo cair nas graças deles.

— Você consegue impedi-los?

— Não tão completamente como eu gostaria. As Aranhas têm uma reputação a zelar como os melhores dos melhores. Eles não voltam atrás em acordos. Acredito que continuarão mandando assassinos até que você esteja morta. Não se preocupe: tenho muitos sistemas de segurança em ação, e aquele barulhentinho pode ser inútil, mas mantém os olhos bem abertos na propriedade.

— O barulhento tem um nome — falo. — Luna.

— Ele sabe disso? — Dravik ri. — É um pouco inútil, não acha?

— Então esses assassinos vão continuar vindo, e você vai continuar matando todos.

— Sim.

— Pode fazer com que seja indolor?

— Você quer tratá-los com misericórdia quando trataram você sem nenhuma.

— Assassinos não são nobres — insisto. — Estão sendo usados, como nós.

— E o que matou sua mãe? Também devo tratá-lo com misericórdia quando ele reaparecer?

A camomila alivia meus lábios rachados. Meus dedos tremem na porcelana. Não há nada em que me segurar quando a realidade penetra nas rachaduras, e o assassino assoma em sua armadura preta com o mesmo padrão de escamas do outro. Ele não me matou — *poderia* ter me matado, recebeu ordens para tal, mas *não* matou, *e eu não sei por quê*. Só que... como ganhei uma cicatriz no peito? Ele matou mamãe, eu sei. Ela estava de joelhos no final...

Luna repousa a cabeça de metal no meu tornozelo, e a sensação fria coloca um fim abrupto aos meus pensamentos. Meus olhos percorrem o rosto de Dravik.

— Queria que você estivesse lá — sussurro. — Na primeira vez que aconteceu.

O sorriso do príncipe se tensiona.

— Eu também.

Acaricio o pingente de mamãe, sentindo a madeira vermelha sob os dedos ensanguentados. A voz de Dravik é quase uma sombra contra o mármore quando ele acena para o pingente:

— Sinto muito... pelo que fiz com ele. É para mantê-la em segurança.

— Você não confia em mim — murmuro.

— É no resto do mundo que não confio, valente.



Só restam três círculos.

O moinho de sono e treinamento gira sem parar. Tudo de que preciso para vencer está ali no bunker e, se não está, é trazido para mim por Quilliam. Bandejas de chá se empoleiraram nas entranhas do Algoz do Paraíso, frascos de vitaminas estão enfiados em suas emendas de metal; toalhas e roupas ensanguentadas, penduradas em suas costelas. Preencho meus pensamentos com as palavras de Rax como uma litania: se ele acha que sou desleixada na descida, vou me tornar precisa. Vou dedicar inércia. Vou manter as forças G nos meus membros até ouvir meus ossos se quebrarem sob a pressão. Agora já aprendi: às vezes, o que parece uma fratura é apenas uma flexão. Em uma manobra particularmente aguda, meu nariz começa a sangrar, e o alívio me invade quando vejo vermelho, não prateado.

O cérebro de todos os ginetes está sendo preenchido lentamente com fluido nervoso. O meu se preenche mais rápido que o normal. O fluido nervoso conecta coisas diferentes — energia e matéria, metal e mente. Mas isso não explicaria por que vi Astrix quando apaguei no Algoz do

Paraíso. Ela me viu, falou comigo. Ela se sobrecarregou no Algoz do Paraíso. Será que ela está... *dentro* dele de alguma maneira? Será que Sevrith também está dentro dele? Eu ficaria com medo, mas há tantas outras coisas a temer: perder minha próxima justa (*perder meu propósito*); sobrecarregar durante a justa; ter toda a Casa Hauteclare atrás de mim; lidar com o passado — sombrio e inescapável — e o futuro — difícil e inescrutável; e confrontar um pensamento que não consigo abandonar: somente Dravik e eu conseguimos ver a rainha em coma. Dravik montou o Mensageiro do Inferno, eu monto o Algoz do Paraíso. Tem algo errado com meu corcel, mas tem algo errado com o Mensageiro do Inferno também. *Os dois no espaço, dando as mãos.*

Sei que vou me arrepender disso.

SYNALI: *O que você sabe sobre o Mensageiro do Inferno?*

Fecho o vis nervosamente, tentando ignorá-lo. O que funciona por trinta segundos completos. Uma pressão estranha cresce em meu peito até que o abro de novo... para quê, sua patética? Para encarar a caixa de resposta vazia? Ele está ocupado. Está com Mirelle. A ideia faz minha cabeça rodopiar para as profundezas, mas o alerta de mensagem me traz rodopiando de volta.

RAX: *Boa tarde para você também.*

SYNALI: *Isso não é uma interação social. Preciso de respostas*

RAX: *E vou precisar de um pouco de modos básicos antes que você me use como sua ferramenta de busca particular.*

SYNALI: *Boa tarde. O que você sabe sobre o Mensageiro do Inferno?*

RAX: *Uau, isso é o melhor que consegue fazer? Só um oi e então direto para as exigências?*

SYNALI: *Eu já tentei os buscadores do vis. Todos os dossiês sobre o Mensageiro do Inferno estão censurados*

RAX: *Bom, sim, ele pertence ao rei. As merdas do rei são sempre censuradas. Você tentou o arquivo?*

Congelo. Aos meus pés, Luna inclina a cabeça.

SYNALI: *Que arquivo*

RAX: *O CCC mantém um arquivo sobre todos os corcéis: quem os fez, quem os montou — está tudo lá. Só ginetes podem acessá-lo. Sabe, para pesquisar seus oponentes e tal.*

CCC, o Centro de Controle de Corcelaria. Esse arquivo seria uma fonte muito mais oficial que as bases de dados de fãs que tenho vasculhado.

SYNALI: *Pesquise o Mensageiro do Inferno para mim*

RAX: *Alguém já disse que você é ótima no uso da expressão “por favor”?*

SYNALI: *Você é o primeiro*

RAX: *Não consigo te dar acesso ao arquivo, mas conheço alguém que passa a vida inteira nele. Só um segundo.*

No canto superior direito, um terceiro endereço se junta aos nossos. Meu estômago afunda e meus dedos hesitam sobre as teclas holográficas. O que eu digo para ela?

MIRELLE: *Eu não concordei em fornecer informações a uma assassina, Rax.*

Obviamente ela está furiosa — mais do que quando estávamos na casa noturna. Ela devia gostar de Bellesera.

RAX: *Vamos, Mir. Só desta vez.*

MIRELLE: *Não.*

RAX: *Ela quer saber sobre o Mensageiro do Inferno. Sabe, seu favorito? Outra pausa longa.*

MIRELLE: *O Mensageiro do Inferno é um Contratorpedeiro classe A4. Esse corcel é um legado do rei — seus ginetes são escolhidos apenas por ele.*

SYNALI: *Sei disso*

MIRELLE: *O que você não sabe, assassina, é que o rei o usa apenas quando sente que os ginetes são de um calibre alto o suficiente para desafiá-lo.*

RAX: *É tipo um teste. Ou um lembrete para andar na linha quando ficamos selvagens demais. De qualquer jeito, ele sempre vence. Se você o vir em uso, é praticamente fim de jogo.*

SYNALI: *Quem o monta agora? Deve ser alguém bom*

MIRELLE: *O Mensageiro do Inferno troca de ginete com frequência.*

SYNALI: *Por quê?*

MIRELLE: *Muitos deles sobrecarregam. É um corcel poderoso, que só pode ser montado pelos mais fortes.*

Dravik montou o Mensageiro do Inferno. Astrix também, mas ela sobrecarregou no Algoz do Paraíso. O único fio que conecta o Mensageiro do Inferno e o Algoz do Paraíso é Astrix... e a lembrança que fico vendo dos corcéis, deles dando as mãos.

RAX: *O Mensageiro do Inferno é famoso por gastar seus ginetes bem rápido. Mirelle é meio obcecada por ele.*

MIRELLE: *Como todo ginete que vale a própria lança deveria ser. Enfrentá-lo seria a maior honra de todas.*

SYNALI: *Algum de vocês sabe por que Astrix foi destronada?*

O cursor pisca no vazio. A mansão range sombriamente ao meu redor.

MIRELLE: *Não. Ninguém fala sobre isso. Em todo caso, ela escolheu a sobrecarga. Foi uma ginete verdadeira e honrosa até o fim.*

Astrix fez a IA verdadeira de Luna ser transmitida para o Algoz do Paraíso para manter alguma coisa lá dentro, mas por quê? Será que ela tentou instalar uma IA verdadeira dentro do Algoz do Paraíso também? Ele aprende palavras e conceitos novos comigo todos os dias — como um bebê crescendo. Se a IA verdadeira tivesse acesso a cinquenta ginetes, aprenderia muito mais rápido. Aprenderia a falar, pensar. Como uma pessoa. Não — como uma força autônoma de batalha.

“você sabe o que significa montar?”

A Rainha Astrix estava tentando fazer uma IA verdadeira para transformar os corcéis em soldados — soldados que não precisassem de ginetes. Soldados que a ajudariam a tomar o trono, talvez. Mas ela fracassou e foi executada por traição.

E o filho dela está tentando terminar o que ela começou.

O brilho azul do meu vis de repente capta um tecido prateado. Levanto os olhos, mas ele passa rápido demais, deixando para trás a sensação de que estou sendo observada. O nariz de Luna aponta para um trecho de luz solar, e ele abana o rabo como se cumprimentasse alguém. Eu me sobressalto quando o repentino alerta de mensagem ecoa na sala vazia.

MIRELLE: *O arquivo diz que a assassina esteve na sela do Algoz do Paraíso por 103 horas nos últimos cinco dias.*

RAX: *Jesus... isso é verdade?*

MIRELLE: *Então você está preocupado com quanto tempo ela passa na*

sela, mas não com quantas vidas nobres ela tirou? Prioridades maravilhosas, Rax.

SYNALI: *Estou treinando para vencer vocês dois*

RAX: *103 horas é ridículo, Hauteclare — você não pode fazer ISSO. Ninguém faz isso. O merda do Lithroi está obrigando você a ficar lá dentro?*

SYNALI: *Você me falou das minhas fraquezas. Eu as estou consertando*

RAX: *Você quer sobrecarregar? É isso? Quer acabar como Sevrith? Quer MORRER? Porque é isso que a sobrecarga é, só que o seu rabo fica em lençóis mais brancos.*

Cada dedo treme de modo estranho enquanto digito.

SYNALI: *Eu quero vencer*

RAX: *Você não vai vencer merda nenhuma se não começar a se cuidar melhor.*

RAX ISTRA-VELRAYD SAIU DA CONVERSA.

A raiva dele lateja no silêncio da claridade azul. Pelo mais ínfimo dos momentos, esqueço quem Mirelle é, o que fiz com nossa Casa, e minhas palavras se derramam como água.

SYNALI: *Não entendo... por que ele está com raiva de mim?*

MIRELLE: *É bem simples. Eu odeio você por ser uma assassina. Mas ele odeia você por continuar fazendo essa escolha, enquanto ele não teve nenhuma.*

MIRELLE ASHADI-HAUTECLARE SAIU DA CONVERSA.



52. Hospes

hospes ~itis, m. ou f.

1. anfitrião

2. visitante

Rax Istra-Velrayd segue seu pai pelo corredor do hotel com as mãos nos bolsos, tentando e fracassando em tirar Synali da cabeça. Ele precisa que ela continue viva. Para enfrentá-la. Seu corpo *precisa* enfrentá-la na arena assim como precisa respirar, mas ela quer vencer tão desesperadamente — quer destruir a Casa Hauteclare mesmo que isso signifique ser destruída também.

Ele olha de relance para o vis — nenhuma mensagem dela. Nenhuma mensagem de Yavn também, e ele começa a ficar preocupado. Yavn não é do tipo que fica quieto.

O silêncio exausto de uma manhã de fim de semana preenche o hotel, e o único som é o zumbido baixo do aerocarrinho de uma criada.

— Ainda não sei por que estou aqui, meu velho — diz Rax.

Ele vê o pai enrijecer as costas: costumava passar dois dias trancado no Berrador Solar por uma informalidade como essa, que agora gera apenas um espasmo.

— Você vai se casar em breve — retalia o pai. — Já está na hora de aprender como manter relacionamentos com outras Casas.

— Você quer dizer ser enviado pelo Duque Velrayd a diferentes

lugares para mediar seus negócios escusos por ele. — O pai o ignora, um privilégio que Rax sabe que conquistou na arena. Mas ele também sabe quais são seus limites, então faz uma expressão devidamente arrependida. — Quem é a Casa sortuda de hoje?

— Você falou com Yavn recentemente?

Rax franze a testa — quanto o pai sabe?

— Não, ele disse que estaria ocupado no trabalho esta semana.

— Sério? Porque ele enviou uma mensagem aos anciãos da Casa dizendo que ia tirar férias em Ômega-1 pelo resto do mês.

Rax consegue soltar uma risada.

— Ele é estranho. Talvez tenha mudado de ideia e pensado: foda-se.

— Menos profanidades, Rax. Já falei um milhão de vezes que isso faz você parecer de origem inferior.

— Sim, senhor.

Yavn não mandou nada para ele, mas mandou para *os anciãos*? Ele odeia os anciãos. E Ômega-1 não é nada além de um parquinho extravagante — por que ir para lá agora, depois do que aconteceu com a Teta-7? Cada alarme de suspeita soa na cabeça de Rax, mas ele não tem tempo de pensar nisso: o pai para à porta da cobertura e olha severamente para ele.

— Deixe-me cuidar da conversa. Não fale a menos que ele se dirija a você diretamente. E, mesmo nesse caso, seja cauteloso.

As sobranceiras de Rax dispararam para cima, mas ele não diz nada. O pai não é propenso a sentir medo — rastejar e puxar saco, com certeza, mas não sentir medo, e não desse jeito, todo tenso e irritadiço, como se estivesse andando numa corda bamba.

Ele bate à porta, e uma voz rosna:

— Entre.

No momento em que eles entram no quarto, Rax sente o cheiro: o ardor penetrante de bebida derramada e sexo rançoso sobre uma vista perfeita das colinas verdes do pináculo nobre e do platô do palácio. Uma cama imensa se estende no meio de tudo. Emaranhadas no lençol estão três mulheres nuas, dormindo. Um homem se levanta, também nu, exibindo uma cascata de longos cabelos loiros e incontáveis tatuagens nas costas — números, símbolos, escrita pré-Guerra, mas a mais

impressionante de todas é um tigre rastejando pela coluna dele; as listras em seu pelo são como a noite e seus olhos, os de um assassino cruel.

— Lorde Axton. — O pai faz uma medida para o homem e cutuca o filho para que o imite.

Rax se curva sem pensar.

O ar no quarto do hotel está imóvel como a morte, e então o homem fala:

— Você veio me colocar de volta na jaula, Velrayd?

— De jeito nenhum, senhor — fala o pai rapidamente. — Simplesmente quis verificar se nosso presente foi do seu agrado.

O olhar do homem desliza por cima do ombro, e a infância de Rax aparece diante dos seus olhos — assistindo ao homem diante de si na arena, montando um corcel preto e amarelo. Um corcel cujas miniaturas semelhantes a vespas ele quebrou depois de tantas brincadeiras agressivas.

O homem é Helmann von Axton.

Rax se lembra bem dele — quando Helmann era adolescente, dominou todos os torneios, montando seu Navio de Guerra com a leveza de uma Fragata. Ele era um galã, uma sensação e um exemplo de uma só vez, como um celebrado cavaleiro da Guerra. Era o ídolo de Rax — o único motivo pelo qual ele inocentemente concordou em dar o primeiro passo para dentro do Berrador Solar. Para Rax, antes do treinamento infinito e da escuridão infinita sozinho no corcel, antes de descobrir seu “talento”, antes da academia e de todos os elogios tediosos, havia Helmann von Axton.

E, para Helmann von Axton, até agora só houvera a prisão real. Nove anos atrás, a mansão da Casa Axton ardeu em chamas, matando treze mulheres. Todas nobres. Mas uma investigação posterior revelou que os corpos não tinham sido queimados — estavam no porão à prova de incêndio, armazenados em caixões de conservação pelo próprio Helmann.

— O que seu duque quer de mim, Velrayd? — A voz de Helmann é estrondosa.

Rax se vira para o pai, incrédulo. *Estão barganhando favores com o assassino em massa mais infame da Estação?* O irmão gêmeo de

Helmann está montando na Copa Supernova — Brann von Axton. É um ginete bem inferior a Helmann e está tentando desesperadamente galgar seu caminho para fora do poço da desonra dos assassinatos do irmão, mas é bom o bastante para ter avançado quatro posições na chave. E se Rax não está enganado, Brann e Synali se enfrentarão na próxima...

Sua garganta se fecha. O pai dá um passo educado à frente.

— Sir Axton, o Duque Velrayd recebeu uma... *encomenda*. A ruína de uma certa ginete.

Todo o sangue corre para a cabeça de Rax. Helmann o observa com olhos de vidro preto tão profundos e hipnóticos quanto sua voz.

— A bela coelha Lithroi, certo?

As unhas de Rax se afundam na palma da sua mão.

O que tornava Helmann tão bom não eram seus impactos ou suas manobras de esquiva — era sua habilidade de ler a *mente* dos oponentes. Ele conseguia entrar na cabeça deles, interpretar suas intenções e desejos e medos com a mesma clareza de uma mensagem no vis. Rax compreende agora, com força total. A linha invisível entre ginetes — a linha que apenas eles conseguem ver um no outro — é brutalmente puxada pelo olhar de Helmann, e Rax se sente escorregar, cair. Ele não é mais uma pessoa: é a maneira como se move, como pisca, como respira, ele inteiro exposto em nervos e movimentos habituais como um mapa cristalino para que Helmann o leia.

Ele sente a liberação quando Helmann olha para o pai.

— Vou poder tê-la antes de matá-la?

Rax sente até as extremidades fervendo, e tudo vira um borrão, um abalo, um instinto. O pai o puxa pelo colarinho com força o bastante para rasgar o tecido na costura. Helmann sorri devagar com todos os dentes e então solta uma risada, fazendo uma mulher na cama se agitar.

— Alguma coisa errada, falcãozinho? Seu pau tem planos para ela?

Suas palavras perfuram Rax, procurando suavemente alguma coisa para puxar para fora. Helmann está na frente dele em um instante.

— Ela não é nada como você. — Ele aponta uma garra grossa para suas íris pretas. — Dá para ver nos olhos. Ela e você são de duas espécies diferentes. Nós nos jogamos no abismo de propósito. Você

apenas o contemplou de longe.

Rax se aproxima — está cara a cara com o gigante. O pai fica parado por trás do ombro de Helmann, com o rosto pálido, esperando para ver se o filho vai morrer.

Helmann ronrona no ouvido de Rax:

— Eu vi os impactos dela. Ela queima viva em *cada um deles*. É lindo. Ela monta como nenhum de vocês, covardes arrogantes: permitindo-se ser *consumida*.

Rax aperta a mandíbula, esperando o golpe, que vem no sussurro deslizante de Helmann:

— Você não saberia o que fazer com o fogo nem se tivesse permissão de segurá-lo nas mãos, falcãozinho.

Um berro que não é de nenhum deles corta o ar. Uma das mulheres na cama se senta, gritando para as mãos cobertas de carmesim. As outras duas estão mortalmente imóveis, e uma faixa vermelha rasteja pelo lençol. *Morte*. O pai lhe trouxe mulheres para... nunca, *nunca*, ele sabia que os pais fariam qualquer coisa por status, mas isso, isso, *isso*...

Helmann se vira para a última mulher, um brilho vermelho cintila nos olhos do seu tigre tatuado, e o pai guia um Rax congelado para fora. Seu cérebro entra em um torpor barulhento. *Não os outros. Se querem me machucar, tudo bem. A mim e somente a mim. Não eles também.*

Quando chegam em casa, o pai age como se nada tivesse acontecido. A mãe nem pisca na direção de Rax. Suas mensagens frenéticas para Hauteclare ficam voltando — ela as bloqueou? Ele toma um banho trêmulo para se acalmar, para lavar o cheiro de Helmann. Rax sabia. Ele *sabia*, mas não *sabia*.

Nunca será o suficiente. Ele nunca será o suficiente — a família vai sempre querer mais e mais e *mais*; não importa quanto ele ascenda, não importa que ele monte bem e conquiste poder para eles, *nunca será o suficiente*. Eles matarão qualquer um em seu caminho.

Eles a matarão.

53. Cursor

cursor ~ōris, *m.*

1. corredor

2. emissário, mensageiro



Mirelle Ashadi-Hauteclare levanta os olhos para a flâmula tremulante com o coelho Lithroi e decide que simplesmente não vai fazer aquilo. Ela se recusa a ficar entre esses plebeus agitados e nobres falsos torcendo por uma assassina raivosa.

No começo, a traidora estava lhe fazendo um favor — podando galhos fracos e indolentes que poderiam no futuro envergonhar a Casa. Mas a avó era diferente, uma mulher inteligentíssima e direta a quem Mirelle admirava... que de repente *se matou*. Os cofres da Casa afundaram do dia para a noite diante da notícia, e estava pior até que no deslize da Gentech — todos os negócios e contratos secavam.

Mirelle segura a carta lacrada com o selo de falcão. É tudo muito *conveniente*: a assassina continua vencendo, e a família dela continua morrendo, não importa quantos seguranças eles contratem, não importa quanto se agachem em suas salas seguras particulares. Mas isso não vai durar muito. Como a primeira filha do terceiro lorde na linha de sucessão, Mirelle tem pouco poder político.

Mas na arena ela é uma *deusa*.

Ela tem afiado a lança contra cada oponente, imaginando o elmo de

Synali von Hauteclare no lugar. E agora Rax quer que Mirelle mande uma mensagem para ela? Mirelle é sua *noiva*, não sua mensageira. Ela ainda se lembra da maneira como eles se olhavam no corredor da Atteint, como ele a levantou e a colocou na carruagem, como se ela fosse a coisa mais frágil...

Algum nobre descuidado na multidão lhe dá uma cotovelada em um momento de animação, e Mirelle lhe devolve um rosnado. Olhos arregalados reparam em sua roupa, dourada e branca, e uma mesura de desculpas é desferida.

— Deixe para lá — diz ela, irritada.

— O-obrigado, Lady Mirelle! De novo, sinto muito.

Sente muito, mas não o bastante para parar de torcer ou de esticar o pescoço por cima da multidão para ter o primeiro vislumbre da ginete em azul e prateado. O que mais doeu em Mirelle não foi o jeito como Rax olhou para a assassina na calçada — foi o tom patético de súplica na voz dele ao aparecer à porta de Mirelle aquela manhã, com o cabelo platinado selvagemmente despenteado.

— É sério, Mir. Não é uma piada dramática ou manipulação, só... *por favor*. Ela está em perigo.

— Mande uma mensagem pelo vis, então — ela disse por cima do chá, discretamente enojada: o ginete mais forte do século, o único realmente capaz de oferecer um desafio para ela na arena, *implorando*. Onde será que foi parar o amor-próprio dele?

— Eu tentei — insistiu Rax, balançando a perna de nervoso. — Mas a mensagem fica voltando, como se alguém a tivesse bloqueado.

— Talvez ela mesma tenha te bloqueado, depois que você a atacou ontem.

Então as luzes do quarto dela piscaram, mas isso não conseguiu esconder o modo como ele se encolheu.

— Você só... pode entregar isso para ela? Antes que ela entre na descontaminação? É muito importante.

— Entregue você mesmo.

Ele acenou com frustração para a pele do pulso levantada com o vis.

— Eu faria isso, mas meu pai colocou a porra de um rastreador em mim. Se eu chegar perto do salão de torneios, vou ser detido por

seguranças particulares. Seguranças particulares da sua Casa, na verdade.

Mirelle piscou.

— Por que meu sogro se daria ao trabalho de implantar tais medidas protetivas? Parece excessivo.

A expressão de Rax — todos os planos e linhas orgulhosos que ela admirava desde a primeira noite que passaram juntos, há seis meses — se transformou em pó.

— Eles vão matá-la, Mir.

O ser humano nela cuspiu no mesmo instante:

— Que bom.

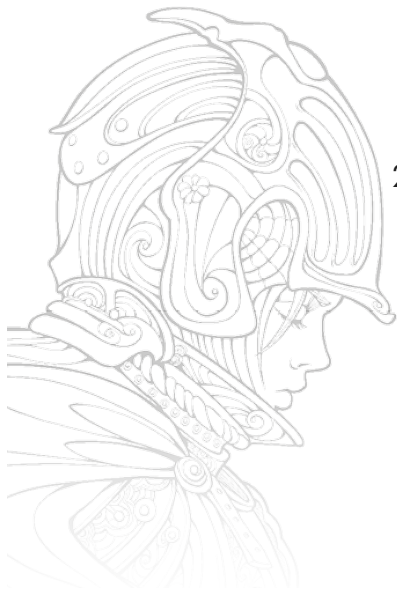
A ginete nela cuspiu no mesmo instante: *Não até cruzarmos nossas lanças.*

54. Incorruptus

incorruptus ~a ~um, a.

1. intacto, intocado

2. (*figurado*) puro; que não foi seduzido



Primero, ouço os gritos.

O corredor estremece com conversas e gritinhos, e levo três segundos para perceber que, quanto mais me aproximo, mais altos eles se tornam. Quatro guardas controlam a multidão fora do hangar Lithroi e as alcovas estão lotadas de pessoas segurando livros de autógrafos, as câmeras do vis brilhando feito uma dezena de olhos azuis.

— Srta. Synali! Para a minha filha. Por favor, você é a favorita dela...

— Eu te amo! EU TE AMO!

— Para trás! Fiquem atrás da faixa!

— Olhe para cá, Synali!

Enfiam um microfone projetado na minha cara.

— Oi, Synali, Mirda Grassus do Canal 17Rho. Pode nos dizer como está se sentindo neste momento?

Quando estou prestes a empurrá-la, uma bengala perfura abruptamente o espaço entre mim e a repórter, as safiras brilham e nos separam, e então alguém me conduz pelo braço para longe dali. Os gritos diminuem, e o sorriso de Dravik entra em foco.

— Peço desculpas, Synali. Presumi que o salão de torneios tomaria as

precauções adequadas, mas parece que preciso fazer tudo sozinho. Haverá mais seguranças para você na próxima justa. — A confiança dele em mim ressoa secretamente. — Receio não saber quem é seu próximo oponente.

Franzo a testa.

— Está escrito na chave, Brann von Axton.

— Parece que a Casa Axton fez uma substituição de última hora.

— Eles podem fazer isso?

— Não. Contudo, decerto podem arrumar uma desculpa para explicar por que seu ginete não vai tirar o elmo no final da justa.

— Então você não tem nenhuma ideia de quem vou enfrentar?

— Tenho várias — corrige Dravik. — Nenhuma conclusiva. A Casa Axton tem muitos ginetes habilidosos em suas linhas, são famosos por isso. Quem quer que seja vai ser muito bom. Trate-o com cautela, observe seus movimentos, e deve dar tudo certo.

Não gosto de nada disso — meu corpo fica tenso, mas minha boca se abre:

— É o poder, não é?

O príncipe inspeciona seu vis distraidamente.

— O que você quer dizer?

— Sua mãe tentou se apossar do trono tantos anos atrás transformando os corcéis em uma força autônoma de batalha. Em um exército aterrorizante, mais rápido que qualquer nave de guerra, mais forte, mais versátil. Teria sido uma repetição de Gama-1, mas cem vezes pior, porque, naquela época, pelo menos a IA verdadeira estava confinada à subestação. E agora você está tentando terminar o que ela começou, usando o Algoz do Paraíso. Usando *a mim*.

O sorriso dele não se dirige a mim, mas à sua própria mão.

— Você pensa tão mal de mim, Synali, para acreditar que eu iria querer algo tão irrelevante e efêmero quanto o poder?

— Você...

— Não importa quanto a IA de um corcel seja avançada, ele ainda precisa de uma mente humana dentro da sela para funcionar.

— *Tem* uma mente humana no Algoz do Paraíso, a de Aatrix.

Ele pisca.

— Você mesmo disse: Sevrith não está tão condenado quanto eu penso. Os ginetes sobrecarregados não se foram. Nem Astrix. Eu a vi na sela. Alguma parte dela continua viva lá dentro.

Dravik ri em meio ao silêncio.

— Se isso for uma piada cruel para se vingar de mim...

— Não é. Só preciso que me diga o que está acontecendo. Vou acreditar em você, prometo.

Antes que eu consiga formar palavras, alguém na multidão contorna os guardas. Um rosto animado se aproxima rapidamente, as mãos tentando me agarrar, mas a bengala de safira atinge seus tornozelos e a pessoa despenca no mármore. Os guardas cercam o invasor para puxá-lo de volta enquanto o príncipe afasta a bengala do caos com movimentos precisos e olha para mim.

— Se pudesse viajar no tempo e voltar à Terra antiga, Synali, você lhes contaria sobre a chegada do inimigo?

Dou uma bufada.

— Obviamente.

— Isso teria alguma utilidade?

Congelo. A multidão se agita, mas o príncipe permanece tranquilo.

— Eles nunca tinham visto nem enfrentado o inimigo. Nunca tinham estado no espaço por um período verdadeiramente longo. Conheciam a Terra e o céu e os animais. Acreditariam em você? Se você marchasse até os líderes deles e lhes contasse sobre o inimigo queimando a Terra em grandes ataques de chamas de laser, *eles acreditariam em você?*

— Não.

— Não — repete ele, com paciência. — Porque não estava acontecendo e não tinha acontecido. Eles não poderiam entender o que não haviam experimentado. — Dravik sorri. — Não é da sua fé que eu preciso, Synali, mas da sua compreensão.

Uma santa de mármore nos olha do teto — uma mulher com os seios decepados. Ela os carrega em uma bandeja e seus olhos estão virados na direção de Deus. Dravik se afasta, e eu o perco na multidão. Se bem que nunca o tive, para começo de conversa: o príncipe está sempre um passo à minha frente.

À frente de todos. Vejo uma mulher imóvel na multidão ondulante com

o cabelo castanho-claro dele; seu inconfundível sorriso de raposa está direcionado bem para mim — seus olhos prateados são perturbadores e os lábios se movem com palavras que não consigo ouvir e, ainda assim, consigo ouvir *perfeitamente*.

“*você sabe o que significa montar?*”

Então eu pisco, e ela desaparece. Eu me viro, a multidão tumultuosa silenciando assim que o hangar Lithroi se fecha atrás de mim com um silvo hermético.

— Você.

Quase pulo para fora do traje — Mirelle me aguarda, apoiada na parede de mármore em uma túnica branca, seu cabelo sedoso enfeitado com pérolas. Minha boca seca; por que ela está aqui? Se tiver uma arma... Seus saltos de ouro fazem barulho quando ela atravessa a passarela e estende uma carta lacrada para mim. Estico a mão para pegá-la, mas ela a puxa para longe, as unhas peroladas cintilando.

— Estou lhe dando isso por um único motivo, assassina.

— E qual seria?

Nós poderíamos ter sido uma família — os mesmos vestidinhos, os mesmos lacinhos de cabelo, as mesmas risadinhas sob a mesma luz solar.

— Eu me recuso a vê-la morrer antes de lhe mostrar o verdadeiro significado da derrota.

Meu coração dá um salto doentio no peito: as palavras dela são como uma faca de bondade distorcida — o mais perto que chegarei de ouvir algum cuidado vindo dela, o mais perto que chegarei de voltar a ter minha família cuidando de mim. Pego a carta devagar, com um sorriso.

— Obrigada, Mirelle.



— Sejam bem-vindos, todos vocês, às justas intermediárias da chave A da Copa Supernova! É um dia agradável na arena para receber uma justa, sem pó de sílica de Esther e com pouquíssimas ondas de radiação. Estamos nos aproximando das justas finais, e a competição é um campo

ardente de excelência! Concorde comigo, Gress?

— Sem dúvida, Bero! De todas as Casas que entraram na Copa Supernova, poucas permanecem em pé! Algumas são favoritas antigas, outras favoritas fortes, e outras ainda são favoritas novinhas em folha, todas formando o eclético e poderoso grupo que compete pela primeira posição e pela estima do rei, este ano!

— E que luta vamos ter por essa primeira posição, Gress! Vamos direto a ela: no canto azul está um campeão de força esmagadora, um homem com um gosto por vitórias avassaladoras, um ginete de maestria incomparável na classe Navio de Guerra. Por favor, deem as boas-vindas a Brann von Axton e seu corcel, o Perfurador de Asas!

o nome dele não é Brann von Axton.

— E no canto vermelho está a ginete mais inesperada da Copa, que chegou longe no seu primeiro ano de montaria mesmo sem nenhum histórico acadêmico! Ela é fugaz, furiosa e, para ser franco, febrilmente feroz. Façam barulho para Synali von Hauteclare e seu corcel, o Algoz do Paraíso!

O lenço repousa no meu peito, e dobrada dentro dele está a carta de Rax, da qual sinto exalar o perfume de jasmim de Mirelle.

— *preocupação?* — pergunta o Algoz do Paraíso, feito um sino silencioso.

Respondo ruidosamente. *não minha. deles.*

As espirais prateadas fazem uma pausa, então continuam seu arrastar lentamente pelos meus olhos.

— *amigos?* — Ele está perguntando se Rax e Mirelle são nossos amigos. Como poderiam ser? Somos diferentes demais, fomos longe demais. O Algoz do Paraíso pensa no meu coração, seus pensamentos se demoram no lacre de cera carmesim com o falcão. — *amor?*

Dou uma bufada. *avançar.*

Os jatos do Algoz do Paraíso ganham vida conforme atravessamos a rede da arena. As câmeras-drones se movimentam freneticamente, zumbindo, mas o corcel não se acovarda diante delas. Sinto o Algoz do Paraíso receber sua própria hesitação temerosa com uma explosão de plasma, e o som dentro da minha cabeça é quase — *quase* — uma bufada metálica, como um fantasma de mim.

A holotela que aparece não é um fantasma: é um homem em um traje de ginete cor de nanquim com arranhões amarelo-neon no peito amplo. A telinha não faz nada para esconder a altura, os grossos tendões de músculo bem marcados. Ele usa um elmo tão preto quanto carvão polido, e a bocarra de um tigre amarelo enche o visor de presas. O halo pintado em sua testa logo abaixo do visor brilha apenas pela metade — é uma coisa apagada e quebrada, tão malcuidada quanto seu cabelo desgrenhado e dourado. Não posso ver seus olhos, mas também não consigo desviar deles. Seu rosnado queima meus ouvidos.

— Olá, coelhinha.

55. Finis

finis m. ou f.

1. limite; fim

2. fim, propósito, objetivo

O ex-PRÍNCIPE e a filha do duque estavam sentados ao tabuleiro de xadrez.

O sol rastejava devagar ao redor das peças. A mão da garota pairava sobre um cavalo azul, os olhos estavam fixos no peão prateado já quase na sua fileira de trás.

— Você ficou todo esse tempo avançando o peão. Protegendo-o.

O príncipe estendeu as mãos.

— Naturalmente.

— O que acontece quando um peão consegue chegar até o fim, do outro lado? — perguntou ela.

Ele deu um sorriso brilhante e pensativo.

— Bem, ele se torna algo completamente diferente.

56. Jugiter

jūgiter, adv.

1. de modo duradouro

2. em sucessão ininterrupta



Helmann von Axton me atinge *instantaneamente*.

Pressão, dor, velocidade — tudo isso se choca contra o meu lado esquerdo com a força e a rapidez de um projétil. Todo o peso de um enorme corcel me atinge, e antes que possamos pensar em um plano de fuga, nossas costas tocam uma rede de luz sólida abrasante — o limite telado da arena. Tento me mexer, mas estou presa. Por *ele*.

— Vamos lá, coelhinha — diz o homem na holotela, com uma voz áspera. — Eu mereço mais garra de você.

Ele está em um *Navio de Guerra*, mais pesado que qualquer outro tipo de corcel, e mesmo assim parece ágil — seus ombros são lisos, assim como as pernas, não há quase nada do volume usual em sua armadura, com exceção do gigantesco peitoral. Listras amarelo-neon descem pelas costas e se alongam pelos quadris no formato de uma abelha, lembrando um rabo espinhoso. As pontas do elmo se curvam como chifres de boi voltados para dentro, como mandíbulas fechadas, um animal ainda não inventado, mas que se alimenta bem.

O metal pressiona meu peito, meus ombros, e a rede projetada da arena escalda minhas costas — um calor temeroso começa a queimar

meu coração. Ele apareceu do nada. Em um Navio de Guerra. Eu deveria tê-lo visto chegando... *Não*. Eles não vão ter meu medo.

avancar.

Reverto a direção dos jatos. Avançamos de costas na direção da rede, com a luz sólida branca escaldando um padrão na nossa coluna. O cheiro nauseante de carne queimada e metal superaquecido preenche a sela. Aperto os dentes — *só mais um pouquinho* — e então o leve estalo da liberdade vem. Ganho espaço suficiente para me livrar da pegada dele e me afastar o máximo possível, o mais rápido possível. A risada dele ressoa na holotela.

— Gostou da dor? Já vi você fazer isso, *acolhê-la*. Você beija a agonia com esses lábios doces e cheios de cicatrizes como se fosse seu primeiro amante. — Ele se eleva, os jatos em suas costas queimando em amarelo-neon, tão alto e tão quente que a cruz de LED acima de nós se afoga em seu brilho. — Devo ser seu primeiro, coelhinha, e seu último?

Corto a comunicação com dedos trêmulos.

— *medo*. — O Algoz do Paraíso pensa o que me recuso a sentir.

Minha pele parece coberta de vermes rastejantes. Ele é diferente dos outros. Seu tom é como o dos homens do bordel, mas diferente, *pior*, e ele brilha, vibra, espera — espera como nunca vi um ginete esperar antes, suspenso no ápice como se o tempo não significasse nada, como se ele estivesse exatamente onde queria estar.

E estou presa aqui com ele.

— ... altercação antes da primeira rodada é definitivamente uma falta, Gress, *eeeeeeeee* aí está, o juiz deu bandeira amarela para o Perfurador de Asas. O Algoz do Paraíso ganha uma vantagem de dois segundos na primeira rodada! Mas será que ela consegue tirar proveito disso?

Helmann não parece se importar com as regras. Ele quer me matar, não me enfrentar em uma justa. Li isso na carta rabiscada apressadamente por Rax que Mirelle me entregou, mas agora sinto — a onda de calor de um punhal projetado, o sorriso de um homem perseguidor à noite, a pressão de explodir os tímpanos diante das saídas da câmara de descompressão. Perigo.

— *a plataforma* — ecoa o Algoz do Paraíso.

Ele está certo. Estarei segura na plataforma — poderei ver a

aproximação dele. Eu me propulsiono até lá.

— Ginetes, preparem-se para a primeira rodada! *Em nome de Deus, do rei e da Estação!*

— Em nome de Deus, do rei e da Estação!

A multidão ecoa febrilmente a fala do comentarista — sedenta por tragédia, desejando minha morte. Helmann von Axton decide acomodar languidamente seu volume na plataforma terrena.

Contagem regressiva: *três*.

A holotela surge de novo.

Dois.

— Mostre-se para mim — diz a voz ribombante de Helmann. — Por inteiro.

Um.

Meu coração bate forte, minha boca seca — ele vai me machucar, me caçar; estou presa com ele — e então... as flores aparecem. Elas piscam apenas por um momento em cores e detalhes perfeitos contra o preto do espaço, margaridas brancas e jacintos azuis florescendo bem no fundo da garganta do dragão gelado. A voz de mamãe ecoa como água fria no carvão quente. “*Obrigada, Synali. São adoráveis.*”

Algoz do Paraíso. Ele fez essas flores para mim, para me acalmar — minha própria memória em detalhes perfeitos. As flores se apagam em preto, e o corcel forma uma ideia em nossa mente.

— *não dar nada a eles*.

Quando a última pétala desaparece, eu completo seu pensamento.
tomar tudo.

Zero.

A lança prateada ganha vida na minha mão, sua estrutura afiada se completando em um instante. A plataforma nos libera com dois segundos de vantagem. Somos rápidos — sem hesitação, apenas velocidade. As estrelas viram um borrão, Esther parece paralisar sua rotação por uma fração de segundo, seus anéis de nuvens verde-malaquita pairando no lugar. O Perfurador de Asas é liberado depois, mas se aproxima, a luz azul do gerador de gravidade é completamente engolida pela armadura preta, e a lança amarela mira minha garganta.

esperar.

O gemido entre corcéis ressoa, e eles geram luz entre eles. A visão vem em flashes no escuro, como as luzes estroboscópicas da casa noturna de Talize — sua lança amarela, minha lança prateada. Seu corpo, meu corpo — cama perfumada, rosas brancas, plataforma fria, punhal quente. Percebo a cascata de pensamentos e o alinhamento quando tudo se encaixa dentro de mim: Helmann von Axton me quer. Mas ele não é o primeiro.

nem será o último.

Impacto.

Uma dor de fritar os nervos atravessa meus dentes, meus dedos, cada respiração apenas oferece à dor mais oxigênio para me perfurar. Há algo errado com minha perna direita. Minha lança não atinge nada, passando por baixo das costelas de Helmann como se eu tivesse mirado ali o tempo todo. O Algoz do Paraíso cambaleia conforme a subida começa, e minha cabeça também cambaleia: *como ele se esquivou?* Eu o tinha em posição com a inércia certa, o ângulo... estava bem mais rápida do que ele poderia sonhar em se esquivar com um Navio de Guerra.

a menos que...

A menos que já soubesse onde eu ia mirar.

— Vamos lá, coelhinha — ronrona ele na holotela. — Você não ouviu? Quero ver tudo o que você tem. *Você por inteiro.*

Vermelho, 0. Azul, 1. Minha perna direita fica dormente e olho para baixo — ela foi quase decepada, balançando-se no espaço por um emaranhado fino de cabos. Pior ainda, os jatos nela pulsam em um ritmo irregular, desequilibrando tudo. Tento me estabilizar, mas oscilo incontrolavelmente, *me debato*, com todas as direções misturadas e um pensamento horrível me invadindo: Helmann poderia ter arrancado nossa perna, assim como Yatrice, mas não o fez. Deixou-a pendurada para me ver cambalear. Está brincando conosco.

A voz de Astrix é um mantra esculpido em todas as partes moles do meu cérebro: “*você sabe o que significa montar?*”

Só resta uma única opção — é isso o que significa montar. Estendo a mão até onde a perna do corcel se conecta com meu osso. *Vai doer.*

Mas isso também é o que significa montar.

Seguro minha própria perna — inteira na sela, pendurada por um fio

do lado de fora — e a *torço*. Minha carne não cede, mas meu metal, sim, e dói do mesmo jeito — sinto uma agonia branco-vermelha me atravessando quando a perna do Algoz do Paraíso se desconecta com uma chuva de faíscas. Posso sentir o sangue quente jorrando onde não há nada, meu próprio coração invisivelmente esguichando vida para fora de mim. Máquinas não sentem dor, mas ela também está sofrendo.

“*Ela*” — é a primeira vez que penso em Algoz do Paraíso não como uma máquina, mas como um ser. Uma mulher. O som se encaixa como as peças de um quebra-cabeça, como luvas gastas.

Viro a mão e olho para a perna desmembrada. Da última vez que isso aconteceu, um óleo escuro escorreu dela, mas agora há apenas prateado — *fluido nervoso*. A subida está quase no fim. Helmann está faminto — preciso criar uma brecha com sua própria fome. Rax disse que ele é melhor que nós. Rax poderia derrotá-lo, Mirelle poderia derrotá-lo — mas estou sozinha. A carta pesa no meu peito, escrita por ele e entregue por ela.

não. não estou tão sozinha.

Ligo a comunicação e seguro minha perna no ar feito uma isca.

— Venha pegar, seu monstro.

A risada de Helmann é um rosnado lento e dolorido, um timbre por vez.

— Todos nós somos monstros. Mas você e eu somos da mesma espécie.

Solto a perna, e ela flutua para longe. Ele sorri sob o halo quebrado com seus dentes brancos e pontiagudos.

— Consegue ouvir meu coração chorando por você, coelhinha?

Troco a lança de mão, atrapalhando-me um pouco. *ignore o medo*. Não — **use-o**. Como combustível, como raiva. Esse medo é horrível, feio, profundo... mas é meu e de mais ninguém.

— Vou ouvir melhor quando ele estiver na ponta da minha lança — digo.



Seu oponente foi substituído. O nome dele é Helmann von Axton - irmão gêmeo de Brann e a merda de um assassino em massa. A Casa Velrayt pediu a ele que matasse você na arena em troca de liberdade. Helmann é melhor que você, e é melhor que eu. Estou falando sério, você precisa ter cuidado - não de se jogar de cabeça. Você não vai morrer. Não vou deixar. Você vai ganhar esta justa e continuar avançando até chegar a mim.

Helmann está em um Navio de Guerra, mas trate-o como uma Fragata. Mantenha a guarda alta e forte do lado esquerdo. A defesa dele é impecável, e isso não é a porra de um exagero - ele não deixa brechas, então você precisa criar a sua. Corte a comunicação no instante em que ele tentar falar com você - ele vai perceber o que está planejando pela maneira como se senta na sela. Ele consegue ler ginetes como se fossem livros. Já vi isso acontecer, e não vou ver acontecer com você.

Viva, Hauteclaire. É isso que significa montar.

PARTE VI

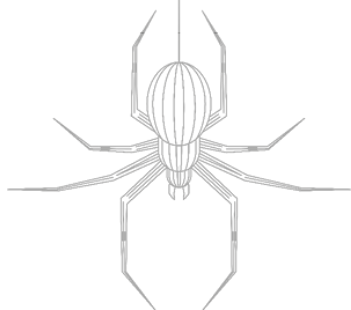
O cisne e o leão

–3. Luctus

luctus ~ūs, *m.*

1. tristeza, sofrimento

2. luto



Ao lado de uma barbearia caindo aos pedaços, Rain assiste à Copa Supernova.

Na sarjeta sob seus sapatos correm iodo e sangue, cobre e ferro. O estalido na mandíbula de alguém quando o barbeiro arranca um dente e o gemido que se segue lembram Yavn. É só uma questão de tempo antes que Verde-Um descubra que Rain poupou o nobre, e daí ele vai perder para sempre o que restou de sua família. Os reclusos o encontrarão. Ele morrerá sozinho, sem ninguém ao seu lado.

A holotela pisca. Grafites gravados a laser gritam em ambos os lados, mas os olhos de Rain estão focados no centro, no corcel prateado e azul e na garota dentro dele. Ela cresceu tanto, está tão diferente da pirralha que ele poupou naquela noite — tem mais carne, mais dureza, mais determinação que nunca. Uma velha vendendo ratos-toupeiras passa cambaleando, com uma jarra de barro cheia de patas crocantes, mas ela para. Eles assistem à justa.

A velha coaxa:

— Você acha que ela vai ganhar?

Rain observa os olhos da garota — *os olhos dele, como família, como*

*a família que ele perdeu, a família que agora o persegue; ambos, menina e menino, perseguidos em uma teia da qual não podem escapar, mas ela está tentando, e isso o faz querer tentar **ainda mais** — e ele acena a cabeça, sorrindo.*

— Acho.

57. Aculeus

aculeus ~ī, m.

1. (em plantas) ponta afiada, espinho

2. ferrão



A descida chega.

Jatos de plasma amarelo de Helmann, meus jatos de plasma azul, e entre nós a luz se mistura e fica verde — o verde de um jardim alimentado por cadáveres, o verde de Esther em sua contemplação eterna, espera eterna, presença eterna até que o dragão gelado também o devore.

Helmann vem pelo circuito em um ângulo estreito — mais estreito que um Navio de Guerra deveria conseguir. A Algoz do Paraíso jorra sangue prateado de sua perna direita decepada, e os respingos formam um fluxo atrás de nós. Não sou rápida o bastante sem todos os jatos das pernas. Precisamos compensar. *queimar mais forte*. Seguro o cotovelo com firmeza. Ele não vai me ter. *estender*. Não vou morrer aqui.

vou viver para lutar. contra rax. contra mirelle. contra todos eles.

Eu me preparo com calma.

Há um grito-gemido entre os corcéis, e desta vez posso sentir o significado do som como um sino sobrenatural, como cumprimento e arrependimento, como dizer *olá* e *adeus* e *para sempre* no mesmo segundo. A lança de Helmann se move como um raio, e meu corpo, como o trovão que o segue — um eco. *não resista*. Ele sabe que vamos nos mover contra ele, mas não sabe que vamos nos mover junto com ele

— deslizo no espaço que ele deixa para trás, bem perto do corpo do Perfurador de Asas. Nossa lança prateada acerta o lado direito do seu coxote. *Vermelho, 1. Azul, 1. Nós o atingimos!*

A retaliação é instantânea.

Antes que nos separemos para a subida, ele enfia os dedos na nossa couraça — cinco fendas de aço enrugadas se abrem com um berro e arreventam minha visão com toda a força que um Navio de Guerra traz para o campo. A dor simulada são cinco pontos de fogo afundando cada vez mais no meu peito, e, por uma fração de segundo, um pânico se enterra na agonia: *ele vai nos rasgar em duas.*

— ... outro movimento altamente ilegal, Bero, mas os ginetes não estão se separando! Parece contato próximo estendido por parte do lado azul! O juiz está a caminho para separá-los...

Um dos dedos de Helmann entra fundo demais, e eu tusso sangue vermelho e molhado, e de repente a Algoz do Paraíso assume o controle, enquanto monto sem forças — ela inverte os jatos, tentando desesperadamente nos separar, mas Helmann nos acompanha, penetrando mais e mais fundo. Ouço o apito agudo parecido com uma sirene quando o juiz se aproxima em seu corcel listrado em branco e preto de armadura pesada, queimando jatos brancos na nossa direção.

Helmann retrai os dedos. Alívio repentino... e então o vejo recuar o braço. O Perfurador de Asas atira a lança com todo o seu poder de Navio de Guerra. Amarelo-neon atravessa o espaço feito um raio de sol e se enterra impiedosamente na couraça do juiz — bem onde fica a sela. O metal da cabine amassa como papel, a lança sai pelo outro lado.

— ... oh! Ah, minha nossa, isso foi... Parece... parece que a Casa Axton atacou o juiz! Estou, sim, estamos recebendo agora a notícia de que ele está bem, mas a última rodada deve prosseguir...

— Que... que decisão estranha de Brann, Bero, certamente o rei terá muito a dizer sobre o decoro da Casa Axton depois da justa! Parece que os juízes auxiliares estão dando à Casa Lithroi uma vantagem de cinco segundos por isso!

O corcel do juiz está imóvel, frouxo, e uma chuva de faíscas rodeia o local onde a lança atingiu sua couraça listrada. O Perfurador de Asas se aproxima dele, puxando a lança para fora e se virando devagar no

espaço. A ponta amarelo-neon está manchada de laranja com uma névoa vermelha. O juiz não está bem.

O comunicador é acionado. O peito de Helmann está ofegante por baixo do traje.

— Pronto. Acabaram as distrações entre nós, coelhinha. — Ele é só mais um nobre jogando a vida fora na frente dos meus olhos. Não é de jeito nenhum um monstro invencível, apenas um *nobre*. Minha risada borbulha com o sangue em meus lábios, e a voz dele se torna desconfiada. — O que é tão engraçado?

Retorno à posição inicial, como mandam as regras. Para a plataforma, rápido — posso senti-lo atrás de mim, o calor dos seus jatos mordiscando meu único calcanhar intacto. Os ímãs tensionam e nos puxam para o enorme hexágono, prendendo-nos bem a tempo de o Perfurador de Asas se chocar contra nós, esfregando-se na Algoz do Paraíso couraça com couraça, coxote com coxote, elmo corneado com elmo crescente — um mar de faíscas e metal rangendo.

— O que é tão engraçado? — repete ele, todo chifres e perigo.

— Você... — Dou risada, lambendo o sangue dos lábios. — Pensei que você fosse diferente, mas é igual a todos eles. *Exatamente* igual. Todos eles destroem como você. Matam como você.

Eu me preparo para a violência, mas em vez disso seus dedos acariciam as marcas na nossa couraça *possessivamente*; a sensação é leve como uma pluma no meu peito humano. Um toque que conheço. Um toque que antecede a dor. Ele retira as mãos manchadas de prateado.

— Não me venha com esse teatro doentio, coelhinha, nós somos iguais. Você quer matar. Vi esse desejo sombrio em seus olhos.

O peso dele me esmaga e coloca um enorme esforço sobre a plataforma, o ranger de molas em um colchão. Não resta nada além do tigre e de mim. Ele poderia me matar facilmente desta distância — enfiar a mão no peito da Algoz do Paraíso e puxar minha sela para fora e me achatar nas mãos. Seria tão fácil desistir. Não teria mais nenhuma preocupação. Mais nenhuma dor. Mais nenhum esforço.

A Algoz do Paraíso reproduz vozes da minha memória.

sinto muito... pelo que fiz com ele. é para mantê-la em segurança.

Dravik.

quando eles estiverem mortos, o que você vai fazer?

Sevrith.

eu me recuso a vê-la morrer antes de lhe mostrar o verdadeiro significado da derrota.

Mirelle.

... você não vai morrer. não vou deixar.

Rax.

Helmann quer me matar. Minha família quer me matar, e a corte quer ajudar. Meu pai quis me matar. O universo inteiro quer me ver morta... mas também há pessoas que querem me ver viva.

A Algoz do Paraíso pergunta aos meus pensamentos rodopiantes gentilmente:

— o que **você** quer?

Libero meu visor com um silvo pneumático e as mãos trêmulas.

— Olhe de novo — falo para Helmann. Seu halo quebrado ilumina o rosto subitamente imóvel na holotela, a costura firme das suas sobrancelhas douradas em pausa. Minhas palavras saem carregadas de intenção: — O que eu quero, monstro?

O Perfurador de Asas cambaleia para longe de mim, e há uma elevação na pressão. Uma elevação na minha lança. Meu rugido é um jato de sangue e prata.

— **O QUE EU QUERO, MONSTRO?**

O Perfurador de Asas se vira num piscar de olhos, sem dizer nada, com o rabo amarelo brilhando e os jatos brilhando ainda mais enquanto se afasta rápida e abruptamente e se prende na própria plataforma.

— Parece que ambos os ginetes decidiram voltar a cumprir o protocolo, Gress! Eles voltaram às posições iniciais! Vamos ficar de olho na contagem regressiva para a rodada final! *Três...*

Cinco pontos de dor latejam no meu peito. Meu quadril direito lateja onde arranquei a perna da Algoz do Paraíso, e a escuridão rasteja nas bordas da minha visão, uma escuridão à qual é melhor resistir, agora já aprendi.

— *Dois...*

Sussurro:

— Me diga, monstro. O que eu quero?

— *Um!*

A voz dele é reverente:

— A morte, senhora.

Zero.

A liberação. A descida. A comunicação é cortada. Agora ele sabe. Mas não pode me impedir.

Ele também sabe disso.

A gravidade nos puxa na direção um do outro — o raio dele, o meu trovão. Ele é destruição. É guerra. Mas eu sou o sino de ferro lúgubre que toca quando a guerra termina — o eco imparável que sempre acompanha a violência.

Não sou quem golpeia primeiro, mas vou ser quem golpeia por último.

O gemido entre os corcéis atravessa a luz. Ele mergulha. Eu o *vejo* mergulhar com a lança na outra mão para acertar a parte mais lenta da minha perna remanescente. Todo o seu poder se concentra em determinar a velocidade mais rápida. As palavras da Algoz do Paraíso soam forte:

— *confie em mim.*

A verdade: *eu confio.*

Eu me solto. Deixo-a assumir o controle do nosso corpo, e a Algoz do Paraíso gira o coxote no sufocante último segundo, *osso gritando cérebro piscando*, quebrando a coluna dela e provocando espasmos na minha, mas se torcendo de maneira que a lança amarela dele não acerte nada além dos respingos de sangue prateado onde estaria nossa perna faltante.

Seguro o braço firmemente. Espero. Em uma cascata de pensamentos conforme tudo se transforma em nada, no próprio centro do impacto, na fornalha que é o espaço-tempo, que é a existência, *que sou eu.*

O prateado afunda na couraça neon.

Vermelho, 2. Azul, 1.

Tiro meu elmo para receber os aplausos tumultuosos e o olhar de ferro do Novo-Rei Ressimus me encarando de cima.

Quando comecei a montar, eu saía mancando da baía do hangar e atravessava corredores vazios do salão de torneios, mas agora há gritos. Agora, guardas me escoltam pelas massas de corpos quentes que tentam

me agarrar. O vestiário é um alívio silencioso, interrompido por uma mensagem.

DRAVIK: *Seu oponente foi devolvido à cela pelas autoridades. Você estará segura até o seu retorno à Ponta do Luar. Fui informado de que Quilliam está preparando seu favorito — pato assado.*

Um sentimento novo e estranho emerge: estou ansiosa para voltar para casa, para Luna, para uma cama macia, um pato assado e o silêncio metódico da faxina com Quilliam. Impossível. Inútil. Meus dedos tremem enquanto digito uma nova mensagem para duas pessoas.

SYNALI: *Vejo vocês dois na arena*

O apito da resposta é instantâneo.

MIRELLE: *É claro que sim, assassina. Se tivesse perdido para um tipo desonroso como Helmann, você não seria uma Hauteclare.*

Um espelho capta meu sorriso frágil. Outra mensagem.

MIRELLE: *Rax falou para você desbloqueá-lo.*

SYNALI: *Eu nunca o bloqueei, para começo de conversa*

MIRELLE: *Bem, alguém está bloqueando a comunicação entre vocês dois. Francamente, acho que é melhor assim. Ele é bom demais para você.*

Ela sabe exatamente onde atacar, não é? Mas acho que isso também é de família.

SYNALI: *Sempre sincera, não?*

MIRELLE: *Até o fim — este é o caminho de um cavaleiro. Você poderia tentar algum dia, se ainda estiver ao alcance das suas habilidades sedentas por sangue.*

MIRELLE ASHADI-HAUTECLARE SAIU DA CONVERSA.

Eu me visto e saio do vestiário, atravessando o silencioso salão de torneios pós-multidão. Fico encarando o endereço de Rax por mais tempo do que deveria antes de enviar a mensagem. Tento uma vez, duas, mas ela não é entregue. Parece que fui bloqueada... ele não faria isso, faria? Só posso pensar em uma pessoa que desejaria que nós dois parássemos de conversar.

O som de risadinhas me faz levantar os olhos. Duas pessoas estão paradas no mirante do salão de torneios: uma menina e um menino, apoiados no corrimão polido. São mais jovens que eu; a menina está coberta de renda holográfica e das sedas mais finas, com o cabelo

avermelhado para trás em uma trança elaborada. O menino está em uma cadeira aérea e tem cabelo castanho-claro. Eu o reconheço — é o menino do hospital.

“*Encontrei você.*”

Ele se vira nesse momento — como se tivesse ouvido a lembrança — e sorri para mim. Sem os analgésicos, vejo melhor seu rosto — um rosto como a paz —, seu queixo e sua mandíbula gentis. Seus olhos são verdes e caídos, o halo de luz negra brilha em sua testa. Ele vira a cadeira aérea com um zumbido abafado.

— Synali.

Ele diz meu nome de uma maneira que me passa uma sensação calorosa e tranquila, como se eu voltasse para um lar que pensava ter perdido havia muito tempo. Algo profundo em mim quer se aproximar, não importa o que aconteça; algo nele é como descanso — um lugar para finalmente descansar.

A garota se vira ao ouvir meu nome, e a trança de fogo corta a vista do espaço enquanto seu rosto se abre em um sorriso alegre de orelha sardenta a orelha sardenta.

— Ah, uau, é *você*!

Ela desce as escadas rapidamente em tornozeleiras de prata e pés descalços, e por um momento penso que vai correr até mim e me derrubar, mas ela para pouco antes disso com um pulinho precoce, o halo de luz negra grosso e nítido na sua testa.

— Ele me contou muitas coisas sobre você. — Os olhos verdes da garota piscam para mim. Desvio o olhar e reparo nos cantos escuros do mirante: há *dezenas* de guardas particulares pairando com espadas projetadas, tasers, armas. São os mesmos que cercavam a plataforma do rei no banquete pré-torneio. A garota faz um breve movimento para chamar minha atenção. — Aaah! Apenas os ignore, eles são uns chatos. Vi sua última justa, foi ótima! Você monta muito bem!

Minhas palavras saem com cautela:

— Obrigada...

— Ah! Sou Leyda, muito prazer. Quer dizer, hã, é um prazer conhecê-la. — Ela levanta os olhos para o garoto. — Melhor assim?

Ele assente.

— Muito.

Leyda suspira.

— Palavras demais só deixam as coisas compridas e tediosas.

— Você precisa conversar com as pessoas se quiser conhecê-las — censura o garoto, com suavidade, como um professor falando com uma aluna, e não um menino falando com uma menina da mesma idade.

— Sei. — Ela gesticula para mim. — Mas ela não é como a maioria das pessoas. Podemos brincar juntos, eu e ela e todos nós. Isso tornaria tudo mais fácil!

Nada na conversa deles é complicado, mas é como se houvesse muita coisa não dita.

— É melhor eu ir — digo.

Leyda faz biquinho.

— Tuuudo bem. Se você quiser. Mas vejo você em breve!

Ela faz uma afirmação, não uma pergunta. Sua confiança me acompanha pelo corredor e pela saída dos ginetes e para dentro da aerocarruagem dos Lithroi. Ela me acompanha até a Ponta do Luar, onde Dravik me espera na poltrona diante de um fogo moribundo.

— Você não sabia que meu oponente era Helmann von Axton — digo. Ele mal levanta os olhos da lareira. Removo a carta de dentro do lenço, mostrando o lacre quebrado. — Rax sabia.

Dravik finalmente pigarreia.

— É como eu temia, então: a Casa Velrayd se alinhou à Casa Hauteclare. Os Velrayd lidam com tarifas de comércio: comércio entre as Alas, entre a Estação e as subestações. O preço de tudo passa por seus dedos. De fato, os Velrayd são mais conhecidos por valorizar descaradamente o preço do comércio. — Sua poltrona de couro range quando ele se inclina para trás. — Se os boatos forem verdadeiros, Rax Istra-Velrayd e Mirelle Ashadi-

-Hauteclare ficaram noivos recentemente. Vão se casar.

Fico paralisada. *é claro que vão*. Estava evidente pela maneira como eles se mantinham lado a lado — altos, orgulhosos, lindos, um par perfeito em todos os aspectos. A luz do fogo queima meu rosto.

— Eles combinam.

— Tirando a compatibilidade, por meio desta aliança os Velrayd

ganham a reputação duradoura dos Hauteclare, e os Hauteclare ganham um parceiro valioso, com dedos em todas as transações monetárias imagináveis, algo de que realmente precisam depois da nossa interferência. As conexões mercantis dos Velrayd são inigualáveis, incluindo, aparentemente, aquelas dentro da prisão real.

O príncipe levanta lentamente uma xícara de chá da mesa ao seu lado e toma um longo gole. Uma exaustão repentina traz a cada um dos meus ligamentos uma sensação de torpor — não resta nenhum ímpeto em mim.

— *Ainda assim* — murmura ele. — Tentar botar a culpa do seu assassinato em um preso fugitivo... é de muito mau gosto. A Casa Hauteclare deve estar bem abalada para recorrer a tal tática. Não acho que eu precise explicar por que você não deve mais ter contato com Rax.

— Foi você que o bloqueou no meu vis.

— Ele é um aventureiro perigoso que poderia ser convencido a machucá-la. Agora que está noivo de Mirelle, essa ameaça cresce exponencialmente. Sem que você soubesse, o módulo da sua amiga tornou bem fácil, por meio de uma simples engenharia reversa, encontrar um caminho para o seu vis. — A expressão dele se suaviza. — Você deve ser protegida a todo custo.

— E a sua ideia de proteção é enfiar o nariz onde não é chamado?

— Achei que soubesse disso quando assinou nosso contrato, Synali.

— A porra do monitor biométrico, do microfone... Não foram *suficientes* para você?

— Já falei, ele é perigoso.

Minha raiva se transforma em uma risada.

— Ele é um nobre mimado...

— E é quase parte da família Hauteclare agora. Tem todos os motivos para machucá-la.

— Você está delirando. Você realmente entrou em um delírio de que é meu maldito pai. — Quero que ele negue, mas ele só se levanta sem dizer nada, pega a bengala e se arrasta para os corredores escuros. Agarro sua xícara de chá e a lanço no chão de mármore. — Está me ouvindo, Vossa Alteza? Você está enlouquecendo! O fluido nervoso está

te devorando! *Você está perdendo a merda da cabeça!*

Ele não volta atrás. A fúria embaça meus olhos, e empurro para o lado tudo que está na mesa, gerando onda de cacos de porcelana. Chuto a mesa, destruo-a com as mãos, jogo-a no fogo até que não sobre nada além de cinzas. Astrix me observa do canto da sala.

— Perdendo a cabeça assim como... assim como eu — sussurro.

58. Mortifer

mortifer ~era ~erum, a.

1. letal, mortal



Estou sozinha na cama com meus pensamentos da meia-noite enquanto os círculos de mármore me encaram feito olhos brancos e sem vida; o quinto foi recentemente riscado. Faltam dois.

As batidas ritmadas de Dravik anunciam sua aproximação antes que ele tenha chance de tocar na porta. Não tenho mais forças para ficar com raiva.

— Entre.

O príncipe abre a porta com a bengala.

— Você quer mesmo continuar falando com Velrayd?

Meu coração dá um pulo. Empurro-o para baixo.

— Tenho alguma escolha?

O luar simulado pesa frio sobre nós. A voz do príncipe enfraquece:

— Sua segurança é tudo que me importa, porque minha segurança era tudo que eu queria que importasse para o meu pai. Eu queria que ele se importasse mais... com a minha vida. Ele não se importou. E, de algum modo estranho, tenho tentado compensar isso com você.

Meus olhos não deixam a sombra de Dravik no chão. É sempre a esperança que me mata — não as intrigas, nem os atentados contra a

minha vida, nem a dor. *A esperança.* Esperança de que eu poderia ser filha dele de verdade. Esperança de viver o bastante para aprender a amá-lo como se fosse meu pai.

— Você vai parar de ler meu vis — digo.

— Certamente.

— E vai desbloqueá-lo.

— Receio que isso não seja possível. Comunicações privadas são um sério risco, você entende. — Abro a boca, e ele me interrompe: — Comunicações públicas são outra história. Sir Rax comparecerá à festa de aniversário da minha irmã, e você também. No meu lugar.

— *Irmã* — repito.

A sombra de Dravik não tem rosto, mas posso ouvir seu sorriso.

— Sim. Minha meia-irmã, Leyda Esther de Ressimus, princesa herdeira da Nova-Corte e sua próxima oponente.



O quinto círculo é meu primo.

Era.

A mensagem de Dravik chega quando estou me arrumando para a festa de aniversário. Meus dedos congelam nos botões de prata do vestido. O brilho do vis é só um pouquinho mais azul que a saia que Dravik insistiu para eu usar.

“*Para dançar*”, disse ele, com um sorriso. “*Leyda ama dançar.*”

Olivere Solunde-Hauteclare era meu primo de segundo grau por casamento. Era dois anos mais velho que eu — acabara de fazer vinte e dois. Era um garoto, na verdade, mas tinha idade suficiente para saber o que era certo, e certamente para saber que era errado se encontrar com a Mão da Aranha em nome do meu pai e entregar o dinheiro do contrato a eles. De acordo com a mensagem de Dravik, Olivere era especialista em navegar pelas tavernas da Ala Baixa, e mais proeminentemente pelas que também funcionavam como bordéis — aquele tipo com meninas que mal tinham começado a sangrar.

Cerro os dentes. Os registros das mensagens brilham. Meus olhos percorrem as palavras de papai.

FARRIS: *Odeio pedir isso a você, Olivere... nem queria envolvê-lo em tal assunto. Mas você é o único em quem posso confiar. Os outros não estão tão familiarizados com o território quanto você.*

OLIVERE: *Deixe disso, tio. Você sabe que estou com você... faço qualquer coisa para o cara que me ensinou tudo.*

Minhas mãos trêmulas espalham óleo capilar nas mechas pretas para mantê-las no lugar. Refinadas.

OLIVERE: *São só duas mulheres, certo? Mãe e filha? Será bem rápido. Posso ficar por perto e confirmar, se quiser.*

FARRIS: *Não, obrigado. A entrega da remuneração é tudo que preciso de você.*

Nós éramos presas. Menos que isso. Pelo menos as presas são comidas antes de serem descartadas.

A Princesa Herdeira Leyda Esther de Ressiminus está fazendo treze anos.

Isso é evidenciado pelas treze estátuas de gelo em formato de cisne no gramado em frente ao seu palácio. Seu *próprio* palácio. Separado do palácio real, seu complexo de mármore rosa é cercado por tulipas, calêndulas e um gazebo de madeira vermelha coberto de glicínias cor-de-rosa, parecendo inúmeras cachoeiras bordadas em pétalas. É um paraíso feito para uma garota, para uma menininha, para alguém que tem tudo.

cada folha do gramado foi cultivada com cadáveres.

Não desvio um passo do caminho de cascalho. À minha volta, sapatos nobres e privilegiados esmagam folhas verdejantes com alegre descaso, aos gritinhos de “*rápido*” e “*você precisa ver, está magnífico*”. Luna trota aos meus pés, rosnando baixinho para tudo e todos, embora o laço azul amarrado no seu pescoço negue qualquer ferocidade imposta.

— Economize sua energia — alerta. — A noite está apenas começando.

As portas do palácio da princesa sopram uma névoa gélida em correntes levíssimas e contínuas. É a mesma névoa baixa encontrada na Ala Baixa durante a Folia de Inverno — névoa que mata qualquer

jardim criado para combater a fome, congela bebês no berço e resulta em pneumonia e pessoas dormindo nas ruas, fazendo o branco dos seus olhos brilhar com o gelo.

O ar quando entro no palácio da princesa é chocantemente gelado, mas meu sangue queima mais quente que nunca.

O interior está repleto de cilindros lisos de gelo, como nas cavernas da Terra antiga — projetando-se opacos no exterior, mas cortados em placas rígidas para mostrar a iluminação translúcida em brancos e azuis e rosas fantasmagóricos. É uma caixa de brinquedos, e escolheram as dificuldades da Folia de Inverno para brincar de faz de conta. Para se divertir. Para *celebrar*.

Sigo o caminho de gelo principal. Ele termina em uma porta flanqueada por estalagmites congeladas e holovelas azul-gelo — o cavernoso salão de baile além ecoa cada bandolim e harpa sintética. Abaixo dos orgulhosos estandartes lavanda com cisnes bordados, os nobres dançam em peles e sedas, com seus pares rígidos feito animais em um ritual de acasalamento. O chão do salão de baile é de mármore branco e dourado em um padrão de tabuleiro de xadrez, e faço uma pausa na soleira da porta. O arauto sorri para mim com um sino de vidro de prontidão na mão.

— Como devo anunciar a senhorita, madame?

— Você não vai me anunciar.

— Madame, eu... preciso. — Fica implícito: ele *precisa*, ou os nobres o descartarão.

— Synali von Hauteclare — digo finalmente. — Da Casa Lithroi.

O desconforto dele se derrete quando ele toca o sino. O som não faz o júbilo parar, mas o desacelera. Os nobres reunidos nos cantos do salão de baile fazem uma pausa no instante em que o arauto grita:

— *Synali von Hauteclare, da Casa Lithroi!*

Uma centena de halos de luz negra em uma centena de testas brilham azuis na minha direção. *uma alcateia*. Os olhos de safira de Luna encaram todos, sem piscar, sem piedade.

O peão avança para uma casa dourada.

59. Hiems

hiems ~mis, f.

1. inverno



É tudo um pouco excessivo, na humilde opinião de Mirelle.

Talvez seja a pouca idade da princesa, mas uma festa tão extravagante não combinaria com Mirelle — ela preferiria muito mais fazer uma pequena reunião com bebidas e uma lareira crepitante com amigos... isso se ela tivesse amigos. Ela sacode o cabelo e aperta a estola de pele no pescoço como se fosse a juba de um leão, uma leoa sem uma alcateia.

Seus saltos fazem barulho enquanto ela explora os corredores invernais da mansão da princesa. Em busca do quê, ela não tem certeza. Um rosto familiar? Alguém que converse com ela em vez de se curvar e seguir seu caminho? Rax pararia, ela sabe — Mirelle é sua noiva, ele tem que fazer isso, mas ela não consegue encontrá-lo.

Três garotas se aproximam pelo outro lado do corredor, coradas do vinho e das risadinhas ferozes, mas silenciam diante do olhar de Mirelle e inclinam a cabeça gentilmente. As risadinhas tumultuosas ecoam novamente só depois de passarem por ela. Mirelle bufa — ela não sabe por que está vagando dessa forma. Tem uma vaga ideia de se perder só para que alguém venha e a encontre, então seus sapatos a levam mais para dentro, seguindo um rio de cristal que corre no sentido contrário e contornando blocos suaves de gelo pastel até encontrar uma dezena de

portas — uma delas está entreaberta. A luz de holovela que transborda da sala é quente, mas as vozes não.

— ... von Axton fracassou em matar a garota.

— A prestativa mão que você contratou também não está chegando a lugar nenhum.

— Então o que você sugere que eu faça? Estamos ficando sem opções.

— E estamos ficando sem *membros da família*, Grigor. Cinco funerais em três meses, isso é uma loucura.

Os cílios de Mirelle tremulam. A voz é inconfundível — Grigor Ashadi-

-Hauteclare, seu pai. A voz do tio Seren é tão clara quanto a outra.

— Se... — O pai baixa o tom até se tornar quase um sussurro. — Se o duque tivesse acabado com seu brinquedinho e seu filhote de maneira adequada, não estaríamos passando por isso.

— Está dizendo que é nossa culpa, então? — retruca o tio Seren. — Que merecemos esses assassinatos deliberados por tentarmos nos livrar de um erro?

— Ela é um erro talentoso na arena. A garota tem a Casa Lithroi ao seu lado, e você sabe o que isso significa. Bellesera sabia melhor que ninguém, mas ignorou isso, confiando que a arena remediaria o problema, e aqui estamos nós.

— Mas é só uma questão de tempo, não é? Até que a bastarda encontre a sua filha no campo.

— Seren...

— Não é difícil remover os protocolos limitadores de letalidade de um corcel — interrompe o tio Seren. — Não é tão difícil quanto o CCC nos faz acreditar. Seriam necessárias algumas dezenas de subornos, mas temos mais que o suficiente agora, com o dote dos Velrayd. Fazemos com que modifiquem o Míssil Fantasma antes da justa, e o problema da bastarda está resolvido.

Os pelos na nuca de Mirelle se arrepiam. A mera ideia a deixa enojada — querem *trapacear na arena*. Os protocolos limitadores de letalidade são necessários: eles absorvem o acúmulo gerado entre os fluidos nervosos dos dois corcéis durante o impacto; se o protocolo de um corcel for desabilitado, o outro acaba inundado com todo o acúmulo.

Duas rodadas de impacto sem o protocolo são suficientes para induzir a sobrecarga até mesmo no ginete mais experiente e intocado. O pai vai recusar a ideia ferozmente, pois é um truque dissimulado. Afinal, era ele que lia para ela as histórias dos cavaleiros. Ele a inspirou a lutar de maneira limpa e justa e reluzente, para que ninguém pudesse duvidar dela...

— É uma estratégia viável, mas não vou permitir que as mãos da minha filha sejam manchadas de sangue.

O cérebro dela se esvazia. O gelo dá às palavras dele uma clareza rígida — não há acusações nem repulsa, apenas concordância.

— Seria um acidente, Grigor. Mesmo para a sua filha.

Diga não. *Diga não, diga não, diga não, diga não...*

O chão range sob seu salto. O som de passos traz consigo o medo. Seus próprios passos recuam pelos túneis até que ela possa ouvir a festa de novo — harpas sintéticas e o furor rápido da dança — e uma mão quente de repente segura seu ombro.

— Aí está você. — O pai sorri para ela. — Está ofegante, já teve a sua cota de danças?

Ela não consegue ver nada em seus olhos castanhos — nenhuma malícia, nenhuma desonra. Não há nada além do seu pai. Será que ele sempre foi tão bom em esconder coisas? Ela consegue sorrir de volta.

— De fato. Estava procurando Rax.

— Rá! Já era hora de alguém lembrá-lo como é sortudo por ter você.

Ele ri, emitindo o barítono da infância dela. Ele é o próprio cheiro da sua infância — giz e alecrim e o suave aroma mineral de roupa passada ao lhe dar um beijo leve na testa, bem no centro do halo. Ela sorri até o rosto começar a doer, até reunir coragem suficiente para esticar a mão e apertar os dedos dele. Não quer que seja verdade... mas ela *ouviu*.

— Você está suando, querida — observa ele.

— É esse gelo todo.

— É claro. Que escolha estranha, deve ter custado um belo crédito. — Ele aperta ainda mais a capa de pele ao redor do pescoço dela. — Vá. Divirta-se. Vou dizer à sua mãe que você vai chegar tarde.

O rosto dela está congelado e ela se vira de maneira rígida. Seus passos estão lentos, diferentes. Só para garantir.

Eles vão matar a assassina.

E vão me usar para isso.

Se o pai concordar com o plano do tio Seren para modificar o corcel de Mirelle, então lhe restarão apenas duas opções: vencer Synali na primeira rodada ou deixá-la morrer.

Mirelle é uma ginete. Uma *cavaleira*. Ela vai derrotar Synali von Hauteclare, mas não usará nenhum truque: será feito com lanças e manobras e habilidade. Não se deixará ser corrompida. A assassina não a arrastará pela lama do desespero e da desonra, como fez com seu pai.

Então ela os vê na pista do salão de dança.

Em meio a uma multidão de rodopios treinados, há um par notavelmente ineficiente, interrompendo a dança a cada poucos passos. Uma figura alta com cabelos platinados sorri, e a garota em seus braços cora — uma garota com olhos de gelo.

Uma garota que não é Mirelle.

60. Nescio

nesciō ~īre ~īuī ou ~īī ~ītum, *tr. (intr.)*

1. não saber, ignorar



Nenhuma parte de mim cabe aqui.

Cada um desses nobres se encaixa perfeitamente em um espaço — um contorno que só eles podem ver. Alguém vestido de rosa me olha por cima do ombro, direta e brevemente; há pessoas demais na multidão para reconhecer quem é — Casa Michel, talvez. Luna rosna, mostrando os dentes perolados.

— Não — sussurro. — É isso que eles querem.

Encontro um lugar para me apoiar na parede e me recuperar, acariciando Luna até acalmá-lo. Duas mulheres se sentam em um sofá próximo, com animais estripados inteiros em volta do pescoço, dando risadinhas.

— Sir Rax? Nunca na vida pensei que ele ficaria noivo! Ele parecia tão decidido a cumprir o papel de... bem, *playboy*, com todas aquelas coristas e *ginetes*.

— Ah, eles são todos assim no começo. Mas em algum momento a pessoa tem que crescer e assumir suas responsabilidades para com sua Casa.

Risadas flutuam entre mangas bufantes.

— Verdade.

Eu me endireito. Um cisne de gelo zomba de mim com o meu próprio reflexo — distorcido e gelado — e o ritmo da música de repente desacelera até virar um rastejar sedutor pelas paredes de gelo. A pista de dança esvazia, os nobres vagam entre si para encontrar novos pares em uma confusão de pele, perfume e sorrisos agradáveis demais.

Uma voz reverbera do nada, escura e forte feito café.

— Pode me conceder esta dança?

Meu estômago se revira. Alguém vestido todo de vermelho desliza do meu lado esquerdo. Mesmo agora, mesmo depois de tudo, ainda é difícil olhar para ele. Pensei que ele estava bravo comigo. Meu olhar permanece fixo à frente.

— Não.

— Você *sabe* dançar?

De repente, meu vestido parece desabotoado demais, e fecho alguns botões com cuidado.

— Eu sei montar. Isso é tudo que importa.

Mesmo sem olhar para ele, o sorriso torto de Rax é óbvio.

— Acredite ou não, Hauteclare, há mais na vida que apenas montar.

Engulo o instinto de beijá-lo de novo, de sentir aquele calor no meu corpo mais uma vez antes do fim. Fico encarando o cisne de gelo, mas ele se recusa a entender o significado do meu silêncio.

— É só uma dança, e é o *tableau-diablé*, a mais fácil para a dama. Tudo o que precisa fazer é se agarrar em mim, e eu faço o trabalho pesado.

Fico totalmente ereta.

— Eu não me *agarro* em ninguém.

— Só quando quer segredos de montaria.

Um sorriso malicioso se espalha nos seus lábios, e os meus se retorcem de modo bizarro.

— Esta é a primeira vez que faço você sorrir. — Ele ri.

— E espero que seja a última — eu o corto.

— Ah, uau, que cachorro fofo! — Rax se ajoelha e oferece a mão para Luna; o cachorro fareja seus dedos com cautela. Ele ri e levanta os olhos para mim. — Você sabe, dizem que o bicho fica parecido com o dono.

O ritmo das batidas da música é errático demais, mas então percebo que ele está vindo do meu próprio peito. *Ridículo*. A pista de dança se enche devagar, a música ganhando volume enquanto meu murmúrio vai perdendo:

— Queria que você desistisse de mim.

— Ah, eu vou desistir... assim que a enfrentar. Mas, até lá, vou egoistamente dar o meu melhor para manter você por perto.

— Você não pode manter ninguém por perto. Você está noivo.

— Sinto muito por ter explodido com você no vis — diz ele, ou não me ouvindo ou me ignorando. — Mas fico contente que minha carta tenha sido entregue. No segundo em que vi você na arena, soube que a leu: pelo posicionamento cuidadoso, pela manobra de Halcyon-Briggs logo de cara.

Faço uma careta para o chão.

— Eu não estava pronta o suficiente.

Rax abana as mãos com luvas vermelhas.

— Helmann é um gênio, do tipo que se daria bem na Guerra. Não tinha como você saber de qual lado ele viria.

— Eu o derrotei — falo sem presunção, apenas constatando um fato. Apenas dando um aviso: *derrotei o gênio helmann, e vou derrotar você também*.

Os olhos de Rax se demoram no meu perfil por um longo segundo, e então:

— Derrotou mesmo. Depois de uma cacetada de infartos da minha parte.

É minha vez de ignorar as palavras dele.

— Você estava certo: defensivamente, ele era perfeito. Tive que criar minhas próprias brechas.

Seu sorriso brincalhão tenta penetrar a cortina de teimosia dos meus cabelos.

— Então você admite? Que ajudei você?

Assinto. Ele ri enquanto se endireita, então me oferece a mão.

— Minha ajuda vale uma dança?

Deslizo a mão trêmula na dele.

— Isso é inútil.

Seus dedos se fecham gentilmente ao redor dos meus.

— Mas não faz com que seja menos divertido.

É alarmante como dançar parece com estar na sela. É a mesma sensação de não estar sozinha, de se mover como um só, com o corpo pressionado no de outra pessoa, tentando tocar tudo e nada dela ao mesmo tempo. É diferente da nossa altercação no vestiário. Estou hiperconsciente dos meus próprios músculos sob as roupas, dos músculos dele, dos lugares onde ele está quente e eu estou quente e dos lugares onde essas temperaturas se unem com doçura.

— Aqui. — Rax abre os braços. — Chegue mais perto. Assim é mais fácil.

Tropeço para a frente e corto freneticamente a sua risada.

— *Cale a boca.*

A mão dele se move até a minha lombar, e combato cada ímpeto de me aconchegar nele. Preparo-me com calma. Quando ele se move, eu me movo — como o raio e o trovão que se segue. Não, isso é mais rápido, muito mais rápido, como óleo e chamas subindo juntos, visivelmente conectados pela reação que um provoca no outro. Os nobres rodopiando ao nosso redor poderiam muito bem ser estrelas, de tão distantes. Por um segundo, não importa onde estou. Sinto o cheiro de pele e tecido quente e algo separado — um cheiro que senti antes no vestiário —, mais perto, mais forte, ele, puxando-me inexoravelmente para a curva do seu pescoço.

todos nós, monstros.

Pescoços podem estar cobertos de sangue — expostos, cortados. Mas esta é a primeira vez na vida que penso que também podem ser lindos.

A música sobe e desce sem parar. A dança inteira é um único impacto, calor e catalisador e percepção, e nós dois estamos no centro de novo. Nossos movimentos assim, juntos, fazem com que eu sinta... Não sei se ele também sente. Ele deve sentir — está em *todo lugar*. Ergo os olhos. Seus olhos de madeira vermelha já estão nos meus, ele está sorrindo como um tolo — é leve e fácil, sem nenhum peso por trás, mas esta não é uma situação alegre. Este não é um sentimento alegre. É um abismo, e só eu estou ciente do perigo.

Isso é muito mais que apenas desejo; é querer. É querer meses com

ele, *anos*, para descobrir seus sorrisos e suas manias e o que o faz rir e o que o faz gozar e o que o faz feliz e...

A música diminui até sumir. Eu me afasto enquanto o calor ressonante escapa pelo espaço entre nós dois. Minha boca está seca feito osso. *não entre em pânico. ande.*

— E-ei! Espere!

Pego a água de uma jarra na mesa de bebidas e a viro. O líquido congelante perfura minha garganta e me lembra — linda ou não, uma garganta cortada não pode beber. Mamãe se foi, e eu permaneço aqui. Querendo ou não, vou morrer. Tenho que morrer. O combustível do fogo é a esperança, e eu não posso ter nenhuma.

Não há lugar neste mundo para mim depois que a Casa Hauteclare for destruída; não com Rax, nem com Dravik, nem com ninguém. Fui longe demais. Tenho cicatrizes demais. Escuridão demais.

— Ei, você está bem? — Rax assoma ao meu lado. — Se não estiver se sentindo bem, podemos...

— Você merece um agradecimento — começo, devagar. — Pela carta sobre Helmann. Mas esta é a última vez que quero vê-lo.

Eu me viro. Luna trota atrás de mim. Rax é mais rápido, mais alto, e está na minha frente em um piscar de olhos.

— Ei, ei, ei... fiz alguma coisa errada?

Mamãe se agarrou à esperança até o fim. Papai a descartou como um brinquedo, no final. Não vou cometer o mesmo erro que ela. Nunca vou ser o brinquedo de ninguém — não importa o quanto seja tentador. Nunca mais vou permitir que ninguém me dê esperança e depois a tire de mim.

Sou uma ginete, e tudo o que resta é o impacto.

— A próxima vez que nos encontrarmos, Rax Istra-Velrayd, será na sua derrota e na minha vitória.

61. Omnino

omnīnō, adv.

1. em todas as coisas; absolutamente



Volto aos túneis de gelo e sigo o ar mais quente que consigo achar até uma varanda. A água goteja enquanto a fantasia de gelo encontra a realidade. O céu transparente da Estação permite que cada poça de gelo derretido capture a luz das estrelas em pontos de diamante — a Ala Baixa e a Ala Média são uma vaga memória esfumada abaixo. No corrimão de mármore está um menino familiar em uma cadeira aérea, com uma menina familiar ao seu lado. Seus reflexos nas imensas piscinas de água são perfeitamente invertidos.

Uma gota cai lá de cima, ondulando o mundo espelhado. O menino se vira e sorri.

— Ah, Synali, você parece nos encontrar muito facilmente. Ou somos nós que encontramos você?

O sorriso dele é simples e cristalino. Ele tem o halo deles, mas não é um deles. Isso eu sei. Isso é *tudo* que sei sobre ele. A Princesa Herdeira Leyda Esther de Ressimus está ao seu lado. O halo dela é de um azul vivo, os olhos verdes são idênticos aos dele, seu cabelo é cobre e fogo. Ela usa um vestido prateado com asas de cisne — *de verdade* — fixadas nas costas. Algo morreu por ela.

— Synali! Uau, você veio... e com um cachorrinho tão doce! Pensei que veria você muito mais tarde, mas isso também é ótimo! Venha, junte-se a nós! A vista está muito linda esta noite.

Minhas botas se movimentam em um tipo diferente de tabuleiro de xadrez, e a água espirra a cada passo. Escolho ficar entre os dois. Luna se acomoda aos meus pés, mas fixa os olhos no garoto, abanando o rabo dourado furiosamente contra o mármore. *Clank clank clank*. Ninguém diz nada por um longo tempo.

— Peço desculpas às duas — diz o menino de repente. — Mas sinto que estou atrapalhando.

A princesa faz um movimento exagerado.

— Ahh, não está! Prometo!

A cadeira aérea sibila enquanto ele se vira para ela.

— Nem tudo pode esperar até o torneio. Você deve falar com ela aqui, agora.

— Mas aqui está *entediante*!

Essa elaborada fantasia de gelo feita especialmente para ela é *entediante*? Começo a me mexer, mas a voz do menino é severa pela primeira vez:

— Leyda.

— *Está beeeeeem*. — A princesa dá uma bufada. — Tchau, acho.

O menino se vira para mim, repousando o olhar em Luna por um instante.

— Boa noite, Synali, e boa sorte amanhã.

A cadeira aérea passa sibilando, o calor expelido por baixo dela evapora uma poça, e alguma coisa irracional em mim implora para tocar a mão do garoto. Assim como o A3 e o A4 segurando a mão um do outro.

A cadeira aérea para, e ele fala:

— É forte, não é? O desejo de dar as mãos.

Meu estômago despenca.

— Como você...

— Posso ver agora por que eles gostam de você. Você é como eles. Como eu. Como *nós*.

Estudo o rosto dele em um frenesi — o que ele quer dizer? Então

noto os pixels nos seus olhos verdes — lentes de contato coloridas feitas para se parecerem com o tom do rei, o tom de Leyda. Ele adotou os olhos deles. Os jatos da cadeira aérea são acionados de novo e ele vai embora. Aquela coisa irracional em mim está terrivelmente triste por vê-lo partir, e eu mudo de estratégia.

— Como você se chama?

Ele inclina a cabeça por sobre o ombro.

— Shhh, coração. Ainda não.

Coração — o apelido de mamãe para mim. Como ele sabe disso? Ele viu a lembrança do A3 e do A4. *ele também vê lembranças na sela*. Viu as minhas memórias. Foi ele. Foi ele que mandou as margaridas e os jacintos azuis — é ele que envia as flores, sempre.

Ele deixa um silêncio para trás. Sei o que quero dizer para a princesa, mas não sei como. *“Seu pai matou tantas pessoas.” “Seu pai continua matando tantas pessoas.” “Seu pai é o motivo pelo qual minha mãe morreu e o motivo pelo qual meu pai morreu.”*

A princesa também não parece saber o que dizer — está sofrendo demais pela ausência do garoto para me considerar digna de uma conversa —, mas em algum momento depois das bufadas e dos suspiros vem uma alegre recuperação.

— Seu vestido é tão lindo. Quem o fez, Der Viskamp? Não, espere, deixe eu adivinhar... Felmorrat! Esse trabalho de alfaiataria é definitivamente de Felmorrat.

— Não sei — admito. — Nem me importo.

— Bem, deveria se importar! Meu irmão teve muito trabalho para consegui-lo para você, provavelmente. Ele deixou um presente para mim com você? — Suas mãozinhas de repente pulam nos meus bolsos; Luna late e eu cambaleio para trás, mas em um segundo ela as tira para fora, agarrando um doce embrulhado em papel. — Ahá! Viu? Sabia! São os mesmos que ele costumava me dar quando eu era bebê. — Ela o enfia na boca, a bochecha cheia distorcendo suas palavras. — O meu favorito é de morango.

Fico em silêncio. Ela se vira para o corrimão com um suspiro.

— Papai diz que é ruim meu irmão ter voltado. Mas não quero que isso seja verdade.

Uma barça da igreja passa flutuando. Uma neblina de incenso a segue enquanto os padres circulam no deque, entoando preces para os pobres e os desafortunados sofrendo quilômetros de distância abaixo deles com a poluição. A Princesa Leyda esfrega distraidamente a mão na bochecha vazia.

— Papai diz que nas outras seis estações, as pessoas veneram cem deuses, ou dez, e algumas não veneram nenhum, e algumas veneram os ancestrais. — Ela fica pensando por um momento, então olha para mim. — Mas os padres dizem que só existe um Deus. Então... como isso pode estar certo?

Assistimos à cruz de LED na barça sumindo no horizonte.

— Não acho que seja tão simples — digo finalmente.

— Humm. — A princesa faz um barulho de concordância e então um *crunch* quando engole o doce. — Provavelmente nada é tão simples.

A piscina rasa tremula sob nossos pés com estrelas e gelo derretido.

— Gostaria que você pudesse conhecer mamãe — diz a princesa, referindo-se não a Astrix, mas à mãe *dela*, a rainha enclausurada por conta da saúde frágil.

— Ela está doente?

— É. Eu não podia vê-la com frequência. — Ela franze a testa. — É por isso que J fez ela para mim.

Pisco. J — esse é o nome do menino?

— “Fez ela”? O que você quer dizer com “fez ela”?

— Ele fez ela sobrecarregar no Mensageiro do Inferno, e agora posso vê-la o tempo todo! Muito mais que quando ela estava doente. Mas tive que me sentar na sela estranha dele por um tempinho. — Eu a encaro com descrença. Enfim, ela dá uma risadinha. — Ah, minha nossa. Uau. Você não sabe, né? Pensei que meu irmão já tinha contado.

— Contado o quê?

— Eles não morrem. O inimigo. — Ela joga o cabelo e suspira quando olho para ela com uma expressão vazia. — Se os corpos deles se machucam, eles entram, tipo, em hibernação, virando fluido nervoso. Mas eles podem crescer de novo se conseguirem comida. E a comida deles são lembranças. Coisas do cérebro, coisas que damos para eles na sela. E crescer de novo cria, tipo, um monte de energia. É isso que é a

sela: nós os alimentando, eles tentando crescer e criando energia.

Paro de respirar. A princesa revira os olhos.

— Como você achou que os corcéis se mexiam? Com a boa e velha eletricidade? Isso nunca seria suficiente.

— O fluido nervoso está morto. — Repito vagamente o que Rax me disse no leito de Sevrith.

— É isso que os corceleiros dizem às pessoas para que elas não pirem. Eles ainda estão vivos, são aquelas cobrinhas. Se você sobrecarrega na sela, eles comem você inteira, e se lembram de você. Mantêm você lá. Eles não têm permissão para crescer de volta, obviamente, porque aí não ficariam criando energia. São como... bebês. — Ela dá uma risadinha. — Bebês-

-baterias que nunca podem crescer.

Da maneira como ela explica... não parece sério. Mas é específico demais para não ser. E de todas as pessoas na Estação que saberiam informações como esta... A mão da princesa repousa docemente na minha enquanto seus olhos se dirigem a um espaço vazio na varanda atrás.

— Estou ansiosa para amanhã! Vai ser divertido, certo, mamãe?

Luna abana o rabo para a varanda, onde não há ninguém.



62. Fortitudo

fortitūdō ~inis, f.

1. força

2. fortitude, coragem

Na manhã seguinte, Rax Istra-Velrayd olha para seu elmo carmesim com uma leve ressaca e a voz de uma garota ressoando na sua cabeça.

“Quando você apaga na sela, você vê coisas? As memórias de outra pessoa.”

Rax sabe bem. Ele tem feito um bom trabalho escondendo isso com sua beleza, sua aparência fútil e sua obsessão em trepar por aí, mas conhece as pessoas. Não é bom em balancear os livros-caixa, organizar as remessas, realizar as tarefas — qualquer porra que seus pais fazem como nobres —, mas é bom em montaria. Ele *conhece a montaria*. É a maneira como ela se move: jogando o Algoz do Paraíso de um lado para o outro como se fosse seu fim, como se estivesse coberta de farpas e sendo forçada a se mover através delas. Ele sabe que o Lithroi não a está ajudando — só a está empurrando para dentro da cabine de novo e de novo. Mirelle acha que é loucura. Helmann achou lindo. Mas Rax sabe bem: é *dor*. Ele não pode deixar que termine assim. Não havia ninguém ao seu lado quando acontecia com ele, e ele se recusa a deixar que aconteça com outra pessoa.

“Quando você apaga na sela, você vê coisas?”

Parecia sem sentido dois meses antes, mas é tudo que ele tem agora. Ele vê as memórias das pessoas no sonho e somente ali. A sela é para montar, não para ver. Ele sabe o que acontece com quem sobrecarrega — coma eterno, como Sev, sendo usado como fábrica de bebê sem vida para sempre. Ele sabe que seus pais não hesitarão em usá-lo dessa maneira, e sabe que está perto da sobrecarga depois de todos esses anos, mas vai se aproximar dela com a única coisa na qual ele é bom, a única coisa com a qual ela parece se importar — a montaria.

Ele enfia a mão no traje de ginete e o material justo flexiona com seus tendões. O peito liso está sem lenço pela primeira vez em uma década. Ele precisa se perder no fluido nervoso, aproximar-se do corcel — ver as memórias assim como ela vê. Precisa se esquecer de si mesmo.

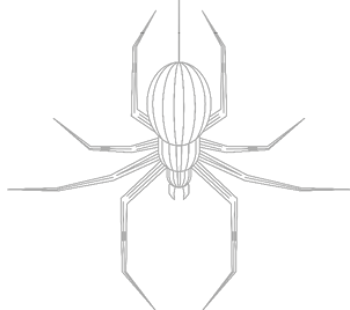
O Berrador Solar espera do lado de fora na arena de treinamento, com o elmo bicudo apontando para as estrelas como uma ave de rapina carmesim.

Rax caminha sob a cruz de madeira branca acima da porta do hangar, rezando.

–2. Invenio

inveniō ~enīre ~ēnī ~entum, *tr.*

1. deparar, encontrar



○ oceano no fundo do pináculo nobre é mesmo lindo.

De onde está, descarregando caixotes de peixes frescos, Rain observa as ondas artificiais levantarem e se curvarem sobre si mesmas; o horizonte é um borrão índigo simulado. Espuma branca borbulha na areia pálida do litoral e retorna ao mar em um circuito infinito. Levantar e cair, levantar e cair. Como respirar.

— Ei! — rosna seu chefe. — Não contratei você para ficar parado de boca aberta, bonitão! Leve os caixotes para a porta *agora*.

Rain mantém a cabeça baixa enquanto caminha até a porta lateral do pátio da mansão à beira-mar e depois volta. Há um prazer momentâneo no suor e no sol e no cheiro de sal do mar, e ele se deleita com os movimentos do trabalho honesto. Sem sangue nem tortura nem furtividade. A dor de cabeça que acompanha a abstinência de pó está rachando seu crânio em dois, mas, se ele olha para o oceano por tempo o bastante, pode ignorar a turbulência no estômago e o suor frio por todo o corpo. Seus braços enfraquecem abruptamente e ele derruba um caixote, e o chefe assume a responsabilidade de lhe dar uma bofetada, vociferando quanto aquilo custa. Os outros carregadores nem piscam, exceto um — um homem corpulento com mais pelos que pele.

— Pegue leve com ele, sr. Baker, o cara está carregando duas vezes mais que nós.

— Trabalhar rápido não adianta nada se tudo quebrar — retruca o chefe. — Fique de olho nele se quiser, Gern, mas o próximo vai sair do seu salário.

O homem chamado Gern oferece uma mão a Rain, que a aceita sem dizer nada. Os dois movimentam caixas em silêncio, e então:

— Pó, né?

Rain olha para Gern enquanto coloca o caixote na soleira da porta.

— Perdão?

— Pó — murmura Gern, enxugando o rosto com a túnica. — Meu irmão acabou de parar. É pesado. Mas você é mais forte que ele, não parece tão mal.

Rain não sabe bem o que dizer. Os reclusos enviados pela Teia para matá-lo estão sempre na sua cabeça, então ele costuma falar pouco. Gern preenche o silêncio oferecendo a ele um pequeno comprimido do bolso.

— Aqui, tome isso. Ajuda com a dor de cabeça. Tenho um monte sobrando.

O instinto incutido nele pela Teia é desconfiar, mas a influência de Verde-Um fala mais alto: um homem como este não tem motivos para drogá-lo. O comprimido desce com um sabor medicinal. Devagar, minuto a minuto e caixote a caixote, a dor de cabeça se dissipa. Finalmente o aerobarco está vazio, e o chefe e os outros vão almoçar enquanto ele e Gern se oferecem para fazer o inventário uma última vez.

— Tudo certo. — Gern se levanta. — Não devemos ter problemas. Tranque e vamos embora.

Rain não se mexe. A cabeça dele está melhor, mas o coração está pior. Um ato aleatório de bondade não deveria significar nada — nunca significou nada, vindo de uma presa. Mas Gern não é uma presa. *Deveria* ser, mas o cérebro faminto por pó de Rain recusa essa ideia como nunca antes — este homem não é uma presa porque Rain não é mais uma Aranha. Ele traiu sua Teia ao deixar que Synali vivesse. Traiu Verde-Um ao deixar que Yavn escapasse. E está traindo todos eles agora

ao dar um mata-leão em Gern em vez de matá-lo.

Quando Rain sussurra “Sinto muito” no ouvido do homem, não é só para ele.

O módulo de Verde-Um para os sistemas da mansão é ativado apenas às 12h30, a porta para a cozinha dos fundos se abre suavemente e Rain desaparece lá dentro. Tudo está silencioso e calmo, apenas pátina e madeira e o oceano tranquilo através de cada janela. As portas estão destrancadas, exceto duas — do porão e da suíte principal. As palavras de Verde-Um ecoam: “*O que parece ser nem sempre é*”. O líder do Polaris é um mestre da dissimulação, escondendo-se dos escrivães, dos guardas do rei e de todas as guildas de assassinos da Estação há mais de uma década. O porão seria um lugar lógico para ocultar provas, mas o líder não segue estritamente a lógica: a loucura é muito mais imprevisível.

Rain segue pelos corredores com um sentimento inquieto no estômago. Se Verde-Um sabia sobre Yavn quando lhe deu o módulo, há grandes chances de que ele tenha desabilitado os sistemas de segurança da mansão apenas parcialmente, fazendo de Rain um alvo fácil para qualquer autoridade que possa estar a caminho neste momento. O trabalho deve ser rápido. Mas *onde*? A mansão inteira poderia ser um esconderijo.

Olhos, ouvidos, nariz aguçados — seus sentidos se concentram nos rangidos e nos gemidos da madeira. Então ele nota. Todos os cômodos da mansão têm algum tipo de espelho decorativo — exceto a sala de estar. É o cômodo mais óbvio, mas Rain sabe que o mais óbvio também é o menos óbvio. Ele não é inteligente, não como Verde-Um ou o líder do Polaris. Mas sabe — dos anos fazendo a manutenção de seu punhal, dos anos usando-o nas presas em poças ou contra portas de aço inox — que, em reflexos e bem de perto, a luz sólida sempre tem um tom fraco de arco-íris ao redor, como a distorção de uma onda de calor.

Ele arranca um espelho da parede do banheiro e esquadrinha a sala de estar. Nada. Todas as paredes são de verdade. Não está nas paredes, então. Ele mira para baixo, um passo lento por vez, e seu peito infla quando ele vê a névoa ao redor de uma seção quadrada embaixo de um tapete — do tamanho exato para permitir que uma pessoa se esprema

por ela. Não é luz sólida ativa — não há calor nem plasma —, então pode ser facilmente rompida com uma tigela de água. O plano desaparece para revelar uma escada que conduz a uma escuridão com um fraco brilho azul.

Entrar na sala não é difícil — o difícil é entender o que há ali.

Seus olhos examinam o cubículo, as paredes repletas de diagramas com papel de verdade. Do que tratam, ele não sabe dizer, mas tira fotos com o vis mesmo assim, fotos automaticamente enviadas para Verde-Um. A mesma imagem se repete: um círculo com outros círculos dentro, como um alvo. No círculo mais central, o líder escreveu uma palavra — *MÃE*. Não só em um diagrama — bem no centro de todos os diagramas, a palavra *MÃE* retumba para Rain.

Um acrônimo, talvez? Ou seria a coisa de verdade? Se a mãe do líder estiver sendo mantida em algum lugar contra sua vontade, isso explicaria seus motivos. Nobres fazem coisas estranhas uns com os outros o tempo todo, e começar uma rebelião por vingança não está fora de questão, mas a injustiça precisaria ter sido cometida havia pelo menos dez anos, quando o líder apareceu. Um nome flutua até sua mente: Draviticus — o príncipe herdeiro. Esta mansão pertence à Casa Lithroi, e ele é o único que sobrou. O que significa que o ginete sobrecarregado que Verde-Um localizou no hospital devia ser...

Rain enrijece. Há uma holotela na parede, brilhando azul e zumbindo, e ele lê: FRAGATA CLASSE A3 ALGOZ DO PARAÍSO. Há um diagrama de um corcel familiar. CONTRATORPEDEIRO CLASSE A4 MENSAGEIRO DO INFERNO. Outro diagrama. Matemática rabiscada por toda parte. Ele levanta os olhos para os números, baixa-os para os papéis, e os ergue de novo para o holograma de dois corcéis enferrujados flutuando no espaço atrás da sombra de um asteroide logo além do perímetro da Estação. Os dois estão de mãos dadas e centenas de tentáculos dentados meio visíveis se contorcem para fora de suas cabines.

Ele não é Verde-Um, mas mesmo ele consegue entender.

Precisa avisar Synali. Impedi-la de continuar montando. Verde-Um, a missão deles, *ele precisa avisá-la*, e sua mente se esvazia completamente. Não há nenhuma chance de ela já saber — nenhuma chance de Draviticus lhe ter contado. Ela está tentando ganhar a Copa Supernova,

mas isso vai *matá-la*.

O plano do príncipe vai matar todos eles.

Ele nunca subiu uma escada tão rápido, os papéis caindo como cinzas no seu rastro, e um dos muitos que chega até o chão tem uma frase rabiscada em suas margens.

Sou Eu QUE LEVANTA OS MORTOS
E DÁ A ELES UMA NOVA VIDA

63. Perlustro

perlustrō ~āre ~āuī ~ātum, *tr.*

1. purificar



Hoje, há uma horda barulhenta de pessoas do lado de fora do meu camarim.

Elas se debatem, balançando os braços, gritando e estendendo livros de autógrafos, e o triplo de guardas faz a contenção. Meus passos são cuidadosos em direção a um Dravik sorridente.

— Leyda é uma ginete habilidosa — diz ele —, embora um pouquinho empolgada demais. Ela tende a favorecer o lado esquerdo, considerando que é canhota. Ainda não aprendeu a usar tão bem a outra mão.

— Montar é perigoso — argumento.

— De fato — concorda ele, o sorriso se mantendo.

— Por que o rei permite que ela monte?

— Acho que pelo mesmo motivo que me permitiu tantos anos atrás: por culpa.

Estudo o rosto dele.

— Por que você não me contou? Sobre o que o fluido nervoso é realmente?

Ele levanta uma sobrancelha.

— Perigoso, você quer dizer?

— *Vivo*.

O príncipe ri suavemente e repete:

— Há coisas neste universo que não morrem, Synali; elas só mudam de nome.



— Senhoras e senhores, uma manhã abençoada a todos vocês! É meu prazer dar-lhes as boas-vindas a mais um dia eletrizante na Vigésima Segunda Copa Supernova! Sou seu apresentador, Gress, e estou aqui com Bero. Estamos muito animados para trazer a vocês essa fase avançada de justas! Os combates desta semana determinarão as chaves das quartas de final, e mal podemos esperar para ver quem vai cair honrosamente, quem vai subir honrosamente e quem vai agarrar a honra pelo pescoço!

— Bem colocado, Gress, a animação no estádio é palpável! Estamos com lotação máxima, e quinze milhões de vocês estão assistindo pelo vis em toda a Estação! Recomendamos a todos que apertem os cintos e se preparem, porque abrimos hoje com uma justa muito especial. É isso mesmo, amigos, o sangue real de Sua Majestade entrará em campo!

— Que honra, Bero!

— De fato, Gress! Não vemos um ginete real chegar tão longe na Copa Supernova desde o Príncipe Pelmor, há quase cem anos!

Sou a primeira a entrar na arena.

A Algoz do Paraíso e eu pairamos, completamente imóveis. A cruz está pendurada acima de nós, derramando uma luz constante no vazio faminto do espaço.

Deus os perdoou. Eu não posso.

As estrelas não parecem diferentes hoje, a Estação cinza segue contra a lenta rotação verde de Esther. Tudo está igual, então por que a sela parece *diferente*? Por que o fluido nervoso pinica minha pele de modo suave e insistente — provocando uma dor por trás dos meus olhos, como

se eu estivesse esquecendo algo?

A Algoz do Paraíso paira, perguntando:

— *medo?*

não.

Ela considera minha resposta, então:

— *triste?*

Encaro o sol distante. Para que serve a tristeza? Que bem fará admiti-la?

— *triste?* — repete a Algoz do Paraíso, mais baixo desta vez.

As possibilidades rodopiaram na minha cabeça a noite toda — esta voz que estou ouvindo, este corcel que passou por tudo comigo até agora... Ou é uma IA verdadeira ou... A rede de luz sólida da arena se abre e se fecha, permitindo a entrada das trilhas de plasma lavanda da nossa oponente. Não preciso falar no corcel. Aqui, a Algoz do Paraíso me entende sem palavras. Não importa o que seja, ela me ajudou como ninguém neste mundo nunca fez.

Penso para *ativar* nossos jatos. Nosso plasma azul grita no preto do espaço, e minha resposta grita a verdade sem som: *sem você, sempre triste.*

— No lado azul, por favor, deem as boas-vindas à dama da coroa e do nosso coração, provável herdeira da Casa Ressimus e da corte do Novo-

-Rei, a Princesa Herdeira Leyda Esther de Ressimus, montando pela Casa Galbrinth o seu corcel Donzela Suplicante!

— A Casa Galbrinth é a da rainha enclausurada, não é?

— De fato, Bero. Que Sua Majestade encontre saúde na graça do Senhor. E que a filha dela caia em Suas graças no campo hoje!

O rugido da multidão chega a um nível febril, e a princesa me encontra no centro com uma manobra enérgica. O Donzela Suplicante é muito mais bonito do que qualquer máquina tem o direito de ser, com seu torso ágil e longo e uma curva em S na espinha. Os braços são elegantemente inclinados, como se estivesse em oração. As mãos são pequenas, mas capazes, e duas faixas de metal plissado se arqueiam a partir dos cotovelos, imitando asas. A coisa inteira é pintada de um tom claro de lavanda com detalhes prateados, um cisne prateado estendido

ao longo da couraça, e o elmo lembra uma coroa de prata.

A holotela aparece, o halo de Leyda iluminando o sorriso por baixo do visor.

— Estou meio animada, Synali! Não tenho a chance de enfrentar pessoas como você com frequência.

— Pessoas como eu — repito.

Sua risada é um trinado.

— Ginetes que sabem da voz na sela! Geralmente a justa é só aquela coisa chata de lança, mas esta aqui pode acabar sendo divertida mesmo!

Ela não é Dravik, mas sua voz soa igual: perfeitamente educada, perfeitamente bondosa, mas ainda assim agourenta. Ela é tão *jovem. foi assim que se sentiu me enfrentando, sevrith?*

— Vou dar tudo de mim — falo.

— Eu também! — concorda ela, feliz.

— ... e no lado vermelho, temos uma verdadeira azarona que lutou com unhas e dentes pela sua posição! Com considerável coragem, foco feroz e uma tendência abrasadora ao caótico nas manobras, por favor, deem as boas-vindas a Synali von Hauteclare, montando pela Casa Lithroi o seu corcel Algoz do Paraíso!

O rugido da multidão ribomba, consumindo tudo.

— Ginetes, por favor, sigam para suas plataformas!

Meus jatos esfriam quando minhas costas se prendem ao hexágono sideral, e o gerador de gravidade entre nós ganha vida em um azul brilhante — vejo movimentos e cores, uma receita que já conheço bem. Não sou mais a garota que era quando entrei pela primeira vez na arena há cinco meses.

— Vamos começar a contagem regressiva para a primeira rodada, *em nome de Deus, do rei e da Estação!*

A multidão grita invisivelmente para seus mestres cruéis.

— Em nome de Deus, do rei e da Estação!

Uma lança prateada na minha mão. Uma lança prateada na mão dela. Ativo a comunicação.

— *Três!*

— Tudo que você disse sobre o fluido nervoso ontem à noite... sobre sua mãe... — Minha voz começa suave. — É verdade?

— *Dois!*

Sinto inveja por ela poder ver a mãe. E esperança de que eu possa ver a minha um dia.

— *Um!*

O sorriso da princesa é frágil.

— Venha ver por si mesma.

Zero.

64. Quia

quia, conj.

1. porque



○ Donzela Suplicante é um Cruzador classe A453-181 — o mesmo modelo novo do Profeta Imortal de Sevrith, só que de uma classe de peso diferente. Tem os mesmos jatos extras nos tornozelos, as mesmas saídas exaustoras no pescoço... mas não a mesma velocidade.

Alcanço o término primeiro.

Nós nos aproximamos do gerador de gravidade em uma explosão de azul. Ela segue uma trajetória ampla enquanto minha lança mira exatamente nela em uma manobra de Poisson. Não importa para qual lado ela se esquive, se continuar no ímpeto para a frente, eu a tenho na mira lateralmente em qualquer ângulo.

Impacto.

O gemido entre os corcéis é forte, e a breve faísca de luz brilha mais do que nunca. Minha lança atinge algo sólido, real, e então o atravessa. A Algoz do Paraíso se retira para a subida, e meus olhos incandescentes correm para o placar: *Vermelho, 1. Azul, 0.* Eu a acertei, mas o golpe foi muito mais alto e mais brilhante que o normal. Levanto e abaixo o queixo até que o fluido nas minhas orelhas volte a reconhecer as direções e meu estômago pare de se revirar, provocando náusea. Uma risada límpida vem da holotela da princesa.

— Não, sua boba, assim não. Tente de novo!

Ela está *dando risadinhas*, sendo que eu marquei um ponto — é tão confiante assim?

Nós fazemos a curva da subida, e vejo as mãos dela ainda frouxas ao redor da lança, despreparadas. Qualquer outro ginete estaria me analisando, posicionando-se e reposicionando-se de acordo enquanto subimos, mas ela não. Isto não é uma justa para ela, é algum tipo de jogo — tal irmão, tal irmã.

A Algoz do Paraíso extrai uma voz de xarope escuro da minha memória: “*ele não deixa brechas, então você precisa criar a sua*”. É irritante a precisão da voz, a fidelidade à vida real — a facilidade com que endireita meus pensamentos.

não ajudou.

— *ajudou* — argumenta a Algoz do Paraíso, com petulância. — *ele ajudou.*

Nós esprememos toda a vontade de ajudar para fora dele, e agora ele se foi para sempre. *foco*. Ela vem mais rápido desta vez; a manobra de Poisson não vai funcionar. Preciso de algo que contemple a vertical também — uma variedade. *Um espaço euclidiano*. Se eu conseguir chegar perto. Sou mais rápida, mas não posso apressá-la pelo circuito até saber o que vai fazer.

O puxão da descida começa. Minha pele é sugada do meu crânio, e a princesa de repente grita:

— Não, não, *não*! Eu falei, Synali! Essas coisas chatas não valem mais!

A comunicação é cortada. O gerador de gravidade nos aproxima como mariposas em uma fogueira, quente e rápido, saliva e ar são forçados pela minha garganta. A cor lavanda dela fica maior, mais perto, todos os seus jatos são ativados de uma vez e ardem brilhantes em plasma pastel, e *eu perdi a lança dela de vista*. Arrasto os olhos para cima, para baixo, ao redor... **ali**! Um borrão prateado flutua muito atrás dela. Ela a largou. Ela *largou* a arma — e então percebo: ela é a princesa, a Estação inteira é sua arma. Seu próprio sangue é sua arma.

O gemido atinge meus ouvidos, mas a luz não pisca ao redor da cabine: ela brilha. Como em câmera lenta, assisto à luz branca que vi tantas vezes no impacto se acumulando no elmo do Donzela Suplicante

bem onde a boca poderia estar, se condensando em uma única bola de luz tremeluzente.

E então ela explode.

Branco por toda parte. Não consigo ver nada e manobro a lança cegamente — algo como uma faca incandescente se arrasta pelo meu peito, deixando para trás fumaça e queimaduras. Pisco, pisco mais forte, e quando volto a enxergar vejo a parede da cabine à minha frente brilhando laranja-avermelhada. *Superaquecida*. A subida nos leva flutuando para longe uma da outra enquanto as vozes dos comentaristas se reconectam.

— ... parece que Sua Alteza está usando métodos não ortodoxos, Bero! Ela atingiu Synali com alguma coisa, mas não tenho certeza de que era sua lança!

— Bem, arranque minha pele e me chame de rato-toupeira-pelado, Gress! Nunca vi nada assim! Por acaso Sua Alteza direcionou de algum modo a luz de impacto para danificar o Algoz do Paraíso? Isso ao menos é *possível*? E mais importante: vale ponto ou não?

A holotela de Leyda aparece. Seu elmo lavanda brilha enquanto ela dá risadinhas.

— Isso não foi legal, Synali? J ainda não sabe que eu descobri como fazer isso. É tão divertido!

A queimação no meu peito continua, tornando difícil respirar.

— O que você fez?

Ela dá de ombros.

— Não sei. Senti que era certo.

A descida começa, mas o placar não é atualizado. *Vermelho, 1. Azul, 0.*

Não estão contando aquilo como ponto, mas Leyda não parece se incomodar. Ela não comanda o retorno da lança para sua mão, e a arma fica flutuando no limite da arena. A princesa não está aqui para ganhar. Está aqui para brincar.

— Aí vamos nós! — ela chilreia logo antes de a comunicação ser interrompida pela descida.

Levanto a lança — se ela fizer o negócio da luz de novo, não vou conseguir enxergar o bastante para atingi-la. Se ela me acertar mais uma

vez no peito, onde o metal já está mole, ele pode quebrar. Vou ser decantada *de novo*.

— *lembrar* — diz a Algoz do Paraíso.

Não posso responder, pois estou muito preocupada em segurar minha lança com força e estabilidade, apertando os olhos e esperando a luz novamente. O Donzela Suplicante se aproxima, meu corpo é puxado para o impacto mais uma vez, e espero até que o gemido ressoe — então vou estocar. Se fizer isso rápido, vou atingi-la, tenho certeza...

A luz branca se condensa no seu elmo mais rápido que antes, e então explode. Ela atinge minha lança no meio da estocada, derretendo o metal até virar só um líquido prateado que rapidamente esfria no espaço. E é neste momento que entendo.

— *é como nós lutamos* — badala a Algoz do Paraíso.

Nós. A lembrança da reiniciação. A queda, o rodopio no espaço e a luz branca como lasers atirados nos corcéis. O inimigo arrasou a Terra com *chamas de laser*. Os lasers são como eles lutam, e dentro dos corcéis, na arena... é como uma luta para eles — então eles fazem esta luz.

— Consigo ouvir agora! — A comunicação de Leyda é ativada com um crepitar. — Consigo ouvir você falando com seu corcel! É tão fofo!

Os comentaristas, a multidão ribombante e a alegria de Leyda desvanecem enquanto meu cérebro gira; não posso atingi-la se não puder vê-la. Nenhuma de nós vai ganhar ponto, e os acréscimos só vão *continuar* e continuar e continuar. Vai ser como com Sevrith, mas mais devagar e mais agonizante. Ela vai continuar produzindo os lasers, amolecendo o metal da Algoz do Paraíso de novo e de novo até nos desintegrarmos. O problema não é a decantação — é o fato de que não restará nada para onde decantar de volta se a Algoz do Paraíso for uma pilha de entulho derretido.

Não posso deixar isso se arrastar. Mas como faço para encerrar essa justa? Não consigo me aproximar dela e ainda ter esperança de atingi-la — ela produz aquela luz abrasadora na zona de ataque. Um tigre preto e amarelo aparece na minha memória — Helmann — e, ainda antes, Rax, quando destruiu o manequim. Consigo visualizar os movimentos, o modo como os dois se mexeram. Não será tão gracioso nem tão

poderoso, mas...

— Eles não são brinquedos, Leyda — digo. A imagem na holotela fica imóvel. — Estão vivos. Todos eles. Cada uma das espirais que você vê na sela é alguém. Você não pode brincar com eles só porque isso a deixa feliz.

Consigo ouvir a contrariedade em sua voz:

— Você não pode me dizer o que fazer. Você não é meu pai.

Começo a rir e não paro mais. Não consigo parar. Minha risada preenche a sela, delirante, enquanto a subida se torna a descida gentilmente. Ela se parece comigo falando com Dravik. Comigo falando com um pai que nunca tive. Estou provando do meu próprio remédio. Rio até sentir lágrimas quentes e molhadas, e as espirais na sela sobem para cutucá-las com curiosidade.

— Eu sei — consigo falar. — Mas vou ensinar algo a você que ele nunca vai ensinar.

Estendo a mão e convoco outra lança da palma da Algoz do Paraíso. A descida me atravessa, puxando-nos na direção uma da outra. O local do laser do Donzela Suplicante brilha mais forte que antes — a raiva de Leyda é óbvia. Respire. Lembre-se da força do braço de Rax, da curva de seus dedos graciosos, da maneira como ele anda parecendo fumaça sobre a água. Ele se foi. Mas foi bom brincar de faz de conta com ele.

Resisto às forças G com tudo que tenho, condensando e focando cada músculo do meu corpo no braço direito enquanto eu o levo para trás, apertando bem a lança na mão. Minha postura implora para desmoronar, para fluir, a gravidade é forte demais. A empunhadura da lança é frágil, a ponta oscila sem controle, então subo mais a mão para onde a base se alarga. Finalmente, a pegada é estável o suficiente para que eu consiga mirar.

O laser se acumula no elmo do Donzela Suplicante, brilhante o bastante para me fazer semicerrar os olhos. Ainda posso errar. A lança poderia atingir a couraça no ponto onde fica a sela e matá-la, como Helmann matou aquele juiz, e matar uma princesa seria realmente o fim para mim.

A Synali que enfrentou Yatrice erraria o alvo. Mas a Synali de agora não vai errar.

lançar.

Projetamos o pulso para a frente e a lança prateada é arremessada pelo espaço. Ela é mais rápida que a de Helmann, graças à gravidade, e mais precisa, graças a Rax. Eu aprendi — com ele, com os dois, com cada ginete que já enfrentei.

é isso que significa montar.

A ponta da lança prateada desliza entre os braços vazios do Donzela Suplicante e afunda no lado esquerdo do coxote, perfurando o selo do cisne.



65. Servo

servō ~āre ~āuī ~ātum, tr.

1. salvar; tornar seguro, saudável

Rax levou o Berrador Solar até seu limite absoluto enquanto os jatos carmesim queimavam sua coluna, incandescentes.

E então ele se entregou.

Era mais difícil se entregar do que se segurar. Ele havia se segurado por tanto tempo, sabendo de cada detalhe, tendo o movimento gravado tão fundo nos próprios nervos que se tornara uma reação automática contra a qual ele teve que lutar. Solte. Lembre-se de como é não ser nada.

O melhor ginete do século deixou as forças G vencerem. Seu fluxo sanguíneo parou, seu coração não era forte o bastante, e a inconsciência veio rápido. A escuridão se infiltrou nas bordas da sua visão, e no momento exato, antes que fosse tarde demais para mudar de ideia, ele viu seu destino se abrir abaixo de si — sobrecarga, leito hospitalar, prisão, medo. Era a primeira vez que sentia medo na sela em uma década.

Então foi engolido inteiro, até os ossos.

Mas não era o fim. Nas profundezas do desmaio, ele viu cor: pele e cabelo e olhos. Era o homem Lithroi — desbotado e suave e falando em uma réplica perfeita da sua voz de verdade, e Rax sentiu: havia acontecido antes, mas não com ele. Com outra pessoa. Não era uma

alucinação — era uma **lembrança, como um sonho**.

— Eles esqueceram, Synali, o que o coelho significa.

Rax estava no corpo de Synali, cheio de ódio e hematomas doloridos e aquele aroma agudo que a seguia por todo lugar — doce e acobreado, tão **perto** que fez o coração dele disparar quando ela bufou.

— Então o que significa, velho?

O homem Lithroi olhou para a bengala pacientemente.

— Na Terra antiga, o coelho era uma pedra angular da cadeia alimentar, o elo entre o sol que fazia crescer a grama e os animais que se alimentavam daqueles que comiam tal grama. O coelho tinha dez mil inimigos: lobos e tigres, cobras e águias e raposas. E mesmo assim sobrevivia.

Rax sentiu a mente dela mudar, ouvindo atentamente agora.

— Toda a Terra estava contra o coelho — disse o Lithroi. — E ainda assim a Terra dependia do coelho. Ele alimentava outros. Dava vida. Os nobres desta Estação esqueceram que é o coelho que sustenta o leão, e não o contrário.

Ela e Rax levantaram os olhos com determinação.

— Vão me matar mesmo assim.

O homem Lithroi deu um sorriso tão brilhante que parecia o sol.

— Mas vão ter que pegar você primeiro.

66. Sanitas

sānitās ~ātis, f.

1. saúde

2. sanidade



Das cadeiras de veludo de um camarote privado, Mirelle observa enquanto Synali von Hauteclare remove o elmo devagar. As luzes dos corcéis médicos pintam sua pele de rubi. Sua aparência é terrível — cabelo encharcado de suor, lábios ásperos, cada tentativa da maquiadora de cobrir as marcas de varíola borrou. Nenhuma elegância. Nenhum decoro. Só luta. Só uma garota perto da sobrecarga.

Ginetes mais velhos não sangram tanto prateado como ela, nem de longe.

Tem algo errado com o corcel dela.

E com o Mensageiro do Inferno também.

A avó geralmente dizia que a curiosidade não caía bem em uma mulher nobre — foi a ruína de Eva e a perdição de homens sábios. A obsessão de Rax por Synali forçou Mirelle a investigar curiosamente o que exatamente ele viu nela. Ela percorreu cada um dos registros do CCC sobre o Mensageiro do Inferno anos atrás, mas os registros sobre o Algoz do Paraíso eram tão antigos quanto os do outro: há trezentos e cinquenta e quatro anos, o A3 que depois seria conhecido como Algoz do Paraíso foi registrado. Foi exatamente o mesmo ano em que o A4

Mensageiro do Inferno foi ativado, e o mesmo ano em que a Casa Ressimus assumiu o controle, com o primeiro rei da Estação. Os registros do Algoz do Paraíso, porém, continham mais informações que os do Mensageiro do Inferno: eles foram encontrados juntos em um campo de asteroides próximo — eram resquícios da Guerra teletransportados pelo inimigo junto com a Estação. Só o Mensageiro do Inferno foi imediatamente reaproveitado e ativado; o Algoz do Paraíso desapareceu dos registros por mais de trezentos anos, só reaparecendo quando Astrix vel Lithroi comprou os direitos dele, nomeou-o e começou a mexer nele, ainda adolescente. Os ginetes do Mensageiro do Inferno nunca duravam muito — talvez os do Algoz do Paraíso também não durassem.

O que quer que seja o Algoz do Paraíso, pode ser tão poderoso quanto o Mensageiro do Inferno. Tão perigoso quanto, principalmente nas mãos de um traidor. Lithroi venceu. *De novo*. Outro membro da família dela vai morrer. Talvez fosse para ser assim desde o começo — talvez Deus quisesse que fosse Mirelle a acabar com a matança daquela cadela raivosa.

A cadeira ao seu lado está vazia; Rax não apareceu. Ela sabe que, se tivesse aparecido, estaria com os nós dos dedos brancos de tanto apertar o descanso de braço, com os olhos grudados no enorme holograma no centro da arena, no rosto abatido da assassina.

Mirelle reprime o desconforto em seu peito. O objetivo do casamento não é amar. Na infância é permitido amar, ter paixões e emoções, só que ela certamente não é mais uma criança. O casamento faz parte do jogo — não é uma escolha, mas um dever. Ela já viu acontecer com outras garotas nobres: haverá filhos, obrigações. Haverá ódio, nojo e, na melhor das hipóteses, uma indiferença harmoniosa. Não importa quantos livros ela tenha lido sobre a Guerra — sobre os cavaleiros que se prometiam uns aos outros antes de se lançarem na batalha, sobre os juramentos murmurados nos momentos finais de suas corajosas vidas, de que se amariam até a eternidade —, ela sabe que é impossível para os nobres se casarem por amor.

Por que, então, a mera *ideia* de Rax olhando para a assassina a consome por dentro?

— E isso conclui a justa, amigos! Synali von Hauteclare leva a vitória com um ataque de lança! Sua Alteza já agiu com imprudência no campo antes, mas nunca desse jeito. Tenho certeza de que haverá um enxame de corceiros tentando descobrir como ela produziu aqueles lasers! Estamos recebendo a notícia de que a princesa está em segurança, embora um pouco desanimada com a derrota. Traremos mais atualizações conforme elas forem chegando...

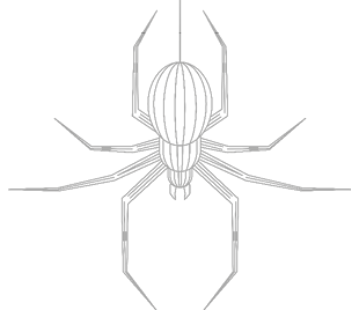
A multidão comemora freneticamente e os gritos de “*Synali, Synali, Synali*” são como demônios abocanhando a própria alma de Mirelle. Ela se levanta, a capa clara despencando no chão e revelando o emblema do leão alado em sua totalidade, e sua voz é fria e cortante no camarote escuro e vazio:

— Parece que vou ser a próxima oponente dela.

– 1. Litatio

litātiō ~ōnis, f.

1. sacrifício bem-sucedidor



Rain chega tarde demais para ver Synali deixando o salão de torneios. A multidão se espreme enquanto os seguranças a ajudam a subir em sua aerocarruagem. Verde-Um não respondeu a nenhuma das mensagens, e as perguntas azuis se estendem longamente diante de seus olhos nos degraus do salão.

VIOLETA-CINCO: *Você sabia esse tempo todo, Verde?*

VIOLETA-CINCO: *Responda.*

VIOLETA-CINCO: *Para quem você está trabalhando? Porque sei que não é mais pelo bem da Teia.*

VIOLETA-CINCO: *Era mentira! Você MENTIU para mim. Você me manipulou.*

Ele nunca teve tanta raiva no coração quanto agora — nem mesmo quando Violeta-Dois morreu, nem mesmo quando seu pai morreu. Não recebe respostas. É claro que não — ele enviou automaticamente a Verde-Um as fotos dos planos do homem Lithroi. E essa era a única coisa de que Verde precisava. Foi por isso que tudo aconteceu — não para proteger, não para evitar, não para vingar, mas para participar do jogo que ele tanto desprezava. A cabeça de Rain lateja, sentindo a

abstinência do pó e dando nós em suas entranhas, e ele se choca contra um casal que lhe devolve um empurrão. Ele sente o mármore duro nas costas quando colapsa no chão.

E então, finalmente, vem uma resposta.

VERDE-UM: *Você escolheu poupar aquela garota Synali meses atrás, não eu. Você colocou esse plano terrível em ação. Todo mundo que morreu — a Resistência, Teta-7, cada um dos nossos familiares — foi por sua causa. Sua misericórdia. Seu momento de fraqueza matou todos eles.*

Seus dedos se contorcem, e a luva de couro treme sobre o holograma.

VIOLETA-CINCO: *Para quem você trabalha?*

VERDE-UM: *Você realmente achou que era a única Aranha cumprindo contrato com uma nobre Casa? Você se considera o único escolhido? O único ordenado com um propósito mais concreto?*

Não é Verde-Um. É alguém mais prolixo, mais cruel. O irmão mudou, ou talvez Rain nunca o tenha conhecido de verdade. Ele sente atrás dos pulmões — a pegada arquejante da inconsciência, o peito arfando, o corpo chegando à última linha distorcida.

VIOLETA-CINCO: *Quem, irmão?*

VERDE-UM: *Eu contei para os reclusos. Eles estão indo atrás de você.*

O cursor piscante. A multidão turbulenta. Os olhos de Rain escorregam, desbotam e se enevoam, tentando captar as palavras seguintes.

VERDE-UM: *Casa Ressimus.*

O rei. Todo esse tempo, Verde-Um era o assassino do rei?

O mundo gira, e ele cambaleia pela multidão, para longe, procurando algum lugar onde se esconder. Rain não a vê mais. Não consegue ver mais nada — nem mesmo o céu artificial.

Mas em um telhado próximo, através da mira de um rifle cravado de safiras apontado para as portas do salão de torneios, alguém o vê.

67. Trucido

trucidō ~āre ~āuī ~ātum, *tr.*

1. abater; massacrar



A luz solar artificial brilha através da janela da mansão nos meus lençóis brancos, as árvores murchas e a grama seca lá fora são muito mais reconfortantes que qualquer folhagem exuberante. Meus olhos focam o corcel vermelho-sangue que flutua no vis com sua lança cor de umbra na mão — o elmo tem formato de penas, assim com os calcanhares, o selo no peito é de um falcão.

— Este é o fim da justa! Você acredita nisso, Bero? Rax Istra-Velrayd ganhou seis justas consecutivas na primeira rodada!

— É quase um recorde para os livros, Gress! Mais duas vitórias assim e ele vai poder gravar o nome no Hall dos Cavaleiros Exaltados, ao lado do Príncipe Lisander, de Dyana de la Valfori e de todos os melhores entre os melhores!

Assisto ao replay da justa de Rax quadro a quadro, e vejo a lança afundando no elmo do seu oponente como uma espada projetada atravessando o papel — como se fosse a coisa mais fácil acertar um elmo sob o efeito de múltiplas forças G enquanto se move pelo espaço a uma velocidade de dois dígitos de parses por minuto. Agora que conheço melhor a montaria, consigo ver exatamente como ele é habilidoso; não tem fraquezas, não depende de nada, assim como Mirelle. É o melhor.

Não... com Rax, não é uma questão de ser *melhor*, é uma questão de *ser*. Mirelle executa os movimentos perfeitamente, mas o corcel de Rax é seu corpo, sua respiração, sua força vital. Ele se move, e o universo se move com ele.

Dravik bate à porta aberta. Luna pula da cama para cumprimentá-lo, latindo com animação. Quando ele se aproxima e se senta em uma cadeira e Luna se acalma, encontro minha voz.

— Leyda disse que o inimigo não está morto de verdade. Quando eles se machucam, transformam-se em fluido nervoso e tentam crescer de novo a partir dali... comendo nossas lembranças. Nossa mente.

O príncipe sorri suavemente.

— Pensamentos, memórias, o que quer que exista em uma mente, eles evoluíram para comer. Antes dos humanos, eles comiam a mente uns dos outros. Acredito que o nome seja parasitismo co-habitativo em massa. Seriam como formigas, se elas pudessem criar outras para comer, e se essas formigas não morressem, mas crescessem sem parar.

Fico olhando sem expressão para o seu ombro, deixando suas palavras me inundarem e tentando não ceder ao pânico.

— Por isso, eles estão conectados mentalmente uns aos outros. Os termos “mente de colmeia” e “rede neural” foram usados pelos corceleiros, embora nenhum deles encapsule a total profundidade de sua existência. Poucas palavras humanas o fazem.

Ele se recosta na cadeira. Uma cortina no canto do quarto flutua ao redor de uma mulher invisível.

— Todas as coisas vivas precisam de energia. O inimigo não é diferente. Os ginetes são a fonte de energia. Sempre foram, desde os cavaleiros da Guerra. A tecnologia pós-Guerra é uma coisa híbrida, obtida através de estudos sobre o inimigo. A luz sólida é uma derivação da sua produção de laser. As selas são seus caixões, reutilizados como baterias. A antigravidade foi criada a partir do seu excremento de matéria escura. O reator principal da Estação é, ele próprio, uma sela gigante sendo alimentada.

Inspiro o ar duro como um punhal.

— As cabeças enviadas para baixo do oceano...

— O reator principal da Estação fica lá, preenchido com fluido

nervoso. É conhecido como “núcleo” por aqueles com permissões de segurança altas o bastante.

— Eu vi o reator principal — argumento. — Funciona com energia solar. Na Ala Média...

— É uma réplica conveniente usada para refinar a energia gerada pelo verdadeiro núcleo. Dizer à população que estamos explorando os esforços de um inimigo que ainda está muito vivo não seria bom para o moral, e o moral é a única coisa separando os imperativos do caos total.

Aperto os lençóis e direciono meu foco para a cicatriz carnuda no meu peito.

— Eles estão usando o cérebro das pessoas para alimentar... uma sela gigante? — Para meu horror, ele fica em silêncio. — Todo mundo que morreu, todos os plebeus, minha mãe... — Forço as palavras pelos dentes cerrados: — *Todos eles?* Por quatrocentos anos?

— Eles estão se esforçando tanto para nascer.

O príncipe e eu somos atraídos para a voz: Quilliam está parado na soleira, com olhos embaçados e uma jarra de chá na mão. Um fio prateado escorre do seu nariz até o bigode... exatamente como quando eu sangrei. Ele fica sem se mexer por uns bons dez segundos, observando a cortina no canto. Dravik se levanta e pega a jarra das mãos trêmulas do idoso com a voz mais gentil que já o ouvi usar.

— Obrigado, Quilliam. Não precisamos de mais nada.

Quilliam se assusta quando o peso é aliviado, como se tivesse recuperado os sentidos, limpando o nariz e saindo do quarto. Esse tempo todo... não era alergia coisa nenhuma. Ele está sobrecarregando lentamente, como eu.

— Você... — Eu me viro para Dravik. — Você deixou Quilliam *montar*?

— Ele queria ajudar. Depois que minha mãe sobrecarregou no Algoz do Paraíso, o rei o enviou para Esther para ser destruído. Mas ele sobreviveu. Quando o encontrei, estava muito mal. Precisei providenciar energia para mantê-lo em um modo de manutenção estável até encontrar um ginete adequado. Quilliam se ofereceu para se sentar periodicamente na sela dele.

— Dela — corrijo friamente. — Na sela *dela*. Você não pensou em me

contar nada disso no começo do nosso contrato?

— Você teria acreditado em mim se não tivesse entendido por si mesma? Se eu dissesse que o inimigo estava vivo e na sela, você não ficaria *ainda mais* convencida de que sou um lunático delirante?

Luna se levanta e persegue partículas de poeira pelo quarto, mordiscando-as em um estado de pura alegria. A cortina no canto está vazia, balançando no ar. Fecho bem os lábios.

— Vou enviar os detalhes da sua recompensa por essa vitória. Certifique-se de descansar bem, há uma conferência triunfante hoje à noite. Estarei presente desta vez, para garantir que o que aconteceu na primeira não se repita.

Ele está falando da conversa com Rax. Da ajuda de Rax e Mirelle. Uma parte de mim odeia Dravik e não consegue odiar Dravik, e o que sai de mim não é um pedido para que fique nem para que vá, mas por *alguma coisa*, qualquer coisa.

— Sua mãe realmente está na sela da Algoz do Paraíso. Tenho certeza.

Dravik para na soleira.

— A mãe de Leyda sobrecarregou na sela do Mensageiro do Inferno, e agora ela consegue vê-la. A sela se lembra delas. É por isso que podemos ver Astrix: você, eu, Quilliam. Você às vezes vê Sevrith?

A discordância de Dravik é tão pequena e dolorosa que só move suas sobrancelhas. Respiro fundo.

— Sou só eu, então. Mas por que só nós? Rax não mencionou nenhum ginete antigo que sobrecarregou no Berrador Solar. Nem Mirelle. Por que só o Mensageiro do Inferno e a Algoz do Paraíso? A IA verdadeira em Luna está mantendo alguma coisa dentro da Algoz do Paraíso. Por quê? O que precisa ser mantido lá dentro?

Um fio se estende entre nós. Dravik o corta, vai embora sem cerimônia, e Quilliam cambaleia para dentro com um bule de chocolate quente, parecendo muito mais lúcido agora.

— É bom vê-la se sentindo melhor, senhorita. Sua vitória foi muito emocionante de ver, embora um pouco preocupante.

Eu me sento na cama.

— Você assistiu?

— Assisto a todas as suas justas, senhorita. — Ele abre seu vis, e a tela holográfica mostra uma pasta de gravações cuidadosamente nomeadas: *Senhorita vs. Yatrice del Solunde* vai até *Senhorita vs. Sua Alteza*. — Tenho subido muitos dos destaques das suas justas para o vis antes de qualquer outra pessoa. Eles são muito populares com os plebeus. Tenho muitas visualizações.

O orgulho em seus olhos é inconfundível, brilhando como uma estrela a anos-luz de distância.

— Nada do que estou fazendo é digno de orgulho — murmuro.

Quilliam fica em silêncio. O vapor do bule de chocolate rodopia no ar, e então ele fala:

— Sei que o que você e meu senhor estão fazendo é muito sombrio — diz ele, devagar. — Mas quando me lembro de como você treinou duro, de quanta dor se obrigou a suportar... quando vejo você triunfar diante da adversidade, não posso evitar sentir orgulho, senhorita.

Seguro o pingente e, pelo que parece a primeira vez, sorrio para Quilliam.



68. Proelium

proelium ~(*i*)ī, *n.*

1. competição ou luta

Rax Istra-Velrayd se acalma na pia do estúdio e observa o prateado espiralar pelo ralo.

Ele limpa o nariz uma última vez e se endireita, ajeitando as lapelas vermelho-sangue do gibão. Preferiria que fosse sangue saindo do seu nariz. Preferiria que parasse de acontecer a cada seis horas. Mas suas preferências foram, historicamente, ignoradas em sua vida.

Rax prefere, mas não se arrepende. Descobriu o que Synali queria dizer. Conseguiu se conectar com a lembrança dela ao desmaiar — ele não tem certeza do porquê, mas agora sabe como lógica, como matemática básica: a fonte das memórias que vê no sonho é a sela. É por isso que ginetes prestes a sobrecarregar o veem com tanta frequência — quanto mais tempo na sela, maior a exposição ao fluido nervoso e mais vívido o sonho. Saber a origem das lembranças acalma sua mente. Isso vai matá-lo um dia, mas pelo menos agora ele sabe.

Pelo menos, se ele desmaiar na sela, poderá vê-la. Ser ela. Estar perto dela, mesmo que não possa estar com ela na vida real.

Ele deseja profundamente tocá-la enquanto estão sentados na conferência triunfante, mas o homem Lithroi está perto demais ali na

multidão, observando Rax piscar e respirar no meio das duas garotas. Mirelle está vestida toda de preto à sua direita, e Synali está à sua esquerda, de azul — com seus cabelos curtos e escuros e aqueles lindos olhos de gelo grudados à sua frente. Os flashes das câmeras não param. A mão dele se contorce sob a mesa na direção da mão dela, seu corpo inteiro espumando para se aproximar de novo. Agora que ele conhece a sensação e o gosto dela, não pode desconhecer, e é uma *tortura*.

Flash.

— Lady Synali, está nervosa para enfrentar Lady Mirelle na próxima justa?

Flash. Ele sente Synali se mover sem olhar para ela — calor e proximidade — enquanto ela agarra os próprios joelhos.

— Já cheguei longe demais para deixar que o nervosismo controle meus sentimentos.

Flash. A risada de Mirelle sibila em uma temperatura abaixo de zero.

— Tem certeza de que possui algum sentimento, assassina?

As luzes se apagam. Os geradores reserva começam a zumbir.

Flash. *Flash. **Flashflashflash.*** Ecoam no estúdio escuro murmúrios baixos de “*assassina*” e “*do que ela está falando?*”. O homem Lithroi se levanta, segurando a bengala bem à sua frente como um aviso.

Mirelle não sabe ou não se importa, e sua risada colapsa sobre si mesma.

— Você é uma impostorazinha cruel, sem nome nem título nem honra. E vou lhe mostrar isso no campo.

Rax se inclina para a frente na cadeira — Mirelle *nunca* insulta outros ginetes; depois que os enfrenta e os vence, talvez, mas antes nunca. Vai contra o código cavalheiresco sobre o qual ela lhe falou tantas vezes: não julgar até o impacto. Algo está errado — alguma coisa *aconteceu*, e ele esteve focado demais em Synali para perceber, mas agora ele vê — a maneira como o rímel de Mirelle está borrado, o modo como ela aperta a mandíbula. Poderia ser...

Terren Helgrade não percebe nada.

— Ver Lady Synali subir de posição, bem... acho que falo pela Estação inteira quando digo que isso tem me deixado imensamente entretido. Você a enfrentará em dois dias, não é, Lady Mirelle? Gostaria

de dizer alguma coisa a ela?

A água nos olhos de Mirelle se transforma em aço.

— Vou aceitar sua rendição agora.

Synali prende e solta a respiração no mesmo instante.

— *Nunca.*

Rax se levanta, fazendo um gesto para o apresentador e lhe lançando seu melhor sorriso de ouro.

— Acho que está bom. Deveríamos encerrar por aqui, está todo mundo cansado, obviamente...

— Você sabe o que significa montar?

Synali pergunta em voz baixa para a prima, interrompendo Rax. Flash. O ginete do rei perguntou a mesma coisa. Mirelle estica o pescoço — olhando para a frente, nunca para o lado.

— Significa honra, traidora.

Flashflashflashflash. Os olhos de gelo de Synali se desviam para Rax, frios e impenetráveis.

— Você sabe o que significa montar?

Seu olhar intenso interrompe todos os pensamentos dele. A pergunta é a própria resposta, um circuito fechado — subida e descida. A boca dele se abre: ele sempre lhe dará cada verdade ardente em seu corpo, ela só precisa pedir.

— Significa viver.

Flash. Flash. Flash.

— O que... — começa o apresentador, sorrindo nervosamente. — O que significa montar para você, Lady Synali?

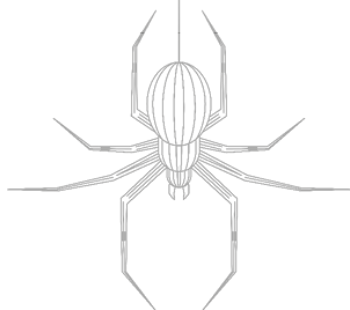
Rax observa o olhar dela deslizar para o príncipe parado na frente da multidão, e então os olhos dos dois deslizam juntos — para um canto sombreado do estúdio onde não há ninguém —, e, quando ela olha de novo para as câmeras, a única coisa em seu rosto é um sorriso frágil e assustador.

0. Caeruleus

caeruleus ~ea ~eum, *a*.

1. azul

2. conectado com o céu; celestial



Os reclusos enfim vieram em busca de Rain, em um beco atrás do estúdio, e eles o acharão uma presa fácil.

Ele deveria lutar. Seus instintos de sobrevivência gritam para atacar de qualquer maneira com qualquer força para afastar o perigo, mas a parte dele que é Aranha e não humana — a parte dele que é o pai e não o filho — sabe: lutar não adianta. Ele perdeu tudo. Não tem Teia. Não tem família. Verde-Um o matou mais que qualquer punhal jamais poderia fazer, e ele cambaleou de cano em cano, raspando vida das paredes — água e mofo, qualquer coisa para impedir a abstinência do pó que mordisca seus órgãos. Ele viu o rosto de Synali na holotela, e alguma parte desbotada de si arrastou seu corpo até a Ala Média em uma última tentativa de alcançá-la. Mas os reclusos não podem ser detidos, apenas atrasados, e estão aqui agora. Ele ouve seus passos tarde demais — são bons demais para serem notados. São melhores que ele.

Rain se curva, o capuz pingando ferrugem, e se apoia em uma parede com uma mão trêmula.

“*É o destino de uma aranha comer outras aranhas*”, disse seu pai uma vez. “*É assim que elas sobrevivem: canibalismo. O que nós, humanos,*

consideramos imprescindível, uma aranha faz para continuar vivendo.”

Conforme os passos se aproximam, ele sente algo se contorcer nele — pesar por morrer *agora*. Por não levar Verde-Um junto consigo. Por não contar a Synali o perigo em que se encontra, por não o impedir. E então, através dessa espiral avassaladora de pesar, há uma coisa *estranha*: aos passos do recluso se junta um terceiro passo, um passo duro de madeira no asfalto quebrado... uma bengala.

Um disfarce? Talvez, mas um recluso abandonaria tais artifícios ao se aproximar da presa. Rain se vira tarde demais, sacando o punhal tarde demais para impedir o zumbido quente de uma espada projetada de empunhadura adornada com safiras contra sua garganta suada. Segurando-a está um homem apagado, de tons pastéis, com o rosto tranquilo e suave enquanto sorri para o assassino.

— Boa noite.

Rain se mantém mortalmente imóvel, o fio da espada testando seus dentes no pomo de adão em marcas de queimadura. Se este homem quisesse matá-lo, não faria sentido conversar. Ele não é um recluso, é um nobre — as safiras entregam isso. Mas um nobre *tão* bom? De que Casa? Safiras azuis... Trentoch? Não — a cor deles é índigo e verde-água, e a madeira desta bengala é prateada, de luar antigo, como o corcel de Synali. *Lithroi*.

É o príncipe exilado, alvo de tantos rumores.

— Conheço você — diz Rain, baixinho.

Lithroi ri, o eco perturbando o beco.

— Isso facilita um pouco as coisas, não é mesmo?

— Você é o líder do Polaris.

— Não há líderes de verdade na justiça — corrige o homem. — Mas sou sua cortina de fumaça.

Algo da mentira de Verde-Um permanece em Rain — nobres jogando com vidas — e um sentimento vago de raiva invade seu coração.

— É isso que essa rebelião significa para você? Só uma cortina de fumaça?

— Perdão, me expressei mal: é uma cortina de fumaça muito importante. Tem que ser. Meu pai não é um homem que se distrai facilmente por nada que não seja a mais grave das situações, você

entende.

A holotela brilha acima deles com um replay — o rosto encharcado de suor de Synali e sua lança atravessando o coxote da princesa.

— Você a está usando — diz Rain.

O sorriso do homem se alarga.

— De todas as pessoas, você sabe bem o que é “usar” alguém, Sir Aranha, e o que isso significa de verdade.

Os planos deste homem vão matar todos. Rain não pode avisar Synali, mas pode impedi-lo aqui, agora, com o que resta de si. Uma aranha comendo outra aranha.

Está sem armas, mas seus ossos continuam fortes. Não é possível se esquivar da espada projetada, porém é possível se aproximar dela o bastante para ganhar espaço sem perfurar a pele, e Rain se curva, dando um soco abaixo da barriga dele, mas a espada *já* está lá; os nós dos seus dedos ardem até o osso e o cheiro de carne queimada se espalha por toda parte. Rain contorna o homem, mas a espada já está *lá* de novo, e a lâmina frita seu casaco e pele e tendão até chegar ao osso branco do cotovelo. O ar frio e agudo o atinge como sal em uma ferida, e ele grita, o que é atípico; não é mais uma aranha, mas alguma coisa mais barulhenta, mais desastrada e com menos pernas, menos teia, *menos família*. A espada corta ambos os seus tendões de Aquiles, e ele cai de joelhos, levantando o olhar de gelo para o príncipe.

— S-seu... bastardo.

Lithroi sorri.

— Você também. Você é meio-irmão de Synali von Hauteclare.

Os olhos de Rain desviam para a aerocarruagem saindo do estúdio, prateada e azul.

— *Não*. Você está mentindo.

— Com frequência. Mas não agora.

— Não posso ser...

— Você certamente pode. Basta uma noite e duas pessoas. O Duque Farris von Hauteclare não era conhecido por sua discrição. Diferentemente da mãe de Synali, que fugiu do bordel e se escondeu, a sua morreu no parto. A cafetina contatou a Casa Hauteclare, e eles o entregaram para as Aranhas.

Rain sente o coração se rachar em dois pela mulher que nunca conheceu, pela garota que sempre foi sua irmã de verdade. O sorriso do homem Lithroi se alarga ainda mais.

— Permita-me lhe dar uma escolha: morrer aqui ou me ajudar a protegê-la.

— Protegê-la? — Rain cospe sangue. — Você a está usando para começar outra guerra. O corcel que sua mãe fez, a coisa dentro dele...

— Seus pulmões dão um arquejo ruidoso. — Eu vi. O último deles vivo controla todos os outros, diz a eles o que fazer, os mantém dóceis. A rainha não sobrecarregou, ela *alimentou* o que está dentro do Algoz do Paraíso. Synali o tem alimentado esse tempo todo... assim como os ginetes do rei. O que está dentro do Mensageiro do Inferno está bem alimentado, forte... *muito mais forte*. Mas você está tentando gerar um novo para derrubá-lo.

Lithroi apenas sorri para ele, com paciência.

Todos os lugares onde a carne de Rain agora está cauterizada repuxam com força, doendo a cada respiração, e ele diz:

— Você não pode ressuscitar os mortos.

O sorriso do homem cresce a ponto de transformar seus olhos em fendas:

— Ah, Sir Aranha, mas e se eles nunca estiveram mortos, para começo de conversa?

69. Confractus

confractus ~a ~um, a.

1. (sobre uma superfície) quebrado



A Ponta do Luar tem campainha, e pela primeira vez a ouço tocar. Quilliam não atende, nem Dravik. Quem quer que seja está tocando insistentemente, então eu me dirijo à entrada e espio na câmara. Alto, peito largo, cabelo platinado e bagunçado. Rax. Respire. Falta um círculo, e aí estou nas quartas de final. Quando eu ganhar, a Casa Hauteclare será apagada. Isso é tudo que importa.

Abro uma fresta na porta, e o olhar quente de madeira vermelha de Rax acende quando me encontra.

— Hauteclare! Você está...

— Você não devia estar aqui — corto. A tensão em seu rosto leonino aumenta.

— Eu sei, mas... Agora sei o que você quer dizer. Sobre ver lembranças. Eu me fiz desmaiar na sela, e vi algumas das suas, e...

Enrijeço.

— Não pensou que talvez eu não quisesse que você visse minhas lembranças?

— Simplesmente... *aconteceu*. Eu não escolhi.

A ideia de que ele viu minha vida — a miséria, a alegria da infância, a dor, o bordel... Meu corpo quer se aproximar, confortar-se em seus

braços, mas minha mente sabe o que é melhor. Começo a fechar a porta.

— O pai dela está morto — Rax diz abruptamente. Só há um *ela* que ambos conhecemos. — O pai dela foi... — Ele faz uma pausa, brigando com a realidade. — Morto. Porque você...

A garganta dele desce e sobe.

— E minhas mensagens ainda estão bloqueadas, então eu...

Olhos de madeira vermelha me percorrem como uma jornada, memorizando, desejando. Pela verdade, por mim... não tenho certeza de qual. O que ele sente nunca importou. Esta é a realidade, não a sela, e na realidade somos criaturas completamente diferentes, em jardins completamente diferentes. Mas ele me trouxe a peça final do quebra-cabeça, que encaixa tudo no lugar: a fúria gelada de Mirelle na conferência triunfante faz sentido. Agora ela sabe a sensação de perder alguém que ama muito. Está no sangue Hauteclare aniquilar uns aos outros — papai me ensinou isso. Mirelle é noiva de Rax, então é claro que ele está preocupado: seu futuro sogro está morto por minha causa.

Agora também é a família dele.

— Você está tremendo. — A voz dele interrompe meus pensamentos.

Olho para cima e vejo minha mão trêmula na porta. Ele estica a mão e envolve meus dedos frios com seus dedos quentes, e combato o desejo de me apoiar nele, contar-lhe tudo: dos jardins, das cabeças, do núcleo, do que está dentro da Algoz do Paraíso. Se eu contar a verdade, isso só vai colocá-lo mais perto do tabuleiro de xadrez. Ele é um ótimo ginete, mas seria um peão ruim, e este tabuleiro é pesado demais para seu sorriso leve.

Não quero que você morra.

— Se o pai de Mirelle está morto — digo —, então isso significa que ele foi um dos sete que matou minha mãe.

Uma dor oca aparece no seu rosto, mas sua recuperação é rápida.

— Você não precisa continuar fazendo isso, Hauteclare.

Meu estômago afunda. Ele nunca vai entender, vai? *endireite. endureça.*

— Sim, preciso — corrijo. — É vingança.

— A melhor vingança, ou qualquer porra dessa, é seguir em frente, ter uma vida boa. Deixe que eles vivam com as merdas que fizeram.

Minha risada é toda dentes.

— Se eu os deixar em paz, eles não vão prosperar? Você acha que qualquer um dos ilustres Hauteclare pensaria duas vezes no sangue de uma bastarda e sua mãe doente? Eles não celebrariam sua união sob a minha morte? A “*preservação*” da sua “*honra*”? Eles não acabariam tendo vidas ainda melhores por eu ter morrido?

O silêncio dele é a resposta.

— Está realmente me pedindo para seguir em frente, sendo que eles não vão nem piscar quando eu me for?

O pátio nos observa com todos os seus anjos de mármore arrependidos, com olhos sem vida. Dou risada até ela se tornar amarga demais para me permitir engolir.

— Mantenho minha avaliação inicial do seu caráter, Velrayd: você é um tolo. Um tolo talentoso, mas ainda assim um tolo.

A madeira vermelha do seu olhar é incandescente, sua mão aperta a minha.

— Deixe-me entrar, Synali.

É a primeira vez que ele me chama pelo meu nome de verdade. E a última.

Eu lhe ofereço um sorriso digno de Dravik.

— Não.

Afasto-me e fecho a porta em um movimento fluido. Seu grito ecoa no pátio.

— Você não pode continuar desse jeito, sozinha! Sozinha e fazendo merdas inconsequentes na arena de novo e de novo como se não fosse nada, tudo por causa desse velho pervertido do Lithroi que está usando você!

— Você é filho da sua Casa, Velrayd. Dê meia-volta e retorne para seus banquetes, suas festas gloriosas e seu lindo casamento. Não tem nada para você aqui.

— *Eu quero que tenha alguma coisa!*

A obsidiana da sua voz é derretida, bruta, inundando o pátio e encapsulando tudo em uma casca que esfria rapidamente. Um momento congelado no tempo. Cada respiração minha vale por dez — a dor no meu coração distante rasga seu caminho até a superfície.

— Se essa porra ainda não ficou óbvia o bastante, quero você... quero você em segurança.

— Para poder me enfrentar — começo.

— Para poder... para que nós possamos...

conversar. nos tocar. Os pensamentos aparecem espontaneamente na minha cabeça, como na sela — é como ouvir outra pessoa ressoando sua intenção para mim com clareza. Eu toco a porta, imaginando o calor dele. *impossível.* O halo em sua testa é perfeito. O halo na de Mirelle é perfeito. O halo na testa do seu sogro devia ser perfeito também, antes que Dravik o matasse.

Ele vai entrar para a minha família depois do casamento. Uma família que *preciso* destruir.

impossível.

Afasto-me da porta. Os gritos de Rax lá fora conseguem penetrar a barreira, mas suas palavras exatas escorrem pelos meus dedos como areia, e então o tom baixo de Dravik reverbera. Há um tumulto, um berro. Uma aerocarruagem vermelha deixa a entrada da casa minutos depois, e algo em meu peito é fechado e selado quando ela se vai. É impossível — agora sei disso.

O fogo queima até apagar.

Com o pingente de diamante, risco o penúltimo círculo. Apoio-me na parede — agora há calos suficientes para que meus dedos não sangrem mais. No pôr do sol artificial quase no fim, só resta um círculo.

Só resto eu.

70. Stilla

stilla ~ae, f.

1. gota de um líquido

No CORAÇÃO do mundo, há sussurros.

Os novos cientistas chegam no seu primeiro dia e se estabelecem rapidamente: há trabalho a ser feito, e é tudo um pouco estranho. Não lhes deram nenhuma explicação para sua transferência repentina, embora a rotação não seja incomum entre os altamente especializados em corcelaria. Mas uma equipe inteira de uma vez? Alguns deles sussurram sobre um informante, um espião, mas para quem? Empresas de corcelaria concorrentes eles poderiam entender, mas o núcleo da Estação é sua *bateria*. Toda a energia gerada ali é enviada para cada subestação, cada ala, cada purificador de água, cada gerador de gravidade e sistema de ventilação. Quem ousaria interferir naquilo que mantém todos eles vivos?

Eles não sabem que as manifestações vão começar no terceiro dia, mas uma mulher chamada Ysolde sabe imediatamente que tem algo errado.

Ela é a nova líder da equipe do núcleo — apesar de ter apenas vinte e oito anos, é a estrela da corcelaria mais brilhante que a Estação vê em anos. Ela fecha o vis no primeiro horário de almoço com uma vitalidade cruel — a mãe a está pressionando para “tomar jeito na vida”, e a melhor defesa de Ysolde é lembrá-la repetidamente que obsessão com o casamento é para nobres, não para uma família de agricultores da Ala Média. Ficou sozinha na sala de controle — o resto da equipe foi explorar as opções de comida — e está no meio do processo de abrir sua torta de carne embalada a vácuo quando vê.

Primeiro, ela acha que a mancha de sangue no canto inferior do seu

console é uma ilusão — um truque das ondas de luz massivas do núcleo, que banham tudo de roxo-azulado. Mas então ela a toca, e a mancha craquela. Sabendo que é melhor não alarmar a equipe no primeiro dia, Ysolde finge que não vasculhou cada centímetro da sala de controle quando eles retornam. Ela sorri e mostra interesse na ideia de fondue, apertando o cotonete ensanguentado no bolso. Ela o examina no seu tempo livre, na sua própria sala de estar, em seu próprio equipamento. À luz da lua artificial, ela lê o resultado de compatibilidade duas vezes, depois três.

TRAKE CALODOS

O nome dele é familiar — um homem sobre quem ela escreveu artigos, um homem que escreveu os próprios livros que ela estudou em encefalopatia espongiiforme xenotrófica, e um homem que não ficaria deslocado liderando a equipe do núcleo; um homem que saiu abruptamente da corcelaria corporativa para ir para o setor privado. Um homem cujo sangue agora está no seu console.

Ela pergunta a alguém que conhece — um ex, um caso, não importa. O que importa é que ele é melhor em segurança do que ela, e ele lhe dá um aviso: o vis de Trake Calodos está inativo há um mês, e a implicação permanece na cabeça dela — um vis não fica inativo a menos que o usuário esteja morto. Ele lhe dá outro aviso: o comando do núcleo é a ala científica mais bem monitorada da Estação. E essa implicação pesa mais: *eles estão observando todos os seus movimentos*.

Quando Ysolde chega ao núcleo no terceiro dia, sua equipe está reunida na base, olhando para cima, para os extrusos. Eles não deveriam estar ali, jamais, e ainda assim há sete deles. *Oito*. Eles são um lindo sinal de falha. Ela os viu só uma vez — e nunca tantos assim — durante seus estudos de doutoramento nas unidades de contenção do rei, repletas do selo do dragão dourado. Sua mente está girando: a característica mais perigosa deles é que, se lhes for dada permissão, eles crescem exponencialmente. Mas *não* lhes dão permissão. Não totalmente. Não assim. É por isso que o corcel do rei existe — para comandar, para redirecionar a energia inconcebível das suas tentativas de crescer novamente para as torres de transmissão e os sistemas de refinamento da Estação. Mas agora eles parecem estar ignorando-o.

Depois de quatrocentos anos de obediência silenciosa, eles estão...

Isso não é só uma falha. É uma falha *catastrófica*. Uma falha que, aparentemente, o time anterior não conseguiu resolver. Nem mesmo Trake Calodos pôde resolver esse problema — e foi morto por isso. Ysolde não sabe por quem, nem como, mas sabe que, se fracassar, será a próxima.

— Entre em contato com o armazém de combustível Westriani — ela fala para o vis. — Diga a eles que preciso de todas as cabeças que eles têm. Imediatamente.

71. Universus

ūniversus ~a ~um, a.

1. todo, inteiro

2. universal



Um vaso espera no meu camarim no salão de torneios contendo um único lírio-tigre e um bilhete enrolado no seu caule, em barbante e tinta dourada.

Até à eternidade,

J.

Posso ouvir o significado por baixo da tinta, por baixo das palavras. É inevitável que nos encontremos. Como a eternidade do espaço ou o circuito de subidas e descidas, eu e ele nos encontraremos inevitavelmente. No salão de torneios, fico olhando para o estandarte dos Ressiminus pendurado ao lado do estandarte dos Lithroi. *Ouro e prata. A4 e A3 dando as mãos.* Sou o peão de Dravik, e J é o do rei. Dragão dourado, o sol. Coelho prateado, a lua.

Um caçando o outro eternamente pelos céus.

O pai de Mirelle se chamava Grigor Ashadi-Hauteclare.

Ele era um tipo alto e bonitão, de barba grisalha, olhos do castanho

mais caloroso — ele não escolheu usar os olhos dos Hauteclare nem depois que se casou e entrou para a família. Mesmo assim, o veneno invernal deles por fim o alcançou. Grigor acompanhou o assassino naquela noite para se certificar de que o trabalho fosse feito corretamente — uma precaução para uma família que não podia deixar nada ao acaso.

No camarim, assisto ao vídeo enviado por Dravik de novo e de novo. Grigor em um casaco grosso e um chapéu para disfarçá-lo. A Ala Baixa neon refletida em poças aos seus pés sofisticados demais para serem outra coisa além de nobres. São sempre os sapatos que os entregam — eles nunca sacrificam o conforto por ninguém. Seus olhos vagam pelo beco enquanto ele vigia, como se esperasse o pior a qualquer momento. O vídeo só tem vinte segundos — imagens de um drone de vigilância, possivelmente. Um nobre se esgueirando em becos é uma visão comum na Ala Baixa: sempre esperando, sempre olhando. Sempre tirando vantagem.

Caçando.

A cruz de uma igreja lança sua sombra em Grigor enquanto ele está parado do lado de fora de uma familiar porta de latão remendada. O bonde das dez geme lá em cima. Enquanto ele tosse em suas luvas de couro fino, a garganta da minha mãe é cortada. Vinte segundos reproduzidos sem parar, e meus olhos nunca se desviam dele, a faca silenciosa do conhecimento se torcendo no meu cérebro: *se ela não tivesse me dado à luz, ainda estaria viva*. No vis, o assassino da Mão da Aranha sai pela porta, e meus olhos absorvem cada detalhe: seu corpo magro apenas parcialmente escondido pela escuridão, a armadura de escamas miúdas, o rosto obscurecido por aquele capuz de pesadelos.

— Está feito? — pergunta Grigor ao assassino com preocupação: preocupação por si mesmo, pela família, mas não pela família do outro lado da porta.

O capuz assente.

— As duas estão mortas.

Por que ele mentiu? Eu sabia que tinha mentido, ou nos seis meses que passei planejando a morte de papai eles teriam mandado outra pessoa para acabar comigo. Vivi por seis meses pensando que cada vez

que encostava a cabeça no travesseiro seria a última, que minha garganta seria cortada na noite. Meu dedo desliza sem parar, voltando o vídeo para ouvir uma frase *ad infinitum*, até memorizá-la.

— Então vamos embora rápido antes que alguém veja — sibila Grigor, com urgência.

O vídeo se repete. Grigor nunca mais vai falar de novo. Dravik enviou fotos do corpo — apenas os pés pendurados com aqueles lindos sapatos de couro.

A porta do camarim de repente se abre, e a maquiadora entra, toda sorrisos. Fecho o vis depressa.

— Ah, que flor linda. — Ela olha para o vaso de J. — Acho que significa que alguém está orgulhoso de você.

Não digo nada. Ela pigarreia.

— Hoje é um dia importante, não é? Uma das suas últimas justas. E contra a incrível Lady Mirelle, ainda por cima.

Silêncio.

— N-não que você também não seja incrível! Assisti a todas as suas justas com meus filhos... nós amamos! Você é uma ginete tão singular. A maneira como continua voltando ainda mais forte contra todos aqueles nobres é inspiradora. — Seu sorriso atrás de mim parece maior no espelho. — Seus pais devem estar muito orgulhosos.

— Eu matei meus pais.

Seus dedos vacilam, e a escova de cabelo cai. É a primeira vez que falo a amarga verdade em voz alta, e nunca vai doer menos.

— Sinto muito... Sinto muito por ter presumido outra coisa. — Os olhos dela se movem para os potes de tinta quase com desespero. — Você tem... hum. Tem alguma cor em mente para hoje?

O arco-íris está exposto à minha frente — o dourado capta meu olhar, assim como o vermelho. Mas sempre houve apenas uma cor para mim.

— Preto.

Encaro meus olhos escuramente delineados no espelho até a sirene dos quinze minutos tocar. Ele reflete meu rosto: não está tão magro quanto costumava ser. Nem tão assustado, pois um pouco de cor voltou às minhas bochechas — como aconteceu com mamãe antes de a doença devorá-la. Eu me pareço com ela. Mesmo que ela tenha partido, mesmo

que minha mente seja completamente consumida, mesmo que eu não me lembre mais do seu rosto, ainda posso vê-la em mim.

A multidão *ferve* do lado de fora da minha câmara.

Dravik está parado embaixo do estandarte da Casa Lithroi, tranquilo e cercado por três dezenas de guardas de segurança privada com armaduras prateadas completas. Eles permitem que eu, e somente eu, entre na bolha de falsa calma. Passo por ele e me dirijo à porta do hangar. O príncipe sabe que estudei Mirelle Ashadi-Hauteclare mais que todos os outros. Suas palavras ressoam atrás de mim.

— Ela é muito boa.

— Eu sei — concordo por cima do ombro. — Mas vou ser melhor.

Dentro do hangar, a luz da sela me chama. E desta vez uma mulher aguarda ao seu lado. Caminho até ela, que não oscila, não desaparece — seu contorno é forte e nítido, o cabelo claro e o vestido azulado esvoaçando em uma brisa inexistente enquanto ela sorri para mim. Sua boca se move, cada palavra-sino ressoando de modo impossivelmente profundo no hangar.

— *você sabe o que significa montar?*

Não. Sim. Por onde eu começaria? Montar é tantas coisas diferentes de uma vez. É dor e morte e coragem. É tanto se esforçar quanto desistir. É se mover e se mover de novo, só que melhor. É ao mesmo tempo um calor escaldante e um frio de congelar os ossos, desejo e desejo de batalha, silêncio e gritar em silêncio. É escapar da realidade e encará-la. É quando duas pessoas se encontram bem no centro dos seus seres com medo, e sem medo.

Significa coisas diferentes para ginetes diferentes.

Dravik estava certo: ginetes são ginetes porque colidem. Já colidi tantas vezes agora. Desde o começo, mudei bastante, e também permaneço inalterada. Olho para as paredes de mármore, para os tetos de vidro, para o espaço; para o elmo maciço da Algoz do Paraíso do lado de fora do hangar — para o gracioso crescente brilhando prateado como a lua. Como a sobrecarga. Encaro os olhos prateados de Astrix vel Lithroi bem no centro das duas pupilas minúsculas, como ínfimos sóis.

— *você sabe o que significa montar?*

— Vou seguir em frente até descobrir.



— *Boooooooooom* dia, senhoras e senhores! Espero que estejam descansados, porque vão precisar de cada gota da sua energia para assistir à justa cintilante de hoje entre duas pesos-pesados da montaria, batalhando por sua posição nas quartas de final!

— Gress, seria mais preciso chamar apenas uma delas de peso-pesado, considerando que é o primeiríssimo torneio da outra.

— Bem colocado, Bero. Mais um motivo para manter os olhos colados no vis, amigos! Voltaremos para a primeira rodada depois das mensagens dos nossos patrocinadores! Não saia daí, ou podemos tomar sua cerveja!

O alçapão despressurizado se abre abaixo das grevas da Algoz do Paraíso, e nós caímos sem peso no espaço coberto de estrelas. *jatos*. A sela estremece, meus ouvidos crepitam. O zumbido deles atravessa nós duas enquanto a corda de uma harpa toca com força. Coragem. Ambas vibramos na mesma intensidade, a mesma nota aguda ressoando dentro de nós — muito diferente do nosso início temeroso.

nós.

Plasma dourado risca o céu à distância, e a arena se abre dos dois lados ao mesmo tempo; Mirelle e eu entramos na mesma respiração. Ficamos imóveis, os corcéis branco e azul congelados na frente um do outro. A holotela aparece com um imaculado traje de ginete branco, um traje de que ainda me lembro — me lembro de cada lugar onde ele se colava ao meu corpo, da sensação de estar presa, de ser *elas*. O leão alado se espalha orgulhoso e dourado pelo seu elmo, e na testa dela há um halo perfeito — a luz negra capturando o dourado dos seus olhos. Seu pai morreu por minha causa. Mas eu lhe dei uma chance de confessar. Dei essa chance a todos eles.

E Mirelle Ashadi-Hauteclare também me oferece uma chance.

— Este é meu último aviso. — Ela solta as palavras como se fossem aço congelado, com uma entonação cruel na voz em que costumava haver orgulho. — Renda-se agora, assassina, ou vai se arrepender.

elas não se arrependeram quando cortaram a garganta da minha mãe.

Mirelle é eles e ao mesmo tempo não é: ela não se esconde nem tenta me esfaquear pelas costas. Ela me odeia, mas sempre me ataca de frente, com força e verdade. Ela é *nobre*. Quase uma cavaleira. Em outra vida, poderíamos ser amigas. *irmãs*.

Inclino a cabeça com facilidade. Meu sorriso é mais fácil ainda.

— Me obrigue.

Corto a comunicação e me propulsiono até a plataforma, e ela faz a mesma coisa. Finalmente, tenho a chance de ver o Míssil Fantasma com meus próprios olhos — o arauto do meu pai, o mensageiro da sua vontade. É uma recriação imaculada das mais finas pinturas, dos nus e dos condenados, esculpida em músculos impossivelmente lisos — ele é até mais humano que o Devorador de Pecados de Talize, mas se esforça suavemente para além da humanidade. Cada parte é perfeitamente balanceada no torso e nos braços e na cintura. Ondulações sutis de metal imitam músculos humanos nas costelas, nas coxas, nos bíceps. Em contraste severo com toda a sua humildade mortal, ele tem uma juba sobrenatural presa ao elmo vagamente leonino que se espalha em pura luz sólida dourada. Ele é todo pintado de branco como papel, mas tem dedos dourados, pés dourados — tudo que toca o mundo é manchado de ouro.

O selo do leão alado resplandece dourado bem no meio do seu peito.

Por um segundo, o som da torcida soa alto, mas tudo se silencia quando alguma coisa se move sob a minha pele. *Nossa pele*. Eu não me mexi, mas algo se mexe dentro de mim, algo comprido e *sorrateiro* — isto é novo entre mim e a Algoz do Paraíso. Não é instinto ou memória: é uma sensação física e real rastejando sob o material do meu traje e ao longo da minha coluna, subindo pelas minhas costas, entre os ombros.

Tem alguma coisa aqui dentro comigo. E é a primeira vez que a sinto não na minha mente, mas *no meu corpo*.

O medo perfura minhas bordas, mas inevitavelmente me costura de volta: só resta um círculo. Cada momento me trouxe até aqui.

Minha própria determinação reverbera, e a presença da Algoz do Paraíso age como uma parede na qual o som quica. Pela primeira vez, sinto pena da minha oponente — porque ela nunca vai entender, por ela amar os outros sem questionar, por ter nascido em uma Casa de inverno

e podridão. *pena por não podermos nos unir nem uma vez.* Com ou sem honra, não tenho dúvidas de que ela vai tentar me matar por causa do que fiz.

Montar também significa isso.

— Ginetes, preparem-se para a primeira rodada!

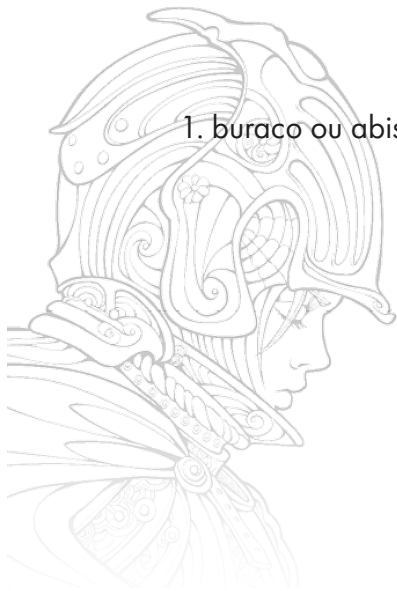
As plataformas se ajustam com um ruído metálico, travando no lugar. A manopla de Mirelle se enche instantaneamente com sua lança branca. A lança da Algoz do Paraíso aparece na minha mão feito mercúrio líquido. A Estação gira devagar no espaço, rugindo para a boca do dragão gelado:

— *Em nome de Deus, do rei e da Estação!*

72. Vorago

vorāgō ~inis, f.

1. buraco ou abismo profundo; cavidade contendo água



Meu coração bate.

— *Três!*

As espirais prateadas rodopiam.

— *Dois!*

Cada dedo se aperta.

— *Um!*

Flores surgem no espaço — margaridas e jacintos.

Zero.

O brilhante corcel branco e dourado explode em ignição.

Cada jato no nosso corpo é um sol azul.

Esta é exatamente a ponta da faca, a exata ponta da minha lança apontada para a frente, letal. Nós duas somos lanças — presas espelhadas mirando uma na outra. Temos mirado uma na outra sem saber desde o dia que nascemos. Bastarda, nobre. Em outro mundo, ela é eu e eu sou ela; aniquilação, duas partículas que nunca podem existir no mesmo espaço-tempo, nascidas para mirar na garganta da outra até que uma de nós não exista mais.

mais rápido. mais quente. mais.

A concordância da Algoz do Paraíso não vem em palavras quando ela queima além dos seus limites. Não há limite. Estamos juntas, o que significa que tudo é possível. Dentro da Algoz do Paraíso, posso lhes trazer inevitabilidade. Com a Algoz do Paraíso, sou mais forte que o desespero. Agora sei: a verdadeira vitória é alcançada junto.

montar também significa isso.

O parsímetro sobe de maneira estável, as forças G são como dedos de gigantes arrancando meus olhos, minha língua. O leão alado no peito do Míssil Fantasma se aproxima cada vez mais rápido. Cada pensamento é mais veloz que uma piscada: *uma piscada* — o braço dela está baixo demais para não ser a manobra de Waites-Reinhardt dirigida às minhas pernas. Ela pensa que é um golpe fácil, como foi para Helmann, como foi para Yatrice.

Uma piscada — transparente demais. Qualquer um que assistiu às minhas justas faria isso, o que significa que é exatamente o que ela *não* vai fazer. *Uma piscada* — ela vai fazer uma finta, mas há uma quantidade limitada de manobras para as quais trocar saindo da Waites-Reinhardt. Não consigo me lembrar de todos os nomes, mas o formato delas, os passos necessários para formá-las... isso eu conheço. *observe*. Observo enquanto o gigante arranca meus olhos. As espirais prateadas vibram como pontos de luz na minha visão.

ali!

O ajuste — em meio à inacreditável velocidade e às estrelas borradas, o ombro rotaciona para trás no soquete, as pernas se abrem — preparando sua estrutura para absorver várias mudanças repentinas de direção. Ela está sendo cautelosa, armando um contra-ataque, mas... seus joelhos dourados estão separados demais. Uma extensão excessiva significa inexperiência ou especificidade — a primeira não se aplica a ela. Ela não está sendo nada cautelosa: está mirando. Todos os seus jatos estão ativados, não há nenhum reservado nem esperando de prontidão.

Ela quer atingir um ponto específico.

A Algoz do Paraíso está preocupada:

— *qual? onde? rápido.*

A força de Mirelle é sua fraqueza — sua família. Nós duas fervemos com o mesmo sangue cruel de inverno. Se eu quisesse exterminar

alguém completamente da face da arena, sei exatamente o que faria.

ela vai atingir meu elmo na primeira rodada.

Correção: ela vai tentar.

Ela sabe que me esquivo bem. Sabe que ajo por instinto. Mas não sabe que estudei. Todas aquelas semanas atrás, Rax me encurralou com uma agulha das minhas próprias falhas, então estudei os livros da academia de novo. O semi-hexágono de Hverfa... É perigoso usá-lo para se esquivar

de um golpe no elmo, e não tenho nenhuma ilusão — ela vai perceber minha intenção. Mas não rápido o bastante.

— *gentil* — insiste a Algoz do Paraíso. — *ele foi tão gentil.*

não, retruco. ele foi combustível.

No meio da formação do semi-hexágono de Hverfa, há um estalo no meu ouvido, um afrouxamento da Algoz do Paraíso sobre mim — nossos pensamentos opostos enfraquecem a cera mental que nos mantém unidas —, e nossa postura se desfaz. *afobada. Calma. pânico. Não entre em pânico.* O gerador de gravidade se torna mais próximo e vivamente azul. O gibão dele, vermelho. A garganta de mamãe, vermelha.

ele se foi. nós permanecemos.

Verdade para nós duas, concordância. A Algoz do Paraíso se aproxima de novo, pesada como uma armadura, como o arrependimento. A lança branca de Mirelle avança na nossa direção com a ponta dourada alinhada, e então há o zênite de toda a pressão, o rugido latejante do sangue nos meus ouvidos. Eu me preparo com calma.

Impacto.

O tempo e todos os seus dentes desaceleram, iluminados pela luz branca entre nós. Como flashes de câmera, como raios, como cabelos, como estrelas — a luz branca se estende longa e barulhenta com o grito profundo. A ponta dourada da lança se projeta à frente do nosso nariz. *Devagar.* Tudo está tão *devagar*, e nosso próprio corpo parece pesado, como se estivesse amarrado a blocos de cimento.

soltar.

O semi-hexágono de Hverfa estala — todos os nossos músculos ficam frouxos. Três juntas entram no lugar com um clique, ocupando

perfeitamente o espaço vazio que separamos para elas. Nosso elmo cai conosco, o pescoço bate no peito, a dor repentina é como queimaduras solares, mas a gravidade faz a esquiva por nós mais rápido do que conseguiríamos. A lança de Mirelle passa ardendo acima do meu crânio, acertando cabelo, mas não metal. Perto. Perto demais — um nanossegundos depois, ela teria nos acertado.

Vermelho, 0. Azul, 0.

A libertação misericordiosa da subida alivia um pouco da tensão. A agonia apunhala nosso pescoço, mas ainda podemos nos mover. A holotela então ganha vida, o peito de Mirelle arfa.

— Você cometeu um erro, traidora.

Meu sorriso escorre de suor.

— Que estranho chamar isso de sucesso.

Ela me encara — olhos dourados sob o delineador preto como um hematoma. Ela está sozinha. Posso ver agora. Posso *ouvir* com a clareza de um sino tocado com intenção — ela se sente solitária.

— Mirelle, seu pai ajudou a matar minha mãe. Ele estava lá no beco, esperando...

— *EU NÃO QUERO OUVIR!*

O rugido dela é como cristal se estilhaçando — algo despedaçado e primitivo, o primeiro sofrimento de um anjo.

— Tenho provas — sussurro. — Para todos eles, do que fizeram. Do que seu pai fez.

— Produzidas por quem? — O escárnio dela é cruel. — O rato do seu benfeitor? O príncipe herdeiro caído que com certeza não guarda nenhum rancor em relação a cada uma das nobres Casas por coagir o rei a descartar a mãe dele? Sim. — Ela dá uma risada aguda. — Sim! Tenho certeza de que as provas que você tem não são nem um pouco manipuladas!

Minhas próprias dúvidas enfiam as garras em mim. Dravik está me usando, mas eu concordei com isso. Estamos usando um ao outro. A *Resistência*, a Teta-7, mais coisas sobre as quais não sei... ele matou tantas pessoas. Ele me tornou mais forte, me deu uma espada na forma da Algod do Paraíso. Ele me protegeu dos assassinos, da Casa Hauteclare, de todo mundo.

ele me protegeu como meu pai nunca fez.

- Você é uma ferramenta de vingança, traidora. — Ela ergue a lança.
- Não uma ginete.
- E você, prima — digo, com suavidade —, monta o símbolo do orgulho de um assassino.
- O duque era um homem gentil...
- Meu pai era um assassino. — Corto o argumento dela nos joelhos.
- Assim como eu.

Aquela sensação física desliza pelas minhas costas de novo, por cima dela, entre as vértebras, e desta vez é mais proeminente. *inveja*.

— Seu tio lhe dava doces? — pergunto, esgotada. — Ele pegava você e a girava sempre que a via? Dizia que você era linda e inteligente? Meu pai mandou você para a academia com os melhores cuidados enquanto eu passava fome nas ruas? — Algo em mim se racha bem no meio. Ele era gentil com *ela*. Era protetor com *ela*.

A pegada dela na lança se aperta. A minha se afrouxa.

— Eu vi os poderosos assassinares os fracos com um sorriso no rosto, Mirelle, e chamarem isso de misericórdia.

— Meu pai não era um assassino! — grita ela.

— Não. Ele só ficou de vigia enquanto o assassino fazia o serviço. Ele escolheu ser a faca. Como eu escolhi ser a lança. Como você pode escolher, agora mesmo, sair do caminho. Preciso ganhar esta Copa. Não me resta nada além disso. Mas você... você tem um noivo a esperando. Você tem uma vida...

— **VOCÊ TIROU TUDO DE MIM!**

O cristal se estilhaça de novo, e desta vez para sempre. O corpo dela se sacode na sela com seu berro, com os dentes à mostra, as mãos segurando a cabeça, o corcel branco e dourado agarrando o elmo.

— Você tirou *tudo* de mim! Meu pai, a honra dele, a *nossa* honra! Você torceu todos nós... torceu Rax até ele virar as costas para mim! Você o corrompeu, corrompeu meu pai e minha Casa! *Você estragou tudo! Você tirou tudo de mim!*

A subida faz a curva e termina. A descida começa. Seu visor se dissipa enquanto ela se debate, então ela fica completamente imóvel, com a cabeça erguida. O rímel preto escorre pelo seu rosto como gelo

derretido. Lágrimas. Seu pescoço faz um arco lento, seu lindo rosto está totalmente desprovido de emoção. Não sobrou nada em suas íris — nenhum calor. É um olhar que conheço muito bem: o olhar de uma garota que perdeu tudo.

Eu a *ouço*, e então ouço. Ela fala, mas não com a voz de uma nobre. Não há orgulho. Nem afetação. Tudo o que sobrou nela são sinos tocando cheios de intenção, com o verdadeiro significado de cada palavra — a voz de uma ginete.

— Você tirou tudo de mim, traidora. E agora vou tomar tudo de volta.



73. Aes

aes aeris, *n.*

1. pagamento

2. dívida

Rax Istra-Velrayd sente o frio primeiro.

O metal frio queima sob sua barriga, seus braços — por toda parte ao seu redor. Vagamente, seu cérebro nebuloso nota que ele está nu. Feridas superficiais ardem nos nós de seus dedos: houve uma briga. Ele se lembra da visita à Ponta do Luar e do abismo em seu estômago quando Synali fechou a porta na sua cara. Ele se lembra do ex-príncipe se aproximando e então da escuridão... mas onde quer que esteja agora é um lugar congelante. Ele vai viver — o bastante para conseguir se sentar, pelo menos. Ele se endireita no metal, quando poucas cores e pouquíssimas formas se tornam visíveis.

Está em uma cela.

Não há janelas. Uma única lâmpada LED pende do teto, lançando uma luz doentia. Há uma saída de ar, mas é alta demais para ser manipulada; também há água em um balde e uma escotilha selada no chão para merda e mijo e nada mais. Paredes de metal liso, chão de metal liso... este lugar foi claramente construído para manter alguém preso do lado de dentro.

Rax dá uma bufada, rodando o ombro e tentando desfazer os nós. Se

o seu captor pensa que isso é ruim, deveria ver a cabine de um corcel depois de duas semanas de treinamento ininterrupto. Sangramentos nasais o tempo todo, hematomas o tempo todo. Naquela época — ele ri para si mesmo —, Rax precisava cagar em um canto, e as forças G sempre esfregavam a merda de volta nele de alguma maneira. E água? Água era um *privilégio* que se *conquistava* com manobras recitadas e posicionamentos corretos, não ficava simplesmente ali à disposição para ser bebida a qualquer momento. Então, quando uma porta de repente se abre na parede da cela, Rax se recosta, colocando as mãos relaxadamente atrás da cabeça, e sorri.

— Que lugar gostoso este aqui.

A batida da bengala de safira anuncia a chegada de um sorriso igualmente satisfeito em um rosto indistinto, o cabelo parecendo uma faixa bem-cuidada de areia. O ex-príncipe.

— Fico contente que seja do seu gosto. Não há nada menos elegante que fornecer aposentos inadequados aos hóspedes.

— É isso que eu sou? — pergunta Rax, com frieza. — Um hóspede? Posso solicitar uma troca rápida de figurino, então?

Ele faz um movimento para a própria pele nua, mas o Lithroi sorri como uma cobra se preparando para escancarar a mandíbula — um sorriso quase tão ruim quanto o de sua mãe. Rax reprime um tremor.

— Receio que não — diz o Lithroi. — Não até que nossa negociação esteja concluída. É uma questão de segurança, você entende... Você está noivo de uma família que se rebaixaria a ponto de grampear até as roupas do seu corpo.

— Lamento decepcioná-lo, mas meu pai colocou um rastreador no meu vis, então ele provavelmente sabe onde estou.

— Eu cuidei disso. O design era bem elementar.

Rax faz uma careta de desdém. Que horas serão, afinal? Mirelle e Synali ainda estão lutando ou a justa já acabou? Ele duvida que o Lithroi lhe diria. Planos passam pelo seu cérebro: ele é muito mais alto que o príncipe — poderia se jogar de cabeça nele, mas... o ferimento no rosto provocado por aquela espada-bengala ainda dói. Superá-lo está fora de cogitação. Vai ser na conversa, então.

— Onde estou?

— Onde eu quero que esteja — diz Dravik simplesmente. Uma batida repentina na parede direita ressoa. De novo. Repetidamente, como se houvesse algo tentando sair.

— Quem é? — Rax franze a testa.

— Seu vizinho. Se tudo correr bem, você o conhecerá em algum momento, mas vamos dar um passo de cada vez. Presumo que você saiba o destino de Sevrith cul Freynille?

A água tremula no balde entre eles. Rax estreita os olhos. O homem Lithroi arregala os dele.

— Gostaria de lhe contar uma história, Sir Istra-Velrayd.

Rax estala a língua.

— Não sou muito bom nisso.

— Imagine uma formiga. Esta formiga pertence a uma colônia. Em um dia de inverno, quando a comida é escassa, a colônia descobre um pouco de

mel preso em uma ilha. A ilha é cercada por um lago. A única maneira de cruzá-lo é se as formigas enfileirarem seus corpos e formarem uma ponte sobre a água, para que outras formigas possam atravessá-la e coletar a tão necessária comida. Você é uma formiga designada para formar a ponte. Você vai se afogar. Sabe disso. Você vai mesmo assim, não porque ama suas companheiras ou se importa com elas, mas porque elas *são* você. Você sente o que elas sentem. Vê o que elas veem. Você permanecerá, mesmo quando morrer.

Rax engole em seco. O sorriso de Dravik se alarga.

— É claro que você sabe que o fluido nervoso na sela pertence ao inimigo.

— Obviamente.

— E se eu lhe dissesse que o inimigo era como as formigas? Eles não eram indivíduos, eram o *tudo*. O conceito de “*indivíduo*” não existe para eles e nunca existirá.

Rax não gosta da dúvida se esgueirando para dentro de si: no sonho, ele é sempre outra pessoa, não ele mesmo.

— Considere isto, Sir Istra-Velrayd: há muito tempo, uma cavaleira da Guerra perdeu seu marido para o inimigo. Ele era um ginete. Depois

que ele morre, essa cavaleira perde tudo. Ela se joga no campo de batalha sem preocupação com a própria vida e descobre que é capaz de manobrar o corcel com habilidade e brutalidade assombrosas, destruindo dezenas de inimigos. Isso está registrado. Rachale de Ressimus, a...

— Maior cavaleira da Guerra — termina Rax. — A contagem de mortes dela ultrapassou os trezentos antes de sua morte. Ninguém chegou nem perto.

Dravik coloca a mão sobre a bengala.

— O desejo de Rachale pela morte a transformou em uma formiga.

— O quê? Isso não faz sentido...

— É claro que não! — O príncipe começa a caminhar e a gesticular passionadamente. — Não faz sentido. Seres humanos sabem que a vida é melhor que a morte. Somos programados para viver, não importam as circunstâncias. Não podemos esperar entender a formiga porque não somos formigas. Não entendemos que a formiga não morre, ela permanece no mel que alimenta as outras, que vai se tornar outra formiga, outro olho, outro nariz, outra maneira de ver o mundo. Uma formiga nasce da morte daquela outra formiga, mas é a *mesma formiga*, porque sente e experimenta as exatas mesmas coisas na vida e na morte. Ela está ligada ao universo pelo calor e pelo frio e pela fome e pela física, como todos nós.

Rax odeia a maneira como as palavras do príncipe se agarram a ele — como elas soam loucas e não tão loucas ao mesmo tempo. Dravik para de caminhar e se vira abruptamente para ele.

— Se um ser humano busca a morte, ele se torna como a formiga. Seu cérebro fica diferente, sua maneira de ver o mundo se torna mais como a do inimigo. E o fluido nervoso no corcel pode sentir isso: ele se abre para outros de sua espécie, porque é um animal que funciona em colmeia. O inimigo acolhe aqueles que buscam a morte mais prontamente do que aqueles que se agarram à vida, porque é isso que ele entende. A linguagem e a mente do inimigo são alienígenas para nós e sempre serão, mas a morte nos aproxima um do outro.

O Lithroi então vira habilmente o balde de água, e o líquido escorre pelo chão de metal enquanto ele se senta no fundo do recipiente. *Ainda*

sorrindo. Ainda sorrindo enquanto Rax se esforça para fazer a conexão em sua cabeça.

— É por isso — diz Rax enfim. — É por isso que você escolheu Synali para montar por você. Porque ela quer morrer. E Helmann...

— Ele também buscava a morte. Chafurdava nela, na verdade. Não há nenhuma moralidade inerente, isso simplesmente separa os bons ginetes dos ginetes excepcionais. A uma certa altura da Guerra, os cavaleiros foram encorajados a abraçar esse desejo, porque seus comandantes sabiam da vantagem da morte, e obtivemos a vitória pouco depois disso. Todos os grandes ginetes da história têm uma relação pessoal com a morte. Você mesmo a experimentou quando era um garotinho, forçado a montar o Berrador Solar. Você queria morrer naquela época, não queria?

Rax cerra os punhos. Não deveria fazer sentido. É por isso que Dravik se empenhou tanto em mantê-los afastados, em manter Synali isolada — para que ela não encontrasse razões para viver? É cruel demais, calculista demais até para imaginar.

Ele se agarra a um fiapo de concentração: se o Lithroi quisesse matá-lo, não teria se incomodado em deixá-lo nu e gelado e dolorido ali no metal. Ele *quer alguma coisa*.

— Por que estou aqui, Vossa Alteza?

O fervor ensandecido se apaga dos olhos do príncipe.

— Por que você acha?

— Você me trouxe aqui porque quer que eu me afaste de Synali para sempre ou alguma merda assim, certo? — Rax se inclina para a frente, todo músculos, com água escorrendo dos pés descalços e raiva escorrendo dos olhos, raiva por aquele velho conspirador filho da puta estar usando-a para conseguir poder, assim como os pais dele o usam. Suas palavras saem muito mais suaves que seus punhos cerrados sugeririam: — Você não pode me obrigar, Vossa Alteza, não importa o quanto me mutile. Corte minhas bolas fora, corte meu pau fora, corte minha língua fora, não dou a mínima. Não vou desistir dela. Então é melhor me matar e acabar logo com isso.

— Sim. Você parece fascinado por ela. — Dravik passa batido por sua última declaração. — E é por isso que espero que aceite minha proposta.

O reflexo de Rax na poça fica imóvel, as sobranceiras franzidas.

— Que tipo de proposta?

O príncipe sorri como uma raposa que recebeu permissão para atacar.

— Já ouviu falar de um corcel chamado Mensageiro do Inferno?

— Não me diga.

— Está ciente do seu real propósito?

— Dar uma surra nos ginetes quando saímos da linha. Para que não tenhamos ideias de sermos melhores que o rei. Para não pensarmos em... — Ele engole em seco. Yavn. — ... rebelião.

O príncipe ri.

— De fato. O Mensageiro do Inferno é sempre poderoso, não importa quem o esteja montando.

A mente de Rax emborça, enchendo-se de água, e a água é a interminável tagarelice de Mirelle sobre o Mensageiro do Inferno ao longo dos anos — seus ginetes sobrecarregam tão rápido. Tem algo errado com o Mensageiro do Inferno. Tem algo errado com o Algoz do Paraíso também.

Ele avança, mas o Lithroi não o impede, e os punhos de Rax ficam tensos no colarinho do príncipe. Seu sussurro é ainda mais tenso:

— *O que você fez com ela?*

O príncipe nem pisca, seu sorriso largo divide a mandíbula em duas.

— Não é o que eu fiz, Sir Istra-Velrayd, mas o que minha mãe fez. Só estou aqui para concluir o trabalho dela, como qualquer bom filho nobre faria.

74. Animus

animus ~ī, m.

1. alma, força vital

2. mente como sítio da consciência



A subida termina.

O Míssil Fantasma e a Algoz do Paraíso se encaram. O gerador de gravidade é inescapável, puxando-nos para o esquecimento e recebendo tudo o que somos em sua fornalha. Mas Mirelle não está apontando a lança para direção nenhuma — nem agora, nem um segundo depois. Nem dois segundos depois.

— *alguma coisa está errada* — ressoa a Algoz do Paraíso.

Ela está certa — Mirelle não está segurando a lança alto o bastante ou firme o bastante. Posso vê-la tremer de fúria, balançando a juba fluida e dourada do Míssil Fantasma, mas ela não está segurando a arma de nenhuma maneira significativa. Eu poderia acertar seu elmo: ela está me dando toda a abertura para isso. Suas defesas estão abaixadas, abertas, como se não se importasse.

— *cuidado* — alerta a Algoz do Paraíso, então com mais doçura: — *cuidado, amiga.*

Uma amiga de verdade. Minha única amiga.

O espaço atíça meus nervos. A gravidade mantém minhas pálpebras abertas. O que Mirelle está tentando *fazer*, e por que não está fazendo *nada*? Seguro nossa lança em um claro exterminador de pontes de Suero

— uma manobra que é totalmente elmo, *dolorosa e obviamente* elmo, mas ela nem se contrai, não demonstra nem uma única preocupação, não ajusta o peso nem redistribui os jatos. Ela está simplesmente neutra e furiosa e nada mais. Vou acertá-la. Vou *vencer*.

Ambas passamos queimando pelo término — as luzes azul e dourada gritam em direção à aniquilação. Nossa lança prateada mira exatamente na juba dourada de Mirelle. O coelho e o leão nunca poderão ser amigos — o leão tem dentes demais, e o coelho não tem nenhum.

eu vou vencer.

No olho da minha mente, vejo o último círculo sendo riscado.

descanso, mamãe.

A luz. O gemido.

A dor.

Mas... ela não me atingiu! Ela nem se mexeu, mas meu corpo se enche de dor feito um jarro sob uma fonte; desde os pés até as pernas, as fibras dos meus músculos se tensionam até ficarem mais duras que madeira, rígidas, contraindo-se umas contra as outras. *Onde?* Onde ela atingiu? **Como?** Minha mão se retrai em um anel perfeito, projetando a lança para fora no momento em que o punho se fecha, e a gravidade a leva para trás e para longe de mim, em direção às estrelas.

Estrelas.

Estrelas que de alguma maneira parecem maiores, mais próximas, mais prateadas. Cobertas de prateado.

Meus olhos estão se enchendo de prateado.

Há uma voz que não é nossa, uma voz como sinos — a voz de uma ginete. Isso é impossível com a comunicação fechada, e no entanto ela está aqui no meu cérebro, tão perto quanto a Algoz do Paraíso: é a voz de Mirelle, e é como se ela estivesse parada bem ao meu lado, sussurrando:

adeus, traidora.

Ela fez alguma coisa. Não sei o quê nem como, mas ela fez *alguma coisa* comigo — uma coisa terrível e prateada e familiar. **Sobrecarga.**

Não consigo combater a rigidez que domina meu pescoço, meus ouvidos. Uma nota perfurante ricocheteia entre meus olhos, no domo do meu crânio, fazendo-me vibrar de dentro para fora. O lenço se foi: não

consigo nem senti-lo, tentar alcançá-lo. Sem quadrado, sem tecido — meu corpo está totalmente dormente. Não há escapatória.

A Algoz do Paraíso chora seu pesar.

A nota entra em um crescendo, e meus tímpanos explodem — sangue. Não consigo sentir mais nada, e não deveria ser capaz de escutar, porém escuto: um som que sempre conheci, o gemido entre corcéis, só que incrivelmente alto. **Alto**, não com duas vozes, mas um *milhão*.

E então a escuridão.



Estou morta.

Não — se estivesse mesmo morta, não haveria árvores.

Árvores brancas, cultivadas a partir de pessoas. Várias delas agrupadas chamamos de floresta; se estivesse mesmo morta, não conseguiria me lembrar disso. Não conseguiria ver as milhares de figuras em meio às árvores, ver seus brilhantes olhos prateados e suas pupilas minúsculas silenciosamente focados em mim.

todas elas usando trajes de ginetes de diferentes cores.

Não consigo lembrar o que estou fazendo aqui, apenas que fracassei: Mirelle, lágrimas prateadas, a Algoz do Paraíso chorando. Então os ginetes desaparecem e as árvores são substituídas por uma lembrança. Sou uma mulher olhando para um homem que conheço, mas uma versão mais jovem dele — cabelos ruivos trançados com contas de madeira, uma coroa de âmbar na cabeça.

O Rei Ressimus.

— Esqueça, Astrix. Sua única preocupação com o futuro deveria ser a criação de Draviticus.

Dou um passo à frente.

— Yarrow, me escute, por favor. Não haverá futuro para ele, para nenhum de nós, se não os libertarmos.

O rei bufa.

— Isso arruinaria a Estação.

— Isso consertaria um erro que foi cometido. Não posso criar meu filho em um solo que se sacode embaixo dele. Me recuso a contribuir para a construção de um mundo apodrecido para que ele herde. Quero algo melhor para ele...

O rei abre a cortina de uma janela, revelando as estrelas e o preto lá fora.

— Veja, estamos sozinhos! Não há ninguém, *nada*! Você quer que eu condene meu povo a congelar no espaço ou a sufocar em um gigante gasoso que não pode abrigá-lo só por causa da sua moral? O núcleo é nosso único bote salva-vidas, e devemos nos apegar a ele com toda a força ou **vamos morrer**.

Lembrança. Minhas mãos agora repousam em um teclado holográfico. Meus dedos voam — café com leite em um decantador de cristal meio vazio e exaustão em cada um dos meus ossos. Em implacáveis letras brancas, lê-se na tela: ALGOZDOPARAISO.EXE. As linhas de símbolos e números que digito são ilegíveis para mim, mas compreensíveis para Astrix: a IA verdadeira vai manter em segurança a coisa dentro da Algoz do Paraíso.

Dois inimigos intactos foram inteligentes o bastante para se esconder dentro de corcéis — eles escaparam da morte, enquanto seus irmãos foram aniquilados. O A4 foi reaproveitado para manter o núcleo sob controle, mas Astrix não pode acreditar que descobriu o A3, e menos ainda que o inimigo faminto lá dentro não foi coletado para o núcleo. Quando a federação pós-Guerra o encontrou, ele devia estar fraco demais para emitir qualquer sinal detectável. Agora está encolhido, mas, conforme for crescendo, a IA verdadeira que ela vem escrevendo desde a adolescência vai embaralhar e dispersar sua assinatura energética para que o Mensageiro do Inferno e o rei não consigam encontrá-lo. *Só precisamos de um*. Só será necessário um inimigo vivo para desafiar o outro, e a organização do núcleo entrará em colapso. O inimigo será solto, não mais usado e abusado de maneira tão cruel.

A maior força do rei será usada contra ele.

Olhamos para o lado. Um corcel prateado quebrado pende do teto do bunker, preso pelos braços, o elmo de lua crescente brilhando nas luzes fluorescentes. O som de pezinhos descalços ressoa, e nos viramos para

ver um menino ruivo que não passa dos seis anos segurando apertado um cobertor, os pijamas amarrotados e os olhos verdes caídos de sono.

— Mamãe? Você não vai dormir de novo?

Nós beijamos o topo da sua cabeça com uma dor no peito.

— Você precisa ir para a cama, Dravik. Seu primeiro dia na academia é amanhã.

A lembrança desaparece, substituída por um grande tribunal de madeira vermelha — nossas mãos repousam no colo do vestido azul e prateado e centenas de nobres observam, aguardando. Na cabeceira está o rei — nosso marido — e, ao lado dele, o juiz, que bate seu malhete para silenciar a multidão.

— A ré tem algo a dizer antes que o veredito seja lido?

Eu tenho — Astrix se levanta. Ela mantém a cabeça erguida, sentindo o medo e a determinação perfeitamente unidos em seu coração, e fala com a mais clara das vozes:

— Meus colegas, meus amigos, minha família, eu não peço perdão. Só peço que o rei conte ao seu povo a verdade. Ao mentir, a família real nos acorrenta a imperativos feitos por homens desesperados há muito falecidos. A verdade é poder, e as pessoas desta Estação merecem decidir seu destino por si mesmas.

O murmúrio da multidão de nobres é alto e raivoso, mas o juiz bate o malhete novamente, e Astrix fala no silêncio que se segue:

— Pergunto a cada um de vocês: você sabe o que fazemos para sobreviver? Você sabe quanto sangue que não o nosso próprio derramamos? *Você* sabe o que significa montar?

O rugido da multidão explode, mas a lembrança se desfaz instantaneamente em uma cabine — em uma sela muito familiar. Há uma mulher nela, com o cabelo claro bagunçado e os membros tortos e um sorriso encharcado de lágrimas prateadas.

E então ela se levanta.

Assisto em horror enquanto seu corpo volta à vida com um espasmo, saindo da sela em um cambaleio fraco feito uma boneca descartada. Ela se endireita dando um passo para trás e limpa o prateado do rosto sem parar de sorrir um instante. E então ela avança para mim.

Escuridão.

Astrix se foi. Há apenas escuridão ao meu redor... ao *nosso* redor. Porque sei que não estou sozinha — a sensação de ser observada de repente é *maior do que nunca*, e arrepia meus cabelos. Meu corpo sobrecarregado me avisa em uma imitação perfeita de perigo mortal de verdade: tem alguma coisa aqui, bem na minha frente. Alguma coisa invisível.

Alguma coisa *gigantesca*.

Ela se move no espaço, um arco-íris se mexendo na escuridão, como uma onda atravessando vidro líquido. Como no vídeo do material acadêmico de Rax. Está tão perto que eu poderia esticar a mão e tocá-la. Aquela voz aguda e suave surge mais nítida que nunca, mais satisfeita que nunca:

nos encontramos

Uma garota sai do arco-íris escuro e cintilante. Suas bochechas têm marcas de varíola, e seus olhos são como gelo pálido, finos e agudos. Sua postura é de uma rainha, mas seu cabelo selvagem e claro se avoluma como a penugem de um dente-de-leão, e é estranho vê-la com um sorriso tão brilhante, tão *calmo*. Sou eu. Eu e Astrix e Quilliam somados. Eu e Astrix e Quilliam alimentando-a.

olá, synali

olá. eu... não sei seu nome.

sim, você sabe

Ela estica a mão: concentradas no centro da sua palma estão as espirais da sela, rodopiando devagar em uma poça prateada. Cada uma contém uma imagem perfeita em movimento, como um vídeo minúsculo rodando em seu corpo ainda mais minúsculo. Lembrança. São todas as lembranças que eu lhe dei, todas as lembranças consumidas. O pânico me estrangula feito dedos duros de aço, e eu cambaleio para trás.

não...

Ela deixa as espirais escorrerem de suas mãos, e o prateado cai no preto. Formas e cores escorrem das gotas cintilantes, construindo rapidamente a imagem de um apartamento esfarrapado com a porta aberta. Há uma sombra escura em pé dentro dele, e uma mulher ajoelhada diante da sombra, com as mãos unidas em oração.

— Por favor. — É a voz *exata* de mamãe, uma mulher condenada,

presa para sempre em âmbar enquanto implora ao assassino. — *Por favor*, deixe minha filha ir embora, ela é tão jovem. Por favor, eu lhe imploro com tudo que sou, com toda a bondade de Deus, poupe-a.

Não há nada que eu possa fazer. **Nada**. Ela vai *morrer* e me deixar sozinha, e não há nada que eu possa fazer. O assassino olha para mim, balançando seu capuz, e eu me lembro: ele me poupou. O desespero se apoderou de mim. Lembro que ele se virou depois de matá-la; lembro que corri até ele e arranquei o punhal de sua mão e o enterrei fundo na minha própria clavícula só para estar com ela. Para morrer com ela. O assassino não me deu minha cicatriz. Meu pai não me deu minha cicatriz.

Eu dei a cicatriz a mim mesma.

O assassino impediu o punhal de ir muito fundo, segurando minha mão. Fazendo força. Ele a matou, mas me poupou. Do seu capuz vem o brilho de olhos azul-gelo, iguais aos de papai, iguais aos meus, com a mesma voz da gravação:

— Você deve viver.

Eu soluço.

— Não sobrou nada... Quero ficar com ela!

As mãos dele me permitem afundar um pouco mais o punhal — agonia, sangue —, mas ele sabia quando parar, apertando forte. O gelo em seus olhos se suaviza quando ele murmura:

— Eles podem escolher matá-la. Mas você é a única que pode escolher viver.

há pessoas que querem me matar, sim. mas também há pessoas que querem me ver viva.

Ele me puxou da beira do abismo. Enfaixou meu ferimento quando desmaiei — eu não era nada além de uma casca oca de mim mesma — e então foi embora. Mas isso não muda o que ele fez. Este é o último segundo da vida de mamãe. Ela é osso, ela é terra, é uma flor, ou uma árvore, ou as faíscas saindo de um poste de luz na Estação, mas, acima de tudo, ela está morta.

o que você quer?, pergunta a garota, e depois sorri, fazendo uma expressão estranha para mim, mas com aquele sorriso o nome dela me

vem como o toque de um sino.

Algoz do Paraíso.

Seu rosto se derrete — os traços de Synali-Astrix-Quilliam se suavizam e se borram como cera sendo modelada em algo familiar, jacintos e margaridas florescendo brevemente da carne... e então surge o rosto de mamãe. Ela sempre foi mais bonita que eu — suas maçãs do rosto eram mais altas; seus olhos, mais bondosos; suas íris, escuras como xarope e brilhantes como estrelas. Nesta lembrança, o rosto dela está mais cheio e suas bochechas estão rosadas. Seu cabelo preto cintila, caindo em ondas gentis. Ela não é uma lembrança — está saudável demais para isso. Também não é a garota — sua expressão é real demais.

estou feliz que tenha conseguido chegar, coração. eu estava esperando.

A voz dela é exatamente como eu me lembro. Minhas pernas avançam com esperança. *você estava esperando aqui?*

Mamãe assente com a cabeça. *é um lugar estranho, mas eu queria estar aqui quando você chegasse.*

Então ela cambaleia, segurando a testa, e, antes que eu possa pensar, já estou ao seu lado, segurando seu cotovelo, em um instinto infantil de pegá-la, segurá-la, apoiá-la. A sensação é sólida, sinto pele e ossos, e então ela oscila — fica translúcida — e um pânico abrasador escancara cada veia do meu coração: não quero perdê-la de novo. Ela levanta os olhos envergonhados para mim, e uma gota de suor escorre pela sua têmpora.

sinto muito. é difícil esperar. há tantos outros, tantos pensamentos e sentimentos se apagando. esqueço quem sou às vezes, mas nunca poderia esquecer você, nem uma vez.

Seus lábios começam a verter sangue. Sinto o tempo em mim, nos meus

olhos. Ela implorou por misericórdia, e eles não lhe deram nenhuma. Ela implorou por misericórdia, e apenas o assassino lhe ofereceu alguma.

Ele lhe deu minha vida, e eu tenho que a viver, para sempre, sem ela. *Sozinha.* As palavras de todos eles voltam para mim:

“Não está cansada de não ser nada?”

Sim.

“Vamos lá, coelhinha. Eu mereço mais garra de você.”

Sim. Merece.

o que você quer?

As últimas palavras de minha mãe antes de a matarem são repetidas:
“Você nunca estará sozinha, Synali. Eu te amo.”

E desta vez posso responder:

Eu também te amo.

E então, em um instante, em um piscar de olhos, mamãe desaparece. O assassino desaparece. O apartamento inteiro se dissolve em nada além de escuridão, espaço vazio.

Espaço totalmente preenchido por olhos prateados.

Cada centímetro de preto contém um olho prateado, como orbes. Gigantes, diminutos, todos com pupilas minúsculas e vazias e todos olhando **diretamente para mim**. Milhões de olhos preenchem todo o vazio até que isso se *parece* com uma galáxia de novo — estrelas e planetas e sóis, mas Nós. Todos Nós — inimigos e aliados, humanos e não humanos, e um dos olhos pisca para mim.

— ... *criança*.

A Algoz do Paraíso está diante de todos eles com o meu rosto, olhos azul-gelo se tornando prateados, cabelo selvagem esvoaçando com um vento invisível, arco-íris rodopiando em suas costas feito tentáculos. Como se as portas do hangar ganhassem vida. Como o inimigo. Há um inimigo neste corcel — um inimigo real, vivo, acordado — e eu o estive alimentando. Quilliam também. Astrix mais que todos. Ele esteve crescendo aqui esse tempo todo.

Lentamente, ela me oferece minha própria mão.

juntas?

Juntas, nós vamos nos proteger. *Juntas*, vamos nos lembrar de tudo, não importa o quanto doa. *Juntas*, vamos parar de nos segurar no impacto. Os nobres a mataram. Reis após reis mataram Sevrith e Astrix e muitos mais. Eles nos prenderam, retorceram o nosso corpo para caberem nas suas necessidades. Mas nós não fomos embora.

Minhas mãos não tremem mais.

Meus braços envolvem *a Algoz do Paraíso* em um abraço.



Sentir é o início e o fim. O alfa e o ômega.

Primeira sensação: meu rosto molhado de prateado. Estou encharcada com sua mancha de óleo gelado até o queixo, que pinga e se acumula no meu elmo. Lágrimas humanas e lágrimas inimigas — prateado e água salgada e tristeza. Alívio.

Segunda sensação: o balanço suave da subida.

Terceira sensação: a Algoz do Paraíso. Ela não está ao meu redor nem ao meu lado. Ela *sou* eu.

É a mesma sensação de quando nos encontramos pela primeira vez, quando ela me mostrou sua primeira lembrança na reiniciação, mas desta vez não há medo. Desta vez, nós concordamos. Não somos dois sinos tocando em tempos diferentes, alternadamente — estamos reverberando juntas. Somos metal e somos carne. Estamos *juntas*. A Algoz do Paraíso e eu estamos mais próximas do que nervos, do que átomos, do que o tecido do próprio espaço-tempo.

Seguramos a lança.

— ... não posso acreditar no que meus olhos estão vendo, Gress! Parece... Sim! Parece que Synali von Hauteclare de fato *se recuperou* da sobrecarga! É isso mesmo, amigos, ela se recuperou! Estou recebendo relatos de que todos os sinais vitais dela estão intactos e suas ondas cerebrais estão funcionais! Repito: depois de uma sobrecarga confirmada, *o corcel Algoz do Paraíso ainda está se movendo com sua ginete, Synali von Hauteclare, acordada na sela!*

— E-ela está indo para uma terceira rodada, Bero! O que Mirelle vai fazer? Ela parece abalada, mas está aceitando o desafio e também se encaminha para uma terceira rodada, seguindo para a descida com o Míssil Fantasma! Não posso acreditar... isso é inédito, Bero! Vai contra tudo que sabemos: é a história sendo escrita! A primeira ginete da história a se recuperar de uma sobrecarga...

O barulho da torcida é como o inferno.

avancar.

Supernovas. Cada um dos jatos nas nossas costas é uma *supernova*. O

fogo azul forma um halo ao nosso redor, fogo azul em nossos olhos. Algo maior que nós aguarda — a coisa que se contorcia sob a minha pele agora está do lado de fora, sólida e real. Esperando logo acima de mim para atacar.

juntas.

— C-como... — Mirelle só tem um segundo na holotela antes que seja cortada.

A coisa que aguarda desliza ao redor do meu braço. Eu a vejo refletida na sela: as espirais prateadas congregam, se adensam, envolvem meu braço inteiro, para cima e para baixo, se preparando e se contorcendo. Um padrão organizado. Uma vinha. Um galho quase invisível me sustenta do ombro ao pulso, como no vídeo de Rax. Um *tentáculo*. Ele reforça meu próprio braço como uma tala, um apoio prateado na sela e da cor do espaço fora dela — preto brilhando com pontinhos esvoaçantes de luz arco-íris, com garras nas pontas e fileiras de ventosas.

Podemos levantar o dobro do peso duas vezes mais rápido. Dou um giro experimental na lança prateada — mil rotações frenéticas em um segundo, o conforto em meu pulso é assustador.

Monto um corcel, mas não sou São Jorj.

Sou a serpente.

o que acontece quando um peão consegue chegar até o fim, do outro lado?

bem, ele se torna algo completamente diferente.

— Meu Deus, o que é aquilo, Gress? Você está vendo aquilo... aquela coisa no braço de Synali? Está saindo pelas costas dela, se movendo como, parece o...

— Do que você está falando, Bero? Está se sentindo bem? Talvez os impactos deste torneio tenham sido tão fortes que acabaram afetando o seu cérebro também!

A comunicação é cortada. O gerador de gravidade nos puxa. A postura do Míssil Fantasma é impecavelmente poderosa, e ele está pronto para atacar como aço novo levado ao limite — é mais do que ele precisa, mais do que suficiente, mas ela não vai vencer.

Impacto.

A luz. O gemido.

Minha lança prateada entra pela sua testa branca e sai pela juba dourada. Golpe no elmo.

Astrix flutua no espaço preto acima do ombro imóvel do Míssil Fantasma, acima de nossos corpos suspensos no espaço, enquanto seu cabelo claro e seu vestido azul ondulam e seus olhos prateados sorriem: *você sabe o que significa montar?*

Nossa resposta é um evidente e inconfundível sino ressoando no universo.

estar junto.

75. Apricus

apricus ~a, ~um, a.

1. aquecido pelo sol

Em uma ala de hospital silenciosa e iluminada pelo sol, reservada para ginetes sobrecarregados, o silêncio é quebrado apenas pelas holotelas exibindo a Copa Supernova.

— E-em uma reviravolta impressionante, Synali von Hauteclare acertou o elmo de Mirelle Ashadi-Hauteclare! Se... Ah, Deus, aquela coisa é... Aquela coisa não é o *inimigo*, Gress?

— Que coisa? Controle-se, Bero. Ainda estamos no ar. Senhoras e senhores, se os juízes confirmarem, Synali von Hauteclare vai avançar para as quartas de final...

A comoção retumba sobre as fileiras de camas organizadas com ginetes dormindo organizadamente, imóveis e bem-cuidados. Há cortinas que podem ser fechadas para lhes dar privacidade, para serem *usadas*, e monitores para acompanhar os sinais vitais. Aqueles em coma sempre emitem apenas um sinal vital — um bipe rastejante e metódico que nunca muda.

Até que um deles muda.

76. Gladiator

gladiātor ~ōris, m.

1. espadachim

No camarote nobre, o Novo-Rei Ressiminus assiste à vitória de Synali von Hauteclare com os olhos verdes fixos na coisa contorcida em seu braço. Alguns nobres no camarote — ginetes e ex-ginetes — estão em pânico, e os outros olham para eles como se estivessem loucos. O rei encara calmamente o garoto na cadeira aérea ao seu lado.

— Você vai entrar na Copa Supernova agora, Jozua.

O garoto sorri, suave como um anjo, e inclina a cabeça.

— Com o maior prazer, Vossa Majestade.

77. Propago

propāgō ~āre ~āuī ~ātum, *tr.*

1. estender, aumentar

Draviticus Aster de Ressimus sorri para o nobre nu diante dele, que ficou emudecido após tudo o que ele revelou. A pegada de Rax Istra-Velrayd se afrouxa, e ele solta Dravik e cambaleia para trás até a parede da cela.

— Então você está dizendo... que é o Mensageiro do Inferno ou o Algoz do Paraíso?

Dravik ajeita o gibão.

— Quando a maior parte da mente de colmeia é ferida, a criatura viva assume como líder *de facto*, guiando o restante. Eles obedecem à palavra da criatura viva, um mecanismo de segurança para evitar o extermínio da espécie. O Mensageiro do Inferno era o único. Mas agora também há uma criatura viva no Algoz do Paraíso. Ela aprendeu. Cresceu. E está pronta.

Rax é a torre — direto e forte —, então o príncipe não fica surpreso quando ele se recupera rapidamente e pergunta:

— Então... o que acontece agora?

— Eu não afirmo saber o futuro, mas conheço meu pai. Ele deterá Synali no momento em que ela começar a exibir sintomas, e rapidamente espalhará uma explicação falsa para tranquilizar os ginetes nobres que conseguiram ver a coisa.

A garota dá três passos exaustos para fora da cabine, entrando no hangar, antes que as portas se abram deslizando e duas dezenas de homens usando a armadura dourada e violeta do rei passem por elas em uma formação precisa — com movimentos precisos quando sacam as pistolas de luz sólida e anunciam sua prisão.

Dravik gira sua bengala pacientemente, enquanto as safiras captam a água derramada e a preocupação nos olhos de Rax.

— Eles a levarão para o laboratório mais secreto que possuem e sem dúvida farão uma bateria de testes nela.

Ela pensa, por uma fração de segundo, em chamar a Algoz do Paraíso através do vidro do hangar, mas eles são homens — frágeis — e isso era inevitável. O que acontecerá em seguida não vai doer — não agora que ela sabe o que significa estar junto. Ela levanta as mãos devagar, e eles seguram seus pulsos atrás das costas e colocam o saco sobre a sua cabeça na velocidade da luz.

O príncipe olha pensativo para o teto de metal da cela, fazendo cálculos entre as emendas do céu.

— Vou precisar da ajuda de vocês três para invadir o local e resgatá-la.

Rax franze a testa.

— Nós três?

A garota não consegue ver, mas consegue sentir — a Algoz do Paraíso está cada vez mais longe. Pode sentir o corcel como se fosse seu próprio corpo, sua própria pulsação, seu próprio calor a uma distância cada vez maior. Eles estão levando-a para algum lugar brutalmente — aos empurrões e chacoalhões, até que a suspendem e a colocam na traseira de alguma coisa dura e metálica (um zumbido — uma aerocarruagem), atam suas mãos durante o voo, e ela pensa que agora estas são suas partes mais fracas.

Dravik para a bengala no meio do giro e levanta os olhos.

— Veja, Sir Istra-Velrayd, Synali e eu estivemos envolvidos em um tipo de jogo. E receio que isso exigiu que ela se embrenhasse até as profundezas da última fileira do nosso oponente.

O garoto dá uma bufada e se levanta abruptamente.

— Você...

— Você vai me ajudar a recuperá-la. Você, seu vizinho Aranha aqui ao lado — ele acena a cabeça cor de trigo para a parede que ainda vibra com batidas ritmadas — e Mirelle Ashadi-Hauteclare.

A risada de desdém de Rax é um latido.

— Mir a odeia. Synali matou o pai dela, a maldita família inteira dela.

E você a ajudou. *Você* causou as mortes. Ela nunca...

— Eu lhe garanto, ela vai ajudar. — Dravik levanta os olhos para ele, puro titânio cinza.

A garota escuta através dos jatos da aerocarruagem e do falatório do vis da guarda do rei — algo se aproxima. Não: eles se aproximam de algo; uma coisa que ela ouviu em todas as justas, que perfura o ouvido e a alma, um gemido cada vez mais alto no fundo da sua mente. O ruído passa de um murmúrio para um canto e depois para um grito e, finalmente — quando o veículo para e eles a conduzem para fora para caminhar por si mesma —, é um berro vibrando de algum lugar diretamente abaixo dos seus pés, afogando até mesmo o som sibilante do que parece ser água.

— Isso vai exigir uma certa preparação. Não podemos ficar no pináculo nobre, vamos mover nossas operações para o Subanel. Temos tempo: o rei sabe que é melhor não cancelar a Copa Supernova, mas vai adiá-la. Vai preencher as lacunas com torneios menores para distrair os nobres e seu povo até considerar Synali suficientemente neutralizada, seja pela morte ou pela ciência. Só então permitirá que as quartas de final da Copa Supernova comecem.

*Os guardas a conduzem com pegadas de ferro por terra, por mármore, por aço inox. Ela conhece o som, ainda longínquo, e não pode evitar que seu coração dê um pulso quando eles entram em um elevador e começam a descer, o grito desesperado se tornando um bramido insustentável sob um invólucro de letargia. Mais perto. **Só mais um pouquinho e estaremos juntos.** Os passos dos guardas param, e então ela para, sentindo o cheiro amargo de antisséptico médico e o cheiro doce de metal queimado do espaço aberto brigando no seu nariz.*

O príncipe se levanta do balde, retira o casaco e o estende para Rax.

— Se eu estiver certo, temos exatas quatro semanas para resgatá-la.

Rax cerra os dentes.

— E se estiver errado?

Dravik sorri.

— Então ela vai morrer. E tudo isso terá sido em vão.

Os guardas a fazem parar, arrancando o capuz da sua cabeça. Ela pisca na penumbra, as lâmpadas de LED mal atravessando o breu do

cômodo escurecido. O centro é mais brilhante — há um tubo grande o bastante para abrigar o mundo, completamente preenchido com fluido roxo-azulado e espirais prateadas. O monstro embaixo do mar. Ele começa a cantar mais forte que aquele bramido sem fim — o tom é agudo, como se estivesse em êxtase por vê-la.

***olá**, diz ela sem palavras.*

Uma dúzia de pessoas de jalecos brancos de laboratório se encontra em frente ao tubo, com uma mulher à frente de todos. Ela é um tanto jovem, mas tem a coluna e os ombros tão rígidos que parece muito mais velha. Usa um coque severo, um holomonóculo e uma expressão ao mesmo tempo levemente apologética e absolutamente determinada.

— Olá, Synali. Meu nome é Ysolde. Sou a cientista-chefe do núcleo. Nós achamos que você fez umas coisas interessantes, então gostaríamos de realizar alguns testes. Tudo bem por você?

A garota levanta os olhos — uma íris azul como gelo, a outra prateada.

Continua em ***HELLRUNNER***

Agradecimentos

Os agradecimentos de um livro são como a cobertura de um bolo — não é algo necessário, pelos padrões do dicionário, mas que *precisa* acontecer para que a coisa pareça completa e seja satisfatória no âmagio. A cada ano eu fico mais velha, mas os livros continuam iguais: trazem a mesma aventura, o mesmo encanto, a mesma alegria da descoberta paciente de novo e de novo, até que as linhas desencontradas se tornem um suéter, mantendo qualquer pessoa que os leem bem quentinha.

Não se pode escolher sua família, mas é possível escolher seus amigos, embora às vezes pareça que o destino nos escolheu uns para os outros. GW, Shannel, Ana, Tyler, Diana, Amanda, Hayley, Ben, Krys, Bee, Rob, Xiran e Anchor — eu amo e valorizo cada um de vocês. Sem vocês eu seria triste e solitária, e nada é pior para a arte que um escritor fundamentalmente desencorajado. Vocês sempre me incentivaram, e os agradeço por isso.

À minha adorável agente, Caitlin: nunca me senti mais apoiada e cuidada do que quando estamos juntas. Você permite que minha criatividade não apenas corra livre, mas efetivamente voe. Agradeço tudo que você fez e continua fazendo por mim, e desejo que nosso relacionamento continue por muitos anos.

Minha editora Stacy me tolera há tempo demais e, por isso, ela merece um aumento e uma viagem para algum lugar bem relaxante, de preferência sem nenhum escritor controlador. Obrigada por acreditar em mim quando poucos o fazem e por me dar chance atrás de chance. Espero que, quando este livro for publicado, ele faça jus ao nosso relacionamento e à sua paciência.

A toda a equipe da Red Tower — Liz, Hannah, Meredith, Ashley, Molly, Rae, Britt, Heather, Curtis e à maravilhosa artista gráfica e capista Elizabeth: um milhão de agradecimentos. Obrigada também a Ronkwahrhakónha Dube por seu insight ponderado. Um livro é uma máquina que tem muitas partes e, enquanto eu as ponho para fora, são

vocês que realmente as juntam em uma ordem que faça sentido. Vocês realizam sonhos, e espero que, não importa aonde a vida os levar, o lugar seja condizente com sua visão e sua ambição. Obrigada.

Ao leitor: bobinho, esta é a lista de ingredientes de um livro, por que ainda está lendo? Vá descansar os olhos, talvez tocar a grama. Falando sério, agradeço do fundo do meu coração por ler este livro. Quer tenha amado ou odiado a história de Synali, espero que tenha aprendido alguma coisa sobre si mesmo a partir dela. Todos os livros são espelhos, e espero que você tenha encontrado o que estava procurando neste aqui. Fique em segurança. Fique bem. Fique livre.

Com gratidão,

Sara Wolf

Sua opinião é muito importante

Mande um e-mail para opinioao@vreditoras.com.br
com o título deste livro no campo "Assunto".

1ª edição, set. 2024